DANIEL MASTRAL

KILAIM

[águas turvas]



novo século®

DANIEL MASTRAL

KILAIM

[águas turvas]

novo século®

São Paulo 2014

Copyright © 2014 by Daniel Mastral

Coordenação Editorial	SSegovia Editorial
Diagramação	Abreu's System
Capa	Elisa Medeiros
Revisão	Patricia Murari

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mastral, Eduardo Daniel
Kilaim : águas turvas / Daniel Mastral. – 1. ed. – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

1. Ficção cristã 2. Ficção brasileira I. Título.

14-10263 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção cristã : Literatura brasileira 869.93

2015

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar
Bloco A – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial – SP
Tel. (11) 3699-7107 – Fax (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

E–ISBN: 978-85-428-0608-3

"Oh, sê bem vindo punhal! Tua bainha é aqui. Repousa aí bem quieto e deixa-me morrer."

A Trágica História de Romeu e Julieta, Ato V – Cena 3

William Shakespeare

Para M.

Parte I

Prologue
Réflexions des sombres
Lyon, 27 de fevereiro

Era uma noite de vento intenso, cheia de uivos lúgubres e enigmáticos que ecoavam pela copa das árvores, e haveria pequenos redemoinhos de folhas a cirandar pelas alamedas sossegadas se elas não estivessem molhadas e coladas no chão. Era o primeiro dia da lua cheia. Muito alta no céu, tímida e fugidia, ela aparecia e desaparecia em meio ao nevoeiro que baixara durante a madrugada; a cerração vaporosa enroscava-se em torno dos ciprestes como nuvem, erguia-se,

dançava em torno de si mesma, rolava sobre o asfalto ao sabor do frio. Uma garoa fina, constante e silenciosa encharcava tudo apesar de parecer quase nem existir. Somente debaixo dos postes de luz amarelada é que se tornava nitidamente visível.

Ninguém em parte alguma. A maioria das casas em repouso. Silêncio.

Não era uma noite comum, mas quem saberia disso por ali? Quem haveria de cogitar que aquela noite fora concebida pelos da Escuridão e era ansiosamente aguardada por aquele que a tinha como prêmio? Ah! Ele *conseguira* enfim, estava para ser contemplado, recompensado por merecimento; estava para tomar o que lhe pertencia, e não seria impedido. Quanto ao segredo, estava bem guardado. Era somente dele e dos seus. Nunca sairia de seu círculo.

Não era a primeira vez que era feito. O preço para que essa noite bruxuleante existisse fora pago com sangue de vítimas inocentes e puras, e isso

produzira o poder necessário para que agora se consumasse o propósito.

Com sua visão perfeita, sem perturbar-se pela névoa, o vento frio ou a garoa, ele observou a casa do alto, primeiro apenas o telhado de telhas de ardósia verde-escuro e a saída das chaminés de tijolinhos. Parecia-lhe estar olhando de cima de uma colina, mas sem o prejuízo da distância, cada detalhe perfeitamente revelado, desde os jardins brumosos e escorregadios — cada planta e cada flor, e inclusive o prendedor de cabelos ornado com pedrinhas esquecido debaixo do caramanchão — até a textura do relevo das paredes da casa, toda marfim. Contudo, ele não parou para reparar em nada disso por mais que um milésimo de segundo. Sua mente apenas registrou estes e mais uma centena de outros pequenos detalhes, mas o importante é que não havia ali coisa alguma que oferecesse impedimento à sua aproximação. Apesar de aquele ser um dos locais mais bem protegidos da

cidade, não havia proteção alguma. A casa estava devassada e desguarnecida em sua solidão, observada apenas por um anjo de pedra no meio do jardim dos fundos.

Em seguida, num átimo, como dardo perfurante ele baixou um pouco e contornou a casa pelo lado leste, até poder fitar fixamente uma porta ampla que dava para um terraço, no segundo andar. Era de madeira branca por fora e tinha uma folha de vidro de correr pelo lado de dentro.

De repente ele sentiu-se resfolegar profundamente, de forma impetuosa, já antecipando, experimentando, sentindo o prazer de tomar o seu prêmio. Dardo arremessado novamente: baixou mais ainda e seus pés pousaram sem tocar o terraço. Ele apurou o olfato, farejando. Sentia o cheiro adocicado e levemente silvestre tornar-se único em meio à profusão de outros cheiros, os quais ele simplesmente expulsou da consciência.

Perfume com essência de rosas.

Por detrás da madeira branca e do vidro fechado da porta do terraço, num relance ele entreviu a fina trama do tecido da cortina. Mas se concentrou no perfume, já seu conhecido. Quase hora agora. Expectativa ascendente, vertiginosa. Sua boca se moldou num ricto que pretendia ser um sorriso, e o maxilar endureceu ao movimento. A musculatura das costas e braços contraiu-se abruptamente delineando a força poderosa de cada fibra. Os olhos de águia toldaram-se, como se uma sombra descesse sobre eles; ficaram obscuros, pesados, impenetráveis. Incrivelmente vigilantes e ávidos. Malévolos. Ele sabia que ela estava lá, e estava só. Era questão de poucos minutos. *Finalmente* era hora!

Como a neblina diáfana que suspirava em ondas pelo lado de fora, ele deslizou adiante e adentrou o quarto. Era a suíte principal da casa. A luminosidade indireta que vinha do *hall* no final do

corredor arrefeceu levemente ante a chegada do negrume. O ar recendeu a algo almiscarado, porém aquele não era o seu odor costumeiro. Era um odor de “cortesia”, um presente, mesmo que ela não pudesse percebê-lo conscientemente. Quanto ao cheiro de rosas, única coisa em que ele se concentrava, podia senti-lo cada vez mais intenso, impregnando suas narinas dilatadas, incitando-o a farejar como um animal.

Fora da casa o vento continuava soprando, mas agora com uma nítida diferença que ele percebia claramente. Tempestuoso, agitado, maciço, assobiava alto e fazia estremecer o telhado, ranger as janelas brancas. Não se tratava de um vento comum, produto da Natureza, como o de antes. Era a movimentação da Sombra ao redor da casa, o regozijo da antecipação, o rufar em uníssono de pés como cascos e mãos com garras. O gosto acre da profanação era o que causava a euforia. Profanação! Somente um ponto de vista.

Reverberando com a grande disposição de ânimo externa, ele vibrou no mesmo tom. O pseudossorriso continuava a cravejar-lhe o rosto como uma joia de mau gosto. Sem ruído algum, mas com os olhos ainda mais aguçados e sombrios do que antes, ele se adiantou vagarosamente, parando aos pés da cama de casal. Era bem ampla, de ferro batido em tom claro, cabeceira alta ornada com arabescos que incluíam flores, folhas e pequenos anjos entrelaçados. Na mesinha de um dos lados da cama havia um vaso com lilases, a foto de um homem numa moldura dourada, um despertador cor-de-rosa, um livro.

Ela estava ali. Adormecida. Sozinha. Mulher.

Tudo estava preparado. O ruído cacofônico da euforia, sons familiarmente melodiosos que só ele podia ouvir, a vibração palpável ao seu redor. O resfolegar em sua garganta tornou-se mais acentuado, quase audível. Tudo contribuía para fazer daquele um momento memorável. Quanto a

ela, continuava ressonando suavemente, o peito subindo e descendo quase imperceptivelmente. Ele sabia que ela ia continuar assim praticamente o tempo todo, a despeito do que aconteceria dentro em breve.

Ele se aproximou e parou ao lado da cama olhando o rosto formoso, de contornos perfeitos e pele de alabastro. Sua excitação aflorava convulsamente, enredando-o e consumindo-o; parecia pulsar como um coração perto da morte, sedento num deserto, almejando seu oásis. Estendeu a mão e nela havia garras e algo como escamas reptilianas. Tocou de leve a cabeleira ruiva da moça espalhada pelo travesseiro, tomando algumas mechas entre os dedos; depois deixou os dedos escorregarem pela linha da face, para cima e para baixo. Encarando-a profundamente, seus olhos se tornaram no escuro como tochas rubras. Pressionou vagarosamente os dedos no pescoço dela, que se movimentou minimamente, um

gemido curto escapando de sua garganta. A pele de alabastro do pescoço continuou à mostra e os olhos abriram por reflexo, vazios, num segundo. Fecharam-se em seguida. Então ele experimentou a sensação de espalmar não somente uma, mas as duas mãos, e com elas contornou outra vez aquele pescoço; era pequeno e delicado demais para suas mãos gigantescas. Ele apertou suavemente mais uma vez. O gemido se repetiu. Pela primeira vez seus dentes apareceram, naquele arremedo de sorriso esquálido, carnívoro.

Não queria mais perder tempo, porque era hora. Tinha esperado muito, e agora era a hora. A respiração dela tinha se alterado ligeiramente com a presença dele e os toques, com as vibrações energéticas e os sinais da euforia; mas sua mente estava como que embebida em ópio; fazia parte do processo. Permaneceria num estado semelhante ao sono. A mente dele, entretanto, estava mais ativa e

cheia de percepção do que nunca. Estava acelerada. Ágil. Impetuosa. Sua essência interna o impulsionava numa única direção. Era para isso que estava ali.

Curiosamente, entretanto... ele não lhe desejava fazer mal, pois a amava. Num movimento repentino, mas não com violência, arrebatou-lhe o edredom de sobre o corpo, e o corpo não se moveu. Ela apenas entreabriu os olhos mais uma vez; eram verdes, ele sabia disso. Como antes, aparentemente eles enxergaram nada. A moça vestia uma *chemise de nuit* azul-clara, curta, revelando longas pernas. Algo que ele não parou para ver direito.

Agora era a hora!

1

Dame des Routes

Depois do banho, cabelos soltos e úmidos, vestida com um conjunto de moletom preto de malha fina e uma regatinha por baixo, Camille voltou à garagem e contemplou com orgulho a moto *Harley-Davidson* que acabara de trazer para casa. "Herdada" do irmão, ela jazia imponente e altiva ocupando uma vaga inteira, recém-lavada e lustrosa como se fosse nova.

"'Herdar' é modo de dizer", ela refletiu.

Na verdade Camille a havia comprado por bom preço. Marcel tomara consciência da necessidade de levar uma vida mais responsável ao lado da esposa, grávida de cinco meses, e uma das providências nesse sentido foi dar um fim na moto. Não que moto fosse sinônimo de irresponsabilidade (claro que não!), explicou Marcel seriamente, afinal aquela máquina o tinha levado dia após dia, fielmente e sem o mais mínimo problema, a todos os seus destinos, inclusive ao trabalho.

"A *Harley* foi sempre tão fiel... uma linda moça, ou melhor, uma verdadeira *Dame* que me acompanhou por muitos caminhos", poetizava Marc às vezes, meio cabisbaixo por ter que se desfazer dela.

"Agora você tem outra moça bem aqui.", a resposta simpática vinha de Alannah, a jovem esposa. "Aliás, agora são *duas* moças, não é?"

Alannah pousou docilmente as mãos sobre o ventre arredondado, bonito. Ela sorria seu sorriso

espraiado, sincero e contagiante, mostrando aqueles dentes caninos ligeiramente encavalados nos incisivos superiores, defeitinho que apenas servia para conferir um ar gracioso e único àquela boca que Marc amava. Quanto a ele, mesmo estando ainda um pouco enlutado com a situação, era obrigado a retribuir e sorrir também. A sensação de perda causada pela "*Dame des Routes*" estava praticamente superada, é verdade. Ainda mais porque não seria uma separação definitiva.

"Lógico!".

Estando com Camille, ele poderia não somente ver sua menina de vez em quando, mas sobretudo dar palpites na manutenção da máquina (ele a conhecia intimamente), e quem sabe até dar umas voltinhas para pôr fim nas mágoas.

Ele pousou sua mão grande sobre a mãozinha de Alannah, acariciando-a, enquanto revolvia aqueles pensamentos. Apesar de tudo, Marcel sabia que estava fazendo a coisa certa.

“A primeira gravidez é sempre a primeira gravidez”, ele disse, ao sabor dos consistentes assentimentos da esposinha.

Ela até deu um suspiro puxado do fundo do peito.

“Você tem acompanhado a montanha de novidades, o monte de detalhes e os preparativos todos. Que *nunca* acabam. Não podemos nos esquecer dos pormenores, temos que escutar os conselhos dos mais experientes. E muito menos podemos deixar de entender que, agora, vamos ser *mesmo* pais.”

Alannah, olhando compreensivamente para Marc, pôs a sua outra mão sobre a mão dele, formando uma pilha de mãos:

“*Chéri*, se fosse possível conservar a moto, eu seria a primeira a incentivá-lo... mas, nós escolhemos a gravidez neste momento, e sempre é preciso fazer concessões em prol de um bem maior.”

“Alannah, eu sei, meu bem. Está tudo certo. Já me acostumei com a ideia, sei que posso perfeitamente fazer isso.”, ele colocou a outra mão sobre a dela, formando então uma pilha completa de quatro mãos, um símbolo do compromisso de um para com o outro. Marc deu um risinho sarcástico, bem humorado, e acrescentou: “É claro que posso fazer isso! Afinal, eu e minha *lady* ‘só’ ficamos juntos doze anos. Não é nada demais, claro que não. Eu cuidei dela como *ma pupille* e fui grandemente retribuído no meu amor. Ela era da pesada, essa garota!”, Marc se empolgou. Mas logo admitiu: “Sei que tenho uma relação doentia com minha moto... ela foi meu primeiro amor, sabe como é, e esse a gente nunca esquece!”, Marc revirou os olhos e piscou-os várias vezes, fingindo ares apaixonados.

“Só que isso agora acabou; e eu *jamais* lhe serei infiel. A *Dame* é passado”, finalizou ele.

Alannah riu da piadinha. Eles mantiveram as mãos unidas. Ela sentia pela perda do marido, mas o dinheiro da moto precisava agora ser reinvestido em outras prioridades. Sem dúvida a conscientização de que seriam pais havia chegado de vez. Veio devagarinho no começo, em tons pastéis, sem muitas formas, mas doce como uma pintura com cores de sonho. Depois, à medida que o som galopante do coraçãozinho ouvido a cada consulta, a cada mês, somava-se aos sinais visíveis da vida carregada dentro da barriga da mãe, a pintura esmaecida coloriu-se em mil cores vibrantes. Foi aí que os preparativos tomaram maior volume, e os que estavam em volta se sentiram na obrigação moral de passar a dar todo tipo de palpite.

Foi com a mãe de Alannah, quase histérica, atormentando o coração da filha com mil recomendações pela chegada do primeiro neto, que a realidade derramou-se de vez sobre o casal. E

embora a mãe de Marc interferisse menos, usando de comedimento, ainda assim ela também se preparava para a chegada do primeiro rebento que a tornaria *grand-mére*. Primeiro neto de ambos os lados. Claro, claro, não podiam deixar de interferir. Com a melhor das intenções. É claro.

"Ai, tem horas que família é uma *merde*!"

Bem... a pintura delicada e romântica das primeiras semanas tinha agora cores bem fortes e reais, e o sonho materializou-se numa infinidade de providências a serem tomadas. Com urgência. As quarenta semanas da gravidez mal davam para "pôr a casa em ordem", grasnava a mãe de Alannah quase todos os dias, "quanto mais pô-la em ordem e prepará-la para a chegada do bebê"! Portanto as tais providências, até então parte de um mundo completamente desconhecido dos jovens casados há apenas dois anos, tornaram-se, sem sombra de dúvida, prioridade número um. Conforme o conselho das mães, avós e tias, *tudo* devia estar

pronto com grande antecedência para não estressar a mãe no final do período, o que podia prejudicar o parto.

"Tudo — como diziam elas — envolvia dinheiro extra! Foi aí que entrou a *Harley*. Desfazer-se da *pupille* de Marc e dar entrada em um carro familiar foi uma das primeiras providências que todos julgaram necessária. Embora os pais de Alannah e Marcel procurassem ajudar financeiramente, e com generosidade, as famílias não eram propriamente das mais abastadas. Classe média.

Naquele momento era Camille quem tinha mais recursos, e seu jeito de ajudar foi comprando a moto.

Ela sinceramente idolatrava a "*Dame des Routes*" pertencente ao irmão três anos mais velho. A história da gravidez não lhe interessava, mas ficou com pena de Alannah que, apesar de ser de temperamento muito dócil já estava se irritando de ouvir todos falando que eles iam se atrasar nos

preparativos. Camille resolveu dar-lhes uma injeção *de l'argent*! Passou a mão em umas economias, procurou Marcel e fez o negócio. O dinheiro era dela, ninguém teria o direito de falar nada. Mas não foi o que aconteceu. Camille, que tratou com o irmão às escondidas, logo teve que arcar com o contra que deu em seu próprio marido, Ethan.

Tão logo ele chegou em casa no finalzinho daquela tarde e ficou sabendo da história, não gostou nem um pouco. De sobrolhos arqueados, cheio de caras e bocas e olhares que ameaçavam fuzilar Camille, começou em voz tonitruante a desfiar toda uma conversa sobre o grande perigo das motocicletas!

Ainda a exultar de felicidade pela sua aquisição, Camille ouvia sem retrucar, sabendo que era melhor deixá-lo esgotar seu repertório de reprimendas primeiro. Talvez ela até lhe oferecesse *une petite thé* de hortelã com camomila antes de

começar a argumentar. E ela era muito boa para argumentar! Dificilmente cedia quando se julgava com a razão. A mãe sempre lhe dissera que deveria ter sido advogada.

— Quer *une thé*? — ofereceu Camille ao marido, que vociferava coisas como "máquina mortífera" e "atentado à saúde pública". Ethan estava engrenado. — Vou fazer *une thé* para mim. Espere que pego já umas folhas frescas no quintal.

Os dois estavam na cozinha de chão quadriculado, com azulejos brancos permeados aqui e ali por azulejos vermelhos de tamanho um pouco maior, formando um padrão bem interessante. Quase toda a parede dos fundos era cheia de janelas com cortininhas brancas de barrado floral. Sem esperar resposta Camille escapuliu pela porta e rumou para o jardim nos fundos da casa. Queria ganhar tempo. Ethan dificilmente discutia; quando o fazia, entretanto, fazia bem feito.

Camille demorou mais que o necessário na colheita das ervas, torcendo para que Ethan se acalmasse um pouco na sua ausência. Fosse como fosse, no íntimo ela sabia que nada do que ele dissesse a faria devolver a moto. A *Dame* era um verdadeiro troféu, tinha lhe sido entregue inteirinha revisada, além de — claro — com toda a documentação em ordem. Marc tratava a ambas — a *Dame* e a irmã — com muito respeito. Fez questão de negociar de forma justa. Ethan teria que aceitar aquilo.

"E pronto", refletiu ela sacudindo terra da hortelã.

Ao se levantar sentiu uma pequena dor na última costela direita. Ainda havia um hematoma lá. Não se recordava onde havia feito aquilo. Havias outros, menores, no lado interno de sua coxa esquerda. Será que a ginástica ou o alongamento tinham sido responsáveis por aquilo?

Nem bem Camille voltou para a cozinha segurando o maço de ervas e viu Ethan pela janela, ainda de pé, circulando. Estava meio irado. Não ia dar a coisa por encerrada tão cedo. Ela sabia que boa parte da indignação dele vinha por não ter sido consultado previamente, e agora ser obrigado a engolir o fato consumado; fato com o qual decididamente não concordava. Porém ela sabia que se tivesse pedido, ele diria "não" categoricamente.

Enquanto Camille punha água para ferver e pegava bule e xícaras, Ethan coçava a cabeça num certo frenesi. O silêncio dela o estava exasperando ainda mais, pois ele sabia que Camille sempre retrucava. Optou por espetá-la mais forte.

— Por que você não pode ser boazinha como sua irmã e deixar estas maluquices de adolescente de lado? — indagou Ethan já segunda vez.

A primeira menção que Ethan fizera acerca de sua irmã, Camille encarou como deslize. Mas duas

vezes? Agora já passava dos limites. E então ela retrucou:

— *Ma soeur*! Rá! — deu um muxoxo. — Que belo exemplo de responsabilidade você está usando. Não me compare com minha irmã. Você sabe muito bem que eu não gosto.

— E eu não gosto de ser ludibriado pela minha mulher! O que te deu na cabeça? Gastar um dinheiro desses nessa coisa?

Camille viu que não ia adiantar ficar quieta e esperar que ele se acalmasse.

— Em primeiro lugar, não são "maluquices de adolescente"! Você por acaso acha meu irmão maluco?

— Seu irmão é *homem*! Entende a diferença, menininha? — exclamou Ethan. — Você não acha mesmo que moto é coisa de mulher, acha?

Camille ignorou o "menininha" claramente pejorativo e prendeu num gesto rápido os cabelos longos e avermelhados num rabo-de-cavalo, sinal

de que estava pronta para a peleja. Falou calmamente, em contraste com o ar quase colérico do marido.

— Mas eu tenho carteira para carro *e* para moto, e ando de moto há anos! Esqueceu? Esqueceu de quantas vezes meu irmão me emprestou aquela moto? — ela acrescentou rápida, antes que Ethan pudesse falar qualquer coisa. — E vai continuar assim. Vou rodar por aqui. Não estou pretendendo sair em *tournée* cruzando o Continente com os membros do clube dos motoqueiros, *mon Dieu*!

Ethan carregou mais os sobrolhos. Que Camille costumava andar de moto era verdade, no entanto...

— No entanto... — ele recomeçou, mas foi interrompido.

— Quando eu te conheci, já andava de moto e, se não me engano... aliás se bem me lembro, você achava o máximo uma garota maquinada — ela jogou o rabo-de-cavalo, caído na frente do ombro, para trás das costas. Gesto de quem ganhou ponto.

— *Trés bien*! No entanto, naquela altura eu queria te paquerar. Só que agora eu sou casado com você, sou seu marido, sou responsável por você.

Camille meneou a cabeça enquanto Ethan cruzava os braços na frente do peito em posição de quem não arreda pé. Os dois se encararam de perto. Camille era bem alta, mas Ethan era mais alto. Além do mais ela estava de pantufas.

— Responsável por mim, Ethan? Nós somos casados, mas a responsável por mim sou eu mesma. Você está mesmo querendo me dizer que vou ter que pedir *permissão*? Em que século estamos? Você não é o meu pai!

— Pois é isso mesmo! Já que o seu pai não fala nada, se limita a ficar de boca fechada, é meu dever alertar você de que isso pode acabar mal.

— Meu pai nem sabe da compra. Mas o caso é que ele nunca fez caso de que eu usasse a moto.

— Mais um motivo pra eu discordar do seu pai! O que ele está fazendo pra impedir você de se

matar? Filhos homens e filhas mulheres são diferentes, com *brinquedinhos* diferentes, *selon moi*! Muito me espanta seu pai não pôr ordem nessa confusão de sexos. Sua irmã nunca inventou esse tipo de moda, já reparou?

Camille ficou azeda de verdade pela primeira vez. Fechou os olhos com raiva antes de responder.

— Ethan, já é a terceira vez que você fala nela. Por que você não se casa com a Monique? Daria pra *parar* de falar nela?

Camille pegou a chaleira que apitava com brusquidão, mas no calor da discussão tinha se esquecido de lavar as ervas, por isso deixou a *thé* para lá.

— *Thé*! — despejou a água na pia sem o menor cuidado. — Pra quê isso? *Une Thé* é pra pessoas civilizadas que se sentam e conversam como gente — amassou as ervas frescas, cheirosas, e jogou tudo no lixo. Mais uma vez lançou o rabo para as costas,

dessa vez com mais ímpeto. Ergueu as duas mãos num gesto de ponto final.

— Quanto à moto, esqueça. É *minha*, comprei com meu dinheiro, sou maior de idade e habilitada. Vá procurar alguém que lhe dê razão. Por sinal, quem sabe quando eu "me matar" você não fica mais feliz? Posso até escutar! — ela pôs a mão em concha no ouvido, incrivelmente sarcástica, pois já tinha mesmo perdido a cabeça. — Ouça suas últimas palavras de despedida no meu funeral: "Ah...! Um problema a menos na minha vida, *cette lunatique,* a Camille, agora me deixará viver em paz".

Ethan ainda estava irado para encerrar a discussão, que já avançava por um terreno delicado. Ignorando por completo os comentários provocativos de Camille, ele continuou, refletindo melhor:

— Aliás, pensando bem, seu irmão bem que merecia alguns socos por querer arrumar dinheiro

às suas custas. Ele também não tem um pingo de juízo naquela cabeça dura. Gostaria de saber se ele daria uma moto pra filha dele que está por nascer! — Ethan agitou as mãos, gestos que imitavam uma forte negativa — *Non, non*, certamente ele vai manter a filha numa redoma até os trinta anos de idade, mas colocar em risco a vida da irmã, isso tudo bem! Ele bem merecia uma boa surra, isso sim!

A discussão foi por aí adiante.

Camille terminou subindo para o quarto com o semblante bastante magoado. Não esperava que a comoção do marido fosse ser tão grande, pensava em receber no máximo uma "bronquinha" por ter feito o negócio escondido, ou por causa do dinheiro (que já tinha outro destino...), mas precisava tudo aquilo? Ethan se enfiou no pequeno escritório conjugado à sala de estar, afogueado por ela ter mentido para ele; adquirir algo daquele valor sem consultá-lo, para ele, era mentir. Uma atitude que o

desagradava, mesmo sabendo que o dinheiro era dela. Ethan coçou novamente a cabeça, dessa vez sem tanto frenesi. A raiva parecia estar cedendo lugar ao ressentimento.

Antes os passeios de moto eram coisa pouca, esporádicos. Marc a usava o tempo todo e só cedia espaço para a irmã predileta debaixo de muita insistência. Ethan não achava justo agora ter que conviver — e se preocupar — com Camille andando para cima e para baixo na *Dame*.

"Com o dinheiro que você empatou nessa moto, dava pra dar entrada num outro carro", ele dissera.

Ela alegou a questão das dívidas. Era verdade que ele não queria fazer mais dívidas, já bastava a da casa, e não pretende pedir ajuda ao seu avô.

"Por que me criticar tanto na minha decisão?".

Era a vez de Camille murmurar, ainda indignada, enquanto passava canal após canal na televisão do quarto sem se entreter com nada.

“Eu comprei um bem durável que eu amo, e paguei à vista. Nada de dívidas. Além disso, ajudei meu irmão numa hora em que ele precisava do dinheiro. Ele deveria ficar feliz por mim”.

Ela fez aquele beicinho irresistível, mas foi inconscientemente; mesmo assim Ethan não estava ali para ver. Por outro lado, ele nunca lhe negava nada e Camille sabia que a preocupação era com sua segurança e não com o dinheiro. Aquela constatação fez com que ficasse um pouco menos irritada, mas pouco.

Camille tinha gasto 15000 dólares. Não era todo o seu dinheiro, mas era quase todo. Tudo bem que Ethan se irritasse um pouco com isso... ela deu de ombros de si para si, mas já sem tanta hostilidade. Sabia que quanto a isso ele estava com a razão. Ela fizera uma escolha precipitada, mas ainda tinha pretensões de não sair no prejuízo. Talvez tivesse que trabalhar um pouco mais; ou atrasar um pouco o início de seu projeto.

No andar de baixo Ethan inclinou a cabeça para trás, completamente frustrado.

"E ela me diz que não teve tempo de pensar. Dessa vez Camille se superou. Não esperava por isso".

Ele não estava disposto a arredar de seu ressentimento. As justificativas dela não o tinham convencido.

Ethan balançou várias vezes a cabeça, dando ainda todos os sinais de descontentamento. E pensou que, teimosa como era, a última apelação dele teria que ser para o pai dela.

"Se *monsieur* Claude não falar nada, e deixar Camille fazer o que quer, tudo indica que está perdendo o juízo. Camille é mulher."

Esse fato parecia ter mais peso do que todos os argumentos usados até então.

De repente Camille abriu a porta de correr do escritório. Aproximou-se um pouco, encostando a testa de leve em seu ombro direito. Ficou quieta.

Não queria mais brigar. Também não queria se desfazer da moto. E não queria magoar seu marido. Amava Ethan. E ele a amava. Ele também não queria brigar. Ficaram em silêncio por alguns momentos, só sentindo a respiração um do outro.

— Desculpe-me por não lhe ter contado nada — murmurou Camille a meia-voz. — Mas eu queria muito. Mas sei que errei em... não ter e consultado. Quanto ao dinheiro, era dinheiro meu, Ethan, você não pode me condenar tanto assim. Do mesmo jeito que ganhei aquele, ganho outro. Ainda tenho minhas fontes de renda, só não tenho mais as economias. Vou juntar novamente. Talvez em até menos tempo porque as coisas vão indo bem.

Ele não respondeu de imediato. Ela ficou esperando, quieta. Por fim Ethan a puxou para mais perto de si e mudou o tom de voz áspero de antes.

— Tenho medo de que isso seja perigoso. Ficar indo e vindo todo dia. Tenho medo que algo te

aconteça... que você se machuque... o que vou fazer sem *mon amour*?

Camille sentiu-se menos tensa devido ao tom de voz brando do marido.

— Eu sei que você só quer o meu bem, *chéri*. Você acha que eu duvido disso? — ela passou os braços pelo pescoço dele. — Já te prometi que não a uso todos os dias e só ando pelos trajetos costumeiros.

O marido deu um suspiro quase conformado. O impacto da situação atenuava-se aos poucos, e ele tinha coração terno. Não conseguia tratar Camille com ira durante muito tempo. Mesmo quando ela estava exasperada, mesmo no meio de um acesso de histeria, mesmo quando argumentava ardorosamente contra ele, e mesmo quando falava palavrões, no final Camille terminava sempre por enternecê-lo.

— É que eu fui cativado — respondeu Ethan, parafraseando a poesia de *Le Petit Prince* — Por

isso sou responsável por você; sou responsável por aquilo que cativei.

Entretanto ele sabia que o coração dela também *lhe* pertencia; ela também fora cativada. Sabia ser único no mundo para sua esposa.

Ethan expirou o ar dos pulmões longamente. Camille continuava com os braços ao redor do pescoço do marido, quieta.

A vida é para ser vivida. Camille gostava de dizer aquilo. E nem sempre ele podia concordar pois a expressão parecia dar, indiretamente, uma total liberdade para a falta de responsabilidade. Camille discordava e continuava fazendo apologia de que nem tudo tem que ser sério demais, que às vezes é preciso mesmo perder a cabeça, fazer loucuras, esquecer de tudo, *halluciner*. Em suma, aproveitar *les joies de la vie*! E eles fizeram isso muitas vezes, juntos. Foi muito bom! Sempre era muito bom. Mas ela não gostaria que ele se comportasse como *un viveur*.

E Camille: “Claro que não! Você está falando de maneira pejorativa. Eu jamais me casaria com alguém fútil que só pensa em se divertir, vive de prazeres, não trabalha, não produz, não cresce. Só deixe as coisas fluírem sem tanta inquietação.

Ethan entendia racionalmente o que ela queria dizer. Mas sua criação, seus costumes, suas emoções, muitas vezes o impulsionavam na direção oposta de *les joies de la vie*. Mesmo assim, Ethan sabia que continuava sendo amado pela esposa, mesmo quando ele se comportava de forma diametralmente contrária, de maneira “irritantemente disciplinada, sempre pesando os riscos da vida”; ainda assim, continuava sendo amado.

“Se ela pode tolerar minhas idiossincrasias... meu jeito de ser... por que não posso fazer o mesmo? Quer dizer, posso conviver com nossas diferenças, mas desde que ela não arrisque a vida, é claro”.

Ele sentiu de novo uma ponta de irritação. "*Dame des Routes*! E essa agora!

Ainda assim Ethan permaneceu acariciando de leve o braço de Camille, enrodilhado em seu pescoço. Como ela continuava muito quieta, ele também não fez mais nenhum comentário; só prolongaria a discussão. Sua resposta padrão: "E desde quando homens não são teimosos? Desde quando eles não insistem no erro? Segundo vocês, só mulheres é que fazem isso. Que discurso mais machista, *mince alors*! Homens são incrivelmente difíceis de lidar, eles sempre se acham melhores do que nós, mas são piores do que as mulheres quando...".

Blá, blá, blá.

Enfim, ele a amava. Agora o que estava feito, estava feito; não adiantava chorar sobre o leite derramado. Portanto, deu por encerrada a discussão, muito embora não estivesse contente. Óbvio que ele poderia simplesmente obrigá-la a

desfazer o negócio, mas tal atitude não combinava com sua filosofia de vida. Ela não era um objeto que ele pudesse manipular como bem entendesse. Ah! Fosse seu próprio pai no lugar dele!

"Mulher tem que saber do seu lugar, e que quem manda é o homem." Ethan cresceu ouvindo isso e vendo a mãe ser maltratada muitas vezes.

Ele sacudiu imperceptivelmente a cabeça. Seu pai sempre achou Camille muito cheia de querer mandar e desmandar (mas não era verdade), e ele, Ethan, um frouxo que não "punha ordem", deixando-se dominar. Ethan imaginou que o pai seria capaz de pegar Camille pelos cabelos e arrastá-la pela rua para desfazer o negócio da moto, fosse ela esposa dele. Que espetáculo. Ethan não se importava com o que seu pai pensava dele, ou do seu relacionamento. Se o padrão de casamento dos pais fosse algo digno de admiração, talvez ele tivesse acatado os muitos conselhos recebidos sobre a necessidade de "pôr o cabresto nas mulheres".

Mas, se fosse para viver como eles viviam, Ethan certamente preferia deixar o cabresto mais solto.

Ethan por fim afastou os braços dela do seu pescoço e se virou, levantando da cadeira:

— Vou pegar um pouco de água — estava com a garganta seca. — Quer?

Os dois voltaram juntos para a cozinha. Camille bebeu devagar, olhando ora para o chão, ora para a bancada, ora para as panelas de cobre penduradas... ora para ele.

— *Enfin*, faça como quiser — terminou Ethan, após o último gole, em voz perfeitamente normal. — Sei que a moto é familiar para você, uma grande paixão, e ela já chegou mesmo antes de mim.

Ele coçou pela milésima vez a cabeça, impensadamente, e transformou-a definitivamente num tufo emaranhado. Camille, sabendo-se enfim vencedora, aproximou-se dele mais uma vez e passou a mão pelo desalinho dos seus cabelos. E tentou tranquilizá-lo mais uma vez:

— *Mon amour*, não se preocupe tanto. Não fique mais triste comigo!

Olhou para ele com ar meigo, afetuoso, mas desta vez aproveitando ao máximo os olhos esverdeados de gata, sondando-o. Ethan sentiu o efeito daquele olhar, mas nem por isso iria permitir-se domar facilmente. Ainda estava inconformado e magoado mesmo tendo deixado de lado a discussão e aceitado a bendita *Dame*. Por esse motivo não estava sorridente e bem humorado como Camille desejava. Entretanto já não havia ira, e isso Camille percebia facilmente. De modo que começou, primeiro baixinho, e depois um pouquinho mais alto, querendo fazer graça:

— Você já concordou, você já concordou! Obrigada, *mon amour*! — abraçou-o de novo.

— Concordar, não concordei. Mas o que posso fazer? Para te demover agora, só amarrando no pé da mesa — respondeu ele, sem corresponder

devidamente ao abraço e empurrando-a suavemente pelos ombros.

Camille se deixou empurrar. Estava satisfeita por não ter que devolver a moto ao irmão, mas naquele momento foi tomada pela extrema necessidade de consertar logo os danos causados pela discussão. Ethan aparentou normalidade ao afastar-se dela e abrir a porta da geladeira. Camille o observava; sabia que Ethan estava chateado. E ela simplesmente não suportava isso. Queria a moto, mas sem magoar Ethan. Era preciso preencher o buraco que ficara entre eles o quanto antes.

Ainda estava a refletir sobre qual seria a melhor abordagem quando ele se voltou para ela e pediu para ver a *Dame*. Camille exultou de alegria. Ethan não tinha lançado à *Harley* mais que um arremedo de olhar quando chegou do trabalho e estacionou a *pick-up* na garagem. Imaginou simplesmente que o cunhado estivesse de visita na casa deles.

O que Camille estava nomeando de aproveitar *les joies de la vie*, ele nomeava de irresponsabilidade total. Apesar de o dinheiro lhe pertencer e ser lícito que ela dispusesse dele da forma que melhor lhe conviesse, fazer aquilo impensadamente, sem avaliar o custo-benefício...

Camille parecia disposta a abrir mão do projeto que tinha em mente há tempos: a inauguração de sua loja. Estando já no último semestre da Faculdade de Moda, Camille vendia sua confecção e acessórios cada vez melhor através de seu *site*, inaugurado há dois anos, e também aceitava encomendas de fora. Volta e meia vendia também um quadro, daqueles que ela expunha no "*Café Européen*", sempre por bom preço. A pintura era mais um de seus talentos, aperfeiçoado na Faculdade des Beaux Arts, que ela cursara logo depois do Ensino Médio. Camille era próativa e empreendedora. Sabia fazer bom uso de seus talentos. Havia ganhado um bom dinheiro, e com

seu trabalho pretendia, depois da Formatura, estrear a *griffe* que tinha criado numa loja de verdade, num ponto nobre da cidade.

Camille era organizada no meio da sua desorganização e sabia tirar proveito mesmo diante de situações que Ethan consideraria desastrosas. "Coisa de artista" brincava Ethan. Esse jeito impetuoso, que precisa sempre inovar e não tolera mesmice; nisso, num impulso, às vezes ela tomava decisões que a faziam mudar de rumo, afastando-a aparentemente de seu objetivo principal.

Mas a verdade é que, sempre com jogo de cintura, bastante consciente do seu valor pessoal e do valor do seu trabalho, inovava para não deixar as coisas desmoronarem. E não é que conseguia fazer as coisas darem certo no final? Ethan ficava surpreso vez por outra porque ela tinha tudo para tomar uma bela rasteira da vida, mas terminava sempre por se sair bem. E lucrava. E se fazia mais conhecida. Camille anelava ser conhecida,

reconhecida e respeitada pelo que era, jamais pelo que tinha ou viesse a ter.

Já por seu lado, Ethan trabalhava com Publicidade na empresa de Propaganda e *Marketing* de seu *Nonno*, a *Logos*.

Apesar da família dele não ser um exemplo de união, Ethan gostava de estar associado aos negócios de *signore* Arthuro. Justamente por ser levado a sério. Desde os anos da faculdade estagiava na empresa, e o estágio era *sério*, jamais apenas para constar. O *Nonno* mesmo o supervisionava de perto com o punho de ferro que só um italiano que saiu da pobreza tem; e o encaminhava para os melhores mentores. Queria dar ao seu neto os alicerces sólidos que todo empresário bem-sucedido precisa possuir. Por isso o rapaz nunca foi peça decorativa nem fez papel de secretário de luxo para algum dos poderosos, ganhando bem para não fazer nada. Muito ao contrário, dele se exigia mais por causa do nome da família que ele carregava consigo. O

primeiro neto de *signore* Arthuro faria uma bela carreira ali, mas pelo seu valor e pela dedicação ao trabalho, não por ser mais um Mastrangello.

Ethan desde criança queria trabalhar com o avô. Admirava muito a maneira como o velho havia vencido na vida, e escutava suas histórias com interesse. Muito cedo, desde a época em que ainda estagiava, aprendeu a importância de ser responsável e a fazer mais do que se esperava dele. Gostava de sair na frente, de surpreender seus mentores. Depois de formado, teve a honra de já começar de cima, mas, repetidas vezes, em meio a berros e sermões bem italianos, ele foi esmagado, triturado, moído como um grão de trigo; era o meio que o avô conhecia e escolhera para fazer vir à luz um novo empresário. Competente, íntegro, digno de nota, profundo em suas ideias, grande conhecedor daquilo que tinha escolhido fazer na vida. Assim, em uma década, Ethan cresceu na *Logos* por mérito próprio. O que não o livrava dos

berros e falatórios, mas esse desconforto foi ficando cada vez mais esporádico. Ao invés disso, recebia a confiança do *Nonno*. E isso, para ele, não tinha preço. Deixou-se e ainda se deixava lapidar como diamante, dia a dia, e seus valores morais e profissionais aumentavam. Tinha boas ideias, era ótimo no que fazia e desejava pagar suas contas ele mesmo.

A disciplina e a seriedade com que Ethan aprendeu a encarar o *Marketing* não afetou em nada seu lado criativo, fundamental na área. Aos trinta e três anos de idade — quase trinta e quatro — e ocupando cargo de alto escalão, podia explorar e externar essa criatividade livremente, sem ser tolhido. Como diretor geral da empresa (é isso mesmo? Pode ser qualquer cargo), além de ter sua própria equipe — que já fora laureada com diversos prêmios no mercado publicitário —, era responsável por coordenar o trabalho dos demais diretores e tornou-se um exemplo a ser seguido.

Uma referência. Ele era Ethan Mastrangello, e não o "neto do velho Mastrangello". As pessoas escutavam o que ele tinha a dizer, e Ethan sempre passava adiante o que tinha aprendido. Uma das coisas que ele tinha aprendido é que boas ideias nascem de um solo bem preparado, fértil. E embora dispensasse os berros, às vezes não economizava um sermão para seus subalternos. Por vezes tendia a fazer a mesma coisa em casa, com Camille. Não funcionava muito bem. Ela funcionava bem à maneira dela.

"O estudo constante, a determinação, os anos de empenho, o desejo de vencer, a capacidade de derrubar os obstáculos e aprender com o processo, tudo isso prepara o solo", costumava dizer o avô a Ethan. "Por fim, estando o solo preparado, você poderá extrair dele o que quiser. O que você plantar, dará boa colheita. Mas nunca se esqueça de continuar sempre alimentando e cuidando bem do solo, que é sua mente e seu coração."

Ethan tinha essa metáfora como lema para si. Nunca se esquecia disso, sabendo que quem a tinha ensinado, saíra do nada para se tornar um vencedor. Ele também queria ser um vencedor, e na verdade já o era. Inteligente, obstinado, criativo e intuitivo ao mesmo tempo, muito guerreiro, sempre desejoso de superar a si mesmo, ambicioso na medida certa, Ethan espremia o solo de sua mente e seu coração em busca de ideias inovadoras que impressionassem os clientes, sempre encontrando opções diferentes de satisfazer o mercado. Quer dizer, não admitia fazer besteira. Claro que às vezes é necessário saber assumir riscos, mas dentro de um padrão de responsabilidade, e sempre com inteligência e sagacidade.

"Correr risco desnecessário é burrice."

Ele sempre dizia isso à sua equipe quando discutiam e criavam uma nova campanha publicitária, que iria veicular por todos os meios de

comunicação, ou quando tinham uma reunião decisiva com clientes muito importantes. Sua equipe, escolhida dentre os melhores da casa, não podia errar. Eles trabalhavam para a nata das natas, para os peixes grandes, comiam *le filet*. Ethan tinha o melhor do melhor para também ele poder realizar o seu melhor, portanto não admitia trabalho medíocre, clichês, superficialidade de interpretação, erros na pesquisa de mercado, cálculos mal feitos e prejuízos para a empresa. Ele estava ali. Ele era o diretor geral que não posava de enfeite, era tarimbado o suficiente para evitar que tudo isso acontecesse. Ethan adorava o que fazia, tinha nascido para isso. Por isso não aceitava regalias demais de *signore* Arthuro, e mesmo podendo cumprir um horário mais flexível e até trabalhar em casa, ele optava por chegar cedo, como o *Nonno*, e não raro permanecia em sua sala até depois do horário. Tudo tem seu preço!

Refletindo um pouco nas diferenças de personalidade entre eles, Ethan saiu ao lado de Camille pela porta principal da casa, feita de pesado carvalho, para o jardim da frente a fim de ver a *Dame*. Eles contornaram pela pequena alameda de cascalho que dava na garagem. No meio do caminho, em silêncio, Ethan puxou a gola do suéter de *cashmere* para perto do pescoço, buscando a mão da esposa em seguida, num gesto costumeiro, casual. Camille sentiu uma explosão de ternura ao tocar a mão quente e forte do marido, e entrelaçou os dedos finos nos dele. Com um pouco de remorso, apertou-lhe a mão com força. Ele continuava sendo o mesmo, apesar de estar magoado. Mas *era* o mesmo, e isso logo depois dela ter sido um pouquinho chata. Desceram a rampa de inclinação suave que dava na garagem coberta. A *Dame* estava lá, impondo respeito. Era uma *shovelhead* vermelha e branca, customizada, com motor de quatro tempos. E com possantes 1200 cm^3

cilindradas. Era um sonho realizado.

— Linda de morrer, Ethan — exclamou Camille aos pulinhos, como se ele nunca tivesse visto aquela *Harley-Davidson*.

Ethan a examinou com mais cuidado, agachando-se para verificar os pneus de perto.

— Você vai me levar amanhã mesmo pra dar uma volta — ele disse. — Quero sentir essa máquina direito e ver como você está pilotando.

Ela sorriu, gorjeando em seguida:

— Como se você nunca tivesse andado nessa garupa comigo dirigindo...

— Não importa. Já faz tempo que não fazemos isso.

— *C'est vrai*! Vamos dar um passeio de namorados, então, como nos velhos tempos?

Ele se abaixou de novo, sem responder, olhando o que era possível do motor embora não entendesse nada daquilo. Mas parecia bem em ordem. "Marc cuidava mais da *Dame* do que dele mesmo"

vociferou Ethan muito baixinho. “É o cúmulo que emprestasse isso para Camille. Devia confiar muito nela; ninguém tocava nessa moto”.

Era um fato. Os dois irmãos eram também muito amigos, de forma que a *Dame* deveria mesmo estar impecável. Depois de muito olhar, Ethan por fim resmungou uma resposta para Camille, quando ela já nem esperava mais ouvir:

— Nós ainda somos namorados.

— Você não está mais bravo comigo?... — reclamou ela com jeito de chorinho, olhando-o com ternura. Não era fingimento.

Ele deu dois passos na direção dela, envolveu sua cintura, puxou-a para perto, e sorriu de leve pela primeira vez. O vento soprou seus cabelos castanhos para trás e Camille tentava colocá-los em ordem quando Ethan deu-se momentaneamente por vencido. Somente Camille conseguia fazer isso com ele. O desejo de permanecer merecidamente enfurecido por mais tempo estava se esvaindo. O

olhar esmeraldino e profundo da moça começava a mexer com ele, como sempre. Conhecia aquele olhar; sabia que Camille estava querendo agradá-lo agora. Recompensá-lo. Presenteá-lo por ter cedido aos seus caprichos.

— Difícil ficar bravo com você muito tempo — disse Ethan mesmo assim. — Mas que você é tão cabeça dura quanto seu pai, isso é! *Ma che gatta furiosa*!

Camille aproveitou a proximidade do marido e agarrou seu pescoço mais forte do que antes, abraçando-o com braços longos e beijando-o várias vezes nas faces e no nariz, mas evitando seus lábios de propósito. Dessa vez Ethan riu sentindo o prazer dos beijinhos suaves e macios, beijinhos de menina. Só que também não fez nenhum movimento para tocar a boca dela.

Era o início de um velho jogo: "*la partie de chase*". Não havia muitas regras, na verdade sobre ele podia-se apenas mencionar algo como uma gata

caçadora de ratos e um lobo ávido por ovelhas... tanto fazia. Era só modo de dizer, é claro. Um jeito tácito de nomear papéis; quem seria o predador, quem seria a presa. Era bom dominar, e bom ser dominado. De vez em quando. Um dia é da caça e o outro do caçador, como diz o ditado. Mas era bom também quando nada disso acontecia e eles se uniam como um coro em uníssono, como um só ser, o que os seis anos de casamento e uma vida sexual diversificada e saudável já era capaz de lhes proporcionar.

Mas naquela noite ele ia ser muito *difícil*, decidiu-se Ethan, sorrindo de si para si.

"Quanto a bancar o lobo... ela vai ter que esperar por isso. Precisa sentir um pouco os efeitos de seus atos. Se quiser, vai ter que vir atrás".

Significava que ela não iria vencer logo de cara.

Os dois se entreolharam, Camille deixando-o vislumbrar a ponta do desejo que já lhe adentrava, inebriante como uma taça de vinho. Ethan estava

disposto a jogar. Mas do seu jeito hoje. Apagando a luz da garagem os dois resolveram esquecer a *Harley* por ora, mesmo sem dizer nada. Abraçados, caminharam de volta para dentro de casa. E, apesar de já ter incorporado na mente o papel do rato *arisc*, isso não impediu Ethan de instigar a companheira e aumentar sua predisposição, e deu-lhe um apertão na bunda gostosa, bem acessível por baixo do moletom fino. Ela riu alto. Também o conhecia bem. Também sabia jogar. E sabia que ele ia bancar o durão.

Nem bem entraram, nenhum dos dois pensou em jantar. Era *la partie de chase*. Tinha começado. Agora iriam em frente. Calado, Ethan dirigiu-se ao seu escritório e acessou a *Internet* para verificar sua correspondência. Nada que fosse importante. Nada que precisasse fazer naquele momento.

Por sua vez, Camille deixou-o entregue a si mesmo e subiu as escadas, entrando no banheiro amplo da suíte do casal. Acendeu somente as luzes

em cima do enorme espelho sobre a pia, que ia de um lado a outro da parede. Eram suas luzes preferidas, pois iluminavam perfeitamente o rosto. Sobre a bancada de mármore róseo havia artigos de higiene pessoal e uma profusão de cosméticos, maquiagem e perfumaria de qualidade. Ela adorava colar no espelho frases célebres, motivadoras e, principalmente, poemas.

Bem diante dela estavam as palavras do poeta Pablo Neruda, que muito admirava.

"Se cada dia cai, dentro de cada noite,
há um poço
onde a claridade está presa.
Há que sentar-se na beira
do poço da sombra
e pescar luz caída
com paciência".

Ela leu mais uma vez aquele trecho predileto, e refletindo nas palavras pegou o secador de cabelos

distraidamente, usando-o com difusor para dar forma aos cachos quase secos, já hidratados desde a hora do banho com *leave-in*. Depois escovou os dentes vagarosamente, demorando-se na parte posterior das arcadas.

Sentindo o gosto de menta no hálito, sentou-se na cadeira encostada perto da banheira de hidromassagem e passou a fita dental; depois passou creme em seus pés, massageando-os um pouco.

"Pés ressecados são o horror dos horrores."

Em seguida, trilando baixinho com sua voz de soprano, num rápido olhar encontrou o perfume favorito de Ethan para borrifar sem exageros no pescoço e entre os seios. Aroma de rosas selecionadas. Já conhecido não só por Ethan, mas por outros que cercavam aquela casa, invisíveis aos olhos humanos.

Camille não vivia sem aquele perfume. E sem mais uns três ou quatro. Ou cinco. Mas, aquele era

sublime! Era seu predileto.

Perguntou-se se o marido já estaria entediado no escritório, perguntando-se sobre onde andaria ela.

— Calma, só mais um pouquinho. Vai valer mais a pena depois — falou ela com voz alta, mas macia, já no quarto do casal.

De volta ao quarto amplo de pálidas paredes turquesa, decorado com bom gosto e um toque de irreverência, ela se aproximou da cama de cabeceira ornamentada de arabescos e esticou o pescoço na direção do seu criado-mudo para sentir o aroma das tulipas vermelhas que ela tinha escolhido aquela semana na floricultura. Estavam lindas. Lentamente tirou as inúmeras almofadas e a colcha de belíssimo *patchwork* da cama. Deixou-as caídas displicentemente sobre a *chaise longue*. Chutou dos pés as pantufas e largou-as reviradas no chão, ficando descalça. Ethan adorava seus pés. Pequenos, delicados, macios, perfeitos.

Havia um certo fetiche por trás daquela preferência, um dos alvos de suas fantasias. Ainda mais se a cor escolhida para pintar as unhas fosse vermelha. Contrastava com a pela alva de Camille.

Caminhou em seguida até a cômoda que lindamente fazia conjunto com a cama e acendeu duas velas aromáticas. Passou a mão pelos cabelos, ajeitando-os de novo, e deu uma última olhada no rosto de vinte e seis anos refletido no espelho da cômoda. Sentiu-se invadida outra vez pelo desejo, antecipadamente.

No escritório, Ethan já tinha visto parte da sua correspondência e deletado o que era supérfluo. Tamborilava ao lado do *notebook*, impaciente, esperando por sua tigresa. Que demora! Finalmente ele a ouviu descer as escadas; escutou os estalidos suaves da madeira, e percebeu que ela foi à cozinha. Pensou em desligar o aparelho e ir a seu encontro, mas resistiu à tentação e esperou. Não queria

estragar o jogo. Hoje ela teria que se esforçar, mesmo estando sua ira já praticamente extinta.

Sem muita demora agora, Camille adentrou o escritório. Aproximou-se por detrás do marido, curvou-se sobre seus ombros sem dizer palavra e, esticando o braço sobre eles, deslizou o indicador pelo *mouse*. Ethan ficou na mesma posição e aspirou o aroma leve do perfume dela, sentiu o resvalar dos cabelos ruivos em sua face. Observou a mão esguia e branca, de unhas feitas à francesa, executar cada passo para sair da Rede e fechar o computador. Que demora...

Em seguida ela encostou a cabeça sobre o ombro esquerdo e abraçou-o forte pelo peito, deslizando as mãos sobre ele. Enfiou-as debaixo do suéter, erguendo a veste com suavidade. Ethan correspondeu ao movimento e facilitou a retirada do suéter, sentindo depois dedos leves abrindo os botões de sua camisa, jogando tudo pelo chão.

Uma onda violenta percorreu o corpo dele, e Ethan não pensou mais um minuto sequer no jogo bobo da *chase*, e de se fazer de não-estou-nem-aí. Rodou a cadeira e ficou de pé num impulso, abraçou-a energicamente puxando-lhe o quadril de encontro ao seu, e beijou seus lábios com força, seu queixo, suas faces, seu pescoço; ela correspondeu avidamente.

Um inesperado cheiro de "almíscar" invadiu o cômodo. Eles não notaram.

Eles fizeram amor primeiro no sofá de camurça chocolate do escritório, vigorosamente, com arranhões, mordidas e gritos; depois, na cama de anjinhos entrelaçados, mais devagar, aprofundando, explorando o prazer e murmurando no ouvido um do outro, Ethan sentindo em cada ponto do corpo a sensualidade aflorada de Camille, e ela, por sua vez, totalmente cheia de amor e desejo.

Se pudessem conhecer o que o futuro lhes reservava, aproveitariam mais momentos como aquele. Momentos que ficaram para sempre registrados na memória.

O Sol se põe, chega a noite, e com ela, seus mistérios.

2

Présage

No dia seguinte — sábado — Ethan fez questão de dar umas voltas de moto com Camille mesmo que somente por ali, no condomínio onde moravam, nos arredores de Lyon. Ele na garupa. Só para tirar o peso da consciência por deixá-la andar na cidade com aquele monstro de duas rodas, que ainda teimava em avolumar-se em sua garganta. Dava instruções quase o tempo todo. Camille deixou. Era sua vez de ser tolerante.

— Cuidado! — exasperou Ethan pela quinta vez.

— Cuidado com o quê? Está tudo bem. Como se você nunca tivesse andado nessa garupa — Camille brincava olhando pra trás e dando tapinhas nas mãos dele, sobre sua barriga.

— Eu sou homem, Camille. Sei o que é da minha responsabilidade, ou não. E você *é* minha responsabilidade. Olha pra frente.

Ela ergueu uma das mãos num gesto exasperado, largando o *guidon*.

— *Oh lala*, você está chato.

Ela sabia dirigir a coisa, era inegável, e tinha carteira de habilitação. Então, assunto encerrado.

"Mas deixe-me pegar *monsieur* Claude de jeito", pensou Ethan, ainda inconformado que o pai de Camille aparentemente não se importasse com aquilo. Ele havia telefonado para dar a notícia, mas Marc já se tinha incumbido.

A verdade é que *monsieur* Claude não tinha como controlar nada. Controlar como? Ela não tinha mais catorze anos. Ethan, que não era pai,

desconhecia os prazeres e as dificuldades de se ter uma filha. Há muitos anos Camille não pedia "permissão" a ninguém para dar ritmo aos seus empreendimentos. Opinar era diferente de dar permissão. Opiniões construtivas eram bem-vindas, e Camille as apreciava. Seu pai sabia disso, e também que não adiantava bater de frente com ela. Era uma mulher forte. E para ele estava bem. Afinal, tinha três rebentos já adultos, e eles não tiveram problemas com drogas e excesso de irresponsabilidade na adolescência. Ou seja: estava tudo muito bem.

Foi o que ele disse a Ethan.

***

O primeiro trajeto oficial de Camille com a "nova" moto foi rumo à faculdade, na terça-feira. Com o cabelo preso displicente numa trança, capacete prata e rosa, ela sentia uma onda de alegria que a deixava leve, animada. Combinava com o dia de

nuvens claras. E como se nunca tivesse dirigido a moto antes, Camille precisava fazer da estreia algo especial para ela mesma. Isso significava caprichar no visual.

Não curtia o *look* de motoqueira norte-americana. Apesar dos franceses serem totalmente adeptos do couro, a ponto daquilo fazer parte do fetichismo francês, Camille oferecia resistência em se deixar levar por tudo que fosse óbvio demais; e os mandos e desmandos da Moda não a deixavam histérica, como acontecia com alguns. A Moda não podia dominá-la. Ao contrário. Era um dos veículos que lhe possibilitavam traduzir o seu próprio senso estético, aquilo em que acreditava, seu jeito de ver o mundo, seu estado de espírito e até mesmo a rebeldia de não querer ser igual a todos. Moda era como Arte. Uma expressão do ser.

Ela realmente não era uma francesa das mais ortodoxas — do tipo que ama camiseta marinheiro com calças *skinny*. Esse temperamento quase

sempre beirando a modernice Camille herdou da *Grand-Mére*, que em plena década de 1950 cantava e dançava no *Moulin Rouge*, sendo uma das mais cobiçadas do seu tempo.

Portanto, em nome da modernidade, ainda que, nesse caso, um tanto exagerada Camille nunca teve a famosa jaqueta de couro preta. Ethan havia tentado convencê-la alegando que todas as *tops*, atrizes e musicistas famosos têm uma versão fiel para exibir. Camille não ligava muito. Para ela, um verdadeiro momento elegante não tinha nada que lembrasse Marianne Faithfull ou os *Sex Pistols*. Trocava de boa vontade o grito rebelde do couro (não que ela não fosse rebelde à sua moda) pela boa e velha jaqueta *jeans*, por exemplo, pois mesmo em meio aos altos e baixos da Moda, ela se reinventava sempre, década após década. Justamente quando todos pensam que ela virou peça de museu, volta a aparecer com tudo.

Camille gostava muito de jaquetas *jeans* para andar de moto, pelo menos quando havia bom tempo. Não do visual *hippie* dos anos 1960 e 1970, mas da versão mais contemporânea. Ralph Lauren combinou a jaqueta com saias longas e joias de turquesa e parecia que jaquetas *jeans* tinham nascido para serem usadas daquela forma. Claro que joias e motos não combinam, muito menos saias sobre duas rodas, mas a calça cáqui de Camille, em tecido de sarja era o par perfeito da sua jaqueta *jeans* Diesel. E, se fosse ficar comportada, longe da *Dame*, naturalmente que as saias e as turquesas lhe agradavam.

Ethan, porém, venceu pela insistência. Queria ver Camille usando algo de couro de qualquer jeito e sabia que as calças seriam impensáveis. Pediu à secretária que pesquisasse as principais marcas e lojas, mas não se entusiasmou com o resultado porque conhecia sua mulher. Por fim acabou seduzindo Camille, fazendo-a capitular, com um

presente especial em seu último aniversário, outubro passado.

A ideia de uma jaqueta de couro diferente, garimpada direto de uma das lojas *vintage* de Los Angeles, encantou-o. Em viagem de trabalho a Nova York no ano anterior ele tirou um dia a mais e acabou por escolher uma peça única. Quando a viu, sabia que era aquela. Ficou fascinado pelo modelo de couro excelente, a gola elegante, os detalhes femininos. Melhor de tudo: era de um delicado tom de rosa! Ethan sucumbiu ao encanto da peça, imaginando-o na esposa alta, ruiva, linda, impetuosa e gastou uma "bagatela". Na viagem de volta já fazia suspense pelo telefone e, ao invés de refletir sobre as boas roupas que combinariam com a jaqueta e que talvez ele devesse levar também, ficava imaginando Camille vestida *somente* com ela. E talvez com sensuais meias sete oitavos. Rendadas.

Acabou sendo um presente que caiu no gosto da esposa — *enfin*! E que tinha múltiplos usos. Ethan agradecia. Camille possuía uma particular predileção por satisfazer suas fantasias.

Naquele dia, portanto, ela decidiu que vestiria a jaqueta rosa. Sobre uma camiseta de show. Havia poucas peças mais interessantes do que sua camiseta dos *Beatles*, antiga e original, um achado que também ficava particularmente ótima com um terno fino. E ela conhecia as músicas de cor. Nada é pior do que usar a camiseta de uma banda e não conhecer a letra das músicas.

Satisfeita, curtiu o trajeto se sentindo.

— Seu irmão dividiu a "Harley" de novo com você? — perguntou a colega de classe no estacionamento da faculdade.

— Agora ela é *minha*! Foi devidamente adquirida. Minha cunhada prefere um veículo um pouco maior e mais confortável. Já imaginou um

bebê saindo de moto? — explicou Camille orgulhosa.

Mais tarde, deixando o *campus*, ela dirigiu devagar sentindo o ar penetrar por dentro da gola. O sol cálido de início de primavera, insuficiente para fazer o dia esquentar muito, batia-lhe no rosto. Estava friozinho. Gostoso.

Diante da academia onde fazia ginástica ela parou para um *déjeuner* rápido. Encontrou uma amiga por acaso e jogou conversa fora enquanto comia sua salada de frango com uma vitamina de morangos e *blueberries* frescos. Sustentava, mas não pesava.

Mais ou menos às três, Camille despediu-se da acompanhante e passou pela porta envidraçada da academia, premiu o dedo na catraca eletrônica ao mesmo tempo em que dava um breve sorriso para o atendente mais próximo. Não era daquelas viciadas em esteiras, *jumping* e ferros. Ela era normal. Ultimamente dava as caras quando

possível, por causas das exigências do último semestre na faculdade, o que significava duas vezes na semana. Esforçava-se para manter um pouco de exercício aeróbio em *transport* ou *spinning*, além de praticar musculação; não podia simplesmente parar com tudo por causa da responsabilidade do final do ano letivo e da Formatura. Mas não seria capaz de penalizar demais a dança, que continuava praticando à noite.

Trocou-se no vestiário, ajustou o frequencímetro no peito, encheu a garrafa d'água, acrescida de duas colheres rasas de *Malto*, a fim de manter a capacidade anabólica. Começou o alongamento distraída. Pensava na peça que estava em andamento no seu *atelier*. Estava bem bonita, e diferente, aliás, o que era mais importante. Era para o desfile final, e Camille tinha escolhido como tema "Água Marinha", com suas cores incríveis e seus personagens indeléveis. Entretanto ainda havia muito que fazer.

Resolveu fazer quarenta e cinco minutos de *transport*. Gostava da sensação deslizante na rotação dos esquis e da ausência de impacto. Gostava de sentir os quadríceps e os glúteos queimando, as panturrilhas trabalhando, enquanto o suor porejava no rosto, no pescoço, nas costas, nos braços.

Seis minutos de aquecimento, o *transport* já tinha elevado as pranchas um pouco e a frequência cardíaca. Dez minutos e Camille atingiu ritmo de treinamento. Limiar anaeróbio. Ela tinha programado o aparelho no modo randômico, de modo a alternar a inclinação das pranchas estabelecendo picos de frequência cardíaca combinados com os momentos mais intensos do exercício.

Não havia gente demais treinando no início do horário vespertino. A academia fervilhava pela manhã bem cedo e depois das cinco da tarde. Camille tinha o privilégio de poder estar lá no meio

da tarde e aproveitar os aparelhos de última geração sem perigo de ter que esperar ou dividir com alguém. Volta e meia ela olhava o monitor do frequencímetro e, se necessário, ajustava a carga do aparelho. Tocava uma versão eletrônica de uma música do *Gun's in Roses* que ela não conseguia lembrar o nome.

Aí, aconteceu. E ela nem saberia dizer *como* aconteceu! Num instante correspondia ao aceno de uma *personal trainer* que passava pelo corredor atrás da grande divisória envidraçada. No instante seguinte... mais nada. Sua mente desapareceu na escuridão.

Foi acordar na enfermaria da academia, deitada na maca, com um médico jovem de cara séria apertando seu braço para verificar a pressão. Camille olhou para ele sem entender, aturdida, tentando se situar. Foi salva pelo comentário de outra pessoa. A voz vinha do lado oposto ao médico, próximo de sua cabeceira.

— Não se preocupe, você está bem — afirmou um rapaz em tom brando.

— *Quoi*?... — Camille ergueu uma das mãos, levando-a até a cabeça.

— Você está bem. Foi somente sua pressão que caiu um pouco. Está se sentindo melhor? Você teve sorte de não se machucar pra valer. Tem dor em algum lugar? — perguntou o rapaz, sem entrar em seu campo visual.

— Hã..... *je ne sais pas*. Minha cabeça... dói.

"Pschhhhhh"

O barulho do aparelho de pressão esvaziando fez com que ela estremecesse. Pelo visto aquele médico não era de muitas palavras, já que não dizia coisa alguma. Claro que a gentileza do ajudante compensava um pouco aquela atitude.

— Minha pressão não está boa? — perguntou Camille. Ela sentia a cabeça aérea.

— Vai melhorar logo — o rapaz que respondeu. — O doutor Pierre já mediu sua pressão mais uma

vez.

Camille franziu o cenho. *Segunda* medida? Como assim? Estivera desacordada?

O médico estava agora de costas para ela, anotando algo curvado sobre a mesa de tampo branco.

— Sente alguma dor? — indagou novamente o assistente vindo um pouco mais perto.

Camille prestou mais atenção em si mesma e franziu de leve as sobrancelhas, pois agora percebia realmente a dor na têmpora direita. Também no ombro do mesmo lado. Numa careta, piscou os olhos várias vezes e fez menção de se sentar. Sua camiseta estava dobrada sob o corpo de maneira incômoda. Parou em meio ao movimento por causa do súbito grunhido de negativa vindo do médico.

— Hum-hum, *mademoiselle*.

Ele devia ter olhos nas costas. Camille ficou quieta.

Só tinha estado ali antes para fazer avaliação física periódica. Sentia-se estranha por estar na maca, ao lado do aparelho de ECG, defronte a uma estante com vários volumes e de onde se sobressaía "Fisiologia do Exercício".

O jovem ao seu lado afastou-se um pouco em direção a pia e fugiu mais uma vez de seu campo visual. Um pouquinho mais desperta, Camille percebeu pela primeira vez as vozes que ecoavam. Alguém estava fazendo teste ergoespirométrico no recinto ao lado.

— *Allez*! — dizia uma voz firme e incentivadora. — Um pouco mais, um pouco mais, *allez!* Tudo agora, tá acabando, tá acabando. *Allez*!

Camille esperou que a visão ligeiramente turva normalizasse. Parecia estar coberta por um véu. Suas mãos estavam frias, úmidas. Ela espremeu uma mão na outra e passou depois as duas pela barriga, secando-as. Novamente quis se erguer, desta vez um pouco mais silenciosamente para

evitar que o doutor Pierre dissesse qualquer coisa. Repreendê-la era o que ele não devia fazer! Mas o movimento só causou uma desagradável vertigem.

— Ai... — murmurou baixinho. Ninguém ouviu.

Óbvio o por quê.

— *Allez, allez, allez*! *Trèèès bien*! Deu. Vai parando devagar. Se segura...

Camille podia escutar a respiração de um homem arfando. O ruído da esteira foi diminuindo ao mesmo tempo em que a batida vigorosa e cadenciada dos passos também silenciava.

— Você foi muito bem — fez a mesma voz. — Pode me dar o aparelhinho que está na sua boca?

— Continua em boa forma apesar de afastado das academias há algum tempo, *monsieur* Armand — observou uma segunda voz, mais aguda, provavelmente de alguém que estivera observando o exame.

Finalmente o doutor Pierre voltou-se para Camille na intenção de conversar com ela.

Estendeu a mão formalmente sem se importar com o fato dela ainda estar estendida na maca.

— *Comment t'alllez vous*?

Camille apertou a mão do médico.

— *Comme ci, comme ça*.

— Logo você estará bem melhor. Não se sente ainda, por favor. Fui eu que a atendi há pouco. Você desmaiou — e sorriu ligeiramente, o que deixou Camille ligeiramente admirada. E mais tranquila. Até que ele não era de todo ruim.

— Estou sentindo vertigem — esclareceu.

— É porque sua pressão deu uma despencada. Louis? Já pegou?

Louis, o estagiário, veio todo obsequioso em posse de um saquinho de sal, desses que se põem na salada, e o conteúdo foi despejado embaixo da língua da paciente. Ela fez cara de quem não gostou. Em seguida ele estendeu um copo com água e açúcar, bem doce. Na verdade, melado. Novamente ela fez cara de quem não gostou.

— Glicose — explicou o moço.

Camille sugou o líquido pelo canudinho que podia ser entortado, até o fim. Eles pensavam em tudo. Tudo para que ela permanecesse em decúbito dorsal horizontal. Depois disso deixaram-na descansar um pouco durante alguns minutos, esperando o efeito desejado. Sozinha na sala, Camille conseguiu por fim ajeitar a camiseta e em seguida voltou a estender os braços ao longo do corpo.

De súbito uma onda de ar quase gelado soprou e atingiu Camille no braço e no rosto do lado esquerdo.

— *Mon Dieu* — sem pensar ela ergueu um pouco a cabeça para localizar de onde vinha aquela corrente de ar.

Tudo parecia como antes. Nenhuma janela ou porta aberta. Nada de ar-condicionado. Cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos. Em poucos instantes sentiu outra vez o ar muito frio passando

pelo lado esquerdo da maca, como se alguém se deslocasse por ali apressadamente. Fiozinhos do cabelo dela voaram em direção ao rosto. Ela se assustou, respondendo à passagem de ar com um tremor involuntário do corpo. E sentiu medo sem saber por quê. Camille olhou ao redor mais uma vez, só que não conseguia descobrir de onde vinha aquele ar frio.

Intrigada, achou por bem dar menos importância ao fato.

"Só estou cansada; meu açúcar abaixou, minha pressão também. Não é nada."

Mesmo assim virou-se de lado devagar, numa espécie de instinto de proteção, aconchegando as mãos sob o queixo e encolhendo as pernas. Ficou ali, de olhos bem abertos e prestando atenção mesmo sem querer. Nada aconteceu.

Logo o doutor Pierre estava ao seu lado outra vez, pronto para medir a pressão, por isso ela teve que voltar ao decúbito dorsal horizontal.

— Ah! Uma pequena melhora. Deseja mais água?

Ela fez que não.

— Muito bem, sentando-se devagar.

"Deitar. Sentar."

Camille obedeceu e ergueu o corpo com cuidado. Novamente a sala rodou.

— Ponha sua cabeça entre as pernas — disse o médico calmamente, ajudando-a a apoiar os pés na escadinha da maca e segurando-a pela nuca. Camille parecia querer sorver grandes quantidades de ar — Respire. *Allez*.

"*Allez, allez*". Não sabiam dizer outra coisa?

Após alguns instantes o médico permitiu que ela fosse lentamente erguendo a coluna de volta. O sal e a glicose fariam seu papel de salvadores. Sentada, Camille ficou bem dessa vez.

— Eu desmaiei? — Camille estava incrédula.

— Uma síncope. Às vezes acontece, *mademoiselle*.

Um pouco mais senhora de si, ela o corrigiu:

— *Madame*.

— Pois não.

Ele tomou o pulso dela enquanto falava. Camille arquivou a barba minuciosamente aparada e os óculos sem aro no homem mais baixo do que ela.

"Um pouco leves demais para o rosto dele", avaliou.

— Você está fazendo dieta? Volta e meia atendo uma aluna em processo de inanição, ou quase. Certa vez uma garota de dezesseis anos me disse que tinha almoçado gelo. *Mon Dieu* — observando a expressão de Camille, o médico explicou — mastigar gelo tira a sensação de fome — ele perscrutou significativamente o rosto de Camille. — Devo pensar que é o seu caso?

— *Mais non*. Eu almocei.

Doutor Pierre não se deu por vencido. Conhecia bem aquelas ratas (ou gatas?) de academia.

— Você almoçou, talvez, uma saladinha de folhas verdes com limão?

— *Non* — Camille ficou um pouquinho irritada. — Comi frango, tomei vitamina de frutas. O suficiente. E o de sempre. Nunca me aconteceu algo parecido antes, assim, sem aviso nenhum. Na verdade, não senti nada. Nem me lembro de nada.

— Foi uma síncope. Uma perda súbita de consciência. E caiu de cima do *transport* — ele empurrou os óculos mais para cima do nariz. — Ainda bem que parece não ter fraturado nada. Vamos ver isso melhor agora.

— Estou sentindo dor aqui na cabeça, principalmente, mas não é muita. E meu ombro direito também dói.

Doutor Pierre examinou não só todo o crânio como palpou a coluna vertebral procurando algo anormal. Usou a luz de um oftalmoscópio que tirou do bolso do jaleco para verificar o reflexo de suas pupilas. Pediu para que ela abrisse e fechasse as

mãos, movimentasse os pés. Tudo lentamente, sem movimentos bruscos. Depois passou à avaliação do ombro. Na pele branca já se podia ver um hematoma, mas nada sério. Aparentemente só uma contusão.

— Costuma ter pressão baixa? — perguntou ele por fim.

— Não que eu saiba.

Ele se afastou da maca

— Você tem dormido bem?

— *Oui*.

— Dormiu mais de seis horas de ontem para hoje?

— *Oui*.

— Nunca venha treinar depois de uma noite com menos de seis horas de repouso. Seu organismo não responde bem — ele se curvou para a mesa e digitou mais alguma coisa. Continuou: — Está sentindo náuseas, ou somente dor de cabeça?

— Dor de cabeça.

— Prepare um analgésico para ela, Louis — fez o médico para o assistente que entrava na sala. — E traga a bolsa de gelo.

Camille tomou analgésico em gotas, que detestava. Comprimidos eram bem melhores, sem sabor ruim. O gelo foi parar no seu ombro onde permaneceu por alguns minutos. Louis saiu da sala e o Doutor Pierre explicou:

— Durante as primeiras 24 horas após uma contusão, use gelo. A partir de amanhã, faça calor local. Se tiver dor, use um analgésico de sua preferência ou o que eu vou receitar agora.

— *Oui, monsieur* — ela respondeu. "Bem, parece que acabou. Acho que vou me despedindo."

Camille pousou a bolsa de gelo no colchão e olhou para baixo tentando encontrar seus tênis. Estavam jogados debaixo da maca.

— Mesmo parecendo estar tudo bem com você, ainda assim vou encaminhá-la ao pronto-socorro

para fazer o raio-X de ombro e a tomografia de crânio — informou o médico.

Camille não desejava ir a lugar nenhum. Sentia-se bem melhor agora. Sua voz soou ligeiramente mais aguda quando ela tentou dar o contra.

— *Je suis mieux*! Doutor, eu estou bem. Estava com uma vertigem, mas ela acabou de melhorar. Verdade! Não quero ir para o pronto-socorro!

Como se implorar adiantasse alguma coisa.

— *Madame*, *c'est le protocole* — ele explicou com exagerada calma para aquela situação. —Você desmaiou, bateu a cabeça e eu não posso descartar você para casa assim.

Camille tentou em vão refutar a ordem; porém o médico não aceitou argumentos.

— Amanhã ou depois você tem uma complicação qualquer, um sangramento, um sintoma neurológico, e quem arca com a responsabilidade?

— Tenho certeza de que não terei qualquer sinal neurológico. Nem sangramentos. Tenho certeza. Agora...

Ela foi se levantando, pronta para sair porta afora.

— Não se preocupe com nada. A ambulância da academia irá levá-la — ele disse em tom de quem encerra a conversa. — Meu assistente já cadastrou seus dados no pedido de exame e no encaminhamento, e entramos em contato com o hospital de sua preferência, segundo os registros. Suas coisas estão chegando do vestário para acompanhá-la. Permaneça sentada, *s'il vous plaît*.

"Sentar."

Camille deu um breve suspiro, exasperada. Louis entrou na sala novamente.

— Já avisei o marido dela — afirmou, como se fosse grande coisa.

Ela sentiu os pêlos da nuca literalmente se eriçando.

— *Quoi*? — ela fez um ruído esganiçado. "*Que infortune*!"

Doutor Pierre, inabalável:

— Sua ficha cadastral dizia que "em caso de acidente devemos comunicar o marido". Correto, não?

— *Non, non, non*! Isso é que é um protocolo. Meu marido vai ter um infarto! Ou melhor, já deve ter tido a esta altura e agora eu terei que correr atrás da papelada para lhe prestar as últimas honras no funeral — ela não conseguiu evitar um leve sarcasmo nada apropriado.

Queria socar o doutor Pierre, e também o tal Louis.

— Eu mesma deveria me comunicar com ele. Por que não me consultaram? *Mon Dieu*!

— Não fique tão nervosa. Pode prejudicar sua saúde. Seguimos um protocolo. Estamos acostumados com isso.

"Mas eu não!" grasnou Camille em pensamento.

Uma moça colocou a cabeça para dentro da porta e avisou:

— A ambulância está pronta, doutor Pierre.

Camille deu um muxoxo. Dois homens da ambulância entraram, uniformizados e trazendo uma maca sobre rodas.

— Não é preciso. Posso caminhar.

— Hum-hum — seguiu-se um ruído de tosse.

— *Oui. Le protocole*.

— Seu marido está a caminho do pronto-socorro — esclareceu a moça sorridente, acompanhando ao lado da maca e depositando a mochila de Camille aos pés dela, junto com o par de tênis arrebatado do chão.

— *Merci* — ela agradeceu. "Que grande favor você me fez. Deveria ter pedido a alguém que dirigisse o carro no lugar do meu marido."

Camille suspirou de novo, mais irritada. Louis despediu-se dela com um ar que ela julgou apalermado.

“Certamente está atônito — mais uma vez — pela presteza com que *le protocole* é seguido.”

***

De volta a casa, já noitinha caindo, Camille e Ethan estavam de bom humor.

— *Mon amour*! — brincava Camille. — Você está vivo! Você conseguiu sobreviver!

Abraçando-o, saltitava ao redor dele, que dava risada também.

— Claro que eu vivi. Você não poderia ficar sem mim.

No hospital ela resmungara durante um tempo; afinal tinha vindo com a jaqueta rosa, era um dia especial para ela, estava perfeitamente bem, quem melhor para saber isso, bláblábláblá.

— *Shhhh*. Fique quietinha.

Ethan não dispensou os exames. Camille até tinha razão quanto ao susto que ele tomou. Nasceu de novo quando viu o rostinho da esposa

emburrada sendo trazida de maca. Abraçou-a apertado, com olhos preocupados, querendo saber de tudo. A presença de Ethan tinha o poder de trazer-lhe conforto e bem-estar instantâneos. Tudo o que ela precisava era de seu marido ali, ao lado. Acalmou-se de pronto.

— Oh, Ethan, que bom que você está aqui. Eu estava tão aflita.

— Claro que eu estou, é claro, *ma fleur*.

No fim, não foi demorado. Saindo do pronto-socorro Camille logo indagou.

— E a *Dame*? Oh, ficou lá. — Camille estava disposta a sair diretamente do pronto-socorro para buscá-la.

— Sua moto vai estar na garagem em casa — disse Ethan dando a partida na *pick-up*. — Pedi a Laurence para cuidar disso. O *Nonno* não ia precisar dele, vai ficar hoje até mais tarde numa reunião com os diretores.

Camille encarou o marido com cara de bichinho de pelúcia. Ethan tranquilizou-a:

— Eu estou dispensado da reunião, óbvio. Meu avô manda votos de melhoras.

— *Merci* — ronronou ela, recostando a cabeça no ombro dele.

— Obrigada de quê, *chérie*?

— Por se preocupar tanto comigo e cuidar tão bem de mim. E não ficar me dando bronca...

Ele riu, estranhando:

— Por que eu te daria bronca?!

— Ah, foi um transtorno. Hospital é deprimente. Mas você nem reclamou.

— O importante é que você está bem — Ethan afagou o rosto dela sem desviar a atenção do volante. — Por que você não vai tomar seu banho assim que chegarmos? E eu faço a macarronada que você gosta. Já telefonei e pedi à madame *Verdoux* que preparasse um molho de tomates frescos.

Camille sorriu. Ela adorava quando Ethan cozinhava macarrão para ela.

— Será que vou comer macarrão à noite hoje? Acho que vou ficar só com umas frutinhas. Que acha? Um lanche leve.

— *Non*; você desmaiou. Vai se alimentar melhor agora.

Ela aquiesceu de bom grado. Quando chegaram Camille logo viu que na mesa da sala de estar havia um maço de flores lindas e variadas, coloridas. O cartão denunciava a gentileza sempre presente de *signore* Arthuro.

— O *Nonno* é muito simpático.

Camille cheirou as flores e subiu para a suíte de bom grado, com vontade de tomar banho de banheira. Enquanto caminhava pela casa ia dando uma olhada rápida por onde passava, especialmente naqueles cantinhos que a arrumadeira costumava negligenciar de vez em quando. Camille fiscalizava tudo sempre. Gostava

do serviço feito a seu modo, com muito capricho, do jeito que ela tinha ensinado. Detestava pó nos móveis, detestava manchas nos panos de prato, detestava roupa mal passada, cama mal arrumada, banheiro mal lavado. Desleixo com a casa era pecado capital. Ethan pagava muito bem, acima da média da região, de modo que o casal também se fazia exigente quanto à qualidade do serviço.

Quando era necessária uma reprimenda Camille se encarregava: educada, mas às vezes de sapatinho batendo no chão, mãos na cintura, dependendo se o delito era grave ou não. Não havia outro jeito de manter a casa em ordem a não ser supervisionando os empregados.

Camile não fazia serviço doméstico, entretanto estava bem acostumada a ensiná-lo e a exigir os resultados. Aprendera com Ethan a estabelecer um elo de confiança patroa-empregada e isso consistia em expor muito bem as regras.

Por exemplo:

“Não quebre coisas e esconda de mim, porque depois vou descobrir e deixar de confiar em você”, explicava Camille. “Vidros devem ser limpos uma vez por semana. Tome cuidado triplicado ao entrar no meu *atelier*. Se houver algum material em andamento sobre a bancada não mexa, só limpe o resto. De todos os erros que você poderia vir a cometer, não quebre nada, não derrube nada no *atelier*.”

O *atelier* era solo sagrado, onde Camille não estava disposta a tolerar erros. Tirar coisas do lugar, abrir uma janela que deveria permanecer fechada, deixar algo cair e — pior — quebrar algo era inimaginável.

Por fim:

“Respeite nossos animais. São como filhos. Se tiver dúvida sobre qualquer coisa pode me perguntar.”

Foi preciso trocar algumas vezes de arrumadeira desde o casamento, mas agora parece que isso não

seria mais necessário. Quanto à caseira, *madame* Verdoux, era impecável. Olhando aqui e ali, após alguns minutos Camille deu-se por satisfeita com a arrumação da casa.

Camille gostava da mordomia de não ter que limpar ou arrumar nada. Sempre fizera serviço de casa para ajudar a mãe, desde menina, uma vez que seu pai, professor universitário, não tinha verba extra para contratar alguém de fora. Sua mãe também não tinha grandes rendas. Isso significava que Camille e a irmã um ano e meio mais jovem tinham suas obrigações. Camille era capaz de deixar um banheiro brilhando e remover manchas impossíveis de peças de roupas. Cozinhava o básico, apesar de não gostar da tarefa. Costurava excepcionalmente bem.

Uma das primeiras providências de Ethan após o casamento foi contratar duas empregadas para Camille, já que a casa era grande. *Madame* Verdoux, a caseira, era quem coordenava todo o

serviço da casa atuando mais como uma governanta, e Tais, a arrumadeira, fazia o serviço pesado. *Madame* Verdoux era fantástica na cozinha, o que por certo ajudava a manter suas formas volumosas, e seu marido, *monsieur* Verdoux, cuidava do jardim, de pequenos reparos e tudo mais que se fizesse necessário na parte externa da casa.

Num primeiro momento Camille estranhou sua ociosidade doméstica — ainda que bem vinda, já que podia dedicar-se a coisas mais aprazíveis —, e vez por outra ela achava divertido lavar o quintal, podar as plantas ou arrumar o *closet*.

Mas agora ela não precisava mais fazer nada disso. Ethan gostava de deixar Camille ter suas coisas, e *c'est fini*. O trabalho de casa, para ela, era dar ordens às empregadas. Fim da história. Ele não se encaixava no protótipo do marido "capataz de uma pobre mulher-escrava". A história da mulher que assume como único e máximo dever servir a

família em tempo integral até que a morte a liberte foi o que ele sempre vivenciou em sua casa, quando menino. A família de Ethan quase sempre exibia aquele padrão de relacionamento marido-mulher antiquado e *bizarro* para o século XXI.

Segundo o avô e o pai, a mulher de virtude deveria saber lavar, passar, cozinhar, esfregar, arrumar, cuidar dos filhos, do marido; e ainda estar bonita, sorridente e bem disposta sexualmente. Uma vida restrita ao lar. Para Ethan, algo estúpido e absurdo. Sua avó e sua mãe não tiveram vidas fáceis. A avó partira cedo, talvez ensinando algumas coisas ao homem idoso; o pai de Ethan, entretanto, não absorveu tais ensinamentos. E a esposa continuava na labuta. Sem trégua e sem chances de cuidar mais de si. Pelo menos era assim que Ethan pensava.

E odiava isso. Sempre odiou. Questionava-se:

"De que adianta uma família ser abastada, então? O dinheiro deveria trazer mais oportunidades de

vida, de crescimento. Para todos".

Logo cedo ele viu que de nada adiantava o dinheiro sem esclarecimento; e o esclarecimento só vem se a mente estiver aberta. Ethan nunca acreditou que seu pai amasse a mãe. Era apenas conveniente tê-la para exibir à família, para procriar e manter seu nome vivo nas próximas gerações. Os tolos sempre acham que seu caminho é reto.

"Não sei onde ouvi isso."

Quando Ethan conheceu Camille, ele intimamente admirou sua postura livre, fundamentada na vida moderna. Apesar de agora implicar com a *Dame*, a moto foi uma das coisas a atrai-lo tão logo a conheceu. Traduzia o espírito indomável da jovem, que não usava o veículo para se mostrar; ele parecia fazer parte de quem ela era, simplesmente. E ela era muito bela também.

Ethan passou a observá-la, rodeada pela noite e pelas amigas.

O que, exatamente, o encantou? Era o modo como a moça falava pelos cotovelos e ria alto, um riso reverberante, solto, fácil, que contagiava e acreditava na vida, que dizia "aqui estou! Vou realizar muitas coisas". Seriam aqueles incríveis cabelos azuis, tão curtos e tão rebeldes? Ou o olhar expressivo, esperando coisas incríveis, inefáveis da existência terrena e dos seres humanos? Talvez fosse tudo isso junto. Ou talvez a principal questão estivesse na calça camuflada surrada e a camiseta branca tipo nadador que faziam dela, ali, a seus olhos, uma perfeita guerrilheira pós-moderna mesmo do alto de seus *scarpins*. Era quem era; fim. Sua força vinha de acreditar em si mesma, de rejeitar quem ousasse dizer que ela não devia ser assim. Ou falar e rir assim. Ou sonhar assim. Seu comportamento era antagônico a linha cartesiana fundamentada na razão; "penso, logo existo!". Para ela, existir era extinguir os pensamentos que freiam as emoções da jornada da vida!

Gostou do modo como a guerrilheira dispensou um pretendente idiota e previsível.

Linda, sem ser extravagante, sensual, sem ser vulgar.

Ethan achou graça da cara desenxavida do moço e começou a achar que valeria a pena entabular uma conversa, mesmo sendo a garota tão jovem.

Quando a noite de verão mudou de ares, espantando a maioria dos clientes que contava em ficar ao ar livre por mais tempo, Ethan aproximou-se da moça desconhecida que agora estava de braços cruzados, mas não tinha perdido o entusiasmo e o charme. Sorrindo, ele jogou seu casaco preto nas costas e chamou quando estava a dois passos dela:

— *Hé*! Guerrilheira de cabelo azul. Eu tenho aqui o que você precisa — levantou o ombro onde estava apoiando o casaco.

Camille voltou-se e, sem delongas, aceitou. Era o rapaz com quem trocara uma dúzia de olhares, que a estava observando fazia tempo. Onde estava mesmo o outro jovem que lhe fizera companhia durante a noite? Desaparecera. Sem se importar ela passou as mãos pelos braços depois que ele a ajudou a vestir o casaco. Tinha um cheiro de perfume muito agradável e o tecido era macio e maleável.

— *Voilá* — exclamou Camille. — Você acertou. É um bom observador.

— Não fica muito bem em você — ele provocou.

Ela riu.

— Não foi isso que eu quis dizer. Foi sobre como você me chamou.

— Guerrilheira? É. Eu achei que você faz o tipo.

— Não pense que é tão esperto. Se me chamasse de "soldado" de cabelo azul eu recusaria sua jaqueta.

— Soldado? *Non* — ele fez de conta que avaliava profundamente a questão — Um arquétipo muito masculino.

— É guerrilheira, não é?

— *Non*.

Camille encarou o rosto dele por alguns instantes.

— Soldado é convencional demais; apegado ao sistema; fadado a obedecer e cumprir ordens. Guerrilha vai contra o sistema — ela disse.

— É assim que você se define? Uma rebelde? Com causa ou sem causa? — provocou ele de novo.

— Ah, *mon ami*! Muuuitas causas. Claro que você não perderia seu tempo.

— Onde está seu comandante?

— No momento, sem comandantes. São chatos demais.

— Pois bem. Fale-me das causas pelas quais labuta. Gostaria de ficar mais encantado ainda.

— Bem, eu nunca queimei *soutien-gorges* em praça pública.

— Não imaginei que fizesse isso. Parece antiquado.

— Mas muito significativo, você há de convir. Também nunca saí pelada em manifestações.

Ele riu.

— Teria sido um bom show, *bella donna*.

— Mas muito vulgar. Você é italiano? Fala bem demais o francês.

Ethan pareceu levemente assustado.

— *Non*. Minha família é italiana, mas eu sou francês. Bem francês.

— Oh, está bem. Que mal haveria em ser italiano?

— Nenhum — ele encerrou.

As amigas dela ao redor dos dois mal o haviam notado. Ninguém deu muita atenção ao rapaz alto e simpático, já que ele parecia estar bem mais interessado em Camille. Ela, por sua vez, volta e

meia olhava dentro dos olhos dele mesmo sem querer e observava o movimento dos seus lábios.

Começaram a conversar ali mesmo, na calçada, encostados no muro da taverna. "*Le Puits*" tinha espaço na frente para acomodar muitas motos e pessoas na calçada. No centro da cidade, ficava numa rua repleta de barzinhos e havia bastante movimento. Dali era possível ouvir a música da banda local que se apresentava no andar superior da casa e que insistia no som de astros famosos como Elvis, Beatles e Rolling Stones.

Logo de saída Ethan gostou do papo da garota, do seu jeito; sua risada mexia com alguma coisa dentro dele. Foi embutindo um monte de perguntas no meio do bate-papo e ficava à espera do que ela diria; das suas ideias. Admirava mulheres idealistas, sonhadoras, batalhadoras. Ele não ficou simplesmente flertando, fazendo elogios idiotas e comentários de duplo sentido. Um olhar, um pequeno toque amistoso vinha de vez em

quando da parte de ambos, mas o ponto central era uma conversa com conteúdo.

Porquoi? Eles nem sabiam bem. Só havia aquela nítida sensação que não acontece com frequência: um mútuo e genuíno interesse que ficou pairando no ar.

Lá pelas tantas as amigas de Camille foram se despedindo. Apenas uma delas tinha carro, pelo que Ethan pôde depreender, e ao que parece todas estavam presas a um compromisso logo cedo no dia seguinte. Por isso houve uma súbita evasão. Ethan não prestou muita atenção nas meninas, queria apenas que Camille não fosse com elas. E ela não foi.

— *Eu* não tenho nenhum compromisso cedo — disse Camille animada, e acompanhou Ethan à parte interna do recinto, onde havia mesinhas mais aconchegantes.

O lugar era uma antiga catedral, agora reformada em parte. O nível superior ainda exibia os antigos

vitrais com temas sacros e atraía público jovem com a apresentação das bandas locais. O andar de baixo, onde ficaram Ethan e Camille, era originalmente o local das criptas, mas agora exibia um aquário enorme que se estendia por uma das paredes de pedra, luminárias em *neon*, mesas com luz de velas e música ao vivo. *Jazz*.

— Quer beber alguma coisa? — Ethan perguntou depois que se acomodaram.

— Na verdade estou com fome. Vamos comer?

Ethan riu da espontaneidade dela. E Camille, à vontade, riu de volta.

— Qual é a graça?

— Nada. Foi só o modo como disse isso. As moças que eu conheço comem que nem passarinhos, e raramente trocam o copo pelo prato.

— Eu sei. Você viu minhas amigas?

— Para mim pareciam ter todas fugido de um campo de concentração, mas evitei comentar para

não magoá-las — Ethan fazia graça toda hora. Ela estava gostando da graça dele.

— São modelos! Não deu pra notar? Por isso têm compromisso às seis da manhã.

Ele meneou a cabeça e não fez nenhum comentário. Não queria falar sobre as outras meninas.

— Hoje era pra ter sido uma noite especial, saímos para comemorar minha vitória. Eu também era modelo, mas me infernizavam por causa do peso. Desisti dessa vida estúpida apesar de minha mãe afirmar que é uma boa opção para mim. Na verdade não me serve. Não tenho o biótipo certo, nem o temperamento certo. As meninas que vão em frente gostam do *glamour*; trabalham duro, não reclamam, estão sempre de sorriso no rosto e absolutamente certas de que aquilo é a vida delas. Já eu não consigo me ver como modelo no futuro; sinto-me como carne na passarela. Nada *glamouroso*. Além disso, os compromissos

atrapalham meus estudos e dieta demais me deixa de mau humor. Não consigo manter as medidas. Afinal, não é normal passar fome o tempo todo, não é normal pesar 42 quilos.

— Queriam que tivesse quarenta e dois quilos?!

— Exagerei um pouquinho. Mas não era muito mais. De qualquer forma não vou mais ter que escutar do meu agente que meu quadril parece querer dar a volta na Lua e meu bumbum está prestes a explodir.

Ethan ficou atônito. Os olhos dele voltaram-se instantaneamente para os quadris dela. O bumbum estava meio encoberto, na cadeira. Ele riu:

— Achei que não tinha reparado direito, mas não há nada de errado com você. Pelo contrário.

Ela gesticulou com uma das mãos como quem diz: "eu sei disso". E continuou:

— Eu gostava do trabalho fotográfico, não da passarela. Mas pode ser uma faca de dois gumes. Tem dias em que flui. Eu sei que é assim com tudo

na vida, e as dificuldades existem. Num momento você está a mil, ou pelo menos pensa que está, e aí eles te dizem que aquele não é o clima, "que sua luz tem que brilhar de dentro". Daí você fica mais introspectiva, e então lá vem um "tente ser interessante", ou coisa do gênero.

Ethan observava o jeito como ela falava de forma rutilante sobre aquelas pequenas agruras.

— *Enfin*, depois de 53 fotos você tem aquele *insight*. É elogiada veementemente, falam como seu olhar de repente ficou estupendo, e como a energia da foto salta para fora; mas logo depois criticam sua roupa quando está indo para casa: "você não está parecendo uma modelo. Isso não é uma coisa que se 'tenta' ser, simplesmente você é". Ah! — ela bateu de leve com a mão na testa, um ar de indignação. E encerrou — Não pense que eu não sei lidar com críticas porque não é o caso. Só sei que essa não é a vida que eu quero.

— Está certa. Guarde as boas experiências e vá em frente.

— *Liberté*! *Allonz enfants de la patrie*! Oh, isso não é muito guerrilha, *n'est-ce pas*? Vamos pedir? É dia de comemorar, mas nenhuma das minhas amigas comeu comigo. Fizeram corpo duro o tempo todo para entrar. Acho que nós vamos ter que fazer isso juntos agora.

— *Avanti*, guerilheira azul. Estou emocionado agora que sei da quebra do seu jejum. É hora de partilhar uma refeição verdadeiramente decente! Eu entendo disso. Espere — e fez sinal para um *garçon*.

Camille observava suas maneiras quando Ethan pediu uma quantidade de pratos que davam para quatro. Talvez cinco. Ela sorria e não o recriminou, deixou-o esbanjar-se com o cardápio. Ethan era um *chic type*. Educado, bonito, engraçado. Com o sorriso mais lindo que ela já tinha visto. Interessante.

Camille gostava de testar a mentalidade das pessoas de forma geral, e quando queria conhecer melhor alguém, especialmente um rapaz, provocava-o com ideias, para ver se era obtuso ou não. Ethan mostrou-se formidável, com uma conversa ótima; era muito inteligente, sem deixar de ser divertido. Não ficava irritado pelos comentários feministas que ela disparava de propósito, nem se punha a discutir de forma interminável para provar que tinha razão. Dava suas opiniões com firmeza, sem medo de discordar, mas não levava tudo a ferro e fogo. Era gostoso conversar com ele. Diferente.

— Onde está seu amigo? — Camille perguntou depois que Ethan terminou o pedido. — Ele virá comer com a gente? Pelo tanto que você pediu...

— *Non, non*. Phillipe já foi. É um grande amigo de infância e está deprimido porque rompeu o noivado. Pela segunda vez.

— Com a mesma moça?

— *Non*. Com uma moça diferente. Ficou vagando a tarde toda a esmo, acabou vindo parar por aqui. Telefonou e pediu que eu viesse encontrá-lo. Conversamos um pouco, ele choramingou... é muito emotivo. Chora por qualquer coisa! Ia levá-lo em casa, mas ele notou que eu gostaria de ficar — olhou para Camille.

Ela gostou do comentário.

— Se você não ficasse eu terminaria em casa com uma tigela de frutas e queijo.

— Sua mãe acabou aceitando sua desistência da carreira de modelo? — ele retomou o fio da meada.

Camille deu de ombros.

— Digamos que ela ainda não sabe. Mas não faz mal.

— Que pretende fazer agora? — ele fez uma pausa — Não me diga que vai montar uma fundação.

— Que fundação?

— Um órgão destinado à luta contra a anorexia feminina, que implante as bases de um novo padrão de beleza. Que rompa os grilhões que mantêm mulheres presas à fome e à privação dos prazeres mais simples da vida. Comer ou morrer! O que acha?

— Interessante, mas não. — ela fingiu não notar a brincadeira. — Por hora vou deixar que as medidas da beleza continuem as mesmas. Mesmo porque já existe um escapezinho. Nunca ouviu falar das modelos *plus size*? Parece-me que você tem que ter algo entre 80 e 120 quilos, eu acho. Algo assim. *Chic, alors*!

— E você pretende se enquadrar nisso — ele a encarava zombeteiro.

— Não vamos exagerar, não vamos exagerar.

— Acho que eles não entendem nada de beleza, guerrilheira. — Ethan tocou os dedos de leve sobre os cabelos azuis dela.

Ela riu e puxou a cabeça de lado, fugindo dele.

— Hoje de tarde fiz meu último trabalho para a agência — continuou. — Então combinei com algumas meninas de virmos até aqui, já que não vou mais encontrá-las com tanta frequência, e disse que engordaria um quilo nesta noite. Pelo visto é você quem vai assistir um momento totalmente verdadeiro de autoliberação.

— Eu não perderia isso por nada. Vai valer a pena. E o que você vai fazer, já que não pensa na fundação? — insistiu ele.

— Começo a faculdade de *Beaux Arts* no outono. Artes Plásticas. Adoro pintura! Desde que me conheço por gente eu pinto e pinto e pinto! Meu pai vai ajudar com as despesas.

— Oh, isso é muito bom! Uma escolha promissora. Bela escolha. Não é um teste fácil entrar lá.

Camille falou e falou. Contou sobre a prova de conhecimentos gerais, o psicotécnico e a prova específica para a área. Depois falou sobre o trabalho

que apresentou para a banca durante a prova oral, uma pintura em estilo cubista que ela considerava muito especial. Um desenho da casa em que fora criada quando pequena.

Ethan ouviu demonstrando curiosidade. Só que, com o passar do tempo, Camille já não estava tão a fim de falar sobre ela mesma.

— Você vê como eu falo muito? — ela disse num arroubo de franqueza.

— Você tem bastante coisa a dizer. É diferente.

— Tenho me policiado. Acho que quem entra nessa coisa de indústria da beleza, se não tomar cuidado acaba arrogante, egocêntrico, achando que o mundo gira em torno dele. Quando você vê todo mundo se achando, acaba fazendo igual. Não quero falar mal de nada nem de ninguém, mas estava me sentindo no meio de uma fogueira de vaidades perigosa. Corria o risco de me tornar tola, fútil e vazia. É o lado negro da beleza. Por isso quero

agora me encher de conhecimento e cultura na faculdade.

— Não é mal você falar de si. Você é sincera, aberta, espontânea. É um talento. Por outro lado, é um talento também dar a verdadeira atenção que os outros merecem, fazê-los se sentir à vontade em sua companhia.

— Vamos treinar isso. Fale um pouco de você, Ethan.

E foi a vez de Camille ouvir e fazer perguntas. Estava interessada nele. Ethan de repente tornou-se aquela pessoa que se encontra ao acaso e que vale a pena ir adiante. Quando a refeição chegou, exalando um aroma delicioso, inebriou os sentidos de Camille. Camille se inclinou para frente diante dos vários pratos, as mãos postadas no colo.

— *Oh La La*!

Ethan não estava menos satisfeito.

Tilápia frita, especialidade da casa. Filé mignon com molho de queijo, batatas assadas com ervas,

ervilhas tortas e cenouras no azeite. Risoto ao *funghi*. Cordeiro grelhado. Uma salada gigantesca. *Crouttons* com *rouille*, *tapenade* e pão quentinho. O *garçon* não demonstrou se estranhava ou não tamanha quantidade de comida para um casal. Serviu o vinho excelente de Bordeaux e Ethan dispensou-o, agradecendo. Ergueu sua taça sorrindo com os olhos para a acompanhante.

— *Liberátion*! — ele brindou.

— A ela! — veio Camille em resposta.

Comeram em meio ao barulho da taverna, cheia de conversas e música, com apetite, apreciando cada prato e a companhia um do outro, conversando animadamente e rindo muito. O vinho esquentou-lhes os corpos e as almas. A *bavardage* adentrou a madrugada e eles falaram sobre tudo, desde futilidades, cinema, planos para o futuro, estudo e trabalho, até filosofias de vida. Ethan somente declinava sutilmente quando o tema "família" aparecia na conversa. Era cedo para falar

sobre o que ele considerara suas “mazelas”. Também não foi muito específico quanto à sua área de trabalho.

— Sou publicitário. Acabei minha pós-graduação e trabalho com meu *Nonno*.

Engrenou mais no tema da pós do que no fato de ser diretor-geral da *Logos*. Preferia despertar interesse nela por sua pessoa, independente de posição profissional, social ou financeira.

Na hora da sobremesa, Camille já quase não aguentava comer mais nada.

— Estou satisfeitíssima, Ethan. *Merci*.

— *Non, non*. Você não pode capitular agora — objetou Ethan. — Tem que fazer a refeição completa.

Ela suspirou, divertindo-se.

— Acha que já engordou um quilo? — ele tamborilou sobre a mesa, como se estivesse indignado.

— Não tenho certeza. Hum. Vou verificar! — ela brincou.

Pediu licença e foi à *toilette*. Voltou com o cabelo mais arrepiado do que antes, ligeiramente úmido, e com um retoque do gloss. Ethan admirou mais uma vez a beleza exótica. Camille se sentou e comentou:

— Ainda não deu um quilo. Podemos esperar um pouco antes de pedir?

— *Claro, ragazza*. Podemos esperar — ele olhou o cabelo azul. — Gosto dessa cor em você, sabia? — ele disse de repente. — Seu agente permitia uma coisa dessas? Tão... irreverente?

— Oh, isso. Eu também gostei. Fiz hoje de tarde, depois que saí do compromisso. Podemos usar cabelo colorido desde que seja um simples aplique. Eu cometi um assassinato capilar — ela riu seu riso solto, gostoso — Queria que ele me visse agora!

— Como era seu cabelo antes?

— Como o das meninas. Comprido. Sem cor.

— Sem cor?

— Sem tintura, luzes, mechas, coisas assim. Natural.

— Sua mãe já viu você assim? — o tom de voz era de quem fazia graça novamente.

— Ainda não. Ela não tinha chegado quando saí.

Ethan ficou surpreso de verdade. Ficou achando que alguém ia escutar umas poucas e boas.

— *Chic, alors*. Corajosa você, guerrilheira. Pelo que eu sei as mulheres têm uma certa... — ele procurava a palavra adequada. Não encontrou. — uma certa "coisa" com essa história de cabelo. Uma coisa meio sagrada ou mística, que em suma, resultam em uma tonalidade loura.

— *Oui*. Mas eu rompi essa barreira.

— Por que fez isso?

— Você sabe. Eu precisava. Tinha que ser uma coisa sem volta. E sempre quis experimentar uma cor assim.

Eles ficaram bebericando vinho durante um bom tempo antes de pedir o cardápio novamente. Camille estava adorando a pessoa totalmente inesperada que aquela noite lhe trouxera de presente, o jovem cativante e gentil que estava à sua frente. Acreditava que o homem que tem uma autoimagem realmente confiante não precisa temer uma mulher culta e empreendedora. Ao contrário. Eles têm mais chance de dar certo. Não existe relacionamento sem diálogo, sem que um compreenda e aceite a mente e o coração do outro, sem que um ceda de vez em quando em favor do outro.

A sobremesa chegou, fascinando os olhos de Camille.

— *Mon Dieu*, que pecado!

Profiterolis com sorvete, bolo de chocolate e amêndoas com cobertura de amoras e calda, *apple strudel*. A noite se aproximava do final. Só que os dois a prolongavam ao máximo, saboreando os

doces aos pouquinhos. Ethan pagou a conta e eles saíram lado a lado, ainda rindo de qualquer coisa. Fora, uma neblina fina os aguardava. Ethan teria gostado de levar Camille de volta até sua casa, mas a moto estava lá, à espera da garota.

— Bonita — fez Ethan olhando para a moça.

— Quem? — brincou Camille.

— As duas.

Ele se inclinou e a beijou. Ela correspondeu. Um beijo suave, só com o toque de lábios quentes no frio da noite. *Une drague*. Ela sentiu as mãos dele por dentro da jaqueta que ainda usava, pousadas em sua cintura num aperto leve. Sua cabeça rodou e uma sensação quente e ondulante percorreu seu corpo. Relutou ao sentir aquela ponta de desejo, mas não estava raciocinando bem.

— *Non* — disse Ethan, endireitando-se.

— *Non*?... — Camille ficou surpresa.

— Você não deve ir dirigindo sozinha. Bebeu muito vinho. Eu seria um irresponsável se fizesse

isso com você.

Era a primeira das infinitas vezes em que ele se preocuparia com o bem-estar dela.

— Deixe de bobagem — ela ainda sentia as mãos dele dentro do casaco. Não desejava se desvencilhar. Queria que ele a beijasse mais, porém viu-se arrastada para dentro de "*Le Puits*" novamente.

Não reagiu quando ele fez uso do celular e convocou um tal Laurence para encontrá-los ali o quanto antes. Depois ele pediu dois cafés.

— Que está fazendo? A noite foi perfeita, e eu posso... quer dizer, não quis dizer perfeita, exatamente, afinal nem nos conhecemos direito, contudo...

— Foi perfeita — ele a interrompeu com aquele sorriso encantador. Passou os dedos nos cabelos dela. Dessa vez Camille não se esquivou, mas deixou-se mergulhar para dentro dos olhos dele.

Ele retornou o olhar em silêncio. Depois continuou:

— Pretendo encontrar você novamente por isso vou garantir que chegue bem em casa hoje. Não seria nada apropriado de minha parte deixar você ir embora assim. O *choffeur* do meu *Nonno* logo estará aqui e vai levar sua *Harley*. Eu e você poderíamos ir de táxi já, mas não quero que pense que vou roubar sua moto. Laurence chega em quinze minutos e nos acompanha até sua casa. Depois ele cuida do meu carro.

— Hum. Esse Laurence deve estar agora comemorando num regozijo danado. Ser chutado da cama a essa hora.

— Faz parte. Não acontece sempre.

— Eu moro pertinho. Umas travessas aí pra baixo.

— Não se preocupe.

Camille sorveu seu café. Colocou a mão no braço dele.

— *Merci*, Ethan. Você é uma graça.

Ele ficou vermelho com o elogio.

— Você talvez devesse avisar em casa. Ou não? — a pergunta boba escapou.

Em resposta ela bateu no bolso lateral da calça.

— Ninguém ligou. Está tudo bem. Meu pai confia em mim.

— Hum — de repente ele se enterneceu. As mulheres de sua família eram tão cerceadas, era injusto. Mas Camille não recebia um telefonema para saberem se estava salva às quatro e meia da manhã. Que pai permitiria aquilo? — Ora, você não fez nada de errado, afinal. Bebeu vinho em companhia de um adulto.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— O que quer dizer?

— Você não pode beber sozinha — ele caçoou.

Camille ia responder, a boca aberta procurando a frase certa, mas deixou passar. Não ter a idade certa não queria dizer que não fosse adulta.

— Em outubro completo dezoito.

Ethan meneou a cabeça:

— Essa moto é mesmo sua?

— Claro que não. É do meu irmão.

— Ele a deixa com você, assim?

— Ele está passando o fim de semana com amigos, foi de carona.

— Pior ainda. Camille, você roubou a moto? — ele ria, evitando ao máximo ser paternal demais.

— *Mais non*! De vez em quando ele me empresta.

— É melhor mesmo que eu a deixe em casa. E se você cair da moto e estragar minha jaqueta?

Ethan já tinha decidido tudo e Camille, por mais senhora de si que fosse, estava ainda com o gosto do beijo dele na boca, nem o café conseguia apagar. Não discutiu. Algo assim nunca tinha acontecido antes.

No pequeno *hall* deserto do prédio de apartamentos onde morava a família dela, com a

porta do elevador aberta, Camille voltou-se para ele e Ethan a beijou de novo, desta vez sem interrupções e com mais vontade.

Eles se encontrariam muitas e muitas vezes. Estavam conectados.

***

Camille entrou no banheiro da suíte cantarolando. Abriu as torneiras e enquanto esperava a banheira encher passou o costumeiro creme esfoliante nos pés e nas pernas.

No andar de baixo Ethan tinha posto água para ferver a fim de cozinhar *la pasta* e deixou passar um bom tempo para que a esposa pudesse banhar-se com calma. Folheava *Le Journal* sentado na bancada da cozinha, esfregando o pé descalço num dos gatos. O gato, que recebeu o nome de Morango, — sem raça definida — tinha sido adotado ao ser flagrado ainda filhotinho, miando na garagem tristemente em meio ao frio do último outono.

Camille o pôs para dentro depois de largar seu trabalho em andamento no *atelier* e sair à procura do lúgubre miado que ela tinha escutado lá de cima. Ethan não questionou. Já tinham três bichanos, um quarto não faria diferença.

Assim o felino amarelinho e branco passou a fazer parte da família também e revelou-se o mais carente de todos; ele andava pela casa miando alto, fazendo ruidinhos simpáticos e roçando nas pernas dos donos atrás de coçadas nas orelhas. Foi alimentado insistentemente até ficar forte e gorducho como os outros. Ali, aos pés de Ethan, ele rolava de um lado para outro ao sabor do coça-coça na barriga.

— Você aproveita a vida, Morango.

Quando Ethan escutou o ruído de secador de cabelos abafado no andar de cima, o que revelava o término do banho, levantou e colocou o macarrão para cozinhar. Eles sempre tinham massas frescas em casa e *madame* Verdoux deixara o molho de

tomates frescos pronto. Depois de cozido, escorreu o *fettuccine*, colocou o molho e espalhou em cima mussarela de búfala em pedacinhos com bastante manjericão colhido na pequena horta do quintal dos fundos. Numa travessa de cerâmica jogou folhas de rúcula, alface e agrião já lavados com tomatinhos cereja. Acrescentou um tempero simples, somente azeite, aceto balsâmico, sal. Colocou tudo na bancada, acendendo logo a luminária de peixinhos coloridos que Camille gostava, dando uma luminosidade gostosa para o dia a dia à mesa.

Ela desceu de *penhoir* vermelho com motivos chineses. O cabelo comprido estava solto, um pouco molhado ainda, mas já formando cachos grossos. Um aroma fresco de óleo de banho invadiu o ar, delicado, suave, mas estimulou os sentidos de Ethan mais do que o cheiro de comida. Bom.

Ele se aproximou e abraçou a esposa, mergulhando o rosto nos seus cabelos.

— *Pupa*. Te amo.

Sem salto ela ficava pequenininha. Uma bonequinha linda. Apesar de seus 1,67 de altura, agora Camille não podia contemplá-lo olho-no-olho como acontecia quando estava calçada. Isso porque ela raramente dispensava um saltinho. Ou saltão. De preferência com meia-pata. Sapatilhas, de vez em quando. Sandália rasteira só na praia. Tênis, para malhar e no mercado de pulgas.

Camille sorriu para o marido:

— Estou bem melhor agora. Como se nada tivesse acontecido. Ainda bem. Que frescura essa história de desmaiar.

— Então sente. Tá pronto. *La specialitá* italiana.

— E com um cheiro ótimo, como de costume! Parabéns, *chef*!

Sentados na bancada da cozinha, conversaram e trocaram figurinhas sobre o dia um do outro, deixando de lado o episódio desagradável da academia. Camille não pensou em dieta, afinal, e

comeu macarrão com vontade, mas não sem antes encher o prato de folhas e tomatinhos. Terminou a refeição com um pequeno mamão cheio de granola, engolindo tudo sem culpa.

Ethan olhava. Sempre gostou do apetite dela e das curvas que ele proporcionava.

Camille preparou a *thé* que o marido não dispensava depois das refeições. De vez em quando tomavam um cálice de Porto, mas evitaram naquela noite por conta dos analgésicos receitados para Camille. Durante a *thé,* Morango deu um pulo e subiu na bancada ao lado da travessa do macarrão.

— Não exagera — Ethan empurrou o gato para o chão com suavidade.

Camille tirou a louça suja da bancada e largou na pia; Ethan levantou e pôs as canecas decoradas ao lado da louça. Em seguida os dois sorriram um para o outro e, sem palavras, se abraçaram, encostando face com face.

— Não vivo sem você — ela murmurou.

***

No final de semana seguinte Camille e Ethan tinham um bom programa. O amigo de infância de Ethan, Phillipe, e sua nova noiva, Alexandra, haviam convidado vários casais para comemorar o aniversário de trinta e três anos dele num lugar à altura. Foram todos ao "*Bourbon Club*", uma casa de dança de salão. Era das mais tradicionais, com as costumeiras regras de etiqueta bem à vista de todos na entrada e veteranos com estilo sempre presentes. A pista era espaçosa, toda iluminada no rodapé com luzes coloridas e cercada pelas mesas. As paredes exibiam quadros de casais dançando, caracterizados pela indumentária e pelo estilo. No palco apresentava-se a banda. O clima da casa era excelente, muito animado e familiar ao mesmo tempo.

Naturalmente havia locais para baladas mais ousadas na cidade, verdadeiras *folies*; mas esse era o

tipo de programa que Ethan e Camille já não gostavam mais. Casados há seis anos, os dois preferiam não assistir mulheres mostrando os peitos e se beijando em frenesi, dançando em cima da mesa. Os outros casais de amigos estavam mais ou menos na mesma atmosfera. Os que insistiam em bebedeiras copiosas e excessos foram se separando aos poucos, já que os programas não combinavam. De uns poucos anos para cá havia da parte de Camille e Ethan uma propensão maior para noitadas mais sensatas, embora não menos divertidas. Camille ficava engraçada quando estava bêbada, especialmente se as amigas estivessem na mesma condição. Ethan e Phillipe abriam um arsenal de piadas idiotas e quase sempre faziam o grupo chorar de rir.

Sair para dançar era um programa que ela dificilmente trocaria por outro, apesar de Ethan não ser nenhum pé de valsa. Ele não desgostava das boates e clubes, geralmente preferia um bom

restaurante, de ambiente acolhedor, com música ao vivo, comida excelente, onde um grupo animado pode passar a noite numa *bavardage* regada a drinques e muita risada. De preferência após um espetáculo no *Grand Théâtre*, seu preferido, um local erguido em 15 a.C. e com capacidade para acomodar trinta mil espectadores.

Entretanto, não seria naquela noite. Era noite de festejar mais um ano da vida de seu amigo, e nada mais festivo que dançar. Ainda mais porque a fossa tinha passado e a noiva estava esquecida; quem sabe desta vez, enfim, Alexandra tivesse vindo para ficar. Então de bom grado Ethan se arrumou com um sapato confortável, trocou os óculos por lentes de contato e deixou Camille escolher sua camisa.

— Adoro você com a amarela — dizia ela remexendo no *closet* dele com mãos ágeis. — Era uma camisa inglesa Thomas Mason, de tecido de algodão muito leve. Tratava-se de uma fibra de algodão produzida no Caribe, em escala

limitadíssima, e depois transformada em tecido na Inglaterra. Junto com o terno de lã fria cinza *moon*, o visual era absolutamente sofisticado.

— A lã fria refresca no calor e aquece no frio, e como é muito fina e macia torna-se fácil de costurar. Por isso esses ternos têm tão bom caimento. Além disso — explicou Camille ao marido quando o ajudou a comprar aquele terno — a lã fria tem ampla gama de tingimento.

O terno foi escolha dela, que na ocasião procurava algo para um "homem de personalidade".

Ethan estava BCBG[1] de uma elegância discreta e tradicional.

— *Très chic*, *très*! — Camille aprovou.

Quanto a ela, usava um vestido em tons de violeta e lilás, barra de renda larga e decote nas costas. Ethan gostava do vestido porque era romântico e sensual ao mesmo tempo. Uma ninfa.

Camille queria agradar. Nem sempre ela se vestiu bem; a convivência com Ethan e a faculdade de Moda, Université de La *Mode*, tinham feito milagres, transformando a garota nada a ver — que no segundo encontro tinha usado um *jeans* tão rasgado que fazia jus à fila da sopa — em uma linda mulher. Tipo uma Audrey Hepburn em "*My fair Lady*", ou Julia Roberts em "*Pretty Woman*", se preferirmos uma versão mais contemporânea. Mesmo que Camille sempre usasse as coisas a seu modo. Um detalhe, um acessório, uma novidade faz a diferença. Ela nunca se conformaria em ser igual a todo mundo. Agora era uma rebelde elegante, se é que se pode dizer isso: uma mulher linda que chamava atenção naturalmente.

Ela cantava para si mesma, de bom humor, com o aparelho de som do quarto ligado.

O vestido fazia contraste com a pele branca, realçava os olhos verdes de gata agora levemente esfumaçados pela *ombre à paupières*. Camille não

gostava de muita maquiagem, nem Ethan, mas sempre realçava os olhos. E se lhe perguntassem qual sua maior beleza, ela responderia incontinenti: “minhas sobrancelhas e meus cílios”.

Ela era uma daquelas felizardas que têm as sobrancelhas perfeitamente inclinadas no ângulo proposto pelos padrões de beleza, e eram mais escuras do que os cabelos, definidas; e os cílios compridos, de boneca, só com rímel preto já deixavam o olhar digno de nota. E ser notado.

Ethan chegou perto dela envolvendo-a com os braços, aspirando seu perfume. Usou o velho clichê, ainda que nas palavras e no tom de voz dele não soasse como clichê:

— Você está *mais* linda, *mais* charmosa, *mais* sexy do que quando te conheci, *amore*.

Ela permitiu-se um pequeno amasso. Unzinho só, para não se desarrumar.

Por fim eles estavam prontos. Camille foi até a cozinha checar se tinha ração no prato dos gatos,

antes de saírem. O almofadão da *Pet World* agora exibia o tecido completamente limpo, sem patas de lama. Os quatro bichanos estavam espalhados pela sala, acomodados em sofás e almofadas.

— *À bientôt*, se comportem! Nada de brigar na rua — disse Camille deixando a luz de um *abat-jour* acesa.

Ethan acendeu as luzes da piscina, no jardim de trás, e parte das luzes da cozinha. Era gostoso voltar para casa depois, tarde da noite, e vê-la suavemente iluminada. Dava uma sensação boa de aconchego e prazer por estarem chegando.

— *Allez*?

De mãos dadas eles saíram pela porta principal. Ethan tirou a *pick-up* da garagem e Camille se acomodou no banco do carona com a bolsinha de noite cheia de lantejoulas no colo. O carro desceu a alameda onde se situava a casa deles e virou à direita, contornando o lago. Atravessaram mais um pequeno labirinto de ruas não muito largas, cheias

de árvores e muito espaço verde, e deram no jardim principal do condomínio, de paisagismo impecável. O carro passou pela catraca eletrônica por meio de um cartão personalizado, saindo para a avenida que os levaria até a cidade. Eram nove e meia da noite.

***

O programa acabou não sendo exatamente como eles imaginavam. No começo tudo ia bem. Abraços, beijos, cumprimentos, falatórios, risos. Pediram bebidas e petiscos, começaram a dançar. Phillipe estava todo arrumado com uma camisa de nuance azul, diferente, e a novata Alexandra exibia uma saia-lápis curta demais. Lá pelas onze, já com os cabelos presos no alto da cabeça por conta do suor na nuca, Camille viu tudo escuro de novo. Foi durante um giro. Sem o apoio do marido, sentiu o ambiente dar mais voltas do que ela. Cambaleou para trás, ao mesmo tempo em que soltava a mão de Ethan sem querer. Acabou amparada por um

rapaz desconhecido que dançava atrás dela, já que foi em cima dele que ela caiu.

Camille não chegou a desmaiar de verdade como na academia, mas foi quase. Tudo que pôde perceber foram os braços de alguém escorando seu corpo, mas logo em seguida sentiu outro par de mãos que a seguraram com força. Vislumbrou o rosto de Ethan na penumbra do *Bourbon*, e ouviu ele se desculpar: "*pardon, monsieur*".

Sentiu-se carregada, sem saber para onde. Aí, de repente já estava sentada no colo de Ethan, na mesa deles. Sentia os lábios formigando, o suor frio e pegajoso, o coração martelando nas têmporas; além de súbitas e fortes náuseas. Ethan a abraçava e passava a mão em seu rosto, chamando-a pelo nome.

Cercada pelos amigos, ouvindo as vozes deles sem conseguir discernir direito o que acontecia, o ambiente parecia meio enevoado e não era por causa da penumbra. Alguém chamou um

segurança do clube que veio ver o que acontecia. Levou Camille, Ethan e Alexandra — que insistiu em acompanhá-los, por conta de Phillipe não poder deixar seus convidados — para uma sala privativa. Ali, sentada num sofá, recostada no ombro de Ethan e escutando a música alta que vinha do salão, Camille terminou de se recuperar do semidesmaio. Bebeu Coca-Cola que tiraram de um frigobar. Alexandra sugeriu que ela comesse algo forte, o que Camille recusou terminantemente.

— Estou melhor, mas continuo enjoada. Não consigo comer nada — de súbito ela inspirou mais forte, assumindo ar de interrogação. — Esquisito, mas parece que tem um cheiro estranho aqui dentro, alguma espécie de essência. *Je ne sais pas* — disse Camille. — Vocês não estão sentindo? Algo meio enjoativo?

Os outros inspiraram.

— Não sinto coisa alguma.

— Nem eu.

Camille continuava com o cheiro no nariz, mas não comentou mais nada, em parte pela presença do cortês senhor que a assistia na sala. Não queria que pensasse que ela estava criticando qualquer coisa. Mesmo assim o odor continuava ao seu redor, um odor que lembrava almíscar. Forte. Pesado. Denso. Depois, sumiu. E Camille sentiu-se melhor.

— *Merci beaucoup, monsieur* — agradeceu Ethan.

— Gostariam que eu lhes preparasse um táxi? — indagou o homem. — Talvez queiram ir ao pronto-socorro.

Camille olhou para Ethan com ar de clemência.

— *Non*. Estou melhor.

— Ainda acho que você deve comer alguma coisa — insistia Alexandra, ajeitando furiosamente a saia, assim que voltaram para a mesa. — Vamos pedir alguma coisa que não sejam esses salgadinhos.

— Não quero. Estou bem. Eu comi os salgadinhos.

— Tem certeza? Quer algo mais leve, então? Uma salada de frutas? — sugeriu Ethan.

Camille concordou a contragosto. Quando chegou o pedido ela ingeriu um pouquinho sem vontade, cuidadosa. E logo já parecia que tinha comido um boi. O enjoo diminuiu, mas ela continuava sentindo o estômago estranho, com uma sensação indefinida. Uma dor de cabeça resolveu atormentá-la, e parecia piorar cada vez mais. Perdia a chance de bebericar mais dos coquetéis doces feitos com destilados e frutas, que adorava.

Os amigos se revezavam à volta deles enquanto Camille remexia a salada de frutas e sorria, não querendo preocupar ninguém ou estragar a festa.

O cheiro enjoativo de almíscar parecia ainda pior ali. Vinha em ondas, quase desaparecendo e depois

intensificando. Como não sentira aquilo antes? E por que os demais não estavam incomodados?

Por fim, a preocupação de Ethan com o seu estado convenceu-a a ir embora. Realmente ela não estava muito bem. Desculparam-se com Phillipe e Alexandra, se despediram dos amigos e saíram.

— Quer que eu os acompanhe? — perguntou Phillipe.

— De modo algum, *amigo mio*. Aproveite seu aniversário. Amanhã nos falamos.

Foi bom voltar para casa. Ethan fez *une thé* acompanhado de torradas para Camille. Não podia tomar analgésicos para dor de cabeça com o estômago vazio.

— Não estou de estômago vazio. Estou enjoada de novo... — ela murmurou.

— Tente tomar a *thé* devagar.

Apesar do cuidado do marido ela vomitou. Remédio, torradas, *thé*. Bebidas. Frutas. Por sorte conseguiu correr ao lavabo da sala de visitas, ali ao

lado. Ethan correu atrás e conseguiu segurar os cabelos dela que caíam sobre o assento sanitário. Ethan estava agora mais preocupado do que antes, embora tudo sugerisse apenas um mal estar estomacal.

"Mas e o desmaio de antes?", ele se perguntava. "Outra vez?"

— Temos antiemético aqui — ele remexia rapidamente na gaveta da cozinha enquanto ela lavava a boca e o rosto no lavabo. — Pode melhorar o seu enjoo e os vômitos — olhou para ela — Ou você prefere dar um pulo no pronto-socorro?

— Não me fale em pronto-socorro.

Desapontado, Ethan preparou uma dose de antiemético para Camille. Meia hora depois ela se sentia melhor, até a dor de cabeça estava mais amena. Os dois ficaram assistindo televisão no quarto, abraçados, na companhia de Morango e Penélope, a gata preta. Ethan colocou no noticiário da noite e ficou acariciando os cabelos de Camille,

que estava sonolenta. Ela ouvia as batidas do coração dele e nada do que o repórter dizia. Logo estava ressonando; Ethan acomodou-a melhor na cama depois de desligar a TV. Deixou a luz do *hall* no final do corredor acesa e a porta do quarto entreaberta, só por precaução.

***

Ele desceu para comer um sanduíche e tomar um copo de leite. Estava com fome. Os outros dois bichanos — Jojoba e Maxi — já estavam acomodados no almofadão da cozinha, então Ethan fechou a janela que lhes dava livre acesso para o quintal. Sentado na bancada ele comeu vagarosamente.

"Por que será que Camille anda desmaiando? Duas vezes na mesma semana", ele se indagava, preocupado.

Em meio ao silêncio absoluto da noite seus temores pareciam maiores. Divagava imaginando-

se sem Camille. Que sentido teria a vida? Seu trabalho, a casa, o futuro? Ele só contemplava fazer planos se fosse ao lado dela. Caminhou até a sala, ainda insone. Olhou ao redor. Tentou se convencer de que nada estava errado.

Mexido por dentro em decorrência das recordações que lhe traziam alguns dos móveis e objetos da casa, ele resolveu dar uma olhada em um projeto que estava em andamento para a próxima campanha publicitária. Melhor tentar distrair a cabeça com outra coisa. Entrou no escritório pequeno, só para dar de cara com mais uma das aquisições especiais de ambos.

Na parede acima da escrivaninha estava uma réplica de uma espada samurai legítima. Ethan tinha uma particular queda por relíquias orientais, e foi numa viagem de negócios ao Japão que ele descobriu por acaso um artífice que fazia aquele tipo incrível de arte. Conversando com a esposa pelo telefone, ainda na dúvida se devia ou não

encomendar uma espada, lembrou dos incentivos de Camille. O preço era salgado, mas Ethan tinha ficado maravilhado com a possibilidade de adquirir a espada.

A peça levava seis meses para ser feita. Ethan e Camille se programaram para passar duas semanas no Japão na época das férias, quando trouxeram para casa a *Takana* cuja lâmina era a mais afiada do planeta.

Ethan suspirou. Embora não fosse de seu feitio, rezou uma prece em favor da esposa. Depois, mergulhou no trabalho.

***

No andar de cima, Camille sentia frio. Estava toda encolhida embaixo do edredom. De chofre, sentiu-se desperta. De onde vinha a corrente de ar tão frio? Parecia soprar diretamente no seu pescoço. Abriu os olhos e viu o vulto passar rápido pela porta do quarto. Olhando contra a luz, chamou:

— Ethan?...

Silêncio.

Camille chamou de novo.

— Ethan.

Ficou ensimesmada. Levantou e foi olhar o corredor fracamente iluminado.

“Acho que foi só impressão. Estou sonada.”

Desejando não pensar naquilo, sentiu seu corpo estremecer e os pelos da nuca eriçarem. Com os olhos abertos e as orelhas em pé, Morango, que ainda estava deitado perto dela, também parecia bem alerta. Camille, trêmula, pegou mais um cobertor e o jogou por cima do edredom. Parecia estar excepcionalmente frio. Talvez fosse apenas resultado do mal estar de antes.

Ela ficou de olhos abertos um tempo, lutando contra a sensação de ter visto alguma coisa. Mas não havia nada. Por fim, adormeceu.

No andar de baixo Ethan continuava sentado diante da escrivaninha, imerso em seu trabalho.

1 É uma abreviação do francês Bon Chic Bon Genre que significa chic e conservador.

3

Le Camino de Santiago

França — novembro do ano anterior

Quem realmente se excedeu foi Tibério. Ele acreditava nos milagres desde a infância e podia-se dizer que fora agraciado muitas vezes pelos santos. Dava muito crédito aos rituais religiosos, às peregrinações, às petições acompanhadas de promessas, aos sacrifícios.

Aquela era uma ocasião especial porque Tibério desejava algo de muito valor. Não era uma bênção

para ele, contudo, e a disposição de agraciar a terceiros provavelmente aumentava o valor do seu sacrifício.

Era o momento, por algum motivo ele sabia disso. Era o momento de ir. Já vinha pensando há um tempo naquela empreitada, mas agora se fazia urgente. Não comentou nada com praticamente ninguém, excetuando seu velho amigo Charles Roubini, que era sacerdote. Tibério falou da sensação insistente que o inquietava e impulsionava ao mesmo tempo; algo forte, que não se dissipava, antes tomava corpo, forma, peso. Como uma gestação.

Charles ouviu com muito interesse e percepção. Eles se conheciam há mais de trinta anos. Mesmo não tendo seguido a carreira clerical, como cogitara certa altura quando ainda jovem, Tibério partilhava com Charles a maior parte da visão e das crenças da Igreja. A amizade deles nunca esmoreceu mesmo tendo a vida os enviado a lugares diferentes.

— Sinto que preciso fazer isso agora, Charles. Urge no meu coração. Não me vi programando isso, simplesmente aconteceu; a ideia surgiu e não me deixou mais. É preciso que alguém busque alcançar essa dádiva no lugar deles. Ela virá. Eu creio tanto nisso, Charles, como creio que o sol vai nascer amanhã. Não vou pagar nenhuma promessa. Vou percorrer o Caminho de Santiago em atitude de devoção, de agradecimento.

— Suas motivações parecem-me profundamente dignas, *mon frère*. Essa é a fé da qual Deus se agrada: a certeza das coisas que não se veem, das coisas que se esperam. Você tem a minha bênção, Tibério. Geralmente, mesmo em se tratando de fé, as pessoas barganham: "*Se* Deus me der isso, *então* eu farei aquilo". Você tem uma diretriz digna.

— Estou me oferecendo a *saint* Thiago e dispondo-me a percorrer o Caminho antes que a benevolência de Deus atinja a pessoa que amo, e por quem peço.

— Dispões de tempo hábil?

— *Oui*. Usarei férias acumuladas.

— E sua família?

— Entenderá.

— E quanto ao treinamento? Você ainda faz caminhadas, como nos velhos tempos?

— Corro e caminho. Contudo, depois que me informei claramente sobre as dificuldades, percebi que o mais adequado era caminhar carregando o peso da mochila. Aos poucos. Ir aumentando o peso e a distância progressivamente, pois assim, realizando uma preparação bem feita, posso desfrutar melhor do muito que a peregrinação tem a oferecer. Devo inclusive treinar utilizando diferentes tipos de pisos, pois no Caminho se anda por todo tipo de terreno. O asfalto e o cascalho são os piores tipos de terreno para um caminhante.

Charles era um bom consultor. Tinha colegas, sacerdotes como ele, que já haviam realizado aquela peregrinação.

— Você está fazendo muito bem — afirmou Charles. — A filosofia do Caminho, seus aspectos espirituais, culturais e belezas naturais não devem deixar de ser aproveitados por motivos de cansaço, falta de informação ou problemas físicos. Percorrer o Caminho de Santiago não é fazer montanhismo, ainda que este tipo de experiência possa ajudar.

— É preciso racionar o que se carrega, mas próximo ao dia da partida, quando já houver adquirido todo o meu equipamento, realizarei caminhadas com a mochila totalmente carregada. Com tudo aquilo que considero imprescindível levar.

— Talvez o imprescindível não seja mais tão imprescindível quando você tiver a dura noção do peso — o sacerdote Roubini sorriu. — Pretende percorrer o Caminho Francês?

— Eu gostaria muito. É o itinerário mais famoso, o que absorve a maioria dos caminhos vindos da

Europa e se chega a Santiago pelo nordeste da Espanha.

— *Oui, oui*. Vem a partir de Saint Jean Pied de Port e entra na Espanha por Roncesvalles, no sopé dos Pirineus. De lá se segue numa jornada por cerca de 800 quilômetros até Compostela.

— Eu levaria... não tenho como precisar ao certo, mas não levaria menos que dois meses para concluir o trajeto. E como o farei durante o inverno, talvez um pouco mais.

— É uma jornada e tanto, *ami*. Uma jornada e tanto. Você será mais um dos chamados "Peregrinos". Gosto muito desta palavra; deriva do latim, *Per Aegros*, "aquele que atravessa os campos". É um bonito simbolismo também sobre a nossa passagem pela vida. Os peregrinos têm como seu símbolo uma concha, a Vieira. Na Espanha é chamada localmente por *venera*, costume que já vinha do tempo em que os povos ancestrais peregrinavam a Finisterra[2].

— O que é exatamente a Vieira? — quis saber Tibério.

— É uma credencial do peregrino, um documento de identificação dos que se dirigem a Santiago de Compostela, a pé, de bicicleta ou a cavalo, com sentido cristão. Mesmo que só em atitude de busca. Na prática, a credencial tem duas finalidades: permitir acesso aos albergues oficiais do Caminho, e comprovar, à chegada a Santiago, que realmente se percorreu o Caminho de modo a obter a Compostela. Para isso, durante o trajeto devem ser recolhidos carimbos dos albergues onde se pernoita, ou de outros locais por onde se passe. Há muitos restaurantes que carimbam a credencial.

— *Fantastique*!

— Como eu já disse, é uma jornada e tanto.

— Antes de pesquisar mais a fundo eu não tinha a exata noção do todo. Os caminhos espalham-se por toda a Europa, é impressionante! Vão todos entroncar nos Caminhos Franceses, que

posteriormente se ligam aos espanhóis, com exceção das várias vias do Caminho Português, que têm origem a sul, e do Caminho Inglês que vem do norte.

Charles e Tibério conversaram bastante. Por fim, o sacerdote indagou:

— E por que o Caminho de Santiago?

— Eu acredito no poder de um apóstolo que viu o Senhor face a face.

— Vá com Ele, *mon frère*.

E os dois se abraçaram longamente.

***

Incentivado e abençoado pelo amigo, Tibério organizou a viagem com o máximo de detalhes possíveis. Havia itens obrigatórios a carregar na mochila, exame médico a fazer, ensinamentos a aprender, um sem número de detalhes. Até o número de quilômetros caminhados por dia era importante, já que as pousadas que esperam os

viajantes pelo caminho são alcançadas mediante a obediência das regras.

A família foi informada pouco antes da data da partida. Aquele silêncio, segundo Tibério, fazia parte de sua devoção. Mulher e filhas levaram um choque monumental. Perplexas, não entendiam bem o propósito, no entanto todas sabiam, afinal, que Tibério era o tipo de pessoa que faria aquilo. Então elas simplesmente procuraram aceitar com indulgência a jornada mística a que ele se propunha.

Só que Tibério não relatou o motivo de sua viagem. Apenas mencionou gratidão.

***

Espanha
Fevereiro do ano seguinte

No último período da caminhada algo muito intrigante, para não mencionar perturbador, mexeu

com o coração e a alma de Tibério. Foi na segunda quinzena de fevereiro. Dia 27.

Apesar de ter aprendido como racionar a água, por algum motivo Tibério acabou bebendo demais. Estava fazendo um dia ensolarado e nitidamente mais quente do que os últimos que ele tinha enfrentado. Quando se deu conta, ao pensar que tinha mais uma garrafa na mochila, estava sem nada. Continuou caminhando, mas estava preocupado. Faltavam vários quilômetros até a pousada. E, por mera sugestão por causa do cantil vazio, ou se realmente era fato, começou a sentir muita sede.

Aborrecido, resolveu parar à beira do Caminho para descansar um pouco, na esperança de que isso acalmasse a sede. O dia estava claro e muito bonito, quase sem vento. Ele deixou-se ficar ali, respirando o ar do início da tarde e olhando a paisagem levemente iluminada com a luz do Sol, já mais baixo no horizonte, dando um toque dourado

àquelas pedras que ladeavam o caminho de sua jornada interior. Era muito belo. Não havia som algum, nem mesmo dos pássaros.

Olhou para o bico das botas, mais que amaciadas desde antes do início do percurso. Ele tomou um particular cuidado nesse quesito, pois tinha pavor das bolhas. Já em relação a sua mente, fator não menos essencial que o preparo físico, ele se empenhou também em preparar. Por esse motivo evitou o pânico por causa da falta d'água. Tendo aprendido ao longo de tantos dias e semanas a ouvir seu corpo, pressentia quais eram seus limites. Naquele momento ele só precisava parar e se recompor. Lamentações de nada serviriam.

Tirou os óculos escuros e passou as mãos pelo rosto, ajeitou o boné. Caminhando na direção do pôr do sol, no final da tarde sua visão ficaria mais difícil por causa da luz. Sem pensar muito começou a alongar o corpo devagar depois de deixar o equipamento no chão. Reduziria a tensão muscular

e o relaxaria um pouco, melhorando a circulação do sangue. O alongamento correto ajudava a evitar lesões; era uma prática realizada diariamente, antes, durante e depois da caminhada.

Ele estava ao lado de um dos infinitos marcos do Caminho, uma pedra arredondada na qual era possível se sentar. De modo geral haviam setas de cor amarela, no chão, muros, pedras, postes, árvores, estradas, marcos de granito ou concreto, dentre outros. Em meio às cidades, via de regra passavam sempre em frente à igreja mais importante do local.

Sentindo o corpo mais bem disposto, indagou-se: "haverá alguma *tienda* próxima?".

Ao longo do Caminho encontram-se estas lojinhas onde se pode comprar água e refrigerantes. Resolveu dar uma olhada no seu "Guia do Caminho", que estava junto com a bolsinha de primeiros socorros (agulha e linha de algodão para cuidar das bolhas; medicamentos gerais como

aspirina e comprimidos para diarreia, pomada analgésica anti-inflamatória, *band-aids* de vários tamanhos etc). O Guia estava surrado já que contava toda a história do Caminho e Tibério o usara muito. De dentro dele caiu um pedaço de papel intitulado "Bolhas: como evitar, tipos de tratamento". Ele recolheu o papel, embora soubesse tudo, e guardou-o novamente dentro do volume. Arregaçou as mangas compridas da camiseta e puxou levemente a calça de tactel antes de se acomodar na pedra.

Controlando a ansiedade, acabou por verificar que não dispunha de nenhuma informação além da localização da pousada mais próxima. Resolveu tirar o caderninho de notas e narrar em poucas palavras a situação em que se encontrava. Seria uma grande experiência reler tudo depois. Em seguida sacou a máquina fotográfica pequena e tirou algumas fotos do local onde percebeu que sua água tinha acabado.

Foi então que, quebrando o silêncio, o som de passos ao longe se fez ouvir. Tibério sabia que mais alguém estava vindo pelo Caminho. Voltou os olhos na direção do som quando ele estava bem próximo. Não conseguiu conter um pequeno murmúrio de espanto. Era um senhor de idade... um velhinho! Tibério não se considerava velho aos 45 anos; tinha muita saúde e pretendia viver bastante. Mas o homem que ele fitava parecia extremamente bem, a despeito da idade. Chapéu na cabeça, uma mochila, tênis.

Os olhares naturalmente se encontraram e, em segundos, Tibério vislumbrou nos olhos do velhinho um misto de interesse e compaixão que o levou a falar primeiro, em francês, antes que Tibério pudesse externar qualquer reação:

— Você está com sede, *n'est-ce pas*, *mon fils*?

Tibério ficou ainda mais surpreso, imaginando se era tão óbvio, se sua sede estava estampada no

rosto. Como ele podia saber? Meneando a cabeça, um tanto envergonhado, respondeu de volta:

— *Oui, monsieur*... acabei não racionando água, fui um grande atrapalhado.

Para espanto completo de Tibério o outro fez um gesto com a mão, como quem diz: "acontece". E estendeu o cantil para o sedento Tibério que, sem pensar se prejudicaria o velhinho, bebeu sofregamente. Esforçou-se para parar.

— Muito obrigado, *monsieur*. Sentir sede é muito ruim. Ainda mais quando sabemos que a próxima fonte não está tão próxima.

Incrivelmente, o senhor ainda tinha uma garrafa d'água para encher o seu cantil. Foi tão inesperado, uma ajuda vinda tão do nada que Tibério ficou emocionado. A visão da água fresca caindo dentro do seu cantil fez com que ele esquecesse até de perguntar o óbvio: como aquele senhor poderia ter consigo tanta água extra.

— *Merci. Merci beaucoup, monsieur*.

Feliz, agradeceu várias vezes.

— O socorro vem de onde menos se espera.

Assim, Tibério continuava vivo e inteiro. E, tendo já descansado, sentiu o vigor nas veias. Tomou o seu cajado, que não era um elemento decorativo, já que ajudava a caminhar pelos terrenos irregulares e contribuía para manter o ritmo da caminhada, ou mesmo afugentava os cachorros. Nos bosques podia-se encontrar com facilidade uma boa vara de carvalho ou pinho, mas Tibério conseguira aquela em Azqueta, com um homem de nome Pablito, que oferecia cajados de avelã gratuitamente. Partiu novamente, em pouco tempo deixando o bom senhor para trás. Seu ritmo era maior que o dele. Impulsionando adiante, caminhou e bebeu água.

***

Logo depois do pôr do sol estava perto do seu destino, a pousada. Tibério só pensava em tirar os

calçados e se alimentar. Já estava meio escuro e, depois de uma curva do Caminho, pôde distinguir um vulto que caminhava logo mais à sua frente. Não ia muito rápido, de forma que Tibério logo o alcançou.

Quando ia cumprimentar, tomou um susto estarrecedor. Reconheceu o chapéu do viajante. Era o bom senhor, o velhinho!

Por baixo do chapéu ele não ligou para a expressão de total incredulidade de Tibério, que não conseguia encontrar as palavras. O velhinho se limitou a dizer:

— Suas preces já foram ouvidas.

Apertou um pouco o passo enquanto Tibério sentia as pernas bambas e o coração batendo forte. Ficou apenas olhando enquanto a figura diante dele passava reto pela pousada. E continuou andando. Não parou.

À beira as lágrimas, Tibério esperou um pouco ainda, para ver se o homem aparecia. Nada. Ele

limpou as lágrimas com as costas da mão suja. Isso aconteceu dia 27 de fevereiro, quase no fim da sua peregrinação, conforme muito bem anotado em seu caderninho de notas. O episódio o surpreendeu muito. Realmente aquela trajetória mística comprovava suas crenças; ele estava agora mais unido ao Divino do que antes. Deu-se conta de que aquele período contemplativo tinha mudado alguma coisa também dentro dele, não se tratava tão somente da bênção recebida. Havia encontrado tantas pessoas ao longo do Caminho. Teriam todas elas encontrado o que buscavam? Aquela rota unia tantas zonas da Europa a Compostela e vinha sendo seguida por milhões de pessoas das mais variadas procedências.

Em mais alguns dias ele terminou a caminhada entrando na cidade de Santiago de Compostela. Na Idade Média aquela linda cidade era o terceiro mais importante local de peregrinação dos cristãos, depois de Jerusalém e de Roma. Em 813 o corpo do

apóstolo Thiago teria sido encontrado supostamente ali, fato que atraiu peregrinos de todas as partes da Europa desde então. Para Tibério isso já não era mais somente uma suposição.

Tibério lembrou que estava prestes a concluir o "Primeiro Itinerário Cultural Europeu". Atravessara um Caminho considerado Patrimônio da Humanidade na França e na Espanha. Ele não conseguiu conter as lágrimas ao entrar na *Praza do Obradoiro,* precisamente onde terminam todos os Caminhos de Santiago e onde a Catedral barroca datada do século XVI domina a paisagem. A catedral era o marco final do Caminho, dedicada a *saint* Thiago, o apóstolo. Tibério ergueu os olhos para o alto, para as enormes torres, e fez o sinal da cruz. Estava profundamente emocionado.

"Pois se até Sarah, mulher de Abraão, teve um filho na sua velhice...", refletia Tibério ao adentrar o pórtico.

⁂

Havia alguns outros locais importantes a visitar, mas depois do acontecido com o bom senhor, Tibério desejava muito ir para casa logo. Visitou apenas a Hospedaria dos Reis Católicos construído durante o século XV, o Palácio de Xelmírez e o Mosteiro Beneditino de San Martín Pinario. Algumas das demais igrejas e o Mercado de Abastos ele deixou para o fim.

Quando embarcou para casa, ele tinha segura na mão sua concha de peregrino, a Vieira. Ele tinha conseguido! Aquele símbolo agora era real.

⁂

Na noite em que Camille desmaiou no *club*, Ethan foi dormir muito tarde e não repousou bem. Camille, ao contrário, depois do mal estar por algum motivo dormiu até demais e no dia seguinte acordou bastante disposta. Era domingo e eles

tinham um almoço na casa de *madame* Lyla, a *Grand-Mére* materna de Camille. Mais ou menos uma vez por mês a família dela se esforçava para reunir a maior parte dos parentes próximos. Não era uma tarefa muito fácil. Nem todos davam o devido valor ao encontro e arrumavam outros programas. Vinha um, faltava outro; depois vinha o outro e faltava o um. De vez em quando aparecia o amigo ou amiga de alguém. Havia momentos alegres no convívio familiar, mas, como também não podia deixar de ser, vez por outra uma discussão rotineira.

Madame Lyla tivera dois filhos. Darci, a mãe de Camille, e seu irmão Tibério. Sempre que possível os dois filhos compareciam ao encontro na casa da mãe; mais frequentemente Darci do que Tibério, que não morava em Lyon. Ele e sua família viviam em Annecy, belíssima cidade dos Alpes cercada de montanhas com picos nevados. Quando ele vinha

trazia toda a família; encarava aquilo como uma obrigação importante.

O pai de Camille, *monsieur* Claude, estava sempre presente junto com a mulher. Os filhos, entretanto, ele não podia arrastar. Às vezes Marc vinha com Alannah. Monique aparecia no Natal, no aniversário da *Grand-Mére*, e em mais uma ou duas ocasiões, geralmente quando estava sem namorado. A caçula, com quem Camille estava sempre um pouco estremecida, não lhe fazia falta. Como sempre tivesse gostado muito da companhia da *Grand-Mére*, até preferia que a irmã não fosse assídua.

Naquele domingo o número de parentes na casa de *madame* Lyla estava completo. Até parecia dia de festa importante. O motivo era a presença de Tibério com as fotos de sua jornada até Santiago de Compostela e a promessa de uma revelação bombástica: o motivo oculto que o levara até lá.

Tibério e sua família chegaram um pouco depois de Ethan e Camille. Ela correu para abraçar o tio fortemente.

— *Mon Dieu*, como está bronzeado! E emagreceu também. Senti sua falta!

— Estou feliz em estar de volta. *Ça va*?

— *Trés bien*, tio, estou louca para ver as fotos.

Camille desde criança era muito apegada a Tibério, os dois nutriam um pelo outro um amor muito especial. O tio considerava Camille a terceira de suas filhas, e a tratava praticamente como tal. Quanto a ela, adorava a companhia do irmão mais moço da mãe. Estar na casa de Tibério e Sophie, em companhia deles e das primas, quando podiam aproveitar o *Lac d'Annecy* para nadar e passear de barco, era um dos pontos altos das férias. Desde criança as temporadas em Annecy agradavam-lhe muito, bem mais do que a Marcel ou Monique, que rarearam suas idas depois de mais velhos.

Camille passou dos braços do tio para os de tia Sophie, e depois beijou as primas, Françoise e Perla. Tinham idade próxima à dela. O grupo estava completo agora. Entretanto, as intenções de coração eram diferentes umas das outras.

Alguns, é verdade, estavam mais curiosos em escarafunchar melhor a mais recente "loucura" da família, como Monique e seu novo namorado, para ter o que fofocar depois. Ela não ligava muito para a *Grand-Mére*, nem para os tios e nem para as primas. Muito menos para os pais. Exibia o namorado, entre abraços e beijos meio pegajosos para o gosto de todos. Ninguém disse nada, claro.

Darci, que absolutamente não era dada com *madame* Lyla (do mesmo modo que Camille não se dava com ela) — mal de família —, estava presente por puro protocolo. Os que não tinham nada melhor para fazer: *monsieur* Claude, Marc e Alannah encaixavam-se nessa categoria, muito embora sempre se divertissem naqueles encontros e

nada tivessem contra eles. As filhas de Tibério não tinham escolha quanto a comparecer ou não à casa da *Grand-Mére*, era uma exigência do pai e não se discutia. Quanto a Sophie, estava acostumada a seguir o marido, era natural para ela.

Em menor número estavam os que realmente nutriam uma alegria genuína pelo encontro. O primeiro ente que apreciava a companhia dos familiares era Tibério, o filho predileto. Ele sinceramente julgava tudo e todos aprazíveis, e a convivência importante. Camille amava muito a *Grand-Mére*. Desde pequena era a queridinha, a primeira neta. E por causa dela, Ethan aprendera a apreciar sinceramente *madame* Lyla. Também simpatizava bastante com Tibério, ainda que nutrisse certos ciúmes quando Camille o abraçava com força e olhava carinhosamente para ele, quando ria de suas histórias. Era um sentimento estúpido, ele sabia disso. Gostava também do pai de Camille, com seu ar pacato de professor; ele era

ótimo para longas e produtivas conversas. Muito inteligente e sincero. A mesma sinceridade que instigou na filha, os mesmos olhos verdes impressionantes.

Ethan correu atrás de seu *Beau-Père* propositadamente, tão logo o viu. Camille notou, de rabo de olho, que ele logo entabulou a conversa indo direto ao ponto:

— *Monsieur* Claude, eu respeito o senhor, mas veja: como eu disse antes Camille agora vai ficar transitando pra cima e pra baixo com essa moto. *Monsieur* concorda mesmo com isso?

O sogro ajeitou a barriga por cima do cós da calça antes de responder, divertido:

— Ah, *mon fils*, esse problema já não é meu. Nada disso me diz respeito desde que eu a levei por aquele salão no dia do casamento de vocês e a deixei em seus braços. Cuide dela, Ethan, cuuuide dela. Eu já fiz a minha parte, agora é a sua vez. Eu agora não sou mais *papa*, eu sou um *Beau-Père*!

Isso significa que há um marido, e o marido é você. — Havia um tom levemente gozador no discurso do pai de Camille. Porém, a verdade era aquela mesma, nua e crua.

— Mas... — tentou Ethan ainda refutar, indignado com aquela postura simplista.

— E você acha que a minha filha escuta alguém, Ethan? Você devia ser o primeiro a saber disso.

Ethan acabou rindo. Aquela era Camille. Passaram a outros assuntos; ele gostava do contato familiar. Era na medida certa, sem ser demais e nem de menos, algo que ele nunca tinha conseguido vivenciar dentro de sua própria casa. Sempre houve muitos desentendimentos, coisas que Ethan não tinha o poder de resolver. Foi obrigado a decidir o que era suportável para ele e o que não era. Claro que sentimentos obtusos e delirantes sobre seus crimes imaginários o assaltavam de vez em quando, ao estar deitado no escuro à noite, ou quando datas importantes se

aproximavam. Famílias italianas em geral são muito intensas; coisas pequenas e sem importância tornam-se tempestades para toda a vida. Ethan não convivia com o pai e visitava a mãe só em datas especiais. Via muito pouco as duas irmãs. Seu melhor e mais estreito relacionamento era com o *Nonno*, *signore* Arthuro, o qual não se restringia somente a trabalho. Mas sentia falta do relacionamento familiar inexistente, de pertencer a algo maior e mais perene, por isso gostava dos domingos em casa de *madame* Lyla. Supria uma necessidade indistinta dentro dele, alguma coisa pulsante que ele nem sabia muito bem que estava abrigada em seu coração.

Depois de abraçar Camille, Tibério deu de cara com Alannah logo atrás, e ficou comovido ao ver a barriga dela, a primeira da nova geração a ser mãe. Ele abraçou a sobrinha amorosamente.

— Você está linda.

— *Merci*, tio. *Ça va*?

Madame Lyla e os demais membros da família vieram abraçá-lo e cumprimentá-lo. Saudoso, ele simplesmente exibia um semblante tranquilo e satisfeito. Ao lado dele, Sophie estava bem sorridente. Havia sido longa a ausência do marido.

A cozinha exalava aroma de ervas, vegetais na manteiga e *rôti*. Sentados à mesa, a família apreciou primeiro a salada e depois *bouillabaisse*. A maior parte estava animada e falante. Quase todos. Monique só olhava de soslaio para a sacola das fotos enquanto o namorado inspecionava a comida minuciosamente. *Madame* Darci, do lado oposto ao marido, assentia curtamente com a cabeça em face dos comentários educados da cunhada.

Já Camille, perto das primas, papagueava animadamente gesticulando com as mãos como era seu costume, sem se preocupar em fazer o próprio prato. Ethan tinha acomodado Phillipe e Alexandra como se estivesse em sua própria casa, jovial, bancando o anfitrião sob o olhar observador de

madame Lyla. Ele havia intimado o casal a comparecer já que o encontro da noite anterior tinha sido truncado. *Monsieur* Claude mantinha a boca cheia demais enquanto Alannah levantava para ir ao banheiro mais do que o necessário. Marc sorrateiramente trocou o CD da *Grand-Mére*, sucessos da antiga *Broadway*, por um outro que trazia nas mãos. Com toda a conversa não notariam a diferença.

— Marc, que música insuportável! — exclamou Camille imediatamente, tão logo um som eletrônico e ruidoso, ainda baixinho, invadiu o ar.

— Está baixo. Já não chega de "*Singing in the rain*"?

Madame Lyla era famosa pela coletânea de sucessos da *Broadway* e outros musicais antigos. De cabelinho *fashion* cortado curto e espetado, colorido super-*blonde*, e enfiada dentro de um conjunto verde-*citron*, a senhora não estava ligando muito para a música. Estava satisfeita com a

presença dos filhos com seus cônjuges, e os cinco netos. Seis com Ethan, sete (e meio) com Alannah e seu bebê na barriga. O amigo de longa data de Ethan, Phillipe, e a nova namorada, Alexandra, também eram bem-vindos.

Ethan, ao abraçar e beijar a vovó logo que chegou, tinha sorrido (e ainda estava sorrindo) diante da cor do conjunto que ela usava.

— *Madame* Lyla, dessa vez a senhora caprichou. Quem diria que seria possível encontrar uma roupa assim! — exclamou ele numa intimidade já há muito conquistada.

— Pois você pare de caçoar da minha roupa, Ethan! Tem uma cor linda, sem falar no caimento. Não é porque a sua mulher vai se formar estilista que só o que ela faz é que é *chic*!

Madame Lyla fingia braveza e Ethan a abraçou novamente. Comentou no ouvido de Camille, ainda inconformado com a visão em verde-*citron*:

— Francamente, de onde sua *Grand-Mére* tira essas coisas? Que mistério insondável.

Camille olhou com amor para a *Grand-Mére*, que tinha um aquele fraco incorrigível para cores vibrantes ou fosforescentes, estampados berrantes e sapatinhos confortáveis com detalhes enormes: uma flor amarela bem grande em cima, por exemplo.

— Ela detesta a monotonia.

O almoço transcorreu em harmonia e em paz. Tibério contava histórias da viagem e entreteu todo mundo com os relatos. Respondia perguntas, falava sobre a região, o clima, a comida, as pousadas, explicava pormenores do Caminho. Até Monique estava gostando. Por educação, ninguém perguntou nada sobre a questão central: os motivos da viagem. Esperaram gentilmente até a sobremesa, até não haver mais assuntos óbvios. Foi quando Tibério mudou o tom de voz e começou a contar o

estranho episódio ocorrido pouco antes do término da peregrinação.

— Recebi uma visitação. Estou certo.

E falou sobre a água, sobre o idoso caminhante que o tinha suprido, seu segundo aparecimento e suas palavras.

Todos ouviam atentamente. *Madame* Lyla, certa de que o filho fora visitado e socorrido por um anjo, mal se continha, escondendo as lágrimas.

— Isso aconteceu dia 27 de fevereiro — Tibério falou. — Foi nesse dia que Deus me fez entender que minha fé estava sendo recompensada.

Naquele instante, Camille sentiu náuseas fortes, subitamente, sem qualquer aviso prévio. O estômago embrulhou violentamente e ela sentiu o vômito na garganta. Levantou rapidamente fazendo com que todos olhassem para ela. Conseguiu murmurar um pedido de desculpas e correu para dentro. Ninguém entendeu nada. Alguns imaginaram que Camille estivesse muito

emocionada pela narrativa e não quisesse chorar na frente de ninguém. Ethan nem de longe cogitou nisso, e já ia levantando para ir atrás quando Alannah, sentada ao lado, pousou a mão sobre o seu braço.

— Deixe que eu vou ver, Ethan — e para os demais: — *Pardon*.

Alannah seguiu pelo corredor e conseguiu escutar a porta do banheiro batendo, percebeu a pressa de Camille. Não imaginava o que podia deixar a cunhada tão perturbada. Estava perfeitamente bem antes. Só podia mesmo ter algo a ver com o relato do tio. Alannah se aproximou da porta e escutou Camille vomitando e tossindo. Acabou batendo de leve:

— Camille? Tudo bem?

— *Non*... — veio a voz em resposta.

Alannah ouviu o barulho de novo vômito, descarga e água correndo na pia. Esperou paciente

até a outra abrir a porta. Camille apareceu no vão e não estava com a cara boa.

— Ontem passei mal no *club*, mas tomei remédio em casa e melhorei. Só que começou de novo, bem forte. De repente — ela passou a mão fria pelo rosto. — O que será isso? Essa semana parece que eu apodreci: desmaios, enjoos...

Às vezes quem vê de fora consegue ver melhor. Alannah olhou para Camille e passou as mãos na própria barriguinha de quase seis meses de gestação. Sorrindo, perguntou o que para ela parecia óbvio.

— Você não está grávida, não?

Camille até deu um passo para trás. Era como receber um tapa no rosto.

— Claro que *não*! Por que eu haveria de estar? *Ça alors*!

Conversa de loucos.

Alannah insistiu.

— Não estou entendendo — ela disse.

— Será possível que você não sabe? — a voz de Camille soou áspera.

— Camille, não era uma limitação absoluta! Esqueceu? Por que não poderia acontecer? Quantas velas vovó não acendeu? Onde está sua fé?

— Na prática a limitação se mostrou absoluta, sim! E você vem me falar de fé? Isso tudo é crendice. Depois de todos esses anos... Alannah, você não acha mesmo que eu sou dessas devotas, não é? Eu não acredito nessas bobagens. Pode ter certeza de que eu e Ethan realmente tentamos, nós tentamos *muito*!

— Você pode não ser devota, mas outros são. Sua *Grand-Mére*, por exemplo, e veja agora titio e sua história...

— A história de fé dele é dele. Não minha.

Camille sentia-se furiosa e ofendida por Alannah tocar naquele assunto.

— Eu acredito nos fatos — continuou ela, lacônica, sentindo-se fraca novamente,

incomodada. Tudo o que queria era que Alannah parasse de falar. — Contra fatos não há argumentos, mesmo que sejam argumentos de "fé", ou como você bem queira chamar. Preciso de um remédio, preciso me sentar. Não diga nada para o Ethan.

Alannah seguiu Camille até a cozinha, as duas usaram a porta de acesso do corredor, que não passava pela sala de jantar. A mocinha que ajudava *madame* Lyla estava lavando parte da louça suja e não olhou para as netas de sua patroa. Camille desabou numa das cadeiras da mesa, apoiou os cotovelos no tampo e ficou ali, muda, amuada, irritada. Parecia carregar um peso enorme nos ombros.

Alannah abriu o armário de remédios e começou a procurar alguma coisa para enjoos e vômitos. De costas para Camille, não percebeu as lágrimas que desceram uma após outra por sua face, pingando na roupa. O barulho da louça sendo lavada conseguiu

abafar seus gemidos incontidos, quase imperceptíveis, mas que vinham do mais profundo do ser. Um nó de angústia estava entupindo a garganta dela. Na verdade, ela preferia tomar um calmante, mas não conseguiu dizer nada.

"Eles não sabem de coisa nenhuma. Não sabem da verdade. Se soubessem, entenderiam porque fé nenhuma no mundo vai mover o coração de nenhum Deus a meu favor. Sou uma filha má. Ele não me abençoaria. Não me daria nada. Minha *Grand-Mére* pode acender velas para todos os santos e santas que existem. Nada vai mudar, nunca, porque eu não mereço. Sou uma pessoa amaldiçoada."

As lágrimas escorriam agora copiosamente e Camille puxou para si uma folha de papel toalha e a enterrou no rosto, gemendo, abafada, completamente descontrolada. A ferida estava aberta outra vez. Só que era preciso encontrar equilíbrio antes que todos começassem a vir atrás

delas. Inspirou profundamente e expirou várias vezes.

Alannah apareceu com um frasco pequeno.

— Que lástima, a validade já está vencida. Vou pedir ao Marc que vá comprar.

— *Non*. Espere. Vovó guarda seus calmantes no criado-mudo dela. Pegue alguma coisa lá pra mim.

— Vou pedir a ela.

— Não estrague o final do almoço. Só vá até lá e pegue algo.

— Mas e se você estiver grávida, vai tomar essas coisas?

— Alannah, não estou grávida, só nervosa, tá bem? — grunhiu Camille entredentes.

Alannah por fim saiu da cozinha e foi para o quarto dos fundos, os aposentos de *madame* Lyla. Na mesinha de cabeceira, logo na primeira gaveta, Alannah de fato encontrou o medicamento. Olhou a bula, ressabiada. Deveria dar aquilo para a

cunhada? Ou era melhor falar com Ethan, mesmo a contragosto de Camille?

Inquieta, Camille tinha vindo atrás. Encontrou a outra com a bula na mão.

— Não sei se é mesmo prudente...

— *Merci*, Alannah. — Camille com delicadeza tirou o frasco das mãos dela. — Estarei bem logo.

Alannah seguiu Camille até o banheiro da *Grand-Mére*, onde ela simplesmente tomou dois comprimidos com água da torneira.

— Ela já acendeu pra vocês dois pelo menos umas quinhentas velas. Será mesmo que um milagre não poderia acontecer? Eu acredito nessas coisas.

— Só que eu não.

— Sua menstruação está atrasada?

Camille deu de ombros e não respondeu.

— Custa muito fazer um teste de gravidez? — continuou Alannah, ajeitando a blusa de Camille, caída no ombro.

— Custa! — Camille falava mais baixo do que de costumava, contendo a raiva. — *Oui*, custa. Não quero ser grosseira com você, Alannah, mas já virei essa página de minha vida. Ethan também. Já ficamos iludidos, já esperamos, já sofremos, e agora nada vai nos fazer voltar a pensar nesse assunto.

— Não estou dizendo para voltar a pensar no assunto. Estou dizendo para comprar um teste de farmácia. Fato: está grávida; fato: não está grávida.

— *Não* estou grávida! *Sil vous plaît*... pare.

Camille fazia objeções a mais leve menção do fato. Não gostava de remexer no assunto. Resolveu por fim ficar alguns minutos ali mesmo, no quarto da *Grand-Mére*, tão logo convenceu Alannah a deixá-la sozinha. Seu pensamento voou longe, voou tempos atrás, e ela recomeçou a chorar.

***

Lembrou-se do primeiro aniversário de namoro dos dois. Camille estava com quase 19 anos. Os

planos para casamento surgiam naturalmente, vez por outra, meio em tom de brincadeira. Camille fazia pouco caso (da boca para fora). Era cedo. Ethan era mais dado à ideia do que ela, e, no meio da brincadeira, sondava a companheira sobre o assunto.

Na noite do aniversário de namoro eles saíram para jantar num *bistrot* pequeno e aconchegante, um dos lugares preferidos de ambos. Depois do jantar apenas voltaram para o apartamento de Ethan e fizeram amor até de madrugada, sobre o costumeiro *futon* fucsia. Ali Ethan a tinha amado pela primeira vez — um dia depois de seus dezoito anos — e era ali que ela se acomodava, sempre.

"Fucsia?", ela tinha perguntado, admirada com a escolha, mas que ia muito bem em meio às demais cores neutras.

"A vendedora, na época em que montei esse apartamento, me convenceu. Eu acho que fica muito bem aqui."

“É lindo, Ethan.”

Apenas o luar iluminava a sala, a luz batendo sobre o *futon*, vinda pelas janelas com as cortinas abertas. Camille não gostava de fechá-las enquanto estivesse acordada. Deliciava-se em ver e sentir o poder da noite, seu aconchego, seu silêncio, suas cores entre sombras.

Ela estava deitada de bruços, relaxando, de frente para a luz da lua; seus cabelos agora estavam mais compridos, na altura dos ombros, com cachos revoltos e não eram mais azuis. Parecia uma ninfa, um ser saído das histórias encantadas, com sua pele branca, o corpo arredondado e perfeito, suas pernas longas, os olhos profundos.

Deitado ao lado dela, Ethan tocou de leve seus lábios com a ponta dos dedos.

Então, ele lhe deu o anel. Sem ensaios, sem holofotes, sem os acordes de “*La vie en rose*”. Virou-se sem dizer palavra alguma e apenas tirou

de debaixo do suporte baixo do *futon* uma rosa cor-de-rosa lindíssima e a *blue box* da Tiffany.

Beijou a rosa antes de estendê-la perto do rosto dela, recostada sobre as almofadas. Camille fez um ar genuíno de surpresa e sobressalto que o deliciou. Ela se ergueu, ficando apoiada em um dos cotovelos e pegou a rosa, levado-a aos lábios onde Ethan havia tocado segundos antes. Sentiu a textura delicada das pétalas, o aroma muito suave. Não foi capaz de acender o *abat-jour*; havia um encanto absolutamente mágico naquele momento. Os olhos dele estavam enormes, mesmo na penumbra do quarto, expectantes. Os olhos dela afundaram-se nos dele, e inclinou-se para beijá-lo suavemente.

— Ethan... — Camille murmurou. — não posso ficar sem você. Esse amor é pra sempre.

Ethan pegou então a caixa azul e a abriu. Os olhos de Camille ficaram marejados de alegria. Era um anel em platina com um diamante rosa.

Singular. Totalmente único. E seu significado era ainda maior. Ela não sabia o que dizer.

— Ethan, *mon amour*... *merci*.... como você...?

— Um belo anel para uma *bella Donna*. Que nosso amor seja como este diamante. Como você disse... para sempre. É uma honra para mim te ter como esposa.

— *Oui* — a voz dela falhou levemente.

Ele tirou o anel da caixa e ela estendeu a mão. Ethan colocou o anel no dedo anular esquerdo dela. Ainda com a rosa cor-de-rosa na outra mão, Camille envolveu o pescoço dele fortemente com os braços, sentiu em resposta o abraço vigoroso do futuro marido, o corpo que lhe trazia tanta segurança e prazer. Tudo estava como deveria estar! Foi uma das noites mais especiais de sua vida; quando estava com Ethan não desejava estar em nenhum outro lugar, ele era seu epicentro, o ar, a água, o fogo, a terra onde ela se firmava. A energia que a alimentava.

— Diamantes são as “pedras de Vênus”, segundo se diz, sabia? — comentou ele, mais tarde, acariciando a cabeça dela que se apoiava em seu peito. — A deusa do amor, da beleza. Ao longo da história ele foi associado sempre às coisas belas, e sua misteriosa luz interior ao fogo da paixão.

— Que nossa paixão dure tanto quanto nosso amor.

Os dois se enroscaram um no outro, seus corpos entrelaçados, seus lábios como um só.

Então ela sentiu algo estranho, algo nunca experimentado antes. Medo. Medo de perder alguém que lhe era mais caro que a própria vida. Abraçou Ethan mais forte e fechou os olhos. Afugentou aquele sentimento desesperador e a sensação de mal estar que ele trazia junto. Ela não seria capaz de viver sem ele. Nunca mais.

⁂

A família dela foi avisada sobre o noivado. Ethan muito respeitosamente apareceu na tarde de sábado em casa da noiva e informou os pais de Camille. Acabou recebendo um abraço mais caloroso do que ele esperava do pai dela, o qual abriu um vinho guardado há certo tempo para alguma ocasião especial. Um *cabernet sauvignon* de uma vinícola pequena de Bordeaux, mas que produzia vinhos de excelente qualidade e que era a preferida de *monsieur* Claude.

A mãe foi menos efusiva, mas demonstrou seu agrado cortando pedaços de queijo e servindo frutas secas, além de preparar e assar uma torta de maçã e passas para ser degustada mais tarde. Ninguém questionou o fato de Camille só ter 18 anos. Quase 19, mas, ainda assim, apenas 18. Quando os irmãos chegaram, Marc deu vários tapas no ombro de Ethan, rindo abertamente, e disse que ele tinha tirado a sorte grande, mas se não estava preocupado com os roncos da irmã.

— Que roncos? Ela não ronca — exclamou Ethan, feliz, sem notar a cara dos pais de Camille, entreolhando-se.

Ficou por isso mesmo. Nenhum dos dois supunha ser a bela moça ainda virgem, mas não se podia apregoar isso assim, levianamente.

Monique limitou-se a arregalar os olhos diante da notícia e mal disfarçou sua inveja, mordendo os lábios mais que de costume e observando sem parar o anel na mão da irmã.

— E vamos fazer uma comemoração pelo noivado? — quiseram saber.

— Vou informar minha família e então marcaremos uma data — explicou Ethan. — Camille quer fazer um jantarzinho aqui mesmo, mas poderia ser na casa do meu *Nonno*.

— *Je ne sais pas, je ne sais pas*. Só sei que é só para os íntimos — aparteou Camille. — Família, alguns amigos. Vamos deixar os rococós para o casamento!

— Têm ideia de quando seria isso? — a mãe de Camille demonstrou um ar de preocupação pelo casamento da primeira filha.

— Nós pensamos, não é, *mon amour*? Vamos ver se é possível.

— Quando? — cacarejou Monique, abrindo a boca pela primeira vez.

— 31 de outubro do ano que vem. Dia do meu aniversário de 20 anos. — esclareceu Camille, pouco se importando com a crise de ciúmes da irmã. — Quanto ao noivado, um jantarzinho daqui a poucas semanas está bom. *Mince alors*! Minhas amigas vão ficar estarrecidas!

— E a faculdade? — perguntou *monsieur* Claude demonstrando inquietação. E sem esperar resposta: — Espero que não seja sua intenção abandonar os estudos!

Ethan respondeu primeiro:

— De forma alguma. Não é intenção dela e muito menos a minha. Isso seria um retrocesso e

um grande desperdício, pois Camille é muito talentosa e tem muito a realizar na vida. O casamento é apenas uma parte das realizações.

O pai da noiva suspirou de alívio enquanto a filha se derretia abraçando o noivo mais perfeito do mundo.

— Digamos que é a parte mais importante das realizações!

Depois da torta de maçã, já tarde da noite, Ethan preferiu chamar um táxi para voltar para casa, por conta dos vários copos de vinho. Camille o acompanhou no elevador, despedindo-se dele longamente com um beijo apaixonado no *hall* do prédio. A noite estava bem fria e ele sentiu o calor do corpo dela, das suas mãos, da sua boca. Foi difícil entrar no táxi.

— Amanhã venho pegar meu carro e vamos até minha casa. Já aviso que as coisas podem não ser tão agradáveis como por aqui. Acho que você se lembra, não é?

Camille fez que sim com a cabeça. O pai de Ethan não era uma pesoa de fácil trato, e nunca aceitou Camille. Achava-a independente demais, petulante demais e "metida a artista".

"Mulheres artistas são as piores! Muito independentes, muito metidas a vanguardistas, cheias de ideias, moral duvidosa e dadas a perder tempo com bobagens ao invés de cuidar da casa, do marido e dos filhos", ele alertou Ethan logo.

Ethan estava esperando por aquela reação e provocou um pouco mais, não conseguindo conter-se:

"Ela também é dançarina."

Ethan adorou dar os detalhes.

"Começou como todas começam, fazendo *ballet* e *jazz*. Hoje faz parte de um grupo de *street dance*. Eles se apresentam em festivais e todo tipo de evento que requeira animação."

Signore Anatole só faltou subir pelas paredes. Com o tom de voz típico dos italianos, vociferou

alto: “Você não disse que ela é de família simples? Temos então mais uma oportunista, uma vagabunda atrás de nosso dinheiro! Como se eu fosse permitir uma *puttana* na minha família! Por que não escolhe alguém do seu nível?”.

“*Puttana*” Ethan não esperava. Não uma descarga de fúria tão intensa e tão gratuita depois da primeira visita da namorada à casa de seus pais.

“Se você não fosse meu pai...”, Ethan estava pálido de cólera e indignação,

“eu arrebentava essa sua boca agora mesmo.”

“*Figlio mio*...”, tentou intervir, assustada, sua mãe.

Ethan virou as costas e saiu batendo a porta e cantando os pneus. Não deu mais as caras na casa dos pais quando sabia que *signore* Anatole estava lá. Camille era um doce de menina, tinha sido alegre e simpática durante o almoço e elogiado a mão de *signora* Giulia para culinária, conversado com as irmãs de Ethan e tentado ajudar com a louça suja, o

que foi terminantemente recusado pela mãe do namorado, que até assumiu um ar de temor.

"Você cozinha?", perguntou ela, querendo mudar de assunto. Pergunta errada.

"Oh, não é o meu forte. Só o básico. Faço melhor outras coisas."

"Mulheres costumam dominar o forno e o fogão", falou em voz grossa *signore* Anatole; e abruptamente: "O que faz o seu pai?".

"Ele é professor de História. Começou em *Sorbonne*, onde conheceu minha mãe, mas depois transferiu-se para *L'Université de Lyon*. Também estudo lá, agora. Artes. Na *Université Lumiére.*"

Era uma das divisões de *L'Université de Lyon*.

— Professor... hum. — mais um intelectual, pensou, mau-humorado, o pai de Ethan.

E aí começou. Uma espetada atrás da outra em Camille, que se desvencilhava com graça, sem se intimidar, porém também sem compreender. Olhava volta e meia para Ethan, que devolvia as

espetadas do pai. Camille percebeu logo que o relacionamento dos dois era sofrível, para não dizer inexistente.

— Tem certeza de que quer ir amanhã? — perguntou Ethan mais uma vez, segurando as mãos dela antes de abrir a porta do táxi, assumindo um ar de dúvida nos olhos. — Posso simplesmente dar a notícia e ponto-final.

— Confesso que não gosto do seu pai, mas não seria justo com sua mãe e suas irmãs.

— Avisarei hoje que iremos lá amanhã. Se meu pai for esperto, nem vai dar as caras.

Dito e feito.

Muito passada, *signora* Giulia recebeu o casal com um almoço especial e comunicou o filho sem que Camille notasse:

— Seu pai saiu com seu tio Armando e nem sei aonde foram. Está bastante cético em relação a esse casamento, certo de que não tem futuro. E se sente afrontado por você.

Ethan deu de ombros.

— Obrigado pelo almoço, *mama*. Vamos aproveitá-lo.

As irmãs de Ethan não se cansavam de admirar o anel de noivado, pegando na mão de Camille e tecendo mil elogios, ofuscadas pela beleza da joia. Enchiam-na de perguntas sobre os preparativos da cerimônia, sobre o vestido, sobre o enxoval. Camille notou o quanto elas davam valor ao casamento e ansiavam, elas mesmas, pelo seu próprio dia.

— Não pensei em nada ainda! — Camille ria — Mas quando tiver me decidido pelo vestido, vocês me acompanharão em uma das provas. Mas nada de contar ao noivo.

Todas riram e fizeram juras de silêncio absoluto.

Entre as mulheres da família de Ethan Camille se sentia confortável, embora tivese pena da mãe dele. Ela tinha um ar de tristeza que nunca abandonava seu semblante, parecendo estar impregnado ali para

sempre, apesar de que ainda guardava os traços da beleza que tivera quando jovem, estragada pela vida dura e a ausência de amor.

***

A data do jantar de noivado foi marcada para dali um mês. Contariam com a presença das famílias (excetuando o pai de Ethan) e alguns amigos do casal: dois amigos da *Logos*, além de Phillipe (intimamente inconformado que o amigo fosse mesmo casar-se) e Alexandra, eram convidados de Ethan; Camille chamou suas inseparáveis da faculdade, e mais um querido da classe. Marcel convidara apenas uma "amiga" nova, na verdade *une drague*. Mas o relacionamento dos dois parecia estar ficando mais sério. Monique não fez qualquer plano.

Signora Giulia ofereceu-se para ajudar *madame* Darci a preparar o jantar, e veio cedo com as filhas

para a casa da noiva. Monique, pelo contrário, só deu as caras bem mais tarde. Sem namorado.

Madame Lyla fez questão de participar, embora mais degustasse os acepipes do que ajudasse a fazê-los.

À tarde *signora* Giulia separou os ingredientes para fazer uma sangria, bebida que Ethan muito apreciava. Espremeu laranjas e limões, cortou maçãs, peras, morangos, uvas e abacaxi:

— Ethan adora com muitas frutas. Fica deliciosa.

Ela colocou tudo numa jarra transparente enorme que tinha trazido de sua casa. Depois foi acrescentando as bebidas. Primeiro licor de curaçau branco, depois Porto.

— Prefiro o sabor do Porto ao do Brandy — explicou ela.

Acrescentou vinho tinto seco e açúcar. Em seguida dois paus de canela.

— Vamos deixar na geladeira para marinar e pegar gosto. Depois tiramos os paus de canela.

À noite o restante das famílias e amigos chegaram, trazendo flores, *champagne* e lembranças. As amigas de Camille lhe deram mais que uma simples lembrança: um belo vaso italiano em estilo barroco veneziano, de porcelana azul celeste decorado com rosáceas douradas.

— Oh, très *beau*! — exclamou Camille tomando nas mãos o vaso de mais ou menos 30 centímetros de altura. — Maravilhoso!

— Foi um achado — explicou Madeleine. — Queríamos dar a vocês uma peça de arte bonita, por isso juntamos nossos fundos financeiros.

— Esvaziamos o fundo dos bolsos, na verdade! — riu Adrienne abraçando o casal.

— De muito bom gosto. *Merci*, meninas — agradeceu Ethan com polidez.

— Não havia necessidade... *merci beaucoup* — ecoou Camille.

— Você é a primeira corajosa de nós a ficar noiva, por isso queríamos ser as primeiras a dar

algo lindo para sua casa. Quem sabe esse ato de bondade extrema... — foi falando Samantha, mas não conseguiu terminar.

— Faz com que achemos também nossa cara-metade! — gracejou de novo Adrienne, interrompendo a amiga. — *Hé*! Que tal você nos apresentar aos amigos da *Logos*?

— Com prazer. Eles vão ficar satisfeitos por conhecer bonitas moças — e piscou.

Ethan chamou Auguste e Jean-Jacques para perto e Camille elogiou o gosto impecável das amigas, enquanto as apresentava. Eles ficaram ainda admirando a peça e reparando nos detalhes, já conversando todos entre si.

Auguste logo ficou visivelmente deslumbrado pela falante Adrienne, de batom *rouge* e cabelo dourado que jogava para cá e para lá, enfiada numa blusa justa que marcava o contorno dos belos seios; e grudou nela a noite toda.

Pouco depois adentrou Marc acompanhado da famosa “amiga” que todos queriam ver quem era.

— Esta é Alannah.

A moça *mignon* e de tez morena era muito simpática. Usava um *tailleur* vermelho que valorizava perfeitamente seu tom de pele. Camille simpatizou com ela de cara. Tinha jeito de moça do bem.

“Quem sabe Marc acerta desta vez”, pensou ela. E alto:

— Sinta-se em casa! — ordenou a Alannah, tomando-a pelo braço.

— *Merci*, Camille — respondeu a outra, também simpatizando com a irmã do “quase namorado”.

Mais tarde, sem alarido, *signore* Arthuro entregou um envelope marfim aos noivos, contribuindo com uma soma em dinheiro.

— Não tive tempo de escolher algo especial, e não queria mandar minha secretária cuidar disso.

Esta é uma ocasião muito feliz para mim, gastem o dinheiro com algo que lhes seja aprazível.

Pietro, o amigo homossexual de Camille, foi o último a chegar. Como sempre. Desculpando-se pelo atraso. Mas esses deslizes eram perdoáveis, em se tratando de Pietro; entre eles dois a amizade tinha sido praticamente a primeira vista, e se tornaram inseparáveis. Obra do destino ou do excesso de convivência.

— Pietro me entende como poucos. Sempre fala a verdade, é sensível e não preciso explicar duas vezes como estou me sentindo. É um amigo para todas as horas, até para dizer que minha roupa está um lixo, ou que a maquiagem está borrada. Além de ser um ótimo parceiro de compras! Toda garota deveria ter um amigo *gay* — ela sempre dizia. — E, além disso, ele é excepcional como artista.

Camille o admirava pelo que ele era capaz de produzir, pela intelectualidade artística, pela

inventividade, a originalidade; e sabia-se privilegiada por ter um amigo como ele.

O rapaz de estatura mediana e rosto de traços delicados, cabelos pretos e incríveis olhos azuis era muito bonito. Com seu sorriso aberto e intensa jovialidade, cumprimentou a todos na sala, não levando em consideração os olhares de surpresa de alguns, especialmente os do clã italiano. Ele era muito carismático. Chamava atenção sem se esforçar.

Em seguida ele aproximou-se de Camille e dos outros amigos ao redor dela e de Ethan.

— Roupa *fantastique*! — elogiou Camille, que apreciava o estilo irreverente do amigo, olhando para ele.

Naquela noite ele exibia uma mistura de tons escuros com um toque colorido: jeans skinny preto e curto com sapatos elegantes pretos, uma camisa cinza de gola V e blazer cinza xadrez com toques sutis de azul turquesa. A echarpe azul enrolada no

pescoço deixava entrever parte do peito liso no decote V. Para fechar o *look*, sobre os cabelos um chapéu preto que caía com perfeição.

— *Merci*, *darling*! — agradeceu ele juntando as mãos sobre o peito num gesto bem seu, e sorrindo um sorriso que só perdia para o de Ethan. — Você também está gostosa. Adorei seu brinco!

Pietro aproximou-se do noivo, abraçando-o pela cintura.

— Finalmente você foi fisgado. *Quelle veine*! — e para Camille: — Se Ethan não fosse hetero, já tinha dono.

Todos riram, incluindo Madeleine, Samantha e Adrienne que estavam à volta, junto a Auguste, Jean-Jacques e Phillipe com Alexandra dependurada em seu pescoço.

O jantar correu animado. A sangria da mãe de Ethan, que estava com uma cor linda e um gosto melhor ainda fez um sucesso incrível, deixando todos à vontade, alegres e falando ao mesmo

tempo. As músicas se sucediam no aparelho de som, agradáveis, enquanto os jovens contavam piadas e histórias engraçadas, os mais velhos relembravam seus próprios noivados e casamentos, e davam conselhos e sugestões. Já bem tarde, táxis foram chamados. Auguste e Jean-Jacques tomaram um, Phillipe e Alexandra, outro, e Ethan colocou a mãe e as irmãs no último. Laurence apareceu para buscar *signore* Arthuro e Ethan. Eles deram carona para Pietro, evitando assim que ele dirigisse com a cara cheia de sangria e *champagne*, já que foi o único que veio com carro próprio.

As moças cuidaram rapidamente da louça, espalhando água pelo chão da cozinha e nas roupas de todas, entre gargalhadas. Samantha achou melhor passar um pano no piso e assim deixaram a cozinha de *madame* Darci em ordem.

As amigas iam dormir lá, assim como Alannah, e foi divertido para todas arrumar colchões, edredons e travesseiros no chão do quarto de Camille, entre

risadinhas e risadonas. Até a *chaise longue* de Camille, charmosa e cor-de-rosa, foi usada. Alannah a ocuparia por ser a menor e porque não queria dormir com Monique. Bem da verdade seria inacreditavelmente melhor ficar no quarto com Marc. Pena.

"É preciso respeitar os bons costumes familiares."

Travesseiros voavam na cabeça uma da outra e o bumbum de Adrienne numa calcinha roxa aparecia sob o edredom enquanto ela falava que Auguste era *três BCBG*, *très*! E que tinham trocado telefones. Roupas e sapatos eram atirados pelo chão e um *soutien* foi parar na cara de Madeleine, arremessado por Camille. Pés descalços andavam e davam corridinhas pelo chão de lajotas. Samantha tropeçou no tapete quase levando um tombo feio. Ninguém quis usar o quarto de hóspedes, que acabou ocupado apenas por *madame* Lyla, que já estava acomodada.

— Shhhh! — cochichou Adrienne para as outras. — O pai de Camille vai nos pôr todas para fora!

— Acho mais fácil minha *mãe* botar vocês todas na rua. Daqui a pouco algum vizinho vai reclamar — só que ela mesma lutava contra o riso até as lágrimas.

— Está bem. Shhh!

— Shhhh.

— Shhh... ah.

Nova crise de risos.

A mãe de Camille bateu na porta.

— Estão prontas, *filles*?

— *Oui, oui*! — responderam todas, em coro.

Monsieur Claude passava pelo corredor, bem ciente da bagunça das moças, e fez um gesto de "tudo bem, é noite de comemoração" enquanto se encaminhava para o quarto do casal.

— São só adolescentes felizes — acrescentou.

Madame Darci suspirou e foi apagar as luzes da sala.

Foram todas ao banheiro, e quando saíram Adrienne estava com o cabelo molhado demais, Camille deu um encontrão em Samantha e Marc esperava no corredor para puxar Alannah para longe de todas na penumbra de seu quarto para um último beijo e uns amassos.

— *Oh lala*, *mon Dieu*! — as outras trocavam cotoveladas e caminharam uma atrás da outra pelo corredor estreito enquanto a donzela roubada tentava, entre gritinhos, se desvencilhar.

O que não faz uma boa sangria!

Foi uma noite íntima, alegre e sem grandes sofisticações, mas que Camille e Ethan guardariam na lembrança como um excelente momento de seu relacionamento.

2 Cabo que termina uma região ou parte conhecida dela.

4

Nouveautés

Uma semana depois do noivado Camille decidiu que já era mais do que tempo de falar a respeito daquele assunto tão difícil com Ethan. Ela lutou para criar coragem. Tinha medo de como ele iria reagir. Passou a semana inquieta e se pegava bobeando durante as aulas, perdendo foco dos assuntos. Já em relação ao seu lado criativo, estava a mil por cento. A mestra de impressionismo francês notou o contentamento à flor da pele durante uma parte prática da aula.

— Você está brilhante, *jeune fille*. Isso é muito bom para o trabalho. — comentou ela, sem intenção de especular.

Mas Camille sorriu e respondeu orgulhosa.

— Estou noiva.

— *Mes félicitations*! O amor é um grande catalisador da Arte. Faça bom proveito do seu momento.

— *Merci beaucoup*.

Mas uma pequena turvação daquele estado de espírito exuberante começou a aflorar. Preocupava-se, tinha que falar com Ethan. Camille bem que tentou empurrar aquela sensação pegajosa para algum buraco escuro de sua mente, torná-la inoperante, só que o esforço foi em vão. O que começou como um leve incômodo passou a gotejar como uma torneira mal fechada, abrindo um buraco no seu coração.

No final da semana, na sexta-feira à noite, ela acordou suando de madrugada depois de um

pesadelo em que Ethan ia embora por um caminho desconhecido, por onde ela não conseguia passar. Ele ia se afastando cada vez mais, alheio a seus gritos e lamentos. Mesmo quando ele olhava para trás, não parecia vê-la, e a situação trazia uma angústia de morte. Acordou quase em prantos. Não podia viver sem ele. Ela já sabia disso.

Decidiu que era hora de contar a verdade, caso contrário como haver uma relação saudável?

Olhou para ele, que dormia a seu lado no *futton* fucsia, a luz do *abat-jour* ligado no *hall* de entrada iluminava suavemente o ambiente e o corpo dele. Camille ouviu a respiração pesada de alguém em sono profundo. Olhou para o luminoso do relógio, que marcava três horas da manhã de sábado. Mesmo naquele horário inoportuno ela chamou baixinho, ainda com a sensação torturante do sonho na garganta:

— Ethan...

Ele não se moveu e ela empurrou de leve o seu ombro. Chamou de novo. Ethan abriu os olhos num pequeno sobressalto.

— Que foi? Está tudo bem?

Ela quase chorava.

— *Non*, Ethan, preciso te dizer uma coisa.

— Venha aqui — ele esticou o braço para que ela pudesse se aconchegar em seu ombro. — Que foi?

Camille se aconchegou nele, e começou. Não ia mais pensar nas palavras, na melhor forma de abordar o assunto. Ia apenas dizer tudo. *Enfin*.

— Tem algo que preciso te contar. Mas me prometa... que não vai contar a ninguém. *Sil vous plaît*.

— Está bem — a voz dele soava apreensiva e já totalmente desperta. — O que foi?

— Eu estudei numa escola católica para meninas quando morava em Paris, quando meu pai lecionava em *Sorbonne*. Minha mãe fazia questão que eu e Monique recebêssemos esse tipo de

educação, por causa da minha *Grand-Mére*; mamãe sempre teve vergonha por ela ter sido uma das vedetes do *Moulin Rouge* quando jovem, ela queria como que nos "imunizar" contra esse tipo de "inclinação". *Grand-Mére* foi admiradora convicta de La Goulue — a rainha do Can Can —, Mistinguett — a mulher de *divines gambettes* —, Colette — que foi vaiada por causa de "*Rêve d'Egypte*", muito vanguardista para a época. E Edith Piaf — que era chamada de *môme* Piaf, e imortalizou canções francesas que correram mundo.

— *Quand il me prend dans ses braces, il me parle tout bas, je vois la vie em rose* — cantarolou Ethan. — Quem não conhece "*La vie em rose*"?

— Uma das mais famosas das mais de 240 canções que ela deixou. Piaf é uma das minhas prediletas. Foi artista de rua, criada como *chansonnette*, menina cantora das vielas de Paris; fazia o que queria com o seu público. Não havia

beco da cidade, boteco, taverna ou inferninho que ela não conhecesse. Piaf enterneceu-se pelas infelizes, pelos vagabundos e bêbados, pelo desacerto dos amantes e suas paixões impossíveis, doídas e fracassadas. Coube a um dos seus tantos amantes, Louis Leplée, dono da boate *Mômes de la Cloche*, refúgio de rufiões e de mendigos, tirá-la do *trottoir* e colocá-la para cantar quando ela alcançou os 20 anos de idade. Dele foi a ideia chamá-la de Piaf...

— *Oui*. Passarinho, pardal.

— Ela foi de fato o rouxinol da França.

A menina que viera do lado sórdido da cidade, do *bas-fond* de Paris, onde enfeitiçara as plateias, pôs-se a frequentar os locais da moda ao lado de gente importante; mas foi mesmo depois da 2ª Grande Guerra que a França e o mundo se encantaram com *La vie en rose*, composta em 1946. Depois de todo aquele horror, a canção de Piaf representou o hino universal dos que sobreviveram

à guerra. Que voltassem a se abraçar e a se amar porque afinal a vida era cor-de-rosa. Tornou-se símbolo do renascimento francês.

— Ela morreu bem cedo, não foi?

— O vício da morfina e o hábito do álcool formaram uma combinação perigosa. Morreu com apenas 47 anos. Com ela a França perdeu a maior das *chansonnières* de que se tem registro. Vovó tinha treze anos na época, mas conta como chorou e lamentou a perda daquela cantora e compositora imortal. *Grand-Mére* me contava todas essas histórias quando eu era pequena, porque ela tinha de tudo: discos, biografias, fotos. Ouvi muito sobre as lendárias mulheres do *Moulin Rouge*.

— Interessante.

— Mas isso preocupava a minha mãe. Dizia que ela estava a me encher a cabeça de bobagens. Minha mãe era tão obtusa que nunca admitiu para ninguém que vovó tinha sido dançarina em Paris. Nunca entendi. Achava suas histórias incríveis.

Mamãe, por sua vez, costumava mentir e dizer que vovó tinha sido enfermeira. Aliás, minha mãe acabou por tornar-se ela mesma enfermeira. "Uma profissão digna", como ela sempre apregoou.

— Mas dançar no *Moulin Rouge* não quer dizer que você seja *une putain*.

— *Non*! *C'est vrai*! As mulheres vadias estão em todos os lugares. Claro que havia homens por trás de certas mulheres, mas isso existe em qualquer lugar. Minha *Grand-Mére* se casou com meu *Grand-Pére* por amor, e viveram juntos por quase quarenta anos. Ele a tirou de Paris e foram viver no Vale do Loire, perto de Tours, cidade natal do meu avô. Eles tiveram mamãe e tio Tibério. Quando moça, mamãe voltou para Paris a fim de estudar enfermagem. Foi quando conheceu meu pai em *Sorbonne*. Vivi minha infância e início da adolescência em Paris, mas sempre passava a maior parte das férias de verão na casa do meu *Grand-Pére*. A outra parte era em Annecy. Tenho

lembranças muito doces dessa época, lembranças felizes — Camille ficou quieta por um minuto.

Depois continuou:

— Sempre considerei a casa deles meu verdadeiro lar. A *douceur de vivre*, essa vida no campo, com refeições em mesas enormes a céu aberto no jardim de casa, histórias para contar, muito espaço verde e crianças da vizinhança para brincar era muito especial para mim. Você sabe, quem pode, mantém casas no campo para preservar as raízes e passar férias ou fins de semana. Lá eu podia correr descalça o dia todo, subir nas árvores, andar à toa, nadar. Tudo que não se podia fazer em Paris, ali era permitido. O Loire é um exemplo perfeito do *douceur de vivre*, uma mescla de ritmo calmo, clima ameno e moradores cordiais, diferentes dos de Paris, frios e mais fechados. Meus pais também apreciavam aquela região tão perfeita. Mas, além disso tudo, havia os incríveis passeios que podíamos fazer. O Vale do Loire é conhecido

com o Jardim da França e foi residência preferida dos Reis franceses durante o período renascentista. Este apogeu no centro da França em redor do poder real estabelecido na região, fez nascer também fortificações, igrejas, catedrais e abadias. Mas o que mais me encantava, realmente fascinava-me, eram os castelos. Desde criança eu queria conhecer mais. Fazia meu pai levar-nos a incríveis excursões, pois ele tinha muita paciência para explicar as coisas para mim. Eu amava os castelos! Queria ver tudo, andar por todos os lugares, subir e descer até que todos estivessem exaustos. Imaginava-me vivendo naquela época, uma princesa; imaginava os vestidos que usaria e quantos cães e cavalos poderia ter num lugar tão grande como aquele. Não há nada mais incrível do que os castelos do Loire. Conheci de tudo: *Amboise, Angers, Azay-le-Rideau, Blois, Chambord, Cheverny, Rigny-Ussé*, e o mais bonito, *Chenonceaux*. Você

conhece os castelos? — ela virou um pouco o pescoço para cima e observou o perfil do rosto dele.

— Não tão bem quanto você! — ele sorriu.

— Apesar do mais bonito ser *Chenonceaux*, meu preferido sempre foi *Chambord*, o mais imponente de todos, e estive lá várias vezes. O rei François I já possuía os Castelos de *Amboise, Blois* e *Chenonceaux* quando sentiu a necessidade de uma coutada de caça mais elegante. Assim, o Castelo de *Chambord* foi construído entre 1519 e 1547 com 440 divisões, num estilo renascentista magnífico e uma escadaria dupla, supostamente desenhada por Leonardo da Vinci, que visitou o Castelo durante a sua construção. Aliás, vejo que meu gosto pelas artes vem desde que eu era menininha. Mais tarde, quando minha família se mudou para Lyon e me tornei moça, percebi que essa coisa toda amadureceu em meu espírito, e acabei rumando nessa direção.

Ethan não queria interromper sua noiva, mas não imaginava onde ela queria chegar. Claro que não o tinha acordado no meio da madrugada, aflita, para falar de sua infância e dar aulas de história e arte.

Sem perceber, Camille ia falando e falando para conseguir recuperar a confiança e chegar onde queria.

Ethan esperou, ouvindo com atenção. Por fim, Camille disse:

— Mas, voltando ao assunto. Desculpe-me, estou divagando. É importante sinalizar que minha mãe não queria que eu ou minha irmã seguíssemos caminho semelhante ao da minha *Grand-Mére*. Achava que uma rígida educação religiosa pudesse nos manter afastadas dos maus caminhos.

— Isso é tão relativo. Bom caminho, mau caminho. Às vezes, tudo depende dos olhos de quem vê. E como sua mãe ficou tão beata? Por certo não foi influência de sua *Grand-Mére*.

Camille fechou um pouco a cara:

— E ela lá é beata? Não é. Só que queria nos pôr rédeas curtas. Só que, você sabe, a melhor maneira de educar é dando exemplo, e não impondo regras que você mesmo não cumpre. Minha mãe nem sequer ia à missa, e também não vai agora. Você não vê como agora me deixa solta? Antes era tudo tão rígido, agora... — Camille fez uma pausa. — *Enfin*, melhor para mim. Só que ela fez questão que nos enchessem a cabeça de todo o entulho religioso que causasse pavor do inferno e de uma vida de pecados. No começo eu tinha medo das freiras; depois, com o passar do tempo e conhecendo melhor os bastidores da religião, deixei de ligar. Fiquei de má vontade com tudo que cheirava a religião; parecia-me falso e patético — ela suspirou — e com onze, doze anos de idade eu já vivia escapando com minhas amigas para explorar o *Quartier Latin* e *Monmartre*, por exemplo.

Ethan não pode deixar de conter um sorriso.

— O que está no sangue não se pode apagar. Desde a Idade Média este bairro é dominado pela *Sorbonne* e ganhou seu nome devido à língua falada pelos estudantes, o latim. Um bairro que me despertava terrível curiosidade, pois estava associado aos artistas e intelectuais, à vida boêmia, além das histórias de agitações políticas. Em 1871 a *Place St-Michel* se tornou o centro da Comuna de Paris e, em maio de 1968, foi palco das revoltas estudantis. Essas histórias me fascinavam. *Montmartre* — cujo nome, acredita-se, tenha derivado dos mártires torturados e mortos no local no século III — também está associada a artistas há pelo menos 200 anos. Nós adorávamos admirar e conversar com os artistas de rua, ver seus trabalhos, *draguer* na *Place Du Tertre*. Além disso, eu adorava passar pelo *Moulin Rouge* e contar histórias da minha *Grand-Mére*.

— Se sua mãe soubesse... — Ethan sorriu de novo.

— Íamos também ao *Boul'Mich* gastar nossas economias nos cafés, olhar as livrarias, as boutiques; ficávamos fascinadas com os turistas. As casas noturnas infelizmente não nos eram acessíveis naquela época. E era ótimo andar por *La Petite Atenas* embora nunca tivesse sido possível ir a um dos restaurantes gregos. Quando meu pai se transferiu para *L'Universitè de Lyon* eu saí do colégio das Irmãs, e passei a estudar no *Lycée Jean-Baptiste de La Salle* para continuar o ensino médio. Deixamos Paris, e não podia mais estar com minhas amigas, sentia-me solitária no começo, mas a aventura de estudar pela primeira vez num colégio misto superou todo o resto. Recebemos mil recomendações, Monique e eu. Ela não ligava, nem eu. Tive um *petit-ami* logo que comecei a estudar lá — ela olhou para ele com ar inocente, acrescentando: — Sem importância.

— *Oui*.

— Depois, tive um *amoureux*. Nunca contei a você. Ele era australiano, fazia intercâmbio... — Camille começou, sem querer, a falar aos trancos e sem tomar fôlego. — Durante quase oito meses eu e ele ficamos juntos. Em segredo, é claro.

— Por que não me contou antes? — Ethan estava surpreso e sentia o desconforto crescente dela.

— Deixe-me falar. Só escute, por favor. Kane e eu... nós estávamos muito apaixonados; pelo menos eu pensei que sim. Ninguém em casa sabia sobre nós. Na escola, ele era de uma turma diferente e fazíamos apenas algumas aulas juntos. Os colegas não sabiam do nosso relacionamento, às vezes estávamos estudando ou conversando, pensavam que éramos apenas amigos. Era eu que queria manter tudo escondido porque tinha medo que alguma coisa acabasse parando no ouvido da minha mãe. Então eu e ele nos encontrávamos fora da escola. Foi *chic, alors*! Muito legal. Eu tinha descoberto o amor. Somente minha melhor amiga

na época sabia sobre Kane. A questão é que chegou o dia dele voltar para Sidney, como eu sabia que voltaria, é claro. Foi o dia mais triste da minha vida. Chorei e chorei, fizemos promessas um ao outro de que manteríamos o contato e a chama do nosso amor acesa. É claro que isso não aconteceu.

Ela respirou fundo e seu corpo estremeceu. Ethan já adivinhava o resto.

— Só depois que ele se foi vi que estava grávida. Estava grávida e não havia nada a dizer a ele sobre isso. O que poderia dizer?

Ethan começou a ficar nervoso.

— Como assim, o que poderia dizer?

— O que eu haveria de dizer? "Sua namorada secreta na França está esperando um bebê, venha o quanto antes?". Não tinha o que dizer.

— Camille, você...

— Minha amiga Virginia e eu concordamos que o caminho mais certo, o único caminho a seguir, era o caminho mais curto. — Camille cobriu os

olhos com a mão — Ethan, *excusez-moi*, eu era uma adolescente estúpida e covarde.

— Que tipo de abortivo você usou?

— Não importa. Do tipo que se compra por aí.

— Que se compra por *aí*? Camille! — Ethan acabou se sentando na cama de sopetão.

Camille ficou deitada, os olhos úmidos, a coberta puxada até o queixo.

— Não me condene — implorou — Se fizer isso, como posso viver?

Ele estava de costas, quieto, à espera. Por fim se virou, olhando para ela.

— Era época de férias e verão. Eu tinha acabado de terminar o segundo ano e não tinha ainda dezesseis anos. A irmã mais velha de Virginia estudava na *Université Claude Bernard*, trabalhava e morava sozinha. Foi ela quem nos ajudou. Eu disse a meus pais que iria passar a semana com Virginia e os pais dela numa pequena viagem. Já havíamos feito isso antes, eles têm uma pequena casa no

litoral. Como nós éramos muito próximas, eles não questionaram nada. Minha mãe aos poucos foi nos deixando mais livres, julgava que os conceitos religiosos que ela se esforçou em nos dar estavam introjetados. Eu acho. Nem sei dizer por que de repente ela não estava mais tão rígida. Talvez por termos saído de Paris. *Je ne sais pas*. Assim, não suspeitaram nem de longe que fiquei aqui mesmo, em Lyon. Virginia passava os dias comigo e Annete estava presente à noite, quando Virginia voltava para dormir na casa dos pais.

Camille inspirou fundo e terminou sua história do modo mais rápido.

— Tudo deu errado. O aborto aconteceu, fui para o pronto-socorro sangrando, fora minha vida. Mas depois houve uma infecção. Tinha febre alta e muita dor. Fiquei internada mais tempo que o necessário e o médico disse que tive sorte por reagir aos antibióticos e não ter uma infecção generalizada — ela se calou, passando a mão inquieta pelos

cabelos. — Não sei o que ele chamou de sorte... porque é muito improvável que eu engravide novamente.

Ethan ficou quieto alguns instantes.

— E como seus pais não perceberam isso? Você quase morreu e eles nem notaram? — Ethan falava de um modo que ela nunca tinha ouvido antes. Teve medo que o pesadelo fosse um aviso do que aconteceria. Ele simplesmente iria embora. Seu pecado era muito grande.

— Meus pais lá prestam atenção, Ethan? Ficar pálida e cansada pode ser só uma gripe. Foi o que eu disse a eles depois que voltei da "viagem" com Virginia. Fiquei com ela e Anette dez dias. Desses dez, passei oito no hospital. Acho que me sentia tão culpada que meu corpo se incumbiu de me punir; não evoluí bem da infecção. Meu aparelho reprodutor ficou muito danificado... — ela enxugou as lágrimas. — Eu sei o quanto você deseja uma família. Não seria justo, eu não poderia... entende?

Não poderia deixar de te contar. Enquanto ainda não nos casamos.

Ele continuou mudo. Camille ergueu-se de onde estava, puxou-o pelo ombro, aflita.

— Você está ouvindo?

— *Oui*. Eu me pergunto, realmente, Camille, como isso tudo pôde acontecer. Como é possível alguém fazer uma coisa dessas a si mesmo.

— Eu sei que cometi um enorme pecado.

— *Non*, eu não estou falando de pecado! — Ethan voltou-se para ela. — Eu não vou discutir dogmas religiosos com você. Não seria muito verdadeiro da minha parte, não sou a pessoa certa para julgar. O que eu julgo é o desrespeito com seu próprio corpo, com você. Como pôde fazer isso a si mesma?

— Ah. Simplista, você — ela fechou a cara e engoliu o choro. Tinha sua própria versão de tudo há muito tempo. — Então o fato de eu ter matado outro ser humano, ter matado a criança, isso não

importa? Não vê que essa esterilidade quase absoluta foi consequência? Que estou colhendo os frutos da minha maldade?

— Você se julga punida por quem? Por Deus? O culpado pelo seu estado é Deus, não você mesma?

— Eu sou responsável — baixou a cabeça quando ele a fuzilou com os olhos. — Eu não fui responsável. Mas o erro maior não foi o que fiz comigo, mas o que fiz com a criança. É assim que eu penso e não adianta você tentar minimizar esse fato dizendo que não discute "dogmas". Não estou falando da Igreja, mas de algo maior, a noção de certo e errado que eu tenho dentro de mim. Um assassinato é errado. *Non*! — ela ergueu a mão quando ele ia falar, mas ele falou assim mesmo.

— Também tenho noção do que é certo e errado, e agredir tão violentamente o próprio corpo é "pecado", independente do aborto. Deus se alegra com o suicídio?

— Não distorça tudo, Ethan. Eu não pretendia "suicidar-me", não queira criar a falsa realidade de que eu fui a grande vítima de mim mesma. A criança é que foi. Eu só colhi consequências por ter acabado com a vida de alguém; por ter impedido que ele nascece, que ele vivesse. Destruí as chances dele, e as minhas. Não mereço ter um filho. Agora, se isso fere demasiadamente suas expectativas quanto ao futuro, seu conceito de família... já que agora você sabe onde se meteu... você tem a total liberdade de... de... — começou a chorar.

Ela estava sendo maldosa e incoerente, ferindo-o por sentir-se tão ferida, afogando-se em dor ao perceber a dor profunda de seu amado, com as próprias mãos lançando a felicidade para longe.

Contudo, o amor de Ethan era forte e verdadeiro. Era para sempre. Ele a puxou para si e a abraçou de repente, impetuoso, protetor. Como se pudesse desfazer o que já não tinha mais jeito.

— Chega, Camille. Não é preciso dizer mais nada. *Dio mi aiuti*... onde você estava com a cabeça? E que tipo de amigas eram essas que você tinha?

— Eu... eu me afastei delas depois disso, não consegui...

Ethan abraçou Camille fortemente após um momento de hesitação. Ela amoleceu ao sentir os braços dele ao redor de seu corpo, e o amou mais do que nunca. Tanto amor, que parecia que seu coração podia explodir. Se morresse naquele instante, estaria satisfeita por ter amado tanto e ter sido tão amada.

Sentiu o furor e a insanidade da discussão esvaindo-se.

— Perdoe-me, *mon amour*. Se eu pudesse voltar atrás, se eu pudesse fazer qualquer coisa, eu faria, Ethan — e enxugando as lágrimas, acrescentou — Eu achava que poderia viver sem ter um filho, que isso não era o mais importante. Na verdade, não

queria admitir a desgraça que tinha acontecido, nem vivenciar tanta dor, mas agora... agora eu lamento mais do que qualquer coisa porque eu queria muito um filho seu! — desandou a chorar mais ainda, outra vez.

— Shhh. Você está bem, está aqui. Você está viva. Poderia ter morrido.

Camille apertou a cabeça de encontro ao peito dele, ensopando sua camiseta e não falou mais nada. Não podia deixar de se sentir incomodada por Ethan não lamentar a perda da criança, mas tão somente o agravo que resultara ao corpo dela. Perdido no seu amor por Camille, Ethan não julgava com lógica os fatos, apenas afundava apavorado na simples ideia da dor e do sofrimento dela. Quedaram-se silenciosos. Camille respirava profundamente. Não julgava que ele fosse capaz de compreender, de conseguir imaginar, não agora, que a laceração maior tinha sido no coração, e não no corpo.

***

Depois do casamento, como se aquela história não existisse, eles tacitamente optaram por suspender qualquer método contraceptivo. Nem mesmo conversaram a respeito. Apenas não se precaviam de modo algum. A revelação sobre o aborto — difícil para cada um deles à sua maneira — tinha sido trancada a sete chaves e não falaram mais naquilo depois daquela noite. Nem entre eles, nem com ninguém. Ethan cumpriu sua promessa de silêncio.

Aos vinte anos Camille daria a vida para engravidar. Entretanto, ela sabia que não aconteceria. Não importava quanto eles insistissem.

Às vezes eles divagavam sobre como seria a paternidade. Camille trancaria a faculdade por um ano e teria uma licença-maternidade prolongada. Ethan brincaria com o bebê todos os dias e trocaria fraldas nos fins de semana.

Ela chorava escondida, sabendo que aquilo não aconteceria. Ethan estava negando a realidade e isso a corroia por dentro. Ele desejava algo que ela nunca poderia lhe dar.

Um ano se passou antes que eles se resolvessem a buscar auxílio médico.

— Talvez haja algo a ser feito — resolveu Ethan. — Talvez algo tenha mudado.

Em desespero para ser mãe e ter o filho de Ethan, ela engoliu o bolo com sabor de absinto que sempre se formava na sua garganta por causa daquilo e concordou em refazer a avaliação obstétrica. Foram à melhor clínica. Ele mesmo se informou e marcou a consulta. Mas a verdade chegou novamente até eles num furacão de emoções. Camille de fato tinha comprometido seu futuro fértil. Tinha aderências do tipo fibroso e muscular no útero, características da síndrome de *Asherman*; a camada interna do útero, onde se implanta o embrião, estava inativa e havia

obstrução parcial do orifício cervical. Era uma lesão muito severa, com mau prognóstico por quase não haver endométrio viável. O exame de histeroscopia mostrou três quartos do útero comprometidos. As trompas, porém, estavam preservadas.

Contudo, as mulheres com aderência intrauterina que engravidam e abortam têm melhor prognóstico do que as que não mais conseguem engravidar, como era o caso de Camille. A fertilização *in vitro* não era solução porque o útero dela não poderia comportar uma gravidez.

Foi mais ou menos nessa época que começaram as perguntas da família:

— Quando é que chega o herdeiro?

O casal, na flor da idade, acabou, aos poucos, pressionado demais. Deram a notícia: Camille tinha dificuldade para ter filhos, mas continuariam tentando. Se realmente não fosse possível, pensariam em uma adoção.

— É bom eles irem digerindo a ideia... — pensou Ethan.

Camille não falava nada. Apenas se esvaía do assunto. A verdade é que a notícia terminou numa comoção geral. O assunto para muitos meses, pelos cantos e ao telefone, para fúria de Camille, que vez por outra notava os olhares de pena e os comentários. *Madame* Lyla, que adquirira o hábito de promessas e velas acesas depois da maturidade, depois de ter-se tornado viúva, passou a rezar terços e promover as novenas que o pároco recomendara. Camille ficava enfurecida por dentro, mas não dizia nada. Não se julgava passível de perdão, muito menos merecedora de tudo aquilo, e encarava aquela parafernália pseudosagrada com extrema aversão. Entretanto não podia revelar à *Grand-Mére* o motivo de tanto mal estar, o qual procurava sempre disfarçar, mas que *madame* Lyla às vezes sentia no ar. Fingia entusiasmo a cada vela acesa, a cada promessa. E por dentro se remoía.

⁂

Um misto de remorso, frustração e raiva se agitava dentro dela ali, no quarto da *Grand-Mére*, enquanto escutava a música que vinha da sala e a voz de seu tio e dos outros familiares. As lágrimas insistiam em correr e ela as limpava furiosamente. Logo seu nariz estava completamente entupido e Camille parecia não conseguir sorver ar o bastante.

Quando ela começou a sentir o efeito relaxante e levemente sonolento da medicação, levantou-se e ajeitou os cabelos em desalinho, passou os dedos vigorosamente pela saia vermelha amarrotada, ajeitou o cardigã branco e voltou para a companhia da família.

Pelo barulho dos pratos e falatórios a respeito, Camille sabia que tinha chegado a hora da sobremesa. *Madame* Lyla acabou perguntando:

— Alannah, chame Camille, *s'il vous plaît*. Ela não vai querer perder essa *mousse*!

Alannah fez um pouco de hora, só um pouquinho, passando primeiro para pegar um copo de água na cozinha.

— Já vou chamar Camille.

Alannah tinha dúvidas se Camille já estava pronta para vir. Escutou quando todos se animaram com os álbuns de fotos que vieram da sacola que tio Tibério manteve a seus pés durante o almoço. Os álbuns foram rodando pelos dois lados da mesa, ao mesmo tempo em que se faziam comentários e perguntas. Mas havia uma questão no ar, a pergunta que não queria calar e que tinha ficado interrompida pela brusca saída de Camille. O que todos pensavam era: "Mas e então? Ele fez esse sacrifício todo em prol do quê mesmo...?".

De volta ao quarto da *Grand-Mére*, Alannah encontrou Camille sentada na cama e sem lágrimas no rosto.

— Já estou indo. As fotos estão fazendo sucesso e não quero perder isso.

Alannah pousou a mão no ombro dela sem dizer mais nada. Do tipo *mignon*, ela parecia ainda mais delicada ao lado da cunhada alta. As duas entraram na sala no momento mais propício, na hora em que a maioria ria alto, descontraída. Ninguém parecia prestar atenção nas duas, excetuando Ethan. De volta a seu lugar Camille evitava o olhar do marido, perscrutador, e procurava falar e fazer comentários com a prima, ao seu lado. Por dentro sentia o efeito relaxante do medicamento, mas que não lhe apagava a tristeza. Mais uma vez aquele sentimento.

A sobremesa foi degustada e apreciada; a *thé* veio para a mesa, junto com um bule de café preto, que *monsieur* Claude tanto apreciava. O aroma marcante da bebida encheu o ambiente. Camille já tinha conseguido enviar a Ethan alguns sorrisos, mas ele não se deixava enganar. Sabia que ela estava perturbada, mas não imaginava o que poderia ser.

Então, entre um gole e outro da *thé*, enquanto Camille tentava empurrar de lado a *mousse* meio comida, a foto do marco do Caminho foi parar nas mãos dela. Aparentemente Tibério estava esperando que isso acontecesse, que ela olhasse a imagem, porque falou em seguida.

— Camille, nesse lugar aconteceu algo bastante surreal. É a mais importante história da minha joranda.

— *Oui*? — Camille ergueu os olhos meio perdida — Que aconteceu, tio?

— Estava perdido e fui achado.

— Você se perdeu, meu filho? — acudiu *madame* Lyla, incrédula. — Mas é tudo tão bem sinalizado!

— É somente uma metáfora.

Tibério falou novamente do problema com a água e o modo como foi suprido. Os demais voltaram a conjecturar sobre o relato. Camille olhava, surpresa, direto para o tio já que ele parecia

estar contando aquela particular experiência para ela. Porém, esforçava-se em parecer natural, pois desde que a fotografia estava em suas mãos passara a sentir o nefasto enjoo novamente. Tibério adiantou-se mais na história, concluindo-a repentinamente.

— "Suas preces foram atendidas", ele disse antes de sumir-se na escuridão. E eu conto isso a vocês... a você, querida sobrinha... para que se alegrem. Minha peregrinação tinha um firme propósito, um propósito que creio ter sido colocado pelo Alto. Eu me coloquei em atitude de gratidão, nas mãos de *Saint Thiago*, o apóstolo, para rezar por você. Por Ethan. Sarah teve um filho na sua velhice, mesmo não tendo acreditado ser possível. O mesmo acontecerá com você, Camille. Você será mãe.

Mudos e perplexos, os olhos de toda a família se voltaram de pronto para Camille que, não soube o que responder e ficou olhando para ele. Depois

pediu desculpas e fugiu para o banheiro outra vez, para chorar lá dentro.

Madame Lyla colocou as duas mãos cobrindo a boca; *monsieur* Claude abriu a sua; Monique olhava para frente sem ver nada. Os demais se entreolhavam, estupefatos. Quanto a Ethan, arrastou ruidosamente sua cadeira e saiu atrás de Camille.

Só Alannah, muito impressionada, é que murmurou uma prece entrecortada, num fio de voz.

— Bendito seja Deus. Bendito seja o fruto do ventre da mãe de Deus

***

Camille sentia-se trêmula por dentro, incapaz de falar, e afundou no chão do banheiro. Ethan abraçou-a, com olhos marejados, sem dizer palavra porque também se sentia incapaz de encontrá-las. Camille ouvia o nome “Sarah” pulsando dentro

dela, o coração acelerado, as mãos trêmulas. A sensação de tristeza era gradualmente substituída por algo novo, um súbito e definido bem estar, uma leveza como se pisasse em nuvens, um renovo de quem recebe no rosto a brisa do mar. O peso parecia diminuir, retirado de seus ombros como os apetrechos de guerra de um soldado depois de um longo, longo dia. Como tinha sido longo! Um dia que durou anos. Agora não havia mais sombra no seu coração, nem enjoo em suas entranhas.

Seu tio tinha estado ali o tempo todo para dar o aviso, para sinalizar algo, mas ela não tinha percebido. Ouvia a voz meiga de Alannah dizendo que ela devia fazer o teste de gravidez. Balançou a cabeça e desvencilhou-se de Ethan. Sentia-se irrequieta.

O marido, encostado na pia, quieto, pulava de azulejo em azulejo, olhando para a parede da frente, repetindo sempre o mesmo desenho. Nenhum dos dois ousava tomar a palavra.

Depois de um tempo eles por fim se entreolharam. Um olhar de cumplicidade, de estranheza, regozijo e pavor ao mesmo tempo.

Uma chama de esperança era ao mesmo tempo alegria e terror. Satisfação e perplexidade.

E se não...?

Poderia ser apenas um alarme falso?

Tibério era um homem racional apesar de sua religiosidade; quem poderia imaginar uma motivação como aquela, que o conduzira silenciosamente em uma extenuante batalha mística? Ele faria algo assim, dar esperanças vazias a um casal já extenuado? Afinal, como já diz o ditado popular; “Ostras felizes não produzem pérolas”.

⁂

— E se ele teve alguma alucinação por causa da desidratação? — perguntou Camille enquanto fazia e desfazia trancinhas no cabelo.

Sentada ao lado do marido, no banco do carona, eles tinham saído há pouco da casa de *madame* Lyla, onde o clima tinha ficado mais festivo depois da história de Tibério. Para todos, tudo estava certo, já que desconheciam a gravidade do problema de Camille. Ela se sentia desconfortável e pediu discretamente ao marido para ir embora. Ethan concordou de pronto. Eles precisavam ficar a sós e conversar. Precisavam urgentemente colocar a cabeça no lugar e conversar. Contudo, para conversar era preciso saber o que dizer.

— Não acho provável essa hipótese de desidratação — argumentou Ethan por fim. — Ele não estava desidratado de verdade. Foi pouco tempo sem água.

Camille não respondeu. Levou o dedo indicador à boca, sentindo a ponta da unha com os dentes da frente como se fosse roê-la. Mas as unhas cor-de-rosa estavam lindas, então, ao invés disso, passou a tentar puxar a cutícula dos cantinhos. Estava

preocupada e muito ansiosa. Ficou olhando pela janela sem ver muita coisa. Ethan ainda não sabia o que estava sentindo; tudo o que ele não suportaria, em hipótese alguma, seria um alarme falso. Colocou a mão direita sobre a perna de Camille enquanto dirigia, e a afagou de leve, num gesto de solidariedade, e os dois ficaram em silêncio.

— Por outro lado, tivemos os desmaios, e esses enjoos, vômitos e mal-estar — ponderou Ethan depois. — Não poderia ser somente uma coincidência. *N'est-ce pas*?

Depois de um primeiro momento muito breve de júbilo, ela sentia medo. Estava cada vez mais consciente do medo. De iludir-se e crer no impossível.

— A doutora Ross me avaliou há mais de um ano e meio — resmungou Camille já mal-humorada outra vez. — Disse ter esgotado os recursos, lembra?

— Eu sei. Mas a história do seu tio mudaria tudo, é disso que estamos falando.

Camille suspirou. Voltou-se para ele ainda mais irritada.

— Eu não sei *o quê* muda. Você tem fé para isso? Porque eu não tenho. Mesmo se tivesse conseguido engravidar agora, se por um milagre do destino esse óvulo fecundado encontrou uma minúscula parte viável de endométrio, isso assegura que a gravidez vai chegar a termo? Que teremos um filho? Mesmo se estivesse grávida... as chances de abortar seriam grandes, Ethan, isso é o que eu penso. Você viu em que estado se encontra o meu útero — ela inspirou fundo. Sentia muita raiva. — Se fosse Alannah... ela teria fé e acreditaria mesmo que nem tivesse aparelho reprodutor! Mas eu sou só eu! Sabia que ela me falou nisso, mesmo antes de ouvir a história até o fim? Perguntou se eu não poderia estar grávida. É uma beata, acredita no poder dessas velas e das novenas da *Grand-Mére*. Só enxerga

gravidez na frente dela. Também, com aquele barrigão, no que mais ela ia pensar?

Camille fez força para não cair em prantos histericamente. Não era do seu feitio. A verdade é que não admitia nem mesmo para si mesma, nos seus mais profundos recônditos, que o barrigão de Alannah a incomodava, e muito.

— Não vejo assim. Existem evidências da gravidez. Poderia vingar, quem sabe... vamos passar agora no pronto-socorro e...

— Ethan, você está louco? — ela quase gritou. — Eu não vou fazer esse papel de louca, ouviu? O que vou dizer lá? Olha só, doutor... — e fez uma vozinha de falsete — eu tenho milhões de aderências no útero, mas estou vomitando. Acho que estou grávida. *Non*!

— Tudo bem. Eu entendo, *pupa*. Vamos fazer primeiro um teste de farmácia. Dependendo do resultado procuramos a doutora Ross de novo. Se estiver grávida, temos que comunicá-la.

Camille deu um muchocho sem convicção. Estava extremamente arredia, com pavor da decepção.

— Esses testes não são cem por cento fidedignos — disse ela depois de outro momento de silêncio.

— Claro que são! 99% de segurança.

— Então, por puro azar, eu vou entrar naquele 1% de falso positivo, e depois a médica vai dizer que "foi um pequeno engano...". *Non*!

— Vamos daqui direto ao pronto-socorro — insistiu ele mais uma vez. — Eles colhem um exame de sangue, te examinam. Vamos ter certeza.

— *Non*! Não me fale em pronto-socorro.

— Camille, alguma coisa temos que fazer, *d'accord*?! Ou você vai conseguir dormir depois de toda essa conversa?

— Tudo isso o quê, Ethan? Quem percorre o Caminho de Santiago deve ser mesmo assim, falando de fé e de adquirir bênçãos impossíveis, mesmo que nada tenha acontecido. E daí, o pobre

senhorzinho poderia ter uma garrafa a mais de água e isso não quer dizer que vou ter um filho.

— *Oui*, mas você esquece que ele aparentemente se desmaterializou e apareceu de novo, num lugar onde não poderia estar, só para dar a resposta a tio Tibério?

— Você age como se o que eu fiz fosse passível de perdão, que Deus fosse me dar uma nova chance depois de... fazer o que eu fiz — dessa vez as lágrimas começaram a rolar.

Ethan passou a mão pelos cabelos dela, sentindo ele mesmo um nó na garganta.

— Meu bem, *ma fleur*... não fique tão triste, *s'il vous plaît*...

Ela fungou e pegou um lecinho de papel no porta-luvas do carro.

— OK, Ethan. Vamos passar na farmácia. Compre três testes diferentes.

— Três? Praticamente não vai ter erro.

— A não ser que um seja positivo, o outro negativo... — Camille não se dava por vencida.

Ethan sorriu.

— Não se desespere por antecipação. Vamos fazer isso de uma vez. Mas, por mim, iria ao pronto-soc...

Camille lançou-lhe um olhar pétreo e ele não disse mais nada.

— Se não for gravidez, não é, ponto-final, e acho que depois disso todo mundo vai acabar se conformando de uma vez por todas.

Camille olhou de novo para o marido, desta vez com olhos de cachorrinho.

— Você é uma menina corajosa — ele disse, e Camille deixou escapar um sorriso enquanto secava os olhos. Nem sentia mais o efeito do remédio da *Grand-Mére*.

Depois de adquiridos os testes, chegaram a casa e foram direto para a cozinha.

— Aqui está.

Eles abriram os testes e leram as instruções. Era simples, todos precisavam de um pouco de urina. No andar de cima Camille fez sua parte recolhendo o material. Depois os dois passaram a molhar as fitas e as hastes respeitando o tempo necessário. Antes do resultado do primeiro teste Camille teve um acesso de riso ao observar Ethan, todo compenetrado, segurando o recipiente com o seu xixi. Quando a cor começou a aparecer, os dois baixaram a cabeça para perto da fita tão bruscamente que suas cabeças bateram uma na outra. Camille teve outro acesso de riso.

— Deu positivo! — exclamou Ethan primeiro do que ela, incrédulo, assim que a cor azul ficou evidente.

Camille não sabia o que pensar.

— Lembre-se daquele 1%... — fez ela lentamente, ainda relutante em acreditar no que quer que fosse.

Mais um teste. E depois mais outro. Todos positivos.

Ethan estava estupefato. E esfuziante.

— Camille, Camille, deu positivo, deu tudo positivo! — ele a envolvia pela cintura com os braços, puxando-a com força. — Não é possível!

Camille estava muda. Por fim, abraçou o marido pelo pescoço e falou baixinho:

— *Mon amour*, pode até ser que eu esteja mesmo grávida, e eu fico feliz por isso. Mas, lembre-se: isso não significa que ele vai nascer. Talvez, para me castigar ainda mais, Deus me permita sentir a alegria da gravidez, e depois me permita abortar, para sentir a mais profunda dor, a mais profunda, desolação... a...

— Shhh, Camille, não diga uma coisa dessas! De onde você tirou essas ideias sobre Deus? Por que Ele seria assim tão mau?

Ela se encolheu, encostada no peito dele.

— *Je ne sais pas*. Não sei. Por que Ele me faria o bem depois do que eu fui capaz de fazer, matando um inocente? Ele por acaso estava ao lado de Jehanne d'Arc para salvá-la, ou é Ele que guia as freiras do colégio das Irmãs? *Je ne sais pas*...

— Querida, tudo o que posso dizer é que você está com uma visão distorcida por causa de um sentimento de culpa. Não pense mais em castigos, punições, pecados imperdoáveis. Isso não é bom para você.

— Gostaria de não pensar — ela balbuciou. — Eu sempre imaginei que tinha dado a volta por cima, que não ligava para os dogmas religiosos, mas acho que minha mãe realmente se incumbiu de fazer com que eles entrassem mais fundo do que o necessário. A questão do pecado, da punição...

Ethan sentiu seu corpo estremecer fortemente e a estreitou mais forte nos braços.

— Acalme-se. Vamos deitar um pouco lá em cima. Farei uma *thé* pra você.

Mas Camille não se desvencilhou dele, apertava-o mais ainda com mãos frias e inquietas:

— Eu tenho medo Dele — as lágrimas rolavam, seu corpo continuava a tremer.

— Não tenha medo — ele acariciava seu rosto com muita delicadeza. — De onde vem isso, esse sentimento tão negativo? Será possível que só daquela escola, dos excessos de algumas freiras? Não há nada para temer. Eu sei que você se arrependeu muito do que fez, e só fez porque não encontrou saída. Se eu sou capaz de compreender isso, quanto mais Deus? Ele também vê o seu medo, a sua tristeza, a vontade de poder recuperar o que se perdeu.

Mas aquelas palavras soavam distantes como uma longínqua estrela no céu, e ela continuava apavorada.

⁂

O consultório da doutora Ross era agradável. Tinha na frente um pequeno e bem cuidado jardim com uma enorme tília que fazia sombra nas janelas, um canteiro com flores da estação e unha-de-gato cobrindo boa parte da fachada. O casal tinha preferido ir ao consultório particular da médica, que funcionava apenas às quintas e sextas-feiras, do que na clínica de fertilidade onde ela trabalhava em outros dias da semana. Camille queria evitar aquele ambiente já conhecido e as antigas sensações de desgosto, insegurança e medo que experimentara lá. As janelas do consultório eram altas e tinham as persianas abertas. O lugar em si era charmoso. Nem parecia consultório médico.

Aquilo acalmou um pouco o coração de Camille. No entanto, assim que adentraram a sala de espera ela voltou a sentir a palpitação que a assolava desde cedo. Sentou-se num dos sofás. Jogou os cabelos para trás, cruzou as pernas longas e ficou balançando, sem perceber, o pé que estava no ar.

Ethan aproximou-se da secretária que sorria. Camille desviou-se do sorriso enjoativo e percorreu o recinto com os olhos. Havia sofás em tom neutro, mesinhas com revistas, várias plantas e paredes pintadas de verde-água. Camille não gostou do tom das paredes, aguado demais.

A secretária foi muito solícita e sorriu demais para Ethan. Camille franziu os sobrolhos e balançou ainda mais o pé.

"*Putain*", ela pensou.

A doutora Genevieve Ross — ginecologista e obstetra, Phd em *Harvard*, especializada em reprodução humana — era uma sumidade. Quando entraram no consultório eles deram logo de cara com os quadros de seus muitos diplomas — graduação, pós, mestrado, doutorado — e muitos outros certificados pendurados milimetricamente na parede atrás da mesa. Na parede ao lado havia uma pintura em aquarela especialmente delicada, iridescente, cuja imagem parecia quase flutuar.

Retratava uma moça muito jovem, de longos cabelos dourados, grávida. Assim que entrou, Camille reparou no quadro, considerando-o particularmente bonito. Sentiu a garganta apertando.

O local era ensolarado e transmitia um bem-estar que Ethan captou, mas que Camille, normalmente mais perceptiva do que ele, simplesmente nem notou por causa de sua inquietação. Ela desviou o olhar para um mural enorme cheio de fotos de bebês: os bebês que a doutora Ross havia trazido ao mundo, uma parte deles.

A Dra. Ross estava de pé e estendeu a mão para o casal, sorridente.

— *Comment t'allez vous*?

— *Trés bien, merci* — respondeu Ethan retribuindo o sorriso.

Camille voltou os olhos do mural dos bebês rapidamente, forçando o sorriso.

— *S'il vous plaît* — disse a médica apontando as cadeiras estofadas diante da mesa para que eles se acomodassem

Em seguida ela própria tomou lugar atrás da imensa mesa de cerejeira repleta de pastas e papéis, alguns livros e um computador de última geração. A doutora Genevieve Ross devia beirar os 55 anos, tinha estatura mediana, estava um pouco acima do peso e repartia os cabelos escuros ao meio. Suas mãos brancas mostravam finas veias azuis e unhas impecavelmente limpas, cortadas rente. Por sobre a roupa ela usava um jaleco branco imaculado, bordado nos punhos e na gola.

Depois de duas ou três mesuras, ela indagou olhando direto para Camille:

— O que se passa, *ma chérie*?

Camille tentou não parecer ansiosa demais. Claro que a doutora deveria estar acostumada com a ansiedade feminina mais do que qualquer outra mulher, porém Camille esperava conseguir tratar o

assunto com certo racionalismo. Colocou os exames anteriores sobre a mesa e começou:

— Estivemos em consulta com a senhora na clínica, não aqui, lá na clínica, há mais ou menos um ano e meio e... bem, naquela época... — ela engasgou e tossiu.

Ethan continuou:

— Não havia muito que fazer no nosso caso — ele relembrou, com voz firme. — Mas achamos que Camille está grávida agora.

Ele relatou os fatos que vinham ocorrendo.

— Ah, *oui*, eu me lembro de vocês agora! — falou a doutora Ross depois de verificar os primeiros exames. — *Pardon*, são tantos pacientes. Mas agora estou lembrada perfeitamente de vocês. Então suspeitam de uma gravidez?

— Pode ser que seja psicológica, doutora — tentou se defender Camille, quebrando o silêncio do consultório enquanto a médica verificava o resto dos exames.

A médica ergueu a cabeça com certa seriedade no olhar.

— Vamos ver, vamos ver. Realmente o seu caso é delicado, Camille.

Camille não queria ouvir nada sobre aquilo e concluiu rapidamente:

— Como a senhora já sabe o mais provável é que eu *não* esteja grávida, apesar dos testes da farmácia que fizemos, e dos sintomas que, afinal, não são tão importantes assim. Poderia ser somente um estresse — ela meneou a cabeça como quem procura as melhores palavras, mas não encontrou — Porque bem sabemos que não posso ter filhos.

A Dra. Ross não aparentou nenhuma emoção forte.

— Vamos ver — ela repetiu tranquilamente. — O seu relato é bem interessante, no entanto temos todos esses exames. A possibilidade de você engravidar, se vocês bem se lembram, era mínima. O endométrio estava muito comprometido. Mas

quer saber de uma coisa? Em medicina nunca podemos dizer "nunca", e nunca podemos dizer "sempre". As aderências e regiões de fibrose são extensas, mas o fato de você ainda menstruar um pouquinho talvez tenha sido a razão de um óvulo fecundado ter-se aderido à parede uterina. Se isso realmente tiver acontecido, este pequeno ovo tem que ter espaço para crescer. Mas vamos começar pelo começo. Qual a data de sua última menstruação?

Camille riu de nervoso.

— Ah! — "que pergunta". A médica estava mesmo levando a sério aquilo tudo? — Eu menstruo muito pouco, como a senhora disse, praticamente nada. Além de não ser muito regular. Foi em 17 de fevereiro. Não me preocupei com atrasos, porque a menstruação vem irregularmente.

A Dra. Ross olhou para o calendário à sua frente.

— Mmm... hoje é um bom dia para a gente saber se você está ou não grávida — a doutora brincou

com Camille, percebendo sua perturbação. — É primavera, uma estação bonita — ela explicou. — Não acha?

— Oh, por certo que sim — respondeu Camille.

— Mais alguma coisa, além dos desmaios, das náuseas e vômitos? Você disse que tem vomitado diariamente mesmo tomando medicação?

— *Oui*. Geralmente de manhã. Mas acho que é porque tenho andado muito tensa com essa situação toda! — desabafou. — E estou também um pouco cansada, eu acho. Sonolenta. Eu não sou assim.

— Irritabilidade? Crises de choro?

— *Comme ci, comme ça*... — disse Camille, pouco convincente.

— Ela está mais sensível, sim — completou Ethan, aproximando sua mão para segurar a mão de Camille. — Entretanto creio que é compreensível, dadas as circunstâncias.

— É natural sentir-se assim. Até mesmo em circunstâncias perfeitamente normais a gravidez pode deixar a mulher mais emotiva, mais chorosa, mais irritável. Aquelas coisas que os homens não compreendem — ela piscou, dessa vez brincando com Ethan, que sorriu. — Ainda mais no caso de vocês, isso é mais que normal.

A médica agia de forma tão natural. Camille sentiu novamente um aperto na garganta; sabia que ela era apenas mais um número nas estatísticas, apesar da solicitude da médica.

— Sente algo diferente nas mamas?

Camille franziu a testa.

— Notei que estão um pouco inchadas, doloridas. Pensei que fosse sinal da menstruação que estivesse para vir... mas, não veio... senti também um pouco de cólicas, o que também me fez pensar que era pelo período menstrual.

— Tanto a turgidez mamária como um pouco de cólica podem ser sinais de gravidez. Inclusive um

pequeno sangramento pode ocorrer, sinal da implantação do ovo na parede do útero.

O casal permaneceu em silêncio.

Mais algumas perguntas sobre o estado geral de Camille e a médica foi arrastando a pesada cadeira, erguendo-se e chamando a paciente para mudar de sala. Sorriu:

— *Allez*! Vamos examinar e ver o que encontramos aí.

Ela fazia tudo parecer tão natural.

"Ela não me condena", constatou Camille. "Ela sabe o que eu fiz e não me condena."

Só que nem assim sentiu-se melhor. Suava frio e estava apavorada. Parecia estar indo para o matadouro ao invés da sala de exames. Quando a médica solicitamente abriu a porta do consultório, Camille olhou para Ethan e ele a encorajou com os olhos e com aquele sorriso inacreditavelmente bonito.

— Te amo, *pupa* — falou ele baixinho enquanto permanecia em sua cadeira, à espera.

Na sala de exames uma samambaia enorme alegrava o recinto e ali as paredes eram lilases. Camille gostou muito mais daquela cor e experimentou um suspiro de alívio vindo do fundo do seu ser, sem nem bem saber por quê.

— Aqui, Camille — fez a médica estendendo o pequeno avental de tecido tão leve como papel.

Camille reuniu toda a coragem que tinha antes de despir-se na *toalette* conjugada à sala de exames. Inspirou fundo e saiu, recatadamente envolta no aventalzinho.

O exame geral estava normal. Pesagem, pressão, temperatura, exame físico.

Por fim, o exame ginecológico. Primeiro as mamas, dolorosas e liberando pequena secreção clara. Era mais um sinal a favor da gravidez.

A doutora Ross não acreditava de fato que Camille estivesse grávida, entretanto tinha

aprendido ao longo dos anos em sua profissão que tais queixas não podem ser subestimadas. Camille podia realmente apresentar uma pseudociese, ou seja, a falsa crença de estar grávida, com sinais objetivos de gravidez. A situação exige sabedoria e delicadeza, mas normalmente um tratamento adequado só pode ser feito através de um analista. O tratamento psiquiátrico seria indicado no caso de haver uma depressão associada, ou outra doença psiquiátrica.

Algumas mulheres desejam tanto engravidar, ou desenvolvem uma sensação de vazio e insegurança tão grande pelo fato de não serem mães, que realmente exibem a maior parte dos sinais e sintomas de gravidez. Pode ocorrer aumento das mamas e da barriga, náuseas, vômitos, amenorreia (ausência de menstruação). Inclusive a mulher pode "sentir" o feto se mexer e as mamas chegam a secretar leite.

A seguir, Camille se acomodou em posição ginecológica; sentia-se ainda mais apavorada, o que não colaborava em nada para o exame. A médica sorriu ao calçar as luvas.

— Relaxe, *s'il vous plaît* — pediu com voz suave.

O toque começou doloroso, mas à medida que Camille fez o supremo esforço de relaxar a musculatura da pelve, foi mais rápido e indolor. O rosto da médica estava sério, mas um sorriso leve de repente iluminou seu rosto.

— Seu útero está aumentado, Camille. De consistência um pouco mais amolecida e arredondado.

Depois, ao introduzir o espéculo, a médica notou a coloração mais arroxeada da vagina e do colo do útero, o chamado sinal de *Chadwick*, pelo aumento do fluxo sanguíneo na região.

A médica estava bastante surpresa, mas apostava tudo numa pseudociese. Teria que lidar com a situação de forma sutil. Como não era ainda

possível saber se o útero continha um feto, ou não, clinicamente, ela teria que pedir a ultrassonografia para Camille. Embora não quisesse dar falsas esperanças ao casal, essa era a maneira que tinha de descartar a gravidez verdadeira: o útero vazio. Apesar dos sintomas objetivos de gravidez, é claro que na pseudociese não havia feto presente.

— Bem, como eu disse, "nunca" é uma palavra que não existe. Entretanto, não posso ainda descartar algo psicológico, como você mesma aventou — ela se conteve e não disse mais nada ao notar o rosto da paciente sem cor.

Enquanto Camille escorregava para trás e puxava as pernas dos suportes o mais rápido possível, a médica se levantava da cadeira e apagava a luminária que ajudava na visualização dos órgãos internos.

— Conversamos no consultório — avisou a doutora Ross.

— *Oui*.

Camille voltou a envolver o corpo nu no aventalzinho e foi para a *toalette*. Sentou-se na banqueta sobre suas roupas, extenuada emocionalmente, amassando a blusa de renda em *chiffon*. Não sabia se deveria chorar, ou se o melhor a fazer era não sentir nada ainda. Depois de um minuto olhando para nada, ela se ergueu diante do espelho, tirou o avental. Os cabelos caíam sobre os seios brancos como leite, seu rosto mostrava sinais de preocupação. Colocou a palma de uma das mãos sobre o ventre liso. Rememorou mais uma vez — a centésima vez — as palavras de seu tio.

"Sarah".

Minutos depois estava novamente sentada ao lado de Ethan, que segurava sua mão fria. Ele estava bastante ansioso, mais por Camille do que por ele mesmo.

A doutora Genevieve Ross inspirou profundamente antes de começar a explicar:

— Vamos fazer a ultrassonografia o quanto antes para confirmar o porquê de seu útero estar aumentado.

Ela explicou ao casal a questão da pseudociese, com cuidado, mas não podia deixar de fazê-lo.

— Só que mesmo assim, pode ser que a Natureza tenha encontrado realmente uma porção viável do endométrio e haja um feto em formação. Não estou descartando essa possibilidade também — ela olhou o casal com empatia. — Sei o quanto isso tudo é difícil para vocês, eu compreendo.

A doutora Ross tinha um lado muito humano.

— Vou rever com cuidado todo o histórico de seu caso, Camille — a moça estava ainda muito pálida. — Está se sentindo bem?

Camille fez que sim com a cabeça.

Ethan inclinou-se um pouco para frente, cruzando as mãos sobre a mesa.

— E no caso de... como *madame* diz... *haver* um feto? Não ser a pseudociese. O útero dela

comportaria a gravidez até o fim?

A médica ficou coçando o queixo de leve antes de responder.

— Muito improvável, *monsieur* Ethan. À medida que o feto crescesse, a placenta, cada vez maior, precisaria também encontrar mais espaço para aderir-se. No caso de não haver aderência, teríamos um descolamento desta placenta.

— Um aborto, é isso? — volveu Ethan.

— *Oui*. Infelizmente.

Camille estremeceu. Lágrimas teimosas como gotas de chuva em período de estiagem surgiram nos seus olhos.

— *Non*. Outro aborto... *non*. Não posso passar por isso novamente.

Doutora Ross procurou tranquilizá-la.

— Não estou afirmando isso. O descolamento de placenta pode acontecer mesmo em um útero normal; e dependendo da idade fetal é possível manter o recém-nascido viável, vivo, na UTI

neonatal, até que tenha atingido a maturidade pulmonar. Mas por ora, o melhor exame para você, nesta fase precoce, é o ultrassom transvaginal com *doppler* colorido, além da dosagem do beta Hcg, hormônio produzido pela placenta, além de alguns exames de sangue gerais, antes de passarmos adiante, está bem?

Depois que o casal deixou o consultório, a médica ficou um pouco meditativa, refletindo nas possibilidades. Era preciso saber se o útero estava vazio ou continha alguma coisa: um feto, na melhor das hipóteses, ou poderia haver qualquer outro tipo de crescimento intrauterino.

O útero era gravídico, certamente que era. Indagava a si mesma se alguma coisa teria passado despercebida nas avaliações anteriores, o que seria completamente descabido. Não era provável. Que explicação encontraria? Caso a moça estivesse mesmo grávida levaria o caso para discutir na clínica. Contudo, também gostaria da opinião de

seus antigos professores em *Sorbonne* e em *Harvard*. Dificilmente ela levaria a gestação a termo.

No carro, de volta para casa, Ethan tentou animar Camille dizendo que logo teriam uma resposta definitiva, e que ele se sentia otimista. Camille respondia sem sua costumeira paixão pelas coisas, apática. Quando ficaram em silêncio ele podia sentir sua respiração pesada e não sabia que reação assumir.

“Sarah.”

5

Certain

Camille saiu do consultório com recomendação de não fazer qualquer tipo de atividade física, remédio para cólica e enjoo, e retorno em uma semana com o resultado do exame.

Ela andava como que pisando em nuvens, mas não no sentido bom da expressão "pisar em nuvens". Sentia-se aérea, a cabeça zonza, como se não estivesse presente no próprio corpo. Já Ethan, depois de um tempo, tinha um sorriso no

semblante. Camille notou de repente aquele sorriso e lançou ao marido um olhar enviesado.

— Eu sei, eu sei — ele balbuciou, dando um apertão nos ombros dela sem perder o sorriso. — Vamos comemorar de verdade depois do ultrassom. Mas bem que a gente podia ir jantar naquele restaurante marroquino que você estava querendo.

Ethan abria a porta da *pick-up* para sua esposa, todo cheio de cuidados.

— *Non* — refutou Camille. — Vamos deixar esse restaurante para outro dia. Não vou conseguir aproveitar, acho que nem vou conseguir comer. Você não ouviu a médica dizer que, mesmo estando grávida, é improvável que ele nasça?

— Eu ouvi. Mas aí entra a parte de tio Tibério.

Camille não respondeu.

— Está enjoada? Não quer mesmo ir ao restaurante?

— *Non*.

— Você não acredita no que o anjo disse? Você só começou a ter os sintomas depois disso. Isso a doutora Ross não sabe.

Camille suspirou.

— *Quoi*?! Não te entendo. Você parece que enxerga Deus como um carrasco, uma Pessoa má. Alguém que se alegra com o seu sofrimento. Por quê?

— Você já sabe.

Ela parou para pensar um pouco, se deveria ou não falar a respeito. Optou por mencionar algumas lembranças.

— Lembra quando te contei sobre as férias que passava em Tours? Eu ainda era criança quando conheci a história de Jehanne D'Arc. Aquilo me impressionou muito. Foi ideia da minha mãe visitarmos Orléans, ela queria que conhecêssemos a história de uma santa como Jehanne D'Arc, que recebeu em 1920 a mais alta condecoração da Igreja, foi canonizada e considerada alguém a ser

venerada e imitada. Em 1922 tornou-se padroeira da França. Eu me interessei muito pela história daquela heroína tão corajosa feita mártir. Conheci a *Maison Jehanne D'Arc*, onde mostras audiovisuais contam sua história. Depois daquilo, sonhei várias vezes com ela e queria saber mais. Acabei por convencer meus pais a visitar vários outros lugares onde se passaram os principais momentos de sua história. Contudo, o que mais me marcou, e ficou para sempre na minha memória, foi a torre em Rouen, onde ela ficou presa, e a visão da sua cela. Que coisa aterradora, monstruosa... era só uma menina de 19 anos que foi torturada, queimada viva, em nome de Deus. E fiquei pensando como Deus permitiu uma coisa dessas. Era só uma adolescente! Não contei para ninguém, mas sonhava com ela, e de repente ela era eu, e era eu que ardia na fogueira. Esses pesadelos se repetiram muitas vezes. Depois disso fiquei curiosa sobre os santos, especialmente os mártires, aqueles que

morreram por sua fé cristã. E meu pai, que é PhD em História das Religiões, como você sabe, satisfazia minha curiosidade e insistência no assunto. Contava histórias. Horripilantes, a maioria. Muito, muito sofrimento. Os primeiros mártires foram os que andaram com Jesus! Como pode? Pedro, João, Tiago.

Camille inspirou fundo. Aquela injustiça a deixava muito mexida por dentro.

— Eu era criança e não entendia por que Deus permitia que os filhos que mais O amavam sofressem tanto. Os mártires do I século sofreram terrivelmente com as perseguições do Império Romano. Muitos eram jovens; outros, velhos, e outras eram mulheres. São Vitor de Braga, um jovem que se recusava a cultuar deuses pagãos, foi açoitado, teve seu corpo rasgado com lâminas em brasa e, por fim, foi decapitado. Mas não renunciou sua fé. Santa Priscila é considerada a primeira mulher mártir. Pelo que eu li, ela foi batizada pelo

apóstolo Pedro aos 13 anos, e mais tarde tornou-se conhecida do apóstolo Paulo porque em uma de suas epístolas ele saúda Priscila e Áquila. Quem poderia prever isso? Ela foi presa, amarrada no Coliseu para ser devorada. Diz-se que os tigres esfomeados não a atacaram, mas se deitaram aos seus pés. Então, eles a decapitaram. As mártires — as mulheres que entregavam sua vida com incrível coragem — não são consideradas tão importantes quanto os homens. Claro! — Camille zombou. — Difícil foi a vida das mulheres em todos os tempos da História. Mas elas existiram. Elas *fizeram parte* da História, mesmo que não fossem consideradas tão importantes quanto os homens. Só depois do século IV é que parte das histórias dessas mártires foi escrita. E quantas não se perderam?

— Eu entendo o que você quer dizer — murmurou Ethan. — Entendo que você ficou assustada com esses relatos, e isso te levou a questionar o caráter de Deus.

Camille estava raivosa, falando e vomitando aquelas impressões que estavam tão incrustadas nela, mas nunca antes tinham sido expostas:

— São Jorge, por exemplo, um militar do século IV, morreu antes dos 30 anos e até hoje é cultuado tanto no oriente quanto no ocidente, conhecido como o Vitorioso. Seu túmulo ficou em Lidda, perto de Telaviv, quando foi degolado depois de inúmeras torturas grotescas. Mas... mas não é só isso. Não se trata apenas das torturas, das injustiças, de como o ser humano desceu tão baixo "em nome de Deus", inflingindo um sofrimento desse porte a um semelhante.

— *Oui* — repetiu Ethan, esperando que ela continuasse e, assim, desabafasse.

— Meu pai sempre teve muitos livros — ela riu. — Minha mãe brincava que teríamos que comprar uma casa extra só para guardar os livros dele. Quando eu ainda não sabia ler, olhava os que tinham figuras, todos os tipos de figuras. Nos livros

sobre Religião, muitas vezes me deparava com imagens de demônios, seres monstruosos. E... — ela não sabia como achar as palavras.

— E você ficou com essas ideias... — ajudou Ethan. — Ideias sobre o diabo, também, é o que você quer dizer?

— É. Afinal o Bem e o Mal existem, *n'est-ce pas*? É assim que funciona. Mas você já parou e avaliou se eles estão em equilíbrio — como se procura demonstrar no Ying-Yang, por exemplo —, ou se vivemos alguma espécie de desbalanço de forças?

Ela olhou para ele interrogativamente. Camille sempre teve aquela tendência de mergulhar de cabeça, com paixão, nos mais diversos assuntos mesmo que eles não tivessem exatamente a ver com o contexto.

— *Amour*... o que tudo isso tem a ver com a gravidez? — Ethan tentava puxá-la de volta à realidade. — Não precisamos discutir o Bem e o Mal por causa disso.

Camille não estava ouvindo.

— *Tem* a ver com a gravidez — foi sua resposta rápida. E continuou na sua lógica: — Ethan, se Deus não poupou tantos dos seus santos, por que beneficiaria a *mim*? Por que me proporcionaria um milagre? Eu, que não sou nada! Nem sei direito o que eu penso sobre Deus! Até hoje não consigo conciliar o amor e a bondade de Deus com essas histórias pavorosas. É como se eu tivesse — inconscientemente, acho, pelo menos no começo — criado no coração uma espécie de desconfiança em relação a Ele. Fico desconfiada. Tenho a impressão de que, se me aproximar muito Dele, Ele me cause alguma coisa terrível.

— Essa é uma ideia equivocada, minha *pupa*. São lembranças da infância, deformadas pelo pensamento infantil. Depois, deformadas pela culpa. Não sou religioso, mas creio que Deus é bom. Deus é amor. Você gostaria de conversar a respeito disso com alguém? Um padre, talvez?

— *Non*! — ela exclamou. — Eu não confio em padres. Não posso julgar todos pelo comportamento de alguns, mas há muita sujeira, muita podridão na Igreja. E o que eu sei, com certeza, é só a ponta do *iceberg*. Isso também me deixa pensando...

— *Oui*?

— Foi o que eu disse sobre o desbalanço de forças. Eu vi as figuras dos demônios, na infância. Depois, nem sei por que, li algumas coisas a respeito quando era mais velha. Será... — ela colocou a mão no queixo. — Será que o diabo pode ser mais forte do que Deus, Ethan? Você já pensou nisso? Eu nunca disse essas coisas para ninguém, porque parecem ideias absurdas. Alguns séculos antes e eu seria morta como herege. Mas será que o mundo não está assim caótico por influência dos demônios? Não seria o dito "Satanás" mais forte do que Deus?

Ethan ficou em silêncio. Aquela ideia realmente lhe parecia absurda, mas queria deixá-la terminar. Estava ficando assustado com a forma de ela pensar.

— Se Deus é tão poderoso, por que Ele permitiu essa degradação da Sua Criação? Por outro lado, se Ele *é* de fato poderoso, e não faz nada... pelo contrário, permite que os mais santos morram queimados, serrados ao meio, torturados, espancados, apedrejados, lançados aos leões muitas vezes já com as veias e artérias mais profundas abertas, com os órgãos aparecendo por terem sido estendidos sobre pregos, feridos com lanças... e outros suplícios inacreditáveis... onde está o amor de Deus, por quem esses eram tão devotos? Relatam-se muitas vezes histórias sobrenaturais envolvendo essas pessoas, de forma a poderem suportar o sofrimento. Só que no final das contas, ele existiu.

— Está bem. *Alors*?

— Não costumo ficar pensando muito nisso, me deixa nervosa, cheia de dúvidas. E sei que se falar isso para um padre, ele vai me penitenciar, dizer que estou errada. Procurei deletar isso da minha mente, não questionar mais nada, esquecer. Foi assim até o dia do aborto. Eu tinha feito uma coisa terrível. E certamente seria punida, cedo ou tarde.

— Por que não conversa com seu pai, então? — sugeriu Ethan. — Ele é professor de História, especialista em história das religiões, por que não?

— Ah, Ethan. Meu pai vai me confundir ainda mais. Se Deus é um só, por que tantas e tantas religiões diferentes, com crenças tão diferentes, rituais tão diferentes? Quem está com a razão, afinal? Como podemos afirmar que nós, cristãos, somos os detentores da Verdade? Então todos os muçulmanos, os hindus, budistas e todo o resto simplesmente irá para o inferno? Todas as religiões africanas? Muitos deles nem acreditam em Inferno, não veneram Jesus como Filho de Deus. E vão ser

jogados no Inferno, como lixo, por um Deus que se diz bom, amoroso *e justo*. E a igreja ortodoxa, que é considerada cristã, mas não é católica, em quase todo o leste europeu, na Grécia, na Finlândia, na... *Je ne sais pas*! Mas e se formos nós os errados? E se...

— Camille, acalme-se um pouco — ponderou Ethan com mais firmeza. — Não é bom pra você ficar pensando nisso, ficar pensando em castigos, ficar achando que vai ser punida de alguma forma. Não pense mais nisso. É bobagem. Além do mais, se alguém "conseguiu" esse milagre, esse alguém foi tio Tibério. Não foi você. Deus atendeu a ele, e a beneficiada foi você. Nós. Ele teve fé por nós.

Ela fez uma pausa longa, pensando a respeito. Os dois ficaram em silêncio.

— Alguém pode ter fé por você, *c'est vrai*. Jesus não teve fé pelos seus discípulos quando estavam quase naufragando no mar? Tem uma história assim, não tem?

Ethan balançou a cabeça confirmando.

— *Alors*, Jesus teve fé também por Pedro, mas depois, Pedro foi morto, crucificado de ponta-cabeça. Aquela fé de Jesus não o livrou de um terrível mal — ela estava realmente inquieta. — Meu coração está apertado. Mesmo que o tio tenha tido fé por mim, não me isenta de colher um grande mal... mais tarde.

— Não fique assim! *Mon Dieu*! Talvez você possa, então, tirar algumas de suas dúvidas com Tibério. Podemos ir a Annecy e...

— *Non*. Não quero mexer nesse assunto. Não quero falar, isso pode ser de mau agouro. Entretanto, ela continuou logo depois de outro momento de pausa. Não conseguia mais parar:

— Você faz ideia, Ethan, dos massacres cometidos em nome de Deus durante as Cruzadas, durante a Inquisição? As guerras religiosas são medonhas, de uma completa e absoluta intolerância em relação às diferenças. E mesmo

hoje, judeus, muçulmanos e cristãos não se entendem. E quantas denominações diferentes existem dentro da Igreja Protestante: por quê? Se a Bíblia também é uma só, não deveria haver divisões.

— Isso acontece por diferenças de interpretação de alguns pontos da Bíblia. Mas isso não a invalida. E nem invalida a sua mensagem central sobre o amor de Deus e o que Ele fez para trazer o homem de volta para si.

— Eu sei, eu sei! Mas a questão é que não estamos todos nos desentendendo por coisas pífias? Veja a questão do batismo. Nós, católicos, batizamos a criança...

— Logo depois do nascimento — interrompeu Ethan.

— E acreditamos que sem isso ela não pode ir para o Céu. Já os Protestantes acham que o batismo tem que ser uma atitude consciente, de alguém que deseja mostrar a sua fé. Portanto, somente pessoas

com entendimento dessas questões podem se batizar. Mas e se elas morrerem antes? Então, segundo nossa igreja católica, crianças inocentes estariam indo para o fogo do inferno. E o batismo não existe no Judaísmo, no Islamismo, no...

— Camille, *s'il vous plaît* — ele admoestou.

Ela sacudiu a cabeça, fazendo seus cachos ruivos pularem de um lado para outro.

— Não é uma confusão completa? — ela continuava. — Quem é que está com a razão? Pode ser que nós estejamos errados. Pode ser que Deus não seja, afinal, uma espécie de Pai, nem Onipotente, Onipresente e Onisciente, e que a Trindade não exista, e que Maria não tenha engravidado do Espírito Santo. Isso é *grego* para os Budistas, por exemplo. Talvez eles estejam certos, ou qualquer outro. Talvez devêssemos buscar a iluminação, alcançar o nirvana, crer nas reencarnações... você me compreende?

— *Si, si, pupa*! Mas vamos nos contentar com a formação religiosa que recebemos por herança dos nossos pais e da nossa cultura, mas sem esquecer que, mesmo que possamos estar cometendo algum erro de interpretação, a maior parte dos mártires que existiram foram cristãos. Significa que alguma coisa na fé cristã moveu milhares de pessoas a entregar a vida por ela. Isso tem que ser um sinal, não acha?

Aquilo pareceu acalmá-la um pouco.

— Nisso você tem razão.

— De qualquer forma, isso não invalida ou desmerece outras crenças. O homem sempre tentou de muitas maneiras aproximar-se de Deus, cada um à sua forma.

— *Ça va*! Não falemos mais nisso — ela prendeu os cabelos dando um nó neles, apressada. — Tratemos mais é de marcar o exame.

Camille mordeu o lábio inferior, adquirindo uma expressão absorta que era muito dela. Tocou a

coxa do marido, suave, enquanto ele manobrava para embicar o carro na garagem. Os dois desceram e saíram da parte coberta e caminharam lado a lado pelo caminho de cascalho lateral, que também dava na porta da frente. Ethan passou o braço pela cintura dela, puxando-a para perto enquanto andavam, e ela passou os dois braços em torno dele, pelas costas e pela barriga, se pendurando e encostando a cabeça no seu ombro.

— Eu sei que tudo parece estar colaborando, rumando numa direção, que é a gravidez. Mas espere um pouco, *amour*. Deixe-me ir digerindo essa história toda e me preparando para qualquer situação, seja ela qual for. Depois comemoramos... no caso de haver algo para comemorar. Pode ser assim? — pediu Camille.

— Está bem, *ma fleur*. Como você quiser — ele sorriu abertamente, fazendo o coração de Camille pular no peito como fogos de artifício.

— *Je t'aime beaucoup*! Minha vida sem você não teria sentido. Obrigada por estar ao meu lado.

Já na porta de casa eles pararam, Camille ainda envolvendo o marido com os dois braços, como Thetys abraçando seu amante, e Ethan puxou o nó dos cabelos dela, soltando-os, só para poder enfiar os dedos nos fios sedosos. Cobriu sua boca com seus lábios, tocando-os de leve, delicadamente. Depois passeou pelo seu pescoço e sua orelha. Camille já não pensava em nada que não fossem aqueles beijos que percorriam sua pele. Sentiu seu corpo ficando como fogo, o quadril se encostou no dele, e ela procurou-lhe a boca para beijá-lo sem nenhuma sutileza, mas com paixão.

Ethan correspondeu ao avanço dela devorando-a, apertando o corpo todo contra o dela.

Mas foi só.

Depois do beijo eles sorriram, cúmplices.

— Não podemos — ele disse, sem desviar os olhos da boca dela. — Não ainda.

— Vai saber quando vamos poder — ela replicou, olhando-o com malícia e brilho em seus olhos verdes. — Ah! — ela se afastou dele, rindo. — *Que supplice*!

Camille se abaixou para acariciar Morango, que tinha vindo recebê-los e se esfregava nas pernas dela. Ele era o mais peludo dos gatos, parecendo um novelo de lã marrom e preto.

— *Mon chaton*, *mon amour*! — Camille dizia docemente para Morango, seu gato predileto.

O bichano respondia miando e inclinando a cabecinha ao ser coçado nas orelhas.

Ethan abriu a pesada porta e o gatinho foi o primeiro a entrar.

***

Madame Verdoux estava na cozinha espiando no forno o salmão com ervas, assando batatas ao alho e cortando legumes para cozer no vapor quando o casal chegou. Ela escutou o som da porta batendo e

olhou as horas. Eram quase seis da tarde. Logo o jantar seria servido.

Ethan veio direto para a cozinha, atraído pelo aroma da deliciosa comida.

— *Buona sera*, *madame* Verdoux. Tudo bem em casa?

— Perfeitamente, *monsieur* Ethan. *Signore* Arthuro deixou recado, disse que não estava conseguindo falar pelo celular. Pediu que ligasse para ele.

— Oh, *merci*, desliguei o celular e esqueci-me de ligá-lo outra vez.

Ele serviu um copo d'água e levou para o escritório, onde poderia conversar com mais sossego. Camille ainda estava na sala de visita, afagando os outros gatos, espalhados por ali.

Ela suspirou, olhando em derredor: seu ambiente, seu lar. O lar que dividia com Ethan. Era bom estar em casa.

Aproximou-se do sofá que ficava perto das enormes janelas da frente e abriu parte das cortinas. *Madame* Verdoux tinha o hábito de fechá-las no final das tardes, como Ethan determinara, mas Camille gostava de "ver a noite".

"Ver a noite" traduzia-se num conjunto de sensações agradáveis que, com cortinas fechadas, seriam seriamente prejudicadas em sua apreciação. Como a visão da lua cheia, enorme e alaranjada quando nascia no céu azul-marinho; ou do seu brilho argênteo iluminando parte das árvores do jardim quando ela já estava lá no alto, ou, na sua total ausência, a escuridão quebrada somente pelos dois lampiões que havia ali, um perto da entrada da garagem e outro na esquina da rua.

Ela ficava deitada no sofá quando não estava com sono e ouvia o silêncio. Profundo, reconfortante, rompido somente por um ocasional pio de coruja; deixava-se embalar pelo som e pela visão da chuva, ou do vento sobre a vegetação na frente da casa e do

outro lado da alameda, observava seu movimento. Já as noites pálidas de neblina, que esvoaçavam, diáfanas, se faziam para ela adoráveis; ou quando a neve caía como pequenas flores de jasmim, diminutas estrelinhas no céu. E como eram deliciosas as noites de verão, quando ela abria os janelões de par em par, e na quietude aproveitava a brisa fresca e o ir e vir dos gatos, tigrinhos-de-jardim à caça de mariposas e pequenos insetos.

Os *abat-joures* já estavam acesos, bem como a luz do *hall* de entrada e do *hall* no alto do *mezzanino* que dava para o espaçoso corredor. Penélope desceu do encosto alto do sofá e veio para perto de Camille, com seu pelo preto sedoso e olhos amarelos de tigre. Os outros dois, mais velhos, jaziam dormitando e apenas mantinham os olhos sonolentos abertos "à meia-luz", sem se incomodarem. Jojoba — o ruivinho — estava na cadeira Luís 15, e Maxi — o branco — encarapitado

sobre um par de chinelos esquecidos debaixo da mesinha de centro.

Ethan passou pela sala avisando que ia telefonar ao *Nonno* e deixou Camille pensativa com seus botões. Ele já se sentia seguro da veracidade da gestação e louco de vontade de gritar aos quatro ventos para todos ouvirem a novidade. E que novidade! Seria difícil falar com o *Nonno* sem dizer nada, e vê-lo todos os dias tendo que manter a boca fechada!

Antes de ligar a *signore* Arthuro, ele mesmo marcou a ultrassonografia. Insistiu quanto à urgência do caso, e conseguiu o exame para dali a três dias.

"Três dias de agonia para Camille", ele refletiu. "E de impaciência para mim."

Camile estava um pouco arredia. Cumprimentou *madame* Verdoux com um "*ça va*" seco e mais nada, não entabulou conversa, nem mesmo espiou a comida. Irritada, subiu para seu

atelier pisando meio duro. Pensava em se adiantar no feitio de um corpete que estava quase pronto. Tinha muitos detalhes que precisavam ser feitos a mão, o que era trabalhoso. Ela subiu as escadas principais, que davam no *mezzanino* e atravessou o corredor até a escada lateral, menor, de madeira, que dava no sótão.

Quando compraram o chalé, a primeira reforma foi a do sótão. A porta de entrada foi alargada e uma janela grande aberta na parede oeste, o que conferia uma bela visão do pôr do sol entre os ciprestes do quintal, nos fundos. As demais janelas foram alargadas um pouco de modo a conferir bastante luz ao ambiente, e nelas foram instaladas floreiras. Camille adorava as flores perfumadas, como lírios rosa, mudas de magnólia e gerânios. Mas era divertido misturar um pouco de tudo para ver o efeito no final: miosótis, flor-de-lis, rosas, lilases, amores-perfeitos, ervas aromáticas. Um de

seus passatempos era plantar e replantar suas floreiras.

Entretanto, sua janela preferida era a que se voltava para o imenso carvalho, uma das melhores aquisições que vieram com a casa, cuja idade ninguém sabia calcular e cujos galhos, de tão frondosos, quase entravam no *atelier*. Camille poderia sair pela janela e descer até o jardim dos fundos pelos seus galhos. Debaixo do carvalho havia um pequeno banco de jardim, meio escondido, mas o lugar perfeito para uma boa tarde ensolarada.

Ela adorava o jardim deles, com árvores e plantas que não eram tão características da flora das áreas de preservação local, onde abundavam pequenos bosques de plátanos, pinheiros, aveleiras, castanheiras, grossas faias e bétulas. Ali eles tinham algumas pérolas a mais. Na área que circundava o chalé e ia até o quintal dos fundos, além do magnífico carvalho havia outras árvores lindas que

ela podia apreciar do *atelier*, entre os pinheiros e ciprestes: duas acácias amarelas, um vidoeiro-branco, uma macieira e uma enorme cerejeira, além, é claro, do caramanchão.

A cerejeira era o amor de Camille! Literalmente tratada a pão-de-ló, isto é, com todos os cuidados de jardinagem possíveis e imagináveis para garantir que eles pudessem usufruir da bela e fugaz florada. A cerejeira tinha muito a ver com ela, pois era um símbolo de beleza feminina e de amor, mas também uma poderosa lembrança da transitoriedade da existência; uma metáfora para a vida, segundo a filosofia japonesa. Observar a cerejeira sempre a fazia lembrar-se de que devia aproveitar sua vida ao máximo, e apreciar seus dias como se fossem os últimos.

Um dos últimos charmes do chalé era a hera *glacier* que circundava boa parte das paredes laterais e dos fundos, sempre podada com muito cuidado para que não se tornassem invasivas

demais. Suas bordas em cor branco-creme e os reflexos prateados nas folhas verde-escuras traziam àquela folhagem uma beleza especial.

Camille subiu devagar as escadas e ficou olhando para o corpete. A saia do vestido que estava montando estava pronta no manequim, ao lado. Era mais uma peça importante do seu desfile "Água Marinha". Isso iria distraí-la para não ficar voando e sonhando com gravidez. Mas não teve a menor disposição e acabou indo olhar a vista pelas janelas.

***

Ethan, no andar de baixo, sentia-se elétrico e incapaz de mudar o rumo dos pensamentos. Depois de uma breve conversa com o *Nonno*, que na verdade não queria nada, apenas falar com o neto, Ethan resolveu dar uma olhada no calendário. Encontrou o dia 17 de fevereiro, data da última mesntruação de Camille. Ethan sabia — eles já era PhD's nessas coisas — que o período fértil deveria

cair em torno do 14º dia do ciclo, época em que a mulher estaria ovulando. Quantas vezes eles não tinham calculado essas datas para fazerem amor várias vezes durante esses dias especiais.

"Vamos ver..."

Ethan contou os dias. O 14º dia caía em 1º de março, porque o ano era bissexto. E Tibério afirmava ter encontrado o velhinho no entardecer do dia 27 de fevereiro.

"Suas preces já foram atendidas", rememorou Ethan.

De repente a ideia passou pela sua mente:

"E se a concepção aconteceu *exatamente* nesse dia? Dia 27 de fevereiro? Afinal, Camille não é um relógio".

Ele pegou sua agenda em cima da mesa para dar uma batida de olhos. Que estaria ele fazendo naquela data? Queria tentar se posicionar no tempo para poder lembrar o dia, talvez a hora da concepção. Seria possível guardar na mente os

detalhes da relação que lhes premiara com o esperado filho? Folheou as páginas e, para sua surpresa, notou que tinha estado fora em viagem de trabalho. Ausentara-se do dia 25 de fevereiro ao dia 3 de março. A frustração foi imediata.

"Que esquisito", pensou Ethan. "Eu não estava aqui. Mas, isso não quer dizer nada... poderia ter sido um pouco depois".

Ele sorriu ao pensar em como gostavam de relaxar juntos na hidromassagem depois daqueles períodos de ausência, trocando muitos beijos e carícias, sem pressa, até o desejo ficar tão pungente e imediato que passavam ao ato sexual ali mesmo, ou então se enrolavam em toalhas e se amavam na cama.

***

Camille selecionou uma sequência de músicas suaves no MP3. Sentou-se, pensativa, na bancada central — enorme e um tanto bagunçada.

Além do material da confecção havia um *notebook*, a extensão do telefone e uma profusão de objetos variados: desde o que estava usando para trabalhar no corpete, até alguns potes de tinta fora do lugar, aquarelas, pincéis, muitos lápis para desenho, giz de cera, cola, *glitter*, miçangas, linhas, tesouras, "sucatas" e coisinhas. Algumas estavam em caixas coloridas de papelão, outras simplesmente jaziam soltas por ali.

Thais, a arrumadeira, responsável pela limpeza daquele santuário, varria o chão de tábuas corridas, encerava quando necessário, limpava os vidros das janelas e tirava minuciosamente o pó. Ela devia fazer isso colocando cada um dos infinitos objetos *exatamente* no mesmo lugar. Se algo estivesse bagunçado, deveria ser limpo e deixado bagunçado. Mudar qualquer coisa de lugar era um crime inafiançável.

No restante da porção central do recinto havia espaço para uma máquina de costura de última

geração, um cavalete com uma pintura não acabada, uma cadeira na qual era impossível sentar-se, entulhada de *quincailleries* preciosas como *bijous*, e dois manequins. Um deles exibia a saia do vestido inacabado e o outro, sua última criação do semestre passado.

Algumas caixas grandes demais para as bancadas laterais, feitas sob medida, estavam empilhadas no chão. Os úteis conjuntos de bancadas e prateleiras guardavam basicamente tudo o que Camille possuía na vida. Desde diários e álbuns antigos de fotografias até livros de arte, CD's, revistas de moda e objetos de arte produzidos por ela mesma ao longo dos anos. Pendurados nas paredes do aposento havia quadros dela, croquis e um mural de cortiça gigantesco no único local onde não havia bancadas ou prateleiras. Confeccionado também sob medida, Camille colocava nele lembretes, frases interessantes, poemas e uma profusão de fotos e desenhos.

Ela ficou olhando para o teto desnivelado com vigas de madeira, que adorava; o ambiente era perfeito. Arejado de dia e quente à noite, quando muitas vezes ela ficava ali até altas horas trabalhando, aconchegada pelo calor dos aquecedores, na companhia dos gatos.

Embalados em papel pardo e plástico-bolha havia várias telas grandes encostadas numa das bancadas. Apesar de ter adentrado um universo de estilos e técnicas artísticas durante o curso na *Lumiére*, o talento maior de Camille sempre foi a pintura; os estudos e conselhos dos professores lapidaram o dom que ela já tinha e agora, mais ainda que antes, ela jamais deixaria de pintar. Era uma atividade prazerosa e relaxante, quando sua alma voava livre, embalada apenas pelos sentidos, pelo silêncio e pela música.

Espalhados pela casa ela tinha alguns trabalhos dos quais decidira não se desfazer, enfeitando as paredes do lar. Mas a maior parte das pinturas

tinha sido vendida no seu *vernissage* — *signore* Arthuro insistira em bancar o evento por ocasião de sua formatura. Ela arrecadou uma boa soma em dinheiro, que aplicou em ações e na compra de ouro. O restante das telas — a minoria — ficaram expostas no saguão do *Café Européen*, *très chic* e muito bem frequentado, e volta e meia Camille vendia mais uma tela. Foi com parte deste dinheiro que adquiriu a *Dame*, embora o dinheiro já tivesse destino certo: investir na abertura da marca e da loja que Camille queria, quando se formasse como *designer*.

Ela tinha começado despretensiosamente, vendendo acessórios pela *internet*. Costumava confeccionar ítens para si mesma que as pessoas costumavam elogiar e, ao saberem ser criação dela, pediam que lhes fizesse algo parecido. Eram blusas, ou bolsas artesanais, vestidos. O interesse fazia com que Camille presenteasse pessoas, vendesse uma peça ou outra, e isso corria de boca em boca. Ela

passou a atender alguns pedidos mediante encomenda. Também confeccionava roupas masculinas com perfeição porque gostava de fazer coisas para o marido. Assim, volta e meia, também tinha encomendas de calças e camisas. Por causa destes pedidos, que se avolumaram, surgiu finalmente a ideia de montar um *site* e expor parte das criações. Camille dedicou-se muito ao *site*, criou coisas novas e começou a receber pedidos regularmente; agora, tinham intenção de realmente montar uma *griffe* e partir para uma loja. Depois que ela se formasse. Se ainda tivesse o dinheiro.

Ela não pensou mais em nada.

Deixou o corpete de lado e acabou se acomodando embaixo do painel de cortiça, que ficava na parede oposta à janela do carvalho. Aquele era o seu canto dos cantos! Além da vista bonita de sua janela predileta, as duas janelas da esquerda deixavam bater luz do sol quase a tarde toda durante parte do outono e no inverno. Ali ela

colocara o antigo *futon* fúcsia de Ethan, uma das coisas que ela fez questão de trazer da casa dele quando se mudaram e que agora servia para Camille se enroscar desenhando *croquis* ou estudando, espalhada em almofadas novas e femininas.

Camille levantou da bancada e se jogou de barriga para baixo no *futon*, abstraída de tudo, com preguiça até de tomar banho, os olhos continuando a passear pela sala. Maxi subiu na mesa de trabalho, sentando-se sobre o tecido do corpete. Ficou observando sua dona e logo depois afofou o corpete e se deitou. Morango foi para perto dela, como sempre, aninhando-se encostado em sua perna. Ela começou a coçar o bichano, e de repente resolveu que era melhor descer e saber onde estava Ethan, conversar, jantar e falar da vida dos outros. O pôr do sol já findava, dourado, avistado pelas janelas da esquerda. Camille acendeu a luminária que ela mesma tinha feito, enfeitada com pingentes de

vidro em toda a volta da cúpula. Pegou o telefone e ligou para o celular de Ethan, só de preguiça de ir até o andar térreo. Logo a voz dele veio pelo aparelho.

— Oi, *mon amour*! — ele disse.

— *Salut*. Cadê você?

— Aqui no escritório. *Madame* Verdoux avisou-me que o jantar está pronto e eu já ia chamar você. Está no *atelier*?

— *Oui*. *J'arrive*.

Ethan, com seu incurável romantismo, tinha separado alguns CD's para ouvirem enquanto comiam. A comida estava impecavelmente arrumada sobre a bancada da cozinha, já que só usavam a mesa de jantar em ocasiões especiais. Ethan tinha pensado em pedir que ela servisse na sala de jantar, mas achou que Camille pudesse ficar incomodada, por isso demoveu-se da ideia.

— *Bonne nuit*! — despediu-se *madame* Verdoux assim que Camille entrou na cozinha, ao lado do

marido. — *Madame* deseja algo mais?

— *Non, non*. Pode ir. *Bonne nuit* — respondeu Camille.

Enquanto Ethan punha um CD no som da cozinha, a boa senhora apanhou seu casaco pendurado atrás da porta da despensa e se foi, caminhando pelo jardim dos fundos, pelas trilhas de pedra, até sua pequena casa na outra extremidade da propriedade, onde morava com o marido.

O jantar daquela noite foi um pouco mais silencioso do que o comum, em parte pela música, em parte pela vela comum que Ethan acendeu e colocou dentro do gargalo de uma garrafa de *Perrier*.

— Oh, *mon amour*! Que doce...

— Minha esposa merece — ele falou, beijando-a suavemente.

Entretido em sua missão de mimá-la, ele serviu os legumes e as batatas assadas no prato de Camille

e depois pegou a mais bonita das postas de salmão — embora fosse difícil saber qual delas era a mais bonita. O cheiro das ervas invadiu as narinas de ambos.

— *Oh la la*! — exclamou Ethan colocando o peixe no prato dela.

— *Quel arôme*...

— Que bom nós termos *madame* Verdoux para cozinhar.

— É verdade, temos sorte.

O azeite puríssimo de oliva, que *signore* Arthuro comprava para dar de presente, dado o valor da garrafinha, foi generosamente espalhado sobre os legumes e o salmão.

Enquanto comiam, fazendo um comentário aqui e ali, Ethan comentou que as tardes de primavera estavam muito bonitas e que deviam aproveitá-las melhor.

— Sábado podemos ir até o lago — ele comentou. — Mas de bicicleta não — ele

acrescentou rapidamente. — Poderia ser perigoso para você.

— Não vou cair de bicicleta nenhuma. Mas você não precisa se preocupar porque podemos ir caminhando.

Ethan ficou aliviado e informou-lhe a data do exame já marcado.

— *Oui* — murmurou Camille. E não fez mais nenhum comentário.

Depois da janta foram assistir televisão na cama, bem juntinhos.

***

O ultrassom estava deixando Camille muito sensível. Os três dias de espera demoraram a passar, deixando-a particularmente inquieta com a espera, como se fosse um veleiro que não podia sair do lugar, esperando os ventos aprazíveis para dar início a sua jornada.

Na sala de espera, enquanto aguardava sua vez, a perna cruzada de Camille não parava de balançar, o pézinho chutando o ar. Ethan folheava uma revista, mas a inquietação dela o deixava tenso também, ainda que, para ele, a gravidez já fosse um fato consumado.

— Camille Marie Mastrangello! — disse uma enfermeira de branco à porta do corredor que levava para as salas de exames.

Camille e Ethan se levantaram, Ethan carregando a bolsa dela, que ficara esquecida na cadeira ao lado.

“Camille se esquecendo da bolsa... ela realmente não está nada bem...”, ele refletiu de si para si agarrando com força a bolsa de couro cor-de-vinho de alças longas.

A moça de branco encaminhou o casal para uma sala e estendeu o avental branco que Camille deveria usar. O médico ainda não estava presente e a enfermeira tratou de preparar a paciente sem

demora. Por trás de um biombo Camille despiu suas roupas íntimas e vestiu o avental.

— Não é necessário retirar a parte de cima da roupa — instruiu a enfermeira.

Um pouco envergonhada Camille deitou-se na maca e a enfermeira cobriu suas pernas com um lençol branco. Depois de acomodada a paciente, e vendo Ethan sentado na cadeira ao lado da maca, segurando veementemente a bolsa da esposa, a enfermeira apagou as luzes para deixar a sala em penumbra, e saiu. Apenas a luz do computador iluminava o ambiente. Um silêncio pegajoso caiu na sala de exames. Ethan segurou a mão de Camille e sentiu que estava úmida de suor frio. Ele não disse nada porque não havia o que dizer. O exame falaria por si.

Enquanto esperavam, parecia uma eternidade. Camille começou a ficar com frio. Cinco minutos se passaram e em seguida o médico entrou. Era

jovem, de cabelos claros, e estava impecavelmente vestido.

— *Bonjour*, *madame* Camille — ele cumprimentou jovialmente.

— *Bonjour* — falou Camille

O médico dirigiu-se a Ethan:

— E você deve ser o sujeito que está grávido também! — ele disse, apertando a mão de Ethan.

Ethan sorriu de volta, mas sem nada dizer. O jovem médico acomodou-se em sua cadeira giratória diante do monitor que revelaria as imagens. O ultrassom seria transvaginal com *doppler* colorido, e ele explicou o procedimento ao casal.

— O exame é simples, e vamos poder ver o que está crescendo nessa barriguinha aí. Vocês podem acompanhar as imagens através daquele outro monitor ali em frente — ele apontou para o monitor que acabara de ligar, e que se parecia com uma pequena televisão bem na parede em frente.

O médico era bastante simpático, e discorreu sobre algumas amenidades na intenção de tranquilizar a paciente que, como ele também podia notar, estava bastante tensa. Depois mostrou o tipo de transdutor que usaria, o qual não era intimidante, e levantou cuidadosamente o lençol até a altura dos joelhos dobrados da paciente.

— Procure relaxar, o exame é indolor se você ficar relaxada.

Camille expirou profundamente e assentiu. Realmente o transdutor não era desconfortável. Os olhos de todos estavam voltados para o monitor, e houve um momento de expectativa tão grande por parte do casal que ele quase podia ser palpado no ar. Já o médico, tranquilo, começou a falar:

— Pelo que eu vi no seu pedido de exame, sua médica deseja avaliar o estado do seu útero, que em exames anteriores apresentava muitas aderências e áreas com fibrose, com endométrio muito

comprometido... e também se você está grávida, correto?

Camille assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Ele fazia tudo parecer natural demais.

— O ultrassom é muito bom para avaliar tudo isso. Vamos poder ver o seu útero, mas ainda é um pouco cedo para visualizarmos o embrião. Podemos dar sorte. A primeira estrutura encontrada no ultrassom e que é sugestiva de gravidez é o saco gestacional, em torno de 4 semanas e 1 dia a 4 semanas e 3 dias, quando está com 2 a 3 milímetros de diâmetro. O embrião começa a ser visualizado quando esse saco gestacional atinge diâmetro de 16 milímetros, o que ocorre mais ou menos com cinco semanas e seis dias a seis semanas e 1dia de gestação.

Antes que Camille ou Ethan pudessem fazer qualquer comentário, o médico continuou:

— Vejam: aqui está o saco gestacional — ele apontou para uma estrutura pequena no que

deveria ser a parede do útero. — Ele está aderido à parede do útero exatamente onde deveria estar. Vamos ver se podemos visualizar a vesícula vitelina....

— Mas se você não vê o feto, quer dizer que não dá pra saber se eu estou grávida mesmo, *n'est-ce pas*? — interrompeu Camille, exasperada.

— *Non, non*... aqui posso ver a vesícula vitelina, a primeira estrutura que aparece dentro do saco gestacional. Sua presença confirma a gravidez intraútero. Ou seja, a senhora está gravidíssima! O saco gestacional está aí, e a vesícula vitelina também.

— *Oui*, eu entendo. Mas, como o senhor não vê o feto...

— *Madame*, não há motivos para preocupação: estou vendo o disco embrionário. Ele aparece ao lado da vesícula, entre 5 e 6 semanas de gestação. Hum... ele é até bem grande: 20 milímetros. Maior do que o esperado para este momento da gravidez.

Já que as outras estruturas mostram que *madame* estaria com praticamente 7 semanas.

— Mas disco embrionário quer dizer o quê? 20 milímetros é o quê? — indagou Camille com a cabeça erguida, alternando-se entre olhar para o médico e para a tela.

— Significa que *madame* está grávida, significa que temos um embrião de 20 milímetros dentro do útero. Tivemos sorte.

Ethan estava emocionado demais para falar e Camille custava a acreditar:

— Aahh... 20 milímetros não é muito pequeno?...

— *Non*, *madame*. Para essa idade gestacional ele é até bem grande, maior do que o esperado pelo tamanho do saco gestacional e da vesícula vitelina. Temos 20 milímetros de comprimento cabeça-nádega. Entre a 6ª e a 12ª semana o comprimento cabeça-nádega é o método mais preciso de avaliação da data de uma gravidez. Seria interessante repetir esse exame daqui umas quatro

semanas para avaliar se a idade gestacional está correta mesmo. No primeiro trimestre o ultrassom tem alto grau de precisão na determinação da idade gestacional. De qualquer forma, o *doppler*, que faremos a seguir, também vai ser útil nessa avaliação. E veja! Aqui temos o coraçãozinho batendo: é obrigatório vermos esses batimentos nessa altura da gestação — ele colocou uma flecha apontando para o pequeno coração. — Por ora ele bate mais lentamente: em torno de 115 batimentos por minuto. Isso vai aumentar para 140 — 160 bpm depois da 8ª semana.

Ele mostrou ao casal a estrutura mínima se movimentando, e Camille começou a chorar em silêncio, limpando as lágrimas no escuro. Não sabia se sentia alegria ou medo. Talvez fossem as duas coisas. Como podia uma estrutura tão absolutamente mínima mostrar que havia vida dentro dela?

O médico traçou as retas que mediam o tamanho do embrião.

— O comprimento cabeça-nádega é o melhor parâmetro que temos, nesse momento, para determinar sua idade gestacional, com erro de 3 ou 4 dias. Com 20 milímetros podemos dizer que a sua gravidez, hoje, dia 20 de abril, está em 7 semanas e 4 dias. Certo — seguiu-se um momento de silêncio por parte de todos. O médico continuava a avaliar as estruturas e o casal estava estupefato demais.

— É possível visualizarmos aqui — ele apontou — o início da formação do cordão umbilical.

Em silêncio, avaliou mais alguns parâmetros, traçando medidas e tirando as fotos que iriam para a doutora Ross, junto com o CD completo das imagens. Depois ele voltou a explicar:

— Sua placenta tem grau zero nesse momento: sem calcificação, homogênea...

— O que é isso? — interrompeu Camille novamente.

— Significa que é uma placenta jovem, como costumamos dizer. Quando estiver perto do bebê nascer, sua placenta será grau três, com grandes sinais de calcificação e cheia de umas estruturas que chamamos de cotilédones. Até o quarto mês ela estará completamente formada, daí irá crescendo. E vai pesar mais ou menos um quilo ao redor de quarenta semanas de gestação e terá mais ou menos quatro a cinco litros de volume. A placenta é uma estrutura muito importante porque é através dela que estruturas maternas e fetais farão suas trocas nutritivas. E o líquido amniótico, produzido pelas membranas amniocoriônicas, pelos rins e pulmões fetais é importante na proteção do feto contra traumas, mantém a temperatura corporal fetal, ajuda no balanceamento normal entre a quantidade de água e eletrólitos e ainda promove o desenvolvimento pulmonar. 95% do líquido amniótico é reciclado diariamente. A presença de uma quantidade normal de líquido é essencial para

o bem-estar fetal e é utilizado como um marcador de normalidade gestacional. Quer dizer, é uma espécie de marcador do bem-estar fetal.

— Mmmm....

— Bem, vamos adiante: o ultrassom também permite avaliar o tamanho do útero e as modificações dele e de seus anexos, como forma, tamanho e textura. Já verificamos que *madame* está grávida. Vamos agora ver esse útero como um todo...

***

Depois da avaliação do útero e seus anexos, Ethan e Camille estavam definitivamente perplexos. Mudos. Apenas cruzavam o olhar volta e meia.

— Não há qualquer anormalidade no seu útero — afirmou o médico. — Que coisa mais estranha. Vocês têm certeza de que houve realmente uma alteração tão grande como a que foi descrita nos exames anteriores?

— Hãã... — fez Ethan.

— Porque é absolutamente improvável haver uma recuperação tão inesperada; o mais provável é que seu exame tenha sido trocado.

— Como assim... trocado? — indagou Ethan.

— Veja bem. Estamos falando de uma das melhores e maiores clínicas de fertilidade da França. Seria muito improvável que cometessem o engano de trocar o seu exame por outro. Entretanto, somos todos humanos, sujeitos a falhas. Não há outra alternativa. Seu útero está em perfeita ordem, bem como a gravidez. Talvez a dificuldade de engravidar anteriormente tenha sido emocional, depois da enorme desilusão de descobrir-se incapaz. Mas, na verdade, nunca houve problema, ou, se havia, era de pequenas proporções.

O médico não fez mais comentários. Ethan e Camille muito menos, uma vez que sabiam que não tinha ocorrido nenhuma troca de exames. Entendiam o silêncio do médico como

perplexidade diante de um prejuízo que não tinha modo de ser reparado. Ético, ele não instigou a curiosidade ou animosidade do casal em relação ao que ele considerava um erro muito grave, sem deixar, no entanto, de mencionar suas suspeitas.

Seguiu-se o exame de *doppler*.

— A ultrassonografia transvaginal com *doppler* colorido tornou possível não somente a avaliação da circulação da mãe para o bebê e o fluxo nos vasos internos do bebê, mas também nos dá dados sobre a frequência cardíaca do feto, muito importante agora, sendo um método não invasivo, inócuo para o embrião e de ampla aplicação neste período da gravidez.

O médico trocou o transdutor pela sonda transvaginal enquanto conversava calmamente. Camille movimentou-se o mínimo possível.

— Como eu disse, o que vamos avaliar aqui é a frequência cardíaca do feto. Vamos colocar esse valor numa curva de normalidade. A média da

frequência cardíaca fetal apresenta modificações com a evolução da idade gestacional, variando ao longo das semanas, compatível com as fases do desenvolvimento e maturação das funções do coração. É possível detectar a presença de atividade cardíaca em todos os embriões com comprimento crânio-nádega maior ou igual a 4 mm, o que acontece com seis semanas de gravidez. Portanto, a ausência de batimento cardíaco detectável em embriões com comprimento cabeça-nádega maior ou igual a 5 mm pode significar uma gestação inviável.

— Que quer dizer? — assustou-se Camille.

— Oh, não se preocupe! — Disse o médico brandamente. — A frequência cardíaca embrionária que precede a perda gestacional pode ser normal ou baixa, mas acaba caindo abaixo da curva de referência. Não é o seu caso. Este padrão de desvio parece refletir uma redução na

capacidade de crescimento do embrião, o que mais tarde poderá resultar em aborto espontâneo.

Ethan, de olhos fixos na tela de exames, sentiu um arrepio pela espinha. Camille mais uma vez tinha a cabeça erguida.

— Relaxe, *s'il vous plaît*. Frequência cardíaca embrionária abaixo dos limites da normalidade para determinada idade gestacional pode indicar mau prognóstico da gravidez. Antes da 10ª semana de gestação a frequência cardíaca é tida como capaz de prever a perda gestacional, devendo, portanto, ser avaliada. Antes da 6ª semana a frequência cardíaca é mais baixa; da 6ª até a 9ª semana ela aumenta, com batimentos médios de 175 a 190 bpm, estabilizando-se entre a metade da 9ª semana e a metade da 11ª semana com uma média de 166 bpm. Em seguida diminuiu até a décima quarta semana, ficando em torno de 150 bpm. Isso se deve às várias fases de desenvolvimento da função cardíaca.

***

Quando Camille e Ethan voltaram ao consultório da doutora Ross, eles não cabiam em si de contentamento. A médica ficou visivelmente perturbada com a possibilidade de uma troca de exames, e em todas as consequências envolvidas. Porém, deixou o assunto para discutir com os colegas da clínica e parabenizou o casal efusivamente.

— *Mes felicitátions*! Parabéns!

— Oh, *merci beaucoup*!

O semblante de Camille estava brilhante e ela se sentia leve como se estivesse flutuando na água. Exatamente como deveria ser uma gestante de primeira viagem.

A doutora passou a dar-lhe as recomendações cabíveis sobre ganho de peso e alimentação, hidratação da pele (para evitar as malfadadas estrias), vitaminas, cuidados com o sol (para não

ficar com manchas na pele), atividade sexual, atividade física...

Com isso Camille ficou um pouco preocupada:

— Não vou poder me exercitar?

— Como você já faz exercício físico e está acostumada, o ideal é não parar de vez. Isso poderia refletir-se num ganho de peso inadequado. Opte por atividades moderadas e sem impacto. Se puder fazer natação ou hidroginástica, será bom. Caminhadas também.

— Posso fazer musculação?

— Nada com exagero. Tudo dentro do bom senso, Camille. Se sentir qualquer mal estar, pare, e me comunique.

— Tudo bem. Posso dançar?

A médica riu:

— Bem, desde que não seja uma dança havaiana com super gasto calórico, tudo bem — ela olhava a ficha médica no computador.

— *Oui*. Posso fazer uma dança com menos elevação da frequência cardíaca. — Camille exibiu um amplo sorriso, olhando da médica para o marido, que puxou sua mão para perto da boca, beijando-a.

Pela primeira vez a doutora Ross viu o sorriso absolutamente impecável de Ethan, e ficou satisfeita. *Oui*. Era para isso que ela se dedicava tanto ao trabalho. Para ver rostos felizes. Ela sorriu também, mas por dentro estava incomodada.

"Será possível que cometemos um *erro* tão grande com *cette jeune fille*?"

Aquilo era desolador e certamente ela faria uma investigação estreita, muito acirrada mesmo, para decifrar aquele mistério. Se fosse necessário, mandariam chamar uma auditoria para fazer todos prestarem contas de tudo. Aquilo era simplesmente uma coisa que *não* podia acontecer, em se tratando de um serviço médico de respeito e de confiança como era o deles.

Antes de findar a consulta, tentando tirar o assunto de um erro grave da cabeça, a médica fez um cálculo simples para prever a data provável do parto. Camille estava zonza. Já estavam falando em parto.

— A última menstruação dela foi dia 17 de fevereiro. Se o ciclo fosse regular, esperaríamos uma ovulação no 14º dia do ciclo, em torno de 1º de março. Mas essas coisas podem variar. Entretanto a concepção deve ter sido nesse período, talvez um pouquinho menos, ou mais. Isso não importa muito agora, pois temos o resultado do nosso ultrassom obstétrico e do *doppler* colorido que sinalizaram, há dois dias, que Camille estava com 7 semanas e 4 dias de gravidez. Então hoje, dia 22 de abril, estamos com 7 semanas e 6 dias, *d'accord*?

— *Oui*.

Os três faziam as contas demonstrando muita felicidade naquilo. A médica estava com eles e eles

estavam com a médica, num consenso comum que era a plena satisfação, o preenchimento completo do coração com uma sensação boa, muito boa...

— Então, amanhã, dia 23 de abril, você estará com 8 semanas... vamos ver...

Camille e Ethan, de mãos dadas, receberam aquilo como quem tinha muita sede e finalmente recebe água.

— *Mes amis*, aguardem o dia 3 de dezembro! Aí está nossa data de 40 semanas ou 280 dias, a data provável do parto, de acordo com nosso ultrassom obstétrico com *doppler* colorido.

— Oh, que alegria! — reverberou Ethan.

— Eu imaginei que essa data nunca existiria em nossas vidas — gorjeou Camille em seguida, como um pássaro, olhando para ele.

— *Mes félicitations*! — bramiu a doutora Ross, novamente, pensando no quanto, afinal de contas, ela era infalível.

Em seguida, abriu seu bloco de pedidos de exames e foi preenchendo com uma imensidão de exames de sangue — inclusive sorologias —, para Camille. Também exames de urina e fezes. Fez a receita do hidratante para as mamas e abdome, e também para as vitaminas, dando novamente todas as recomendações necessárias.

***

Saindo dali, já era final da tarde e eles não cabiam em si de alegria.

— Não vamos dizer nada à doutora sobre a epopeia de nosso tio — papagueou Camille, que realmente não gostava de situações "místicas", a despeito de ser ela a beneficiária.

— Mas isso poderia edificá-la. Ela bem que tentou disfarçar, mas está zunindo por dentro com a hipótese de ter havido um erro. Se houvesse, quem seria a paciente que está com o "seu útero"?

— *Oui*, porque se o dela veio parar no meu prontuário, o meu, "normal" — Camille fez gesto de aspas — foi parar no prontuário de alguém com sérios problemas para engravidar. Oh, *mon Dieu*! Como estou feliz! Mas que terá acontecido, afinal?

— Um milagre. Não temos como explicar um milagre.

Camille ficou quieta, pensativa. Depois achou melhor não pensar mais naquilo e só aproveitar sua felicidade.

— Que tal fazer amor durante horas? — Camille brincou.

— Você nem brinque!

— Mas a doutora Ross disse que não há nenhum problema.

— *Oui, je sais*! Mas vamos esperar um pouco. Você está muito engraçadinha e saidinha, *pupa*. Acho melhor comemorarmos de outro jeito.

— Mmmm... que outro jeito? Comendo muito?

Ethan riu abertamente e deu um apertão na bunda de Camille antes de abrir a porta do carro para ela.

— A segunda melhor distração?

— *Bien sûr*, como não!

— De acordo. Vamos tirar a barriga da miséria!

— Porca miséria...

Desataram a rir e resolveram finalmente jantar no restaurante marroquino. Agora podiam comemorar sem nenhum fantasma a assombrá-los. Camille perdeu totalmente o laconismo peculiar dos últimos dias e desatava a falar sem parar, fazendo planos.

— Ethan! Poderemos escolher a cor do quarto e o nome do bebê! Será menino ou menina? Você teria vontade de saber?

— Por certo que sim. Vamos fazer tudo que temos direito, e acho que saber se esperamos um menino ou uma menina vai nos dar mais alegria, e

também você vai poder escolher todo o enxoval na certeza do que é.

Camille amou escutar o marido dizer "esperamos", colocando-se como coparticipante de tudo. Ela jogou os braços ao redor do pescoço dele.

— Como eu te amo! Que seria de mim sem você? — e apertou os lábios, sentindo as lágrimas na garganta.

Elas rolaram pela face dela, e Ethan também acabou enxugando duas ou três lágrimas de seus próprios olhos. Era uma emoção que não se poderia descrever em palavras. Os dois ficaram calados por um tempo, segurando a mão um do outro. Depois, rindo, voltaram a se entusiasmar e falar ao mesmo tempo, se atropelando e fazendo planos.

— Como vamos contar a novidade para a família? — queria saber Camille.

— Bom, ficaram todos desconfiados desde o almoço na casa de *Grand-Mére*.

— Mas ninguém falou nada, exceto Alannah — Camille jogou os cabelos para trás, num gesto de descontração. — Preciso me desculpar com ela; não fui muito simpática quando ela ligou para saber o que tinha dado no teste de gravidez da farmácia...

Ethan enfiou na boca mais um pouco de cuscuz marroquino.

— Oh, *suprême*!

— Alannah nunca diz que terminou os preparativos, sempre está faltando alguma coisa, e olhe que ela já está com sete meses. É isso? Nunca liguei muito, por motivos óbvios — Camille deu uma risada *suprême* ao pensar na cunhada. — Devo pedir algum conselho?

— *Oui, oui*, *perché no*? — ele concluiu, misturando os idiomas, mais cheio da vivacidade italiana do que nunca. — Ela vai ficar muito alegre, seu irmão também! Devemos contar a eles o quanto antes.

— Mmm... hoje? Ou será que aguentamos até a comemoração?

— Comemoração? — indagou Ethan, sorrindo, conivente. — Acho que temos que comemorar, *n'est-ce pas*?

— Claro! Vamos fazer uma reunião familiar lá em casa assim que for possível. Nada exagerado... e... vamos omitir o motivo da festinha.

— Tem razão. Vamos enganar todo mundo. Dizemos que é aniversário dos gatos.

Outra risada estrondosa de Camille.

— Ah! Você teria coragem?

— Claro. Que outro motivo teria um casal sem filhos para inventar quando quer comemorar um aniversário?

— *D'accord*. Que seja, então.

Ethan esticou a mão e tocou o ventre da esposa com carinho, passando a mão de leve. Estavam sentados quase lado a lado na mesinha baixa, acomodados em almofadões coloridos.

— Desculpe, *amore*...

— Que foi?! — indagou ela, alarmada, colocando sua própria mão sobre as dele.

— Eu estava tão eufórico que nem te dei os parabéns.

Camille expirou de alívio e Ethan a envolveu com os braços fortes:

— Meus parabéns, *ma fleur*... meus parabéns! Você não tem ideia da alegria que estou sentindo. Eu te amo muito. Mais do que tudo!

— Também te amo muito. Que bom que você é o pai desta criança.

Um burburinho se fez ouvir do lado de fora, nas montanhas, no meio das árvores. Um chiado grosseiro como carne jogada em óleo fervente, vozes guturais, risos agudos por cima de risos graves e o farfalhar de muitas asas.

⁂

Camille apoiou os cotovelos na mesa, estava muito bonita em sua blusa verde de *chiffon* de seda que usava com um elegante *jeans* de lavagem escura. Era uma blusa delicada, com detalhes muito femininos no bordado da gola e das manguinhas arrematadas com pequenas lantejoulas. O verde da blusa realçava o verde do olhar de gata de Camille, e ela soltou o cabelo do nó que tinha feito na nuca e o atirou para trás ao escutar o comentário:

— Sabia que Phillipe terminou com Alexandra?

— Oh, *mon Dieu*! Então eles não conseguiram mesmo se acertar? Depois de tantos anos. O que aconteceu?

Ethan deu de ombros.

— Alexandra fazia muita pressão para casar. E Phillipe não quer ficar amarrado. Disse que Alexandra vivia me tomando como exemplo.

Camille fez uma careta involuntária:

— Bom, mas ele esperava o quê? Chega um momento em que é preciso crescer e parar de se

comportar como um menino na Terrado-Nunca. Você já não disse isso a ele?

— *Oui*. Mas... não é com ele.

— Isso pega mal. Alexandra não é mais tão novinha, está com trinta anos. Ficar ao lado de um homem que não lhe dá perspectiva de futuro.

— Eu disse. Ela quer casar, ser mãe... foi o que Phillipe falou. E ele estava apavorado, o único jeito foi terminar o relacionamento. Pela milésima vez.

Camille ficou chocada, e bebeu o seu chá em silêncio.

— Só para a gente concluir: qual o cardápio para o aniversário dos gatos? Acho que poderia ser no próximo sábado, não? — indagou Ethan.

— Sim, providencie ração em pasta de carne, salmão, fígado, além de ração em grãos — Camille riu.

— Que tal um queijo e vinho? Evita muita sujeira na cozinha e peço para *madame* Verdoux chamar sua filha para nos dar um suporte no dia.

Cortar os queijos, ajudar a servir, lavar a louça, essas coisas.

Ethan parou com seu cálice de licor a meio caminho da boca.

— *Hé*! — ele lembrou. — Mas você não pode tomar bebida alcoólica.

— Eu sei, mas não importa. Mando fazer uns sucos naturais também. Alannah me acompanha. E se alguém achar que já passou da conta, pode optar por isso também.

— Então está certo. Bem que podia ter um pãozinho, *n'est-ce pas*?

— Fazemos uma festa do queijo e vinho com pão.

⁂

Lá pelas oito da noite de sábado, *signore* Arthuro foi o primeiro a chegar. Veio trazendo um vinho israelense que, segundo ele, era o céu na terra.

— Comprei vários vinhos característicos do *Pessach* nesta última Páscoa. Sempre é bom a gente variar um pouco, e estamos viciados em vinhos italianos. E franceses, é claro.

— Por que será? — brincou Camille.

— Obrigado, *Nonno*, mas não precisava! A casa está bem abastecida.

— *Si, si*. Mas eu não podia deixar de trazer minha contribuição a essa festinha. Fiquei sabendo que vou ser bisavô — *signore* Arthuro olhou de soslaio para Ethan enquanto Camille não estava olhando.

Ela tinha liberado o *Nonno* de seu casaco depois de cumprimentá-lo com um abraço apertado e dois beijos nas bochechas. Em seguida foi para a cozinha dar as últimas ordens a *madame* Verdoux e sua filha Abigail. Abigail trabalhava como manicure, mas volta e meia atendia aos chamados da patroa de sua mãe, geralmente quando havia alguma festividade.

— *Nonno*, faça de conta que acreditou na história do aniversário dos gatos — sussurrou Ethan com ar zombeteiro. — Vamos deixar Camille pensando que ninguém desconfia de nada.

Signore Arthuro sorriu e foi indo atrás da neta, adentrando a espaçosa e agradável cozinha para dar uma farejada nos queijos que já estavam dispostos em travessas sobre a bancada, cobertos por filme plástico. Para a recepção, Camille optou pela sua *Fromagerie* preferida, onde a quantidade de queijos parecia infinita.

— Como é possível sentir os deliciosos aromas de uma cozinha com tudo coberto por plástico? — queixou-se ele, bem à moda italiana.

— Deixe os queijos e venha dar uma olhada nos vinhos, *Nonno*! — Ethan tinha um gosto refinado, influência, mais uma vez, do *Nonno*.

Os dois ficaram a ler rótulos, observando datas e safras. O vinho de Bordeaux era o melhor: na França a vinicultura na região remontava ao

período dos Romanos, apesar de terem sido eles os principais disseminadores da cultura do vinho e a produção de bebida por todo o país.

— Mmmm.... excelente qualidade... — resmungou *signore* Arthuro, interessado. — Sempre acabo impressionado com a variedade e a qualidade — sem falar na reputação — dos vinhos de Bordeaux e Borgonha. Sem falar dos espumantes de Champagne, é claro. Podemos nos orgulhar! Sem querer desmerecer a Itália. É claro.

— Claro que não — Ethan fazia o comentário para provocar o *Nonno,* já que ele mesmo não ligava muito para o país de origem de sua família, considerando-se totalmente francês.

A verdade é que ninguém era "totalmente" francês quando tinha como *Nonno signore* Arthuro.

— Gosto muito dos vinhos do dia a dia — continuou Ethan. — São ótimos; Camille e eu costumamos encontrar *vins de pays* e *vins de table* a bons preços. Muitos produtores promovem

passeios pelas vinícolas e mantém salas de degustação. Muitas vezes compramos nosso vinho predileto na cooperativa em recipientes de cinco litros em *vrac*.

— *Si.*

Cada uma das regiões produtoras de vinho tinha sua identidade própria, relacionada com o tipo da uva, o clima, o solo e a cultura local. Bordeaux é a maior região vinícola do mundo e a mais famosa fora da França por causa de seus vinhos tintos, e produz mais de 44 milhões de caixas de bebida por ano.

— Gosto muito dos *Cabernet Sauvignon* e *Petit Verdot* — concordou *signore* Arthuro, citando os tipos de uvas que mais apreciava.

— Também costumo tomar os tintos. Apesar de os prediletos de Camille serem os brancos; costumamos adquirir o *Sémillon*.

Os dois continuaram sua pequena disputa em conhecimento sobre vinhos falando de safras

especiais, e do sabor e aroma de cada gole de cada garrafa.

— Ora, em vez de falarmos tanto, vamos *déboucher une bouteille*! Onde estou eu como anfitrião que nem lhe dei nada para beber? Qual o *signore* prefere?

Enquanto isso Camille, sem prestar atenção a eles, explicava sobre os sucos naturais às suas ajudantes da noite:

— Quero os sucos bem frescos. Então não façam em quantidade demasiada a cada vez.

Havia uma grande quantidade de frutas na geladeira e Camille disse que deveriam começar a preparar os sucos somente quando os convidados começassem a degustar os queijos e vinhos. Podemos começar com pêra com menta. Um suco de pêssego vai bem, é meu preferido. Depois podemos... humm... — na geladeira havia uma enorme profusão de frutas — passas às tangerinas;

morango com kiwi; framboesa... mmmm.... talvez morango com *blueberries*...

Preocupada, com medo de fazer algo errado, Abigail perguntou:

— *Madame* não deseja escrever uma pequena lista e deixar aqui conosco na cozinha?

Camille riu.

— Qualquer dúvida é só me perguntar. Não precisa ser nessa ordem exata.

— *Oui*, *petite*... — *madame* Verdoux acalmou a filha. — Deixe comigo. Devemos usar as jarras de cristal, *madame* Camille?

— *Oui*. Usem também os copos de cristal que estão na cristaleira. O jogo maior. Sirvam no carrinho de chá e não se esqueçam de deixar água à vontade também.

Nesse momento alguém bateu à porta da cozinha. Era *monsieur* Verdoux. Ethan abriu a porta para ele enquanto *signore* Arthuro servia o vinho escolhido para ambos.

— *Bon soir, monsieur* — cumprimentou o caseiro. — Devo acender a lareira agora?

— Oh, *oui. Sil vous plaît*.

— Agora mesmo.

O homem deu meia-volta para buscar a lenha.

— Certo — Camille olhou em volta pela última vez. — As bandejas com os pães estão prontas e as travessas de queijos também. Quanto a mim, preciso de um banho com urgência!

Saiu correndo da cozinha e avisou o marido e o sogro, agora acomodados na sala de estar, sobre sua ausência breve. Não considerava o pai de Ethan seu sogro; sempre sentiu que o verdadeiro sogro era *signore* Arthuro; chamava-o ora de sogro, ora de *Nonno*.

— Vá, minha neta. Relaxe um pouco. Eu e seu marido estamos aqui, afinal. Não se preocupe com nada, está tudo sob controle.

Ethan riu e Camille assentiu com a cabeça:

— Está bem. As meninas estão na cozinha, caso precisem de algo.

Os dois mal ouviram, já de volta à sua conversa. A afinidade de Ethan com o *Nonno* era bonita; os dois sempre foram muito unidos, de uma forma que o *monsieur* Anatole nunca conseguira ser.

— Quanto ao vinho israelense, se quiser não o abra hoje à noite, guarde para um dia especial entre você e Camille — disse *signore* Arthuro.

— *Grazie tante*. Hoje tem comida e bebida de sobra. E Camille ainda inventou de montar uma bandeja super rica de frutas secas e diversos tipos de castanhas.

Um dos bichanos entrou pelo janelão da sala. Era Penélope.

— Ah! Olha aí um dos aniversariantes! — exclamou *signore* Arthuro.

A gata se esfregou na perna dele, então foi para a cozinha comer; e depois saiu de novo.

— Assim que o “aniversário” acabar, eles aparecem.

Os outros gatos, menos dados na presença de estranhos, estavam no andar superior da casa, na suíte do casal.

Monsieur Verdoux chegou com a primeira leva de lenha nos braços. Com habilidade começou a acomodar os nós de pinho na lareira enquanto Ethan e o *Nonno* se aconchegavam perto, Ethan na ponta do sofá e o idoso na cadeira Luís XV. Pesada, larga, levemente inclinada para trás, com estofamento de veludo azul e entalhes de leões na madeira escura, a cadeira foi um dos achados de Camille nos meses que se seguiram ao casamento. Ela estava procurando uma peça especial para fazer conjunto com o belíssimo tapete persa e o sofá em “L”. Como o casal gostasse, e conhecesse os melhores lugares — em parte por causa da profissão, em parte por gosto pessoal —, visitaram várias lojas e feiras de antiguidades. No fim, quem

encontrou a cadeira foi Pietro, que avisou Camille imediatamente. Ethan estava viajando, porém eles tinham guardado dinheiro para a aquisição da peça, que Camille comprou e depois fez surpresa para o marido.

Nonno e neto começaram a apreciar o calor gostoso do fogo recém-aceso. Não que fosse necessário, a casa já estava aquecida, mas sempre era divertido ficar perto do fogo.

Na mesa de centro estavam vários livros de arte, algumas velas em recipientes charmosos, um vaso com tulipas, o conjunto de estatuetas de mulheres africanas que eles haviam ganhado de Phillipe e sua noiva Nora, com quem ele estava comprometido na época do casamento.

Arrematando os pontos fortes da sala, e especialmente satisfazendo o gosto da dona da casa, amante da pintura europeia, estava um Matisse original e uma réplica perfeita de um Van Gogh. O Matisse — "Retrato de Yvonne Landsberg" — foi

presente de Ethan pelo primeiro aniversário de casamento deles, arrematado num leilão. *Signore* Arthuro costumava ir a leilões quando lhe interessavam as peças. Conhecedor dos gostos da esposa do neto, ele informou Ethan sobre o Matisse. Ele arrematou o quadro — com o auxílio de outro empréstimo — que agora ajudava a iluminar com bom gosto a sala deles. Sem contar na efusividade de Camille com o presente.

Ethan sabia o quanto era privilegiado. Cada vez que Camille dizia que atravessaria o mundo por ele, ele dizia de volta que a ela ofereceria a lua e as estrelas, se pudesse. E era verdade. Ethan tinha imenso prazer em lhe dar muitos presentes porque reconhecia um dom especial no coração de sua esposa, o dom mais precioso de todos: ela lhe tinha verdadeiro amor e paixão, em primeiro lugar. Ethan sabia que todos os mimos do mundo não poderiam substituí-lo, por isso era tão gratificante presenteá-la. Ela o amava, desde o primeiro

instante... e isso nunca tinha mudado. Tal presente — a dádiva do amor verdadeiro — era o melhor de todos. Não podia ser comprado. E era por isso que Ethan se sentia tão afortunado em dar e receber amor.

Se o Matisse estava na sala de estar, o Van Gogh estava no quarto do casal. "Os Girassóis". Camille comprou de um colecionador quando estava no último ano da faculdade de *Beaux Arts*. Para quem é do meio, às vezes essas notícias correm. Ao que parece, o tal colecionador estava endividado, mas ninguém poderia afirmar ao certo. Foi a primeira vez que Camille torrou até a última moeda de suas economias. A segunda vez seria para adquirir a *Dame*.

A conversa sobre gatos não durou muito. *Signore* Arthuro mudou de assunto, entabulando em seguida a segunda conversa que mais lhe agradava na vida: a *Logos*.

Ele sempre repetia como tinham sido os primórdios de um dos maiores impérios do país, como ele tinha se arriscado nisso ou naquilo, como investiu o capital que entrava, lidou com os primeiros funcionários e a concorrência, além de mencionar algumas histórias engraçadas ou funestas daqueles quarenta e cinco anos, desde que tinha começado seu negócio. Era um orgulho contar como construiu um império aparentemente do nada.

Os bisavós de Ethan tinham saído da Itália depois de ter seu negócio falido, durante a II Guerra Mundial. Chegaram à França quando Arthuro tinha dezessete anos, e ali eles retomaram a vida. Arthuro estudou, casou-se com uma jovem italiana e perdeu o pai em pouco mais que quatro anos. Aos vinte anos de idade, com três irmãos menores, a mãe e a esposa, viu-se na obrigação de fazer algo depressa para ganhar a vida. Claro que poderia não ter dado certo. Felizmente deu.

Monsieur Anatole, nascido e criado na França, filho mais velho do patriarca da *Logos,* não fez carreira ao lado do pai. Tornou-se engenheiro e deixou espaço para quem viria a seguir.

O velho tinha começado realmente de baixo, como estagiário numa boa empresa de Publicidade. Aprendeu muito, com dedicação e perseverança. Seu diferencial era ter ideias boas, muitas vezes melhores do que as dos companheiros já formados. Mas percebeu logo que não podia lançar ao vento suas ideias boas. Passou então a guardar para si aquilo que julgava inédito ou inusitado, e deixava para expor nas grandes reuniões. Além de ser bem visto por querer participar destas reuniões, onde não era obrigado a estar, criava oportunidades para si mesmo; participativo e articulado, muitas vezes as ideias que apresentava eram de fato geniais. Caiu no gosto de alguns figurões e aprendeu muito. Mesmo com a chance de, ao terminar os estudos, ser contratado como publicitário, ele não se rendeu.

“Eu acabaria levando tempo para crescer dentro daquela empresa, mesmo sendo bom. Eu tinha que começar rápido, fazer dinheiro rápido, pela minha família. Meu pai não tinha saído da Itália para eu deixar tudo desmoronar. Tivera a chance de estudar... então deveria transformar aquela oportunidade em ouro.”

Signore Arthuro já tinha uma microempresa em sua própria casa. Guardara contatos que conseguira na faculdade e também nos estágios. Divulgou seus serviços e, como cobrava barato, foi pegando alguns trabalhos e arriscando. Trabalho bom gera mais trabalho, contatos geram contatos, e dinheiro gera dinheiro. Começou a trabalhar em casa; não demorou muito para ter de contratar uma secretária e dois funcionários. Deu tudo de si. Mais tarde, sempre expandindo, conseguiu alugar um local e ampliar as contas.

Essa era uma história que Ethan admirava muito. A *Logos* conquistou seu lugar ao sol e espaço no

mercado; cresceu vertiginosamente, transformando o patriarca num homem rico. Ethan tinha o *Nonno* como um exemplo de vida. Sentia-se orgulhoso por poder participar daquela história.

Toda família tem seus problemas, e a de Ethan não era exceção. Mexericos de um na vida do outro. Irmãos que não se falam. Brigas por causa de herança. Divórcios sangrentos. Uma ovelha negra aqui, um desequilibrado psiquiátrico acolá (segundo afirmam as más línguas, claro). Em suma: na maior parte, os relacionamentos eram sofríveis.

— Família é *une merde* em todo lugar! — costumava dizer Ethan nos dias em que estava mais irritado.

***

No andar superior Camille tomou um banho relaxante, ainda que rápido. Vestiu pela primeira vez um modelo que tinha feito ela mesma. Em veludo de excelente qualidade, o vestido era tipo

império com caimento perfeito. Alongava a silhueta, contornando as formas do corpo, com manguinhas bem femininas. A saia batia logo acima dos joelhos. Nas costas e no barrado, com muita boa vontade, Camille aplicara renda "cinzas-de-rosas" garantindo um toque de sensualidade sem ser exagerado, como convinha a uma jovem esposa... e mãe. Um traje que ela considerava elegante na medida certa.

Camille inspirou fundo diante do espelho, num breve momento de perplexidade, meditando no significado inescrutável daquela palavra: mãe. Tocou o ventre com as mãos sobre o vestido. Ainda estava liso. Nenhum sinal do feto que crescia dentro dela. Uma lágrima escorreu por sua bochecha e ela sorriu um sorriso iluminado.

Achou que estava meio fresquinho e vestiu um casaqueto em estilo bolero que fora confeccionado para fazer conjunto com o vestido. A peça batia na altura das costelas e era amarrado na frente por um

pequeno laço. Usou *unkhes booths* de salto e, como acessório, uma gargantilha de cristal *swarovisky*. Maquiagem leve e difusor nos cabelos. Perfume de rosas. Estava pronta.

***

A noite correu harmoniosa e alegre. *Grand-Mére* veio junto com Marc e Alannah, que foram buscá-la a domicílio. Vestida com um conjunto de saia e blusa floridas, inadequado para a noite, despertou a atenção de Ethan mais uma vez. A *écharpe* brilhante não ajudava em nada, e muito menos o terço pendurado no pescoço. Era essa simplicidade que ele adorava. Sempre meiga, Alannah deu a Camille coleirinhas novas para os gatos, numa bonita caixa enfeitada com fita, embora já soubesse da gravidez.

— Oi, *ma fleur* — falou Alannah durante o abraço. — Como você está? Imagino que em estado de graça...

Camille havia contado a novidade somente a ela, mas todos estavam desconfiados do motivo da comemoração daquela noite.

Ethan entrou na cozinha procurando por Camille.

— Onde se escondeu minha linda esposa? — ele perguntava.

— Oi, *mon amour*. Achou! — brincou Camille.

Ela enfiou o rosto na camisa cheirosa dele, aspirando fundo, e depois apenas permaneceu em seus braços para continuar a conversa com os outros.

Pouco depois chegou *monsieur* Tibério com as duas filhas, Françoise e Perla, e desculpou-se pela ausência da esposa, que estava com enxaqueca. Camille deu beijinhos nas primas, e a mais velha, Perla, elogiou a roupa dela.

— Ah! *Mince!* Mas você está linda! Onde comprou este vestido?

— Segredo, prima, segredo...

Mas como a outra insistisse muito, acabou cedendo e contando que era criação sua. As duas irmãs olhavam encantadas, já que estavam ambas de *jeans* e suéteres, nada demais.

Os jovens ficaram sentados no chão perto da lareira e conversavam sobre música, filmes e livros. Depois, enquanto Marc e Ethan entabularam uma conversação na qual *signore* Arthuro ouvia mais e palpitava às vezes, as moças falavam sobre o noivo de Françoise, que estava de mudança para Paris. Ele era cirurgião bariátrico e os dois tinham marcado a data do casamento, *enfin*, o que era mais um motivo de comemoração.

Os pais de Camille vieram com as tias Olivie e Anne-Marie, irmãs de *monsieur* Claude, e as amigas de Camille também. Phillipe chegou em seguida, sem Alexandra. Ethan foi receber o amigo que trouxera uma caixa de *donuts* para não vir de mãos vazias. Assim que Phillipe entrou e entregou os *donuts* a Camille, ela viu pelos vidros da porta da

frente um conhecido *pegeout* azul de segunda mão. Ela deu um gritinho.

Entregando os *donuts* a Ethan, abriu a porta e saiu correndo ao encontro de Pietro.

— O que deu nela? — indagou Phillipe virando para olhar, o pescoço e o rosto marcados de creme de bronzear artificial.

— Meu concorrente está aí.

— Concorrente? — Phillipe espiou pela porta aberta a ponto de ver Camille dando um aceno para o motorista do *pegeout*.

— É Pietro!

Pietro nem tinha fechado a porta do carro com a chave, já que não tinha travas elétricas, e Camille já se dependurava no pescoço dele, num abraço.

— Amigo do meu *coração*, que bom que você veio! Estava preocupada e ia te ligar já, só pra saber qual é que era a tua.

— E você acha que eu ia perder essa festa de gatos? A gente nunca sabe que tipo de "gato" pode

encontrar por aí, *n'est-ce pas*?

Pietro abraçou-a pela cintura, dando dois beijos em seu pescoço. Eram da mesma altura. Ele vestia um blazer xadrez de algodão puro italiano, rosa, com um botão só, bem *cool*. O cabelo preto estava amarrado com rabo de cavalo. Em termos gerais, sua aparência era impecável, desde a pele até as unhas bem aparadas, o relógio de bom gosto e a corrente no pescoço.

— *Mince alors*! Garota, você está simplesmente um arraso, está *bárbara*, que olhos são esses? Que te aconteceu? Você está reluzindo!

Ela sorriu. Pietro sempre acertava.

— E você? Aonde vai nessa produção toda, *mon chatton*?

— Do que você está falando? Você bem podia enganar a segurança do Antonio Banderas, se descesse de uma *limousine*! Ninguém ia dizer que você não é uma das tais, sabe como é — ele tocou os cabelos dela, soltos displicentemente, e ajeitou

cachos em torno do rosto. — Você está um luxo! Devia ser proibido se vestir assim. Acho que nunca te vi tão bem. O que aconteceu de novo?

Ela pousou uma das mãos no ombro dele, olhou bem fundo em seus olhos, tentando evitar cair no riso.

— Nem te conto... — fez Camille, com voz de mistério.

E se virou para subir os degraus da rua até a casa.

— Ai, venha aqui me contar tudo!

Segurou-a pela cintura.

— *Non, non*... mais tarde.

— *Sabia* que essa história de gatos era coisa sua e daquele seu marido gostoso pra tirar uma onda com a gente. Que coisa feia, e você não conta nem pro seu melhor amigo?

— *Non*.

— Camille!

— Nem pensar.

Pegou o amigo pela mão e subiu correndo.

— Você devia estar usando essa bota? — indagou Pietro, de repente, olhando-a diferente — Tudo bem, eu sei que elas são maravilhosas e tudo, mas... Camille! — ele levou as duas mãos ao peito, naquele gesto afeminado que era a cara dele.

Camille olhou em derredor e sussurrou:

— Shhh. Pietro, como pode? Como pode ler minha mente desse jeito?

— Vai me dizer... *non*!

— *Oui*... *non*! Pietro, fique quieto, vai estragar tudo.

Camille olhou na direção da porta e viu Phillipe encarando os dois.

— Shhhh! Para com isso. Que detector de mentes!

Pietro não conseguiu segurar as lágrimas, e ficou de costas para Phillipe.

— Aaah... não é sua mente. É seu coração.

Camille ficou subitamente emocionada, e virou de costas também, passando o braço pelo ombro de

Pietro.

— *Je sais*. Estou muito feliz. Você nem imagina o quanto.

— Talvez não possa mesmo imaginar. Mas eu estou *vendo*.

De dentro de casa, Phillipe cutucou Ethan, que virou para ver onde o outro apontava apenas com os olhos. Meneou a cabeça como quem diz: "Está tudo certo, não se preocupe".

— Mas me conte... como foi isso?

— Foi... sendo — ela sorriu.

Baixinho Camille começou a contar sobre o tio. Entraram devagar e ficaram no vestíbulo um tempo; Pietro se emocionou de novo.

— Ainda tem gente boa no mundo, ainda tem. Graças a Deus por elas!

Camille achava ridículo falar assim, mas não disse nada.

— E eu pensando que ia ser uma bacanal — continuou Pietro. — Com tanto segredo, e com

tanto vinho.

— Ah, e eu ia convidar o meu pai e o *Nonno* para uma bacanal. Sem falar no resto da família. Só você.

— Estou brincando. Mas quando você estiver querendo apimentar sua vida sexual, você pode...

Camille riu alto, interrompendo.

— Vou dispensar qualquer tipo de conselho a esse respeito, no momento.

— Tudo bem. Mas que eu tenho umas dicas quentíssimas, isso eu tenho. Vai além do *Kama Sutra*.

— Pietro, eu tenho o *Kama Sutra*. Como se fosse tudo isso.

— Tudo bem, não é isso. Mas fiquei sabendo sobe um curso de sexo tântrico na "Comunidade Indiana para Todos". Uma piração. Quer que eu te dê uma prévia?

— Shhh! — ela interrompeu. E empurrando-o pelos ombros. — Entre, você não está *entrando*. Vá

logo cumprimentar os outros, porque, pra variar, você é o último.

— Está bem — deu dois passos, depois voltou. Deu um beijo no rosto dela, longe dos olhares de todos na sala de estar. — Oh, está bem. Depois não diga que não te avisei. Casamento é 90% sexo...

— Claro, claro, e você é a pessoa certa para me dar as dicas. Só completando, casamento é 90% amor *com* sexo.

Pietro sorriu maliciosamente, e ergueu o rosto de traços delicados, com olhos muito azuis:

— Claro, *Darling,* imagina que eu não sei disso. Afinal, aquele deus grego com quem você é casada também precisa ser amado. Mas o sexo...

— *Je sais*. Vá cumprimentar os outros.

Camille riu de novo, dando tapinhas no ombro do amigo. Pietro sempre se comportava refinadamente com Ethan. Mesmo assim, Camille entrou na brincadeira:

— Pois você pare de ficar olhando o meu marido, ouviu?

— Antes olhasse, *mademoiselle*, antes olhasse. Um homem desses tinha que ser homo.

— Você escutou a bobagem que está falando, PI? "Um homem desses tinha que ser homo..."?

— Ah, *c'est vrai*. O que um homem desses faz com a cabeça da gente.

Naquele instante a cabeça de Ethan apareceu no vestíbulo. Camille sorriu com amor e acenou para ele. Ele acenou de volta e fez um cumprimento com a cabeça para Pietro.

— Já estou indo — disse Camille. E para Pietro: — *Allez*! Eu sou a anfitriã e você está me alugando.

Pietro repentinamente deu um salto.

— *Oh lala*, esqueci-me do meu *fromage de chèvre* pra lá de saboroso. Ou melhor, o seu, trouxe-lhe de presente. Espere, deixei no carro.

Ele correu porta afora e voltou em instantes. Camille deu de novo um tapa nele. Depois pegou o

queijo.

— Mmmm... *merci beaucoup*! Vou levar para a cozinha, PI, vamos entrando.

Então, enquanto Camille levava o queijo, Pietro cumprimentava os demais. Depois acomodou-se aos pés do sofá, perto de Ethan.

— Seja bem-vindo — disse-lhe o dono da casa.

— Muito agradecido — respondeu Pietro com uma polidez que não usara até então.

— E aí? O que você anda fazendo?

— Trabalhando muito para minha *vernissage* de verão. Tenho que produzir muito, meu agente está me pressionando, e estou a toda. E você?

— Trabalhando muito também. Ainda mais agora... quer dizer.....

Pietro piscou-lhe um dos olhos azuis significativamente.

— Oh — resmungou Ethan, piscando os dois olhos castanhos várias vezes. — Camille já...?

— Na verdade, eu adivinhei, não a culpe. Ela está muito luminosa. Dá pra ver que algo incrível aconteceu.

— Tem razão. Ela está linda, é inacreditável.

— Você também me parece diferente, Ethan.

— É provável, sabe. Estamos totalmente embasbacados e muito felizes.

— Desejo-lhe toda sorte do mundo. Não há quase ninguém no mundo que eu queira tão bem quanto Camille, excetuando, acho, minha mãe! — e Pietro desatou numa gargalhada gostosa, inclinando o corpo para trás. — Ai, aliás, família é *tudo* de bom. Eu não sei o que faria sem a minha.

— É verdade.

Ethan ficou calado por alguns momentos. Pensou em sua própria família. Havia convidado sua mãe e pedira para ela transmitir o recado a seu pai sobre a reunião. De comum acordo com Camille, porém, ele confidenciara o real motivo da comemoração. Sua mãe caíra em prantos de alegria

no telefone. Mas não garantiu sua presença na comemoração.

"Ah, filho *mio*! *Mio bambino*! Como essa sua velha mãe se alegra por vocês. E eu imaginando que vocês não conheceriam a alegria da maternidade! Que notícia maravilhosa.

É uma alegria difícil de descrever em palavras. Gostaria muito de ir dar um abraço em Camille e em você, filho *mio*", ela fez uma pausa desconfortável. "Mas não sei se seu pai vai querer."

Ethan inspirou fundo, procurando as palavras.

"Eu imaginava que um neto nessa história tivesse algum peso."

"Eu também, mas...".

"Não sei como a *signora* aguenta isso!"

Ethan desabafou impensadamente, recriminando-se em seguida. Falhara. Ele tinha jurado nunca mais tocar no assunto, e falhara. Mas é que ele tinha muita pena de sua mãe.

“Essa é minha vida, Eth. É o que eu devo fazer. Não desejo abandonar os ensinamentos da minha infância, que recebi de minha mãe e da igreja. Sou feliz assim.”

“É feliz porque não conhece mais nada. Se me deixasse ajudá-la....”

“Filho *mio*, está tudo bem. Tem coisas em que não se deve mexer.”

Ethan mordia os lábios. Sabia que o pai não dava valor a ela. Se desse, não cometeria tantos atos sórdidos, não gritaria com ela, não a trairia. Tantas relações extraconjugais que ele nem fazia muita questão de esconder!

“A senhora nunca pensou em se separar?”, ele abandonou o tom monossilábico, distante, e perguntou de novo o que já tinha perguntado tantas vezes antes.

“Mas o que eu faria separada, *bambino*? Quem cuidaria de mim? Eu não posso fazer tudo, sozinha.”

“Você já faz tudo sozinha”, remoeu Ethan com seus botões.

“Como ganharia meu sustento? Eu não sei fazer nada além de cuidar de uma família.”

Era uma discussão infrutífera. Ela não viria à comemoração pela gravidez de Camille, do mesmo modo que nunca tinha pisado os pés na casa deles. Depois de ter levantado a voz uma única vez — por ocasião do casamento — *signora* Giulia nunca mais voltou a fazê-lo. A maneira de levantar a voz foi ligar para o sogro e pedir-lhe que conversasse com o marido dela e lhe dissesse que ia ao casamento do filho mais velho. *Signore* Arthuro aquiesceu, garantindo que ela não teria problemas nesse sentido.

No dia da cerimônia *signore* Anatole sumiu. Assim, *signora* Giulia e as filhas puderam ir e ficar à vontade. A mãe de Ethan sabia que não haveria outra oportunidade como aquela, entretanto não fez alarido de sua dor.

Ethan pediu licença a Pietro e se levantou para ir ao banheiro.

Viu que Camille estava dando ordem para servir, já que todos os convidados estavam presentes.

"*Oui*. Todos estavam presentes", lamentou Ethan, ainda pensando em sua mãe.

Entrou no lavabo e jogou água no rosto.

Enquanto continuava a se lavar, deixou escorrer junto com a água, em direção ao ralo, todos aqueles sentimentos tristes de frustração.

"Serei um pai melhor."

Foi o seu consolo.

***

Na mesa, Ethan não perdeu a oportunidade instintiva de abraçar Camille pelo pescoço, puxando-a para si. Do outro lado dela estava Pietro e, mesmo sabendo que Pietro era apenas Pietro, Ethan sentia um pouco de ciúmes do relacionamento especial dos dois. Eram ciúmes

bobos, e nem era exatamente por causa da pessoa de Pietro que ele se enciumava, era mais um ciúme do relacionamento. Mas logo deixou para lá. Todos falavam e riam, a música tocava em volume agradável, e os acepipes começaram a ser servidos. Pietro e Françoise eram os mais festivos, soltando gargalhadas por tudo e por nada, sempre acompanhados por Camille.

A festividade decorreu em clima extremamente agradável. Ethan tinha selecionado alguns CD's bem ecléticos, de forma a agradar todos os gostos. Ninguém percebeu quando Beyoncé começou a cantar, primeiro baixinho e depois progressivamente mais alto. Era Marc, sorrateiro como sempre, que tinha posto no MP3 do casal um dos cinco CD's que trouxera, para ajudar a animar a noite.

Os queijos estavam suculentos e deliciosos, de boa qualidade. Os vinhos iam sendo servidos aos poucos, e degustados com estalares de língua e

olfatos apurados. As frutas — damascos, ameixas, maçãs, casca de laranja desidratada, tâmaras frescas, passas — iam sendo devoradas junto com nozes, avelãs, castanhas de caju, amêndoas carameladas e amendoins do tipo graúdo.

***

Ethan e Camille se entreolharam, lá pelas tantas. Os dois achavam que era hora de dar a notícia, pois faltava pouco para a sobremesa e era quase meia-noite.

— Alguém poderia desligar essa música *Techno*? — pediu Ethan, sorrindo e olhando para o cunhado. — Imagino que você tenha alguma participação nisso.

Marcel nem se dava ao trabalho de corar. De posse do controle remoto, viu que algo importante ia aparecer, e parou a música. Todos olharam para Ethan, que deu a mão a Camille quando ela se aproximou dele.

— Está na hora do “Parabéns” — revelou Ethan, com ar de incrível seriedade.

Camille acompanhou.

— Vamos chamar os aniversariantes.

As pessoas ao redor da mesa começaram a sorrir.

— Vamos lá, onde estão esses gatos?

— Os aniversariantes não estão gostando da festa?

Ethan ergueu a mão.

— Vou dizer quem é o aniversariante principal — ele pôs a mão no bolso da camisa. — Opss! *Mon amour*, cadê a data do aniversário?

— Não sei, acho que ficou com você.

Ao contrário da seriedade do marido, Camille escondia risadinhas com as mãos.

— Que dia era mesmo? — ela perguntou, fingindo grande espanto.

— Como assim? — indagou Perla.

— Você sabe, querida prima, nem sempre é possível comemorar uma data festiva — um

aniversário, no caso —, exatamente no dia certo.

— Não era aniversário dos gatos? — perguntou Phillipe, já meio alto.

Ethan ignorou o amigo que estava de luto pela perda da noiva. Camille olhava feio para ele: como pudera ser tão sem-noção para com Alexandra?

— Bem, nosso aniversariante faz aniversário dia três de dezembro.

Ouviu-se o silêncio enquanto todos absorviam a informação.

— *Oui*? Mas estamos no final de abril — comentou *monsieur* Claude.

A maioria dos convidados se entreolhou. Excetuando Marc, Alannah e Pietro, bem como *signore* Arthuro, que já sabiam o que estava acontecendo; e também Tibério, que, embora desinformado — queriam fazer-lhe uma surpresa —, estava bem certo da gravidez de sua sobrinha.

— Houve um engano, hoje não é 1º de abril — resmungou Phillipe com o dedo levantado.

— Agora ele vai mandar a gente cantar parabéns! — disse Pietro, com um risinho.

— Bem, é isso. O aniversariante faz aniversário em 3 de dezembro, e...

Nesse instante Maxi atravessou a sala de rabinho em pé atrás de Morango.

— Olha! — Phillipe apontava — Os aniversariantes estão aqui. Ethan! Podemos começar o "Parabéns" — e deu o tom. — Paaaa.... ra...béns a você....

Ethan não ligou para o amigo outra vez. Estava acostumado a ver Phillipe bêbado por causa de suas namoradas. Contanto que ele não começasse a chorar, tudo estava bem.

Os demais estavam atentos, esperando e pressentindo a verdade. Entretanto, ninguém se arriscava a falar.

— Tio — chamou Camille, ficando séria e emocionada ao mesmo tempo — Venha até aqui, *sil vous plaît.*

Tibério se ergueu de sua cadeira e veio para perto do casal. Abraçou-os com os olhos marejando, num gesto muito carinhoso.

— *Mes felicitátions*... — murmurou.

Todos os olhares estavam voltados para eles e agora havia silêncio absoluto. Nos olhos de *madame* Lyla havia uma intensa expectativa.

Ethan foi simples.

— Temos um motivo muito especial para essa comemoração hoje. Que não é o aniversário de nossos bichanos! — ele riu, mas estava segurando as lágrimas. — Agradecemos de coração a presença de nossos parentes e amigos aqui, que vieram compartilhar conosco o momento de grande alegria que eu e Camille estamos vivendo. O motivo de vocês estarem aqui hoje é... para compartilhar de nossa felicidade.

Madame Lyla deu um gritinho espremido, adivinhando o que todos já estavam sabendo.

— Não é possível, *mes enfants*!

— É possível, sim, *Grand-Mére*; eu também não acreditava nisso, mas alguma coisa aconteceu com tio Tibério no Caminho de Santiago. Ele realmente foi abençoado, e a bênção dele nos alcançou. Camille está grávida! — falou Ethan, orgulhoso. — Oito semanas e quatro dias! E esperamos o nascimento do bebê para dia três de dezembro. Agradecemos às tias, às suas preces aos santos, às velas, às promessas. A *Grand-Mére* também, por nunca ter desistido de acreditar. E especialmente ao tio Tibério, que confiou e se entregou sem ter recebido nada, acreditando que se desse o primeiro passo, algo novo aconteceria. E aconteceu. Hoje nós somos muito gratos a todos vocês!

A reunião foi preenchida com abraços, votos de felicidades, beijos, "bem que eu disse", "é um milagre, é um milagre". O vestido de Camille ficou até amassado de tanto que ela foi apertada. Ethan também recebeu abraços e tapinhas nas costas, beijos e palavras de alegria. Comoveu-se muito

com o olhar cheio de lágrimas do *Nonno*. Ele próprio não conseguia conter as lágrimas. Foi até a cozinha rapidamente e trouxe garrafas de *champagne* francesa, das melhores.

— Claro que essa notícia merece um brinde!

— Eu já sabia, eu já sabia! — dançava Pietro de um lado para outro, meio alto também.

— *Mince*... e eu pensando que fosse mesmo um aniversário para gatos — declarou Phillipe.

— Ao casal e sua felicidade!

— À paz, harmonia e prosperidade nesta casa!

— Ao bebê! — ecoaram alguns.

— Ao Ethan! — bradou Phillipe aos prantos. — Oh, eu vou ser "tio"!

— E vivas para Camille, a futura mamãe!

— Ao amor! — disse Camille escondendo o rosto na camisa de Ethan e envolvendo sua cintura com os braços.

Todos brindaram.

— Agora vamos ter dois bebês logo! — falou Marc, repentinamente, como se tivesse se esquecido do fato, o que realmente ocorreu, por um momento. — O nosso e o deles! Oh, que coisa!

Depois, Camille e Ethan se sentaram à mesa contando todos os detalhes até terem o diagnóstico definitivo da gravidez. De mãos dadas, era o casal perfeito, com a vida perfeita.

Madeleine veio para perto, agarrando a mão do namorado mais do que o comum.

— Sua malvada! Nem me contou nada! — ela abraçou Camille pelo pescoço, dando um tapa no braço dela.

A sobremesa foi servida com ânimo redobrado pela caseira e sua filha e sumiu da mesa em pouco tempo, inclusive a torta de limão que Camille tinha experimentado fazer. A *thé* de jasmim veio a seguir, e os grupos se dividiam, conversando, trocando ideias, alguns mais afoitos fazendo planos para os estudos do bebê. Ethan trouxe o violão e sentou-se

na ponta da sofá, dedilhando uma de suas canções favoritas. A voz forte atraiu logo o grupo mais jovem, que se aglomerou em volta dele, cantando junto.

Foi uma noite maravilhosa que durou até altas horas. *Madame* Lyla estava tão eufórica que até parecia que a barriga de Camille poderia crescer durante a noite. Quando *signore* Arthuro chamou seu motorista, puxou Ethan de lado:

— Quero conversar com você e Camille assim que possível. Combine um horário com ela e almoçaremos juntos. Tenho uma proposta para vocês — disse o *Nonno*.

Os demais se despediram. Françoise e Perla ficaram, Phillipe, Pietro, Marc e Alannah também. Phillipe continuou bebendo vinho e dando palpites inusitados, ora rindo de chorar, ora chorando discretamente pela ausência de Alexandra.

— Largue de ser imbecil e reate logo esse noivado — aconselhava Ethan de volta.

Pietro parecia ainda estarrecido.

— Acho que amanhã mesmo vou acender uma vela para *Saint* Thiago. Quer dizer, hoje.

Os que ficaram trataram de aproveitar o resto da noite e do pão e do queijo, que puseram direto na mesinha de centro, junto com as últimas garrafas de vinho. Eram três da manhã quando Alannah inventou de fazer um pudim super-rápido para gelarem no *freezer* e comerem sem demora. Não fosse tão tarde e teriam pedido *pizza*.

Perto do raiar do dia, depois que todos foram embora, Ethan e Camille, abraçados e de alma leve, deram com Jojoba e Penélope no terraço da frente. Maxi já estava dentro de casa, com a cara enfiada no prato de comida. Só faltava Morango, então Camille chamou-o baixinho, olhando para as árvores da extensa área verde do outro lado da rua.

— Moranguinho! Morango...

Vindo exatamente dali logo ele apareceu e olhou, meio ressabiado, para ver se realmente a casa estava

vazia.

— Moranguinho! Venha!

Ele parecia um pouco assustado e Camille, já conhecendo sua índole arisca, atravessou a rua para pegá-lo.

— Não precisa ter medo. Todo mundo já foi embora.

Coçou suas orelhas e o animalzinho ligou seu ronronado de “motorzinho”.

⁂

Em volta da casa, como espiões vestidos de preto, estavam os convidados que ninguém conhecia. Também festejavam, e os olhos flamejavam na escuridão da noite. Também cantavam e se regozijavam, embora seu motivo fosse outro.

6

Étrangeté

Ethan viajaria a trabalho naquela semana. Sairia quarta-feira no primeiro voo para voltar no sábado de tarde. Camille não gostava que ele se ausentasse, mas não era sempre, e nem eram viagens muito prolongadas. Desta vez ele tinha que visitar uma das filiais da *Logos,* sediada em Paris, e bem que tentou arrumar quem o substituísse, mas logo desistiu; não seria possível delegar aquela viagem. Ethan não ficou contente, teria preferido

estar perto da esposa, entretanto, não seria possível daquela vez.

Na quarta cedinho, pouco antes do despertador tocar, Camille e Ethan estavam na cama, já acordados. Nada tinham dito, mas ambos sabiam que tanto um quanto o outro estava desperto. A luz penetrava tênue pelas frestas das venezianas, anunciando uma manhã de sol de primavera. Então Camille olhou para o marido, percorrendo os traços angulosos de seu rosto, a barba por fazer. Ela adorava quando a barba dele estava daquele jeito.

Ethan acabou sentindo-se observado, e abriu os olhos. Sorriu para ela daquele seu jeito, aquele sorriso *trapassato* e encantador. E mesmo sem palavras, indagou:

"Que *ma fleur* está fazendo acordada antes da hora?"

Camille só sorriu de volta, e também sem palavras rolou sobre o lado e abraçou Ethan com o braço e a perna direitos, apoiando a cabeça em seu

peito, aconchegando-se no ninho; podiam aproveitar uns minutos ainda. Sentiu o braço esquerdo dele envolvendo-a pela cintura, puxando-a para bem perto de si. Camille ergueu e aproximou a cabeça do pescoço dele, inspirando a suave fragrância que ainda restava de seu perfume. Deu-lhe vários beijinhos ali, até que ele ergueu o torso e se virou sobre ela, beijando-a na boca.

— Assim você lembra melhor de mim, enquanto eu estiver fora! — brincou ele.

Camille falou, abafada:

— Vou sentir tanto a sua falta...!

— Eu também — Ethan fez uma cara meio desconsolada. — Mas eu volto logo, e você vai estar bastante ocupada, de modo que o tempo vai passar rápido.

— Ocupada vou estar mesmo, mas à noite sempre é chato.

— Aproveite as noites na aula de dança do ventre. Fique com as meninas por lá, dance um

pouco. Mas fique *só lá*, *d'accord*? — ele falou, fingindo seriedade. — Nada de cair e escapulir por aí na minha ausência.

— Vou participar de um *show* de dança do ventre, na sua ausência... — ela respondeu, levantando o queixo em atitude falsamente desafiadora.

Ethan só ergueu as sobrancelhas. Voltou a beijá-la. Amoldava sua boca na dela, sentindo sua língua, tocando de leve seus seios e beijando-os enquanto afastava a alça fina da camisola. Ela enfiou os dedos nos cabelos dele. Abraçou-o de novo com as pernas longas. O despertador tocou a cotidiana musiquinha; Ethan ergueu a cabeça e os dois se entreolharam.

— Eu estou em estado de graça — Camille passou a mão espalmada na porção superior da coxa dele. — Estou prenha e indefesa — fez olhar lânguido de cachorrinho.

— Suportar certas facetas do estado de graça não vai ser fácil — murmurou Ethan, sentindo perfeitamente a mão dela e suas carícias.

— A doutora Ross disse que não tem nenhum problema.

Ficaram lá ainda um pouco de tempo, entre beijos e carícias, simplesmente ignorando o relógio. Por fim Ethan atirou de lado o edredom fininho, de meia estação, e levantou-se. Camille se espreguiçou longamente, grata pelo período de enjoos praticamente ter desaparecido. Sentia-se bem disposta e não precisava sair correndo para vestir-se porque sua aula na faculdade era um pouco mais tarde naquela manhã.

Ethan enfiou-se rápido debaixo do chuveiro. A porta aberta deixava desprender de dentro do banheiro aromas agradáveis. Camille levantou da cama e foi até o banheiro, entrou no chuveiro junto com ele. Mas Ethan não pretendia fazer amor. Apesar de a médica ter orientado que a sexualidade

não era prejudicial ao bebê, ele se sentia meio travado, com medo de que algo desse errado. Tinha medo que o clímax pudesse gerar uma contração uterina muito forte e... bobagem! Ele sabia. Mas estava travado.

Camille, ao contrário, cheia de felicidade e de hormônios sentia mais desejo ainda. Pensou que a negativa dele era apenas por causa do horário do voo, e deixou para lá. Sentou-se na cadeira do banheiro enrolada na toalha e ficou observando o marido. Gostava de ver Ethan se arrumar.

— Quando foi mesmo que você marcou o almoço com o *Nonno*? — ela perguntou.

— Depois da viagem. Qualquer dia da semana que vem, à noite. Acho que quinta-feira é um bom dia. Já terei concluído a parte principal daquela campanha da *Majestic Primtemps*. Estarei com a cabeça mais fresca e posso sair mais cedo. Pego você e vamos ao...

— Não precisa vir me buscar! Vou de moto!

— Camille, não comece, *sil vous plaît*. Já falamos sobre isso.

— Não falamos, não! Minha barriga nem está aparecendo!

— Sim, mas um acidente de moto é tudo que esse bebê — e você — não precisam, *n'est-ce pas*? Com barriga ou sem!

Dessa vez ele falou sério.

— Não vamos dar sorte para o azar. Depois de tantas preces e sacrifícios, não vamos pôr em risco a saúde de vocês dois. Ponto-final. Não me fale mais nisso.

Enrolando-se na toalha e saindo do boxe, seu tom de voz não admitia discussão.

— Está bem. Você tem razão. Desculpe-me.

— Camille... — Ethan não queria discutir quase na hora de embarcar. — Deixa o bebê nascer, e você se recuperar. E então ande nessa *bendita* moto quanto quiser. Espero não estar te dizendo a coisa errada, ao consentir nisso.

Camille levantou e deixou a toalha pendurada. Saiu do banheiro carregando seu *penhoir* e, uma vez vestida com ele, foi abrir as janelas, respirar ar fresco, ouvir passarinhos em polvorosa nas árvores do jardim dos fundos. Saiu na varanda do quarto. Ela também não queria brigar, mas estava frustrada. Mesmo sabendo que o marido estava coberto de razão.

Suspirou e aconchegou-se mais ao *penhoir*. Ver Penélope no jardim bebendo água da piscina fez com que sorrisse. *Madame* Verdoux devia estar na cozinha, e tinha soltado os gatos.

Desceu antes de Ethan e entrou na cozinha, de onde vinha cheiro de café da manhã.

— *Bonjour*, *madame* Verdoux.

— *Bonjour*, *madame* Camille. Já está quase tudo pronto para *monsieur* Ethan não se atrasar.

— *Merci*.

Camille sentou no lugar dela, na bancada, de frente para as janelas que davam para o jardim dos

fundos e a piscina. Esperando por Ethan, ela observou Maxi com a cara no prato. Como comia aquele bichinho. Era o único que ainda estava dentro da casa.

Ethan desceu e os dois tomaram seu desjejum. *Thé,* pão com manteiga e geleia, frutas. Conversaram como se nada tivesse acontecido, deixando, aparentemente, o assunto da moto de lado. Mas quando Ethan aproximou-se dela na porta da garagem, Camille ergueu os olhos e disse, com sinceridade:

— Você tem razão. Eu estou me comportando como uma louca. Desculpe... não vá viajar chateado comigo.

Ethan abraçou-a. Ele sempre estava pronto para isso. Para amar, para perdoar, para compreender.

— Está tudo bem, *petite matta*. Vamos indo!

Ethan dirigiu a *pick-up* Mitsubishi preta até o aeroporto Saint-Exupéry. Uma vez lá, estacionaram rapidamente na vaga de embarque-desembarque e

os dois desceram; Ethan tirou do banco traseiro sua bolsa de viagem e Camille deu a volta no carro para assumir o volante. Ele se inclinou pela janela aberta e deu um selinho rápido nela.

— Te ligo no celular quando chegar. Depois, só vai dar pra gente se falar melhor à noite.

— *Oui.* Boa viagem, *mon amour*.

⁂

O dia passou sem anormalidades. Camille fez como Ethan sugerira e tirou a tarde para ela, depois foi para a dança à noite. Eles tinham se falado pelo celular antes dela cair na cama, cansada, e ele ir para seu jantar com os diretores da filial em Paris.

⁂

Era incrível como Ethan podia falar assim... “fique com Deus”... de forma tão natural. Ela ficou pensando.

***

Ethan pegou seu paletó, apagou as luzes e desceu. Esperavam por ele no *lobby* do hotel. A diretora de *marketing* de Paris, Sabine Faucoult, foi a primeira a vê-lo assim que saiu do elevador. Ela veio em sua direção com os olhos fitos. Um pouco mais perto, abriu seu melhor sorriso.

— *Comment ça va*? — seus olhos diziam tudo, medindo-o de alto a baixo.

— *Trés bien, merci. Et toi*?

— Melhor agora — ela murmurou para que somente ele ouvisse.

Sabine estendeu a mão e depois veio com a cabeça para perto na intenção de cumprimentar Ethan também com um beijo no rosto. Ethan segurou forte a mão dela, sem abaixar a cabeça, de modo que o beijinho de boas-vindas não se concretizou.

Os demais foram se aproximando, então Ethan apenas se desvencilhou de Sabine e passou a apertar a mão de seus colaboradores, trocando as mesuras que convinham à situação.

— Onde está Germaine Benet? — indagou Ethan após os cumprimentos, apertos de mão e palmadinhas nas costas.

— Ela ainda não... oh! Ali vem ela.

Madame Germaine Benet viera com Ethan da matriz. Eram colegas de trabalho e *signore* Arthuro a tinha mandado junto.

— *Bon soir* — cumprimentou a mulher, apertando a mão de todos, inclusive a de Sabine Faucoult.

A mesa reservada para eles no restaurante estava à espera. Eram seis pessoas ao todo, quatro homens e duas mulheres. Sabine fez o que pôde para ficar perto de Ethan, mas perdeu o lugar ao lado dele e, quando dava a volta para sentar-se à sua frente, Ethan, adivinhando-lhe a intenção, falou alto:

— *Monsieur Lancon*, sente-se aqui para podermos nos falar sem gritar — ele brincou apontando para a cadeira à sua frente.

— *Bien sûr, mon ami.*

Assim acomodados, o *garçon* se aproximou para oferecer as bebidas. O jantar de boas-vindas começava. Primeiro com assuntos aleatórios, mais tarde dariam um pequeno panorama do trabalho a ser desenvolvido nos próximos dias.

***

Camille tomou outro banho para tirar o suor do corpo depois da aula de dança, colocou um pijama bem quentinho, pegou todos os gatos e colocou-os na cama. Juntou-se a eles munida de controle-remoto e coisinhas para beliscar. Os gatos se acomodaram sobre o edredom, e Morango na barriga dela, seu lugar preferido, e ficou ronronando seu ronronado de motorzinho, suavemente.

Ela assistiu a seus programas favoritos porque era o dia da beleza na *Discovery Home and Health*, canal que ela pegava na TV a cabo. Tinha vários programas de moda: *What not to wear, How do I look,* e o programa do Tim Gun. Apreciava o senso de humor acre de Stacy London e Clinton Kelly, o gosto impecável de Tim Gun, e a destreza de Finola Hughes.

Ficou mastigando na cama, biscoitos de aveia e mel com leite gelado, sorvete com calda, um pedaço de chocolate. Maxi aceitou um pedacinho do biscoito e o comeu ali mesmo, sobre o edredom. Ele comia de tudo, até couve-flor.

Era mais ou menos meia-noite e ela já devia estar dormindo porque no dia seguinte acordava cedo. Mas a companhia dos gatos estava boa e os programas também; a falta de Ethan também a deixava menos propensa ao sono. A ausência dele sempre a incomodava. Era melhor deitar mais tarde

e dormir logo, do que ficar com insônia tentando dormir cedo.

Por fim resolveu guardar os gatos na cozinha, onde iriam comer e dormir, e apagar as luzes. Acomodou-se e não demorou a dormir.

***

Em Paris o jantar tinha findado havia mais ou menos meia hora e Ethan recolhera-se a seu quarto. Tomou um banho demorado e ia assistir um noticiário para ajudar a se aquietar e sentir sono. O jantar tinha sido agradável e produtivo, excetuando pelos já conhecidos olhares e indiretas de *mademoiselle* Sabine Faucoult. A insistência dela beirava o inadequado e tinha sido assim desde que se conheceram.

Quando se despediram, pouco antes, ela apertou sua mão e deixou um cartão da empresa com o número de seu quarto ao lado dos dizeres: “aguardo você”.

Ethan jogara o cartão fora no primeiro latão de lixo que encontrou. Que insistência.

Por certo Sabine era uma mulher atraente e sabia fazer bom uso de seu *sex appeal*, que, aliás, não lhe faltava. Os grandes olhos azuis eram excepcionalmente bonitos, quase translúcidos de tão claros. Suas roupas, apesar de profissionais, tinham sempre algum pequeno detalhe sensual, como peças mais justas, um dedo de saia acima do considerado seguro, um botão a mais aberto na blusa recatada.

Tempos atrás ele teria ficado com ela. Muito atrás. Não em um relacionamento aberto, pois Sabine não era uma mulher para namorar e noivar, além do quê não era isso o que ela queria, nem ele. Teria tido Sabine como amante. Ela era inteligente, mordaz, não dada a culpas e sem dúvida uma ótima parceria de cama.

Contudo, apesar de ser um pacote praticamente completo, a verdade é que ela não o atraía. Ethan

reconhecia seus atributos femininos, mas olhava para eles como se contemplasse um quadro bonito. Não a queria. Por causa disso, instigava-a ainda mais. Não estava costumada a ser rejeitada.

Uma vez conversaram abertamente, e Ethan disse veementemente que nunca ficariam juntos, nem mesmo uma noite. Sabine não entendia.

"*Pourquoi*?"

"Camille e eu construímos uma história ao longo dos anos. Isso tem muito valor para mim e para ela. Não vou pôr em risco minha história com minha esposa por causa de uma aventura. Eu nunca traí Camille, nem o farei, jamais. Ela é meu verdadeiro *amore*.

"Mas isso não vai pôr em risco nada, é só...".

"É só um adultério, é isso que é, Sabine", interrompeu Ethan. "Não tenho a menor intenção de cometer adultério."

Sabine ficou muda por alguns instantes e depois deu-lhe as costas. Por um tempo, ignorou o diretor

de criação da matriz. Depois, aos poucos, voltou a assediá-lo: deixando mensagens no celular, por *e-mail*, ou pessoalmente, quando eram obrigados a se encontrar por causa de assuntos internos da *Logos*.

Sabine invejava Camille por ter aquele homem, mesmo que não gostasse de admitir. Quando soube que ela estava grávida, durante as reuniões daqueles dias, ficou realmente incomodada. Ela conhecia Camille de vista, de festas da empresa, mas nunca tivera coragem de se aproximar. Via que era uma mulher linda e completamente apaixonada por seu marido e, quando Ethan estava com ela, verificava que a recíproca era verdadeira. Sua vontade era de desaparecer.

"E agora... um bebê."

Quando Sabine viu que Ethan realmente não viria a seu quarto, não deixaria que ela lhe mostrasse sua paixão, enrolou-se na cama, e chorou.

***

Camille estava sonhando, e se revirava na cama. Dormindo, ela sentia uma sensação estranha, indefinida, totalmente agonizante, completamente oposta ao bem-estar que vivenciara durante todo o dia. Ao mesmo tempo, aquilo parecia ser um *déjà vu*; como se já tivesse mesmo sonhado com aquilo antes. Mas o que era mesmo que ela estava sonhando...? Era uma sensação tão... tenebrosa!

De repente, acordou. Foi aquela voz. Uma voz forte, sussurrada em seu ouvido. Até sentiu o deslocamento de ar perto da face quando ele disse, num timbre gravíssimo:

"A semente foi plantada em você. Você foi escolhida."

Camille deu um solavanco enorme e sentiu-se plenamente desperta. Que voz era aquela no seu sonho? Aquela respiração forte? Aliás, o que estava

mesmo sonhando? Já tinha sonhado com aquilo, mas o que era? Era tão real! Tão real!

"Será que foi mesmo um sonho?"

Camille olhou em derredor, na luz fraca da penumbra do quarto. "Mas não pareceu um sonho, pareceu real".

Assustada, levantou cambaleando e acendeu todas as luzes. Não havia nada ali, apenas o quarto com suas coisas. Entretanto, ficou aquela sensação de estranheza. Estava com muito sono, muito sono.

Um arrepio de frio percorreu seu corpo, como que atingido por uma corrente rápida de ar gelado. Ela voltou rápido para a cama e se cobriu até o queixo, achando que o excesso de sono pudesse ser coisa da gravidez.

Logo estava adormecida outra vez.

***

No dia seguinte ficou aquela sensação de irrealidade. Mas alguma coisa espetava sua

memória e trazia uma sensação de desconforto que não passava. Não conseguia pôr um ponto-final no ocorrido porque não tinha como afirmar, com certeza, que havia sido mesmo um sonho. Camille não era dada a superstições idiotas, e atribuiu à gravidez o estranho ocorrido; ou melhor, o estranho sonho.

"Não pense mais nisso."

Era quinta-*feira e Grand-Mére* estava efusiva pela primeira tarde de compras. O lugar onde iriam passear ficava mais perto da casa de Marc e Alannah, de forma que Camille passou de carro na casa de *madame Lyla* e as duas foram direto encontrar Alannah no lugar das compras.

Alannah já estava adiantada em seu enxoval, e ficou de mostrar as melhores *boutiques* à Camille, mas não dava pra fazer tudo num só dia. Na verdade, Camille estava especialmente animada para ir a Paris, assim que possível, para comprar móveis e olhar as *boutiques* de roupas finas para

bebês. Queria ir à *Avenue Montaigne* onde ficavam lojas como a *Chloé*, a *Bonpoint*, a decantada *Baby Dior* e a *Dolce et Gabanna*, todas praticamente lado a lado. Queria também andar pela *Champs-Elysées*, onde ficava a *Baby Gap*, que também vendia moda *pré mamman*. Aliás, passear pela *Champs-Elysée* sempre foi seu fraco; não era a toa que aquela era a avenida mais famosa do mundo! Em *Saint Honoré* queria visitar a *Little Marc Jacobs*, na *Place du Marché*, e a *Tartini et Chocolat*, na *rue Faubourg*. Na *Fruit de la Passion*, segundo se informara, também tinha moda *pré mamman*. Alannah tinha comentado também sobre uma loja de *pastiques* em Paris, onde tinha adquirido pratinhos, potes, mamadeiras e muitos brinquedos. Era o paraíso dos plásticos, com todo tipo de objetos ou acessórios, até mesmo o que não se conseguia encontrar em nenhum outro lugar. Era lindo, colorido, chamativo!

Mas não seria naquela tarde, e muito menos sem Ethan.

Ethan havia deixado com Camille o cartão de crédito sem limite. Ele nunca deixava aquele cartão na mão dela assim, sem mais nem menos, de modo que Camille estava feliz de poder andar com ele sozinha. Ethan confiou que ela ia saber fazer boas compras, sem desperdício.

— Olha estes macacõezinhos. Camille! — exclamou Alannah.

Camille se aproximou e a atendente foi tirando das prateleiras um macacão mais lindo que o outro. As três estavam entusiasmadas, mas como não se sabia se o bebê de Camille era menino ou menina, Camille optou por cores neutras. Comprou três peças, um deles combinando com a manta e o outro com patinhas no lugar dos pezinhos.

O bebê de Alannah era menina e ela comprou dois macacões lindos, um lilás e um amarelo. Camille ficou babando pelas coisinhas de menina,

porque eram realmente lindas, com bordados maravilhosos, flores, borboletas, corações, bichinhos. Quanto a ela, achou mais divertido comprar brinquedos.

— O que você acha que vai ser? — perguntou Alannah.

— Ah, vai ser um menino! — disse *madame* Lyla. — Nesses casos de milagre, é muito mais provável que venha um varão.

Camille riu. Mas admitiu estar sentindo isso mesmo: que era um menino.

Elas rodaram por duas ou três lojas, passando um tempo enorme em cada uma. Camille se sentia no céu olhando para aquelas coisas todas que pertenciam ao mundo das mamães, adquirindo um item aqui e ali. Um enfeite, um brinquedo.

Alannah já tinha berço, mas ainda não tinha comprado cômoda, ou guarda-roupa.

— Eu não tenho um sogro podre de rico e um marido igualmente podre! — brincou ela. — Eu e

Marc temos de ir um pouco mais devagar!

Marcel era *personal trainer* — tinha o mesmo gosto que a irmã pela prática esportiva —, com a diferença que tinha feito faculdade de Educação Física. Alannah era psicopedagoga e trabalhava com crianças numa clínica multidisciplinar.

Depois de andarem tanto se sentaram num Café, cheias de sacolas, e pediram um lanche caprichado.

— Vocês andando o dia inteiro sem comer nada. Precisam se cuidar melhor — reparou *madame* Lyla.

— Estou me cuidando, *Grand-Mére* — disse Camille. — É que me esqueço de ficar comendo várias vezes por dia. Como quando tenho fome. E estou tomando vitaminas.

Alannah, que já havia ganhado oito quilos, preocupava-se.

— Já engordei demais.

A conversa girou somente em torno de gravidez e bebês. *Madame* Lyla contou como foi quando

estava grávida e muitas histórias sobre os filhos.

— Tive seu tio Tibério em casa.

— Que coragem!

A *bavardage* continuou animada pela próxima hora.

⁂

Quando Ethan telefonou, à noite, garantiu que voltaria no sábado à tarde. Camille contou sobre as compras e ele quis saber como ela estava passando. Depois falou sobre as negociações. Camille não contou nada sobre a voz que ouviu, ou pensou ter ouvido; resolveu enterrar aquele assunto.

Porém, não foi possível.

⁂

Na noite seguinte, sexta-feira, tudo começou bem. Trabalho no *atelier*. Conversa com Ethan pelo

telefone. Um filme em DVD. Comes e bebes na cama, com os gatos.

***

Num dado momento, Camille abriu os olhos, mas não sabia bem se estava dormindo ou acordada. Desorientada, olhou para o lado esquerdo, onde dormia o marido, e quis perguntar-lhe porque ele segurava tão forte em seu ombro, a ponto de acordá-la, trazendo-a de volta ao mundo real. Mas ele não estava, é claro, estava em Paris, ela se lembrou de repente. Camille passou a mão pelo canto direito da boca; estivera dormindo a sono solto.

Olhou ao redor, forçando a vista na penumbra. Tinha certeza de que alguém a tocara e inclusive abaixara o edredom antes de fazer isso.

"Alguém puxou o edredom e tocou em meu ombro, tocou em mim... será possível?."

As luzes do *hall*, no começo do corredor, entravam no quarto suavemente. Camille não quis acender o *abat-jour*; de súbito ela começou a sentir muito medo. Um medo irracional. Não tinha sido pesadelo. Fora real. Ela sentiu perfeitamente o edredom ser puxado num pequeno solavanco e, depois, alguém forte segurou seu ombro.

Mas... *quem*?

Então ficou de olhos arregalados na cama, paralisada de medo. Sua respiração acelerou mesmo contra a vontade. Apurando o olfato sentiu — teria mesmo sentido? — aquele cheiro doce e enjoativo que lembrava almíscar, ou algo do gênero.

Desta vez ela tinha quase certeza de que não tinha sido um sonho. Ela sentira uma respiração forte, vigorosa, em seu ouvido, como da última vez. Só que então tinha escutado a voz dele... a voz de alguém... e agora ele tocava nela, claramente. Mas não havia ninguém!

Olhou o rádio-relógio na mesa de cabeceira de Ethan: 3:00 horas da madrugada.

Obrigou-se a se acalmar. O silêncio era total, cortado apenas, ela jurava, pelas batidas de seu coração.

Não era real porque não havia ninguém ali. Por outro lado... que sonhos mais estranhos ela vinha tendo de vez em quando.

Levantou-se meio temerosa, tropeçando nos chinelos deixados ao pé da cama e foi até o banheiro. Acendeu a luz em cima da pia depois de encostar a porta. Molhou o rosto e a nuca, olhou para si mesma durante um tempo, no espelho. Os olhos inchados de sono estavam assustados. Mesmo assim, estava óbvio que ninguém entrara no quarto. Como poderia?

Ela chacoalhou a cabeça e deu de ombros. Optou pelo que era lógico.

“Foi minha impressão. Estou tendo esses sonhos esquisitos por causa dos hormônios da gravidez, é

só isso."

Voltou para a cama e se aconchegou. Pensou até em ligar para Ethan, mas seria o cúmulo do absurdo. O que diria? "Tive um pesadelo"? Que bobagem. Ela se encolheu e ficou concentrada no leve movimento de seus pulmões, inspirando e expirando. Manteve os olhos arregalados, depois semiabertos e, por fim, voltou a dormir.

No dia seguinte saiu para a faculdade cedo.

Na volta de Ethan para casa, no sábado, ela já estava até esquecida dos fatos.

***

Na quinta-feira seguinte ela e Ethan foram a Paris, pretendendo ficar três dias. Assim aproveitavam um espetáculo em cartaz, os restaurantes e tudo que Paris tinha de bom. Ir a Paris com Ethan era sempre motivo de alegria para Camille, não só por causa das compras. No começo do relacionamento, como Ethan nunca tinha morado na cidade, como

ela, Camille queria mostrar-lhe tudo. Apesar de que ele já conhecesse. Mas foi uma deliciosa jornada, e tanto um quanto outro mostrava seus recônditos favoritos. Queriam compartilhar a cidade e fazer de Paris um lugar dos dois.

Na primeira ocasião, elegeram o *Musée du Louvre* para visitar durante o dia, muito embora ambos já houvessem estado ali mais de uma vez. Camille várias vezes. Na verdade, era preciso pelo menos uma meia dúzia de visitas para alguém começar — apenas começar — a dizer que o conhecia. Era o delírio de Camille. Visitaram cada sessão do *Louvre* em dias diferentes, e com intervalos entre os dias, para degustar e digerir bem o acervo. Diante de uma das principais coleções de arte do mundo o melhor a fazer era aproveitar. Depois saíam para jantar. Para ir ao teatro.

A *Tour Eiffel* era ótima, com seu incrível restaurante panorâmico, para ir depois de um espetáculo na *Comédie des Champs-Elysées* ou na

Ópera de Paris. Entretanto, havia muitas outras casas de primeira categoria que tocavam *jazz*, ópera e concertos eruditos, que eles foram visitando aos poucos. Ethan gostava muito de *jazz* e não perdia a ocasião de ouvir os maiores ícones do mundo, já que a história de amor entre Paris e *jazz* nunca terminava. A história de amor deles também ganhava novo colorido a cada viagem.

Noutra ocasião aproveitaram as visitas a igrejas. Queriam fazer sempre um itinerário cultural, e o primeiro lugar que visitaram foi a Catedral de *Notre-Dame*. Nenhuma outra edificação resume tão bem a história de Paris como *Notre-Dame*, construída no lugar de um templo romano. Ela assistiu a grandes eventos da história francesa: a coroação de Napoleão, em 1804, e o funeral de Charles de Gaulle, em 1970. Durante a Revolução Francesa o prédio foi profanado e rebatizado como Templo da Razão. A Rosácea Sul era uma das obras de arte da catedral que mais impressionava Ethan.

Tratava-se da janela na fachada sul, com impressionantes 13 metros de diâmetro, retratando Jesus Cristo. Camille gostava da *Galerie dês Chimères, onde* as célebres gárgulas escondiam-se atrás de uma ampla galeria entre as torres. A imagem de Nossa Senhora de Paris, a imagem da Virgem com o Menino, datava do século XIV. Ethan rezou ali na primeira vez em que estiveram juntos em *Notre-Dame*, mas Camille não.

A visita a Igrejas continuou com *Sainte-Chapelle* — "Portão para o Céu" —, o *Panthéon* — conhecido pela sepultura de personagens célebres como Voltaire, Rousseau e Victor Hugo —, e Chartres. Segundo especialistas em história da arte — conforme explicou Camille —, *Chartres* é a melhor expressão da Idade Média. Foi poupada pelas guerras religiosas e pela Revolução Francesa. O resultado é uma catedral gótica com a reputação de ser uma verdadeira Bíblia feita de pedra. Os vitrais são magníficos, famosos no mundo inteiro.

Mais de cento e cinquenta, mostram histórias bíblicas e o cotidiano do século XIII. Durante as guerras mundiais os vitrais foram desmontados peça por peça e guardados. Alguns foram restaurados e remontados na década de 1970, mas ainda resta trabalho a ser feito. A nave gótica, tão ampla quanto a cripta românica embaixo dela — a maior da França —, tem altura *record* de 37 metros. O labirinto, perto do pórtico real, está desenhado no chão da nave e os peregrinos costumam seguir a rota de joelhos, reproduzindo a *via-crucis*.

Uma vez Camille teve oportunidade de ver isso, quando em excursão com colegas da faculdade de *Beaux Arts* e ficou impressionada com aquilo, mas não no bom sentido. Ficava imaginando quem, em sã consciência, faria uma coisa daquelas. Será que Deus precisava de pessoas se arrastando de joelhos para Se agradar?

No dia em que visitaram *Chartres*, eles foram a um *cabaret* bem diferente à noite, o *La Java*, que

tinha toque latino. Camille, especialmente, curtia sons diferentes e sabia que Piaf já tinha se apresentado lá. Eles desfrutaram de ritmos cubanos e brasileiros, algo bem exótico, o que os estimulou bastante. Depois, no hotel, passaram bom tempo apreciando a companhia um do outro, entre afagos e beijos.

⁂

Naquela quinta-feira eles se hospedaram no Bristol em *Champs-Elysées*, onde sempre ficavam, e as compras valeram a pena. A primeira tarde foi gasta com os móveis. Encomendaram o berço ovalado com que Camille se encantou, branco e de linhas suaves, o guarda-roupa branco fazendo conjunto e uma espaçosa cadeira de balanço com todos os acessórios. Compraram também uma estante estreita, de torre, para colocar enfeites de bebê, prateleiras de caixinha e um conjunto de *abat-*

joures de girafa. Uma bancada branca com gavetas terminava o conjunto.

Depois disso Camille levou meio século escolhendo os tecidos e os bordados para fazer uma dúzia de lençóis. Ethan foi paciente e deu alguns palpites, elogiando o bom gosto da esposa. Depois que terminaram passaram no hotel para tomar banho e depois desceram para jantar na *Champs-Elysées*.

Camille estava muito alegre, falando pelos cotovelos, fazendo planos sem parar. Até interrompia o *garçon*, com medo de esquecer qualquer detalhe.

— Vou desenhar uma árvore frondosa enorme na parede principal, estilizada, infantil, com alguns passarinhos coloridos. Bem doce, simbolizando a vida. Já nas paredes em si penso num tom neutro e bem claro. Acho lindo! Combina com os móveis brancos e vai deixar todo o ambiente suave.

— Que tom está pensando? Um azul bem claro, ou amarelinho?

— *Pourquoi*? Está, por acaso, pensando em um menino? — ela brincou tocando no braço dele.

— Sei lá. Falei sem pensar — resmungou Ethan, sorrindo. — Não seria bom?

Camille atirou os braços ao redor de seu pescoço, no seu gesto costumeiro.

— Seria perfeito, *mon amour*... seria perfeito — ela respondeu. — Mas tudo bem se o quarto tiver que ser rosa ou com flores?

Ethan desta vez riu abertamente:

— *Bien sûr*! Como não? Perfeito, perfeito do mesmo jeito.

O dia seguinte foi dedicado às compras na parte da manhã, depois descansaram no hotel para poder aproveitar a noite parisiense assistindo a um bom espetáculo. Os franceses são convictos de que o modo de vida que adotam é o melhor e que seu país

é o mais civilizado do mundo. Em Paris, aja como os franceses e aproveite a cidade.

Naquela noite depois de irem ao teatro, jantaram num lugar descontraído e muito agradável chamado *Au Petit Colombier*, de excelente comida tradicional, perto do *Bristol*. Foi ali, em Paris, que fizeram amor pela primeira vez depois de constatada a gravidez. Camille precisou insistir um pouco, já que Ethan estava reticente, mas ele acabou cedendo. Eram muitos dias de abstinência, Camille não aguentava mais e Ethan, diga-se de passagem, também não. No belíssimo quarto decorado com antiguidades, ao sair do banheiro imenso, ainda vestido com *jeans*, camiseta azul clara e um blazer *Crawford* italiano, Ethan viu sua linda esposa completamente nua, esperando por ele na cama, imóvel como uma estátua de Vênus, a pele branca como leite e os cabelos ruivos caindo pelos ombros e seios. Foi só aí que ele percebeu o quanto queria tomá-la nos braços e amá-la.

***

Depois que voltaram de seus dias de compras e felicidade completa, retomaram o ritmo de suas atividades.

Duas semanas depois Pietro estava disponível e Camille marcou de encontrá-lo às três da tarde, depois da ginástica. Queria uma opinião realmente sincera, e não achava que Alannah fosse a pessoa certa, nem Madeleine. Alannah não era do tipo que entendia muito do assunto, e Madeleine ficaria com inveja. Eram amigas, mas mulheres são dadas a invejas umas das outras, esse era um fato.

Nesse caso, portanto, PI era a companhia ideal, alguém que lhe daria opiniões sinceras.

Eles resolveram ir de metrô, assim ninguém precisava dirigir. Mesmo porque, Camille não podia usar a *Dame* e o *pegeout* de Pietro estava no mecânico.

— Aonde vamos? — indagou Pietro assim que se sentaram no metrô.

— Oh, estou realmente precisando de *lingerie*.

— *Lingerie*? — espantou-se o outro. — E precisa de mim para comprar *lingerie*? Aliás, por que precisa de *lingerie*? Você não tem isso de sobra?

— Ah, eu tenho. Mas trata-se de outra coisa.

— Mmmm... já sei. Decidiu apimentar sua vida sexual, como eu sugeri. Que tal a gente ir a uma aula do sexo tântrico? Na verdade, *lingerie* é o de menos quando se trata disso, eu sei que você pode se tornar uma deusa do sexo, apenas...

— Shhh! Como você tagarela. Não é nada disso. — Camille interrompeu.

— O que é então?

Camille suspirou.

— Eu e Ethan estamos com algumas dificuldades.

Pietro ficou calado a princípio, depois foi perspicaz como sempre.

— Claro. O pobre homem tem medo de mandar ver e algo acontecer.

— Trocando em miúdos, é isso mesmo. Minha médica disse que não há nenhum problema. Entretanto, sabe como é... depois de toda a dificuldade para engravidar...

Pietro começou a rir.

— Pobre Ethan, não sabe o que o aguarda.

— Não sabe mesmo. Por isso preciso de sua ajuda. Na verdade queria uma *lingerie* pra fazer minha coreografia nova para o Ethan. Sempre que dancei para ele coloquei minhas roupas árabes. Desta vez queria fazer algo diferente! Tenho que aproveitar agora, antes de ficar gorda. Ethan quer muito o nosso filho, mas não sei o que ele pensa sobre grávidas gordas. E nem vou perguntar.

— Ai, que coisa mais *super* essa de dançar para o marido. Eu acho que vou adotar esse costume e dançar pro meu também. Quando tiver um!

— Você acha mesmo? — ela olhou bem pra ver se ele não estava fazendo pilhéria.

— É claro que é! Que insegurança é essa agora?

— Então é isso, danço de *lingerie*.

— Então vamos, vamos logo comprar *lingerie*. Vamos para uma *sex shop* que eu conheço e que...

— *Non* — afirmou ela, categórica. — Nada de *sex shop*. A *lingerie* tem que combinar com a gravidez, *n'est-ce pas*? Não pode ser nada vulgar, com ares de *putain*.

— *Oh lala*! Agora você me convenceu. Tem razão.

— Que tal *Victoria's Secret*? Sabia que eu vi no último desfile delas umas calcinhas tipo menina moça na parte da frente, com motivos mais descolados, e que eram fio dental atrás, até com pedrinhas de *strass*? Uma graça.

— Humm... você pode usar cinta-liga.

— Acho batido. Voltando à calcinha, eu poderia usá-la com alguma coisa fazendo conjunto...

— Mas tem que aparecer esse começo de barriguinha.

— Alguma coisa bem romântica.

— Mas tem que ter contraste com a sua dança super-sensual. Que nem as garotas da *Playboy*: usam rosa o tempo todo, com jeitinho de menininha, e saem nuas na revista, dividem o mesmo Hugh Hefner, essas coisas. Em suma: bem *caliente*.

— PI — ela pos as mãos nos ombros dele, com ar de muita seriedade. — Você traduziu meus pensamentos. *C'est ça*!

Os dois caíram na gargalhada.

— Pobre Ethan. Eu não queria dar uma de abstêmio com uma mulher *má* ao meu lado, querendo me seduzir.

Camille olhou fundo nos olhos dele.

— Não me vá virar hetero, porque aí nossa amizade acabou.

Ele beijou os dedos em cruz.

— Tanta dificuldade para me assumir de vez, e vou voltar atrás? Fique fria.

— Podia ser um *baby doll* bem curtinho. Algo charmoso e doce, decotado.

— Vamos olhar. Serei totalmente imparcial na minha avaliação.

— Foi para isso que você veio, *mon cher*. Conto com sua apreciação sincera. Vamos a uma loja da *Victoria's*? Quero achar a calcinha fio dental — Camille estava animada. — Umas três ou quatro.

— Tem que ter bunda pra usar isso — alertou Pietro.

— E quem disse que eu não tenho? *Ma fesse* é ótima, ouviu? Os cirurgiões plásticos deviam se inspirar em minha *fesse*.

— Hum.

Passaram o resto da tarde escolhendo a *lingerie* perfeita, entre risos e piadas picantes de Pietro. Ela experimentou várias peças lindas, e no fim se encantou por uma *slip de femme* vermelha em

estilo *shortinho*, cheia de babadinhos, que fazia conjunto com um *soutien push up*. Um arraso. Levou também duas calcinhas fio dental, para se decidir depois qual ficaria melhor na dança. Uma delas tinha um coraçãozinho de cristal na parte de trás, na altura do cóccix, e estampa floral sobre fundo rosa na frente.

— Menina-moça de frente e mulherão por trás — aprovou Pietro. — Pobre Ethan — ele continuava com seu mantra.

A outra calcinha era azul turquesa e tinha desenhos de sol, nuvens e passarinhos na frente, com o fio em seda preta atrás.

Para fazer conjunto com as calcinhas Camille comprou um sonho de *baby doll*, de seda rosa com alças trançadas nas costas, renda marfim e caimento soltinho.

Ela gastou uma nota, mas saiu satisfeitíssima. Aquele cartão de crédito sem limite que Ethan lhe

confiara era o máximo. E ela nem precisava dar satisfação no que estava gastando!

— Pobre Ethan — comentou Pietro, pela última vez. — Eu é que não queria estar na pele dele vendo você usar isso. Ou melhor, acho que queria.

— *Quoi*?

— Não é isso. Eu apenas queria me amarrar em alguém que me ame muito.

***

No início de junho Ethan viajaria de novo para verificar o andamento da abertura de uma nova filial na Bélgica. Ficaria fora dois dias. Camille não gostou de duas viagens assim, tão uma em cima uma da outra. Não era comum esse tipo de coisa. Mas se entreteve com a faculdade, foi para a dança à noite e tudo ficou em paz.

Chegando em casa ligou para Alannah e ficaram quase quarenta minutos entretidas numa conversa sobre gravidez, bebês e planos infindáveis. Depois

Camille tomou um banho de banheira sem pressa; acendeu velas aromáticas, colocou duas bolotas enormes de sais de banho *marine* da *Lush* na água, desligou a maior parte das luzes do banheiro e deixou-se ficar ali, afundada, sem pensar em nada. Ficou lá durante quase uma hora e depois se encheu de hidratantes.

A hidro era enorme, e ela se lembrou de quantos banhos quentes e deliciosos ela e Ethan tinham tomado ali, juntos.

Era a primeira noite sozinha novamente. Resolveu assistir TV no *home theater*, para não ficar se lembrando do calor do corpo do marido quando eles ficavam juntos vendo TV na cama.

Bem mais tarde que de costume ela entrou na cozinha cantarolando e esquentou a janta; levou seu prato de comida para frente da enorme tela, ajeitando-se no sofá. Trouxe chá gelado para acompanhar a janta e bebeu alguns goles enquanto ajustava o *blu ray* que tinha retirado da locadora.

Adorava comédias românticas e queria assistir uma, bem suave, daquelas que fazem a gente sair um pouco do dia a dia e entrar num mundinho de sonhos.

Apenas com um *abat-jour* aceso ela foi comendo devagar, saboreando filé de frango com batatas *sauté e* salada.

Ethan ligou no meio da janta e ela atendeu rápido o telefone, morrendo de vontade de falar com ele.

— Oi! — fez ela, antes que ele dissesse qualquer coisa. — Já estou com saudade!

— Eu também! Que você está fazendo agora?

— Assistindo um filme pornô daqueles bem *impudiques*...!

Ethan riu.

— Vamos pôr em prática assim que isso for possível.

“For possível”! refletiu Camille, divertida.

Lembrou-se da *lingerie* recém-adquirida e não disse nada. Continuaram a conversar, procurando saber um do outro. Depois Ethan saiu para o jantar com os demais empresários da filial, e Camille foi pegar um pedaço do bolo que tinha comprado num acesso de inconsequência. Chocolate ao rum com macadâmias e muito creme. Os gatos apareceram e desapareceram, zanzando entre o interior da casa e os arredores. Para variar, Morango foi o companheirinho da noite, ficando enrolado ao lado dela no sofá.

Terminado o filme Camille foi-se deitar.

***

Bum!

Ela despertou num sobressalto. Alguém se sentara abruptamente na cama, de tal modo que ela sentiu até um solavanco. Abriu os olhos de imediato, passou as mãos ao lado dela, onde tinha sentido o movimento.

Nada.

Instintivamente olhou o rádio relógio: 3:00 horas da manhã!

Sentou-se na cama, deixando o edredom escorregar até o colo e ficou em silêncio, respirando apressada, o coração batendo forte. Tentava apurar os olhos na penumbra, ver *o quê* tinha causado aquilo. Estava claro que alguma coisa tinha sentado na cama, tinha praticamente se *jogado* na cama. Dessa vez ela tinha muita certeza de que não era sonho, ela estava desperta e o que a tinha acordado era algo real. Será que não tinha fechado direito a porta da cozinha e um dos gatos pulara na cama?

Não havia gatos no quarto. E, mesmo porque, nenhum deles era tão pesado assim.

Com mãos trêmulas e apressadas, ligou o *abat-jour*. Olhou em derredor. Saiu da cama e acendeu também a luz do quarto e do banheiro. Saiu andando pela casa, olhando assustada todos os cantos, e foi ligando as luzes da casa por onde

passava. Foi até a porta da frente. Estava fechada a chave, e ela passou a tranca também. Eles nunca trancavam a porta com a tranca. Foi até a porta da cozinha e fez o mesmo. Também trancou a porta envidraçada da pequena sala que dava para o quintal dos fundos, a qual geralmente ficava somente encostada. Acendeu as luzes do quintal e da piscina, ficou um tempo olhando, perscrutando o jardim, observando a movimentação das folhas nas árvores, mas logo se convenceu de que era apenas o vento. Em seguida foi para a sala de estar e abriu um pedacinho da cortina, ficou olhando para a rua.

Nada.

Nada em lugar algum.

Mesmo assim estava com muito medo. Pensou em chamar a segurança, mas o que iria dizer? O máximo que fariam seria revistar a casa e chegar à conclusão de que a moradora tinha comido bolo demais à noite.

Ela duvidava, agora, passados mais de quinze minutos, que houvesse mesmo acontecido.

"*Mon Dieu*... será que a gravidez me causaria somente pesadelos horríveis, nenhum sonho bom, em que estou voando pelo céu como um pássaro? Será que esses sonhos têm que ser *sempre* ruins? E por que sempre acordo às três da manhã? Será somente meu ritmo biológico de sono profundo? Será que eu atinjo o sono profundo somente neste horário?".

Terminou na cozinha, ainda sobressaltada com a lembrança nítida do solavanco que sentira na cama. Tão real... como se uma pessoa pesada se sentasse ali, ao lado dela. E aquela sensação de perceber uma respiração pesada, profunda. Não parecia a respiração de uma pessoa. Antes de um animal forte e assustador. Tinha sido tão real!

"Preciso ligar amanhã cedo para a doutora Ross e falar sobre isso. Será que a gravidez pode

predispor a delírios, ou sintomas psiquiátricos?", ela até balançou a cabeça com a possibilidade.

Sentiu uma terrível falta de Ethan, uma falta que quase doía.

Pegou leite na geladeira e serviu-o em uma caneca. Sentou na bancada e começou a bebê-lo, ainda atenta a qualquer ruído pela casa. Mas notou que os gatos estavam completamente quietos, deitados todos juntos, enrolados no almofadão da *Pet World*.

Se houvesse alguém na casa eles teriam sido os primeiros a notar, e se assustar.

Ligou o aparelho de som e começou a escutar música baixinha enquanto tomava o leite bem devagar. Pensou em ligar para *madame* Verdoux e pedir-lhe que viesse dormir no quarto de hóspedes, mas acabou achando que não era justo.

Começou a chorar, sem saber que outra reação poderia ter. Durante alguns minutos ficou ali, a cabeça entre as mãos, limpando as lágrimas que

pingavam na bancada. Depois, aos poucos, foi-se acalmando. Subiu as escadas e voltou para o quarto, levando consigo Morango e Maxi. Deixou a porta da cozinha aberta sabendo que logo Penélope e Jojoba iriam também parar no quarto dela, já que não tinha nenhuma saída para o quintal ou para a rua.

Camille deitou-se sobre seu lado esquerdo e ficou acariciando Morango, que estava bem perto dela, encostado em sua barriga como tantas vezes. Os outros três se espalharam pela cama, mas Camille ficou com os olhos e os ouvidos abertos durante mais uma meia hora.

Tinha deixado a luz do banheiro acesa, de forma que o quarto ficava suavemente iluminado.

Quando Ethan viajava, Camille dormia abraçada com o travesseiro dele, às vezes. Naquela madrugada adormeceu mais agarrada a ele do que nunca. E os gatinhos fizeram companhia até o amanhecer.

***

Depois que Ethan voltou de viagem, Camille comentou com ele sobre a estranheza daqueles episódios, e ele concordou que deveria ser alguma coisa relacionada à gravidez. Entretanto, não julgava importante o suficiente para adiantar a consulta do pré-natal, e apenas tranquilizou Camille.

— Será que estou tendo delírios, algo do gênero? — ganiu Camille, amedrontada.

Ethan tomou suas mãos e riu.

— Eu acho que não, *amore mio*! Deve haver alguma outra explicação. Mulheres grávidas são cheias de coisa. Quando eu tornar a viajar, semana que vem, vamos pedir para alguém vir aqui dormir com você, que tal? Fico fora quatro dias.

— Ah, Ethan! Por que você está tendo que viajar tanto logo agora? — ela reclamou realmente sentida.

— Oh, *pupa*, não estamos tendo escapatória. Muita coisa acontecendo em pouco tempo.

— *Merde*... — ela resmungou baixinho.

— Quando eu voltar tirarei dois ou três dias de folga e podemos voltar a Paris, o que você acha?

— Está bem — respondeu Camille um pouco amuada.

— Mas tenho boas notícias: falei com a pessoa que vai reformar o banheiro da outra suíte. Não decidimos que aquele vai ser o quarto do bebê? Vamos poder escolher os azulejos logo que eu voltar.

Ele ficou olhando para o rosto dela atentamente.

— Está bem. Vai ser divertido! — ela abriu um sorriso.

— *Bien sûr*!

— Quanto à companhia para você, quem sabe Alannah não se importa...

— Poderíamos fazer a noite das grávidas. Quem sabe fazermos algum artesanato para o quarto dos

bebês!

— Seria fantástico. Se ela não puder, ou não estiver disposta — temos que levar em conta que ela também está grávida —, sua *Grand-Mére* com certeza vai adorar vir.

— Uma noite com *Grand-Mére* significaria assar um bom bolo de maçã pra tomar com *thé* de jasmim. Também seria divertido. *Oui,* está decidido. Quando você viaja? Pietro também poderia vir. Na noite dele certamente íamos pedir pizza e tomar vinho, mas acho que ele respeitaria meu estado e beberia refrigerante. Ah, *Mince*, eu podia pedir para os três virem, um em cada noite. Na quarta noite não precisa. *Você* vai chegar!

— *D'accord*. Mas só chego às dez da manhã; tem certeza de que ficará bem sozinha?

Camille deu um muxoxo, apertando a mão dele.

— *Oui* — ela balançou a cabeça.

***

Durante a viagem de Ethan, para não sobrecarregar ninguém, Camille realmente convidou Alannah, *madame* Lyla e Pietro para lhe fazerem companhia; um em cada noite. Foi muito divertido. No primeiro dia, ela e Alannah começaram a fazer uma cúpula de *abat-jour* especial para enfeitarem os quartos dos bebês. Puseram música no aparelho de som do *atelier* e, enquanto trabalhavam, cantaram e até ensaiaram passinhos de dança durante o mexe-mexe com tintas, cola, tecidos, miçangas e outras coisinhas.

A cúpula de Alannah era bem feminina, infantil, rosa e amarela para combinar com o quarto; a de Camille foi revestida perfeitamente com tecido levemente acetinado, em tom creme. Depois ela arrematou a borda da cúpula com outro tipo de tecido, mais trabalhado, e foi pendurando miçangas pretas no formato de amêndoas, com fio de *nylon* invisível, na borda da cúpula. Fez um trabalho milimetricamente perfeito e conseguiu um

resultado lindo. O tom creme do tecido que revestia a cúpula junto com o detalhe das enormes miçangas pretas ficaram bem elegantes. Combinavam muito bem com as arandelas de girafinha que ela já tinha adquirido.

A segunda noite foi igualmente agradável, embora totalmente diferente. *Madame* Lyla sempre gostou de ficar com a neta predileta e veio já predisposta a ir para a cozinha fazer quitutes e contar histórias de sua juventude, do *Grand-Pére*, da família, do *Moulin Rouge*. O bolo de maçã ficou pronto e enquanto esperavam esfriar, Camille e a *Grand-Mére* tomaram sorvete de caramelo com banana quente. O tempo passou sem que elas se dessem conta; depois Camille se aninhou no sofá com a *Grand-Mére* para escutar suas histórias.

Pietro veio na última noite. Pediram pizza e relembraram o tempo da faculdade de *Beaux Arts*, os amigos, as viagens, as festas, as bebedeiras em *night clubs*, as idas à *Maison de la Dance*, onde se

tocava com orquestra. Foi lá que Ethan uma vez levou um tombo e quebrou o punho esquerdo. Falaram na viagem a Milão, para assistir aos desfiles da Semana de Moda, junto com outros colegas, e das noites de *Fourvière* e de seus fabulosos concertos ao ar livre. Foi muito gostoso, e nostálgico também, relembrar episódios engraçados que tinham vivido em comum, ou em separado. Pietro era engraçado, cheio de sagacidade, irreverente e *très indiscret*, o que dava às suas histórias sempre um quê picante, mordaz. Camille se rolava de rir com o amigo e seu jeito afetado, sua língua viperina e sua maneira particular de ver o mundo. Pietro tinha bom coração (apesar de querer fazer parecer o contrário).

Terminaram falando dos chás na *Maison Perroudon*, onde o público era predominantemente de mulheres e não se toleravam fumantes. Um lugar bem-comportado. Pietro acompanhava as

amigas da faculdade nas *light salads* e depois se deliciava, sem culpa, com o sorvete de chocolate branco, cobertura de amêndoas carameladas e ultra-*crispy biscuits* de gigantescas proporções só para provocá-las.

Camille já bocejava de sono, mas ainda tinha vontade de rir, então acabaram deitando bem tarde.

No dia seguinte ela estava satisfeita por não ter tido mais nenhum sonho (ou delírio?), naqueles dias. E o melhor é que estreitou ainda mais os laços com Alannah e Pietro, além de passar um período sozinha com a *Grand-Mére*. Por isso achou que realmente não era necessário buscar companhia na última noite. Estava tudo bem e Ethan deveria chegar às dez da manhã.

Sossegada, preparou-se então, munida de sorvete, chocolate e comédias românticas para esperar pelo marido acordada. Passaria a noite em claro, resolveu. Antes de pôr o primeiro filme, assistiu a programas de gravidez; coisa que ela

sempre tinha evitado, mas que agora era fã. E chorava quase sempre, na hora do parto.

Morango apareceu e se aboletou no colo dela. Os outros gatos vieram mais tarde. Camille ficou enrolada numa mantinha leve, cor-de-rosa, que tinha o tamanho perfeito para ver TV na "poltrona do papai". Ficou lambiscando o tempo todo durante o primeiro filme. Depois, de tão cheia, resolveu fazer um chá e tomá-lo puro. Foi para a cozinha e quando voltou para o *home theater* acendeu um *abat-jour* para evitar derramar alguma coisa.

Já estava tarde. Bocejando um pouco, Camille insistiu em não ir para a cama e pôs-se a assistir mais um filme: "*The Devil wears Prada*", com Meryl Streep, que estava ótima no papel. Camille riu bastante, o filme era excelente; mesmo assim não resistiu ao sono e, mesmo sem perceber, no momento em que finalmente Anne Hathaway está

em Paris, acabou sucumbindo a um sono incontrolável. Eram duas e meia da madrugada.

Quando eram três da manhã o relógio de carrilhão badalou e Camille acordou, aparentemente sem motivo. A TV estava com a tela indicativa do *menu*, tocando música baixinho. O filme tinha acabado. Era a única luz da sala porque o *abat-jour* estava desligado, entretanto ela não se lembrava de tê-lo feito. Levou um momento para se situar. Olhou para o lado e a xícara de chá estava vazia. Na mesinha estava o resto do sorvete, derretido, e pratos com o restante de seus quitutes.

Tinha uma garrafa d'água também e ela pegou e tomou de uma vez. Os gatos, estranhamente, não estavam mais lá. Por que seria? A casa já estava trancada e eles nunca teriam saído do aconchego do sofá, das almofadas, do colo e da presença de sua dona para ir dormir em outro lugar.

Foi nesse momento que ela viu (ou pensou ver) o vulto de um homem muito alto passando pela

porta da cozinha. De onde estava, na poltrona do papai, pela porta aberta do *home theater* ela tinha visão clara da cozinha. Sentiu a nuca arrepiando de medo.

"Não é possível."

Era *muito* alto mesmo, uns dois metros e meio, forte, escuro como uma sombra. Foi possível vislumbrá-lo porque entrava luz da lua pelas janelas da cozinha, a noite estava clara. A visão fez com que ela sentisse o coração martelar nas têmporas imediatamente, e foi invadida por uma sensação ruim, muito ruim. O vulto virou a cabeça por um instante muito fugaz e ela pôde ver os olhos do estranho, vermelho-alaranjados, alongados como os de um felino, muito brilhantes.

Camille não conseguiu olhar mais, fechou os olhos, sacudiu a cabeça. Sabia que não existia ninguém com aquela aparência. Ao abrir os olhos não viu mais ninguém; mas ela sabia que não tinha sido um sonho! Estava perfeitamente acordada.

Novamente a saga de percorrer a casa, acender as luzes. Estava tão aflita que lágrimas inoportunas escorriam.

Achou os gatos no andar de cima, na cama do casal. Pôs outro DVD na televisão do quarto, com medo de ficar no andar de baixo e trancou a porta do quarto à chave. Intimamente, porém, achava que a porta trancada não seria empecilho para o que tinha acabado de ver. Não conseguia assistir ao filme. Não tinha paz. Aquela sensação de estar sendo observada continuava, mas não fazia o menor sentido.

"Quando Ethan chegar, vou pedir a ele que me leve a um psiquiatra. Estou tendo alucinações!"

Ela não dormiu; e quando o marido chegou Camille estava cansada e apavorada. Ainda assim, depois de ouvir o relato dela, Ethan relutava em apelar para a psiquiatria.

— *Amore mio*, devem ser os hormônios.

— Mas então por que não tive nada enquanto as pessoas estavam aqui em casa comigo? Por que essas coisas acontecem sempre quando estou sozinha? Ou o fato de estar sozinha propicia esses delírios... ou então tem mesmo *alguma coisa* que entra aqui.

— Camille, *quem* poderia entrar aqui?

— Não sei. Só sei que alguma coisa está acontecendo. Não sei quem vai explicar isso, mas a verdade é que alguma coisa está acontecendo.

Ethan tentou acalmá-la.

— Vamos pedir a opinião da doutora Ross hoje mesmo. Vamos ligar, e você conversa com ela. O que ela orientar, nós faremos, está bem?

Porém, ele realmente não achava que houvesse qualquer motivo real para isso. Eram apenas pesadelos, e iam passar.

7

Angoisse

— *Mas, escute, mudando um* pouco de assunto... que devo dizer a meu *Nonno* sobre aquele assunto? Ele está me cobrando.

Camille, Ethan e *signore* Arthuro tinham jantado juntos logo depois da comemoração da gravidez, a pedido do ancião, que não aceitou postergações. *Signore* Arthuro era bom conhecedor da melhor gastronomia de Lyon. Eles foram ao *Restaurant des Deux Places*, um dos preferidos dele, perto do *Musée des Beaux Arts* de Lyon, na *Place Fernad Rey*.

Com seu ambiente acolhedor, muitas antiguidades e *menu* escrito a mão, a casa ficava no meio de árvores. Era pequeno e idílico, com comida excelente.

Signore Arthuro comentou logo a que vinha.

"Quero oferecer a vocês um presente especial pela gravidez. Vamos pensar um pouco no futuro do *bambino.*"

"*Bambino*?!", exclamaram Ethan e Camille em coro.

"Gosto de imaginar que seja um garoto, mas será bem-vinda se for uma *pupa*. Mas a questão é realmente financeira. Gostaria de propor um pé-de-meia para o bebê, desde já. Sei que vocês têm seus planos individuais e o dinheiro guardado já tem destino certo."

Signore Arthuro sabia que o casal pretendia investir na loja de Camille. Desejavam inaugurá-la depois da formatura.

“Não poderei inaugurar a loja agora, este ano, *signore* Arthuro. Vou ser mamãe e minha prioridade será o bebê. Esses planos ficam um pouco em suspenso. Não vou deixar de trabalhar, mas não poderei arcar com a responsabilidade de uma *griffe* recém-criada e que precisa de toda a atenção.”

“Não quero que vocês mexam no dinheiro da loja”, disse logo de cara o ancião. “Foi fruto da *vernissage*, e eu que investi nessa artista aqui.”

“O que sobrou dele... depois daquela compra sem pé nem cabeça da *Dame.*”

Signore Arthuro e Camille o ignoraram. Ele continuou:

“Sei também que o que meu neto tem guardado não é muito. Vocês têm optado por caminhar pelas próprias pernas, aceitando muito pouco a minha ajuda. Por isso, no que me diz respeito a meu bisneto, não vou tolerar recusas. Quero abrir uma aplicação para ele começando com uma quantia

módica, pois sei que Ethan já está com formigas dentro das calças e louco para falar que '*no, no, no*, como fica a minha honra?'. Não é mesmo?" — o *Nonno* sorriu para o neto.

"Bom, *Nonno*, o *signore* me conhece. Não há necessidade disso agora. Tenho dinheiro para dar a Camille e ao bebê tudo o que eles precisam. Quando o bebê for para a faculdade o senhor pode ajud...".

"Faculdade! Pois era só o que me faltava!", *signore* Arthuro até ergueu os braços no ar. — "Como se eu fosse esperar até *questo bambino* ter 18 anos pra dar algo de valor a ele. Ah, ah, ah! Você é muito engraçado, Ethan. Eu nem sei se estou vivo quando ele chegar à faculdade".

"Mas que conversa!", retrucou Camille. "Estou aqui esperando uma vida nascer e o *signore* vem me falar em funeral, *sil vous plaît.*"

"Não vou aceitar recusas. Vocês já recusaram quando eu quis dar a vocês a casa de presente de

casamento. Ethan insistiu em fazer aquele empréstimo idiota, só para ter dívidas a saldar durante uma década. Dessa vez, não, vocês *não vão* me impedir."

"*Signore* Arthuro, pelo menos espere até que Ethan e eu conversemos melhor sobre o assunto. O *signore* pode esperar?"

"Mas esperar *perché*?"

Ethan foi mais prático:

"Que soma o senhor tem em mente? O que é uma quantia módica."

"*Módica*, mesmo! Uns vinte mil, trinta mil dólares, pra começar. Depois vou pondo um pouco mais de tempos em tempos. Ou podemos investir num imóvel. Podemos comprar um imóvel no nome dele! O que vocês acham?"

Ethan até sentiu a nuca arrepiar.

"Mas, *Nonno*, não me sinto à vontade para aceitar iss.."

“Ethan, esse dinheiro não vai me deixar mais pobre. *Sono qui già*, e eu não vou estar aqui pra sempre. Pra que esperar pelo meu inventário para receber parte da herança? Eu sei como isso pode ser muuuito complicado. Por que eu não posso dar parte do que tenho, em vida, pelo puro prazer de dar? Não seria bem pior se eu fosse um velho egoísta, mesquinho e avarento?”, *signore* Arthuro fez cara marota.

Camille segurou a mão de Ethan, que insistia em falar novamente. Ela tomou a palavra antes dele.

“*D’accord*, *Nonno*. Ethan e eu vamos conversar a respeito e, em poucos dias, damos uma resposta ao *signore*. Pode ser assim?”

O velho senhor afagou os cabelos ruivos da moça, olhando-a nos olhos.

“Poder, não podia, minha querida, mas com você me pedindo assim, com jeitinho... *va benne*! Eu espero uns dias. Mas saibam que não vão me demover. O que eu posso pensar em aceitar é uma

contraproposta, e não a recusa. Tudo bem assim pra vocês também?"

"OK, *Nonno*, OK. Vamos estudar uma *contraproposta.*"

"Só não me proponha uma *sciocchezza*, só para constar, porque também não vai me convencer. Não se esqueça de que sou um empresário e não faço investimentos idiotas. Perdoe o palavreado, Camille."

"Claro, *Nonno*!", respondeu ela, rindo do jeito dele.

O resto da noite foi muito agradável, e não tocaram mais no assunto pé-de-meia. Camille adorava as sobremesas daquele lugar e deu-se por achada. Grávida, ela tinha licença poética para se encher de algo doce. Já que tinha evitado o delicioso vinho, podia compensar com carolinas cheias de creme, sorvete e um pingo de licor.

Ninguém a recriminou.

***

Ethan e Camille já tinham discutido um pouco sobre se seria certo ou não aceitar a ajuda de *signore* Arthuro. Era claro que ele não ia ficar mais pobre, mas era uma questão de princípios. Afinal eles tinham condição de ganhar seu próprio dinheiro. Ethan, particularmente, gostava de saber que cuidava de sua casa e sua família por suas próprias mãos. Era orgulhoso neste aspecto. Aceitara a entrada do *Nonno* na bela casa em que moravam porque realmente ele não tinha o montante necessário. Mas secretamente planejava ressarcir o *Nonno* de seu investimento, assim que fosse possível.

Eles tinham adquirido o imóvel dos sonhos, no condomínio dos sonhos, por ocasião do casamento, seis anos antes, quando Camille estava com 20 anos recém-completados e ele, 27. *Signore* Arthuro deu a entrada generosa de 20% como presente para a

data. Ethan não estava propenso a aceitar mais do que isso, fez um empréstimo para aumentar a entrada e financiou o restante. Não queria a casa de "mão beijada". O casal também recusou os arroubos financeiros por parte do *Nonno* na intenção de mobiliar a residência; eles queriam montar a casa devagar, de acordo com seus próprios recursos e gosto. Camille estava louca para procurar algumas peças especiais; isso significava tempo e disposição. Não queria simplesmente entrar numa loja de departamentos e comprar tudo. Iria ficar faltando personalidade, e isso, no entender dela, era algo inconcebível. Tudo igual a todo mundo.

"Uma casa precisa de personalidade. Pressa é a inimiga da personalidade", discursava Camille com veemência.

Ethan também estava de acordo.

Assim ficou estabelecido; Camille e Ethan casaram-se tendo um belo chalé próprio mobiliado

apenas com o básico. Isso significava uma cozinha completa, *closets* completos, um enorme sofá em "L" na sala de estar, uma mesa de jantar descartável e colchão de casal no chão da suíte principal. Camille queria encontrar a cama perfeita, mas isso não foi possível antes do enlace, já que realmente nenhuma parecia servir. Assim, o início do casamento foi marcado por ausência de móveis, mas repleto de felicidade e *lingeries* espalhadas pelo chão.

Aos poucos eles descobriam seus tesouros para preencher o *nid d'amour*. Ethan era fascinado por antiguidades e a primeira aquisição foi fruto de uma peregrinação ao "*Le Louvre des Antiquaries*", um prédio com cerca de 250 antiquários, em Paris. Conseguiram encontrar a mesa de jantar dos sonhos, substituindo a outra. Era uma mesa inglesa do século XVII, quadrada, feita de um único bloco de carvalho, por certo uma árvore com cerca de quatrocentos anos. Trouxeram também um tapete

persa para a sala de visitas. Era da época de Ciro, imperador Medo-Persa. Enorme e maravilhoso, com franjas douradas e desenhos em azul, vermelho, marrom e dourado que remetiam às conquistas e batalhas do imperador. Combinava perfeitamente com o sofá em "L" de tom nude que eles já tinham. Camille escolheu as cores das salas, optando por uma cor forte na parede principal, e os enfeites vieram aos poucos.

Já o quarto do casal foi decorado com o máximo de bom gosto. A suíte era branca e turquesa. A cama foi finalmente escolhida, com uma belíssima cabeceira alta trabalhada em ferro, com arabescos intrincados de flores, folhas e pequenos anjos entrelaçados. Naturalmente que estreá-la foi uma ocasião muito íntima e especial, com direito a flores, música romântica e petiscos finos regados a *Cheval Blanc,* tão requintado, recordista de safras campeãs e que se tornou tão famoso a ponto de o crítico gastronômico Ego, da película infantil

Ratatouille, querer *Cheval Blanc 47* — que o restaurante não tinha.

— Ethan, afinal não há mal em aceitar um presente numa data especial — concluiu Camille. — E cada um presenteia de acordo com suas posses. Trinta mil dólares é dinheiro de comida para cachorro, em se tratando de *signore* Arthuro. Ele falou em um imóvel. De que tipo ele estaria falando?

— Do jeito como é exagerado, no mínimo uma casa como esta — Ethan riu abertamente.

— Isso realmente seria um exagero — concordou ela. — Você prefere, então, uma aplicação em dinheiro?

— Nesse caso acredito que meu *Nonno* vai investir no mercado de ações. Ele sabe jogar com elas e sempre se dá bem. Vai querer que eu movimente segundo as instruções dele — Ethan riu de novo. — Se ele mesmo movimentasse seria o sonho dos sonhos para ele.

— Você sabe que vamos ter que aceitar o presente dele.

— Eu sei. Será que deixo ele mesmo cuidar?

— *Mais non*! Aí nem vai parecer que é nosso, que é do nosso bebê. Você mesmo deve cuidar, mas peça instruções para ele em caso de dúvida. Não vá perder dinheiro à toa, *n'est-ce pas*?

— Então está decidido? Digo a ele que aceitamos os trinta mil dólares como capital inicial para um bom investimento financeiro. Nada de imóveis.

— *Trés bien*. O *Nonno* é muito generoso. Depois vou ligar para agradecer.

— Tudo bem, está feito. Aplicaremos o dinheiro em ações. Até o fim da semana nosso bebê já tem o seu pé-de-meia. — Ethan estava contente. Camille também.

— Vou almoçar com ele hoje, fora da *Logos*, só nós dois. Não quero discutir isso em ambiente de trabalho. É o mais ético.

No meio da tarde, quando Camille estava no *atelier* finalizando seu trabalho, Ethan telefonou.

— O *Nonno* concordou! Está tudo certo. Ele vai transferir o dinheiro para a minha conta, e já sugeriu algumas aplicações. Vou seguir o conselho dele.

Camille sorriu feliz.

***

A doutora Ross ouviu a queixa de Camille com muita atenção e sem menosprezar nada.

Ela sabia que, por mais contraditório que possa parecer, muitas pacientes apresentam tristeza ou ansiedade em vez de alegria nessas fases de suas vidas. Os limites entre saúde e doença podem ser estreitos, o que causa dúvidas em obstetras, clínicos ou psiquiatras. Muitas pacientes também se sentem culpadas, e recusam-se a aceitar uma doença nessa fase da vida.

— Mas eu não me sinto triste — retorquiu Camille quando interpelada a respeito. — Estou assustada. Apenas... são esses pesadelos, que não parecem pesadelos, parecem... isto é... parecem reais. *Je ne sais pas*! Estarei tendo alucinações, delírios?

— Não vejo necessidade de usar em você nenhum medicamento, ainda, como medida de tratamento. Vamos observar e ver como isso se comporta. Se for necessário encaminho você para o psiquiatra de nossa clínica. A gestação e o puerpério são períodos da vida da mulher que precisam ser avaliados com especial atenção, pois envolvem inúmeras alterações físicas, hormonais, psíquicas e de inserção social, que podem refletir diretamente na saúde mental das pacientes. O fato de você apresentar ansiedade na gestação, ou depressão, pode estar associado a sintomas depressivos depois, no puerpério.

— Depressão? Mas vou ter que tomar algum antipsicótico? — grunhiu Camille petrificada.

— *Non, ma chérie*. Estou apenas dizendo que por ora vamos observar; se continuar tendo os pesadelos talvez apenas um ansiolítico seja o suficiente. Para evitarmos algo mais sério depois, como uma depressão pós-parto. Um transtorno psiquiátrico agora funciona como diagnóstico de exclusão.

— Diagnóstico de exclusão?

— *Oui*. Quer dizer, quando o quadro não admite outro diagnóstico, acabamos por dizer que o quadro psiquiátrico está associado à gravidez. No seu caso, acho que você está apenas um pouco ansiosa, e isso pode estar causando os pesadelos. Não acho que esteja delirando, Camille, porque haveria outros sinais e sintomas associados. Fique tranquila — disse por fim a doutora Ross, calmamente. — Você não está ficando

esquizofrênica. A psicose durante a gravidez é muitíssimo rara.

— Mas existe?

— *Oui*. A incidência varia entre 1,1 e 4 para cada 1000 nascimentos. A chance de um distúrbio psicótico aumentaria muito, em torno de 260 para 1000, no caso de transtorno afetivo bipolar *prévio*. Como você pode ver, não é o seu caso. Você não tinha nada antes de ficar grávida, é pouco provável que tenha agora. Em relação à depressão, ela é bem mais frequente na gravidez e puerpério, mas não é o seu caso também.

— *Porquoi*?

— Você não apresenta quadro compatível. Não tem nenhum fator de risco psicossocial, como desemprego, problemas financeiros, gravidez indesejada, relações conturbadas no casamento, evento psicótico anterior e etc... etc... Também não temos nenhum fator predisponente hereditário. Acredita-se que os fatores hormonais possam

causar depressão, mas isso, isoladamente, é muitíssimo pouco provável. E veja, eu sou tão interessada quanto você em que sua gestação seja a melhor possível. O infanticídio e o suicídio estão entre as complicações mais graves decorrentes de transtornos puerperais sem intervenção adequada. Mulheres com diagnóstico de esquizofrenia ou depressão grave apresentam elevado risco para complicações na gravidez, no trabalho de parto e período neonatal. Portanto, é claro que vamos fazer por você tudo o que for necessário. Acredite em mim quando digo que não há nada com que se preocupar.

A médica omitiu informações que não iam ajudar em nada: que entre as complicações, há anormalidades placentárias, hemorragias e sofrimento fetal. Mulheres com esquizofrenia apresentam risco elevado para descolamento prematuro de placenta e, mais frequentemente, têm filhos com baixo peso ao nascer. Essas crianças

também apresentaram malformações cardiovasculares e menor circunferência encefálica do que os filhos de mães saudáveis. O relacionamento mãe-filho também demonstrou estar prejudicado. Os filhos de mães que apresentaram diagnóstico de depressão pós-parto têm dificuldades para dormir e se alimentar, com prejuízo de interação corporal com o ambiente e sorriso social diminuído. A forma negativa do relacionamento das mães com seus filhos causou, por consequência, problemas no desenvolvimento deles.

Entretanto, a médica, com toda sua experiência, não via nenhum problema sério em Camille e procurou somente acalmá-la. Estava difícil, contudo, demovê-la da ideia de estar tendo alucinações.

— E por que eu não poderia ser a pessoa premiada e estar ficando psicótica? — Camille

beirava as lágrimas, insistindo na veracidade de sua queixa.

— Haveria outros sintomas associados — foi tudo que a doutora Ross disse, mais uma vez.

— E se estiver no começo?

— Mesmo assim. A psicose não se manifesta assim. A psicose puerperal costuma ter início nas duas primeiras semanas após o nascimento dos bebês. Descreve-se um quadro com presença de delírios, alucinações e confusão mental, peculiar aos quadros de psicose puerperal. Pode haver sintomas depressivos, maníacos ou mistos associados. Não foi estabelecida nenhuma apresentação típica.

A médica não foi além para não perturbar Camille. Seu papel, naquele momento era tranquilizá-la e não sugestioná-la.

— Fique calma — falou a médica de novo. — Não vejo motivo para você se preocupar. Olhe, vou lhe prescrever um calmante leve, que *não* fará mal

a você ou ao bebê; você poderá dormir melhor e, de resto, como eu disse, vamos observar. Qualquer suspeita mais séria e encaminho você para nosso psiquiatra.

— E se for algum outro transtorno psiquiátrico?

— Você está com muita fixação nessa ideia. Eu lhe garanto que está tudo bem; vamos tomar o calmante e observar.

— Será que posso estar com síndrome do pânico?

— De forma alguma. O pânico é uma situação totalmente diferente da que você descreve.

Camille se sentiu mais tranquila depois da conversa com a médica, o que também trouxe tranquilidade a Ethan.

Ela tomou o calmante por alguns dias e não teve nenhum outro pesadelo. Entretanto, às vezes sentia-se como que observada, ou o vento gélido já conhecido pegava-a desprevenida pelas costas, ou aquele desagradável cheiro de almíscar. Camille

sabia que aquelas sensações também podiam ser consideradas alucinações e delírios. Tendo pesquisado um pouco na *internet*, ela acabou descobrindo as coisas que a médica tinha optado por não comentar.

Que os transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério são mais comuns do que se imagina, e muitos casos ainda são subdiagnosticados. Que as pesquisas recentes englobam também o prejuízo que essas patologias podem ocasionar não só à saúde da mãe, mas também ao desenvolvimento do feto, ao trabalho de parto e à saúde do bebê. Múltiplos fatores de risco estão envolvidos, mas a causa exata do transtorno ainda não foi estabelecida; porém — como disse a médica —, costumam acometer pacientes que *já tenham* história de doença psiquiátrica prévia. Uma boa medida de prevenção é o tratamento adequado desses episódios.

Ela gostou de ter lido aquilo, mas não estava totalmente tranquila porque somente ela tinha experimentado a realidade daqueles pesadelos. Tinha que ter uma explicação coerente.

Sentindo pouca guarita por parte do marido nessa questão, já que Ethan percebeu que depois do uso do ansiolítico ela não tinha mais apresentado pesadelos, Camille resolveu arriscar e desabafar com outra pessoa. Quem mais poderia ser, senão a *Grand-Mére*, que era beata desde a morte do marido e muito devota aos santos? Ela haveria de ter uma opinião sobre aquilo.

Camille não queria partir para assuntos místico-religiosos, era a *última* coisa para a qual desejava apelar, mas, por outro lado, buscar ajuda de um psiquiatra trazia-lhe arrepios na espinha. Poucos dias depois da conversa com a médica Camille saiu da ginástica e foi direto para a casa de *madame* Lyla.

Foi recebida com a alegria de sempre, e logo estava na frente de uma xícara de café com leite bem quente e uns *brioches* de ricota.

Camille começou um pouco hesitante, pela periferia, mas acabou contando tudo. Desde a voz que respirou profundamente em seu ouvido e falou que "a semente foi plantada", até os toques que por vezes sentia em seu corpo, a sensação de peso quando algo, ou alguém, se sentava pesadamente na cama, o sentir-se observada, o vulto enorme que passou pela porta da cozinha, o fato de sempre estar sozinha em casa e sempre tudo acontecer exatamente às três da manhã. Comentou também sobre o vento gélido nas costas ou no pescoço, quando não havia motivo para tal, e o cheiro almiscarado que geralmente o acompanhava.

Madame Lyla ouviu tudo com muita atenção e não menosprezou o relato. Pelo contrário, ficou bastante impressionada e muito assustada; mas não queria demonstrar.

— Ethan não está ligando muito — disse Camille meio chateada. — Ele acha que é coisa da gravidez, que é hormonal. Minha médica também garante que isso não é nada psiq... — ela evitou a palavra "psiquiátrico" —... nada de mais — emendou. — Só que continuo cismada. Ou estou ficando psicótica — disse Camille rapidamente, enfiando em seguida um *brioche* quase inteiro na boca. — Mas a médica e Ethan garantem que não. Ou então... — ela baixou o tom de voz — então alguma *outra* coisa está acontecendo. Uma coisa estranha, apavorante, que eu não sei explicar o que é.

— Bem, eu concordo com você que algo... pode... mmm... *poderia* estar ocorrendo — comentou a *Grand-Mére* com cuidado. — Mas não psiquiátrico. *Non*. Confio em sua médica, que é das mais gabaritadas. Só que acredito que algo esteja acontecendo. Estas coisas podem acontecer — *madame* Lyla se benzeu. — Ainda mais depois de todo o milagre que foi a sua gravidez.

Ao invés de ter uma crise de nervos ao ouvir alguém dar razão às suas suspeitas, estranhamente, foi o contrário. Camille sentiu certo alívio ao ver que *madame* Lyla dava-lhe ouvidos e não conselhos e calmantes.

— *Grand-Mére*... — Camille inclinou o corpo para frente. O resto do *brioche* foi parar na boca e ela mastigou sem sentir o gosto. — A senhora acha mesmo? O que poderia ser? Algum... — ela hesitou — espírito?

— Quem pode saber, *enfant*? Temos que conversar com alguém que entenda dessas coisas.

— Mas quem...

— Vamos à missa este domingo? — interrompeu *madame* Lyla. — Conversaremos com o padre Joaquim Boudrea. Ele é muito culto e inteligente — e baixo: — Dizem que ele já exorcizou uma pessoa, quando jovem.

Camille ficou quieta.

No domingo Ethan estava em casa trabalhando — pondo em dia algumas coisas — e Camille saiu cedo para ir com *Grand-Mére* até a igreja. Depois da missa, conversaram com o padre que *madame* Lyla conhecia há mais de uma década. Ele ouviu e deu seu parecer.

— Vou benzer um terço bem grande para você pendurar na parede de sua casa.

Naturalmente Camille deveria comprar o terço.

Madame Lyla, em seu conjuntinho dominical pastel, passou a mão pelo busto, tocando e mostrando o terço que ela própria carregava consigo.

— Faz muito bem ter um desses sempre por perto. Às vezes coisas assim acontecem para despertar a sua espiritualidade, Camille — disse o padre.

Camille, arredia com coisas de igreja, esforçou-se para concordar com a ideia. Era raro quando se lembrava de rezar um pai-nosso.

— Vou benzer água também — continuou o padre Joaquim. — Para você beber à noite, antes de deitar. Quero também que você acenda uma vela diariamente; uma vela para São Jorge.

— Pode ser mau-olhado, *n'est-ce pas*, padre? Pode ser inveja por causa da gravidez, e isso atrai maus espíritos. Não pode ser isso, padre? — indagava *madame* Lyla.

— *Oui*. Pode ser, sim, mas o terço e a água bentos, além das velas, vão cortar essa investida do mal — o padre, ao longo da vida eclesiástica, já tinha ouvido muitas e muitas histórias. Não deu continuidade ao assunto e, em seguida, fez como havia falado. Levou as duas junto com ele para a sacristia a fim de benzer o terço e a água.

O terço era bonito, com detalhes. *Madame* Lyla sugeriu que Camille levasse também uma estátua de São Jorge para casa, assim a vela poderia ser acesa diretamente aos pés do santo. O padre concordou e Camille assim fez.

***

Ethan respeitou a decisão da esposa. Ele julgava desnecessário, porém não a condenou por acender velas todo dia e nem se importou com o terço pendurado na sala. Achou que ela estava exagerando um pouco, mas não questionou. Grávidas eram grávidas. Elas tomavam as decisões e os maridos diziam "amém". Naquele caso, era amém mesmo. Tudo bem.

E tudo ficou bem, durante três semanas. Quando Camille estava com quinze semanas exatas de gestação, era dia onze de junho. Ethan acordou no meio da noite com os gatos miando de um jeito esquisito, todos eles, como se fosse choro de criança. Imaginou que talvez houvesse algum gato estranho numa das janelas da cozinha, embora eles não costumassem se comportar daquele jeito. Ethan virou de lado e observou que Camille

dormia. Resolveu então descer e soltar os gatos, para que eles não a acordassem com a barulheira.

Olhou o rádio-relógio na mesa de cabeceira: três da madrugada. Ethan achou estranha a coincidência da hora, e não comentou nada com Camille pela manhã.

Dois dias depois, foi ela quem escutou um barulho estranho na casa. Teve a sensação de ouvir algo caindo, como um enfeite sendo derrubado da mesa; foi o que ela pensou. O som a despertou, só que ela já tinha a sensação de estar dormindo leve.

"Os gatos estão aprontando. No mínimo eles não entraram para dormir e Ethan deixou a janela e a porta da cozinha abertas. Logo eles vão estar aqui, atacando o pé da gente, miando no nariz, e não vão deixar a gente dormir."

Isso acontecia às vezes. Se os gatos não ficassem presos dentro da cozinha para dormirem no almofadão da *Pet World*, acabavam fazendo festa pela casa. Isso acontecia mais costumeiramente no

tempo quente, quando as noites estavam gostosas e os bichanos ficavam alvoroçados. Era quase início do verão, portanto podia ser que eles tivessem ficado soltos. Camille tinha vindo dormir mais cedo do que o marido, e Ethan não contava com a mesma destreza que ela para guardar os gatos.

Ethan estava roncando e então Camille desceu para tentar pegar o gato que estava fazendo barulho pela sala, derrubando as coisas.

Desceu a escada sem acender a luz do *mezzanino*. Na sala acendeu um *abat-jour*, mas não havia nenhum gato na sala. A porta da cozinha estava fechada. Ela a entreabriu de leve, sentindo o estômago meio contraído, e verificou que eles estavam na caminha. Foi então que, ao caminhar de novo até a sala, viu o terço caído no chão. Sentiu seu coração disparar e foi chegando perto, achando muito estranho. Acendeu a luz principal e, olhando para os lados e para trás como se tivesse medo que alguém a atacasse, viu que o crucifixo estava

quebrado na diagonal. Será que uma queda teria criado impacto a ponto de partir o crucifixo daquele jeito?

"*Mon Dieu*... é de madeira... não ia quebrar assim, só de cair da parede."

Camille foi ver a estátua de São Jorge, colocada sobre a lareira. Estava inteira e a vela ainda tinha um toquinho aceso.

— Você não caiu, São Jorge? — indagou Camille diante da estátua, baixinho. — O que está acontecendo na minha casa? Ilumine minha visão, e meu entendimento; faça-me ver o que eu não estou vendo. Por que sua luz não apagou?

Silêncio. Camille estava pensando na cruz.

"Por que a cruz caiu?...".

Mesmo com seu pequeno entendimento sobre coisas espirituais, ela compreendia que havia algo de sobrenatural na queda e na quebra do crucifixo.

"Parece que esse crucifixo está incomodando alguma coisa aqui dentro de casa... ah! São Jorge,

não permita que nada aconteça a mim, ao bebê, ao meu marido ou aos animais."

Ficou olhando para a imagem, com as mãos debaixo do queixo. Silêncio.

"Será que ele está me ouvindo?"

Ela resolveu, por via das dúvidas, acender mais uma vela. Com cuidado pegou mais uma no pacote e riscou o fósforo. Camille fez o sinal do padre, se benzeu. Depois tirou o crucifixo do terço e o colocou sobre a mesa.

"Amanhã eu colo ele."

Subiu as escadas e deitou novamente ao lado de Ethan, sentindo ainda certo desconforto na boca do estômago. O rádio-relógio marcava três e dez. Camille sentiu a respiração acelerar. Então o crucifixo tinha se partido certamente às três da manhã porque já tinham se passado alguns minutos desde que ela escutara o baque no andar inferior.

***

No dia seguinte Camille não pôde deixar de comentar com o marido sobre o estranho episódio, que ela realmente não encarava como coincidência. Diante daquilo, Ethan contou sobre o comportamento dos gatos e a outra estranha "coincidência" de ter acontecido às três da manhã. Camille ficou assustada de novo e achou que as velas, a estátua de São Jorge, o terço bento junto com a água benta não estavam sendo suficientes para interromper aqueles episódios sobrenaturais. Alguma coisa — sabe-se lá o quê — não gostava de elementos religiosos na casa. Aparentemente.

— Vou com *Grand-Mére* falar de novo com o padre. Ele vai ter que ter alguma outra sugestão, algo mais forte, porque parece que esse mau-olhado é de verdade mesmo — ela já admitia a possibilidade de algo assim e descartava qualquer sugestão psiquiátrica. — Agora até os gatos estão esquisitos! — Camille estremeceu. — Será que tem algum espírito maligno aqui em casa?

— Camille... — Ethan escolhia as palavras com cuidado. — Sei que já aconteceram aparentemente várias coisas, mas ainda assim prefiro olhar tudo isso pelo lado racional. Pense bem: espíritos desencarnados? Mau-olhado? Eu não sei, não. Parte pode ser coisa da gravidez mesmo, e estamos associando isso a outras pequenas coincidências, que estamos superdimensionando. Não sei se é caso para tanto alarido.

— Não é alarido. É que você não viu e nem ouviu. Alguma coisa estranha há. Não vai fazer mal falar de novo com o padre, vai? — ela estava irredutível.

— Está bem. Vá e converse, veja o que ele tem a dizer.

Camille não perdeu tempo. Marcou hora com o sacerdote naquele mesmo dia, fora do período de missa, e foi com *madame* Lyla. As duas acabaram por convencê-lo de que estavam lidando com algo

mais forte e precisavam de uma guarita maior. O padre escutou e concordou em ir benzer a casa.

No domingo à tarde, na presença de Ethan, Camille e *madame* Lyla, o padre fez conforme prometido e benzeu a casa toda, especialmente o leito conjugal do casal. Que certamente podia ser alvo de invejas e ciúmes, o que levaria à ira e consequentemente atrairia maus espíritos.

Depois dessa segunda investida espiritual, durante dois meses nada aconteceu fora do normal. Camille suspirava de alívio e estava já para se esquecer dos episódios. Sua barriga estava linda, ela estava linda e feliz, e a vida sexual dos dois tinha estabelecido um nível aceitável depois de muitas danças de *lingerie*.

A filha de Alannah e Marcel nasceu, saudável e bonita, e Camille mais uma vez se sentiu como Sarah, grávida e abençoada.

***

No entanto as estranhezas voltaram. Num dia em que Ethan não estava em casa ela teve um sonho — na verdade um pesadelo — que a deixou abalada por alguns dias. Parecia ter sido um sonho, mas ela estranhava que no dia seguinte encontrasse marcas em seu corpo.

No sonho ela estava no quarto, e o quarto estava escuro, muito escuro. De repente, uma respiração vigorosa perto do rosto, uma respiração de homem. Assustada e incomodada, Camille tentava se mover para distanciar-se daquela respiração, mas sentia seus braços sendo segurados com força contra o colchão. E aí, sem nem saber como, percebia-se possuída com violência. Sentia um misto de angústia e medo, queria gritar, espernear, mas não conseguia. O grito ficava parado na garganta e suas pernas moviam-se à medida que aquele ato inominável acontecia. No dia seguinte o pesadelo estava fresco na cabeça e ela, ao verificar o corpo, percebia marcas nos braços onde se sentira presa,

marcas na parte interna das coxas, como se fossem leves hematomas.

Envergonhada, não teve coragem de comentar nada com ninguém, nem mesmo com Ethan. Temia que ele pudesse ficar magoado — ou, pior, irritado — com a possibilidade de que ela pudesse ter sonhado com sexo; sexo com outro homem que não ele. A insistência dela em pedir e fazer amor estava mais exacerbada desde o início da gravidez. Certamente por causa da própria gravidez, despertada pelos hormônios. Mas, e os desejos enclausurados? Não o desejo por outro homem, mas o próprio desejo que ela sentia por Ethan, e que nem sempre era satisfeito totalmente. Mas Ethan podia não entender isso, achar que... pensar que... oh! Não importava. Isso só geraria um constrangimento desnecessário para ambos.

Ela então decidiu que o sonho tinha sido fruto dos hormônios e de uma vida sexual normal — quando ela queria sexo mais do que normalmente.

Mesmo assim, não tinha como explicar as marcas. Só que ela não teve forças para pensar naquilo e ficou quieta, esperando veementemente que não voltasse a acontecer.

Mesmo assim, o sonho veio mais uma vez.

Desta feita o quarto estava parcamente iluminado. As cortinas estavam fechadas somente com o véu e entrava luz da lua pelas frestas das venezianas. Era lua cheia. De novo Ethan não estava presente, de novo ela ouviu e sentiu a respiração profunda e quis afastar-se, mas foi segurada. De novo sentiu-se violentada com muita intensidade. Ela abriu os olhos e viu o rosto do homem, que à primeira vista parecia ter traços muito bonitos. Contudo, eram traços que não combinavam com a atitude de violência, e ela então fechava os olhos, pensando intimamente que sofreria menos se não visse nada. Porém, durante o ato sexual, sem querer abriu os olhos novamente e aí o que pôde

vislumbrar já não era humano. Parecia algo monstruoso.

Mas, pior do que tudo foi acordar chorando e verificar o horário: três e três da madrugada. O sonho parecia ter sido tão real que ela correu para o banheiro, ligou o chuveiro e se enfiou embaixo da água.

***

Camille foi sozinha procurar o padre Joaquim e, muito envergonhada, contou-lhe o que ocorria. Ele foi sensato e quis saber como estava indo a gravidez.

— Bem. Ótima — Camille respondeu. — Estou com 23 semanas e quatro dias. O bebê está bem grande, perfeito. Já fiz o segundo ultrassom. Sabemos — ela sorriu pela primeira vez — que é um menino. Está... tudo bem.

— E seu marido? Está tudo bem entre vocês?

— *Oui. Oui*... Ethan está ótimo e muito feliz.

— O que ele acha disso tudo que você me contou?

Camille ficou ainda mais envergonhada e deu de ombros.

— Não pude contar a ele. Tenho medo que ele... se zangue comigo.

— Por que se zangaria?

— O senhor não vê, padre? — ela achava que devolver a pergunta equivalia a uma reposta. Como o sacerdote ficasse quieto, ela arriscou: — Ethan não iria gostar. Não sei se entenderia, pode achar que eu estou... estou querendo... quer dizer, inconscientemente...

— Entendo — ele finalizou.

— Mas o que eu não entendo — a voz dela quase sumia — é porque ficam as marcas. As marcas no meu corpo. Não está acontecendo de verdade. *N'est-ce pas*? Não poderia estar... são pesadelos...

— Camille, talvez nós estejamos frente a algo pior do que estávamos pensando.

Ela ergueu a cabeça imediatamente. Parecia estar esperando pelo pior.

— Existem manifestações sobrenaturais que não são decorrentes da ação de espíritos desencarnados, mas sim... — o padre a olhou com firmeza nos olhos e foi em frente — de demônios.

— Padre... *sil vous plaît*... eu... como? Eu não acredito nessas coisas. Já me abri muito em relação ao fato de ser um mau-olhado, um espírito... mas, um demônio? Como assim? Isso não existe!

— *Oui*, *jeune fille*, existe. A Igreja admite a existência do Bem e do Mal. Assim como Deus e os anjos existem, para fazer o Bem, também o diabo para fazer o Mal. Os demônios — descritos pela Bíblia — são entidades reais. Jesus os expulsava.

— Mas o que devo fazer? — ela estava em pânico — Por que isso está acontecendo? O que foi que eu *fiz*?

— Talvez não tenha sido você que fez alguma coisa — ele passou a interpelá-la sobre uma série de

coisas que, segundo ele, dariam legalidade a demônios para agir.

Mas as respostas eram todas negativas. Camille nunca se envolvera com nada espiritual e não tinha grandes "pecados". Foi incapaz de falar sobre o aborto. Então, o padre Joaquim deu seu veredito:

— Talvez, Camille, ele simplesmente tenha escolhido você. Demônios podem, em circunstâncias muito especiais, manter relações sexuais com mulheres humanas. Precisamos impedir que isso continue acontecendo.

— Então o senhor está admitindo que é real?

— *Oui*. É real.

***

Camille saiu da igreja completamente atordoada. Telefonou para Ethan assim que pôs os pés na calçada e pediu que viesse ao encontro dela. Tomou um táxi e foi para um Café que eles costumavam frequentar, a meio caminho da *Logos*. Ethan, por

sua vez, preocupado ao ver que ela se recusava a falar qualquer coisa pelo telefone, saiu imediatamente e rumou para o mesmo Café.

Aos prantos, Camille abraçou Ethan pelo pescoço.

— *Amore*... que aconteceu? Fale. Fale logo.

Ela custou a se acalmar. Eles entraram no Café, pediram *cappuccino* e água, e, aos trancos, Camille contou tudo, desde o início.

— Mas, minha *pupa*, por que não me falou antes? Por que ficou guardando isso para você?

— Eu tive medo, Ethan, que você não gostasse do que está acontecendo. Que se sentisse traído, ou... algo assim.

Ele a abraçou mais uma vez.

— Shhhh.... se acalme.

Foram tomando o café devagar. Ethan não estava desgostoso com a esposa, mas muito indignado com o padre.

— Por que uma pessoa colocaria essas coisas na sua cabeça? Esse sujeito é louco, por acaso?

— Ethan, é apenas a crença dele.

— Que ele deveria guardar para ele mesmo!

— Mas fui eu que pedi o conselho dele.

— Eu sei. Mas você está grávida. Ele deveria ter me comunicado, deveria ter falado comigo, ou pelo menos, falado com você na minha presença. Isso é um absurdo! Acho que vou ter que dizer umas verdades para ele.

— Ethan, não faça isso. Não ofenda um sacerdote, pelo amor de Deus! Se ele tiver razão, vamos cometer um grave pecado.

— Olha só como que você já está falando. Pecado!

Camille começou a chorar de novo.

— Ethan, pare...

Ele caiu em si.

— Está bem. Mas, prometa-me que não vai mais procurar conselhos.

— Ethan... alguma coisa temos que fazer. Está tudo muito estranho. Foi muito real, e além disso, ficaram as marcas. Será... será que estou sendo amaldiçoada por causa do aborto?

— Por que você tem tanta capacidade de se concentrar no que é ruim? A única "mensagem" que recebemos foi a de que as preces do tio tinham sido atendidas. Por que não acreditar que Deus viu seu arrependimento e a perdoou? Por que pensar em demônios e na ação do maligno? Pare com isso, Camille.

— Mas, Ethan, e as marcas?

— Camille, querida... sabe de uma coisa? Quando estudei sobre mensagens subliminares no *marketing*, aprendi muita coisa que parece surreal. Se você colocar num filme qualquer, por exemplo, a mensagem "beba coca-cola", subliminarmente, durante todo o tempo, quando chegar o fim do filme a maioria das pessoas estará pensando em beber coca-cola. Mesmo que o filme não tenha

nada a ver com isso e nem tenha aparecido *merchandise* algum. Informação apenas subliminar. Isso tem uma nomenclatura: neuropropaganda, ou neuromarketing. Estas "sombras" ficam armazenadas em nossa memória inconsciente e podem ter desdobramentos em nossas atitudes involuntárias, ou mesmo direcionar certos tipos de comportamento.

— Está bem. *Alors*?

— Então é possível provocar uma reação física apenas com a indução pela mensagem subliminar. Há muito mais. Sabia que uma pessoa hipnotizada por um médico pode apresentar sintomas físicos de dor — ou ausência de dor —, ou calor, frio, medo... lembranças... pela simples sugestão hipnótica? Isso acontece! É o que alguns chamam de "Neurolinguística"! São modelos de fala ou modulação de voz que promove indução, em especial em pessoas mais predispostas.

— Está bem. Mas o que você quer dizer com isso?

— Que o seu sonho pode ter provocado as marcas na pele. Que o sonho foi tão intenso, a sugestão da mente em estado de sono profundo foi tão intensa que deixou o seu corpo marcado. Isso pode acontecer. Não vamos começar a partir para a ideia de que demônios entram na nossa casa e te estupram, *per amore de Dio*! Não estamos mais na Idade Média! Evoluímos!

Camille ficou quieta. Pensativa. Por fim, indagou:

— E por que eu teria sonhos assim?

— *Ma fleur*... eu não estou zangado com nada. Você está grávida, seus hormônios estão em polvorosa e, eu sei, você gostaria de mais intimidade do que temos tido — ele sorriu. — Vamos providenciar isso, de uma forma que eu sinta que não estou prejudicando nosso filho, e nem te deixando insatisfeita.

— Não estou insatisfeita, é só... eu... tudo bem. Poderíamos fazer mais. Eu realmente tenho vontade.

Ele sorriu novamente. Aquele sorriso.

— Então não se fala mais nisso. Você pode repetir aquela dança com aquelas calcinhas...

***

Mesmo fazendo mais amor, e mesmo sem mais nenhum pesadelo, alguma coisa se passava no interior de Camille. Os vômitos voltaram, de forma bastante significativa. Sem enjoos. Somente vomitava, sem muita explicação, de forma bastante exacerbada. A doutora Ross explicou que tratava-se de hiperemese gravídica.

— A hiperemese significa, literalmente, "excesso de vômito na gravidez". Não é uma complicação muito comum, mas melhora bastante com o tratamento. Ela dá sinais logo no princípio da

gestação, com 5 semanas, como aconteceu no princípio.

— *Oui*. Depois passaram. Por que de novo agora?

— Na maioria dos casos, na 20ª semana, metade da gestação, ela já foi embora, mas há situações raras em que os vômitos persistem até o bebê nascer — o que pode ser muito angustiante. O que é ímpar no seu caso é o fato de os vômitos terem cessado e agora estarem de volta. Entretanto, como eu sempre digo, nunca podemos dizer nunca — ou sempre — em medicina. E especialmente em obstetrícia. Embora não seja muito comum, a hiperemese não chega a ser considerada rara. Afeta entre 0,5 a 2% das grávidas. Mas fique tranquila — você está bem. Não tem sangue nos vômitos, ou dor abdominal, e está hidratada. Coma tudo o que tiver vontade, mesmo que não seja saudável.

A médica indagou sobre outras possibilidades que poderiam levar ao quadro digestivo, mas Camille não tinha febre, diarreia, dores ou qualquer outra alteração. Estava ótima, exceto pelos vômitos, o que incomodava muito. Não era mais tempo de ter que passar por isso!

Os vômitos se tornaram incapacitantes, acontecendo várias vezes por dia e praticamente toda vez que Camille punha algum alimento no estômago. Por sorte já estava de férias da faculdade. Emagreceu um quilo e meio.

A médica receitou antiemético, mandou colher exames e deu orientações quanto à alimentação e hidratação. Não deu muita explicação para aquilo, pois, a bem da verdade, a etiologia da hiperemese não era muito clara.

Certa manhã, depois de vomitar copiosamente no banheiro, com Ethan aflito e angustiado esperando na porta, Camille saiu com o rosto pálido e as mãos frias de lá de dentro. Ethan

esperava-a de braços pronto, e abraçou-a com suavidade pela cintura, acariciando sua nuca com a outra mão.

— Como você está, *pupa*? *Mon Dieu*, que *folie*! Parece que foi bem forte desta vez!

— Foi — ela ainda se recuperava do mal-estar. — Não entendo! Sabe... — e ela olhou dentro dos olhos castanhos apreensivos do marido. — Parece uma ideia esquisita, mas não me sai da cabeça. — Sabe... parece que tem algo ruim dentro de mim, Ethan. Alguma coisa estragada.

— Alguma coisa que você comeu?

— *Non, non*... não é comida. Não sei explicar, é uma sensação. De que algo está lá dentro e tem que vir pra fora, algo ruim. Estragado. Sabe quando os gatos vomitam bolas de pelo? É como se eu estivesse engasgada com algo ruim. Não simplesmente uma bola de pelo, porque o pelo não é ruim, é só algo que faz parte da natureza deles. O que eu sinto que tem em mim é como se fosse

alguma coisa que não fizesse parte da minha natureza. Não sei como explicar. Como se meu organismo quisesse *expelir* alguma coisa... ruim.

Ethan ficou ensimesmado. Que história esquisita! Será que devia levar ao pé da letra? Mas como poderia? Não tinha nada "estragado" dentro dela. E mais uma vez ele optou por pensar que fossem cismas normais da gravidez. Ainda mais porque a médica tinha dito que poderia ser — e isso era o mais provável — algo de cunho psicossomático.

Depois de nove dias os vômitos desapareceram de forma tão súbita quanto surgiram.

Mas só para dar lugar a outras coisas mais estranhas.

***

Camille estava assistindo junto com Ethan a uma programação sobre lutadores de sumô. Ele tinha rodado os canais e não encontrara nada para ver

naquele horário, então acabou parando ali. Camille ria, achando graça daqueles atletas tão gordos e daquela luta que, para ela, era esquisita demais. Enquanto estavam falando das origens do sumô e de seus rituais de vida e de luta, ela prestou pouca atenção, dando um jeito nas cutículas com o alicatinho. Mas quando o programa começou a dar algumas diretrizes sobre aspectos particulares da alimentação dos guerreiros, ela se calou e instintivamente começou a prestar atenção.

Primeiro eles falaram do *chanko-nabe*, o prato que faz parte da refeição diária dos lutadores de sumô. O nome basicamente significa uma mistura. É uma espécie de cozido que pode levar até 17 ingredientes. Tem camarão, peixe, ostra, frango, porco, bolinho de peixe...

Em restaurantes esse "sopão" é cozido na mesa, na frente do freguês. O *chanko-nabe* é um prato comunitário, para ser dividido com outras pessoas. E fica bem gostoso, afirmavam, com o prato na

frente, contentes porque a comida na verdade não era muito calórica, já que tem pouco carboidrato e gordura. O *chanko-nabe* tem na verdade muita proteína para fortalecer os músculos. Os lutadores ficam gordos porque comem muito todos os dias, também misturando com muito arroz e, no almoço, são liberados para tomar cerveja e saquê. Camille estava estupefata. Era muita coisa para se misturar num prato só. Que horror gastronômico!

Mas o que veio depois foi como se uma luzinha acendesse dentro dela, tal o interesse repentino que despertou. Diziam que alguns guerreiros, antigamente — nos primórdios do sumô —, costumavam se alimentar com carne de cavalo crua e beber sangue de tartaruga. Tratava-se de uma tradição mística que vinha de um conjunto de crenças que não refletem as bases da ciência e da nutrição hoje. Acreditava-se que da carne crua do cavalo retirar-se-ia a força; e do sangue das tartarugas marinhas, a longevidade. A origem do

sumô é um tanto mitológica e acreditava-se que os guerreiros sumôs precisavam das duas características para ser verdadeiramente grandes. Hoje em dia não se pratica mais esse tipo de alimentação, embora o sumô continue sendo muito popular no Japão e os lutadores profissionais gozem de elevado prestígio.

Embora não fizesse qualquer comentário com Ethan, que se dividia entre a TV e a leitura de *Le Monde*, Camille sentiu um desejo repentino e muito forte de experimentar aquelas coisas: a carne crua e o sangue de tartaruga.

Em situação normal, ela teria achado nojento, e cruel. Camille não comia nem mesmo *sushi* ou *sashimi,* não gostava de carne mal passada, pingando sangue. Tinha dó de maltratar uma lagartixa, não queria nem mesmo que se jogasse inseticida num inseto, alegando que eles morriam por asfixia. Ela fazia Ethan pisar numa barata, ao

invés de usar inseticida, para acabar de vez com a vida dela, sem sofrimento.

Como, então, ela se sentia atraída por carne de cavalo? Matar um cavalo para *comer*? E *cru*?! E matar a pobre tartaruga — o programa mostrou como eles faziam — e ela olhou, e não teve dó. Como que por encanto estava obcecada por experimentar aquela carne e aquele sangue.

Aquilo ficou na mente dela.

Ethan, que sobre o assunto só resmungou um "nesse mundo tem louco pra tudo", e continuou lendo, nem percebeu o olhar vidrado de Camille na televisão. Ela não conseguiu esquecer o documentário. Quer dizer, a parte gastronômica do documentário. Que *folie*!

"Bom... mas eu estou grávida, certo?", ela refletia depois, enquanto assistiam ao noticiário.

Essa era a grande questão. As grávidas às vezes têm desejos esquisitos, comem coisas esquisitas. *Isso* não tinha nada de anormal. Então, mais ou

menos uns dois dias depois, apesar da vergonha que sentia em admitir aquilo, ela tentou falar com Ethan sobre seu desejo de grávida. Pelo menos era o que ela imaginava que aquilo era: um desejo de grávida. Em sã consciência, jamais! Porém, como grávida podia dar adeus ao bom senso e à sanidade. Diante daquela vontade absolutamente premente o resto ficava em segundo plano.

⁂

Era manhãzinha e *madame* Verdoux tinha acabado de sair da cozinha, deixando-os sós para tomarem o desjejum. Ethan ia um pouco mais tarde para a *Logos* e Camille não se importava de atrasar-se um pouco em suas coisas por causa daquele assunto. Então começou:

— *Amour*... eu estava pensando...

Ethan comia *croissant* com geleia. Camille estendeu a mão para ajeitar melhor a boina dele. Ela gostava muito da cor daquela boina, e do

modelo. Ela mesma tinha comprado para ele, e gostava quando Ethan a usava.

— Você estava pensando sobre se nós deveríamos voltar a Paris para terminar o enxoval — brincou Ethan, já que Camille passava boa parte de seu tempo pensando nas coisas para o bebê.

Aquela era uma dúvida pertinente, mas Camille estava séria. Ethan notou que a brincadeirinha não tinha tido repercussão. Olhou melhor para ela, deixando pingar geleia na toalha. Aquilo foi forte demais para Camille:

— Ethan, olhe só o que você fez! Mancha de geleia na toalha, mas será possível?

Camille estava um pouco mais irritada do que de costume, mas Ethan já tinha se acostumado que de vez em quando, desde que ficara grávida, ela às vezes dava uma descompensada leve.

— Calma, calma... — Ethan tirou as coisas de cima da toalha e levou-a de imediato à *madame* Verdoux.

— Tudo vai dar certo — ele comentou, ao voltar. — Ela vai dar um jeito na mancha agora mesmo.

— Odeio manchas, *odeio*! Tem mancha que não sai, sabia?

Ethan abraçou-a pelo pescoço, com bom humor, apertando-a:

— Calma, a mancha vai sair. Acabei de fazê-la, nem impregnou o tecido ainda.

— Esta toalha não se encontra mais por aí, muito menos com o bordado que eu fiz, e você... *merde*!

— *Pupa*, tenha calma. Está tudo bem. Diga o que era que você estava pensando. Lembra?

Camille ainda tamborilava sobre a bancada da cozinha e nem ligou para Morango, que se esfregava uma vez após a outra em suas pernas, deixando pelos por toda a parte inferior da saia em *crepe-bianchini*.

— Hum! — ela suspirou, passando sofregamente a mão sobre os pelos, na intenção de retirá-los. Sem sucesso.

Por fim se viu em condições de voltar ao assunto inicial. E lançou logo de cara o que estava no seu coração; com alguns atenuantes.

— Eu estava querendo comer carne mal passada.

— *Bien sûr*, mas isso é simples, bast...

— *Non,non*. Não se trata de uma vontadezinha qualquer. É um desejo mesmo. Desejo de gravidez. Um desejo realmente enorme! Sei que tenho comido um pouco mais de açúcar do que o normal, mas não se trata disso. Tenho vontade de doces, mas é bem mais do que isso. Esse é realmente um desejo, e *preciso* fazer isso.

— OK. Então compre no supermercado um filé *mignon* e diga para *madame* Verdoux fazer *super* mal passado. Mas eu não vou te acompanhar. Carne assim não faz meu gênero. Diga pra ela que deixe uma porção separada para fazer ao ponto para mim.

Camille escutou e tentou explicar melhor.

— Na verdade você não entendeu. Eu queria experimentar carne crua... carne com sangue — e ela se sentiu meio encabulada.

— Tudo bem também — replicou Ethan, novamente enchendo outro *croissant* com geleia, desta vez com mais cuidado. — Podemos ir hoje à noite jantar num restaurante japonês. Você pode comer tudo o que quiser bem cru! — Ethan soltou uma risada — O problema é que não tem sangue.

Camille manteve silêncio durante um curto espaço de tempo. Inquieta. Mas ela tinha que experimentar, tinha que comer; então falou de uma vez. Era ela que ia comer, não Ethan, então ele podia sentir nojo à vontade.

— Olha, prometo que escovo bem os dentes depois, e se quiser, nem precisa me beijar durante uns dias, mas, sabe aquele documentário do sumô?

Ethan apelou para a memória.

— Ah! Sei. E daí?

— Eu queria comer carne crua como eles comiam. Carne de cavalo crua, lembra? — ela se apressou em explicar. — Mas não precisa ser de cavalo, lógico. Não podemos matar um cavalo! — ela riu, meio tensa. — Serve um filé *mignon* cru.

Ethan fez ar de incredulidade. Grávidas querem pastéis de banana às duas da manhã, querem salada de mariscos com *pesto* de azeitonas. Às vezes — ele já tinha ouvido falar — querem comer terra, ou plantas estranhas, mas isso muitas vezes estava associado a alguma deficiência nutricional durante a gestação; o que não era o caso de Camille, perfeitamente saudável.

— Filé *mignon* cru? Mas que coisa, isso é bobagem. Escolha outra coisa, qualquer outra coisa. — *Non* — insistiu ela. — Precisa ser carne crua. Senão não vai passar essa minha vontade.

Camille deixou de lado a vergonha e insistiu no que queria.

— Mmmm... você tem certeza? Podemos fazer bem mal passado e talvez fique bom.

— Não é questão de ficar bom; você não entende, Ethan. Preciso da carne crua, realmente preciso. E precisa ser com sangue.

— Bem, sendo crua, vai ter sangue.

— *Non*! —replicou ela mais uma vez. — Eu falei do programa do sumô. Eu queria também uma tartaruga — falou ela com a voz meio sumida, perscrutando o rosto de Ethan, preocupada com o que ele estaria pensando.

— Uma tartaruga pra quê? — o tom de voz dele soou meio nervoso.

— Será que estarei contribuindo para a extinção de tartarugas se eu matar uma e beber o sangue, como eles fizeram no programa? Deve ser proibido, acho. Mas talvez possa ser um cágado. Será que tem na loja de animais?

— Você não pode estar falando sério — Ethan estava completamente incrédulo.

— Estou. Estou falando sério, sim.

— Ah. E *você* vai matar o cágado?

— Vou. Como vou beber o sangue? Vou fazer como eles mostraram na TV. Sabia que o gosto de sangue puro não é ruim? Outro dia cortei o dedo fatiando pão, e foi um cortinho legal, sangrou bastante. Eu já estava com essa vontade de sangue, sangue. Mas não sabia ainda, foi antes do sumô. Então espremi bem o dedo, deixei juntar o sangue. E experimentei, senti bem o gosto... e me fez tão bem quanto chocolate!

Ethan achou aquilo meio bizarro, e não discutiu mais. Camille gostava demais de animais. A defensora das baratas e lagartixas não mataria uma tartaruga, era óbvio. Eles simplesmente iam arrumar mais um bichinho para criar. Por isso ele concordou, sem procurar demovê-la da ideia. Disse que mandaria Marie, sua secretária, providenciar o animal e o traria quando voltasse para casa.

Camille sorriu, satisfeita e já não tão envergonhada, uma vez que Ethan não a estava condenando. Feliz toda vida, Camille pensou que poderia usar a *lingerie* da *Victoria's Secret* e fazer sua dança naquele mesmo instante. A barriga estava bonita, os seios também, mais volumosos. Ethan estava relaxado, sem nenhum problema aparente para resolver. Parecia ideal. Se deixasse passar muito poderia ficar muito *gorda*!

Entretanto o café terminou e ele se levantou, apressado. Camille achou melhor deixar para de noite, para depois do seu banquete.

***

O dia passou para ambos como de costume. Na hora do almoço Ethan encontrou com Phillipe, pois já fazia umas três ou quatro semanas que não se viam. Os dois engataram numa *bavardage* sem fim. Phillipe comentou sobre suas novas empreitadas a fim de encontrar a moça ideal, já que Alexandra era

coisa do passado. Camille tinha tomado um chá com a moça havia uns dias, e ela estava bem, embora ainda magoada.

— Você está fazendo besteira — aconselhou Ethan novamente. — Qual o problema de se casar, Phillipe?

— Você é um tipo de homem que não existe, Ethan. Nenhum homem se amolda ao casamento como você. Eu tenho certeza de que, se me casar, estarei cometendo um grande erro.

Phillipe não estava magoado e nem com remorsos, já de olho numa das estagiárias da empresa onde trabalhava. Contou a Ethan sobre suas investidas malsucedidas e pediu conselhos. Ethan aconselhava-o a parar de ser infantil.

No meio da tarde, no serviço, Marie chegou com Laurence e a esperada tartaruga. Não entendia a urgência do caso, mas não lhe cabia discutir com o patrão. A tartaruga era na verdade um cágado; tinha um casco de mais ou menos vinte e poucos

centímetros e uma carinha com olhinhos simpáticos, que permanecia enfiada na "casinha". Olhava lá de dentro um pouco assustada. Ethan encurtou suas incumbências na *Logos* e foi para casa de táxi depois de falar com Camille pelo celular. Usou o táxi conforme eles vinham fazendo na maior parte dos dias. Ela deixava Ethan no trabalho e ficava com a *pick-up* para poder usá-la em seus traslados para a academia e a dança, e em suas saídas do dia a dia.

No final da tarde, se possível, Camille pegava Ethan no serviço, ou então ele voltava de táxi.

Ela ficou tão animada com a aquisição da tartaruga que desistiu de ir à aula de dança do ventre.

— Já passei no mercado cedo, comprei o filé e uns temperos que quero pôr nele.

Camille saiu da academia logo depois de falar com o marido sem nem ao menos fazer uma sauna e uma ducha, como gostava. Foi direto para casa

onde a carne a esperava junto com páprica, alecrim e manjericão frescos. Como ela pretendia tornar saborosa uma carne crua usando aqueles ingredientes só mesmo ela é que sabia. Não pretendia pôr nenhum sal. E não via a hora.

Era muito esquisito, mas, em se tratando de agir com comedimento e satisfazer aquela vontade louca, ela ficava, sem dúvida, com a segunda opção.

***

Camille chegou a casa quando Ethan tomava seu banho. Correu pelas escadas até a suíte a fim de dar um "oi" para ele. Abriu a porta do banheiro e entrou que nem um furacão, ansiosa em ver o marido e também pelo *menu* que teria em breve. Abriu a porta do *box* enorme e beijou Ethan, molhando o rosto e parte da blusa, enquanto apertava sua bunda.

— *Merci*, Ethan! — e deu uma palmada em Ethan, que fez pose de "homem sexy", rindo junto

com ela.

— Me aguarde, *amore*! Saio num minuto.

Ela rebolou um *shimi*, e saiu correndo do mesmo jeito que tinha entrado.

— Cuidado na escada! — gritou Ethan.

Ouviu a porta do quarto batendo.

— *Mon Dieu*... o que deu nela? — ele resmungou, contrariado.

Entretanto, entre mortos e feridos, a verdade é que preferia Camille do jeito de sempre, contente e animada, do que apavorada com histórias de espíritos e demônios.

Felizmente aquilo tinha passado.

Camille encontrou a tartaruga numa caixinha, na lavanderia.

— Oh! — Camille pegou o bichinho, olhando para dentro do casco. — Ela é super-fofa!

Penélope e Maxi rondavam a caixinha, curiosos. Morango demonstrava antipatia, indignado em ver sua dona com aquela coisa estranha nas mãos.

Jojoba não estava em casa. Tudo parecia limpo e arrumado, e *madame* Verdoux cuidava da roupa àquela hora, passando-a em sua própria casa para depois trazer para dentro, no fim do dia.

Naquela tarde Camille reparou pouco na limpeza da casa, e mesmo nos gatos. Toda sua atenção e expectativa estavam voltadas para a tartaruga e para o filé cru. Camille pegou a tartaruga e a colocou no chão para ver como andava. Penélope foi mais curiosa e chegou perto para cheirar, espiando pelos buracos do casco.

— *Mais non*, Penélope! Assim ela não vai sair, com você enfiando a cara aí!

Empurrou Penélope devagarzinho com o pé e a gata entendeu; tratou de ir procurar algo mais interessante para fazer logo mais à noite. Camille ajoelhou no chão para olhar a tartaruga, e viu a cabecinha bem afundada no casco, lá dentro.

— Você é bonitinha...

Camille amava os animais; mas aquele desejo a consumia. Só de olhar a tartaruga, sentia a excitação tomando conta dela, a boca salivando. Camille não teve tempo de pensar se era insano, se era uma aberração, se estava infringindo alguma lei da Sociedade Protetora dos Animais. Só pensava que queria beber o sangue como tinha visto fazer no documentário. Não pensava em mais nada.

Pegou o bichinho e o colocou em cima da pia da cozinha. O casco ficou ali, imóvel. Camille decidiu fazer exatamente como tinha visto, e então procurou o afiado cutelo junto com as facas de cortar carne. Era grande e tinha fio. Só faltava a tartaruga colocar a cabeça pra fora. No documentário ela viu que eles atraíam o animal com algo para comer. Ela olhou em volta e viu na fruteira as lindas bananas. Pegou uma fruta e descascou, separando um pedaço.

— Olha só o que eu tenho pra você — fez Camille, balançando com suavidade a banana perto

do buraco da cabeça; na outra mão, em posição, o cutelo.

Foi rápido. Camille tentou replicar o movimento de execução ao máximo e assim que a pobre tartaruga se esticou, abrindo a boca para comer a banana ela desferiu um golpe rápido e certeiro. Separou a cabeça do corpo e viu o sangue esguichar. Ergueu o casco num ápice inclinando-o sobre uma tigela de modo a drenar o líquido precioso da vida. Não aguentou esperar drenar tudo e pegou uma caneca, tirou um pouco e deixou o casco de cabeça para baixo de novo na tigela.

Provou um pouquinho. Foi inundada por uma sensação de bem-estar e bebeu sofregamente, passando o dedo no fundo para tirar até a última gota. Observou a tigela, que tinha drenado bastante; agora o pescoço aberto apenas gotejava. Sem parar pra pensar, saciou seu desejo sem nenhum pudor ou reflexão. Aquilo era... uma coisa doentia, tenebrosa; uma coisa que vinha das entranhas. Era

como se não conseguisse mais viver sem antes atender ao premente anseio do seu estômago.

"Mas quem disse que esses desejos têm a ver com o estômago? Tem que ser alguma coisa neurológica, mental, causada pelos hormônios", ela começou a ponderar.

Parte do sangue ficou espalhada sobre a pia, e ela esfregava o dedo e lambia, sujando as mãos, até ter-se fartado. Depois, repentinamente caiu em si, como que despertando de um sonho; vendo os restos da tartaruga e a sujeira em cima da pia, ela se culpou pesadamente e o seu coração se encheu de remorsos.

Como ela podia ter feito uma coisa daquelas?! Olhou os olhinhos semiabertos da tartaruga e começou a chorar compungidamente. E, naquele choro, reconheceu a si mesma e a pessoa que ela sempre tinha sido. Como pudera ser tão cruel?

Camille soluçava, ajeitando a cabecinha perto do pescoço partido quando Ethan desceu sorridente, e

veio de mansinho para dar um abraço por trás. Mas então ele olhou por sobre o ombro dela e viu o massacre.

— *Camille*!! — exclamou, horrorizado. — Camille, o que foi que você fez?!

Ela se assustou com a presença dele, e se afastou sem saber o que dizer.

— Eu fiz o que... disse... que ia fazer... oh, Ethan, *mon Dieu*! Não era para isso a tartaruga?

Ethan estava completamente chocado, perplexo. Seu coração deu um pulo na boca do estômago e sua respiração ficou acelerada. Sentiu-se ligeiramente nauseado, mas se controlou rápido.

— É que eu jamais acreditei que você faria isso mesmo! Era um bichinho tão bonito! Você... você bebeu *mesmo* o sangue?

Camille sentia-se envergonhada, e não sabia explicar nada de nada. Balbuciou, sentindo-se estranha:

— Bebi. Ethan, eu não sei explicar. Eu só sei que eu *precisava*! Foi mais forte do que eu — e ela baixou a cabeça, enxugando os olhos.

Ethan suspirou alto, pegou o casco da tartaruga e a cabeça decepada com as mãos e colocou tudo num saco de lixo que pegou ali mesmo, no armário.

— Vou pôr isso no lixo. Você consegue limpar o sangue?

Camille estava meio letárgica, esquisita, porém assentiu.

— Consigo... consigo... já vou tirar isso tudo daqui.

Ethan levou os restos do animal para o latão enquanto Camille limpava o sangue e passava montes de álcool na pedra da pia, esfregando sofregamente.

Depois de tudo terminado, Ethan ainda estava inconformado. Pela morte da tartaruga e pelo desejo inconsequente da esposa. Ele sabia que aquele "desejo" tinha sido real, algo *muito estranho*,

mas real, porque em sã consciência Camille não faria uma coisa horrível daquelas. O que estaria acontecendo com sua esposa?

Intimamente Ethan resolveu que se aquilo continuasse, ele mesmo procuraria a doutora Ross.

Não fizeram mais comentários sobre o ocorrido, exceto pela pergunta de Ethan, querendo saber se ela estava passando mal.

— Eu estou bem. Mas ainda gostaria de comer o filé *mignon* — Camille estava mesmo estranha.

— Ah. Você quer mesmo? Vai comer cru? — ele evitou dizer "com sangue".

— Eu até comprei uns temperos. Mas só quero um pedacinho. Vou fatiar a peça e congelar em pequenos pedaços. Quando eu sentir vontade... tem.

— *D'accord*. Faça isso, então. Eu preciso falar com o *Nonno,* vou dar uma ligadinha agora. — Ethan precisava ficar só uns instantes. Apesar da

perplexidade, estava preocupado com a saúde de Camille.

Ethan saiu da cozinha e foi para o seu escritório, conjugado à sala de estar. Ele fechou a porta envidraçada e correu as cortinas finas sobre o vidro. Sentou-se em sua cadeira diante da mesa e observou os papéis sem enxergá-los.

Começou a brincar com uma pequena escultura que Camille tinha feito para ele, que imitava um publicitário caricaturado, pintado com cores alegres. Camille era assim: alegre, meiga, amorosa. Tinha seus defeitinhos também, como ser feminista demais e meio brava de vez em quando, mas nem de longe algo terrível como matar bichinhos indefesos. Ela era adepta do *Green Peace*!

Ethan achou que não ia fazer bem continuar pensando naquilo. Resolveu realmente dar um alô para o *Nonno*, só pra jogar conversa fora. Se o incidente se repetisse, ele tomaria outras providências. Comer a carne crua era aceitável,

ainda que Camille nunca tivesse sido dada a isso, nem mesmo diante da deliciosa culinária japonesa. Mas matar... beber o sangue daquele jeito como... como... um morcego... um vampiro!

Ethan sacudiu a cabeça e discou o número de *signore* Arthuro. Ele não comentaria nada.

Na cozinha, Camille tentou não pensar mais na tartaruga, embora se assustasse com o prazer que consumir aquele sangue lhe proporcionou. Tinha sido um grande prazer, algo que ela nunca tinha experimentado de forma tão intensa. Resolveu se concentrar em fatiar a carne, e novamente sentiu dentro dela como se estivesse faminta. Antes mesmo de colocar em *tupperwares* as demais porções, ela pegou o alecrim e o manjericão e esfregou-os com vontade nos dois lados do pedaço que iria consumir. Colocou páprica. Também não entendia bem porque desejava comer a carne daquele jeito, e sem sal.

Não era um pedaço grande. Uma fatia pequena seria suficiente. Depois de ter certeza de que o gosto dos temperos tinha impregnado a carne, de pé no centro da cozinha, ela comeu devagar, experimentando o gosto. Para seu paladar, estava muito bom. E tinha sangue, mas o gosto daquele sangue era um pouco diferente.

Depois de comer, sentiu-se saciada, e sem pensar muito ela colocou os *tupperwares* no freezer.

***

Queria o resto de seu banquete, o que queria dizer sexo. Aquele desejo carnal todo não era normal também, mas ela não se importava. Que mal havia em querer?

Olhava para Ethan e sentia como se seu sangue efervescesse. Obrigou-se a esperar até depois do jantar — e até que ele estivesse mais relaxado quanto ao que ela fizera. Tomou banho e desceu de *penhoir*, ofereceu a Ethan um cálice de Porto, que

tanto ele apreciava. Trouxe a bebida e sentou-se em seu colo, passando os braços suavemente ao redor de seu pescoço, acariciando sua nuca, olhando-o com olhos de gata. Ele provou o vinho e suspirou, retribuindo o olhar. Passou a ponta dos dedos pela coxa desnuda dela. Sua pele estava macia e muito perfumada. Era a "cultura do harém". Ainda que não houvesse harém, era bom saber que ela fazia tudo para agradá-lo.

Segurando o cálice com uma das mãos e com a outra no corpo dela, bebeu devagar. Enquanto sentia o líquido doce na boca, volta e meia aproximava a cabeça do pescoço dela, beijando-a com suavidade, elevando os lábios até beijá-la na boca. Sentia o corpo de Camille correspondendo avidamente ao seu toque. Tomou o último gole de vinho, largou o cálice na mesinha ao lado e a apertou forte com os dois braços, percorrendo suas costas com as mãos.

— Espere. Quer que eu dance, ou não, *mon amour?*

Ela interrompia de propósito; gostava daquele tipo de provocação. Ethan pensou se queria a dança naquele momento.

Decidiu que não. Não precisava de mais nenhuma provocação. Beijou-a profundamente e ignorou a sugestão de dança. Ficaria para depois.

— Estamos comemorando o quê? — ela arfou.

— O amor — ele disse.

***

Foi prazeroso vê-la, prazeroso tocá-la. Observou com muita atenção cada movimento, o contato dos olhos, o corpo sinuoso. Mas foi quando ela virou de costas, mostrando aquele coraçãozinho de cristal e nádegas perfeitas que o coração dele começou a acelerar. Ethan olhava cada curva e cada detalhe da sua mulher. Era linda!

Ela se derreteu em seus braços, os olhos brilhavam quando se abriam, o sorriso era cheio de paixão e intensidade. Ele se sentiu atraído por ela ao extremo, foi até surpreendente. As formas mais arredondadas do corpo, os seios mais fartos, a barriga mais volumosa despertaram nele uma sensação estranha de prazer e euforia, que ele não tinha sentido até então. De repente, vê-la grávida e saber que estava grávida dele foi uma sensação incrivelmente erótica. Não somente a beleza, as carícias, a lassidão o seduziam, mas a gravidez também. Era inesperado e indescritível.

Estaria Camille diferente?

A pergunta perpassou-lhe a mente num segundo.

Parecia diferente. Não era como sempre tinha sido. Era melhor. O amor deles era novo. Definitivo. Eterno.

8

Monitorage

Com 25 semanas e três dias, em agosto, Camille foi à mais uma de suas consultas pré-natais com a doutora Ross. Ao fazer as medições de costume, a médica constatou com mais segurança o que já vinha acontecendo desde a última consulta: o crescimento do bebê estava bastante acelerado.

— *Oh lala*! — exclamou a médica estendendo a fita métrica sobre o abdome de Camille. — Temos 29 centímetros de altura abdominal! Realmente ele está grande para a sua idade gestacional.

— *Porquoi*? — Camille sempre ficava insegura com qualquer situação que lhe parecesse fora do normal, ou fora de controle.

— Venha para o consultório e vamos conversar — disse a médica.

Pouco depois Camille estava diante da mesa da médica na agradável sala com quadro de grávida na parede.

— São três as causas principais para o bebê nascer acima do peso comum. Uma é de ordem constitucional: se a mãe e o pai forem grandes as chances do bebê nascer maior que o esperado, com aproximadamente 4,5 quilos, aumentam. Você é alta, seu marido também. Outra possibilidade é a obesidade da mãe, que também pode colaborar para a obesidade da criança, pois levanta a possibilidade de uma anormalidade em relação à glicose no corpo. Esta é a causa principal: diabetes gestacional. Mas como sabemos sua glicemia está

perfeita e seu peso está dentro dos parâmetros esperados.

— *Alors*... eu poderia estar ficando com a glicemia ruim agora, portanto?

— Claro que vamos continuar colhendo seus exames, mas acho que agora o ideal é fazer um teste de tolerância à glicose, o GTT, mesmo tendo duas glicemias anteriores normais. Como constatamos realmente que o bebê está bem grande, vamos fazer isso. Seu último ultrassom confirma nossa idade gestacional de menos de 26 semanas. Com o feto deste tamanho você já deveria estar beirando 29, 30 semanas de gestação.

— *Ah, mince*! Então está muito desproporcional! — alardeou Camille, já assustada com qualquer possibilidade de alguma coisa ruim acontecer.

A história da culpa em relação ao aborto e sobre Deus querer puni-la volta e meia voltava a assombrá-la.

Conhecendo essa tendência de sua paciente, a doutora Ross procurou deixá-la tranquila:

— Não fique preocupada. Provavelmente ele vai nascer um pouco maior, mas é importante investigar. Se ele continuasse nesse ritmo de crescimento, nasceria com cerca de 4500 gramas — disse a médica observando a curva de altura uterina em relação às semanas de gestação. — Isso se ele não acelerar ainda mais o ritmo de crescimento intrauterino. Com 25 semanas teríamos uma altura uterina de 25 centímetros, no máximo, para não ultrapassarmos o percentil 90 da nossa curva. Entretanto, desde nossa última consulta estávamos beirando o percentil 90, e agora realmente o ultrapassamos bastante.

— Mas temos que ter certeza de quê? — ela já torcia as mãos, que ficavam frias. — O que significa "percentil 90"?

— O gráfico que temos aqui é uma curva de normalidade. O percentil 50 é a zona da curva onde

se encaixa a maioria. Entretanto, mesmo atingindo um ponto da curva bem alto, que caia no percentil 90, ainda estamos dentro dos parâmetros da normalidade. Estar no percentil 90 significa que apenas 10% dos fetos chegam a essa altura uterina nessa fase. Mas, lembre-se: ainda assim essa medida é uma medida de normalidade; apenas menos frequente, que ocorre em 10% dos casos normais. Até a última consulta estávamos nesse parâmetro de normalidade, que era o percentil 90. Agora ultrapassamos essa medida. Por ora, como expliquei, vamos apenas tentar verificar se você está com tendência a desenvolver intolerância à glicose. Em mães que têm algum sintoma de diabetes gestacional o GTT é geralmente pedido entre a 24ª e a 28ª semana, portanto estamos em momento ideal. Este teste ajuda a determinar se o nível de açúcar no seu sangue está de acordo com os padrões esperados para esta época da gestação, ou se você está desenvolvendo uma intolerância, ou

seja, metabolizando os açúcares de forma inadequada.

— O que a diabetes tem a ver com o peso do bebê?

— Se a mãe tem um nível de glicose elevado no organismo a criança também vai ter. Assim, o bebê pode correr o risco de nascer com o peso acima do normal. São os chamados "Grandes para a Idade Gestacional", ou GIG. Entretanto, não é habitual uma mãe diabética ter um bebê com mais de 4,5 quilos. O feto entende o excesso de glicose que chega até ele como energia; isso o faz produzir mais insulina, ocasionando o maior crescimento, já que a insulina é um hormônio anabólico, isto é, que faz crescer.

— E o que pode acontecer com o bebê que nasce assim? — quis saber Ethan.

A doutora Ross não se importou em comentar sobre isso, porque era inadmissível uma mulher ser tão mal acompanhada assim, a ponto de ter tantas

complicações. Era claro que Camille não passaria por nada disso.

— A alteração do metabolismo da criança a partir do diabetes gestacional da mãe pode até ser fatal. Quanto mais a criança cresce dentro do útero, mais energia ela precisa. Muitas vezes a placenta não é suficiente para suprir essa demanda; nestes casos não adianta insistir no parto normal: se o bebê está acima de quatro quilos, a cesárea é a melhor opção.

Camille ficou aflita. Ela queria muito o parto natural.

— Com o metabolismo desregulado, estes bebês podem ser vítimas da hipoglicemia ao nascer — diminuição do nível de glicose no sangue. Elas têm insulina demais, e o aporte excessivo de glicose que vinha da mãe deixa subitamente de existir. A hipoglicemia se manifesta como irritabilidade, apatia, choro débil, hipotonia ou até convulsões. Contudo, na maioria dos casos, o neonato é

assintomático. Podem existir outras complicações, sérias ou não. A principal é o risco maior para síndrome da angústia respiratória, uma pneumopatia do recém-nascido. Outras alterações metabólicas e hidroeletrolíticas também podem ocorrer nas primeiras horas pós-parto, e necessitam ser corrigidas. Os sintomas incluem irritabilidade e convulsões. Outro grande problema da diabetes não diagnosticada na gravidez são as inúmeras más formações que ela pode acarretar. Cardiovasculopatias, por exemplo; cerca de 30% dos bebês de mães diabéticas apresentam problemas cardíacos. Más formações do sistema nervoso central são 16 vezes mais comuns em bebês de mães diabéticas. O risco de anencefalia — ausência do cérebro — é 13 vezes maior, enquanto que o risco de espinha bífida é 20 vezes maior. O risco de displasia na espinha é 600 vezes maior que o da população em geral. Outras anomalias e más formações também são mais comuns nesta

população de bebês. Contudo... isso é para mulheres que não fazem acompanhamento médico, que desenvolvem a diabetes e não a tratam. Mesmo que você desenvolva diabetes durante a gestação não significa ter o problema pelo resto da vida. Isso é geralmente reversível. Você tem tomado muita água, sentido a boca seca demais, ou urinado muito?

— *Non*. Sinto-me normal. Apenas um pouco volumosa demais. Parece que ele cresceu muito de repente, mas não imaginei que poderia ser alguma coisa fora do normal.

— Vamos avaliar isso, *d'accord*? E observar — a médica sabia que a altura uterina de Camille já possivelmente caracterizava um GIG e a punha de sobreaviso. Se a criança se tornasse proporcionalmente ainda maior e mais pesada, era possível que tivesse alguma alteração no seu próprio metabolismo. Contudo, essa hipótese só seria cabível se tivessem um bebê ainda maior e, a

partir daí, haveria outras providências a serem tomadas.

Entretanto, a doutora Ross viu que Camille parecia muito preocupada, e sentiu a necessidade de tranquilizá-la.

— Mesmo assim, Camille, já fizemos a terceira ultrassonografia. Você sabe que não quero correr nenhum risco com você — relembrou a médica. — A primeira foi com pouco menos de oito semanas, a segunda com quatorze semanas e, agora, acabamos de fazer seu ultrassom das vinte semanas. Até agora temos constatado que seu bebê é perfeito. A ultrassonografia é o método de diagnóstico por imagem de escolha para detecção e rastreamento de anomalias fetais. É sem dúvida alguma o melhor método. Está tudo bem. O seu bebê tem sido rigorosamente estudado, detalhadamente, com médicos de alto gabarito. Temos sistematizado seus exames ultrassonográficos durante o transcorrer da gestação, de maneira a fornecer informações

precisas sobre o feto e o seu bem-estar, a cada fase da gestação, no primeiro trimestre, no segundo e, agora, no terceiro trimestre. Estas informações são valiosíssimas para a conduta obstétrica que vou ter com você. Mas é preciso que você permaneça calma e confiante — a médica perscrutou o rosto pálido de Camille e continuou falando com calma. — Você se lembra destes exames e de tudo que foi avaliado por meio deles?

— *Oui* — Camille fazia força para ouvir a médica sem desatar no choro.

— Vamos nos lembrar de tudo isso para que você volte a ficar tranquila. Com catorze semanas fizemos a avaliação morfológica do final do primeiro trimestre e início do segundo. Neste período é avaliada a translucência nucal, que é um marcador de cromossomopatias. Medidas maiores que 3 mm são consideradas suspeitas e um cariótipo fetal deve ser obtido. Nada disso aconteceu, estava tudo bem. Também nesta fase

pudemos avaliar o ducto venoso do coraçãozinho do bebê, com o *doppler*, para rastreamento de anomalias cardíacas. Tudo bem, também.

Camille respirou fundo e continuou ouvindo. Ela se lembrava de todos aqueles detalhes que a médica já tinha explicado em outras consultas.

— Algumas malformações já podem ser identificadas nesta faixa de idade como a anencefalia, por exemplo, dentre outras, e seu bebê está ótimo. *N'est-ce pas*?

— *Oui* — novo suspiro profundo da paciente, agora relativamente mais aliviado.

— Com vinte semanas fizemos novo ultrassom. Nesta fase da gestação fizemos uma melhor avaliação da vitalidade fetal através dos batimentos cardíacos e dos movimentos espontâneos fetais. É nesta faixa de idade que devemos observar o esqueleto com maior rigor, já que temos bastante líquido no útero e a visualização é melhor nos membros superiores e inferiores do feto. Também

podemos utilizar outro "rastreador" de cromossomopatias: o espessamento nucal, ou prega nucal, que é normal até 6 mm. Quando a medida da prega nucal está acima de 6 mm, deve-se continuar a investigação com o exame de cariótipo. Também desta vez tudo estava bem. Foi nesse exame que conseguimos diagnosticar o sexo do bebê, você se lembra?

Camille sorriu, Ethan também.

— Sabemos que é um lindo garoto. Você está bem ciente de tudo isso, *ma chérie*? Está ciente que tudo está indo bem?

Camille ficou envergonhada em se mostrar tão preocupada diante de todo o cuidado que estava recebendo de sua médica.

— Oh, doutora, *excusez-moi*. É que...

— Não se desculpe. Eu compreendo perfeitamente sua preocupação depois de tudo o que passou. Mas não se aflija porque não vou deixar

escapar nada que possa ser diagnosticado, Camille. Não depois de tudo porque passou.

Camille sabia a que a médica se referia. O fato de achar que a clínica poderia ter cometido um erro, trocando os exames. Mas na averiguação feita pela auditoria nada ficou constatado e a própria doutora Ross tinha recordação do exame físico de Camille. Custava-lhe acreditar que um útero como aquele houvesse se recuperado. Fato é que não queria cometer a mais mínima falha naquela gravidez.

— Agora, logo que você completar vinte e oito semanas, faremos novo ultrassom. Continuaremos sempre com muita atenção para más formações e também atentos ao bem-estar fetal, avaliando batimentos cardíacos, movimentos respiratórios e movimentos espontâneos do feto. É nesta fase que o sofrimento fetal, se existente, pode evoluir para um crescimento intrauterino deficiente. É muito importante aqui avaliar a placenta e o líquido amniótico, que é o líquido que fica dentro das

membranas que envolvem o bebê e deve estar dentro dos parâmetros normais. Outro dado que passa a ser importantíssimo na avaliação fetal é o peso. O peso fetal deve ser avaliado a partir da 24ª semana, mas já sabemos que o seu bebê está bem mais pesado do que o esperado para essa fase. Portanto, além do GTT, já vou fazer o pedido de ultrassonografia para ser realizada quando completarmos vinte e oito semanas.

A médica já foi imprimindo os pedidos de exames. Houve um momento de silêncio e por fim Camille perguntou:

— Se tudo estiver bem no próximo ultrassom posso ficar completamente tranquila?

— *Oui*. Pode ficar tranquila desde agora porque está tudo bem com o bebê. O fato de estar grande pode não significar nenhum malefício. Vamos continuar avaliando sistematicamente o perfil morfológico do bebê. Estando tudo bem, o próximo e último ultrassom será com trinta e seis semanas,

uma fase perfeita para se avaliar o desenvolvimento geral do feto, avaliar com maior precisão algumas regiões fetais e detectar anomalias existentes. O coração do bebê nesta fase já se encontra com um tamanho excelente para avaliação das quatro câmaras. Podemos também avaliar os núcleos ósseos de crescimento, como as epífises distais dos fêmures e proximais das tíbias. Nesta fase visualizamos perfeitamente a face fetal e eventuais más formações. O cordão umbilical já é bem visualizado desde o início do segundo trimestre, mas neste período é particularmente fácil a sua avaliação, já que se encontra calibroso. A presença de artéria única no cordão pode estar associada com cromossomopatias e um rastreamento total do feto à procura de anomalias deve ser realizado. Como estaremos próximas do termo, é muito importante o cálculo do peso fetal. Com mais de trinta e seis semanas a avaliação de rotina via ultrassom pode não ser mais necessária, a não ser

nos casos suspeitos de sofrimento fetal, retardos de crescimento, trabalhos de parto prematuros, roturas prematuras de bolsa amniótica e outras intercorrências.

***

Quando Camille completou 28 semanas e três dias de gravidez, eles tiveram um fim de semana bem agitado porque Ethan organizou um jantarzinho simples para comemorar o bom andamento da gestação. Só amigos bem próximos e familiares chegados. Camille não estava para extravagâncias. Na verdade ela teria preferido um jantarzinho romântico somente com Ethan, mas já tinha percebido que estar grávida faz com que a família apareça mais vezes do que de costume. Agora, ao invés de receberam várias visitas em dias diferentes, era melhor oferecer um jantar e todos virem ao mesmo tempo. Camille e Ethan gostavam da

presença da família, mas às vezes era bom estarem só os dois. Como de costume.

Ethan prometeu a Camille que na semana seguinte sairia mais cedo da *Logos* e a levaria ao restaurante que ela quisesse.

Camille concordou com a promessa e então fizeram a festinha em casa. Era setembro e o tempo estava lindo, já com cara de outono.

Ethan ligou novamente para sua mãe. Ela recusou o convite.

"*Mama*, eu posso te dar uma vida melhor. Separe-se de *mio papa*. É hora de você viver sua vida."

"Ethan, o que eu faria sem minha casa para cuidar?"

"Venha ao jantar e conversamos melhor."

"Seu *Nonno* também não aprovaria essa história de separação."

"Você não precisa da aprovação de ninguém."

Depois de uma breve pausa, quase imperceptível, *signora* Giulia respondeu:

"O que seu *papa* faz diz respeito somente a ele; eu não devo me intrometer. E nem você, Eth. As coisas são como são e eu não estou triste. Nada me falta, e nem a vocês."

Ethan ficou quieto.

"*Va bene*", disse por fim.

Num espasmo de raiva, Ethan percebeu que ela sabia da verdade sobre o marido, sobre as traições. Engoliu em seco. Tinha muita raiva e amargura acumulada desde quando era apenas um menino, quando o máximo que podia fazer era vomitar seu idealismo e sua revolta aos patriarcas da família.

O *Nonno*, por incrível que pareça, tinha conseguido abrir pequenas brechas nas tradições e nos costumes; ouvia Ethan e suas ideias sobre igualdade de direitos com boa vontade, até com interesse.

Já o pai era irredutível. Um posicionamento que realmente intrigava. Um fenômeno interessante. Mesmo nascido na França e sendo um homem estudado, manteve arraigados aqueles pensamentos bovinos e patéticos, retrógrados.

Durante sua juventude teve apenas dois curtos relacionamentos com mulheres francesas e, decidido, fez questão de cursar a faculdade de engenharia na terra de seus ancestrais. De lá trouxe uma noiva. Giulia, a mãe de Ethan. Muito jovem. Sulista. Submissa, cordata, de poucos estudos, devota ao Catolicismo, virgem, criada para obedecer ao marido. Não havia nada que o filho dela pudesse fazer agora. Apesar das brigas homéricas que já tinha criado.

Seria muito difícil que ele conseguisse perdoar o pai.

⁂

Durante o dia tudo correu normalmente para os dois. De manhã, Ethan foi para a *Logos* e Camille acordou tarde, ficando em casa para organizar novas peças do enxoval. Mais tarde, disposta a fazer uma aula de hidroginástica na academia, que era o único tipo de exercício que ela estava liberada para fazer, excetuando as caminhadas leves e um pouco de dança, desde que fosse suave. Almoçou na própria academia, respeitando as orientações da médica. Ingeriu carboidratos em quantidade moderada, proteínas, pouca gordura, bastante salada verde para garantir as fibras, suco de fruta natural. Para fazer a digestão, já que tinha certo tempo até a hora da aula, resolveu passar na sapataria onde tinha mandado fazer seu sapato para a festa de formatura, dali dez dias. Tinham-lhe telefonado dizendo que estava pronto.

Como estava proibida de usar salto alto, como gostava, uma vez que poderia tomar um tombo feio, foi muito difícil encontrar um sapato que lhe

agradasse e à altura de sua formatura como estilista. Seu eixo de equilíbrio já não era o mesmo, por isso ela estava com dificuldades de encontrar os sapatos bonitos e elegantes que desejava. Não estava disposta a usar sapatilha com seu magnífico vestido — o que definitivamente não combinaria — e então resolveu mandar fazer um belo par de sapatos com salto sabrina.

Popularizados no início dos anos 1960 nos pés de Audrey Hepburn no filme "Sabrina", eles acabaram associados a refinamento. Sem passar dos cinco centímetros de altura, deve ser fino e ter o cabedal delicado. Altura perfeita para calças de todas as alturas (inclusive as curtas e *shorts*), saias curtas, *Chanel* e midi, além de vestidos, que era o seu caso.

O vestido era preto e azul marinho, e foi confeccionado por ela mesma. O mais importante era manter o caimento perfeito e acomodar bem a barriga. Naturalmente os sapatos tinham que acompanhar bem aquela vestimenta maravilhosa.

Ela ficou muito satisfeita com o resultado ao vê-los. Tinham sido confeccionados com muito esmero e capricho (o dono da loja — *designer* de calçados — quisera saber para qual ocasião se destinaria sua criação e ficou muito satisfeito que seus sapatos desfilassem nos delicados pés de uma jovem estilista. Ele mesmo confeccionou a obra-prima).

Camille acompanharia o conjunto com joias *Bvlgari*, famosa por suas criações exuberantes. Ethan gostava muito de pesquisar a história de certos ícones do mundo das joias e há certo tempo pretendia presentear a esposa com uma joia *Bvulgari*, que encantara celebridades e realeza por décadas. Mas esperava a ocasião certa. Uma joia tinha que ter significado, e o significado acabou sendo a colação de grau numa das melhores escolas de moda da França. Sem dúvida, era muito especial.

Sabendo que o vestido de Camille era azul-escuro e preto, Ethan presenteou-a com brincos de

pingentes *Déco*-inspirados com turquesas, safiras e diamantes, junto com o perfume *Rose Essentielle* já que Camille gostava muito da fragrância de rosas em perfumes.

Assim ela teve suas primeiras joias da marca que começou com o famoso ourives grego do século XIX, Sotirio Voulgaris,

Depois de sair da loja, ela se encaminhou para a *pick-up*, parada poucos metros adiante. A rua era tranquila. Ao abrir a porta, chamou-lhe atenção um carro esportivo preto, todo filmado, parado do outro lado da calçada bem em frente à sua *pick-up*. Era um modelo que não se via com frequência.

Camille abriu a porta do carro, ajeitou-se no banco com a barriga, pôs o cinto. Assim que deu partida observou que o carro esporte, cujo motorista deveria estar dentro, deu a partida também e aparentemente veio atrás dela.

“Ora... é só alguém que está indo para o mesmo lugar que eu, pegar a avenida.”

Mas ela ficou de olho no tal carro, que vinha virando as mesmas ruas e esquinas, logo atrás.

"Deve ser coisa da minha cabeça."

Por via das dúvidas, parou num posto de gasolina. O carro preto parou também, ao lado dela. O frentista veio atendê-la:

— *Bonne aprés-midi*. Devo completar?

— *Oui* — falou Camille sem nem olhar para o rapaz. Ficou olhando o carro esporte de soslaio, mas não conseguia enxergar quem dirigia por causa dos vidros filmados.

Depois de ficar parado ao lado dela por um tempo, sem abastecer, o carro esporte foi embora. Camille ficou encafifada, mas encarou a situação como um fato isolado.

Mais tarde já nem estava dando importância, e aproveitou o encontro com a família e amigos, em casa.

***

Sete dias depois da comemoração, Camille estava de tarde fazendo compras para casa em um dos *Marchés* que funcionavam perto da academia, depois da aula de hidroginástica. Aproveitava a facilidade de localização e a variedade de queijos, frutas e verduras frescas em quantidade. Ela fazia questão de primar pela qualidade que esses estabelecimentos ofereciam, além de aproveitar itens próprios da estação, como nozes frescas, aspargos silvestres, trufas, alcachofras, morangos.

Um dos prazeres de comprar na França é que as pequenas lojas especializadas em comida ainda florescem à margem dos novos e grandes supermercados.

Camille tinha ido comprar só o essencial, deixando para fazer as compras mensais junto com Ethan. O essencial era mais filé *mignon* e coraçõezinhos de frango para comer cru (sua reserva tinha acabado), além de chocolates, sorvete e *thé* de jasmim.

Ela reparou num homem alto, forte, de cabelos louros e compridos que batiam abaixo dos ombros. Tinha o semblante sério e estava vestido com calça preta e camiseta preta de mangas longas, além de óculos escuros dentro do *marché*; a figura chamou atenção de Camille, especialmente porque ele empurrava um carrinho vazio.

Olhando pelos espelhos côncavos colocados na extremidade dos corredores, ela podia ter visão do corredor inteiro, e observou, lá pelas tantas, que ele estava vindo atrás dela. Por onde andasse, o homem vinha também, e nada de pôr coisa alguma no carrinho; só ficou virando atrás dela pelos corredores, ostensivamente. Com o rabo do olho ela reparou no relógio enorme de ouro, talvez um *rolex*, e também na grossa corrente de ouro que ele usava sobre a camiseta preta, com um medalhão esquisito.

Ela já estava pensando em informar a segurança do local, só que, de repente ele sumiu. Camille

suspirou de alívio.

"Mais uma coisa da minha cabeça... graças a Deus! Foi embora, não era nada."

Mas quando ela estava na fila do caixa, reparou no homem louro parado do lado de fora do *marché*, olhando diretamente para ela. Assustada, pediu ao segurança do estabelecimento que a acompanhasse para colocar as compras no carro. O homem prestou-lhe aquela gentileza e Camille foi embora, procurando com os olhos o louro, mas não o viu mais.

***

Camille entrou na 30ª semana de gestação. Quase terminara de pintar a linda árvore com passarinhos na parede principal do quarto do bebê. Os móveis chegaram e o quarto estava muito aconchegante. O berço ovalado branco foi arrumado com o *kit* de berço feito sob medida, também com motivos de passarinhos. A cômoda recebeu o pequeno

colchão-de-trocar combinando com o *kit* de berço, conjunto de porta-fraldas e utensílios para higiene. O guarda-roupa tinha sido arrumado por Camille com todo esmero e alegria: todas as roupinhas foram entregues a *madame* Verdoux para lavá-las e passá-las, e agora estavam rigorosamente organizadas nas gavetas e cabides, junto com os lençóis e mantas que Camille adquiriu. Brinquedos e bichos de pelúcia davam vida e colorido ao quarto.

A reforma do banheiro estava em vias de terminar. Faltava somente a pintura do teto. Tinha ficado maravilhoso e muito diferente, todos os azulejos em tons diversos de azul-turquesa e verde, imitando o fundo do mar. A cortina supercolorida com motivos marinhos Camille confeccionou ela própria. Estava realmente contente por ter feito todas essas coisas com antecedência porque agora, com a barriga mais volumosa, ela naturalmente se sentia mais cansada. Diminuiu as idas à academia e

optava por nadar em casa, pela manhã ou à tarde, quando não ia para a hidroginástica. A piscina deles — um agradável espaço de 20 metros de comprimento, dividido em duas raias que terminavam numa porção mais larga e mais rasa — era mantida impecável por *monsieur* Verdoux. Quanto a se exercitar por meio da dança, estava mais complicado: não podia dançar muito, apenas os ritmos mais lentos; era mais um trabalho para manter a mente sã do que um trabalho aeróbio propriamente dito. Porém ela mantinha esses exercícios diariamente e aproveitava para fazer bastante alongamento.

Naquela tarde foi exatamente isso que Camille fez. Primeiro aproveitou para tomar um pouco do sol ameno, usando bastante filtro solar, num biquíni vermelho vivo com argolas douradas. O cabelo encaracolado, cheio de cachos sedosos, estava preso displicentemente com o palitinho chinês que Camille ganhara de Alannah, depois de

ser também besuntado com protetor contra raios solares da *kérastase*. O rosto ganhou cuidado especial com protetor facial FPS 100.

A piscina ficava no meio do jardim dos fundos, um lugar muito agradável, com plantas e flores em abundância, e um caminho de pedras por onde se podia chegar até o caramanchão. Debaixo do caramanchão tinha uma balança de dois lugares que Camille adorava (e que *monsieur* Verdoux era orientado a manter absolutamente limpa). Depois de tomar sol que nem uma lagarta, Camille fez sua atividade física nadando 45 minutos, devagar. A barriga já incomodava pelo tamanho. Em seguida foi para o banho. Uma chuveirada morna deixou-a plenamente bem, e ela foi para o quarto do bebê dar os últimos retoques em sua pintura. Fazia devagar, sem pressa, caprichando nos últimos detalhes. Ethan não queria Camille subindo em escadas periclitantes, por isso as paredes foram pintadas pelo filho dos Verdoux, que entendia do

assunto. O moço ganhou pelo serviço e Ethan ficou despreocupado, sem ser assaltado por imagens de sua bela esposa despencando escada abaixo, enquanto ele estava ingenuamente no serviço.

Enquanto pintava, Camille escutava música no aparelho de som portátil e deixava a mente vagar. Ela estava diferente. *Porquoi*? Seria somente a gravidez? Já tinha conversado com a doutora Ross, mas ela não parecia dar muita importância, embora também não desprezasse. Dizia sempre que era psicossomático, que ela estava ansiosa com a gravidez, que seus exames estavam bem e que, apesar de terem revirado procurando algo de anormal na saúde dela e do bebê, nada se constatara até agora. Ele era grande. O GTT veio normal: nada de diabetes gestacional; isso deixou o casal bem mais sossegado. O quarto ultrassom foi também realizado com sucesso, com 28 semanas e três dias de gestação. Todos os parâmetros importantes foram avaliados, e não se encontrou nenhuma má-

formação ou qualquer problema com a vitalidade fetal; o bebê se movia bastante, os batimentos cardíacos estavam dentro dos limites da normalidade e não havia sinais de insuficiência placentária. O líquido amniótico estava um pouco acima do esperado, mas nada sugestivo de problemas. O peso do bebê, entretanto, era muito significativo: 2255 gramas, o esperado para cerca de 34 semanas de gestação, ou mais. Isso sem dúvidas geraria uma mudança de conduta por parte da doutora Ross.

O excesso de peso do bebê despertava dúvidas quanto à sua causa. A macrossomia fetal (feto grande) tem interesse clínico por diversos motivos, tanto relacionados ao feto quanto à mãe. O feto grande demais pode sofrer morte intrauterina. Na hora do parto, pode sofrer asfixia. A quantidade de líquido amniótico pode ser excessiva, caracterizando o polidrâmnio, o que poderia culminar numa rotura prematura de membranas e

trabalho de parto prematuro. Em se tratando de parto, as vias normais podem ser muito difíceis — ou impossíveis — por não haver espaço suficiente para o bebê passar; isso levaria a traumas esqueléticos, como a fratura de clavícula, e até paralisia cerebral por *déficit* de oxigênio na hora do parto. Além disso, logo após o nascimento, no período neonatal, os macrossômicos têm frequência aumentada de hipoglicemia, hiperbilirrubinemia (que se não tratada pode ter sérias consequências) e outros distúrbios metabólicos e eletrolíticos. A síndrome do desconforto respiratório e sobrecarga no coração, quando o feto é prematuro, favorecem a morte perinatal. Os efeitos tardios da macrossomia e da alteração metabólica do meio intrauterino incluem obesidade, alterações de colesterol, pressão alta e diabetes *mellitus* na vida adulta.

Quanto às complicações maternas, pode haver pressão alta gestacional, aumento nos índices de

cesarianas, eletivas ou de emergência, traumas e infecções no canal de parto, hemorragias e retenções placentárias. Estes são alguns dos problemas comumente associados à macrossomia fetal.

***

O mais estranho não era o tamanho da criança. O mais estranho *mesmo* eram as coisas que ela sentia, as coisas pelas quais se interessava e que não pareciam nem vir dela. Apesar de o desejo pela carne crua ter feito com que ingerisse quilos de filé *mignon* com manjericão, alecrim e páprica, além de coraçõezinhos de frango, isso era o de menos. Mesmo sem ter assassinado mais nenhum ser vivo para beber o seu sangue, agora Camille tinha uma fixação com a morte. De onde tinha saído aquilo? Ninguém sabia, nem mesmo ela. Era totalmente bizarro alguém que está gerando uma vida, alguém

que está cheia das sensações da gravidez, de repente, estar fascinada pela morte.

Camille sempre foi de evitar entrar em contato com qualquer tipo de violência. Fosse por jornais, livros ou revistas, fosse pelo noticiário na TV, fosse através de filmes ou pela boca de outras pessoas. Fazia-lhe mal. Ela não gostava nem de escutar, ainda mais se a violência fosse contra crianças ou animais. Aquilo ficava grudado em sua mente como um marisco aderido à pedra do mar, perturbando-a, e nunca mais era realmente esquecido. Mas agora, estranhamente, ao rodar os canais procurando algo para assistir, numa das ausências de Ethan por causa das viagens, ela terminara por assistir um documentário sobre a morte na cadeira elétrica; e aquilo não lhe trazia perturbação; antes uma sensação de fascínio estranha, cruel, atordoante.

Passou a se interessar — e pesquisar — sobre a morte por decapitação na Idade Média. A

crueldade era tanta que, naquele minuto em que o cérebro da pessoa ainda estava vivo, e ela ainda podia enxergar, os algozes pegavam a cabeça decepada e lhe mostravam o corpo mutilado. Ela pesquisava sobre como funcionavam os instrumentos de tortura usados na Inquisição, e cada vez que pegava o computador para responder seus e-mails, acabava atraída por assuntos desse tipo.

Tomou ciência sobre personagens como Vlad Tapes, Hitler, Jack estripador, adentrando na mente doentia de pessoas como essas, de psicopatas, e tomava consciência da destruição que causaram.

Noutra ocasião, assistiu um documentário sobre a confecção de roupas com peles de animais — o que era muito triste e horroroso de se ver, uma vez que há grande sofrimento por parte dos bichinhos.

Ethan não entendia aquela fascinação. Camille às vezes não parecia mais Camille. Se por um lado continuava a moça alegre de sempre, agora usava

sua inteligência para entrar nesse mundo de sombras. E quando ele a questionava, ela não sabia explicar, apenas dizia que tinha vontade de ver e aprender sobre aqueles assuntos. Durante a noite, muitas vezes queria comer coração de frango, cru. Depois da primeira empreitada madrugada adentro procurando a iguaria, Ethan optou por ter sempre em casa os corações, junto com o filé *mignon*.

Ethan se questionava profundamente sobre como ela podia estar tão obcecada por pensamentos de morte, e ficou aflito, imaginando se isso não influenciaria a personalidade do bebê. Resolveu, num impulso, tentar estimular o lado maternal de Camille trazendo para casa um filhote de *golden retriever*: Lindo, fofo, babão...! Camille se apaixonou por ele de imediato. Isso viria a preencher um pouco a lacuna que os gatos tinham deixado.

Desde que ela começara com aquela obsessão pela morte parece que alguma coisa mudou dentro

dela, e os gatos, antes tão dados, agora custavam a se aproximar. Mesmo Morango, o companheirinho de todas as horas, não se aproximava de Camille com facilidade, e se ela o pegasse no colo, ele logo descia. Os animaizinhos pareciam incomodados perto dela, e com frequência miavam estranho, todos juntos, sempre às três da manhã — exatamente como daquela primeira vez em que acordaram Ethan. Camille sentia falta da companhia dos bichanos e não entendia o afastamento. Chorava, procurava dar carinho, comidinhas especiais, mas eles continuavam fugindo dela.

Mais uma vez, a culpa foi da gravidez e dos hormônios. Mas era só um paliativo. Ethan e Camille evitavam pensar no por quê do estranho comportamento dela, e também no dos gatos.

⁂

Como Camille ficava extremamente preocupada com o peso do bebê, assim como Ethan, a doutora Ross optou por um *screening* ainda mais apurado: a realização de um cariótipo fetal, para avaliação de cromossomopatias. O cariótipo é um exame que estuda o DNA do feto.

Como toda gestante, independente da sua idade, tem algum risco de ter um bebê com anomalia genética, foram criados métodos de rastreamento universais, a saber: ultrassonografia morfológica de primeiro trimestre com medida da translucência nucal, exames de sangue maternos e ultrassonografia morfológica do segundo trimestre. Tudo isso Camille fez. Na verdade ela já tinha feito três ultrassonografias morfológicas.

No pré-natal, as indicações do estudo de cariótipo são bem definidas. Exames de sangue materno alterados é uma indicação: por exemplo, a dosagem aumentada de alfa-fetoproteína está relacionada à presença de más formações

estruturais fetais, principalmente do sistema nervoso central. Já a alfa-fetoproteína diminuída, juntamente com a gonadotrofina coriônica humana aumentada e o estriol não conjugado baixo (teste triplo), está fortemente associada à síndrome de Down. Os exames de Camille estavam normais.

Outra indicação seria por alteração na ultrassonografia fetal — dependendo do tipo de má-formação, a análise do cariótipo pode diagnosticar a causa cromossômica, em até 30% dos casos. Outras indicações seriam idade materna avançada, antecedente de presença de rearranjo cromossômico num dos pais, gravidez anterior de uma criança nascida com anomalia cromossômica por ansiedade materna, o que seria mais raro, mas não impossível.

A extrema ansiedade da mãe, nesse caso, seria indicação ao exame. Na presença da macrossomia, a médica considerou que a avaliação seria benéfica.

O objetivo principal, com a normalidade do teste, era tranquilizá-la.

— A forma de coletar o material para o estudo dos cromossomos do feto é diferente, de acordo com o avançar da gestação. O estudo do cariótipo fetal pode ser feito com vários materiais: vilosidade coriônica, líquido amniótico ou sangue fetal. No primeiro caso, feito entre a 11ª e a 14ª semana, obtemos tecido fetal a partir de biópsia da placenta, tanto por via transcervical como transabdominal. A grande vantagem da vilosidade coriônica em relação à amniocentese — o segundo método — é permitir o diagnóstico numa fase mais precoce da gestação. O risco de abortamento pelo procedimento é baixo, aproximadamente 1% acima da perda espontânea esperada nesta idade gestacional. A amniocentese é a punção em que se retira uma amostra de líquido amniótico por via transabdominal. Este líquido contém células de origem fetal que podem ser cultivadas para testes

diagnósticos. A amniocentese é geralmente realizada entre a 15ª e 20ª semanas de gestação ou até mais precocemente, em alguns casos. Retira-se cerca de 20 ml de líquido, que é colocado em cultura. A acurácia da amniocentese para detecção de anomalias cromossômicas é superior a 99%. O risco de abortamento varia de 0,5 a 1,0%.

Camille e Ethan ouviram atentamente todas as explicações. A médica explanou, então, como fariam o cariótipo do bebê de Camille.

— Quando estamos com a gestação mais avançada, utilizamos sangue fetal extraído do cordão umbilical. Esse procedimento é chamado cordocentese. O sangue é colocado em cultura por 48 a 72 horas para análise do cariótipo.

— Que complicações esse procedimento teria, doutora? — indagou Ethan, preocupado. — Será que se justifica mesmo fazer esse exame?

— Ethan, eu prefiro fazer — disse Camille. — Prefiro ter a certeza de que tudo está bem. E se eu

não faço o exame, e depois alguma coisa pior acontece?

— Vejam bem: as complicações do procedimento em si geralmente são difíceis de avaliar. O risco fica em torno de 1% a partir das 29 semanas — explicou a médica.

— Pesando risco-benefício... — disse Ethan.

— O melhor é fazermos o exame — afirmou a médica. — Avaliamos melhor a macrossomia e Camille fica em paz, afinal, ainda temos mais dez semanas de gestação. É bastante tempo. No entanto, é claro que vocês podem pensar a respeito; podemos fazer o cariótipo a qualquer momento.

— Eu quero mesmo fazer — disse Camille firmemente.

— A senhora está plenamente de acordo? — fez Ethan, ainda com semblante sério.

— *Oui*. Podemos fazer o exame.

***

Embora tivesse descartado de vez o padre Joaquim e suas ideias fantasiosas, Camille continuava, por via das dúvidas, acendendo as velas para São Jorge. Isso não impedia que por vezes ainda acontecessem coisas estranhas. Não havia mais sonhos — ou o que quer que fossem. Aquela mórbida fixação com a morte também tinha praticamente desaparecido. A única coisa que realmente ainda perturbava Camille era aquela contínua sensação de estar sendo vigiada. Era uma sensação indistinta, mas muito frequente. E quando ela olhava, procurando por algo ou alguém, nada via. Algumas poucas vezes acontecia o contrário: ela de fato via (ou pensava que via).

Foi assim na madrugada do dia em que seria realizado o cariótipo: Camille viu o vulto de um homem muito alto no banheiro da suíte. Ou, pelo menos, pensou ter visto. Ela acordara à noite, inquieta, preocupada com o exame, e sentia muito forte aquela coisa de alguém a observando de perto.

Realmente de perto. Era uma sensação muito forte, quase palpável, fria como gelo. Olhou assustada ao redor, procurando na penumbra do quarto, com a cabeça erguida. Em instantes seus olhos foram atraídos pelo espelho do banheiro, que ela podia vislumbrar em parte ali da cama. Refletido no espelho havia a figura de um homem. Novamente um homem muito grande e muito forte. Mas ele não estava "dentro" do espelho, tratava-se do reflexo de alguém que estava parado atrás da porta do banheiro, e sua imagem era refletida.

Camille sentou-se devagar, como num sonho, piscando os olhos. Parecia ver, parecia não ver, parecia ver, parecia não... apertou a vista. Estava lá, tinha certeza absoluta desta vez. Reuniu toda sua coragem e, por fim, levantou o mais rápida que pôde, decidida. Caminhou até o banheiro. À medida que se aproximava, com certa dificuldade por causa da barriga enorme, continuava vendo o vulto; via seus olhos avermelhados como tochas e

quase era possível vislumbrar um sorriso estranho. Ela acendeu a luz de supetão. Nada. Ele tinha desaparecido. Mas o cheiro do banheiro estava esquisito. Aquele mesmo cheiro nojento, almiscarado. Ela tinha vontade de vomitar. Camille estava mais irritada que amedrontada. Tinha certeza absoluta de que não se tratava de um sonho. Fechou a porta com um estrondo — já que estava sozinha em casa — mas quando voltou para a cama, continuou sentindo a presença de alguma coisa que podia observá-la.

⁂

Logo o cachorrinho — Mel — passou também a evitar a dona. Agia diferente quando ela estava por perto, dando impressão de ver — ou sentir — alguma coisa perto dela, o que o amedrontava. Então ele se afastava quando Camillle tentava acariciá-lo, grunhindo, com o rabo no meio das

pernas, e às vezes até fazia xixi no chão de tão apavorado.

Ethan e Camille não sabiam o que pensar. Era até constrangedor.

— Ele está me estranhando por causa da barriga. Ou então, estou com algum cheiro diferente por causa dos hormônios. Lembra aquele documentário que vimos sobre cães poderem farejar urina com células cancerosas? Os cheiros são para os cachorros o mesmo que as cores são para nós.

— Vai ver! — admitia Ethan, sem muita ênfase, o rosto conturbado. — Você está mesmo com uma forma de bola. Vai ver é uma bola que não está com cheiro bom.

— Ou então... — Camille comentou com tristeza — vai ver ele não gosta do meu bebê.

O ponto dificultoso era que os animais tinham o comportamento totalmente normal quando Ethan estava só. Não havia explicação.

É bem verdade que Camille estava com a barriga enorme, cada vez maior, e não adiantaram os hidratantes. Estrias arrebentaram sua pele branca, trazendo-lhe lágrimas e sofrimento. E o modo de se movimentar daquele bebê! Primeiro, ele se mexia muito; Camille agora tinha a sensação de ter cinco bebês, ao invés de um só. E, depois, eram movimentos muito fortes, ou, então, muito amplos! Ela podia sentir o braço dele se mexendo de um lado a outro dentro do útero, o pé empurrando sua musculatura abdominal e pélvica, empurrando os órgãos adjacentes com força. Aquilo era normal? Era como se ele estivesse inquieto, esforçando-se para sair daquele lugar cada vez mais apertado, querendo arrebentar tudo que estava à sua frente, e sair, sair, sair! Camille sentia-se temerosa, como se soubesse que ele podia machucá-la.

***

A cordocentese — coleta de sangue do cordão umbilical — foi realizada sem intercorrências três dias depois da última consulta com a doutora Ross. Camille descansou o restante do dia e a cicatrização da punção ocorreu sem anormalidades. O material ficaria cerca de 48 a 72 horas em cultura, para depois ser examinado.

Depois de ter dormido bastante à tarde sem se preocupar com nada, já que Ethan estivera trabalhando em casa, para ficar com ela, Camille entrou no quarto do bebê e, muito satisfeita, ficou olhando cada coisinha; estava quase tudo terminado. As prateleiras quadradas e redondas tinham sido instaladas, o tapete que ela encomendara havia chegado. Sobre o berço ovalado ainda havia coisas para serem acomodadas, pois Camille ganhara muitos presentes no último final de semana, no chá de bebê que Pietro organizou junto com Alannah. Fora ideia de Pietro. Eles organizaram uma festa-surpresa no jardim de

Camille — aproveitando o tempo agradabilíssimo do início de outono — e chamaram tanto moças quanto rapazes (outra ideia de Pietro), acentuando que levassem presentinhos *tres jolies*.

No dia do chá Marcel, a mando de Alannah, em conluio com Ethan, fizeram o possível para tirar Camille de casa sem que desconfiasse de nada; na ausência dela um grupo de amigos fez a decoração da festa no jardim, coordenados por Alannah e Pietro. Phillipe, junto com sua *drague*, a estagiária, apresentava um ar meio constrangido com tudo aquilo e pensava ainda em Alexandra, mesmo que não quisesse admitir.

De volta a casa, Camille tomou um susto e ficou muito emocionada ao ver a mesa lindamente arrumada ao lado da piscina, com toalha azul, muitas flores, e montes de balões azuis e prateados esvoaçando. Colocou as mãos sobre a boca, estupefata, sentindo o braço forte de Ethan deslizar ao redor de sua cintura enquanto todos gritavam

“surpresa”; ela secou algumas lágrimas sinceras: andava mais sensível do que de costume.

“Mas o que estamos comemorando agora?”, ela perguntou.

“Ora, é o seu chá de bebê, *Darling*!”, Pietro a abraçou pelo pescoço já que os braços de Ethan insistiam em permanecer na cintura de Camille.

“Vamos aproveitar! Primeiro os presentes.”

“*Mince alors*, quanto presentes!”

Eles tinham sido arrumados sobre outra mesa, menor, ao lado da principal.

“Mas chás de bebês não são somente para garotas?”, indagou Camille para Alannah, que também tinha se aproximado para abraçá-la.

“Ideia de seu amigo. Disse que assim você ganha mais presentes e todos podem participar.”

“Pietro e suas ideias”, ela riu. “Já não há espaço na casa para tantos presentes.”

“*Hé*!”, reclamou Ethan, enciumado. “Eu ajudei em tudo, sabia? Pensa que só Pietro é organizador

disso? Quem você pensa que pagou pelos balões?"

"*Mon amour*... claro que eu sei disso."

A tarde foi muito agradável, cheia de brincadeiras.

***

Ao olhar para o monte de coisas em cima do berço Camille lembrou-se do chá de bebê e sorriu de si para si. Particularmente de seu agrado fora o cobertor ovalado que *madame* Lyla mandara fazer, creme com bordados marrons, e o boneco enorme de pano de *le petit prince* que tinha bolsos enormes, para pendurar na porta do quarto ou no berço, presente de Pietro. O quarto de hóspedes ainda estava cheio de brinquedos, utensílios para bebês, roupinhas e acessórios que Camille não tinha conseguido acomodar. Era coisa demais!

Signore Arthuro dera o dinheiro prometido a Ethan e as ações foram colocadas no nome do bebê: Isaac Kilaim Mastrangello.

A escolha do nome era mais ou menos recente e tinha sido bem peculiar: Ethan sempre desejara Isaac, porque era o nome do filho de Abraão e Sarah. Quanto ao outro nome, Kilaim, Camille tinha sonhado com ele. O sonho — diferente da maioria dos que tivera durante a gestação — tinha sido suave e doce. Um belíssimo jardim com árvores gigantescas, muitas árvores... um caminho cheio de flores das mais diferentes cores e formas que dava nas águas mansas de um rio cristalino, que refulgia... brilhava tanto pela luz que incidia nele que ela tinha que proteger os olhos com as mãos. Era tão bonito... não pôde resistir ao seu encanto e entrou nas águas frescas. Foi andando, correndo os dedos pelas águas, brincando com os peixes tão coloridos. Depois nadou, e sentia-se leve como uma planta aquática boiando para lá e para cá. Na outra margem o jardim continuava, e ela estava impressionada pela profusão de espécies de plantas e animais. Foi então que viu uma árvore

imponente, majestosa, absolutamente frondosa, cheia de frutos. Ficou atraída por ela.

Camille correu para perto da árvore e pegou um dos frutos nos galhos mais baixos; ao comê-lo, sentiu o sabor doce do sumo que escorria pela boca, um sabor incomparável. Depois de comê-lo, ouviu alguém falando com ela; parecia que a voz vinha do meio da folhagem, lá em cima. Ela ergueu a cabeça e procurou pelo dono da voz, mas não encontrou. Era uma voz mansa, masculina, que lhe disse: "Chamarás teu filho Kilaim, e o conduzirás pelas veredas da vida até o dia em que ele possa caminhar sozinho".

Quando acordou do sonho, sentia na boca o sabor doce do fruto que comera, muito leve, já distante. O estômago, entretanto, doía-lhe um pouco. Ela tomou medicação para a dor e se alegrou com o nome.

⁂

Camille desceu as escadas, sentindo falta dos animais, e foi para o escritório em busca do marido. Quando passava pela cozinha o telefone tocou; como Camille estivesse ao lado da extensão, atendeu ali mesmo. Antes que tivesse chance de pronunciar qualquer coisa, uma voz grave de homem veio pelo aparelho:

— Camille.

— *Oui*? — ela não sabia quem poderia ser.

— Só quero saber se você está bem.

— Quem está falando? — ela perguntou.

— Você foi escolhida dentre as estrelas. Nós podemos rastrear o seu brilho, por onde quer que você ande.

— Se você não me disser quem é, vou desligar o telefone — retrucou ela, brava.

— Eu sou aquele que vai amparar a sua queda. Aquele que te protegerá da sombra.

— Já sei quem você é. Você é um maluco. Aquele que será internado num hospício. Estou

desligando — e bateu o telefone, irritada.

Ela não fez uma associação consciente com o fato de aparentemente ter sido seguida por duas vezes.

***

Mais uma semana se passou. Camille estava com Alannah e *madame* Lyla fazendo compras. Alannah tinha deixado sua bebezinha a encargo da mãe naquela tarde para poder respirar um pouco. Camille testava aprendendo com a cunhada os primeiros cuidados com bebês, e já tinha ideia do que a esperava.

As três saíram da última loja que desejavam ver naquela tarde e foram se encaminhando para o estacionamento. Estavam com o carro de Alannah, para poupar Camille de dirigir. Ao lado do carro dela estava parado o carro esporte preto, de novo. Camille reconheceu o veículo de imediato e

prendeu a respiração. O coração começou a bater rápido.

"Será?", ela refletia sem deixar as acompanhantes perceberem sua preocupação. "Não dá para ter certeza. O modelo não é comum, parece ser exatamente o mesmo, mas eu não tenho a placa."

Alannah, sempre sensível, foi a primeira a notar o semblante tenso de Camille.

— *Quest-ce que c'est*? — indagou.

A *Grand-Mére* olhou e concordou que Camille estava estranha:

— Você está pálida. Está se sentindo bem?

— Estou bem. Foi só uma tontura. Já passou.

Entraram no carro; Alannah deu ré e mais uma vez Camille não conseguiu ver o semblante do motorista. Todavia, tinha a forte impressão de que ele estava ali por causa dela, exatamente como das outras vezes. Qual a probabilidade de encontrar o mesmo veículo três vezes, num curto espaço de tempo?

Desta vez Camille memorizou a placa e, uma vez dentro do carro de Alannah, pegou um pedaço de papel na bolsa e anotou. Não comentou nada com ninguém.

9

Mariage

Dia seguinte era sábado, Ethan tinha reunião extra com a diretoria. Camille acordou mais tarde e ficou um tempo quieta na cama, deitada de lado por causa da barriga, observando os raios de luz que se filtravam pelas venezianas. Gostava daquelas manhãs em que podia ficar sozinha em casa, e sabia que restava pouco daquele tempo, pois logo teria o bebê e aquela quietude e sossego não mais existiria. Não daquele jeito.

Observando o quadro “Os girassóis” deixou sua mente vagar, ressuscitando lembranças daquela época, do começo do casamento. Sua vida estava para mudar para sempre, e embora ela e Ethan tivessem esperado muito por um filho, e se alegrado com o milagre de sua concepção, os quase sete anos de casamento tinham sido especiais, somente com eles dois. Era impossível não pensar que aquilo ia mudar de forma irreversível. Para sempre.

Camille passou de “Os girassóis” para um quadro que fora pintado a partir de uma fotografia dela, vestida de noiva. Tinha sido presente de Pietro, e foi uma honra aceitar uma pintura de um artista que ela considerava tanto. Por isso não questionou quando ele lhe pediu uma das fotos dela para transformar numa pintura. Ela escolheu uma das mais bonitas e o resultado foi surpreendente; uma tela suave e belíssima, com tons que pareciam refulgir. O rosto e os olhos se mostraram muito

expressivos, o vestido estava fluido, etéreo, junto com o *bouquet* que se destacava. Traduzia perfeitamente o momento captado pela foto, mas a mágica da pintura ia além. Uma foto capta um momento no tempo; uma pintura não só o momento, ela capta a emoção do artista diante do que ele está vendo, a emoção que o cenário lhe provoca, e isso nenhuma foto pode traduzir perfeitamente. A pintura de Pietro expressava parte do que ele sentira no dia do casamento da melhor amiga, parte do amor que ele lhe dedicava, a forma suave como ele a enxergava. E isso era mágico!

Camille tinha simplesmente amado a pintura. Olhava para ela muitas vezes por dia, e sempre sorria ao vê-la.

Naquela manhã, porém, enquanto a apreciava, de repente já não a estava vendo.

Ela via uma porta sendo aberta e um salão indescritivelmente adornado. Havia muitas pessoas olhando para uma moça lindíssima, mas ela não via

ninguém. A luz a ofuscou por alguns instantes, e então seu olhar procurou o de seu amado. Ele estava lá! — com as mãos cruzadas na frente do corpo —, igualmente procurando por ela. Os olhos de ambos se encontraram à distância, e eles sorriram, um sorriso de amor.

***

Logo depois do noivado, Camille e Ethan sabiam que tinham que reservar o local do casamento com a devida antecedência, e naquela mesma semana foram a Paris visitar três de suas opções. Dois hotéis eram na própria *Champs-Elysées*: o Hotel *Champs-Elysées Plaza* e o *Paris Marriot Champs-Elysées*. Queriam um lugar bonito e vistas bonitas também, especialmente de *L'Arc du Triumph* e de *la Tour Eiffel*. Entretanto o primeiro não tinha um salão de festas à altura e o segundo, embora com um belo salão, possuir a facilidade de oferecer serviço de *buffet* e assessoria para casamentos, e

estar próximo a belos pontos de Paris não caiu exatamente no gosto da noiva. Ela achou a decoração interna do hotel um pouco moderna demais, um tanto fria, pouco aconchegante; não gostou do estilo da suíte nupcial e, o mais importante, o lugar não rescendia a arte. Além de desejar um ambiente com mais mistura de texturas e cores quentes, ela fazia questão de ambientes repletos de arte. Afinal, estava em pleno andamento na faculdade de *Beaux Arts* e só pensava em arte, arte, arte; não se conformaria com um casamento num lugar que não respirasse arte.

Já o noivo fazia questão de um lugar elegante e sofisticado, é verdade, mas com serviço de primeira qualidade. Ele teria optado pelo *Marriot*. Um hotel cinco estrelas em plena *Champs-Elysées*; que mais poderia querer? Claro que a visão dele era mais prática, e a de Camille, romântica. Por isso foram visitar o terceiro hotel.

Acabaram encontrando o lugar ideal: o *Crillon*, numa rua paralela à *Champs-Elysées*, na *Place de la Concorde*, perto do *Musee d'Orsay e da Opera Garnier*, bem como do *Louvre* e *L'arc du Triumph*. Era um local excelente e, nem bem adentraram o recinto, ambos sentiram claramente que aquele era o lugar.

O *Hotel de Crillon* era um dos mais antigos hotéis de luxo do mundo, uma residência que ocupava dois edifícios idênticos.

— Trata-se de um palácio que foi reformado em 1909, com uma história digna de conto de fadas e repleta de hóspedes ilustres, como o imperador Hiro Hito, o rei George V da Inglaterra, o rei Juán Carlos da Espanha e os presidentes norte-americanos Herbert Hoover, Théodore Roosevelt e Rixard Nixoon, dentre outras tantas estrelas — começou explicando o gerente-geral, *monsieur* Antoine Rupeau, que os recebeu amistosamente e passou a mostrar o lugar, contando parte de sua

história. — De certeza, resta o fato de *Le Crillon* ser um dos hotéis mais finos do mundo, enquadrado numa categoria que fica acima dos cinco estrelas convencionais: é um hotel-palácio. Para compreender isto a fundo basta saber que suas visitas ilustres fizeram dele cenário para momentos históricos; que sua localização — ao lado da elegante rua *Faubourg St Honoré* — o torna ainda mais charmoso; e que suas instalações — bar e *cave* frequentados pela nata parisiense — além do prestigioso restaurante *Les Ambassadeurs*, são um convite ao deleite. Seus quartos, suas suítes e as cinco suítes prestígio, são carregados de história. Isso porque, embora o *Crillon* tenha se transformado em hotel em 1909, seu percurso começou a ser traçado muito antes.

Camille e Ethan prestavam atenção por educação, pois sabiam que o homem ia exagerar. Mesmo assim, olhando a fachada, eles gostaram do que viram.

Monsieur Rupeau continuou, servil, mas animado:

— Foi em 1758 que o Rei Luís XV teria encomendado ao maior arquiteto de sua época, Jacques-Ange Gabriel, a edificação de duas fachadas na *Place de la Concorde*. Por trás delas, uma suntuosa residência particular nasceria e seria decorada pelos melhores artistas e artesãos da época. Anos mais tarde, em 1788, ela se torna moradia do Conde de Crillon e de sua esposa, que mantêm a residência na família até 1907, quando a Sociedade das Grandes Lojas e dos Hotéis do *Louvre* cria ali o primeiro *grand palace* de luxo de Paris. O arquiteto Destailleur recebe a missão de reformar o local, conservando a riqueza histórica da decoração e em 12 de março de 1909, com a reforma concluída, o *Hôtel de Crillon* abre suas portas aos primeiros hóspedes. Esse palácio, reformado em 1909 está quase por completar 100 anos.

— É muito lindo! — disse Camille com sinceridade, mal se contendo para ver o interior em detalhes.

O *lobby* era lindíssimo. Colunas douradas, chão de mármore italiano em mosaico e teto ricamente trabalhado formando retângulos em tom marfim, com frisos dourados; os lustres de cristal eram dignos da realeza. Num dos espaços abertos, perto de uma porta imensa envidraçada, com cortinas marfim e douradas, havia sofás de veludo bordô. A porta de vidro dava para um belo pátio. O contraste do bordô com o dourado criava um ambiente elegante, refinado e, ao mesmo tempo, dada a disposição dos móveis, íntimo e aconchegante. *Abat-joures* antigos e lindos, e tapetes suntuosos davam o toque final de requintamento.

Conheceram o resto do hotel: as suítes eram o que Camille estava esperando. Eram espaçosas, a maioria com vista para a *Place de la Concorde*, ou para o pátio interior e jardins. Todas em estilo Luís

XV, ela a-do-rou. Nada daquele toque de modernismo, linhas retas demais, cores frias e muito pragmáticas. Sem o que ela considerava uma boa arte. Ali no *Crillon* não era assim.Os quartos variavam entre marfim e dourado, verde e dourado e azul-claro e dourado, estes últimos os que Camille mais admirou, dada a sua suavidade. Simpatizou tanto com uma das súítes em tom azul que, por ela dispensaria a suíte *prestígio*.

Descendo ao térreo novamente, conheceram a varanda, de onde era possível ver la *Tour Eiffel* — não muito perto, mas os noivos não se preocuparam com esse detalhe. Eles foram em direção ao restaurante e entraram pela parte externa; por aquele pátio que podia ser vislumbrado em parte de dentro do *lobby*. O pátio era uma área muito agradável, situada num nicho acomodado no âmago da arquitetura do *hôtel*, cheio de mesas, repleto de *lierres* pendentes vindas das

floreiras do andar de cima e chapéus-de-sol. Havia estátuas, vasos de árvores e um relógio de sol.

Foi, entretanto, ao entrarem no interior do restaurante, que Camille ficou boquiaberta e decidiu incontinenti que seria ali o seu casamento. Ela olhou para Ethan e viu que ele estava igualmente satisfeito com o lugar.

Era quase surreal. Teto abobadado com pinturas renascentistas retratando uma festa medieval — na verdade, um banquete de reis. A sanca era feita de magníficos rococós de bronze folheados a ouro. Camille e Ethan ergueram os olhos, admirando tudo. Janelas altas com vidros impecáveis estavam cobertas em parte por cortinas claras e suaves em seda e renda, que deixavam filtrar a luz; o ambiente era claro e refulgia por causa dos espelhos enormes e do dourado em toda parte.

Além dos espelhos as paredes exibiam pinturas e muitos quadros do período renascentista, como réplicas de Toussaint Dubreuil, Boticelli,

Michelangelo, Rafael, dentre outros. Camille passou devagar, observando-as, absorvendo cada detalhe, mas, especialmente, a aura do lugar. Era como estar no século XV! Deslizou os pés pelo chão, brilhante, no mesmo estilo do *lobby*, com blocos de mármore italiano alternando tons de marfim e terracota. Reparou que as pedras refletiam o brilho dos lustres. Era magnífico.

A única coisa moderna no ambiente eram as mesas redondas dispostas elegantemente por todo o salão, ricamente adornadas. Camille adorou! Eram perfeitas para uma festa de casamento.

Monsieur Rupeau percebeu que a noiva gostou particularmente dos enormes espelhos, que estavam dispostos justamente para captar o reflexo do sol e dos lustres de cristal.

— Que lustres fantásticos. De onde vieram? — ela indagou.

— Cristal romeno do século XV. Foram adquiridos em leilões por *monsieur* Constantine

Lyncovich, dono do *hôtel* — explicou *monsieur* Rupeau, com seu bigode muito bem aparado, e que estava no *hôtel Crillon* há trinta anos e era conhecedor de cada detalhe.

— Naturalmente *mademoiselle* poderá escolher as cores das toalhas, o tipo de jogo de jantar, a iluminação e todos os tipos de flores e de acessórios — continou o gerente-geral. — Monsieur Lacombe, chefe de nossa equipe especializada em festas de casamento terá muito prazer em realizar todos os seus sonhos.

Camille sorriu. Ethan perguntou:

— Qual a capacidade do salão, com conforto para os convidados?

— Com extremo conforto, *monsieur*, sem encher demais as mesas e aglomerá-las, 400 pessoas. Mas podemos acomodar até 500.

Ethan olhou para Camille.

— Quatrocentas pessoas estão perfeitas, *mon amour*. Nem é necessário tudo isso. Entre 300 e

350, eu imagino, no máximo. Ainda não sei. Mas quatrocentas é um patamar perfeito.

— E quanto à hospedagem para os convidados? Como funciona seu sistema de preços?

Enquanto Camille ainda deslizava pelo salão, admirada, Ethan sentou-se à mesa com o Organizador de Casamentos do hotel, *monsieur* Lacombe, que foi chamado, e passou explicar todos os detalhes logísticos e práticos, além de preços.

⁂

O dia do casamento não foi exatamente a 31 de outubro, como Camille gostaria, mas foi bem perto disso: dia 1º de novembro, o que significava que a noiva tinha acabado de completar 20 anos.

O vestido de Camille era o sonho dourado de toda noiva romântica.

Feito pela estilista Reem Acra, que era conhecida pela sua capacidade extraordinária de transformar o comum em elegante, famosa pelas reformulações

de vestidos de noiva clássicos em vestidos modernos feitos nas mais finas sedas, incrustações intrincadas e bordados exclusivos meticulosamente feitos à mão. Produzia vestidos de noiva modernos, coloridos, em tecidos luxuosos, com padrões muito elegantes e uso das mais exclusivas sedas, apliques e rendas.

Camille não queria parecer a princesa de Gales, desfilando metros e metros de tecido, com tiara na cabeça. *Non*. Nada disso. O que chamou sua atenção nas criações de Reem Acra para noivas foram dois de seus toques marcantes: o uso de bordados em seda e o uso da cor. Camille desejava o romântico e o *chic*, não o exagerado, especialmente por não estar se casando numa igreja, com todos os rococós que isso exigiria. Ela queria um vestido que Reem Acra poderia oferecer, e obteve o que queria: feminino, sensual e moderno ao mesmo tempo, com elegância e *design* impecável, o vestido em organza e seda acetinada

de corte princesa tinha seus toques de modernidade. A seda era lilás profundo, e combinava com o tule lilás em camadas longas que vinham por cima, mas deixava meio palmo de barrado aparecendo: um charme! A saia de tule, etérea e suave, ficou ligeiramente *balloné* por causa da forma como ela foi costurada. Não era um tom de lilás qualquer, do tipo lavanda que faria sucesso entre as madrinhas, mas uma cor viva e forte. Já o *corset,* em organza lilás, com duas alças finíssimas, recebeu intrincados apliques de renda e pérolas. Na cintura, a faixa era da mesma seda lilás. Era um vestido belíssimo e, sem dúvida, com um toque de ousadia.

Nos pés, sapatos clássicos de seda branca e organza *Fendi,* com salto altíssimo. Apesar de Camille ter morrido de vontade de usar um belo Jimmy Choo roxo, sabia que seria demais por causa do vestido que não era branco. E o modelo em seda do *Louboutin* não lhe agradou tanto quanto o

Fendi, o sapato mais di-vi-no que uma noiva poderia desejar.

Seus cabelos estavam presos num coque frouxo e jovial, que lhe dava um ar sonhador, com papoulas brancas enfeitando apenas de um lado; o *bouquet*, pequeno e delicado, bem redondinho e arrematado com um laço de seda lilás igual ao do vestido, levava rosas brancas e azuis. A maquiagem destacava profundamente os olhos esmeraldinos. Talvez fosse a mais bela noiva dos últimos tempos no *Hôtel de Crillon*.

Quando ela começou a andar ao lado de *monsieur* Claude pelo caminho que tinha sido preparado para ela, entre as mesas, onde os convidados estavam em pé, ela sentia os olhares de admiração. Mas queria ver a reação de Ethan, e o olhar dele foi o que lhe bastou para encher seu coração de felicidade. Camille sentia, mesmo de longe ainda, o quanto ele achava-a bela, e o quanto ele a amava. Ela percebia os *flashes* dos fotógrafos

de todos os lados, e a equipe de filmagem a rodeava; mas ela só ouvia a orquestra tocando "*Parlami d'Amore*" e a principal vocal cantando, só conseguia perceber o brilho levemente azulado, levemente lilás das luzes que iluminavam o recinto durante a entrada dela, só conseguia olhar para Ethan, absolutamente perfeito em seu *smoking*, absolutamente perfeito em seu sorriso. Havia muitas pétalas de rosa pelo caminho, a seus pés, e velas cor-de-rosa em profusão por todo o ambiente, em castiçais e candelabros. Óleos aromáticos perfumavam o ambiente com suavidade.

Chegando perto de ethan, ele primeiro abraçou *monsieur* Claude e então recebeu sua bela filha, beijando-lhe suavemente a mão. Braços dados, a música mudou para "*Somewhere over the Rainbow*", na versão moderna de Israel Kamakawiwo'ole.

***

O casamento civil e religioso foi realizado. Eles trocaram alianças e, depois do beijo, houve palmas, assobios, risos e lágrimas.

O *Le Ambassadeurs* estava arrumado com toalhas em tom cinza prata com sobreposição fucsia, e o jantar foi servido com absoluto requinte e qualidade na melhor prataria e cristais. Os centros de mesa eram bem altos para não impedir a visão dos convidados à mesa, pedestais de cristal com inacreditáveis tulipas brancas, cercados por pequenos porta-velas bojudos, de cristal trabalhado, com velas cor-de-rosa. Esses enfeites eram tão exuberantes que geraram comentários efusivos o tempo todo.

A orquestra tocou tudo de tudo, como desejava Camille, e a pista de dança montada no centro do salão, com flores a toda volta, não ficou vazia hora nenhuma. Fotos eram tiradas o tempo todo e Camille ouvia sem parar sobre sua beleza e o bom gosto da festa. Mais tarde ela e Ethan foram ao

jardim para as fotos especiais. Foi de uma daquelas fotos que Pietro fez a pintura, captando a formosura, a alegria e o encanto refletidos no semblante da jovem noiva de 20 anos.

***

Camille sorriu sozinha ao lembrar-se da hora do bolo e dos brindes com *champagne Dom Perignon rosé*: novos "ohs" e "ahs"! O bolo era em estilo tradicional, *piéce montée*, com quatro andares redondos *traditional iced real* em tom *blue tiffany*, enfeitados por pérolas brancas esparsas em toda a cobertura. Camadas de orquídeas brancas e rosas suaves separando as camadas de bolo davam o charme. Era um clássico e delicioso esponja de frutas vermelhas amadurecidas em brandy, com chocolate belga e creme.

Depois do bolo foi servido café preto feito por barista com mini-bombons de chocolate e menta. Os presentes de última hora tinham sido todos

mandados direto para a suíte do casal, para não atrapalhar a festa, excetuando um, que Pietro fez questão de entregar ao casal pessoalmente, quase no final da recepção.

***

Desviando o olhar pelo quarto, feliz em rememorar seu casamento, Camille olhou para um vaso de alabastro em tom róseo e branco, com alças lindamente adornadas, que estava em cima da penteadeira em posição de destaque. Tinha sido o presente de Pietro para eles.

"Oh, *c'est très beau*!", ela relembrou suas palavras e admiração pela peça tão especial.

Tomou nas mãos o vaso de cerca de 14 cm de altura nas mãos.

"Para a noite de núpcias!", explicou Pietro. "O melhor está dentro!"

Ele tirou com cuidado a tampa do vaso para que os noivos pudessem sentir a deliciosa fragrância.

"*Mince*... o que é?", indagou Ethan surpreso com o perfume.

"Como símbolo de amor eterno... temos aqui um óleo aromático à base de nardo. Não se trata de nardo puro, isso é impossível de encontrar. E eu não poderia pagar por ele", Pietro sorriu. "Com todo o meu amor, para vocês", acrescentou simplesmente, ligeiramente emocionado, o que tentou esconder.

Camille deixou escorrer as lágrimas e abraçou o amigo. Depois, voltando-se para Ethan, explicou:

"Não faz muito tempo vimos um parecido com este, num *slide*, numa das aulas da faculdade de Beaux Arts, e nos contaram sobre a famosa história da unção dos pés de Jesus supostamente por Maria, irmã de Lázaro, com um perfume absurdamente caro. Nardo puro. O equivalente a 300 denários, ou o salário de 300 dias. A unção representava um gesto de puro amor, antes que Jesus morresse."

“Não se esqueçam...”, observou Pietro olhando tanto para Camille quanto para Ethan, “que vocês devem quebrá-lo ao usar o óleo”.

“*Mais non*! Não vou quebrar esse vaso!”, replicou Camille.

“Mas não se pode guardar o restante, é preciso usar todo o conteúdo”, deblaterou Pietro. “Para que seja um ato de amor como o de Maria por Jesus.”

“Vamos pensar no seu caso”, respondeu Ethan. Porém, não falava a sério. “*Merci beaucoup*!”

“Não vamos pensar, não. Eu não sou religiosa. Imagine se vou quebrar esse vaso lindo e usar todo o óleo de uma vez só. Esse aqui é para muitas vezes”, e sorriu para Ethan, abrindo novamente a tampa do vaso. “*Mon Dieu*, que perfume delicioso. Sabia, Ethan, que essa planta, o nardo, nasce nas montanhas do Himalaia? O perfume é retirado de suas raízes na forma de óleo aromático.”

“Era também um perfume dedicado a Afrodite”, continuou Pietro com olhar significativo. “A deusa

da beleza, do amor e da paixão sexual. Na mitologia romana era conhecida como Vênus. Acredita-se que um de seus filhos foi Eros."

"Ela inspirou vários pintores e escultores, principalmente no Renascimento Cultural."

"Também há menção do perfume do nardo no Cântico dos Cânticos, de Salomão, no Velho Testamento", falou Pietro mais uma vez.

"*Oh lala*, você andou pesquisando!" brincou Ethan.

"Aulas", respondeu Camille apertando o braço dele. "Era costume que a esposa do rei usasse o perfume de nardo, caríssimo, para ungir o marido enquanto ele estivesse sentado à mesa. Na verdade, é tudo muito romântico e cheio de simbolismos."

"Aproveitem!", felicitou Pietro, beijando o casal.

***

Naquele sábado em que Camille dedicou-se à morosidade, Ethan voltaria somente no final da

tarde, de táxi. Sempre que ele tinha reuniões aos sábados deixava o carro com Camille, para não prendê-la em casa. Entretanto ela não estava com muita vontade de sair. Em condições normais ela teria gostado de ir ao mercado de pulgas ou à feira de antiguidades, mas a barriga lhe pesava e os pés inchavam. Mas também não queria ficar em casa o dia todo. Resolveu tomar sol e nadar um pouco, depois almoçou algo leve, deixou *madame* Verdoux cuidando da louça e foi ao salão que frequentava, ali pertinho mesmo, fazer manicure e pedicure, depilação e hidratação nos cabelos.

Voltou para casa depois e acomodou-se para ver TV na poltrona do papai. Pena que não fosse hora dos seus programas favoritos. Ficou pulando de canal em canal até se entreter com os "Vídeos Divertidos do Animal Planet", que adorava. Acabou chorando, sentindo falta de seus animailzinhos, especialmente Morango.

***

A doutora Ross recebeu o telefonema do especialista em medicina fetal que estava com o cariótipo do bebê de Camille.

— *Bonjour*, doutora Ross. *Comment allez vous*? Sou o doutor Francis Deleneuve.

— *Bonjour,* doutor Deleneuve. *Je vas bien, et toi*?

— *Trés bien, merci*. Estou com o cariótipo fetal de sua paciente Camille Marie Mastrangello.

— Oh, estou muito interessada neste resultado. O que temos? Alguma alteração?

— *Oui*, na verdade. Mas é um resultado estranho, nada que seja possível padronizar. Encontramos um mosaico. Pelo que estou sabendo, as ultrassonografias da paciente não são compatíveis com este resultado; foram todas normais até agora, *n'est-ce pas*?

— Exato. Temos quatro exames sem alterações de nenhuma espécie. Monitoramos a gestação

inteira muito acirradamente. No entanto, o feto não para de crescer. Tenho feito avaliação obstétrica e clínica a cada semana. Hoje ela está com 32 semanas exatas e amanhã retorna comigo. Sugeri ao casal que antecipássemos o último ultrassom morfológico.

— Quando os achados ultrassonográficos são discordantes do cariótipo encontrado, muita cautela é necessária na interpretação dos resultados e no aconselhamento genético dos casais. O mosaicismo confinado à placenta é uma das principais causas de resultados discordantes. Desta forma, a interpretação do cariótipo fetal depende da correlação com os achados clínicos e ultrassonográficos obtidos durante o pré-natal. Na maioria dos casos de mosaicismo confinado à placenta, a alteração está presente somente na placenta e não é identificada no feto. Pode ser que estejamos diante de um caso assim.

— *Oui*. Um mosaicismo confinado à placenta.

— No entanto, em 10 a 23% dos casos a alteração encontrada pode representar um mosaicismo verdadeiro, em que a alteração cromossômica estará realmente presente tanto no tecido placentário, quanto no feto. Outra anormalidade genética que pode levar à discrepância entre o cariótipo obtido e o cariótipo verdadeiro é a presença de dissomia uniparental, que pode ocorrer em um terço dos casos de mosaicismo: isto é, quando um par de cromossomos encontrados no feto são ambos herdados de apenas um dos progenitores, e não dos dois.

— É verdade. Isso pode originar doenças genéticas recessivas e, consequentemente, anomalias fetais ou retardo mental. Contudo, essa condição está mais associada ao retardo de crescimento intrauterino, e não à macrossomia fetal — avaliou a doutora.

— Como já disse a interpretação do cariótipo fetal depende da correlação com os achados

clínicos e ultrassonográficos. Como estão os exames de sangue da mãe? Dosagens hormonais? Glicemia? Infecções?

— Tudo certo. Ela está ótima de saúde.

— Mmmm... resultados divergentes entre o cariótipo fetal e o cariótipo ao nascimento, embora não frequentes, podem ocorrer na prática clínica.

— *Vrai*. Eu mesma já vi seis casos em que o cariótipo colhido no início da gestação estava alterado, mas as ultrassonografias de controle eram normais e a parte clínica também. Num exame posterior, o cariótipo revelou-se sem alterações. Eram todos casos de mosaicismo confinado à placenta. Portanto, terei muita cautela; é preciso sinalizar ao casal que houve alteração, mas diante dos outros exames é provável que não seja uma alteração genética verdadeira.

— É provável, mas não impossível. É pena termos que fazê-los esperar tanto para ter certeza. Apesar dessas possíveis divergências, os métodos

são considerados seguros e eficazes, detectando anomalias cromossômicas numéricas ou estruturais com uma acurácia de 99%. Em um grande estudo no qual foram analisados os resultados de 62.865 biópsias de vilosidade corial foram encontrados 94,8% de resultados verdadeiro negativo, 3,7% de verdadeiro positivo, 0,15% de verdadeiro mosaicismo, e 1% de mosaicismo confinado à placenta. Se tudo está bem com a mãe, podemos estar diante de um mosaicismo confinado à placenta que não vai repercutir na vida da criança. Mas, cá para nós, é muito estranho que a mãe não tenha apresentado sinais de diabetes gestacional, não acha? Com um feto deste tamanho...

— Tem razão. Já cansei de escaneá-la. Mas vemos de tudo na prática clínica, não é mesmo? Essa mesma paciente tinha o útero destruído depois de um aborto infectado e, como que miraculosamente, as lesões regrediram. Tudo parece meio estranho no caso dela. Se o cariótipo

dela e do marido vierem normais, farei o último acompanhamento ultrassonográfico do feto e programarei a interrupção da gestação. Quanto à questão genética, não haverá mais nada a ser feito, exceto acompanhamento pós-natal e análises complementares pós-natais do cariótipo do bebê.

***

Não havia muito que fazer. A médica orientou Camille e Ethan a colher seus cariótipos para comparar com o do feto. O ultrassom morfológico fetal foi antecipado para 33 semanas, já que a altura abdominal de Camille estava cada vez maior, tendo já ultrapassado em muito o que seria esperado para um feto de termo, isto é, pronto para nascer. A doutora Ross queria avaliar novamente a vitalidade fetal, o perfil morfológico, o peso e, importante agora, se não estariam começando a ter sinais de uma insuficiência placentária. Quanto maior o feto, mais se exige da placenta; se ele for grande demais,

como era o caso, a placenta poderia não suprir as necessidades fetais. Isso acabaria levando a diminuição da oxigenação do bebê e sofrimento intrauterino.

A médica foi o mais profissional possível e explicou o melhor possível — tentando não deixar Camille insegura — que seria importante colher material do casal para comparar com o DNA do bebê.

Já o ultrassom morfológico com *doppler* correu bem; o perfil biofísico fetal estava dentro da normalidade, não havia insuficiência placentária, mas o peso atingia a marca de 4030 gramas. A altura uterina de Camille estava em 41centímetros. Era muito peso para carregar! Em três semanas avaliariam novamente.

***

O cariótipo de Camille e Ethan ficou pronto quando ela estava com 34 semanas e 3 dias de

gestação. Eram ambos normais, embora a doutora Ross tenha notado mais uma incoerência naquele caso: o estudo do DNA de Ethan não era compatível com o da criança. Eticamente falando, não lhe cabia levantar hipóteses quanto à paternidade do bebê, apenas avaliar a questão médica e patológica da situação.

— Houve uma pequena discrepância entre o DNA do pai e o DNA do feto — ela explicou, com os dedos de unhas muito limpas unidos e os cotovelos apoiados na mesa.

— E o que isso significa? — quis saber Camille.

— É algo que teremos de acompanhar depois do nascimento. Nada mais podemos fazer agora, com o bebê dentro do útero.

— Isso muda alguma coisa no diagnóstico? — perguntou Ethan, ligeiramente desconfortável.

— *Non*. O cariótipo do filho de vocês, por ora, é aquele que lhes comuniquei. Pode ser que seja um mosaico confinado à placenta e, depois, vamos

acabar vendo que o cariótipo poderá vir a ser normal, 46XY, num próximo exame. Entretanto, podemos também estar frente a um caso de mosaicismo verdadeiro e somente o acompanhamento pós-natal poderá nos dar diretrizes. O que devemos fazer agora é o último ultrassom da gestação. Quero avaliar muito bem a circulação fetal e ver se não estamos começando a desenvolver uma insuficiência placentária; isso vai me nortear para programar a melhor data do parto.

— Como assim?

— Vamos saber se podemos esperar as 40 semanas, isto é, até o final da gravidez, ou se teremos que interromper antes. Como o feto está bem no exame obstétrico que fizemos hoje, podemos esperar duas semanas para a nova ultrassonografia.

⁂

Camille e Ethan estavam tristes por causa do DNA alterado do filho, e sem saber o que pensar na discrepância entre o DNA do bebê e o de Ethan. Apegavam-se à possibilidade de ser um dado isolado e esperavam muito ansiosos pelo dia do ultrassom. Queriam poder ver o bebê, ouvir a avaliação do médico, saber como estava ele, se bem, ou se tinha aparecido alguma coisa nova.

Camille às vezes sonhava que o filho era deformado, ou que lhe faltavam pedaços. Acordava suando, angustiada; Ethan procurava acalmá-la, mas ele mesmo sentia-se, agora, inseguro. E como era possível que seu DNA não combinasse com o do bebê? Como lidar com todas essas questões, com o que poderia ser real e o que poderia mudar? Eles preferiam não pensar demais. Apenas esperavam, tentando não deixar que tudo isso turvasse sua alegria.

Mais um *Halloween* passou. Camille completou 27 anos.

⁂

Camille estava com 35 semanas e três dias no dia do ultrassom. Era dia 3 de novembro. Tudo mudou naquele dia.

O médico diagnosticou o início do processo que levaria à insuficiência placentária, durante o exame *doppler*-velocimétrico. O uso do *doppler* no estudo da circulação feto-placentária e dos compartimentos arterial e venoso da circulação fetal possibilita o reconhecimento dos sinais fetais de asfixia crônica e aguda. A insuficiência placentária leva ao menor aporte de oxigênio para o feto e, consequentemente, à asfixia.

A insuficiência placentária por causa de feto macrossômico — GIG — leva ao que se chama "centralização da circulação feto-placentária". Isso acontece para poupar órgãos nobres do bebê; trata-se de uma adaptação circulatória na intenção de proteger da falta de oxigênio o sistema nervoso

central, o coração e as glândulas adrenais, em detrimento de outros órgãos considerados "menos importantes". Esse processo acontece quando a concentração de oxigênio que chega ao feto, através da placenta, diminui. Quanto maior o feto, mais se exige da placenta.

Camille desatou a chorar, desconsolada, quando o médico começou a explicar o processo todo.

— *Ma chérie*, tenha calma, *sil vous plaît* — ele pediu. — O exame é justamente para diagnosticar tais fenômenos para podermos intervir antes que algo sério aconteça. Por ora, estamos diante de uma adaptação. Significa que o bebê ainda está compensado; não está em sofrimento agudo. Daqui para frente é que teremos que ter cuidado. Provavelmente vamos monitorar esse garotão diariamente para sua médica poder programar o parto com segurança. Se a placenta estivesse gravemente comprometida, apesar do aumento de fluxo sanguíneo para os órgãos nobres, o coração

fetal começaria a sofrer. A falta de oxigênio no feto desencadeia uma sequência de alterações que afetam os segmentos venosos da circulação, representando o início da deterioração da função cardíaca fetal. Esse é o momento em que realmente o feto se encontra em sofrimento pela falta de oxigênio. Mas não é esse o seu caso.

— Mas e se logo mais isso acontecer? Hoje à noite, por exemplo? Como vou saber que o meu bebê não está bem?

— O principal sinal é se os movimentos do bebê diminuírem. Entretanto nós vamos continuar monitorando para que nada aconteça. Veja, a insuficiência placentária é o principal mecanismo de sofrimento fetal. E quando o coração do feto está comprometido, há muito mais chance de haver um parto prematuro, más condições de nascimento, necessidade de internação do recém-nascido na unidade de terapia intensiva e até óbito neonatal. Não queremos nada disso, *n'est-ce pas*? Então,

vamos avaliar diariamente a vitalidade do bebê porque, embora todos esses problemas possam ocorrer, também podem não ocorrer. Pode ser que o feto continue assim, e então é melhor esperarmos pelo menos até 37 semanas para retirá-lo do útero, dando tempo, assim, do pulmãozinho dele estar bem formado. Senão, resolvemos um problema e criamos outro. A criança prematura tem mais chance de complicações respiratórias. A vitalidade do feto é que vai ser decisória para a conduta obstétrica, vocês compreendem isso?

— Então vamos esperar, certo?

— *Oui*. Esperar. Qualquer mudança na vitalidade do bebê e a cesariana estará indicada, independentemente se ele estiver com 37 semanas, ou ainda não.

Terminado o exame, o ultrassonografista disse que entraria em contato com a doutora Ross para informar o resultado do exame. As imagens

ficariam prontas no dia seguinte, mas o laudo estaria disponível imediatamente pela Internet.

— Depois que sua médica vir o laudo, certamente vai entrar em contato com vocês para dar as instruções necessárias.

— *Merci*, doutor — agradeceu Ethan.

— Nada de preocupação exagerada, *madame* Camille, estamos combinados? — ele sorriu para ela e ela esboçou um sorriso em resposta.

— Farei todo o possível, doutor. Mas é que... o senhor sabe.

— Fique em paz. Está tudo sob controle — ele garantiu. — Vocês terão em breve um meninão para segurar no colo.

A menção a ter o filho nos braços alegrou e acalmou Camille, subitamente. Estava chegando o dia, estava chegando a hora. No final do dia a doutora Ross entrou em contato com Camille, pelo celular. Depois das mesuras necessárias, ela explicou o que deveriam fazer.

— Estamos com 35 semanas e 3 dias hoje, e diagnosticamos uma tendência à insuficiência placentária. Como o volume de líquido amniótico está no limite da normalidade — ainda estamos dentro dos parâmetros aceitáveis — podemos esperar um pouco mais até esse feto atingir mais maturidade. Se o volume de líquido estivesse diminuído, teríamos que induzir o parto imediatamente. Mas, por ora, podemos esperar. Entretanto, ficarei mais tranquila com você no hospital. Não podemos também deixar de levar em conta uma situação inesperada como o descolamento prematuro dessa sua placenta, que já está sobrecarregada, e quero você no hospital se isso acontecer, pois se trata de uma situação emergencial. Vou solicitar sua internação.

— Mas já? — surpreendeu-se Camille. — É realmente necessário?

— É o melhor. Realizaremos o monitoramento da vitalidade do bebê todos os dias através de

cardiotocografia e também vamos poder controlar o volume de líquido amniótico semanalmente, além de fazer o *doppler*. Você vai ficar mais bem assistida. Se todas as avaliações continuarem normais, podemos esperar pela maturidade. *D'accord*?

— *Oui, d'accord*. Quero somente o melhor para o meu bebê; Ethan é que vai se assustar.

— Deseja que eu fale com ele?

— *Sil vous plaît*, doutora. Vou chamá-lo.

***

Quando Camille estava com trinta e seis semanas e cinco dias, chegou o dia do parto. A cardiotocografia feita pela manhã estava normal, significando bem estar fetal. Contudo, pouco depois das dez da noite Camille percebeu que o bebê não estava se mexendo como de costume. Ele sempre se movimentava muito, fortemente, com

movimentos amplos e vigorosos. Camille notou logo a diferença.

Ethan ainda não havia chegado; ele ficava durante o dia na *Logos,* adiantando o máximo de serviço possível para que depois do nascimento pudesse ter mais tempo livre; e vinha dormir com Camille no hospital todos os dias.

Camille chamou a enfermeira de plantão e ela veio checar os sinais vitais do bebê. O primeiro sinal de intranquilidade veio com a contagem dos batimentos cardíacos, que estava um pouco diminuída, com tendência à bradicardia. A enfermeira comunicou a obstetra de plantão que mandou chamar o ultrassonografista de plantão para realizar uma cardiotocografia de emergência. Realmente encontraram diminuição dos movimentos fetais e da resposta fetal a estímulos; ele não reagia dentro dos parâmetros da normalidade perante estimulação sonora e vibratória.

Diante dessa situação, a doutora Ross foi comunicada. Camille esperou, ansiosa, e em vinte minutos a médica estava lá. Avaliou a cardiotocografia e não havia dúvidas quanto ao aparecimento de sinais de asfixia fetal; o momento do parto tinha chegado.

— *Ma chérie*, vamos preparar você para o centro cirúrgico. Gostaria que eu falasse com *monsieur* Ethan, ou você mesma lhe dá a notícia?

— Eu mesma, *merci*, doutora — Camille estendeu a mão para pegar o celular na cabeceira da cama, mas não desviou os olhos do rosto da médica, perscrutando-o. — Doutora... tudo vai dar certo, não vai?

A médica apertou a mão dela com um sorriso:

— Para isso nós estamos aqui. Fique tranquila. Tudo vai ficar bem. Como você viu, o bebê cresceu incrivelmente nestes nove dias. Por isso a placenta não está mais aguentando. Mas você fez terapia com corticosteroides, que apressam a maturidade

pulmonar fetal, e estamos com quase 37 semanas. Portanto, ele nem poderá ser considerado realmente um prematuro. Está tudo bem. *Monsieur* Ethan terá que se apressar porque iremos imediatamente para o centro cirúrgico, assim que a vaga for liberada.

⁂

Era noite de 12 para 13 de novembro, o 9º dia de internação de Camille. Ela estava ansiosa, mas feliz. Confiante. Tinha confiança na doutora Ross e na equipe médica que cuidaria dela e do bebê naquela madrugada.

Depois que a médica terminou de conversar e saiu, a enfermeira voltou ao quarto para puncionar a veia da mão esquerda de Camille.

— Dizem que essa é a pior parte da cirurgia — ela brincou enquanto separava o cateter. Era muito jovem. — Mas fique sossegada que é a parte que passa mais depressa também.

Camille engoliu em seco.

— Vamos ver a mãozinha — pediu a moça. — Se eu não soubesse de seu bebê, diria que está esperando gêmeos.

A enfermeira pegou uma das mãos de Camille e observou as finas veias azuladas. Calçou as luvas, palpou suavemente, passou álcool e pegou um *scalp* calibroso. A mão experiente colocou o *scalp* dentro da veia em instantes.

— Oh... — gemeu Camille baixinho, fazendo uma careta. — Isso dói.

— Mas já está certinho na sua veia, veja só!

Camille olhou e viu o tubo comprido acoplado ao frasco de soro; o líquido transparente começou a pingar. Ela desviou os olhos. A enfermeira ajustou a velocidade do soro e sorriu:

— Qualquer coisa que você precise, basta acionar o botão à direita de sua cama.

Camille ficou sozinha, quieta, esperando. Nem quis saber de ligar a televisão, seria impossível

concentrar-se. Não demorou muito e Ethan chegou correndo, sem janta, e nem conseguiu comer; estava bastante inquieto. A situação se inverteu: a tranquilidade dele foi substituída por tensão em função da cirurgia e do nascimento do filho; e o nervosismo e insegurança de Camille se transformaram numa serenidade que a cobriu como uma longa veste.

O anestesista — doutor Cremer — subiu para o quarto de Camille pouco depois da uma da manhã.

— A sala cirúrgica está liberada para você. Então... vamos ter um garotão?

— *Oui* — respondeu Camille esboçando um sorriso.

Ele explicou calmamente ao casal como seria a anestesia que seria feita quando Camille estivesse no centro cirúrgico. Ethan ficou nervoso de novo; não queria que Camille fosse picada. Depois que o doutor Cremer saiu e encostou a porta do quarto, Camille acomodou-se o melhor possível na cama,

com a enorme barriga, mexendo a mão do soro com cuidado. Ethan ajeitou seus travesseiros.

— Tudo bem, *mon amour*?

— Tudo bem.

Para passar o tempo — viriam buscar Camille em meia hora — Ethan ligou o aparelho de televisão num noticiário e os dois ficaram em silêncio, assistindo. Eram quase duas horas da manhã quando a enfermeira entrou novamente no quarto.

— *Allez*. Está na hora.

Ethan, ao lado da esposa, teve vontade de pedir um sedativo, mas sabia que seria ridículo.

— Ela vai primeiro — explicou a enfermeira. — Será anestesiada e a enfermeira do centro cirúrgico vai passar a sonda na bexiga. Enquanto isso você irá para o vestiário do centro cirúrgico se paramentar, a fim de acompanhar o parto, tão logo sua esposa esteja pronta.

*

O doutor Cremer fez a raquidiana; Camille quase nem sentiu. Ele era muito bom no que fazia. Camille ficaria anestesiada da cintura para baixo e em alguns minutos suas pernas começaram a formigar e esquentar; nesse momento a enfermeira passou a sonda vesical. Camille nem percebeu. Nesse interim a mesa cirúrgica era montada pela instrumentadora e logo a doutora Ross entrou, com a roupa azul-clara do centro cirúrgico, as mãos lavadas erguidas para o alto. Recebeu seu avental estéril, suas luvas e máscara. Ela ficava tão diferente assim! Camille gostou da touca cirúrgica dela, vermelha em padrão *petit pois*. Um assistente entrou logo em seguida e também recebeu seus aparatos. A touca dele era azul com listras.

A doutora e seu assistente começaram a montar os campos cirúrgicos sobre Camille, conversando entre si. O doutor Cremer volta e meia fazia

perguntas a Camille para monitorar o progresso da anestesia. O último a chegar foi Ethan, e como os campos já estavam tapando a visão de Camille, ela somente viu o marido quando ele já estava de máscara. Seus olhos castanhos estavam ansiosos, enormes.

Ele se aproximou da cabeceira da mesa cirúrgica, ao lado do doutor Cremer, e olhou com carinho para Camille, afagando seus cabelos:

— *Ça va*?

— *Ça va*.

Ethan ligou a câmera e filmou Camille, depois a equipe, e preparou-se para documentar o nascimento de seu filho. Um nó de emoção formou-se em sua garganta, mas um comentário alegre da médica ajudou Ethan a empurrar o nó de volta para baixo, e ele riu seu riso perfeito.

Camille riu de volta.

Tudo estava pronto. O assistente passou o bisturi para a doutora Ross, que, com perícia, traçou uma

linha perfeita no baixo ventre da paciente. O sangue começou a escorrer.

***

— *Punaise*! — fez o assistente da doutora Ross, de espanto, em meio aos gritos e choro do bebê recém tirado do ventre materno. — Nunca vi um tão grande assim!

— Oh! — a médica estava feliz. — O bebê é *trés formidable*!

— Horário de nascimento: 3:00 da manhã — informou o assistente.

Toda a equipe esticou a cabeça para ver, estupefatos. O bebê gritava alto e forte enquanto Ethan, atônito, foi levemente empurrado para frente pelo doutor Cremer. A médica estendeu-lhe a tesoura com a qual ele deveria cortar o cordão umbilical e o doutor Cremer ficou de posse da câmera, para registrar o momento. Depois, em segundos, a criança foi levantada acima dos campos

cirúrgicos para que Camille a visse. Ela olhou e as lágrimas vieram como se uma fonte fosse aberta dentro dela. Ele era todo rosa e chorava a plenos pulmões.

Logo ele sumiu. Voltou para o campo cirúrgico e foi rapidamente embrulhado com toalhas estéreis e entregue direto para a enfermeira neonatal, que esperava ao lado. Ethan voltou a sentir o nó, mais forte desta vez, enquanto olhava boquiaberto para seu filho chorando. A enfermeira neonatal levou o bebê para a mesa de avaliação do pediatra. Ali ele aspirou com rapidez e perícia as vias aéreas do bebê e colacaram a máscara de oxigênio durante poucos minutos. Ele foi limpo e os primeiros cuidados tomados. O índice de Apgar do bebê foi 9 10 10; ou seja, nasceu em perfeitas condições e não havia mecônio no líquido amniótico.

Já limpo e aquecido, sem chorar, desta vez foi levado para perto do rosto de Camille, por trás dos campos cirúrgicos. Foi somente então que ela pôde

olhar para ele direito pela primeira vez, viu seu rostinho vermelho, os cabelos pretos, a boca pequenina. Deu-lhe um leve beijo na bochechinha. Que enorme!

O doutor Cremer, que estava agora com a máquina fotográfica de Ethan, tirou várias fotos seguidas daquele momento, eternizando o rosto da mãe e do bebê, depois do pai junto com eles. Tudo não levou mais que um minuto e o bebê foi devolvido ao pediatra, que saiu da sala com ele. Ethan foi atrás e continuou filmando. O bebê foi medido e pesado.

— *Oh lala*! *Mes felicitátions*, papai. Seu filho mede 63 centímetros e pesa 6850 gramas.

A equipe da doutora Ross felicitou Camille e se surpreendeu mais uma vez com o tamanho da criança. Em seguida pediatra e enfermeira saíram com o bebê rumo ao berçário.

Restava finalizar a cirurgia. A placenta já tinha sido retirada e verificada; era bem grande. Assim

que o bebê foi levado o doutor Cremer sedou fortemente a mãe, para dar-lhe maior conforto durante o restante do procedimento. Camille sentiu-se voando, o corpo leve como uma pluma impulsionada pelo vento, sonolenta, sem preocupações, e perdeu a consciência de que a cirurgia continuava em andamento, agora no processo de fechamento do útero, das camadas de musculatura e da pele. Ela deixou-se apenas ficar ali, alheia a tudo e todos, vagando num mundo à parte.

A única coisa que sentiu, mais uma vez, foi a mão de Ethan acariciando seus cabelos e abriu os olhos, sorriu para ele. Naquele breve instante ela viu que os olhos de Ethan estavam agora tranquilos. O efeito da medicação era realmente gostoso e ela se sentia simplesmente feliz; toda a inquietação por causa do tamanho do bebê, das estranhezas da gravidez, do cariótipo, das ultrassonografias, da insuficiência placentária, da internação e *etc. etc.*

tinham desaparecido. Restava a mais pura felicidade.

O doutor Cremer continuava monitorando a anestesia da mãe e volta e meia trocava algumas palavras com o pai.

Depois de terminada a cesariana, levaram Camille para o quarto. Ela nem se lembra de como chegou lá, e muito menos como foi parar na cama. Ethan viu que a esposa estava bem, ressonando de leve, e beijou-a na testa. Em seguida foi até o berçário, naquele mesmo andar, olhar o bebê pelo vidro do berçário. O berçário ficava bem no meio do corredor, e os quartos dispunham-se à direita e à esquerda dele.

Àquela hora o corredor estava à meia-luz e o berço aquecido do bebê tinha sido colocado encostado na vidraça principal. Ele usava fraldinha e um gorrinho azul, apenas. Ethan ficou ali alguns minutos, observando aquela vidinha frágil e cor-de-rosa, pasmo pelo grande mistério da Vida. O bebê

tinha sido gerado, tinha crescido dentro de Camille e ali estava, perfeito, com todos os dedinhos, bastante cabelinho preto, e *enorme*! Poderia ter de dois para três meses com todo aquele peso!

— Isaac Kilaim Mastrangello... — ele disse, baixinho.

Ethan sentiu-se completamente abençoado.

⁂

Camille estava sozinha no quarto. Ressonava, letárgica, mas não estava realmente dormindo; aquele estado gostoso da medicação do doutor Cremer ainda perdurava.

Escutou quando a porta foi aberta, mas não teve força para abrir os olhos. Entretanto, sentiu-se observada e, por algum motivo, a leveza de espírito foi substituída por uma sensação de incômodo. Ela se esforçou e voltou o rosto na direção da pessoa que estava com roupa cirúrgica, touca e máscara; até luvas. Sonolenta, Camille pensou que fosse o

marido, mas se perguntava o porquê das luvas. Será que ele tinha pegado o bebê no colo? Ela também queria pegar.

— Onde ele está? — Camille perguntou.

Não houve resposta. O homem se aproximou da cama e tirou as luvas. Mexeu no cabelo dela, mas Camille sentia-se letárgica demais, os olhos custavam a abrir. Era Ethan? Por que não tirava a máscara? Ela olhava para ele e piscava muito, tentando manter a vista fixa.

— Está tudo bem — disse o homem. E não era a voz de Ethan. — Ele nasceu saudável. Estamos orgulhosos de você!

Ela se assustou sem saber por quê. Viu que não eram os olhos castanhos do marido. Eram olhos claros, bem claros, como azul de piscina. Seria o anestesista, vindo cumprimentá-la? Ele tinha olhos azuis?... ela não se lembrava mais. Ou era o pediatra?

De repente, rápida como um raio a ideia surgiu em sua mente embotada:

“É aquele homem que eu vi. Aquele louro que me seguiu”.

Completamente zonza, achou forças para perguntar:

— Quem é você?

— Sou aquele que não vai deixar você cair.

Imediatamente Camille lembrou-se do telefonema, e sentiu o medo crescendo dentro dela como um vagalhão no mar. Não conseguiu dizer nada. Ele a pegou pela mão, olhou fundo em seus olhos, e então saiu.

Logo em seguida Ethan entrou. Encontrou Camille agitada, bem diferente de como a tinha deixado.

— Ele esteve aqui! Ele esteve aqui!! — ela tentava olhar ao redor. — Quem foi que fez o parto?!

— Calma, *pupa*! Quem fez o parto foi a doutora Ross. Você esqueceu?

— Eram olhos claros, azul-piscina!

— Ninguém esteve aqui, *mon amour*. Você está ainda sob efeito de sedativo. Você deve ter sonhado, só eu estou aqui.

Camille continuava agitada, virando a cabeça para os lados.

— O bebê está bem?

— Sim, eu acabei de vê-lo. Ele é *enorme*, Camille! Lindo!

— Fica aqui comigo. Não saia de perto de mim — ela segurou a mão dele, e adormeceu.

10

Eaux Boueuses

Nos três dias seguintes o bebê ficou em observação, e começou a ser amamentado. Tinha um apetite voraz e Camille sofria um pouco durante as mamadas, com dor. Além disso, o casal recebeu o costumeiro desfile de amigos e familiares, e todos os rococós que o momento exigia. Foi muito cansativo, especialmente para Camille. Ela estava exausta, sem dormir quase nada por causa das mamadas e tudo o que queria era ir

logo para casa. O que não queria dizer que o desfile iria diminuir, pelo menos por enquanto.

Alguns comentários desagradáveis puseram-na furiosa. Por que algumas pessoas têm sempre a "melhor" coisa a dizer nos melhores momentos?

— Engraçado... — comentou *madame* Lyla, que usava uma mega *bijoux* sobre o tecido já estampado da blusa. — O bebê não se parece nem um pouco com o pai. Que esquisito.

— É assim mesmo, recém-nascidos não se parecem com ninguém! — respondeu Ethan, simpático, observando de soslaio a cara de "não estou acreditando" de Camille. — Bebê só se parece com ele mesmo.

— É pura imaginação nossa ficar achando que ele tem traços deste ou daquele — respondeu Camille com mau modo.

— Imagine, *enfant*, essa criança tem os seus olhos, exatamente. Já de Ethan, não puxou nada.

Camille não respondeu. Ethan manteve bom humor, mas foi a insistência no assunto que deixou Camille muito chateada e extremamente irritada. As amigas estavam presentes naquele dia, e continuaram o assunto que a *Grand-Mére* tinha começado:

— Concordo com sua *Grand-Mére* — falou Madeleine, espevitada. — Ele tem muito de você. O que foi que você andou aprontando, Camille? Durante essas viagens de seu marido?

Novamente Camille não respondeu. Era somente brincadeira, mas Camille não estava gostando.

— O que será que ele puxou de Ethan? — disse Adrienne com arzinho malicioso.

— Talvez tenha sido o *tamanho*!

Elas começaram a rir e Alannah mudou de assunto rapidamente, vendo o semblante enfurecido de Camille; ela mesma ficou passada com a grosseria, que não era intencional, mas não cabia ali naquele momento.

Camille depois ficou pensando que sua ira talvez se devesse, inconscientemente, à estranha sensação da lembrança de que o DNA de Kilaim não era compatível com o de Ethan, mas é claro que isso se esclareceria quando fizessem o acompanhamento genético pós-natal. Claro que alguma coisa iria mudar — porque *tinha* que mudar — e tudo ficaria claro. Fora bem melhor eles nada haverem dito sobre essa pequena discrepância nos cariótipos.

A enfermeira entrou no quarto anunciando o horário da mamada e Camille pôde sair sozinha e ir sozinha para o berçário. Ficava livre daquelas visitas que se sucediam umas às outras, sem parar.

Amamentá-lo doía bastante, e ele era muito pesado, difícil de ajeitar nos braços. Providenciaram um protetor de mamilos para ela, mas mesmo assim aquele momento de prazer e intimidade entre mãe e filho ficava truncado. Ele sugava de tal forma que parecia querer arrancar os bicos dos seios.

Camille fez hora no berçário, ajudando a trocar o bebê, na esperança de que as visitas se cansassem e fossem embora. Mas foi em vão. Estavam todos ainda lá, entre risos e conversas, impedindo com isso que ela descansasse. Foi somente depois que Ethan disse que seria melhor continuar a conversa no café do hospital que todos começaram a se despedir de Camille, desejando felicidades.

— Vou acompanhá-los até o café — sussurrou ele no ouvido da esposa enquanto a beijava. — Mas prometo que me desvencilho e volto logo. Veja se descansa.

— Não me deixa sozinha por muito tempo. Só consigo dormir com você aqui.

— Não deixo, mamãe. Volto logo.

Ela adorava ser chamada de mamãe.

***

A saída da Maternidade se deu num dia frio e de sol não muito forte, com céu tão claro que parecia

branco, leitoso. Era gostoso pensar na ida para casa depois daquele período no hospital. Tanto ela quanto Ethan estavam saudosos de seu cantinho sossegado. Kilaim já estava com mais de sete quilos e novo cariótipo tinha sido colhido. Agora era esperar o resultado.

Quando a enfermeira responsável por Camille entrou no quarto na intenção de despedir-se, Ethan já foi levando para o elevador a bagagem dela e do bebê; depois voltou para pegar da porta do quarto as muitas flores que a mamãe tinha recebido naqueles dias.

Logo Camille juntou-se ao marido carregando o filho nos braços. Tinha um sorriso aberto e os olhos brilhantes. O bebê, carregado como se fosse um vaso de porcelana, estava dormindo embrulhado numa mantinha marrom café que fazia conjunto com o macacãozinho amarelo tamanho G.

Desceram juntos falando animadamente e fazendo planos.

— Me espere aqui — falou Ethan para Camille na recepção da Maternidade.

Ele fez duas viagens até o carro enquanto Camille esperava acomodada num sofá de veludo avermelhado. Ethan levou primeiro as flores e depois a bagagem; por fim veio buscar a esposa. Estacionou a *pick-up* na porta da maternidade e aí, caminhando mais devagar, rumaram os dois na direção do carro estacionado. O estacionamento era um lugar muito calmo, com pouco tráfego, arborizado.

Logo que chegaram ao veículo, Ethan se adiantou para abrir a porta do passageiro para Camille. Ajudou-a se sentar e depois pegou o bebê do colo dela com todo cuidado para não acordá-lo. Tratou de colocar Kilaim dentro do bebê-conforto que já estava instalado no banco traseiro. Enquanto Ethan, desajeitado e receoso de apertar demais o bebê, se ocupava da tarefa, Camille pôs o cinto e olhou distraída pela janela.

Foi então que viu o carro esporte preto e filmado estacionado do outro lado da alameda, defronte ao carro deles.

Ela piscou várias vezes e sua boca se entreabriu de leve, num gesto involuntário de assombro. Num átimo sentiu o coração batendo um pouco mais acelerado. Olhou melhor, estupefata, mas não parecia haver dúvida. Era o mesmo carro esporte de antes. Dessa vez ela reconheceu a placa. Camille se esticou e desceu o vidro do carro do lado do motorista para ver melhor. Seu olhar se esforçou para conseguir enxergar através do vidro filmado do outro carro. Tinha alguém dentro!

Ela não precisou se esforçar mais porque o vidro carro preto subitamente baixou também. Ela viu o homem louro; rabo-de-cavalo, óculos escuros. Levantou uma das mãos sem pressa, tirou os óculos e olhou para ela diretamente. Camille estava tão surpresa que ficou encarando o homem de volta.

Em seguida ele tornou a pôr os óculos e subiu o vidro. Sem dúvida, queria que ela tivesse certeza de quem estava ali.

Ethan entrou sorridente e deu a partida. Camille estava atônita, mas disfarçou.

— Vamos pra casa, *pupa*! Vida nova agora — exclamou Ethan sem perceber o estado alterado dela.

Camille assentiu sem dizer palavra.

***

Camille e Ethan aos poucos foram se adaptando à nova vida. Camille tinha dificuldade com a amamentação e só conseguiu suportar a dor durante o primeiro mês. Depois disso foi impossível! Ele mamava muito, quase que de duas em duas horas. Isso dificultou bastante o sono durante a noite nos primeiros quatro meses. Depois disso ele passou a dormir a noite toda quase todos os dias.

O Natal foi alegre e diferente com a presença dos bebês: Kilaim e Marianne, filha de Marc e Alannah.

O cariótipo de Kilaim revelou-se o mesmo colhido durante a gestação, portanto não era um mosaicismo confinado à placenta. Isso entristeceu os pais, mas diante da normalidade que viam na criança, crescendo e já ficando de bruços, esboçando sorrisos e pegando brinquedos para pôr na boca, trataram de não pensar mais naquilo. O acompanhamento pediátrico continuaria normalmente e diante de qualquer anormalidade procurariam avaliação de um especialista em genética.

É verdade que logo no começo, nas primeiras semanas, tanto Ethan quanto Camille tinham a sensação de que Kilaim era diferente de alguma maneira. Uma das coisas que chamavam atenção era o fato de ele parecer enxergar muito bem. Melhor do que o esperado naquela fase; mesmo como leigos os dois percebiam aquilo. Kilaim

acompanhava os pais com os olhos e olhava fixamente para eles desde os primeiros dias. Se Camille ia vê-lo no quarto quando estava dormindo, fosse noite ou dia, Kilaim sempre abria os olhos abruptamente e olhava para ela de forma fixa.

O mesmo parecia acontecer com a sua acuidade auditiva; aparentemente ele escutava as mínimas coisas. Marianne, a filha de Marc e Alannah, praticamente da mesma idade, não parecia ter a mesma percepção; não olhava e nem ouvia do modo como Kilaim parecia olhar e ouvir. E ele também sentou cedo e andou cedo.

De qualquer forma aquilo não parecia ser nenhum problema; o pediatra não viu motivos para preocupação.

Por outro lado, o cariótipo de Ethan continuou ligeiramente incompatível com o do filho.

Não havia esteio no campo da ciência para explicar aquele arquétipo. Procuraram não pensar

mais naquilo, e seguir a vida.

***

Camille e Ethan viveram momentos difíceis em seu relacionamento nesses primeiros meses após o nascimento do filho. Camille vivia muito cansada e, portanto, mais irritadiça, sem tempo para ela mesma — como todas as mães nessa fase. Naturalmente não tinha tempo para Ethan e o casal acabava se desentendendo por pequenas coisas com maior facilidade. Foi o primeiro grande teste do casamento deles; as desavenças anteriores, quando existiam, eram mais simples. Agora, tudo girava em torno de Kilaim, e o bem-estar dele estava em primeiro lugar. Isso exigia de Camille mais esforço, mais tempo e mais dedicação. O resto era o resto.

O aprendizado veio aos poucos, como acontece com todos os casais. Aos poucos a adaptação foi acontecendo, a vida sexual e social voltou ao

normal e o relacionamento que tinha sido posto à prova se reergueu fortalecido.

Camille aos poucos ficou muito satisfeita com a maternidade, e trazer Kilaim para casa completou não só o quartinho agradavelmente decorado, mas também a vida deles.

Uma coisa somente desagradava Camille por completo.

Continuavam insinuações aqui e ali, por vezes até mesmo sem luvas de pelica, de que Kilaim podia ser um filho fora do casamento. A que mais enredo fazia, para surpresa de Camille, era sua *Grand-Mére*. *Madame* Lyla olhava para Kilaim às vezes com estranheza, e não era a única. A diferença é que os outros eram mais discretos. *Madame* Lyla, no entanto, jogava as coisas no ar de modo irreverente, o que contrariava profundamente Camille, até que ela acabou perdendo o controle e as estribeiras. Brigou feio.

— Mas o que é que ela está pensando, afinal? — explodiu Camille mais tarde, contando a Ethan que sua avó não viria mais visitá-los e ela não pretendia levar Kilaim tão cedo a casa dela. — Que história mais maluca é essa que passa na cabeça de minha *Grand-Mére*? Se o filho não é seu, então o que é que eu sou? *Une putain*, uma vadia! Você não vê como ela insiste na tecla de que Kilaim não se parece com você?

— Ah, Camille, família tem o seu lado bom, mas eu também digo sempre que é uma *merde*. Vamos dar tempo ao tempo que as coisas se ajeitam. Ela vai acabar caindo em si. Não vê meu pai? Finalmente ele veio ver o neto. Depois de tantas brigas homéricas, tantos anos de afastamento. Não fosse por meu *Nonno*, eu teria saído no braço com meu pai mais de uma vez, especialmente na época em que começamos a namorar. Anda ouço a voz dele reclamando: "*questa ragazza* vai ser a perdição de Ethan! Ele é uma besta! Mulher tem que ter

rédea curta, e blá blá blá". E agora parece que algo mudou dentro dele. Vamos ter paciência com *madame* Lyla. Nem que leve tempo, ela vai ver que está agindo errado.

— Não sei como você pode ficar tão calmo com todas essas insinuações hediondas.

— Porque eu sei que nada disso é verdade — ele respondeu, simplesmente.

Camille ficou quieta. Ainda tinha vaga lembrança da sensação de sentir-se estuprada durante o sono... dos sonhos ruins... da presença de alguém... dos cheiros... de seu próprio comportamento estranho... o distanciamento dos animais...

Entretanto tudo aquilo tinha desaparecido como que por encanto. Cada vez ficava mais longe e cada vez mais ela admitia que tinha sido mesmo coisa da gravidez. Que *folie*...

— Mas por ora Kilaim fica aqui — Camille disse depois, encerrando a conversa. — Eu preciso

mesmo de um tempo, mas de um tempo para me *acalmar*. Vai ser melhor não ver minha *Grand-Mére* por enquanto, e também não quero que ela veja Kilaim. Não enquanto não aprender a me respeitar, e a respeitar você.

— Você tem o meu apoio.

Camille foi dar banho em Kilaim e Ethan ficou sozinho na sala. Entrou na sala de *home theater*, ligou a TV, mas não conseguiu prestar atenção. Sabia que Camille tinha razão em estar brava e magoada. Ele também tinha notado a reação da família de forma geral. Era algo que ficava no ar, uma sensação de que alguma coisa estava fora do lugar. Ninguém, excetuando *madame* Lyla, verbalizava nada, mas o casal sentia o que não era dito.

Ethan expirou o ar ruidosamente. Era realmente uma ousadia!

De fato ele tinha traços de Camille, especialmente os olhos, apesar de serem pretos

como ônix. Era uma criança incomum, ao passo que ele, o pai, era normal. Mas e daí? Isso quer dizer que um filho bonito, grande e diferente Não podia nascer dele?

Ethan balançou a cabeça e resolveu deixar aquilo de lado. Melhor ele e Camille cuidarem da vida e deixarem a parentela se acostumar aos poucos. Ninguém tinha o direito de se intrometer. Eles foram laureados com um bebê lindo! O que mais poderiam querer?

***

A verdade é que a família toda teria muito com o que se acostumar, em se tratando de Kilaim. Especialmente os pais. Ele não era uma criança como as outras. Se por um lado demonstrava ser muito precoce em seu desenvolvimento neuropsicomotor, por outro, até os três anos de idade não falou nem uma palavra.

De início o pediatra não alarmou os pais por causa daquele retardo no desenvolvimento da linguagem. Explicou que cada criança tem seu ritmo e enviou Kilaim para a fonoterapia. Ele foi exaustivamente avaliado pela melhor fonoaudióloga da França e não havia nenhuma anomalia anatômica que justificasse a ausência da fala. Quer dizer, ele *podia* falar. Mas não o fazia. As causas de mudez são diversas, principalmente físicas nessa idade. Mas não havia nele nada físico que justificasse o quadro.

Aos poucos, à medida que o tempo passava e nenhum resultado aparecia, aquilo se tornou motivo de muita preocupação. Kilaim entendia perfeitamente o que lhe diziam e balbuciava ao querer alguma coisa específica. Mas não falava. Nada.

Mudez é a condição do indivíduo incapaz de falar. Entre a condição normal e a mudez existe uma gama de distúrbios da fala — as chamadas

afasias —, que geralmente são decorrentes de transtornos do sistema nervoso central nos centros coordenadores da compreensão e da conversão das ideias em símbolos aptos para a transmissão verbal.

O primeiro estágio no desenvolvimento da fala é a associação de certos sons — as palavras — a sensações visuais, táteis, auditivas, olfativas e outras, originadas do mundo exterior. Essas associações, várias vezes repetidas, são armazenadas na memória, o que permite formular as palavras através do aparelho fonador. O processo depende do córtex auditivo (onde se projetam as impressões auditivas) e do córtex motor (correspondente aos músculos respiratórios, da laringe e da faringe, além dos músculos da língua e dos lábios). A expressão sonora da palavra envolve a coordenação perfeita de todos esses músculos.

A criança pode não falar por não lhe terem ensinado a fazê-lo, como já se registrou no caso de filhos normais de pais mudos que vivem em estado

de isolamento, ou porque a criança é surda e não ouve a palavra falada. Não era o caso de Kilaim. A mudez também pode estar associada a comprometimento do sistema nervoso central, como a paralisia cerebral, em que a criança é completamente muda ou fala uma linguagem rudimentar que consiste em pouquíssimos vocábulos. Kilaim não tinha paralisia cerebral.

A mudez também pode resultar de distúrbios psíquicos, principalmente certas psicoses.

Enfim, depois de idas e vindas à fonoaudióloga, ao neurologista e à psicóloga, não se sabia ao certo que distúrbio ele poderia ter. A etiologia foi considerada idiopática, isto é, quando não se conhece a causa. E ficou atribuída à mutação genética que Kilaim tinha.

Camille e Ethan choraram muito por causa de tudo isso. Foi um período terrível. Com o tempo, contudo, tiveram que aceitar e se acostumar. Em todos os outros sentidos, o filho era completamente

normal. Kilaim chorava como qualquer criança, demonstrava alegria com os seus brinquedos e com os pais, gostava do banho, comia bem e quase não ficava doente. Era muito observador para uma criança pequena. Gostava de folhear livrinhos e olhava atentamente cada figura. Adorava ouvir histórias, mais ainda do que brincar com os brinquedos. Ouvia histórias atentamente, quase sem se mexer.

Assim, à exceção da fala, o desenvolvimento da criança era excelente. Não havia qualquer sinal de retardo mental, pelo contrário. Demonstrava muita inteligência. Um quarto de brinquedos foi montado com tudo o que era possível e imaginável, na saleta toda envidraçada que dava para o jardim dos fundos. Kilaim adorava ficar ali brincando, fosse com os pais, fosse com *madame* Verdoux, fosse sozinho. E continuava grande e robusto para a idade. Logo o pediatra foi percebendo — através da curva de crescimento infantil — que o ritmo de

crescimento de Kilaim era mais rápido. Ele se manteve bem maior do que as outras crianças da mesma idade.

***

Quando Kilaim estava com quase quatro anos, uma agradável surpresa veio ao encontro da família. Agora estavam todos acostumados com ele e com seu jeito. *Madame* Lyla comportou-se melhor e voltou ao convívio familiar. *Nonna* Giulia também aproveitava bastante o convívio com o neto já que *signore* Anatole, apesar de pouco aparecer, não mais impedia a mulher de conviver com o filho e a nora. *Signore* Arthuro também gostava imensamente da criança, que não tinha nada do biótipo italiano, mas era linda e inteligente.

Marc e Alannah já tinham mais uma menina — Sophie — e era divertido verem todos juntos. Kilaim brincava com as primas, mas não por muito tempo. Aparentemente se desinteressava das

brincadeiras com as crianças pequenas e procurava algum outro entretenimento sozinho.

O mesmo acontecia na escolinha. Ele era perfeitamente normal — a professora dizia que Kilaim era muito inteligente —, mas não queria falar (era isso que ela achava); e apesar de brincar com outros coleguinhas, desinteressava-se logo dos jogos.

Um dia Camille estava com ele numa livraria. Eles costumavam ir sempre ali para comprar os livrinhos que tanto interessavam à criança. De mãos dadas na seção infantil, Camille ia tirando da prateleira os livrinhos que o filho apontava com o dedo. Pegaram vários e Camille olhou para os almofadões coloridos:

— Você não quer se sentar ali com a mamãe para gente ver os livros? — indagou.

Kilaim correu até o almofadão amarelo e bateu palmas. Pessoas ao redor olharam para ele com simpatia, admirando sua beleza e vivacidade.

Camille sentou-se ao lado — e as pessoas admiraram também a beleza exótica da mãe — e colocou os livrinhos espalhados ao redor. Num instante, sem hesitação, Kilaim abriu um deles na primeira página. Camille foi se ajeitando de modo a ficar em melhor posição para ler o livro e mostrar as figuras ao mesmo tempo. Porém, antes que ela abrisse a boca, Kilaim começou a ler.

Camille ficou paralisada. Não sabia o que fazer. Queria gritar de alegria, abraçá-lo, elogiá-lo, fazer-lhe perguntas, tudo ao mesmo tempo. Porém, foi cuidadosa e começou comentando sobre a historinha que ele estava lendo, sem tomar uma atitude que pudesse assustá-lo e, consequentemente, coibi-lo naquele progresso. Assim, devagar e com cuidado, ela pediu que ele lhe contasse outra historinha e foi tratando a novidade com certa displicência, apesar de demonstrar sua alegria.

— Que linda essa história que você leu... — aventurou-se ela. — E essa outra aqui? Será bonita também?

Ela olhava para o seu bebê e para as páginas do livro, seguia com os olhos as palavras, uma a uma, tornava a olhar para Kilaim, e depois novamente para o livro, certificando-se de que não estava sonhando.

A historinha era curta, mas foi lida com incrível exatidão. Ele falava baixo, manso, calmo, com uma vozinha clara e bonita de criança.

Não era possível!

Quando Kilaim acabou, Camille não sabia bem se o envolvia logo, bem apertado, com os dois braços, ou se usava uma das mãos para enxugar os olhos. Estava muito emocionada e um peso incrível foi imediatamente retirado de suas costas. A preocupação pela ausência da fala foi substituída por uma sensação de enlevo que pairava sobre ela como gotas d'água caindo de uma cachoeira. Ela se

sentiu refrescada de toda a preocupação, de todos os temores quanto ao futuro de Kilaim. Começou a chorar, mesmo sem querer, e procurou disfarçar.

— Que história linda, *mon ange*.

— Por que você está chorando, *mamy*?

Aquela vozinha fez Camille dar um soluço inesperado.

— Estou feliz, *mon amour*. Feliz. Só isso.

Ela enxugava as lágrimas rapidamente.

— Meu filho, o que é isso?... como? Meu bem, como você sabe ler?

Kilaim parecia sossegado e não tinha verdadeira noção do que acontecia.

— Eu aprendi, *mamy* — respondeu ele.

— Mas *como* você aprendeu?

— Eu ensaiava as palavras, sozinho. No meu quarto, na salinha de brinquedos...

Camille não sabia o que dizer. Evitou fazer mais perguntas. Só queria que ele continuasse falando! Sentia que Kilaim simplesmente não tinha tido

vontade de falar até então. Na verdade nunca houve problema algum com ele. Camille não queria estragar aquele fenômeno espetacular com choro e perguntas.

— Você leu muito bem — ela disse, olhando-o fundo, e abraçou-o novamente. — Você está... de parabéns, *mon ange*.

Ele pareceu entender os motivos da mãe perfeitamente e ficou em silêncio, olhando para ela, durante alguns instantes. Então estendeu outro livrinho, pedindo:

— Lê?

Camille abraçou forte o filho e começou a ler.

Desde aquele momento Kilaim passou a falar normalmente, como se sempre o tivesse feito. E já sabia ler. O pediatra desta vez ficou muito surpreso. Todos os relatos anteriores sobre Kilaim nunca o tinham realmente surpreendido, mas desta feita ele se entusiasmou.

— Kilaim pode ser uma criança superdotada. Um gênio. Que tal enviá-lo para uma escola mais adequada?

Assim, Kilaim foi para uma escola melhor.

***

Logo na primeira semana, durante a aula de música, nova surpresa. A professora esperava Camille na saída.

— Tenho uma novidade para você, *madame*! Kilaim disse-me que vocês não têm piano em casa. No entanto ele começou a brincar no nosso piano um pouco antes da aula acabar, e de repente estava tocando a melodia que estivemos cantando! Ele nunca teve mesmo nenhum contato com aulas de música?

Camille ficou muito surpresa, mas achou que talvez houvesse exagero por parte da professora. O fato, contudo, não tardou a se confirmar. Era verdade: qualquer melodia não muito complexa

que Kilaim escutasse, ele podia tocar em seguida. Por sugestão do pediatra Ethan e Camille se decidiram a consultar um especialista em educação. A consulta foi muito elucidativa, pois os ajudou a entender melhor o que poderia estar acontecendo com seu filho.

— As crianças superdotadas são iguais a todas as outras em seu desenvolvimento motor e neurológico — foi explicando a doutora Megham Lafayette. — O que acontece é que o desenvolvimento mental não entra em sintonia com as demais crianças com quem ele convive. Seu desenvolvimento intelectual e emocional normalmente não é compatível com a sua idade, o que gera uma discrepância em relação aos seus colegas. Na escola podem ser muito hábeis em ciências e não se interessar pelas demais disciplinas curriculares, por exemplo. No caso de Kilaim, a primeira nota da superdotação foi a leitura espontânea, o ouvido absoluto e o talento musical.

A especialista explicou que crianças com dons especiais para aprendizagem desenvolvem quase todas as funções intelectuais em níveis diferenciados. Esse é o motivo pelo qual geralmente apresentam algumas diferenças de comportamento diante das outras. Elas conseguem brincar como crianças comuns, mas exatamente porque seu desenvolvimento cognitivo, de aprendizagem e quase todas as funções intelectuais encontram-se em níveis diferenciados, quando vão conversar, deduzir ou chegar a conclusões, o fazem de forma muito mais madura. Por esse motivo as demais crianças não as entendem e isso também acontece com os professores.

— Elas fazem as coisas que normalmente são adequadas a sua idade. O desenvolvimento moral, porém, é tão avançado que seus critérios e julgamentos estão além de muitos adultos. É por isso que normalmente não fazem coisas que desafiem as leis, lesem pessoas ou desagradem os

demais. Há um sentido de justiça e igualdade maior que o encontrado na maioria dos adultos. Como ele é nesse sentido?

Camille foi a primeira a falar:

— Ele entende muito bem a diferença entre o certo e o errado. Mas, nem sempre ele consegue *fazer* o que é certo. Ele tem muito interesse por insetos e pequenos animais; sabe que eles vivem e morrem, que podem sentir dor e medo. Gosta dos nossos gatos e do cachorrinho, faz carinho, conversa com eles. Entretanto, às vezes sem motivo justificável faz alguma maldade.

— De que tipo?

— Uma vez ele jogou o leite quente de sua caneca no meu gato predileto, logo depois de chamá-lo e acariciá-lo. Fiquei muito brava. Mas, depois, achei que ele pudesse ter agido assim por ciúmes.

— Ciúmes?

— *Oui*. Porque eu sou muito apegada a esse gato. Kilaim em geral tem muito ciúme de mim. Até mesmo se meu marido me abraça, ele reage empurrando o pai para longe de mim, ou então se interpondo entre nós dois. Outras vezes, esse ciúme simplesmente não aparece. Mas eu sei que ele está observando, sempre. Sempre. É muito observador.

— Outra situação é em relação aos insetos — comentou Ethan.

— Ele tem pena de matar insetos. Acho que aprendeu comigo porque eu sou assim. Entretanto, matou uma rã que apareceu na piscina. Foi muito cruel, e ficamos confusos...

— Cruel de que forma?

— Ele cortou as pernas do bichinho com uma tesoura infantil, ficou vendo, foi... bem... foi muito estranho — continuou Camille. — Eu estava tomando sol e não percebi de imediato, mas confesso que fiquei chocada, havia sangue, e... *alors*... mostrei-me muito brava novamente, não sei

que reação tomar. Preciso ensinar a ele noções de bem e de mal.

— Você acha que ele não tem? — a doutora Megham não acreditava naquilo.

— Bem, eu acho que ele sabe, sim. Ele sabe, mas por algum motivo tem um conflito. Em alguns momentos se mostra meigo e dócil com tudo e todos; mas, de repente, é como se... — ela escolhia com cuidado as palavras porque eram baseadas em impressões ainda sem muita nitidez — como se "se transformasse" e quisesse ser malvado com tudo e todos.

— Continue insistindo em lhe dar essas noções, sem, contudo, condená-lo demais. Pergunte-lhe por que faz essas coisas, se voltar a acontecer. Procure conversar e entender. Estabeleça um castigo justo, aplicado sem ira e sem descontrole da parte de vocês. Talvez ele faça isso para chamar atenção.

— Existe uma escola específica para essas crianças? — perguntou Ethan.

— A escola específica é aquela onde são respeitadas as necessidades educacionais especiais de cada uma dessas crianças especiais. Kilaim, como especial, precisa de atenção e de cuidados educacionais adequados, compatíveis com sua condição. Portanto, para ser ideal, a escola tem que atender todas as necessidades dele, e isso incluiria uma flexibilidade no *curriculum*. Por exemplo, Kilaim não precisa fazer a aula de música, se não quiser. Se ele gosta tanto de piano, deve estudar música fora da escola, com professor particular, que o ensine na medida e no ritmo de aprendizado dele. Escolham um professor gabaritado.

— *Oui*, ele gosta muito de piano; é impressionante.

— Então vocês devem mandá-lo para um ótimo professor. Quanto à escola, é interessante que o avaliem e priorizem a progressão de série.

— Isso quer dizer que ele não deve mais ficar no maternal?

— Ele já sabe ler. Poderia estar mais adiantado; quem sabe não vamos perceber, então, novos talentos e facilidades?

— Mas temos certeza de que ele é superdotado? Não é ainda muito cedo para afirmar isso? Tem apenas quatro anos.

— Descobrir que uma criança é superdotada não é tão difícil. Vocês não notam diferenças na forma como ele age e nas atitudes que apresenta? Ele brinca com crianças da idade dele?

— *Oui*, mas pouco. Ele logo se desinteressa. Nunca teve oportunidade de se relacionar com crianças mais velhas.

— Talvez ele encontre mais interesse junto às crianças maiores. Ou não. O mais importante é oferecer a ele a maior quantidade possível de oportunidades, compreendem? Ele precisa de uma

estimulação diferente, mais ampla, em todas as áreas. Ele faz alguma atividade esportiva?

— Ele frequenta as aulas na piscina, comigo — disse Camille. — Gosta muito de água.

— É importante ampliar isso. Talvez aulas que envolvam psicomotricidade.

— O que é, exatamente?

— A Psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal. O objetivo principal é incentivar ao máximo a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança. Por meio de jogos e brincadeiras, além de se divertirem, as crianças criam, interpretam e se relacionam com o mundo em que vivem. Por isso, cada vez mais os educadores recomendam que os jogos e as brincadeiras ocupem um lugar de destaque no programa escolar desde a Educação Infantil. A Psicomotricidade visa reunir o corpo, a mente, o espírito, a natureza e a sociedade. Portanto, ela

também está associada à afetividade e à personalidade, porque o indivíduo utiliza seu corpo para demonstrar o que sente. Na Educação Infantil, a criança busca experiências em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal, conscientizando-se sobre seu corpo. Isso favorece a formação de uma base indispensável ao seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico. Assim, a criança desenvolve aptidões também, de acordo com sua maturação biológica, além de conservar a saúde física e mental, o que é indispensável para o seu desenvolvimento intelectual. Bons exemplos de atividades físicas são aquelas de caráter recreativo, que favorecem a consolidação de hábitos, o desenvolvimento corporal e mental, a melhoria da aptidão física, a socialização e a criatividade; tudo isso visando a formação da sua personalidade.

— *Mince*! Quanta coisa importante. Na academia existem aulas para crianças de 3 a 5 anos que visam

o desenvolvimento da psicomotricidade. Não imaginávamos que fosse tão importante — disse Ethan. — Vamos providenciar isso. E quanto aos testes de Q.I.? Seria indicado?

— Não são interessantes no caso de Kilaim. Além de ser cedo para fazer o teste, que é padronizado para ser aplicado a partir dos 7 anos, ele não é medidor de superdotação porque não abrange todas as áreas da inteligência. Para mensurar a superdotação seria necessário um processo muito mais amplo de avaliação. Contudo, temos percebido que pais e professores têm nos encaminhado, cada vez mais, crianças muito pequenas. Não há idade para detectar a superdotação, mas desde os 2 anos já é possível observar as grandes diferenças apresentadas por essas crianças, especialmente se os pais forem conscienciosos e atentos ao desenvolvimento da criança. Mas a partir dos 3 anos, quando a criança já está iniciando a vivência escolar, é facilmente

percebida a sua diferença em relação aos demais. Apesar de que muitos professores não estão ainda preparados para perceber isso. Algumas crianças já estão sendo avaliadas com 2 anos a 2 anos e meio, em procedimentos informais e comparativos. E os diagnósticos são conclusivos, quer dizer, não mudam com o passar da idade. Normalmente solicitamos que no início do ensino fundamental elas voltem para complementar as áreas de avaliação ainda incompatíveis com a idade muito precoce. Por ora, vocês estão fazendo certo: é fundamental que os pais estejam informados, para melhor poder entender as diferenças e necessidades de seus filhos, e conduzi-los adequadamente. Superdotados precisam apenas conhecer seu potencial e sua condição intelectual. Não necessitam de tratamento, pois é uma condição do indivíduo, e não uma doença. Claro que o desconhecimento da superdotação gera indivíduos insatisfeitos, inseguros, desestimulados com a

escola, além de outros problemas. Crianças superdotadas que não possuem as informações necessárias para entender o seu lado diferente se transformam em crianças frustradas por não encontrarem desafios compatíveis com sua inteligência e podem ser vistas como desatentas, dispersivas, desmotivadas e, principalmente nos dias de hoje, como portadoras de transtornos.

Ethan e Camille agradeceram muito à doutora Megham Lafayette e ficaram felizes e satisfeitos. Kilaim passou de uma criança potencialmente problemática, que não falava — e talvez nunca o fizesse — para alguém com uma mente brilhante em muitos aspectos. De fato, em pouco tempo passaram a receber comentários e elogios dos professores, que se admiravam com a desenvoltura crescente de Kilaim. Ele passara a ser muito cortejado e admirado. Tinha um magnetismo próprio.

A família toda agora estava mais do que orgulhosa. Os pais em especial. Eles tinham gerado um gênio! Aos quatro anos ele iniciou o ensino fundamental, sem maiores problemas. O estudo de piano revelou-se excepcional; ele apresentava grande desenvoltura e excelente musicalidade, executando peças bem adiantadas e demonstrando grande interesse pelos clássicos.

***

A próxima novidade veio quando Kilaim estava com sete anos. Nessa época ele cursava a quinta série do ensino fundamental e passou rapidamente a desenvolver muita habilidade com matemática. Quando os professores viram suas notas A+ seguidamente na matéria, aplicaram-lhe testes e perceberam que ele já sabia calcular raiz quadrada e logaritmos, além de mostrar grande desenvoltura em geometria. Ao ser interpelado, disse ter aprendido estudando livros de matemática pela

Internet. Durante as avaliações, brincando, recitou o número *pi* até a vigésima casa decimal; fazia contas enormes de cabeça em tempo *record* e tinha capacidade de acertar datas do calendário em segundos, dizendo, por exemplo, que dia da semana tinha sido 25 de agosto de 1843. Seu interesse pela matemática era tanto que logo esgotou a matéria regularmente aprendida no primeiro e segundo graus. Partiu para o estudo de problemas e resolução de equações bem mais complexas, um universo destinado aos estudantes de matemática na universidade. Ethan e Camille desistiram de tentar acompanhar o aprendizado do filho neste seguimento.

Diante daqueles resultados na escola, mais uma vez o pediatra solicitou avaliação neurológica. Os exames revelavam áreas no cérebro de Kilaim mais ativas do que numa pessoa normal. Contudo, em geral se tratavam de áreas pouco conhecidas pela Ciência. Não sabiam dizer que espécie de

genialidade era aquela que ele apresentava. Ao que parecia, as alterações genéticas que ele possuía se mostravam, até aquele momento, todas benéficas.

É bem verdade que os "surtos" de maldade continuavam — mas agora Kilaim as fazia escondido, pois aprendera que as reprimendas e os castigos sempre vinham em seguida. Não eram frequentes esses "surtos", e na verdade não eram surtos realmente; era somente uma vontade forte demais para ser negligenciada. Uma espécie de obsessão que vinha dentro dele, às vezes. Descobriu que quando aquela obsessão vinha, ele sentia um grande prazer em matar animais: gatos, coelhos, ratos. Com crueldade. Depois, desconsolado, chorava e se penitenciava usando de pequenas crueldades contra si mesmo: cortes superficiais, ligeiras queimaduras. Nada que pudesse ser percebido pelos pais ou professores.

Aquela ambiguidade dentro dele continuava, e ele tentava entender, mas não conseguia; uma

dualidade, como uma personalidade bipartida que ele fez questão de esconder; uma desigualdade, uma falta de equilíbrio. Ele tinha clara noção do bem e do mal, do certo e do errado. E desejava ser bom, entretanto algumas vezes percebia que dentro dele havia uma chama de mal; uma espécie de descarga de energia "não boa" — pelo menos ele entendia assim — cada vez mais difícil de negar.

Além disso, Kilaim continuava grande para a idade. Aos sete, aparentava ser um menino de onze.

***

Mais um ano se passou na vida deles e Kilaim descobriu mais um talento. Aos oito anos de idade, certo dia pediu material de pintura para desenhar nas paredes do quarto. A árvore com passarinhos que Camille tinha feito para seu bebê já não mais existia porque ele tinha enjoado do motivo infantil. As paredes eram azuis agora. Entretanto, ele decidiu decorar suas paredes a seu modo. Havia

sonhos. Ele queria retratar parte daqueles sonhos para não se esquecer deles.

Zeloso do trabalho que ia realizar, não queria que os pais bisbilhotassem, e passou alguns dias pintando durante suas horas livres com a porta do quarto trancada à chave, escutando Beethoven nas alturas. Finalmente, ele procurou a mãe pela casa, certa tarde. O pai não estava, e Kilaim preferia assim. Seria um presente para sua mãe.

— Terminei — falou ele, à guisa de explicação.

Camille largou o que estava fazendo e subiu junto com o filho até o quarto. Apenas uma das paredes estava pintada. A dos passarinhos que já não existiam.

A pintura era de tal forma perfeita que parecia real. Camille custou a acreditar quando entrou e olhou para a parede. Os móveis estavam arrastados num canto para dar espaço e não havia um pingo de tinta no chão. Perplexa, ela olhava da pintura

para o filho que sorria orgulhoso, e de volta para a pintura.

— Acho que eu puxei a você, não é, *mamy*? O gosto pela pintura...

— *Mince, mon ange*... que talento o seu. É muito maior que o da mamãe.

Kilaim retratara dois mundos lado a lado. O mar e a terra. O lado do mar parecia ser uma visão debaixo d'água. O mundo ali criado exibia cores escuras, ligeiramente alaranjadas em alguns pontos e negras em outros; na paisagem, muitas casas piramidais com desenhos arquitetônicos bastante refinados. Fendas no chão deixavam escapar labaredas de fogo e por todo lado havia pessoas dançando; entretanto havia também outras que não dançavam. Estas tinham olhar claramente aterrorizado e eram caquéticas, cadavéricas. Já as que dançavam apresentavam-se com aparência forte, robusta, músculos definidos e braceletes de ouro.

Para separar aquele estranho mundo do outro, o que representava a terra, havia um racho perfeito desenhado de alto a baixo na parede.

Camille passou a observar a outra metade do desenho, primeiro de longe e depois chegando mais perto. Kilaim tinha feito algo como uma catedral suntuosa em primeiro plano, com cúpula grande e dourada, rica em detalhes. Em derredor havia plantações de trigo, flores das mais coloridas em abundância, campos enormes. Porém, não passava de um grande deserto: não havia ninguém.

— Kilaim... que coisa mais linda! — balbuciou Camille. Ela estava impressionada com a qualidade da pintura.

Já acostumada com os dotes incomuns do filho, a surpresa não era tanta pelo fato dele ter feito um trabalho perfeito. Estava mais curiosa em relação ao significado do desenho, tão cheio de detalhes e nuances, e com conteúdo aparentemente bem

definido. Apontou para a bela construção — a única — do lado da terra.

— O que é isso? Uma catedral?

Kilaim olhava para ela e sorria, sem responder. Às vezes ele era assim.

Camille virou o rosto e continuou observando o lado da terra. Era bonito. Pôs uma das mãos na fronte.

— Por que é que deste lado, que é tão bonito, não tem ninguém?

Novamente Kilaim sorriu para a mãe, e não respondeu de imediato. Por fim, falou em tom brando:

— Acho que eles foram embora.

Camille não questionou.

— E deste outro lado?

Kilaim ficou calado, mas chegou perto do desenho e apontou uma das casas em particular. A maioria das casas era bonita, e tinha cores bonitas também, apesar do clima escuro da pintura como

um todo. A casa que Kilaim apontou tinha estrutura piramidal.

— Você achou essa a mais bonita? — indagou Camille seguindo o dedo de Kilaim.

— Eu morava aqui — declarou ele, para surpresa da mãe.

Ela riu e brincou com ele:

— Ah! Então você era um faraó?

Kilaim balançou a cabeça e olhou-a nos olhos.

— Não. Eu era professor do faraó. Eu ensinei ele a fazer essas casas.

Camille sorriu de novo, assentindo. Sabia que o filho lia muito, e achou que estava apenas expressando interesse pela cultura egípcia e, em sua mente ainda infantil, se punha como participante da história. Era só coisa que tinha ficado na cabeça dele e que acabou se expressando por meio do desenho.

— Mas e essas pessoas aqui? Por que estão tão assustadas e tão magras?

Kilaim respondeu apenas parte da pergunta.

— Depois elas vão comer e ficar fortes como as outras — e sorriu mais uma vez.

Houve um momento de silêncio enquanto Camille ainda observava o desenho, virando a cabeça. Desta vez foi Kilaim quem rompeu o silêncio.

— *Mamy*... você já teve pesadelo?

— Já — ela respondeu sem dar muita atenção à pergunta.

— Você já teve daqueles bem reais, que quando você acorda e finalmente vê que era só um sonho, pensa: "*Hé*... foi só um sonho"?

— Já — repetiu Camille. Olhou para ele. — Acho que todo mundo já teve pesadelos assim. É que às vezes você assiste a um filme, ou lê um livro, e as coisas ficam na sua cabeça e então...

Kilaim colocou os dedos sobre os lábios dela. Não estava interessado na explicação que ela queria dar. Num repente de sinceridade, olhando para um

dos semblantes aterrorizados que tinha retratado, falou em voz grave:

— Só que eles não vão acordar.

Foi somente aí que Camille achou o comportamento e as palavras de Kilaim estranhas, e um arrepio de temor perpassou-lhe o corpo subitamente. Sem saber o que mais dizer, deu por encerrada a conversa e foi saindo do quarto, chamando Kilaim para vir também. Mas ficou pensativa. Olhava-o enquanto ele brincava de puxar um pequeno fio diante do focinho de Penélope. Lembrou-se de quando estava grávida, e de quando trouxeram-no para casa. No início os gatos tinham medo dele. Depois passou. Assim como aos poucos eles também voltaram a ficar perto dela, como sempre foi.

Mais tarde, antes da janta, comentou com Ethan sobre o significado do desenho. Ethan igualmente ficara estupefato e preocupado ao mesmo tempo. Aparentemente Kilaim retratava Céu e Inferno,

mas por que um Inferno superlotado e um Céu deserto?

— O que será que está acontecendo? — os pais se perguntavam. — Será que ele teve algum contato com assuntos religiosos e ficou impressionado?

— Por isso tenho pavor de religião — desabafou Camille de mau humor. — Só deixa as pessoas com a mente confusa e culpada.

— Mas aonde você vê culpa na pintura? — indagou Ethan. — Pelo fato de, aparentemente, ninguém ser digno do Céu? O pecado ser mais abundante e determinante de uma condição eterna?

— Algo assim. Mas é muito estranho. Sempre evitamos o tema religião por aqui.

Mas não podiam controlar e nem mesmo saber tudo quanto Kilaim lia e tudo o que aprendia; uma ponta de inquietação ficou no coração deles. Resolveram marcar um psicólogo para Kilaim, na esperança de esmiuçar um pouco aqueles

pensamentos que ele tinha, indiretamente, colocado para fora.

Mas foi um tiro n'água.

Esperto, diante do profissional Kilaim se comportava de maneira perfeitamente normal, falava de coisas corriqueiras da escola ou outras igualmente inofensivas. Durante seis meses, três vezes por semana, ele frequentou o consultório do psicólogo, porém o profissional não conseguiu extrair nada de significativo.

— É uma criança muito inteligente — relatou o psicólogo por fim —, mas normal. Tirando o grande potencial que tem, não vejo nenhum outro distúrbio. Pessoas muito inteligentes na maior parte das vezes não são compreendidas pelos demais. Acabam sendo interpretadas como excêntricas. A verdade é que elas estão num patamar acima do nosso. É o caso de Kilaim, como vocês já sabem.

Nada de novo.

Era melhor que não se tivesse encontrado nada de errado com ele. Ethan e Camille enterraram o assunto. De qualquer forma, Kilaim não voltou a tocar naquilo, e nem parecia ligar para a pintura no quarto.

***

Nove anos de idade e Kilaim passou pelo estirão. Sua voz mudou e sua estrutura muscular também. Os pais ficaram boquiabertos, os médicos idem. O menino de nove anos agora parecia ser um rapaz de catorze, bem grande: 1,82 de altura, 80 quilos. Apesar de ele já ter sido mais do que investigado quanto ao excesso de hormônio de crescimento, dentre outras causas que poderiam levar ao crescimento rápido e excessivo, nessa fase voltou-se a falar em gigantismo. Todavia, novamente isso não se confirmou. Os exames revelaram uma glândula hipófise sadia, sem tumores, e dosagem normal de hormônio de crescimento. O caso de Kilaim era

uma incógnita, ele simplesmente reagia mais e melhor ao hormônio. Também a infinidade de complicações que o excesso de hormônio de crescimento pode acarretar estava ausente. Era difícil precisar um diagnóstico.

Por sinal, fazer diagnósticos sobre Kialim era muito complicado.

Quando era pequeno, por causa da fala atrasada e a existência de alguns dos dotes que ele tinha na área de música, os médicos foram levados a cogitar o autismo. Embora não haja perfeito consenso, o autista preserva o seu potencial cognitivo — quer dizer, não necessariamente existe retardo mental. Tanto que mesmo sem conseguir comunicar-se com o mundo pelos padrões sociais normais, um autista pode, em segundos, montar um quebra-cabeça que uma criança normal levaria horas para conseguir.

O que não funciona no autista é sua capacidade de comunicação externa, comunicação com o

mundo, com o meio. Mas isso não quer dizer que ele não tenha conteúdo. Em muitos casos os autistas apresentam uma grande capacidade intelectual, especialmente nas ciências exatas. Algumas crianças de apenas dois anos, com diagnóstico confirmado de autismo, aprendem a ler, não obstante a falha na comunicação de uma forma geral, que pode ser bem restrita. A maioria dos autistas não fala até os quatro anos, assim como não chega a escrever. No entanto, em casos mais leves, quando existe acesso a computadores a escrita consegue se desenvolver.

Entre os sintomas mais comuns estão os distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas, que foi, em parte, o caso de Kilaim. Outros sintomas comuns são reações anormais às sensações, em especial em relação à visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo. Esse já não era o caso do menino. Também o autista não se

relaciona de forma normal com objetos e pessoas; mas Kilaim não apresentava esse problema, gostando da presença dos pais, de outros familiares, das primas e se interessando por brinquedos e atividades normais da infância. Não exibia o clássico sintoma de repetição exaustiva de uma situação. E Kilaim tocava piano cada vez com maior excelência; começou a falar. O diagnóstico de autismo revelou-se periclitante.

Certa época cogitou-se que Kilaim poderia ser um *savant* em função de sua memória extraordinária — capaz de tocar uma música com perfeição após a primeira audição —, além de possuir grande habilidade com desenho, pintura e cálculo. A maioria dos *savants* tem uma incrível habilidade com os números, muitos fazem contas complicadíssimas em décimos de segundos: rápidos como uma máquina. Também são *expert* em calendários, conseguem calcular rapidamente em que dia da semana vai cair uma determinada

data mesmo que seja um dia qualquer do próximo século.

A síndrome de *Savant* é quatro vezes mais comum no sexo masculino e pode ser congênita ou adquirida, além de aparecer em 10% dos autistas. O mais famoso *savant* do mundo foi o americano Kim Peek, que inspirou o diretor Barry Levinson a fazer o filme "*Rain Man*". Ele aprendeu a ler aos dois anos e hoje, aos cinquenta e cinco anos, conhece de cor mais de 7.500 livros.

Entretanto a linguagem e a fala dos *savants* tendem a ser pouco desenvolvidas. Não era exatamente o caso de Kilaim.

Kilaim teve o diagnóstico de autista e de *savant* durante algum tempo, mas depois isso se descaracterizou porque ele se relacionava com o mundo. Não era o que se podia chamar de comunicativo, naturalmente tinha suas idiossincrasias, mas isso foi mais atribuído à superdotação.

Na verdade, o diagnóstico dele era um diagnóstico de exclusão. Podia-se dizer o que ele não era. Por outro lado, não se sabia dizer o que ele *era*.

Chegou um tempo em que especialmente Camille estava saturada de médicos, psicólogos, neurologistas, testes e exames.

— Se eles não conseguiram explicar o que Kilaim tem até agora, é melhor deixar isso quieto. Se não há explicação científica, chega de ficar *estudando* o meu filho. Vamos deixá-lo viver a vida dele do jeito que ele é. Que mal há nisso?

Embora Ethan não fosse avesso à investigação, Camille deixou o pediatra falando sozinho depois que ele comentou certa vez sobre uma biópsia que talvez pudesse ajudar, e falou em mais um monte de exames.

— Chega. Era o que me faltava!

E durante muito tempo não procuraram mais ajuda profissional de nenhuma espécie, deixando a

vida seguir seu curso.

Parte II

Lyon — três anos depois
Primeira Quinzena de Junho

1

Abîme

Era dia de prova final no segundo ano do ensino médio. Kilaim nem tinha estudado nada. Eram coisas maçantes e medíocres, que não mereciam destaque, muito menos grande atenção de sua parte. A sala de aula estava aquecida pelo sol e a temperatura permanecia agradável; logo o ano letivo terminaria.

O professor Legrand dava as últimas instruções sobre a prova de química. Enquanto isso Kilaim divertia-se com um giz comprido, esculpindo, com muito cuidado, um totem indígena com a ponta de

um clipe. Estava ficando perfeito, uma carranca feia diferente da outra. Perfeito para ser jogado no lixo, mais tarde.

O professor Legrand distribuiu as provas e a turma — preocupada e ansiosa — começou a resolver os problemas de cálculo estequiométrico.

Kilaim pegou sua prova, virou de cabeça para baixo e continuou detalhando seu totem meticulosamente. O colega do lado viu, e não disse nada. Já conhecia as estranhezas de Kilaim. Quinze minutos se passaram; meia hora. Volta e meia o colega desviava a atenção de sua prova e olhava atentamente para o colega. Por fim, não resistiu e perguntou, bem baixo:

— Você não vai fazer a prova?

Kilaim desviou a vista para ele lentamente:

— Daqui a pouco — e continuou riscando o giz com o clipe, preocupado com cada entalhe.

Mais dez minutos. O colega ao lado estava inconformado e olhava para Kilaim toda hora. Era

irritante, pensou o jovem — realmente irritante como aquele cara era displicente, e depois terminava com o boletim cheio de notas altas!

Finalmente o totem ficou pronto. E perfeito. Então Kilaim começou a apontar o seu lápis para começar a prova. Apontou e deixou a ponta comprida, bem fina, afiada. Olhou para o lado e deu de cara com o colega encarando-o mais uma vez. Dessa vez ficou irritado:

— Se você olhar para mim mais uma vez — ele disse, segurando o lápis dentro de um punho fechado. — Vai ser a última coisa na vida que você vai ver, porque vou enfiar esse lápis bem dentro dos seus olhos.

Falou com muita convicção e frieza, como lhe era peculiar sempre que se irritava. O outro nem respondeu. Engoliu em seco e se ajeitou na cadeira de cabeça baixa, agora até meio de lado. Não gostava do olhar dele. Era um olhar estranho,

muito profundo, muito frio, muito negro; especialmente se estivesse bravo.

Kilaim não se enraivecia facilmente na escola. Sentava-se na frente, não provocava ninguém e não fazia parte da turma da bagunça. Tinha começado no novo colégio em setembro último para o segundo ano do ensino médio. Era uma escola de primeiríssima linha. No começo, os demais alunos implicaram muito com ele, como era típico dos adolescentes. Naturalmente foi testado e provocado porque era diferente. Mas, mesmo com as implicâncias e perseguições, ele logo ganhou reputação na escola. Tinham medo dele por causa de sua força, que parecia quase inexplicável, bizarra. Ele era alto e tinha porte, mas não se esperava dele tanta força física. Ninguém sabia que ele só tinha onze anos; a coordenação da escola estava de acordo com os pais que era desnecessário ventilar esse assunto. Kilaim aparentava seus

quinze anos, mais ou menos a mesma idade dos demais alunos.

Em todo grupo de adolescentes, em toda escola existem competitividades, rixas, provocações. Kilaim era novo. Tinha aquele jeito meio solitário. Contudo, era muito bonito, com pele quase translúcida de tão branca, cabelos lisos na altura do ombro, extremamente negros, e olhos igualmente negros. E era tremendamente inteligente. Eis o conjunto completo para chamar atenção. As garotas reparavam e os rapazes também.

Os encrenqueiros queriam humilhá-lo, mas logo ficou provado que investidas físicas estavam fadadas ao fracasso, pois Kilaim as detinha praticamente sem esforço. Brigas, ele evitava; mas se não podia evitar, brigava e sempre batia. Isso enfurecia ainda mais os oponentes. Entretanto, foi numa manhã fria de janeiro que sua reputação se consolidou de uma vez por todas.

Na hora do intervalo, um grupo de jovens estava jogando braço-de-ferro perto da cantina, fazendo grande arruaça, um monte de garotas em volta.

Kilaim estava perto, comprando lanche, e alguém o chamou:

— *HÉ*, você aí! Kilaim!

Antes de olhar ele já sabia quem era: Eric, um do terceiro ano, um por quem Kilaim nutria especial antipatia. Ele tinha aquele cabelo despenteado de roqueiros, usava blusões cheios de tachas e se achava demais. A antipatia era mútua. Kilaim não respondeu.

— Acho que ele está com medo, pessoal — Eric falou com desdém.

Kilaim passou por eles, ignorando os comentários.

— Você só tem tamanho, idiota. É um covarde — falou o amigo de Eric, Jean-Claude, apontando um gesto feio.

Alguns riram. As meninas do grupo deles, que estavam em volta, ficaram olhando com o mesmo ar de desdém, provocando. Intimamente queriam saber no que ia dar.

Kilaim deu meia-volta, colocou o lanche em lugar seguro sobre o batente de uma janela ao lado e se sentou na cadeira, defronte de um deles, pronto para o braço-de-ferro. Sem abrir a boca para falar nada, para surpresa de todos, ele derrotou muito rápido os três primeiros oponentes, inclusive o fanfarrão Jean-Claude. As meninas agora já olhavam diferente para Kilaim, com certa admiração. Ele nem parecia cansado! Depois de fazer tanta força era para estar com os músculos do braço em frangalhos. Uma das moças, Nathalie, deu um tapinha no ombro de Kilaim, obtendo de volta um leve sorriso.

Isso irritou Eric mais do que tudo. Por fim, depois de cinco vitórias seguidas, quando o braço de Kilaim deveria estar efetivamente saturado e

muito dolorido, Eric estendeu o dele, pronto para o desafio que, no entender dele, já estava na hora de acabar. Mais alguns se achegavam, olhando. Eric era o último e também o mais forte.

Ele sentou-se defronte Kilaim, que não estava nem suado nem alterado. Ele só olhou fundo nos olhos do outro, o cabelo liso e comprido caindo ligeiramente sobre os olhos. Eric devolveu o olhar e estendeu o braço, ajeitando-se na cadeira. Os dois mediram força e, de início, parecia que Eric estava levando a melhor; o ângulo de abertura do braço de Kilaim estava grande e o do outro, bem fechado. Eric punha toda força que tinha, a musculatura retesada; Kilaim igualmente parecia estar usando muita força, mas, de repente, ele simplesmente encerrou a disputa de forma inesperada. Ele interrompeu o movimento de abertura do seu braço e o ângulo foi fechando, fechando, ficou a noventa graus e depois, num único gesto, ele

derrubou o seu oponente gerando assobios e aplausos da turma que assistia.

Nathalie e as outras deram-lhe tapinhas e o parabenizaram, efusivas. A turma de rapazes estava indignada. Kilaim pegou seu lanche de volta e foi sentar-se sozinho numa das mesas.

Eric ficou irritado; seu amigo Jean-Claude também, e Loic — o primeiro derrotado, de 16 anos e bem fortinho — tomou as dores de ambos.

De longe, um quarto jovem tinha ficado olhando. Seus olhos azulados se estreitavam enquanto ele observava Kilaim.

***

Durante o intervalo do almoço os três rodearam a porta do banheiro assim que Kilaim entrou. Era um banheiro mais reservado, longe do pátio principal.

— Fica você aí — ordenou Eric a Loic. — Não deixe ninguém entrar; só precisamos de alguns minutos.

— *Merde*! Esse bastardo vai aprender agora com quem está lidando — disse Jean-Claude, petulante.

— Vão lá, vão lá! Rápido! Deixe que tomo conta da porta.

Eric e Jean-Claude entraram no banheiro. A porta do reservado logo se abriu. Eric estava parado bem na frente, impedindo a passagem. Kilaim o ignorou e fez menção de passar pelo lado, mas o outro deu um passo e se pôs de novo na frente dele. Kilaim deu outro passo para o outro lado, mas Eric tornou a se colocar na frente. Fez isso umas quatro ou cinco vezes — o que é bastante.

— Vai me deixar passar, ou não, infeliz? — indagou Kilaim encarando-o nos olhos, como era seu costume.

— Não gostei de sua atitude hoje — respondeu Eric chegando bem perto e olhando também nos olhos de Kilaim.

Instantes de silêncio.

Kilaim mais uma vez deu um passo para o lado, só que desta vez Eric barrou sua passagem com um empurrão no ombro e apontou o dedo bem no seu rosto, quase tocando em seu nariz. Uma ira insana inflamou as entranhas de Kilaim, rápida como uma explosão e — sem que fosse possível precisar que movimentos ele fizera —, num ápice de segundo, o dedo em riste de Eric estava quebrado, o osso branco saltando no meio de um jorro de sangue, a ponta virada para trás.

Urros de dor de Eric; gritos de espanto de Jean-Claude, que se agachou ao lado dos mictórios, amedrontado, pensando ser ele o próximo. Kilaim se abaixou ao lado de Eric, e falou no ouvido dele:

— Tudo que aponta para mim, eu mando de volta. Não se esqueça disso.

Assim que ele saiu do banheiro já vinham correndo várias pessoas, atraídas pelos gritos. Kilaim pegou sua mochila, jogou sobre o ombro e foi embora. Claro que a história repercutiu. Sua

fama cresceu depois disso. A escola não pôde fazer nada contra ele porque Kilaim se defendera; eram três contra um. Havia testemunhas das desavenças anteriores. Agora, tinham medo dele.

Dois dias depois, quando Kilaim estava na biblioteca lendo, um jovem de olhos azulados sentou-se em sua mesa. Kilaim olhou na direção dele e viu que não trazia nenhum livro, *laptop* ou caderno.

— Adrien Bourgundy — o rapaz estendeu a mão direita.

Kilaim olhou-o e estendeu a mão de volta.

— Kilaim Mastrangello.

— Eu sei — Adrien sorriu de leve. — Estou no terceiro ano desta *merde*. Como é que você aguenta?

Kilaim deu de ombros e não respondeu.

— Eu sei o que você tem — disse Adrien, indo logo ao ponto. — Sei o que você tem de diferente.

⁂

Depois do episódio no banheiro, os três jovens provocadores praticamente nem olhavam mais para Kilaim. Contudo, coisa estranha... todos tinham a impressão de sentir arrepios nas costas, gélidos, quando ele estava por perto. Muitas vezes nem tinham ainda notado a presença dele, aí vinham os arrepios, a sensação de mal estar. Ao olhar para trás, percebiam a presença de Kilaim

⁂

Se por um lado os jovens tinham suas ressalvas em relação a Kilaim, os professores não eram diferentes.

Tudo começou num dia em que a professora de francês, *mademoiselle* Manuelle, resolveu implicar com ele por causa de sua distração durante a aula.

— *Monsieur* Mastrangello, você não está prestando atenção em nada.

A professora era nova, estava cobrindo férias, e, naturalmente, estava desavisada quanto aos dotes acadêmicos de Kilaim.

— Já entendi tudo o que você disse — ele respondeu.

Ela estava pronta para continuar quando ele é que fez um comentário que deixou a professora embasbacada:

— Seu problema é tão claro... essa insegurança toda. Você acha que os outros não te dão atenção. Quando você descobriu que foi adotada? — ele perguntou em tom de gelar o sangue nas veias, sempre de olhos fixos nela.

As cabeças dos alunos se voltaram para ele, e de volta para a professora:

— Desde quando eu fui adotada? De onde você tirou esse absurdo? — mas seus lábios tremiam. Parecia em choque. Foi difícil para ela retomar a aula.

E pelo modo como deixou Kilaim quieto, ao invés de mandá-lo para a coordenação pela insolência, ficou evidente que ele tinha razão. Não se sabia como, mas ele tinha.

Mais tarde, depois da aula, as garotas que entraram na *toilette* puderam comprovar as lágrimas disfarçadas de *mademoiselle* Manuelle.

***

Kilaim, depois deste episódio, passou a apreciar esse tipo de brincadeira. Os professores eram tão medíocres! Gostava de expor suas fraquezas; eram tão claras e patentes, escritas na cara de cada um deles. Os pontos fracos estavam ali, impressos, só esperando que ele lesse em voz alta. Kilaim não sabia bem como era tão fácil saber, tão fácil decifrar; ele apenas sabia.

É verdade que alguns professores ele deixava em paz; mas, outros... havia outros de quem ele realmente não gostava. Então, sem nenhuma prévia

Kilaim ficava olhando, analisando, e de repente, no meio de uma explicação, vinha com um comentário surgido do nada:

— Por que sua mãe bebia tanto? — perguntou ao professor de biologia.

O professor — entretido com a matéria — demorou um pouco para processar o comentário:

— *Quoi*? — o rosto dele ficou lívido; não queria admitir que estava ouvindo aquilo.

— Acho que ela deve ter tido muito desgosto com você — continou Kilaim, em tom gelado.

O professor ficou quieto alguns segundos e depois se recompôs rapidamente. Era austero e inteligente.

— *Oui, oui*. Todos aqui deveriam ouvir o que *monsieur* Kilaim tem a dizer sobre a vida alheia. Sem dúvida ele é um poço de sabedoria.

A classe deu risada. Kilaim fechou o semblante, sentindo aquela ira já conhecida. Seus olhos negros pareciam abismos profundos:

— Por que você deixou sua esposa esperando tanto tempo hoje, na hora do almoço, enquanto você ia àquele prostíbulo, *professeur*? — e falou com muita segurança.

Podia-se ouvir um fio de cabelo caindo no chão.

— O... que... você *disse*?

— O que você ouviu. Posso sentir daqui o cheiro da *putain*.

— Mais *uma* palavra e você vai daqui para a coordenadoria — ameaçou, rubro, tremendo, o professor de biologia.

Kilaim se levantou para sair.

— Ah — ele jogou a mochila sobre o ombro — aquela outra de ontem estava contaminada. Grande erro, grande; gastou dinheiro para usar ela sem *condom*... — ele soltou uma risadinha — Estou de saída.

O professor ficou espumando de raiva. Kilaim riu mais alto quando já estava no corredor; não iria à coordenadoria. Sabia que o professor não estava

falando sério, era só para manter a linha diante dos outros alunos.

Brincadeiras assim — mexer com os sentimentos das pessoas — acabaram se tornando marca de Kilaim. E de tal forma todos sabiam que ele tinha razão que se sentiam mal só de ele encarar; parecia que quando Kilaim encarava alguém, ia logo dizer alguma coisa pessoal, expor algum podre. E, apesar de não ser frequente, todavia, quando acontecia, só consolidava ainda mais o bochicho: de que ele tinha alguma espécie de clarividência.

Noutra ocasião, a vítima de Kilaim foi *madame* Augustine, que ensinava inglês. Ela tinha entregado as provas e feito um comentário por escrito na prova de Kilaim sobre ele melhorar seu vocabulário. Kilaim não gostava de inglês, e detestava a mestra de meia-idade e rosto ossudo, lembrando um cadáver.

Os alunos ainda estavam olhando as notas e a professora preparava-se para a correção quando ele

disse, em tom brando, mas com olhos profundos:

— Seu irmão está aqui. Está bem aí do seu lado. Diz que gostaria tanto que vocês estivessem juntos de novo...

Madame Augustine ficou lívida na mesma hora, incapaz de falar coisa com coisa.

— Menino, deixe de brincadeira — ela conseguiu articular.

— O espírito dele está aqui. Vocês eram gêmeos, *n'est-ce pas*? Que pena que ele morreu naquele acidente terrível.

A mestra ficou muito passada, pediu licença aos alunos e só conseguiu voltar depois de dez minutos. Kilaim já tinha saído. Em cima da mesa de *madame* Augustine ficou a prova dele, com letras escritas em vermelho: "A bebida acabou comigo depois da morte do seu irmão. Não culpo você, eu ainda te amo. Beijos, mamãe". Quando a professora viu aquilo, escrito na caligrafia de sua mãe, não pode conter as lágrimas e a aula encerrou ali mesmo.

⁂

Em casa Kilaim era normal. Esse lado maldoso, sarcástico e vingativo não aparecia. Era gentil com os pais, e nutria especial amor pela mãe. Costumava usar seu tempo livre para ler, assistir documentários e tocar piano na antiga saleta de brinquedos, que tinha virado sala de música e era um reduto exclusivo de Kilaim. Não tinha amigos próximos, apenas colegas, mas não parecia lhe fazer nenhuma falta. Saía pouco, não usava drogas e seu único mau hábito era o excessivo interesse por filmes de terror.

⁂

As férias estavam chegando, e com elas o final do ano letivo. O verão estava às portas e os esportes aquáticos — os preferidos de Kilaim — seriam exaustivamente praticados. Entretanto, naquela manhã de junho, o tempo amanheceu triste e

chuvoso. O céu estava cinza, o verde da vegetação estava cinza, a garoa estava cinza. Cinzento estava também o coração de Kilaim, como às vezes acontecia, cada vez com mais frequência. Ele queria alguma coisa, queria ardentemente alguma coisa que não sabia dizer o que era. Nesses momentos parecia que uma parte de seu ser estava faltando, tal o buraco que lhe perfurava o peito; ou então, era alguma coisa que já estava dentro dele, mas não tinha despertado. O importante é que faltava alguma coisa. E era cada vez mais premente a necessidade de descobrir o que estava faltando.

Primeiro ele foi para o piano, sentindo aquela sensação de irritação crescente, e tocou a *Pathétique*, de Beethoven, depois um *Scherzo* de Chopin, depois a *Pathétique* de novo, e então outro *Scherzo*, depois a *Pathétique*, e então novo *Scherzo*, aí a *Pathétique*... e depois Rachmaninnofm, Rachmaninnov, Rachmaninnov!

No *atelier*, Camille já estava ficando incomodada com tantas músicas tocadas de forma densa. Kilaim tocava de forma muito incomum. Isso quando não ouvia, alto, coisas estranhas como antigas canções búlgaras ou o extinto coro do exército soviético. Ela colocou os fones de ouvido, mas subitamente já não foi preciso. Enfim houve silêncio. Camille suspirou de alívio. Geralmente era muito agradável ouvir o filho tocar; exceto quando ele ficava daquele jeito. Um jeito que ela definia como absoluta inquietação. Uma inquietação sem causa. Talvez fosse hora de levá-lo novamente ao psiquiatra, mas ela se dividia em relação a essa ideia. Era praticamente certo que iriam encontrar nele algum "distúrbio", e Kilaim seria medicado. Camille sentia-se extremamente avessa a isso.

"É coisa da adolescência."

A sensação de quietude e paz era apenas aparente. Kilaim deixou o piano aberto e saiu apressado. A partitura voou, as páginas espalharam

e ficaram caídas no chão. Ele subiu para o quarto e pegou a camiseta preta em que ele tinha pintado, em *pink*, uma única palavra: “MORT”.

Vestiu a camiseta e colocou seu sobretudo bem fechado. Saiu sem avisar ninguém. Foi de bicicleta até a portaria do condomínio, largou a bicicleta lá e tomou o ônibus para a cidade. Sentia-se confuso, com aquela coisa se mexendo por dentro — como que corroído por vermes —, um desejo não atendido. Algo estava faltando. Algo novo precisava acontecer.

Talvez tivesse a ver com a camiseta. Ele nunca a tinha usado e nem pretendia usar de novo. O dia certo de usar era aquele.

Desceu do ônibus. Foi caminhando devagar, a garoa molhando seus cabelos, que logo ficaram grudados na cabeça. Então, ele soube o que devia fazer. Simplesmente sabia. Sentiu a excitação crescente, e não era só dentro dele; vinha também de algum lugar fora, de algo que se regozijava e

fervilhava como óleo quente. Atravessou a rua, que tinha trânsito moderado. Depois de uma meia dúzia de carros vinha um motoqueiro. Kilaim avançou e parou bem no meio da rua; ficou olhando para o motoqueiro. Quando ele diminuiu a velocidade — para não passar por cima do sujeito doido à sua frente — Kilaim escancarou o sobretudo, mostrando a camiseta com a palavra em *pink*.

O motoqueiro naturalmente viu a palavra escrita em letras garrafais, e desviou dele, mas aquela distração fez com que não percebesse o semáforo fechado. Ao acelerar de novo invadiu a via principal e foi violentamente abalroado, sendo lançado vários metros adiante. Pessoas acudiram, carros pararam; o trânsito ficou moroso. Kilaim foi até o motoqueiro e se sentou ao seu lado. Ficou olhando. Observando. O rapaz tinha uma fratura exposta na perna e havia muito sangue. Respirava

com dificuldade. Levou cinco minutos para morrer, antes que a ambulância chegasse.

Pessoas por perto, vendo a atitude impassível de Kilaim, julgaram-no em estado de choque.

— *Mon fils*... você está bem? — perguntou um homem de terno.

— *Oui*. Tenho que ir, estou atrasado.

Então ele se levantou, e foi embora. Dentro dele, a sensação de incômodo tinha desaparecido, substituída por algo próximo a bem-estar. Nunca mais usou a camiseta.

***

A morte de um ser humano — bem diante de seus olhos — despertou nele um fascínio estranho e mórbido. Era algo magnífico. Num instante a pessoa está viva e no instante seguinte... seus olhos estão vazios. Está morta. Não existe mais.

Aquela experiência trouxe-lhe um conhecimento novo. Ele descobriu que bastava querer e podia

causar o mal. Num dos últimos dias de aula, uma garota bonita e cobiçada pelos rapazes, que nunca tinha sequer olhado para ele, deu-lhe um encontrão na saída da aula. Não foi de propósito, mas todo o material dela veio para o chão. Ele ia se preparar para pegar, mas, como toda garota mimada, a moça, enfurecida, gritou:

— Por que não olha por onde anda, seu *débil mental*?

Ela mesma se abaixou e recolheu seus livros, saindo apressada pelo portão da escola sem nem olhar para trás. Kilaim foi atrás; fixou os olhos nela com muita ira. Alguém gritou seu nome:

— Amanda!

Kilaim sabia que era só para facilitar.

Amanda virou a cabeça para trás no momento exato em que o motorista que passava pela rua perdeu a direção. Ela nunca mais andaria de novo.

***

Lyon — 31 de outubro

O telefone tocou e Camille suspirou de alívio, sentindo a tensão crescente aliviar ligeiramente. Atendeu no segundo toque, abruptamente.

— Alô?

Era Pietro. Que decepção!

— *Ça va*? — veio a voz conhecida do amigo pelo aparelho.

— Pietro! *C'est toi*?

Camille tentou disfarçar, mas acabou traída pela perspicácia do amigo.

— *Mon Dieu*. Que aconteceu? — ele indagou.

— Estou preocupada. Não consigo falar com Ethan. Ele já deveria estar lá há tempo.

— Ah, está em viagem de novo?

— *Oui*, fará um curso em Mantova. Só que sempre me liga logo que chega ao hotel. Nunca fico perfeitamente sossegada antes de saber que ele chegou. Só que hoje ele ainda não telefonou, e não

vejo motivo. Estou ligando desde que cheguei em casa. Não entendo...

— Não se preocupe. Talvez o voo tenha atrasado.

— Na verdade, não. Telefonei para o aeroporto.

Pietro riu.

— Coitado, ele nem pode se atrasar com sossego. Você é boa marcadora.

Camille tentou ser simpática, mas não conseguiu.

— O voo pousou no horário. Mesmo que ele não fosse direto para o hotel, não justificaria não ter me ligado. Não vejo nenhuma graça.

— Conferiu se ele deu entrada no hotel?

— Entrei logo em contato com o *Nonno* para ver se ele tinha o nome do hotel, mas ele também não sabia. Ethan sempre viaja. Não nos preocupamos com esses detalhes. Então me comuniquei com a Marie, a secretária do Ethan, que sempre providencia tudo, desde hospedagem até inscrição no curso, reuniões ou jantares, essas coisas. Ela me

disse que ele ia descer em Verona e alugar um carro para ir até Mantova; forneceu-me o número do hotel em Mantova e da reserva, mas, imagine! É por isso que estou tão preocupada: não encontraram a reserva, foi cancelada. Não souberam me informar se ele esteve lá, ou não. Falei com o gerente da noite e Ethan, se esteve no hotel, chegou antes da entrada desse gerente. Não sei onde meu marido vai ficar e nem por que a reserva foi cancelada. Nunca me preocupo com isso. Em geral nem me importo em que hotéis ele vai ficar quando viaja. Ele sempre me liga quando chega e me passa o fone do Hotel ou nos falamos pelo celular. Basta-me saber que ele chegou bem. Não sou uma esposa tão chata assim. Tentei falar com Marie para ter alguma explicação sobre essa reserva, mas só dá caixa postal. E nada dele me ligar.

— *Pardon, Darling*. Seu marido é um homem de sorte — e o amigo falava com sinceridade. —

Quem mais teria o privilégio de uma esposa que o ama tanto?

Ela deu uma risadinha chocha que de forma alguma conseguiu relaxar seu coração. Queria poder chorar um pouco de frustração, mas decidiu que era melhor se controlar. Várias coisas podiam ter acontecido. Uma pane no sistema de telefonia celular, por exemplo (embora não fosse provável).

Pietro sentia a angústia de Camille e tentou animá-la.

— Talvez ele tenha ido jantar.

— Ele me ligaria antes — desabafou Camille. — O que pode ter acontecido?

— Algum imprevisto, Camille, provavelmente nada de importante. Essas coisas acontecem. Ele vai ter uma boa explicação, espere e verá.

Ela passou a mão nervosa pelo rosto. Estava fria e pegajosa.

— *C'est ça*. Você tem razão. Eu me preocupo facilmente quando se trata dele. Ah... o que você

queria?

— Deixa pra depois. Uma pequena *bavardage*. Você me liga quando tiver notícias?

— Claro.

— E Kilaim, está aí com você?

— *Non, non*. Ele viajou há dois dias com a família de um amigo, Adrien Bourgundy, para mergulhar em Saint Tropez. Está aproveitando o feriado. Anne-Sophie já está dormindo.

A criança de quatro meses — a filha mais nova do casal — estava acomodada no quartinho cor-de-rosa de princesa.

— Se precisar de mim, estou às ordens, você sabe. Beijo, *amie*.

— *Au revoir*.

Ela ficou com o telefone na mão após Pietro desligar. Parada no meio da sala, lutava consigo mesma para não entrar em pânico. Se se deixasse levar pela inquietação que teimava em crescer, estaria em prantos rapidamente. Mas era

impossível relaxar. Seu coração estava apertado. Sentou-se na beirada do sofá e colocou o dedo indicador entre os dentes, pronta para roer o canto da unha. Controlou-se novamente. Cruzou as pernas e ficou balançando a ponta do pé num ritmo inquieto. Eram mais de nove da noite e o voo tinha pousado na Itália pouco depois das cinco.

"Por que Ethan cancelou a reserva, por quê? Eu deveria saber onde ele ia ficar!"

Ela ficou alguns minutos se recriminando por não ter as informações que deveria, e amargamente agitando o pé. A quem poderia telefonar para buscar notícias de seu marido? Ele tinha viajado sozinho desta vez. A impotência daquele momento e a ansiedade de encontrar logo uma resposta para a situação fez jorrar algumas lágrimas angustiantes pelo rosto, que pingaram sobre a blusa branca. Não tinha conseguido ir para o banho e nem mesmo comer, porque inconscientemente esperava para ter esses pequenos prazeres depois de falar com Ethan.

Era uma atitude meio incoerente. Uma preocupação demasiada que ela não tinha nem mesmo com o filho. Todavia, Ethan despertava nela — sempre despertou — esse tipo de sentimento.

A contragosto subiu ao andar de cima e entrou no banheiro da suíte. Abriu o chuveiro e ajustou a temperatura para morna, quase fria. Entrou apressada e deixou a água correr pelos cabelos, pelo rosto, depois enfiou todo o corpo debaixo da ducha. Não gostava de banho frio, mas precisava esfriar um pouco a cabeça. Quedou-se ali parada, um tempo, só sentindo o jato forte da água que a envolvia. Respirou fundo várias vezes, devagar. A todo instante pensava estar escutando o toque do telefone no quarto. Chegou a sair do boxe, deixando uma trilha molhada, mas era somente impressão. O celular jazia sobre a cadeira, mas estava mudo.

Seu coração continuava inquieto.

⁂

Eram onze da noite quando Camille ligou para o *Nonno* novamente, desta vez chorando abertamente.

— Ele fez contato com o *signore*? Estou aflitíssima! Alguma coisa... alguma coisa deve ter acontecido.

Camille soluçava em desespero. *Signore* Arthuro, antes relaxado diante das preocupações da nora, agora já começava também a se afligir. Ele tinha jantado com amigos e só atendera o celular antes por reconhecer o número de Camille. Agora, mesmo sem dar a perceber, ficou inquieto.

— Vamos esperar mais um pouco — disse ele.

No entanto, tão logo desligou a chamada de Camille, interrompeu o programa de televisão de Laurence junto com a mulher.

— Preciso ir à delegacia agora. Venha me pegar — ordenou *signore* Arthuro com seu forte sotaque

italiano.

Antes mesmo que o motorista pudesse murmurar o seu "*oui*, *j'arrive*", a linha já tinha caído. O ancião italiano não ia ficar parado, esperando ainda mais. O perfil consciencioso do neto não combinava com aquela situação. Ele realmente teria feito contato com a esposa, ou com ele, se necessário, há muito tempo. Algo estava errado e era urgente saber o que estava havendo.

Laurence demorou oito minutos para estacionar diante da porta da casa do patrão, ao lado dos álamos. *Signore* Arthuro atravessou a alameda coberta de umidade com passos rápidos e entrou no carro blindado. Seguiram para a delegacia de polícia mais próxima. Lá encontraram *monsieur* Naresh Akhila, advogado criminalista, francês de ascendência indiana, que estacionava seu carro quase no mesmo instante que eles diante da delegacia. Logo depois de chamar Laurence, o *choffeur*, *signore* Arthuro convocou o advogado

para acompanhá-lo. Ex-aluno de *Harvard*, terminou o curso em primeiro lugar, foi orador da turma, voltou para seu país de origem, a França, estabelecendo-se muito bem e se casando com uma indiana. *Signore* Arthuro e Naresh Akhila eram grandes amigos há vinte anos, desde que se conheceram por intermédio de um dos advogados da *Logos*.

Monsieur Akhila saltou do carro com agilidade e caminhou na direção dos outros dois homens enquanto fechava o sobretudo. Apertaram-se as mãos e rumaram na direção da entrada enquanto trocavam breves impressões da situação. Laurence abriu a porta do prédio provocando uma corrente de ar, e os três entraram. As paredes do recinto precisavam de uma recauchutada, dado seu tom amarelo sujo.

O delegado de plantão usava cavanhaque fechado e tinha belas entradas na testa. Sua mesa exibia uma pilha considerável de pastas e papéis ao

lado de um computador antigo. Ele colocou o cigarro no cinzeiro e expeliu a fumaça para o alto. Ergueu-se quando o grupo veio em sua direção.

— Inspetor Furnier — ele apertou a mão de *signore* Arthuro, que vinha na frente.

Acomodado na cadeira estreita à frente da mesa, o italiano pigarreou e passou a mão sobre seus bastos cabelos brancos.

— Sou Arthuro Mastrangello, presidente da *Logos Propaganda e Marketing Ltda*. Temo que meu neto esteja desaparecido.

***

Era meia-noite e Camille andava a passos largos pela cozinha, roendo as unhas e chorando. O telefone não tinha mais tocado desde Pietro e ela estava enrolada no *penhoir* enquanto seu chá, intocado, continuava esfriando sobre a bancada. Tinha revirado o pequeno escritório do marido à procura de endereços ou números de telefone na

Itália, qualquer coisa que pudesse fornecer-lhe uma pista de seu paradeiro. Abriu gavetas, remexeu nos papéis, mas foi em vão. Ela sabia desde o começo que não adiantaria. Ele levara com ele o *laptop* e a agenda, é claro.

Sentou-se à escrivaninha de Ethan onde estava um prospecto do curso que ele tinha ido fazer, na área de *neuromarketing*. Ela ficou olhando para o papel de boa qualidade e seus olhos se demoraram nele; ela apenas enxergou o endereço do local do curso. Será que ele estaria lá pela manhã? Camille chorou mais. Estava apavorada. Ethan deveria estar no local para a abertura do evento às nove da manhã do dia 1º de novembro.

Camille tinha lamentado a data da viagem, sinceramente. Bem no dia de seu aniversário de 40 anos. Num mundo onde casais casados muitas vezes já não têm nada a ver um com o outro, ela se sabia absolutamente premiada em sua relação com Ethan. Claro que enfrentaram seus problemas, seus

altos e baixos no casamento, as brigas tolas por motivos fúteis, os momentos de excesso de trabalho dele ou dela, os declínios e acelerações da vida sexual, os problemas de família, as preocupações com Kilaim, o nascimento de uma filha temporã e tudo mais que faz parte da vida a dois. Mas, a despeito disso tudo e da passagem dos anos, os dois continuavam amigos e amantes. Não havia traições; a escolha que eles tinham feito um do outro tantos anos antes, continuava valendo. E não desejavam nada mais a não ser um ao outro. E mais amizade, mais amor, mais sexo, mais companheirismo, sempre. Era um relacionamento de muito sucesso.

"Quero saber onde você está..."

Enterrou a cabeça nos braços apoiados sobre o tampo de vidro da escrivaninha. Sob o vidro, estavam inúmeras fotografias acomodadas de forma jovial. A que fora colocada no meio era sua favorita, já antiga, mostrando os dois sentados na praia de Mykonos, em lua de mel. O sorriso de

ambos, o semblante, a linguagem corporal, as cores do dia, tudo era perfeito. Camille deitou a cabeça sobre o tampo de vidro apoiando a bochecha em cima da foto. Esperava que *signore* Arthuro telefonasse contando que Ethan havia ligado, mas era uma esperança sem sentido. Por que ele ligaria para o *Nonno* e não para ela?

As ideias que antes ela tentava afastar com veemência agora invadiam sua mente de forma aterradora. Ele poderia ter sofrido um acidente no caminho De Verona a Mantova, ou ter sido atropelado, e estar agora desmemoriado ou em coma. Mas o hospital faria contato com alguém da família. E se o contato estivesse demorando por ser internacional? Ou, se por qualquer motivo os documentos tivessem se extraviado? Ela se apegava a essa possibilidade de contato, mas em contrapartida angustiava-se com a chance de ele estar em um hospital.

Ela não queria pensar, ficar imaginando coisas, só que àquela altura era impossível.

"E se foi assaltado?"

Num impulso pegou o telefone no bolso do roupão. Clicou o *redial*. Celular de *signore* Arthuro. Tocou e caiu na caixa postal. Quase que seu coração saía pela boca. Como era possível o *Nonno* não atendê-la? Estaria dormindo? Tocou de novo. Nada.

Chorando, ela enfiou o aparelho no bolso. Subitamente o telefone de casa tocou e ela sofregamente atendeu ali mesmo no escritório, sem ver o número no identificador de chamadas.

— Ethan? — grasnou Camille.

A voz de Pietro veio em resposta.

— *Ah, mince*, sou eu, Camille; você não me ligou e fiquei preocupado — ele explicou. — Ethan ainda não deu notícia?

— Nada. Meu *Nonno* disse para esperarmos um pouco mais, só que não consigo, não é possível

esperar mais. E agora o telefone de... espere!

Ela derrubou o telefone de casa no chão ao pegar desastradamente o celular no bolso, que tocava e deu-lhe o maior susto.

— Ethan?!

— Camille, aguarde dez minutos e já ligo de volta — veio a voz de *signore* Arthuro pelo aparelho.

— *Quoi*?

Do outro lado da linha o *Nonno* desligou. Choramingando, Camille se agachou para pegar o fone pendurado do lado da escrivaninha.

— Pietro...

— O que seu *Nonno* disse?

— Que me liga de volta em dez minutos — ela chorava baixinho.

Após alguns instantes de silêncio, Pietro comunicou:

— Estou indo para aí.

⁂

No estacionamento da delegacia, o advogado Akhila tinha as mãos enfiadas no bolso do sobretudo e semblante carregado. Laurence estava muito quieto e *Signore* Arthuro carregava o casaco na mão, esquecendo-se de vesti-lo. Seus ombros estavam ligeiramente descaídos; o desfecho era previsível. Entraram dentro do carro blindado de *signore* Arthuro para fugir do frio. Os dois homens confabulavam.

— Tem certeza de que é uma pessoa de confiança? — inquiria o ancião.

— Absoluta. E muito competente. Assim damos andamento antes de 48 horas. Maldito sistema! Não podemos esperar 48 horas. Posso contatá-lo já.

Signore Arthuro assentiu. *Monsieur* Akhila pegou o celular e digitou o número do detetive Antoine Yves. *Signore* Arthuro ficou escutando enquanto Akhila tocava sem parar na casa do

mencionado detetive. Finalmente atenderam. Naresh Akhila explicou sem demora e sem preâmbulos que iam necessitar dos serviços dele imediatamente. Marcaram um encontro na casa do italiano em meia hora.

Na volta para casa, o *Nonno* inspirou fundo e sacou o celular. Era hora de comunicar Camille. Não era possível adiar mais. Terrível tarefa.

Em casa, ela esperava pela ligação. Já sabia que as notícias não eram boas. Suas mãos tremiam e estavam pegajosas de suor. Novamente houve um sobressalto de sua parte ao ouvir o toque do telefone rompendo o silêncio da madrugada.

— Alô? — Camille tinha o coração do tamanho de uma noz.

— *Bon soir*, minha querida. Não tenho boas notícias para você no momento — falou *signore* Arthuro sem rodeios. Ele achava melhor assim.

Camille desatou novamente a chorar, soluçando. Ficou em silêncio.

— Mas logo teremos boas notícias, eu lhe garanto. Iremos atrás dele. A polícia não registra queixa de desaparecimento de um adulto antes de 48 horas. Depois desse período, caso continue a pessoa desaparecida, a polícia francesa notificará a *ICPO-Interpol — International Criminal Police Organization-INTERPOL* — e a investigação terá início.

Camille tentava absorver a informação, mas tinha que fazer muito esforço. As palavras pareciam vir de muito longe e o sentimento de apreensão se transformava em sensação de irrealidade. Não sabia o que dizer. *Interpol*? Investigação?

— Eu não entendo nada de investigação, *signore* Arthuro — começou Camille a balbuciar. — O que o senhor quer dizer com *Interpol*? O que está acontecendo?

— *Interpol* é o nome telegráfico da organização da Polícia Internacional. Encarrega-se de todas as situações que não se restringem às fronteiras de um

só país. Sua matriz, por coincidência, fica aqui em Lyon, mas o número oficial de países membros, atualmente, é de 187. A *Interpol* é uma organização que facilita a cooperação entre as polícias de diferentes países, já que as nações têm departamentos de polícia muito distintos e, às vezes, complicados. A *Interpol* pode funcionar como ponto de contato entre os diferentes departamentos policiais. É uma grande organização; só não é maior que a ONU.

— Ahã — fez Camille, apenas para dizer alguma coisa. Ela não conseguia absorver o que ele estava dizendo. — Por que precisamos da *Interpol*? *S'il vous plaît*, diga coisa com coisa!

— Tememos que Ethan esteja realmente desaparecido, querida. A nossa polícia francesa vai esperar 48 horas antes de iniciar uma busca. Para isso vai contar com a ajuda da *Interpol*, porque Ethan estava na Itália — ou, pelo menos, pensamos que estava.

— Mas, *Nonno*, como é possível? Por que Ethan estaria desaparecido? *Porquoi*?

— Vamos descobrir, esteja certa disso.

— E vamos ficar dois dias inteiros sem fazer nada? — Camille não conseguia aceitar essa hipótese.

— Estou com meu amigo Naresh Akhila. Dentro em pouco um detetive particular que ele indicou estará em minha casa, e vamos começar a investigação por nossa conta. Não vamos ficar esperando.

— Mas o *signore* não disse que é necessária a intervenção da *Interpol*? — Camille estava confusa.

— A importância da Interpol é cada vez maior com a chamada "globalização do crime". Sua principal rede de ação é no combate ao terrorismo, cartéis de tráfico de drogas, tráfico de mulheres, crime organizado como contrabando de armas, por exemplo, crimes financeiros e de alta tecnologia como lavagem de dinheiro e crime de propriedade

intelectual; também atua em relação a fugitivos, segurança pública, crimes de corrupção. Mais ou menos isso. *Etc.* Você não precisa de uma aula sobre isso a essa hora. Queria apenas tentar tranquilizar você no sentido de que estamos indo atrás dele.

— Isso tudo... que o *signore* está dizendo... parece-me coisa de filme. *Mon Dieu*... mas... a *Interpol* vai perder seu tempo procurando por Ethan?

— Você se esquece, *ma enfant*, que seu marido é um empresário de muito respeito e gabarito. Não é qualquer um. É o vice-presidente da *Logos*. Podemos também estar diante de um sequestro. Os agentes da *Interpol* não são "detetives universais" dotados de imunidade diplomática e com poderes de aprisionar pessoas em qualquer ponto do planeta. A organização não pode se sobrepor aos sistemas legais de cada país, nem possui um quadro próprio de policiais ao redor do mundo. Aliás, a

quantidade de funcionários da *Interpol* é desconhecida. Entretanto, em relação a Ethan, ela vai atuar proporcionando comunicação segura entre as polícias da França e da Itália, fornecendo dados operacionais e serviço de apoio policial durante a operação de busca.

— Então... basicamente, a *Interpol* ajuda a polícia de diferentes países a se comunicarem e cooperarem umas com as outras para combaterem o crime?

— *Oui*. Mas devemos esperar o tempo necessário. Por isso *monsieur* Yves sairá na frente. É o que podemos fazer de imediato. Nesse momento estou deixando a delegacia e estou a caminho de casa. Encontrarei com *monsieur* Yves, junto com meu amigo Akhila, o melhor advogado criminalista que conheço. Ele iniciará a busca imediatamente e ganharemos tempo — repetiu *signore* Arthuro, o mais paternalmente que pôde — *Bella*, eu a

manterei informada. Por ora, sugiro não envolvermos a família.

Camille permaneceu muda.

— Camille, você me ouviu? Estarei em casa e o celular vai ficar comigo o tempo todo. Mandarei Laurence pela manhã até aí, caso você precise sair. Não saia sozinha.

— Vou até aí — ela murmurou. — Quero conhecer *monsieur* Yves e ouvir o que ele tem a dizer.

— *No* — objetou firmemente *signore* Arthuro. Seria um desgaste totalmente desnecessário para ela. — Eu a manterei informada. Fique aí por enquanto, para o caso de alguém fazer contato com você.

Ela sentiu um arrepio percorrer a espinha.

— Alguém, quem?

— Já lhe expliquei que não podemos descartar a hipótese de sequestro, filha. Nesse caso, é provável que telefonem. Para você, ou para mim.

— Está bem. Eu... fico aqui.

— Tente dormir um pouco. Vamos encontrá-lo — o *Nonno* despediu-se dela muito carinhosamente, de um jeito que não lhe era muito peculiar. — Fique com Deus, filha.

Camille pousou o telefone devagar. Perplexa. O mundo desabava sobre ela enquanto fitava o ambiente sem realmente vê-lo. O telefone da casa tocou estridentemente e ela atendeu no primeiro toque. Não disse nada.

— Alô, com quem eu falo? — uma voz simpática.

Camille olhou a bina. Era apenas da portaria. Um pensamento absurdo percorreu sua mente num *flash*: Ethan teria voltado da Itália por algum motivo e estava na porta do condomínio.

— *Oui*?

— Com quem eu falo?

— Camille.

— *Monsieur* Pietro está aqui. Devo autorizar a entrada?

— *Oui*.

— *Merci beaucoup*. *Bon soir*.

Pietro estava chegando. Era bom que alguém ficasse ali com ela até amanhecer. Ele era sempre um grande amigo.

***

Ao redor da mesa de jantar, *signore* Athuro, *monsieur* Akhila e *monsieur* Yves estavam acomodados. Na cozinha, Laurence fervia água para a *thé*. Antoine Yves era bem diferente do que se podia imaginar. Na casa dos trinta, tinha cabelo claro curto, barba muito bem aparada e era do tipo longilíneo. Carregava uma pasta de couro de crocodilo cheia de riscos e não parecia aparentar qualquer cansaço às três e meia da manhã.

Depois de inteirado do desaparecimento, fez perguntas de praxe procurando traçar o perfil de

Ethan e o estilo de vida dele. Não havia nada digno de nota, exceto a posição financeira e social privilegiada.

— Pois bem — anunciou Yves. — Embarco para Verona no primeiro voo.

— Como conduzirá a investigação?

— Se ele esteve no hotel em Mantova, isso me facilitará muito, pois posso partir minha investigação deste ponto. Mas, se ele não chegou lá, vou precisar saber se realmente embarcou aqui em *Saint Éxupery* e, em seguida, se chegou a Verona. Em Verona, ficarei sabendo se ele desembarcou, se retirou a bagagem e apresentou *ticket* de saída. Depois, segundo informações colhidas da esposa, ele teria alugado um carro para ir até Mantova. Preciso checar se ele realmente fez isso. A esposa mencionou um cancelamento de reserva no hotel em Mantova. Vocês têm ideia de por que isso teria acontecido, ou quem teria cancelado a reserva?

— *Non*.

— Ele costuma ir ao aeroporto daqui de táxi ou com carro próprio? Deixa o carro no estacionamento?

— Ele sempre vai de táxi para deixar o carro com a esposa. Há anos faz uso dos serviços do mesmo *choffeur*, Fabricius.

— Quero o número desse Fabricius. Falarei com ele logo mais. Devemos saber se *monsieur* Ethan achava-se em seu estado normal ou se parecia diferente de algum modo, nervoso ou triste, e se teve qualquer discurso fora do comum.

— *D'accord* — respondeu *signore* Arthuro.

— Pode ser que ele não tenha saído do aeroporto em Verona, mas seguido para outro destino dali. Muita coisa pode ter ocorrido antes dele chegar — ou não — ao hotel — *monsieur* Yves falava com extrema segurança. — Vamos procurar saber o que aconteceu com a reserva também, se ele esteve no hotel, e o que fez em seguida.

— Em caso desse absurdo — Ethan ter seguido para outro lugar que não aquele ao qual se destinava, Mantova, como é possível saber se usou outro transporte que não o aéreo? — indagou *signore* Arthuro.

— Esse é outro passo. Se ficar provado que ele não saiu de Verona, temos que encontrar seu destino na cidade. Se não o acharmos, temos que tentar saber como deixou o local. Vamos checar as companhias de tráfego aéreo e as câmeras de segurança. É importante verificar se houve movimentação da conta bancária, ou se ele usou o cartão de crédito para alguma coisa. Se seguiu adiante vamos descobrir. Verificarei a saída das embarcações comerciais, as câmeras das estações de trem. Temos também a hipótese de transporte particular, seja aéreo ou terrestre. No caso de jatinho particular eu tenho como verificar isso, e como *monsieur* Ethan estava sem veículo próprio, se saiu de Verona por conta própria deve ter

alugado um carro. Mas isso é outro passo. Primeiro vamos saber se ele chegou a Verona e se saiu em direção a Mantova; então iremos ao hotel onde tinha reserva.

Signore Arthuro colocou a cabeça entre as mãos.

— Tudo isso são apenas conjecturas, *monsieur* Mastrangello. De qualquer forma, pode ser bem mais simples: o hotel em Mantova pode simplesmente informar que *monsieur* Ethan esteve lá. Ficarei sabendo disso assim que chegar; quero ver a imagem dele nas câmeras do hotel e comprovar por mim mesmo, sem sombra de dúvida. Então caminharemos mais rápido. Irei direto procurar saber para onde ele foi depois de ter deixado o hotel; seguirei seus passos.

— Essa hipótese de Ethan, por algum motivo, ter seguido viagem... não vemos qualquer motivo para isso. E a questão de um sequestro?

— Para investigar um sequestro primeiro eu preciso conhecer essas outras diretrizes. Por ora, o

sequestro é minha hipótese de exclusão, apesar de, em termos práticos, não podermos deixar de pensar nisso como algo provável. Seu neto tem muito dinheiro; nada impede, infelizmente, que estivesse sendo seguido ou monitorado há tempos. Mas vamos fazer uma coisa de cada vez. Uma providência paralela é passar a peneira fina nos hospitais da região. Também se faz necessário verificar as ocorrências policiais, se foram notificados assaltos, acidentes ou assassinatos nesta madrugada, de Verona a Mantova. Ele também pode estar em alguma delegacia.

— É muita coisa para averiguar. O detetive Yves deve começar quanto antes — considerou *monsieur* Akhila, na tentativa de encerrar a conversa porque, na verdade, não havia muito mais a ser dito. Era preciso se colocar em campo.

— *Trés bien* — disse *signore* Arthuro. — Não poupe esforços e não se preocupe com dinheiro. Encontre meu neto. Lembre-se que a investigação

paralela da polícia — se necessária — deve começar em dois dias. *Au revoir*.

Os homens se ergueram e apertaram-se as mãos.

***

No início da manhã do dia 1º de novembro, no Aeroporto *Saint Éxupery*, *monsieur* Antoine Yves embarcou para Verona depois de conversar com Fabricius, que garantiu que seu passageiro estava como sempre, e depois de confirmar a saída de Ethan de Lyon, que realmente aconteceu.

2

Brouillard

2 De Novembro — Lyon/Verona

Sentada em sua poltrona na classe executiva, Camille observou apenas mais dois passageiros. Não perdeu tempo analisando-os. Mal deu um vislumbre no homem de semblante fechado que avaliava atentamente alguma coisa em seu *laptop* e demorou a notar a presença da mulher morena, de traços espanhóis, que escutava MP3 e

que pediu *vodka* à comissária de bordo antes mesmo do avião decolar.

Camille olhou pela janela da aeronave e contemplou as nuvens cinzentas, pesadas de chuva, que se aglomeravam principalmente a sudeste. O voo tinha atrasado por causa do mau tempo e ela sentia o corpo entorpecido, rígido demais. Seus ombros pareciam de pedra e os músculos do pescoço de aço. Entretanto, o pior de tudo era a cabeça zonza, latejante de dor por causa da falta de sono. Ela não tinha conseguido cochilar mais do que uma hora e estava muito cansada. A aflição e o desespero pareciam ter preenchido seu coração como um líquido frio e pesado. Ela se sentia sem vida.

Consultava o relógio de pulso, vez após vez, como se isso pudesse fazer o avião taxiar mais rápido e decolar, *enfin*. Não queria ter que esperar mais; a lentidão com que a aeronave se movia para colocar-se em posição a exasperava.

Suas mãos estavam geladas, bem como seus pés. Arrepios de frio lhe percorriam o corpo e ela sentia o nariz escorrer levemente. Era como se estivesse incubando *une grippe,* todavia Camille sabia que era puro desespero. A caixa de lenços de papel não voltava mais para dentro da bolsa, permanecendo em seu colo o tempo todo porque precisava deles o tempo todo, fosse para assoar o nariz, fosse para enxugar o suor frio que porejava na fronte, fosse para limpar discretamente os olhos. As lágrimas pareciam ter vida própria. Escorriam de repente, às vezes sem aviso algum; simplesmente desciam pela face. Em outros momentos os olhos apenas permaneciam marejados, úmidos, mesmo que as lágrimas não chegassem a descer.

***

Havia chegado bem cedo para o embarque, a fim de se antecipar a qualquer embaraço que,

eventualmente, promovesse um atraso, ou, pior — a perda do voo.

Atraíra olhares no aeroporto e mais de uma pessoa indagou gentilmente se ela precisava de alguma ajuda, ao que Camille respondia que não, forçando um sorriso que escorria do rosto tão rápido quanto uma lágrima. Sentada na sala de espera, ela cruzava e descruzava as pernas, as mãos não permaneciam quietas e ela bebia muita água porque sua boca insistia em permanecer seca. Tão seca que nem toda a água do planeta poderia saciar sua sede. A língua grudava no céu da boca e era incômodo para falar, mas como ela falou o mínimo possível...

***

Finalmente! O avião estava em posição de decolar, o nariz embicado na pista. As luzes da pista acenderam naquele momento, provocando um aperto no peito de Camille. Entardecia. Mais um

entardecer sem Ethan. Um entardecer cinzento no dia de Finados. O terceiro. Parecia mais que uma eternidade. Camille odiava o feriado de Finados, uma ode à morbidez e ao mau gosto. Lágrimas incontidas rolaram pela face dela e Camille escondeu um soluço pequeno, mas dolorido, em vários lenços de papel amassados numa bola enorme. Apenas a comissária, com pouco serviço naquele voo, reparou no estado precário dela, mas algo lhe dizia que era melhor deixá-la sossegada.

O piloto fez contato com os passageiros depois da clássica explicação da comissária de bordo a respeito dos itens de segurança. Camille olhava para fora, não prestava atenção a nada, nem sequer ouvia. Vagamente distinguiu a voz do comandante da aeronave informar a temperatura e o período estimado de voo. Ela só queria que fosse rápido, muito rápido. Tinha cada vez mais dificuldade de se concentrar em coisas externas; seus pensamentos

vagavam numa única direção: iam em direção a Ethan.

"Onde você está, *mon amour*?..."

Eles dois eram um só. Eram uma única pessoa. Deveria ser possível, naquelas circunstâncias, um acessar o coração do outro. Deveria ser possível ela saber, sentir... o que ele sentia. Se estava bem. Mas ela não sentia nada. Só uma dor profunda e presságios medonhos.

— *Oui*? — fez Camille virando de lado a cabeça para encarar os botões delicados da camisa da comissária que, ligeiramente desconcertada, indagava um pouco mais alto, pela terceira vez, se a passageira desejava beber alguma coisa.

— Água. *S'il vous plaît*.

— *Oui, madame*. Com ou sem gelo?

— Natural.

— Com gás ou sem?

Camille estava irritada e respondeu em tom meio áspero.

— Natural significa sem gás.

— Perfeitamente, *madame*.

Camille passou o voo enjoada, recusou a refeição e apenas bebia água e ia ao banheiro. Encostou a cabeça na poltrona, mas não sentia alívio nas dores da nuca e dos ombros. Ficou observando o céu escurecer com olhar vazio e, sem se dar conta, cochilou levemente; mas despertou num sobressalto por causa de um solavanco do avião. Sonhava com Ethan, e ele tinha uma expressão estranha no rosto, como se não a conhecesse. No sonho, Camille gritava seu nome e ele estava dormindo, não acordava. Não estava morto, somente dormia. Quando abria os olhos, olhava sem saber quem ela era e continuava em seu sono. Tinha nas mãos um relógio de madeira antigo, daqueles de casinha, suíços. A voz dela ficava abafada por causa do tiquetaquear do relógio e Camille gritava cada vez mais alto, só que o marido não a ouvia. O relógio marcava três horas.

Camille acordou e os gemidos ainda estavam em sua garganta, gemidos de angústia e pavor. Felizmente ninguém pareceu notar. O homem carrancudo continuava entretido, agora com uma revista, e a mulher espanhola estava de olhos fechados e MP3 ainda no ouvido. Camille puxou com força alguns lenços de papel da caixa e passou-os pelo rosto e pelo pescoço, encharcados de suor. O couro cabeludo também estava grudento e as costas coladas na camiseta molhada, por baixo da jaqueta. Os cabelos estavam em péssimo estado, sujos e presos num rabo-de-cavalo mal feito. Ela bebeu os últimos goles da água que estava à sua frente, na mesinha, e esperou passar o mal estar do pesadelo para levantar, trôpega, e ir pela enésima vez ao banheiro.

Lavou o rosto e jogou água na parte de trás do pescoço. A água escorreu um pouco para dentro da camiseta provocando um enorme arrepio de frio. Ela não sabia dizer se sentia frio ou calor, pareciam

as duas coisas ao mesmo tempo. Transpirava copiosamente, mas era um suor frio. Molhou um pouco os cabelos com as mãos para assentá-los e fez um rabo tão sem graça quanto o anterior, apenas mais bem preso.

Aproveitou a solidão da cabine sanitária e chorou, soluçando, sentada no vaso, esfregando freneticamente os olhos já vermelhos, lembrando tão bem da expressão de irreconhecimento que via no rosto de Ethan, dos seus olhos castanhos longínquos que não pareciam conseguir vê-la, do ruído escandalosamente alto daquele relógio suíço que marcava três horas.

"Três da madrugada", ela sabia.

Ora, que absurdo! O que significava aquilo?

Certamente nada. Era só mais um pesadelo, como tantos que ela já tinha tido em dois dias cada vez que pregava olho por alguns momentos, ou algumas poucas horas.

Saiu da *toilette* tentando manter passos firmes, mas outro solavanco da aeronave quase a jogou no chão porque suas pernas não pareciam ter a mesma força de antes e seus joelhos queriam simplesmente vergar. Ela se equilibrou no encosto da cadeira do homem carrancudo, que olhou, estranhamente, de forma interessada para ela.

— *Va bene*? — indagou ele.

— *Oui* — limitou-se a responder Camille, percebendo como o outro a encarava de cima a baixo.

— *Compagnia*? — Camille sentiu-se prestes a vomitar de nojo em cima dele. Que homem nojento!

— *Don't speak italian* — virou-lhe ostensivamente as costas e continuou tropeçando de volta ao seu lugar.

Entretanto sentia o olhar do homem cravado em suas costas, de modo que mudou de assento para ficar incógnita e solitária em seu cantinho. Olhares

nunca a incomodaram, os olhos dos homens estavam em toda parte. Mas não naquele momento. Agora era hora de estar completamente só.

Lembrou-se das insistentes petições de Pietro no sentido de acompanhá-la a Itália, petições que aos poucos se transformaram em verdadeiras lamúrias enjoativas, no entender de Camille. Ela não aguentava mais ouvir o amigo falar; e Pietro, por sua vez, estava terminantemente decidido a não deixá-la partir.

— Você está louca, *petite-fille*? — grasnou Pietro com o rosto já avermelhado, coisa que raramente lhe acontecia. — Que pensa que está fazendo?

Ele tinha abdicado da companhia do namorado — com quem agora dividia apartamento — para passar a maior parte do tempo com Camille naqueles dias terríveis. Ninguém da família estava informado sobre os acontecimentos e Pietro percebia que ela estava à beira de um colapso. Como poderia deixá-la viajar para a Itália? Para

fazer o quê? E *sozinha*? Era preciso impedi-la quanto antes.

Camille deixou Pietro falando sozinho na cozinha e subiu com passos decididos para a suíte do casal; abriu de par em par as portas de seu *closet*. Pietro pôs as mãos na cabeça e viu que nada do que dissesse adiantaria. Mudou o tom de voz quando viu a amiga separar o primeiro *jeans* que viu pela frente, blusas que não combinavam e um punhado de *lingeries* pegas a esmo nas gavetas.

— Camille, *Darling... s'il vous plaît...* não faça nada impensado...

Camille não respondia. Pietro continuava tentando argumentar, já em pânico. O destino fizera com que ele fosse o único a estar a par da tenebrosa situação, e ele já não conseguia controlar Camille. Sugeriu que fossem ao pronto-socorro, onde ela poderia tomar um sedativo. Camille saiu quase gritando, batendo a porta do banheiro. Não queria saber de pronto-socorro nenhum!

Signore Arthuro vinha tentando manter Camille a par das investigações de *monsieur* Yves, entretanto não havia nenhuma grande notícia. O detetive não tivera dificuldades para descobrir que Ethan tinha desembarcado em Verona, alugado um carro no aeroporto e ido direto para Mantova, conforme estava previsto. No hotel, o detetive conversara com o gerente que tinha atendido Ethan, o qual se desculpara pelo cancelamento da reserva e tinha procurado ser o mais solícito possível. Procurando vaga em outro estabelecimento. As câmeras mostraram Ethan no hotel. Não havia qualquer dúvida.

O acordo tácito entre Camille e o *Nonno* continuava sendo o de não alarmar familiares e amigos, portanto Camille teve somente o apoio de Pietro naqueles primeiros dias. Quando *madame* Verdoux animadamente comentou, pouco antes do almoço, que "*monsieur* Ethan teria adorado a vitela", Camille desviou o rosto e abriu

rapidamente a *Allure Magazine*, aquiescendo com a maior ênfase de que foi capaz. Pietro desviou a atenção da caseira perguntando rapidamente qual era o segredo do tempero do prato, e demonstrava excessiva atenção.

Madame Verdoux foi cuidar de seus afazeres e deixou a patroa e seu amigo aproveitarem a refeição. Foi nessa hora que ela simplesmente começou a dizer que ia até Mantova, e Pietro passou a tentar pôr ordem na situação, argumentando e correndo atrás dela.

— Camille! Estou falando com você! — exclamou Pietro quando ela jogou na mochila um agasalho e se preparou para fechá-la.

— Não se preocupe comigo. Quando ele voltar você prepara vitela em dobro.

— Você não está me levando a sério — sorriu Pietro educadamente.

— Eu estou, Pietro. Você é que não está me entendendo.

— Vamos descer e comer alguma coisa. Aí conversamos direito e...

— Não consigo comer nada — murmurou ela.

— Um pouco é preciso. Vamos, se esforce.

Como a mochila estava pronta, ela concordou. Pietro abriu as panelas que tinham sido deixadas sobre a bancada. Serviu legumes e algumas batatinhas temperadas com azeite e ervas no prato da amiga. Quando foi colocar a vitela, Camille sacou do bolso do casaco os lenços de papel amassados.

— Não posso comer isso sem estar com Ethan. Isso eu não consigo fazer.

Pietro suspirou, preocupado, e passou a servir o próprio prato, mas sem entusiasmo. Via-se envolvido naquela história e era impossível não sofrer junto, pela amiga e por seu marido. Comeram em silêncio, Camille volta e meia enxugando os olhos. Sentia a comida descer pela garganta, e a garganta parecia pequena demais para

os bocados, por menores e mais bem mastigados que estivessem.

As quarenta e oito horas de aguardo estavam quase escoadas, de forma que a queixa do desaparecimento de Ethan poderia ser efetuada na delegacia e seria logo encaminhada para a *Interpol*. Pietro tentou ser positivo e não se deixar abater:

— Camille, o caso está bem encaminhado, *n'est-ce pas*? *Signore* Arthuro não é nenhum tolo e trabalha com um detetive de primeira. Sabemos que ele chegou bem no primeiro hotel. A *Interpol* logo vai estar em campo também, junto com a polícia italiana. Teremos notícias em breve.

Camille ficou quieta por alguns instantes, até afastar de diante de si o prato ainda cheio, resoluta, e erguer a cabeça ao afirmar:

— *Oui. C'est vrai.* Temos os melhores trabalhando conosco e sei que o *Nonno* fará o possível e o impossível para encontrar meu marido e trazê-lo de volta. Não tenho preocupação quanto

a isso e combinamos que ele me manteria informada dia a dia, hora a hora se necessário — ela fez uma pausa como quem pesa o que vai dizer. — Preciso que você confie em mim, *mon ami*. Eu realmente vou embarcar para a Itália agora, no final da tarde.

Pietro engasgou com o gole de água que tomava.

— Vai continuar com essa história?

— Eu simplesmente tenho que ir.

— Mas ir aonde, Camille? Fazer o quê?

— Eu tenho que ir. Tenho que descer no aeroporto em Verona, pegar o mesmo táxi, ir até Mantova, entrar no mesmo hotel... e... e...

Ela se levantou da mesa, ignorando os comentários desconexos e infrutíferos de Pietro. Subiu de novo para o quarto, lembrada de que não pusera artigos de higiene pessoal na mochila. Foi até o banheiro e jogou por cima de tudo o desodorante e a escova de dentes. Mais nada.

Pietro não sabia mais o que fazer, ou dizer. Camille esvaziou o conteúdo da bolsa sobre a cama. Separou cartão de crédito, carteira de motorista e dinheiro trocado. De uma gaveta da cômoda tirou seu passaporte. Aturdido, Pietro olhava para aquela bagagem diminuta e sugeriu, num fio de voz:

— Talvez fosse melhor acrescentar a carteira do convênio médico.

Camille sorriu tristemente.

— *Voilà* — sacou-o da gaveta também. — Para o caso de eu ter uma *crise d'hystérie* durante a estada e precise de internação.

Se Camille ou Pietro imaginassem que tipo de ouvidos ouviam aquelas palavras e que montanhas de pares de olhos escuros perscrutavam a moça, ela nunca diria tais palavras. Palavras que eram lançadas ao ar como flechas. Flechas que poderiam — certamente — voltar para ela como sentenças cumpridas.

***

Camille olhou para o relógio depois de sentir uma onda forte de ar gelado percorrer suas costas. Tão gelado que parecia ir até as entranhas. Estremeceu fortemente. Só que não havia corrente ali, as janelas estavam fechadas. Deviam ser, simplesmente, os nervos em frangalhos. Ignorando o mal estar súbito que o sopro sepulcral causou, ela continuou como se nada tivesse acontecido. Chamou um táxi.

— Ele deve estar aqui em dez minutos.

Pietro aproximou-se dela e a abraçou, vencido.

— Deixe-me ir com você, então. Posso cancelar meus compromissos por mais alguns dias sem problemas.

— *Mon ami*, você já tem ficado comigo noite e dia. Eu não poderia querer mais nada de você. Novamente, e de forma irrefutável, você me prova ser um verdadeiro amigo.

Ela começou a chorar de novo, no ombro dele. Pietro afagou seus cabelos, sentindo um nó na garganta. Por fim, Camille se recompôs e falou de novo, resolutamente.

— Isso eu preciso fazer sozinha.

O telefone tocou e Camille precipitou-se sobre ele, na cabeceira de Ethan:

— Alô! — atendeu sôfrega.

Pietro ficou parado ao lado, as mãos juntas no peito.

— *Mamy*? — veio a voz pelo aparelho.

Camille escutou Kilaim animado do outro lado da linha.

— Kim? Filho?

— Oi, mãe. Estou ligando pra saber se está tudo bem.

Saber se estavam bem? Isso não era tão típico do adolescente mais preocupado com suas próprias coisas, ainda mais em tempo de feriado prolongado. Camille precisou juntar toda a

capacidade que tinha de representar, o que não era nada fácil diante de seu filho, sagaz como serpente, intuitivo como os mais intuitivos animais.

— Estamos bem, é claro — mudou de assunto logo. — E como está aí?

— Irado! Eu e Adrien estamos aproveitamos muito; as gatas daqui são quentes! — ele mudou de assunto novamente. — E meu pai?

— No curso, em Mantova — disse Camille num fio de voz, tentando acrescentar algo mais convincente à conversa. — Aproveitando as delícias italianas sem mim.

— Bom, mãe, eu espero que ele esteja aproveitando somente *uma parte* das delícias italianas. Porque a verdade é que as que se servem nos restaurantes são menos apetitosas do que as que se encontram em outros tipos de lugares.

Camille não se deixou explodir, embora fosse por pouco. Sua vontade era gritar que o filho tivesse um pingo de respeito por ela e pelo pai. Mas Kilaim

não compreendia o relacionamento dos dois. Se é que era capaz de compreender algum tipo de relacionamento verdadeiro e profundo. Se por um lado ele esbanjava qualidades únicas, por outro lhe faltava o básico algumas vezes. Ele não conseguia compreender o amor.

Ela retraiu o tom de voz e respondeu secamente:

— Seu pai sabe diferenciar as "delícias", como você diz, da verdadeira "delícia" que tem nas mãos. Ele jamais me trairia e você não devia, nem por um momento, mencionar uma coisa dessas, ainda mais para mim.

Uma risadinha irônica veio do outro lado.

— Tudo bem, mãe.

Os nós dos dedos dela ficaram brancos segurando o fone. A voz de Camille soou gélida:

— Mais alguma coisa que queira me comunicar?

— *Non*. Só queria dar um alô.

— Espero que se divirta e tome cuidado.

— Ah, *da*! — Camille irritava-se com a mania que o filho tinha de misturar expressões de outros idiomas na conversa, ou por vezes frases inteiras. Geralmente em idiomas que ninguém conhecia. Como aquele estúpido "Da" em russo!

— *Da*?! — fez ela, sem conseguir se controlar.

Kilaim riu do outro lado.

— Não precisa ficar brava, *mamy*. Você sabe que eu te amo.

Ligeiro momento de silêncio.

— OK — Camille respondeu. E com mais calma — Eu também te amo.

— *Alors*... passaremos uns dias na Espanha, provavelmente em Barcelona, até o fim da semana. Não podemos deixar de acrescentar umas ciganas ao cardápio, e nesse caso, a escola pode esperar uns dias.

— Os pais de Adrien podem esticar tanto a viagem?

— Eles não virão conosco. Têm afazeres. Mas como você sabe, Adrien não começou a faculdade ainda, e eu tenho muitas faltas para gastar. E ele é maior de idade — Kilaim riu — e eu sou *quase*!

Camille não tinha tempo para raciocinar. Kilaim estava para completar treze anos no dia 13 de novembro, mas tinha, de fato, a aparência de um jovem da idade de Adrien. Contra os fatos da vida não se pode lutar.

— *Oui. Bon Voyage*! Tenha cuidado.

— Lembranças para o papai.

Camille desligou. O ar gelado que vinha do nada soprou tão forte que lançou uma mecha do cabelo em seu rosto. Pietro não percebeu. Camille estava apavorada. Aquele vento a fazia lembrar daquela época da gravidez de Kilaim, e suas estranhezas. O ar parecia ter vida própria e, por mais absurdo e insano que pudesse parecer, o sopro tinha um quê de regozijo. Era quase possível distinguir, lá fora, o murmúrio bruxuleante de risos sádicos, gemidos

sarcásticos, como se algo — muitos “algos” — se refestelassem com os acontecimentos.

Ela ficou parada alguns instantes, pensativa. Desde quando Kilaim tinha interesse por garotas? Quando aquilo tinha começado? Será que seu filho estava fazendo sexo por aí? Da maneira como falou, ela ficou com uma ponta de preocupação e, em outro momento, teria perguntado melhor. Por fim, deu de ombros. Era o curso natural das coisas, não era? Não poderia impedir. Entretanto, se sentia estranha. O interesse dele e a maneira simplista como falara — como se considerasse as garotas meros pedaços de carne — era súbita e esquisita. Mas, em se tratando de Kilaim, às vezes as coisas eram assim mesmo: do dia para a noite.

O telefone tocou segunda vez e Pietro atendeu, autorizando a entrada do táxi que vinha pegar Camille.

A lembrança de Pietro acomodando a mochila dela no porta-malas do táxi e abraçando-a apertado

mais uma vez vinha toda hora à lembrança dela, enquanto tornou a se recostar em sua poltrona.

"Tem certeza de que não quer que eu vá?", murmurou ele ao ouvido dela mais uma vez.

Camille apertou a mão dele e fez que não imperceptivelmente com a cabeça. Sua última visão de casa tinha sido de Pietro acenando da calçada defronte ao jardim.

"Não comente com ninguém. Invente uma desculpa se minha *Grand-Mére* ligar, ou Alannah. Tente não contar nada para o *Nonno*, por enquanto."

"Eu devia ter imaginado que ia sobrar pra mim", lamuriou-se Pietro. "Não *acredito* que não deu satisfação a *signore* Arthuro."

Camille sorriu.

"Só por cima do cadáver dele eu sairia de Lyon."

Quando ela desceu no aeroporto *Valerio Catullo di Verona* às 19:55 horas, sua mente e coração se fecharam para tudo e todos. Só havia um objetivo e

uma pessoa dentro dela: Ethan. Ela acreditava que estando na Itália talvez pudesse pressentir melhor o que tinha acontecido, e onde ele estava. Talvez fosse a única pessoa capaz de reparar em detalhes que mais ninguém enxergaria. Ela entendia a mente de Ethan. Queria estar lá. Pisar no mesmo chão que ele pisou. Caminhar pelas mesmas ruas. Estar no mesmo hotel. Talvez ela visse o que mais ninguém veria. Porque eles dois eram um só. E ninguém o conhecia como ela.

Ao colocar o pé no átrio do aeroporto, a lembrança da pequena estada dela e do marido em Verona, anos antes, atingiu Camille como um raio, fulminando seu coração. Ela parou, estática, como se sentisse uma parede intransponível diante dela. Atrapalhou a passagem de quem vinha atrás dela. Não imaginou que poderia se sentir assim....

De repente, podia ouvir sua própria risada misturada à de Ethan; via os olhos de avelã olhando direto nos dela, ainda apaixonados depois de tanto

tempo juntos. Ela podia se lembrar do seu cheiro e sentir suas mãos nas dele. Eram os primeiros dias da primavera, dias lindos, cheios de luz, de aromas e sabores, cada tarde parecendo uma pintura. Ethan era o marido mais perfeito que podia existir quando se tratava de organizar viagens-surpresa. Marie cuidava de detalhes chatos e Ethan saboreava as diretrizes finais. Foram poucos dias na cidade, apenas porque Ethan desejava sair um pouco com ela para comemorar o início da primavera. Foram dias muito românticos. Tinham ficado hospedados na *Piazza Sant'Anastasia*, no *Due Torre Hotel Baglioni*, bem no núcleo medieval de Verona. Era um dos hotéis mais excêntricos da cidade, cada quarto enorme decorado num estilo de época diferente. O *Due Torri* era o mais prestigioso e famoso hotel de Verona, combinando luxo, elegância e o toque alegre de simpático italianos.

Camille e Ethan ficaram num dos melhores quartos, com quase 40 metros quadrados, móveis autênticos do século XVIII e XIX, paredes exibindo magníficas tapeçarias com cores luminosas e espelhos de corpo inteiro. Pequenos divãs, lustres de murano e colchas preciosas evocavam um estilo do passado. Camille amou o quarto! Era elegante e cheio de aconchego, além de inspirar os sentidos de muitas formas.

A primeira coisa que o casal fez, ao chegar, foi reviver a história de Romeu e Julieta, encenada em Verona pela primeira vez em 1520 e depois imortalizada por Shakespeare. Ela inspirou monumentos como a Casa de Romeu e a Tumba de Julieta, que Camille estava muito ansiosa para conhecer. Ela observava tudo com olhos enormes e, por fim, terminou por enxugar duas lágrimas, uma de cada olho, quando estiveram no suposto local onde Julieta havia morrido. Ali ela apertara a mão

do marido mais forte, e ele retribuiu com um abraço.

"Não saberia viver sem você", disse-lhe ela, uma vez mais. "Eu entendo mesmo essa história. A morte é a única companhia possível numa vida sem amor."

Depois do passeio, envolvida pela história, Camille estava contente e pensativa ao mesmo tempo. Enquanto o marido punha água para encher a banheira ela mesma ligou, sorrateira, e pediu vinho *frisante* doce e morangos. Estavam naquele quarto belíssimo, em Verona, e seu amor não seria tragicamente interrompido como o de Romeu e Julieta. Quando Ethan atendeu a porta, ela correu para o banheiro, largando rapidamente suas roupas no chão e esperou, nua, sentada na beirada da banheira de mármore rosa. Ethan recebeu a remessa surpreso e satisfeito, e serviu as taças antes de ir atrás da mulher, linda, de cabelos revoltos, o corpo suado. Trocaram carícias e desfrutaram da

companhia um do outro, do vinho e dos morangos, antes de mergulharem na água. Depois desabaram na cama lado a lado, dormindo o sono dos deuses.

***

Invadida pelo sentimento terrível e avassalador que era imaginar sua vida sem Ethan, Camille correu para a *toilette* mais próxima e entrou na cabine batendo a porta. Ali estava ela, em Verona mais uma vez, só que sem o seu amado. Sem saber onde ele estava. Seu coração se consumia como nós de pinho na lareira, lentamente, dolorosamente, virando cinzas pouco a pouco. Não podia viver sem ele. Não lhe passava pela mente a possibilidade de não encontrá-lo, de não encontrar uma explicação para o que estava acontecendo.

Depois de controlar o choro e lavar o rosto Camille voltou para perto das esteiras de resgate de bagagem sem enxergar coisa alguma. Viu os poucos passageiros que por ali transitavam deixando o

recinto com carrinhos de mão e não entendeu o que faziam. Porém, num estalo, voltou à realidade e, olhando em volta, viu que estava parada na esteira errada. Sua mochila vagava em círculos do outro lado.

Balançando a cabeça como quem se recrimina pela perda de tempo, caminhou apressada e esperou nova volta da esteira até poder pegar sua mochila, incrivelmente leve. “Nem sei porque despachei isso, poderia ter levado como bagagem de mão!” — pensou em um átimo de segundo.

Camille nem sabia direito o que ia fazer e nem quantos dias ficar. A voz de *signore* Arthuro soava em seu ouvido, dando-lhe o relatório das primeiras diretrizes da investigação particular:

“Ethan foi de táxi com *monsieur* Fabricius, como sempre, que diz tê-lo encontrado ‘natural e sorridente, sem sinais de preocupação ou tristeza que ele pudesse notar’”.

“Ethan estava, aparentemente, bem”, continuou o *Nonno*. “Desceu em *Saint Exupéry* no terminal um. Foi visto pelas câmeras de segurança no saguão de entrada e no balcão de embarque da *Air France* onde ele realmente fez o *check-in* e despachou a bagagem. Tenho comigo o número... mas não é importante.”

“Oh, é importante, sim! Diga-me o número, *s’il vous plaît*!”, implorou Camille, e anotou na primeira página do bloco de *post-its* ao lado do telefone.

“Ethan esteve na casa de câmbio e trocou 1500 dólares por euros italianos. Não fez uso de cartão de crédito para nada antes do embarque. Constam duas ligações do número de seu celular, uma para mim e outra para Marie. Nós dois, é claro, confirmamos as ligações. Há filmagem do momento do embarque, quando ele passou pelo raio-x, bem como sua bagagem. Segundo relatos

dos comissários de plantão nesse voo, tudo correu tranquilamente e sem intercorrências."

Ela tirou do bolso lateral da mochila a última garrafa d'água cheia e bebeu em goles largos. O fiscal perto da porta do desembarque internacional pegou seu *ticket* de bagagem e ela seguiu em frente. Sentia-se entrando num transe. Não de forma figurativa, mas realmente sentia-se diferente. Ela olhou lentamente para o alto, imóvel, e encarou as câmeras próximas.

Não existia mais nada para ela além das câmeras, durante uns poucos instantes. O mundo à volta derretera e sumira. Aquelas câmeras tinham filmado Ethan, gravado seu rosto como gravava o dela agora. Ele tinha retirado sua bagagem e saído por aquele mesmo corredor do aeroporto *Valerio Catullo*, exatamente como ela o fazia. O número do bilhete dele somado os dígitos resultavam em nove. E o dela? Camille não sabia. Não parecia ter qualquer relevância.

Ethan saiu da França e chegou a Verona. Ele estava bem. Nada aconteceu durante o voo. Ali, ele se encaminhou à agência de veículos *Europcar*, localizada no saguão de desembarque junto a outras tantas agências conhecidas, e retirou o veículo que havia sido reservado de antemão. Todas aquelas informações foram checadas por *monsieur* Yves, mesmo sabendo que Ethan chegara ao hotel em Mantova; ele queria ter certeza de que nenhum evento que pudesse ter ligação com o caso — mesmo que pequeno — passasse despercebido.

"Ele alugou um VW *Tiguan* automático de tamanho intermediário, sem acrescentar nenhum extra. O valor, de 432,58 dólares, foi pré-pago com Visa em nome da *Logos*. Os dados cadastrais foram todos confirmados, tanto os de Marie, que foi quem fez a reserva em nome da empresa, como os de Ethan. Ethan pegou o carro e apresentou passaporte com número correto e carteira de habilitação também correta."

Camille segurou firme a mochila e respirou fundo várias vezes porque tinha a sensação de que o ar não entrava em seus pulmões. Ela sabia que quando o ar não entrava era porque estava de fato nervosa. Pena que não tinha ali nenhum calmante, e nem receita para comprá-los. A sensação de náusea a invadiu e a cabeça flutuava, zonza. Ela olhou em volta, por todos os lados, várias vezes, enquanto pessoas passavam ao seu lado.

— *Do you need some help*? — indagou um homem com uniforme da segurança do *Valerio Catullo*. — *Are you looking for someone*?

— *Yes* — respondeu Camille sem pensar. — *I'm waiting for my husband. Thank you*.

O segurança sorriu e se afastou. Camille sabia aonde ir, e era ao guichê da *Europcar*.

"Como ficaram sabendo que Ethan saiu com o *Tiguan* do *Valerio*?", havia perguntado Camille ao *Nonno*, apreensiva.

“Existem câmeras. A placa do carro que ele usava foi filmada na saída e...”

“Mas era ele *mesmo* quem conduzia o veículo? O *signore* tem certeza?”

“Sim. Era ele ao volante. E estava sozinho.”

“Como podemos ter certeza de que estava sozinho? E se o sequestrador estivesse escondido atrás do banco e foi ele mesmo quem cancelou a reserva, só para levar Ethan a outro lugar?”

“Um sequestrador não cancelaria a reserva, ele simplesmente levaria Ethan. Ninguém embarcou com ele no carro. *Monsieur* Yves verificou isso.”

“Qual o número da placa?”

“Por que insiste tanto com números, que diferença faz isso?”

Signore Arthuro estava mais impaciente que de costume, perdendo a cabeça por nada. Ao escutar o som baixo dos soluços de Camille pôs a mão na fronte, trêmula, e pediu-lhe que aguardasse.

“Está anotado no relatório. Espere que vou verificar. *Bambina*, não chore!”

De posse do número da placa, ela anotou no mesmo *post-it* onde constava o número de embarque do marido. Ela ficou olhando para eles, sentada no escritório de Ethan. E a ideia foi se formando em sua mente. A ideia de percorrer o mesmo caminho. De percorrer cada passo.

Depois que o segurança se foi, ainda dando uma olhada para trás uma vez, Camille rapidamente entrou na *Europcar* e cumpriu os trâmites básicos para retirar do aeroporto um *Tiguan,* como Ethan havia usado. O *Tiguan* que Ethan usara ainda estava no hotel onde Ethan se hospedara, Camille já sabia disso. *Monsieur* Yves esperava a vinda do pessoal da polícia italiana, para fazer a perícia.

***

Camille dirigiu esforçando-se para prestar atenção ao volante e às placas de orientação, pois sua mente

era uma mistura inoportuna de pensamentos, lembranças e sentimentos deprimentes. Uma fagulha de esperança ainda pulsava em seu coração, imaginava que a qualquer momento poderia receber um telefonema de *signore* Arthuro dizendo que ele tinha sido encontrado. Haveria uma explicação compreensível para tudo aquilo e aqueles dias horríveis e noites ainda piores chegariam ao fim, ficando cada vez mais no passado. Um passado pavoroso interrompido pela... por...

"Coisas ruins acontecem", ela continuou refletindo. Nunca havia precisado pensar nisso. Pelo menos não com muita intensidade.

"Nada terrível assim pode acontecer a Ethan, ou a mim", e ela não ousava pesar as possibilidades. "Nós nunca fizemos mal a ninguém. Eu não entendo nada disso, mas deve haver algum senso de justiça em... em *Deus*! Justiça e... e bondade, eu acho!"

Camille deu uma guinada para a direita, pois por um milagre — se de Deus, ou do acaso — ela conseguiu pegar sua saída a tempo, depois de fechar alguns carros que vinham pela extrema direita. Ela sacudiu a cabeça, para acordar de seus devaneios e prestar mais atenção ao caminho até Mantova. Não era bom dirigir à noite, contudo, ela precisava ter vindo naquela noite, tinha que vir o quanto antes. Sabia que no dia seguinte os investigadores tomariam o caso nas mãos, e ela queria ver e sentir tudo antes que eles viessem e vasculhassem tudo. Parecia uma atitude louca, mas era assim mesmo que ela se sentia: louca sem a presença dele.

Uma garoa insistente a acompanhou pelo caminho, e Camille sentiu-se tão absurdamente solitária que as lágrimas rolavam pelo rosto acompanhando a chuva. Sua boca continuava seca, mas ela não tinha mais água, e volta e meia sentia vertigem. Leve, nada demais. Coisa do cansaço.

Determinada, continuou firme olhando a estrada por trás do vaivém do limpador de para-brisas. Ela se sentia entorpecida, rodando por uma eternidade. Foi um alívio ver que estava próxima à cidade.

Se de um lado ela sentia alívio em estar chegando bem de viagem, um tremor percorreu seu corpo. Estava entrando na cidade onde Ethan tinha desaparecido.

***

Lyon, 2 de novembro

O inspetor Domenico Fragatti entrou em contato com *signore* Arthuro direto na *Logos*. Onde mais poderia encontrar o presidente de uma multinacional no feriado? Tocou direto no telefone da sala presidencial e foi atendido no segundo toque.

— Arthuro Mastrangello.

O homem do outro lado deu uma risadinha e falou em italiano.

— Que conveniência economizar meu tempo. Sabia que nem liguei para seu celular? O que o *signore* está fazendo aí num dia como este?

— Pondo a casa em ordem — resmungou o velho, de orelha em pé. Quem poderia ser? — Quem está falando?

— Domenico Fragatti, inspetor-chefe do departamento de polícia de Mantova. Bem, *amico*, depois de conversarmos eu o aconselho a ir a um bom restaurante e arrumar uma boa companhia para o resto da noite.

Signore Arthuro grunhiu uma resposta inaudível e o inspetor achou que a sugestão de uma boa refeição era cabível, mas a de uma *puttana* fora realmente inadequado, dadas as circunstâncias. Pigarreou alto antes de continuar.

— Quando encontrar *tuo amico* Naresh Akhila coloque-o num altar para incensá-lo. Não sei como

ele conseguiu — em pleno feriado — fazer com que a polícia francesa mexesse a bunda! Ele pôs todo mundo para correr, se é que me entende, e mandou o protocolo à merda. Grande homem! Grande! Fato é que a investigação policial já está em andamento e temos um problema insolúvel. Mas deixe-me começar pelo começo: meu contato com a polícia francesa é via a delegada Justine Melià, do local onde vocês prestaram queixa. Gostaria que anotasse o número dela. *Signore* Mastrangello, a Melià está um fera! Atendeu-me de forma grosseira, reclamando que o tal Narush passou por cima dela e de todos por aí, e que deveria voltar para a Índia. Entretanto, deverá fazer contato com o *signore* pessoalmente, mais tarde, mas preferi adiantar-me para que um pobre conterrâneo meu não fosse obrigado a receber essa notícia de uma fera, em plena noite de finados!

Signore Arthuro sentiu o coração apertado. Naquele momento ele gostaria que o inspetor

Fragatti deixasse os pormenores policiais de lado e fosse logo ao assunto.

— *Va bene, va bene*! O que o *signore* tem a me dizer?

Domenico Fragatti pigarreou de novo.

— No momento a delegada Melià e sua equipe acabaram de interrogar sua funcionária Marie Louise Marino. Ao que me consta, ela era a secretária de seu neto, *signore* Ethan Mastrangello, correto?

Signore Arthuro sentiu um baque no peito ao ouvir o nome de Marie, que ele tinha quase como filha.

— *Ma Che*? — ele subiu o tom de voz — Marie é uma funcionária exemplar, trabalha conosco há muitos anos. Fui eu mesmo quem a indiquei para Ethan, dada a dificuldade de encontrar alguém competente e séria ao mesmo tempo. Marie recentemente foi promovida e é irrepreensível —

por fim caiu em si e perguntou: — Por que ela está sendo interrogada?

— Sabemos que há um detetive particular no caso, e chegamos ao mesmo ponto que ele. A questão do cancelamento de reserva. *Mademoiselle* Marie garante ter feito a reserva em nome do *signore* Ethan no Hotel *Dante Residence*. Ela forneceu a Melià o *e-mail* do *Dante* confirmando a vaga. Mas nós não contávamos com a gravação telefônica fornecida hoje pelo hotel: uma ligação da própria Marie cancelando a reserva 24 horas antes. Mais precisamente, às dezoito horas da tarde do último dia 30 de outubro.

— *Che*? — novo baque no peito.

— Por isso eu disse que temos um problema insolúvel: ela nega veementemente ter dado esse telefonema. Nesse momento eu e minha equipe acabamos de receber o comunicado de que a delegada Meliá solicitou a perícia da gravação, que será feita em Lyon, já que a ligação partiu daí. Mas

não vamos ter nenhum resultado conclusivo antes de, no mínimo, três semanas. Contudo, se a análise da voz for positiva... sua funcionária estará encrencada. *Perché* ela teria cancelado a reserva? E *perché* se negaria a admitir?

— Isso é um *controsenso*! — exclamou *signore* Arthuro.

— A perícia vai nos dar uma direção conclusiva. Não se descarta a hipótese de ser alguém se fazendo passar por ela.

— Mas por que motivo?

— Isso é outra questão. Por ora, ela nega tudo terminantemente, mas se a análise for positiva e for confirmada a ligação de Marie nesse caso, ela será indiciada. Eu e Melià manteremos o *signore* informado.

— *Grazie*, *inspetore* Fragatti — respondeu *signore* Arturo tentando não deixar escapar na voz todo o seu dissabor.

O velho senhor desligou o telefone e colocou a cabeça entre as mãos.

"E *perché* Marie faria isso?"

Depois de se refazer com um café bem forte que ele mesmo preparou, ligou para Yves.

— *Oui* — afirmou ele. — Posso estar enganado, mas Marie certamente será indiciada. Eu ouvi a gravação.

— Por que não me informou *antes*?

— *Mon ami*, se estivesse no seu lugar iria preferir ouvir uma notícia assim à luz do dia, com a empresa cheia de gente, ao invés de no feriado de finados, tendo como companhia apenas o mau tempo.

— Yves, agradeço-lhe por sua preocupação, mas futuramente informe-me das coisas no mesmo instante! — disse o ancião com voz extremamente ríspida. — Para isso você é pago!

Signore Arthuro não teve coragem de ligar a Camille para informá-la do ocorrido. Que diferença

faria, já que a perícia levaria semanas? Resolveu poupá-la um pouco.

"Pobre *pupilla*..."

***

Pouco antes de chegar a Mantova, Camille ligou para o sogro apenas uma vez, mais para saber se ele já estava sabendo que ela estava na Itália, fazendo tremer de leve o volante do carro. Mas ele não sabia ainda. Ela ficou satisfeita. Ao tentar desligar o celular, deixou-o cair no chão do carro.

"*Merde*"

Ao tentar pegá-lo, acabou levando uma buzinada de advertência do motorista cuja faixa ela estava invadindo.

"*Merdeee*..."

Camille acabou derrubando mais algumas lágrimas de raiva e impotência e, ao invés de direcionar o *Tiguan* para o *Dante Residence*, Camille rumou para Porto Mantovano em busca do

hotel *Abacus*. Segundo as informações que ela já tinha, fornecidas por *monsieur* Yves ao *Nonno*, Ethan tinha rumado para o *Abacus*. Foi depois de saber que Ethan estivera no Hotel *Abacus* que a ideia pré-formada da viagem à Itália tomou conta dela totalmente.

3

Cauchemar

31 de outubro — Mantova

Ethan estacionou o VW Tiguan cinza na vaga espaçosa do estacionamento do Hotel *Dante Residence*, dispensando educadamente, mas com firmeza, o serviço de *wallet*. Apanhou apenas a maleta do *laptop* no banco do passageiro, onde estavam guardados também seu passaporte, cartões e dinheiro. No bolso da jaqueta já estava enfiado o

celular. Deixou o resto da bagagem no carro para ser pega depois por alguém do hotel.

Era relativamente cedo, tinha feito a viagem de Verona a Mantova tranquilamente e mais rápido do que previsto. De bom humor, e animado com a expectativa do início do curso na manhã seguinte, queria logo um bom banho e um jantar caprichado. Entrou no saguão do hotel e dirigiu-se ao balcão para fazer o *check-in*.

— *Buona sera, signore*! — cumprimentou o gerente.

— *Buona sera*! Tenho reserva para hoje.

Solícito e simpático, comunicativo, o homem de bigode volumoso esticava a conversa enquanto checava o computador. De repente seu semblante mudou nitidamente e ele se desculpou:

— *Perdona-me, signore Mastrangello*. Sua reserva foi cancelada ontem às 18:00 horas.

Ethan franziu a fronte, estranhando.

— *Non é possibile*. Estou vindo para um curso de *marketing* e mandei fazer essa reserva há semanas.

— O *signore t*eria o comprovante?

— *Si* — Marie tinha imprimido o *e-mail* da reserva por pura precaução.

O homem bigodudo leu o documento e, constrangido, continuou a informar que infelizmente no dia anterior havia sido feito o cancelamento.

— *Va bene*! — exclamou Ethan, bastante contrariado. — Talvez o *signore* tenha como resolver essa questão, dando-me outro aposento.

— Um momento, *signore* Mastrangello, *per favore*.

O gerente foi ao encontro de outro homem, que estava do outro lado da recepção. Ambos gesticulavam, às vezes olhando para Ethan. O segundo homem, muito bem apessoado, veio ao encontro de Ethan, estendendo-lhe a mão calorosamente.

— *Signore*, é uma lástima. Não temos como acomodá-lo. Temos feriado, como o *signore* sabe, *Tutti Santi*, Finados. Há muito movimento no hotel. Não temos vaga, *signore,* mas faremos o possível para encaminhá-lo a outro Hotel à sua altura. Enquanto aguarda pode fazer uso de nosso serviço de bar. Por conta da casa!

Ethan agradeceu a gentileza, mas não sem antes tecer mais um comentário sobre como uma reserva feita há quase quatro semanas poderia ter sido cancelada sem seu conhecimento, na véspera. O agradável *signore* falou que o cancelamento foi feito via telefone — "o que não é tão comum", acrescentou — mas nada havia de irregular na situação. Em seguida, disse ter certeza tratar-se de um terrível mal entendido, e que o Hotel *Dante Residence* estava pronto para ajudá-lo *in due battute*.

"In due battute"

Ethan sentou-se diante de uma taça de vinho e um pequeno prato aperitivo de queijos enquanto aguardava uma posição sobre outro local para estadia. Não abriu o computador nem fez qualquer ligação. Ligaria para a esposa quando já estivesse instalado.

Depois de uma taça de vinho e duas de água, Ethan já estava impaciente e retirou-se outra vez para o saguão de recepção. O bigodudo suava um pouco no colarinho apertado e fez um gesto com a mão.

— Ah, *signore* Mastrangello! Bem a tempo! Sabíamos da necessidade do *signore* não permanecer longe do local de seu curso, portanto foi um pouco mais difícil conseguirmos acomodação. Entretanto tudo está resolvido! Temos como encaminhá-lo para Porto Mantovano, no hotel *Abacus*, quatro estrelas, que também fica próximo ao centro da cidade, o que não atrapalhará seu deslocamento para o curso. Além, é claro, de

ter também perto a Catedral de Mantova, certamente um local especial para o *signore* visitar. Conseguimos uma suíte Junior nos mesmos moldes da que o *signore* iria usufruir aqui conosco. O café da manhã é cortesia da casa. Hum... gostaria de ver o *site* do hotel? — o italiano cruzou as mãos sobre a barriga, aguardando, com olhar expectante.

— Se este foi o único que me conseguiu depois de quase uma hora, de nada me adianta olhar fotos. Agradeço pela colaboração — respondeu Ethan um tanto seco.

— O *signore* pode ir de táxi por nossa conta e enviaremos o seu carro via motorista — tentou ainda o homem, com a mão calorosa estendida.

Apesar de sua origem italiana, Ethan tinha adquirido muitos dos maus hábitos franceses, e apertou a mão do homem com rapidez e recusando a oferta rispidamente.

— Teria preferido certamente encontrar meu quarto à minha disposição a tempo e à hora em seu

estabelecimento, *signore*. *Merci*.

— Se puder fornecer a chave de seu veículo, *signore*, teremos imenso prazer em trazê-lo aqui na frente e...

— Não será necessário. *Adieu*.

Irritado ao extremo, Ethan consultou seu próprio GPS e verificou a distância e localização do novo hotel em Porto Mantovano. Não era uma região ruim. O problema foi ser pego de surpresa com um contratempo daqueles.

"O que será que Marie aprontou? Isso não é do feitio dela, verdade seja dita. Ligarei para saber disso tão logo esteja acomodado."

Mantova era uma cidade entre lagos. Estava cercada por três lagos artificiais — Superior, do Meio e Inferior — que foram feitos no século XII e são abastecidos com a água do rio Mincio, que cerca a cidade, e que por sua vez é alimentado pelo Lago di Garda.

Também havia um quarto lago, chamado Pajolo, usado como parte do anel de proteção da cidade, mas ele secou no século XVIII. A vista era, por certo, muito bela e o centro da cidade, interligado por pontes, estava cercado de água por todos os lados.

Entretanto Ethan não tinha como apreciar a vista porque já estava bem escuro, e ele com os nervos à flor da pele, indignado com o ocorrido.

***

Lyon, 2 de novembro

Tão logo desligou o telefone depois do destempero com *monsieur* Antoine Yves, *signore* Arthuro chamou o amigo, Naresh Akhila. Estava indignado e precisava fazer alguma coisa.

— A reserva de Ethan no *Dante Residence*, em *Dosso Del Corso*, cujos serviços ele já conhecia e já fizera uso anterior, foi cancelada, como você já sabe

— começou *signore* Arthuro com indignação na voz, como se aquele fato fosse determinante de todo o trágico restante. — É realmente um fato absolutamente inaceitável num hotel quatro estrelas daquela categoria. Seja no que for que dê essa investigação, quero que entre com um processo contra eles.

Monsieur Akhila escutava o velho amigo com atenção.

— Marie afirma e reafirma ter efetuado a reserva de uma *double suite — full breakfast* e solicitou formalmente a confirmação da reserva via *e-mail* após o fornecimento do número de cartão de crédito.

— Foi o mesmo cartão usado por ela para comprar o bilhete para Verona?

— *Oui*. Mas não é o mesmo cartão que Ethan usou para viajar, o que está sendo rastreado. Ele não fez uso do cartão para nada, nem mesmo para pagar um café no aeroporto. Usou dinheiro vivo. A

questão é que a reserva foi cancelada, mas eles têm a gravação da voz da moça, o que isenta o hotel de qualquer responsabilidade. Não posso abrir nenhum processo. Seria uma má conduta da nossa parte.

— Não acho possível Marie ter ligado. Telefonar seria a maneira mais fácil de denunciar-se. Tem de haver alguma outra explicação. Fato é que quero que você encontre alguma cláusula, qualquer coisa, para processá-los!

Naresh Akhila conhecia o velho há tempos.

— Acalme-se, amigo. Liberar raiva e frustração a esmo não vai facilitar as buscas. Ouça meu conselho, uma vez na vida. Vamos esperar. Deixe a investigação seguir seu curso.

***

Camille desceu correndo do *Tiguan* debaixo de uma garoa forte. Fez o *check-in* no *Abacus* sem problemas e subiu para a mesma suíte Junior em

que Ethan havia ficado. O quarto já tinha sido revirado e investigado e, por fim, liberado; mas, já que o dia de Finados findava, não tinha sido ocupado novamente. A ideia da viagem fora tão louca e impensada que ela nem mesmo tinha feito uma reserva para si. Se o quarto estivesse ocupado, seria capaz de implorar para vê-lo. Felizmente, nada disso foi necessário e ela encontrou o quarto vazio, à sua espera.

Camille apresentou sua carteira de motorista como documento, onde ainda constava seu nome de solteira. Alguns de seus documentos, como a identidade e a habilitação, por pura falta de tempo foi ficando como sempre foi: Camille Marie Lacasse. Ela não ligava, nem Ethan.

Agora, vinha bem a calhar. Ela não queria despertar suspeitas e nem chamar a atenção das autoridades policiais. Eles haveriam de querer saber o que a esposa do desaparecido estaria fazendo justamente ali. No mínimo, acabaria como suspeita.

Camille sabia que seria interrogada em poucos dias, e queria, por causa disso, cumprir logo sua missão na Itália e voltar para a França sem que soubessem que havia viajado.

"É um direito que me cabe fazer essa viagem por mim mesma", ela repetia de si para si quando se sentia um pouco culpada.

Entrar na suíte foi um pesadelo maior do que ela esperava. Mal escutou o *portabagagli* desejar-lhe uma boa estada e esperar alguns segundos pela *mancia*, que Camille colocou na mão dele sem nem mesmo dizer boa noite. Pelo tamanho e peso da mochila não precisava de ajuda. Ela ficou parada na porta, esquecendo-se por um momento de fechá-la. Sobre a cama de casal tinha sido posta a mochila e ela sabia que Ethan tinha entrado naquele quarto há apenas duas noites. Camille estava petrificada. Passos no corredor fizeram-na voltar-se e fechar a porta bruscamente, não querendo ser vista por ninguém.

Deu alguns passos, e parecia que podia até mesmo sentir o cheiro do marido no quarto, o cheiro de seu perfume, de sua pele. Sabia que era uma insanidade, o quarto tinha sido limpo mais do que bem, depois da passagem da polícia por ali. O costumeiro vento gelado percorreu suas costas e seu pescoço fazendo-a se arrepiar inteira, e, subitamente, aquele antigo odor almiscarado da época da gravidez lhe inundou as narinas, tão forte que ela se encheu de náuseas. E medo. Por que estava sentindo aquele cheiro de novo?

Num ápice correu para o banheiro e abaixou a cabeça no vaso sanitário, tossiu muito, mas não vomitou. Ergueu-se e viu refletida no espelho a sua imagem. Tomou um susto porque, milésimos antes de ter consciência de sua própria imagem, pareceu-lhe ver o rosto de Ethan no espelho, com olhos enormes. Sacudiu a cabeça. Chegou mais perto do espelho, mas era somente ela. Com um semblante

péssimo. Pálida, descabelada, sem maquiagem, com olhos assustados.

O toque do celular no bolso do casaco fez com que ela desse outro pulo e, na pressa de atender, deixou o aparelho cair dentro da pia. Era Pietro. Ela já tinha duas chamadas perdidas dele, portanto atendeu.

— *C'est moi* — falou ela com voz exausta.

— *Mon Dieu*, Camille! Onde você está?

— Acabei de chegar a Mantova. Quer dizer, ao hotel. Estou na mesma suíte que Ethan ocupou.

Pietro decididamente não aprovava aquilo.

— Camille, isso é uma sessão prolongada de tortura autoinfligida. Deixe-me ir buscá-la, *s'il vous plaît*. Você já viu onde Ethan ficou, já fez o mesmo caminho. Deixe que a polícia cuide disso agora. Irei até aí e amanhã voltaremos juntos.

Apesar do cansaço, Camille foi firme:

— Pietro, não perca seu tempo. Não venha atrás de mim. Voltarei assim que tiver saciado meus

questionamentos.

— *Darling*, eu entendo seu estado de espírito. Mas não passe por uma coisa dessas, sozinha. Deixe-me ir para ficar com você, então. Acompanharei você onde quiser ir.

— Pietro... eu prezo muito sua amizade e sei que sua oferta é de coração. Mas não posso aceitá-la. Se eu puder sentir Ethan, ou localizar qualquer coisa relacionada a ele, preciso ficar só. Estando aqui, eu saberei que direção tomar. Mesmo que seja uma direção invisível às autoridades policiais.

Pietro lamentou profundamente sobre as ideias que norteavam Camille.

— Você espera por algum sinal espiritual... alguma intervenção divina?

— Eu não sei. Só sei que preciso ficar aqui um pouco para esperar... para sentir... procurar... rezar... — ela se ouviu dizendo aquilo e sabia que faria qualquer coisa. — *Je ne sais pas*. Talvez amanhã eu saiba melhor.

— Eu não sou a melhor pessoa para opinar sobre isso, embora tenha minha espiritualidade e acredite no sobrenatural. Entretanto...

Camille sentiu o corpo tremer involuntariamente outra vez. Novamente ar frio nas suas costas. Mais gelado do que antes. Envolveu sua cabeça, a mão que segurava o telefone, como se quisesse interromper logo a conversa.

— Preciso desligar. *A bientôt*.

Camille apressou-se em ligar o ar para aquecer o quarto. Estava muito frio ali. Abriu as cortinas para checar se as janelas estavam fechadas. *Oui*. Todas estavam. Sem saber o que fazer, ficou parada no meio do quarto, olhando ora para a cama onde Ethan havia deitado... será?... para o sofá... a mesa de trabalho de madeira antiga... a parede em tom de romã...

Abriu o frigobar e pegou sofregamente uma garrafa d'água, que bebeu sem respirar, de uma vez só. Lembrou-se de que não havia comido nada, mas

não tinha fome. Ligou a TV e deixou num noticiário qualquer, só para escutar o som de uma voz.

Por fim, vencida, jogou-se sobre as cobertas da cama sem nem tirar os sapatos e chorou muito, ensopando a colcha e amarrotando-a. Seus soluços inundavam o quarto e ela falava frases soltas, falava com Ethan, como se ele pudesse ouvi-la.

— Onde você está, *mon amour*?... que te aconteceu?.. *s'il vous plaît*, fale comigo, não me deixe sozinha... estou com tanto medo! Ethan!... Ethan, não me deixe sozinha.

O terror de ficar só, sem seu amor, era tão avassalador que tirava o ar dos seus pulmões. Ela teve que se sentar e inspirar fundo várias vezes, mas outra vez sentia como se o ar à sua volta não lhe bastasse. Chorando, limpando os olhos e o nariz com dúzias de lenços de papel, finalmente o cansaço foi maior, e ela adormeceu. A cabeça estava num dos lados da cama; os pés, que ficaram

calçados, jaziam encolhidos do outro lado. Por algum motivo que sua consciência não captava ela não podia deitar naquela cama em posição convencional. A posição convencional é a que as pessoas usam quando estão bem, quando tudo está bem. No caso dela, seu mundo tinha desmoronado.

Foi exatamente assim que ela acordou, no meio da madrugada. Ela tinha visto Ethan. Vira tão de perto e de forma tão clara que parecia real. Ela tinha chegado ao lado dele, onde estava deitado, e se ajoelhou perto da cabeceira da pequena cama. Ethan não se mexeu. Camille aproximou os lábios de seu rosto e beijou-o de leve várias vezes. Ela sabia que ele não podia acordar. Estava dormindo profundamente. As lágrimas de seus olhos caíram sobre o rosto dele enquanto o beijava. Ela via seu peito subir e descer, escutava o som de sua respiração e até mesmo o pulsar lento e cadenciado de seu coração. Só que ele não podia acordar. O cabelo de Ethan estava despenteado, caindo sobre a

testa, então Camille estendeu a mão para passá-la suavemente sobre eles.

Sua mão brilhava, envolta numa luz pálida. Surpresa, ela observou a mão, entreabrindo os dedos e girando-a para um lado e para o outro. A luz era linda. Azulada, às vezes meio lilás, meio rósea. Olhou a outra mão, e viu que brilhava da mesma maneira. Instintivamente passou as mãos pela cabeça de Ethan, pela parte de trás de seu pescoço e empurrou seu corpo para tocá-lo em toda a coluna vertebral. Depois tocou seu coração, e chorou muito. Deitou a cabeça em seu peito, fechou os olhos e sentiu uma dor muito grande, como se seu próprio coração fosse explodir. Quando abriu os olhos, viu que ambos estavam envoltos completamente naquela luz brilhante e suave, morna, quase como um manto líquido. Camille viu que agora havia luz em Ethan também; sempre tinha existido, ela sabia disso no sonho. E a

luz dele era dourada, se misturava com a dela, como se fossem dois tipos diferentes de azeite.

Então uma sensação de inquietação tomou conta de Camille, uma grande sensação de urgência. Ethan precisava acordar. Ela o chamava primeiro baixinho e depois aos gritos, puxando-o pelos braços e sacudindo seu ombro. Tinha alguma coisa ali. Alguma coisa forte, poderosa. O ar foi invadido por um cheiro medonho de podridão e a escuridão tornou-se tão densa ao redor deles que as luzes tão belas encolheram, tornaram-se pequenas fímbrias, restritas ao contorno deles. Camille gritava a plenos pulmões. O manto morno de luz cedeu lugar ao conhecido vento gélido, que os tocava primeiro suavemente e depois cada vez mais forte.

Camille, arrastada pela ventania enregelante, foi obrigada a soltar o corpo de Ethan, que parecia congelado no lugar. O último vislumbre que teve foi do rosto dele, virando de lado e entreabrindo

levemente os olhos. Eram aqueles olhos que ela já conhecia, sem emitir nenhuma expressão.

Chorando e gemendo, Camille acordou coberta de suor e se virou tão rápido na cama que caiu pesadamente no tapete. Estava completamente sem instinto de direção. Os sons que produzia eram de puro terror, vindos de algum lugar remoto dentro dela, fruto de algo que ela nunca soubera que existia. Camille não se julgava capaz de produzir aqueles sons de agonia e desespero, mas, naquele momento, semiacordada, eles saíam de sua garganta aos borbotões.

Sem conseguir se achar no quarto estranho, ela engatinhou em direção a uma porta donde vinha pequena luminosidade. Sentiu o ladrilho frio e soube que estava no banheiro. A luz vinha da rua, entrando pela janela no alto. Ela se apoiou nas paredes e acendeu a luz que queimou seus olhos. Deixou-se escorregar novamente para o chão e ficou encostada na parede fria, suando e tremendo

ao mesmo tempo, incapaz de falar, raciocinar ou pedir ajuda. Sentia-se no mais tenebroso estado de terror. Abraçava as pernas com os braços o mais forte que podia na intenção de se proteger.

"Proteger do quê?!"

Alguma coisa forte, grande, poderosa. Maléfica.

Naquele momento uma certeza estranha a invadiu. De que o Mal existia. De que igualmente a personificação do Mal existia também. Sem querer, seus olhos pousaram no relógio digital no pulso esquerdo, bem na sua vista. Eram três da manhã, passando um pouquinho. Sentiu um mal estar tão grande que vomitou ali mesmo, no chão.

***

Camille não saberia dizer ao certo como passou o tempo até às quatro e meia da madrugada, se dormindo, se desmaiada, se acordada em estado de choque.

A próxima coisa que sua mente conseguiu registrar foi uma dor de cabeça violenta e o cheiro asqueroso de vômito nos cabelos, nas mãos, no corpo. Parte do casaco estava suja, o que significava que estava inutilizado para a viagem, e havia restos secos de vômito ao redor da boca e no rosto. Fez um grande esforço para se levantar. Parecia que suas forças tinham sido sugadas como água pelo ralo da banheira. Aproximou-se do chuveiro e girou as torneiras de água quente e fria, as duas ao mesmo tempo. Antes de tentar regular a temperatura, gemendo de dor no corpo e na cabeça, se desfez de suas roupas. Precisava de *shampoo*, mas não tinha trazido.

O gosto horrível em sua boca fez com que acendesse todas as luzes do quarto e fosse em busca da escova de dentes que jogara na mochila sobre a troca de roupa. A escova apareceu como por milagre e ela voltou para o banheiro. Camille encontrou um sabonete do hotel na pia, junto com

amostras grátis de shampoo e condicionador. Enfiou-se na água tomando cuidado para não cair porque ainda sentia-se sem forças. Lavou sofregamente o cabelo, deixando correr muita água sobre o rosto, sobre o pescoço. Enxaguava a boca constantemente, vez após vez, escovando os dentes e a língua.

Antes de começar a ensaboar o corpo não suportou mais a sede e saiu pingando água pelo quarto todo numa trilha até o frigobar. Levou a garrafa para o chuveiro e bebeu compulsivamente. Esfregou-se compulsivamente. Sem perceber, estava chorando de novo, as lágrimas escondidas na cachoeira do chuveiro. Ficou ali algum tempo, depois de limpa, apenas deixando a água correr. Estava escuro ainda, mas ela precisava de algo para a dor de cabeça.

Saiu, enxugou-se, colocou uma camiseta sem *soutien* porque ainda não o havia encontrado,

enrolou uma toalha seca na cintura e se jogou na cama ao lado do telefone.

— Preciso de analgésico, *per favore*. E *une thé*. Um chá. Um chá calmante.

— Temos chá de ervas frescas, *signora*. Hortelã, camomila, cidreira...

— Camomila e cidreira. *Grazie*.

Arrastou a mochila para perto de si, encontrando uma calcinha no meio das roupas amontoadas. De calcinha e camiseta, os cabelos longos molhados, ela se sentia tão cansada que puxou a colcha da cama, jogou-a no chão e se enfiou embaixo do edredom limpo, colocou a cabeça pulsante no travesseiro. A sensação do sonho ainda estava vívida e ela volta e meia gemia baixinho.

Não demorou muito e bateram à sua porta de leve. Ela se enrolou com a toalha na cintura de novo e abriu a porta. Um camareiro muito jovem pediu licença e colocou a bandeja sobre a mesa. Deve ter achado Camille em péssimo estado

porque se ofereceu para servir uma xícara do chá e não ficou esperando a *mancia*, saiu logo depois de perguntar se poderia fazer algo mais para ajudar.

— *No. Grazie tante.*

Ela deixou a toalha cair e se sentou, adoçando com bastante açúcar, o que não era seu costume. Talvez *une petite thé* bem docinha ajudasse a acalmá-la e a melhorar a dor de cabeça. Havia dois comprimidos de analgésico num pequeno pires na bandeja. Ela tomou os dois e voltou para a cama.

***

Mantova — 3 de novembro

Eram nove e meia. Novo toque na porta de Camille. Sentindo-se fisicamente um pouco melhor, vestida com *jeans* e a camiseta azul, ela atendeu e recebeu a camareira sorridente. Envergonhada, Camille tentou explicar a sujeira no banheiro:

— *I'm so sorry... miss. I was very sick last night, and... well, you know. Sorry.*

A moça, jovem, de cabelo alourado e muito comprido arrumado numa trança, ergueu a mão em sinal de "*it's OK*".

— *This things happens, miss Lacasse. Don't worry. If you want your breakfast, is free offer.*

— *Yes, I know.*

Camille tinha chamado a limpeza primeiro justamente para poder tomar o desjejum com calma depois, no próprio quarto. Ela sentou-se na beirada da cama e ficou quieta, apenas esperando, morta de vergonha. Parecia ter explodido uma bomba no banheiro. Quando lhe pareceu que a jovem camareira estava prestes a terminar, telefonou pedindo desjejum para uma pessoa. Queria permanecer no quarto e aparecer o mínimo possível. Não sentia fome, mas tinha consciência de que era hora de tentar comer alguma coisa caso não quisesse passar mal durante o dia. Já bastava aquilo

que seu emocional estava causando; não precisava ter uma hipoglicemia no meio da rua.

— *Grazie di tutto*! — fez Camille dando uma *mancia* generosa para a moça, que abriu um enorme sorriso de dentes muito bonitos.

— *Grazie, signora*.

O desjejum chegou e Camile esforçou-se, mas alimentou-se pior que um passarinho. Guardou no bolso do casaco um pedaço de bolo embrulhado em vários guardanapos para o caso de sentir fome mais tarde. Ela duvidava que fosse conseguir almoçar, ou mesmo arrumar tempo para isso.

Enquanto comia pensou muito sobre o sonho da madrugada, que se transformou no pior pesadelo de sua vida. O que queria dizer? O que significava? Baixinho, ela falou como na véspera:

— *Mon amour*, eu sinto sua presença nesse quarto. Eu vi você. Por que você não parece me reconhecer? Por que não me ligou? Onde você está agora, para onde devo ir?

Fechou os olhos e apertou o coração. Não queria chorar naquele momento. Era hora de ser forte, e não de desmoronar. Alguma coisa boa havia circundado os dois no sonho que ela tivera: aquelas luzes, que pareciam óleo morno, que os cobria por inteiro, e eram quase perfumadas. Porém, por outro lado havia algo estranhamente maligno perto. Algo que separou os dois no meio de uma ventania gelada. Ela não queria pensar naquilo. Se havia algo que vinha do Mal, por outro lado algo do Bem também estivera presente.

Não havia nenhum lugar onde ela mais desejasse ir do que na Catedral de *Sant'Andrea Apóstolo*. Embora a catedral de Mantova, fosse ali perto, e ela igualmente desejasse rezar ali, tinha que começar por *Sant'Andrea*. Mantova constitui-se numa cidadezinha italiana fundada em 2000 a. C. e hoje é considerada Patrimônio Mundial pela Unesco.

Camille esforçou-se para deixar de lado o seu ranço com a Igreja e se lembrou-se, uma vez mais,

de como se sentiu quando conheceu a história de Jehanne D'Arc e outros mártires cristãos. Essas pessoas haviam morrido em nome de sua fé. Algum contato com o Divino elas haviam realmente de ter tido. Ela não sabia ao certo se esse divino se referia exclusivamente a Deus, ou a Jesus, ou Maria, ou aos santos, mas o fato é que era possível acessar o divino de alguma maneira. E naquele momento, o que ela mais precisava era encontrar uma porta, uma passagem — para que pudesse interceder por Ethan. Não conseguia pensar em nada melhor do que a Basílica de *Sant'Andrea*, justamente ali, em Mantova. O último local onde Ethan foi visto. Num local consagrado ao apóstolo que tivera o privilégio de ver Jesus face a face.

Um táxi providenciado ali mesmo no *Abacus* levou-a onde queria. Acostumada aos grandes monumentos da Europa, ainda assim a catedral, obra de Leonne Battista Alberti, poeta, filósofo

humanista, pintor, músico, arquiteto e grande construtor Renascentista, causava grande impacto. Só começou a ser construída após a morte de Alberti, a partir de 1472 e ficou pronta 328 anos depois. Era uma grande construção, indubitavelmente. Imponente, forte, cheia de detalhes. Ela nunca estivera em Mantova, mas sabia ser necessário começar sua busca tentando primeiro um contato espiritual. *Oui*. Algo espiritual. A catedral de *Sant'Andrea Apóstolo* parecia-lhe um bom lugar para isso.

Diante da fachada de pedra brilhante e colorida, com seu suntuoso portal em arco, havia dezenas de bicicletas estacionadas diante da escada de pedra. Havia pessoas vendendo flores, talvez para os retardatários do feriado de *tutti santi* e finados. Camille sentiu um nó na garganta e segurou, mais uma vez, as lágrimas que estavam já no canto dos olhos, prontas para descer. Ela não estava vindo como turista. Também não era uma peregrina,

como tinha sido seu tio durante a passagem pelo Caminho de Santiago. Quisera ela ter o tempo que ele teve para buscar o sobrenatural! Ela não tinha todo aquele tempo. Ethan estava desaparecido. Ela precisava de ajuda imediatamente. Então, em que categoria de crente ela se encaixava?

"Na dos desesperados", refletiu ela, aflita, subindo rapidamente os degraus.

Talvez devesse levar flores. Voltou atrás pela escada e abordou uma *signorina* que vendia rosas, dálias, petúnias, e algumas outras flores. Camille sempre preferiu as rosas, então comprou de todas as cores que a moça tinha, para oferecer a *Sant'Andrea*. Mais adiante adquiriu alguns lírios, pois já tinha ouvido dizer, em algum lugar, vagamente, que Jesus era como "o lírio dos vales". E ela queria agradar de todas as maneiras. Comprou também quatro velas brancas grandes: uma para o Pai, outra ao Filho e outra ao Santo Espírito, pois era o que tinha aprendido quando criança. Ao

entrar na Igreja fez o sinal da cruz. A quarta vela era para a Santa.

Camille adentrou a longa nave em silêncio, pelo lado da fachada. Um desenho da planta da Igreja mostrava seu formato de cruz; uma cruz encravada no meio da cidade. Admirando como era lindamente ornamentada ela adentrou a catedral passando pela abóboda em forma de túnel, alongada, que fazia eco.

Ela caminhou em silêncio, olhando os arcos góticos, as paredes cobertas de afrescos e pinturas, as incríveis colunas que ladeavam a nave, as capelas laterais. Havia poucas cabeças abaixadas aqui e ali, joelhos dobrados, e centenas de velas acesas. Outras pessoas andavam por ali também, observando tudo. Eram os primeiros turistas da manhã, em maior número, os quais Camille ignorou. Ela observou atentamente os fiéis, que estavam calados, contristados, em atitude de oração. Camille

imaginou que aquela devia ser a postura certa a adotar.

Ela parou debaixo da tremenda abóboda interior, com seus grossos arcos, e olhou para cima. Era lindo! Como contemplar o céu. Os vitrais deixavam entrar luz dentro da catedral, quebrando de leve sua penumbra, trazendo fachos que iluminavam o ar, as paredes e o chão num enorme círculo. Camille passou devagar por ali, sentindo o sol bater na pele, ouvindo o som de seus passos no chão. O silêncio a aquietava.

Parou no meio da cripta central. Dali se podia passar para as demais criptas, a norte, sul, leste e oeste. Ela gostaria de visitar a cripta onde estava o sarcófago que guardava o sangue de Cristo e que só era exibido durante a Páscoa. Ali ela deixaria seus lírios e rezaria a Jesus. O lugar da relíquia lhe parecia extremamente sagrado, uma lembrança viva de algo a ser cultuado.

Antes de caminhar pelas criptas, aproximou-se do altar. A imagem de Cristo crucificado não era muito grande e ela ficou olhando. Já bastante tocada pelo lugar em si, sentia o coração batendo acelerado. Ficou ali parada, olhando, tentando entender o mistério do sangue e do corpo de Cristo. Ela não era muito boa naquilo. Percebeu quão pouca atenção ela tinha dado até ao Divino, em sua vida.

Percebeu que um grupo ia adentrar a cripta que ela queria visitar, e Camille juntou-se a eles. O local não era muito grande e o sarcófago também não. No entanto, ao pensar que aquela estrutura era para guardar dois cálices sagrados, sentiu que tudo ficava mais imponente. Camille se esforçava por sentir o clima do ambiente, mas não conseguia captar devoção, nem fé, nem amor. Havia mais curiosidade e entretenimento do que algo espiritual. Ela gostaria de poder ficar ali sozinha, mas era impossível. Olhou para as estátuas de

mármore branco ao lado do sarcófago e ficou imaginando quantas chaves eram necessárias para abri-lo.

"E aí?", indagou-se ela, "E depois de aberto o sarcófago, e depois de expostos a público os cálices? O que acontece?".

Depois de observar o lugar, aproximou-se do local sagrado quando as demais pessoas já tinham se cansado, na maioria, de admirá-lo. Fechou os olhos, tentou ignorar o barulho, uniu as duas mãos debaixo do queixo, aflita por não saber o que fazer ou dizer. Rezou pedindo pela volta de Ethan; que ele... pudesse ser encontrado. Fez uma promessa especial, enquanto as lágrimas escapavam por baixo das pálpebras e depositou seus lírios diante do local. Acendeu as três velas com toda devoção de que era capaz, sempre pedindo pelo marido.

Saiu de lá chorando porque não sabia se tinha feito certo. Se havia algum ritual a cumprir, ela não sabia. No entanto, lembrando-se de tio Tibério,

resolveu que o melhor era fugir dos rituais, pois acabavam se tornando vazios. Ela achava que a busca pelo divino, pelo espiritual, tinha que ser feita com o coração e não através de receitas. Isso era o que seu coração lhe dizia. Entretanto, não podia se dar ao luxo de errar; a vida de Ethan estava em jogo. Se por um lado ela se sentia bem em fazer aquilo, por outro não entendia o que estava fazendo, e nem se estava sendo aceita em sua devoção.

Saindo da cripta, ela se sentia de novo cansada, muito cansada. Caminhava se arrastando e, de repente, a cabeça pesava de sono, o corpo estava mole. As rosas e a última vela lhe pesavam nos braços. Precisava saber onde poderia fazer sua última oferenda. Ao santo apóstolo. Pediu informação e encaminhou-se a um dos locais que lhe informaram, onde só se acendiam velas. Mas Camille queria algo especial. Tinha visto uma

escultura grande do apóstolo, e era ali que ela queria deixar suas orações e oferenda.

Aproximou-se da imagem e ficou de pé, olhando para o rosto do apóstolo.

— Você foi humano como eu... deve ter experimentado o amor conjugal, por favor, olhe a meu favor e de meu marido Ethan. Ajude-nos a encontrá-lo. Traga-o de volta para mim.

Continuou com as mesmas petições enquanto acendia a vela e deixava escorrer cera no cantinho, ao lado da imagem, para afixá-la. Ao lado colocou as rosas. Quando já ia indo, voltou-se para santo Andrea e lhe pediu uma última coisa:

— Deixe-me levar uma de suas rosas para meu marido. Se eu tornar a vê-lo... ou se ele vier de algum modo até mim... gostaria que encontrasse um sinal do meu amor.

Tirou do maço uma rosa branca, que simbolizava a pureza e a eternidade do amor que nutria por Ethan. Forte. Impassível. Para sempre.

Ergueu-se e sua cabeça deu voltas, numa forte vertigem. Ela se escorou na estátua e percebeu que tinha que voltar ao hotel e descansar um pouco. Não aguentava mais nada. Suava frio. Sentia arrepios como se estivesse com febre. Precisava voltar para seu refúgio.

***

31 de outubro, Mantova

Ethan instalou-se na suíte Junior número 9 do *Abacus* e achou o ambiente acolhedor. Aquilo aplacou um pouco sua ira pelo cancelamento no *Dante Residence*, e resolveu tomar um banho ao invés de ligar para Marie de imediato. O *laptop* ficou em cima da mesa de madeira antiga junto com os prospectos do curso de *neuromarketing*, que deixou para fora da pasta. A bagagem foi parar em cima do sofá, de onde ele tirou roupa limpa. O banheiro tinha um chuveiro bem gostoso e ele ficou

bom tempo debaixo d'água aproveitando a sensação. Antes de sair do banho, esfriou a água lentamente até que ficasse quase fria. Era um costume que sempre tivera. A água fria no final do banho o revigorava.

Despido, voltou ao quarto sentindo-se bem disposto e pegou o celular para avisar Camille que tinha chegado. Por algum motivo seu aparelho estava fora de serviço.

"Tudo bem. Ligarei durante o jantar."

Ethan vestiu-se e, como estivesse refeito da viagem, resolveu que não iria comer no hotel. Tinha visto que não muito longe dali ficava um dos melhores restaurantes da cidade, o *Aquila Nigra*. Num momento de nostalgia por estar na Itália, terra de seu avô, pareceu-lhe uma boa opção comer uma comida italiana realmente excelente. A catedral de Mantova ficava na *Piazza Sordello*, próxima do hotel, a principal praça da cidade, não muito distante do palácio *Ducale*, outro importante

monumento de Mantova. O *Áquila Nigra* ficava pertinho da *Piazza Sordello*.

Ethan informou-se no *lobby* do hotel a respeito das distâncias:

— Ah, seria melhor um táxi, se o *signore* não quiser dirigir seu próprio carro. É uma boa caminhada, alguns quilômetros.

— A noite está bonita. Vou aproveitá-la. Irei caminhando.

— O *signore* sai aqui de Porto Mantovano pela *via Verona* e vai direto até a *cittadela*. Daí em diante a *via Verona* assume o nome de *Via dei Mulini*. É um lugar muito bonito, a *Via dei Mulini* corta o lago *Del Mezzo* e o *fiume Mincio*, do lago *superiori*. Tome a *Via Trento* e contorne a *Piazza Virgiliana* até a altura do *Museo Diocesano* Francesco Gonzaga. Daí é só ir seguindo em frente que o *signore* vai dar de cara com o *ristorante*. O lugar por si só é fantástico, um palácio antigo, e *la*

cucina, tradizionalle com um toque de *originalità*. Só que são alguns quilômetros.

— Quantos?

— Pouco mais de três e meio, por aí.

Ethan sorriu:

— Oh, menos de quatro quilômetros. *Tante grazie*!

Na empolgação, saiu e não usou o telefone do hotel para ligar a Camille. Um esquecimento incomum e que acabou por perturbá-lo durante o trajeto, já que seu celular continuou fora de serviço.

"Que estranho."

Ele não pareceu notar a corrente de ar gelado que percorreu suas costas. De súbito, ouviu alguém chamar seu nome. O rosto de Ethan se virou na direção do chamado.

***

3 de novembro, Mantova

Camille acordou por volta das seis da tarde e jogou bastante água no rosto para sentir-se desperta. O cansaço que sentia não era normal. Pegou o celular e discou o número do *Nonno*.

— *Signore* Arthuro? — indagou ela, assim que ele atendeu.

— *Pupilla*! Como está?

Ele nem imaginava que ela pudesse estar em Mantova, e Camille usava o celular justamente para despistá-lo.

— *Comme ci, comme ça*, *Nonno*... estou muito cansada, na verdade. Mas diga-me: algo de novo? Como estão as investigações?

— Estamos às cegas agora. Até encontrar o hotel *Abacus* e confirmar o *check-in* de Ethan foi relativamente fácil e rápido. Tanto Yves quanto o inspetor italiano Domenico Fragatti — que está trabalhando com o inspetor-chefe da *Interpol*, Reuter, chegaram ao mesmo resultado. Os

relatórios vêm da Itália e chegam aqui nas mãos da delegada Melià, que tem me mantido inteirado.

Camille sacudiu a cabeça, não conseguindo guardar qualquer nome excetuando o de *monsieur* Yves. Não importava, afinal de contas.

— Ethan chegou com o carro de aluguel, deu entrada na *Double Suíte* 9 e cerca de trinta e cinco minutos depois pediu informações sobre um restaurante que gostaria de visitar, o *Aquila Nigra*, muito famoso na cidade. O gerente de serviço reconheceu a foto de Ethan e o hotel forneceu as imagens captadas pelas câmeras. Ethan saiu a pé, contrariando a sugestão do gerente de ir de carro.

Camille sentiu um aperto no peito. E se tivesse saído com o *Tiguan* e não a pé? Alguma coisa seria diferente... ou teria acontecido de qualquer maneira?

— Mas por que ele não foi de carro? Havia algum perigo em caminhar a pé por Mantova à noite?

— *No, no*! Nenhum problema quanto a isso. A questão principal era a distância. Mas Ethan parecia disposto e, segundo relato do gerente, ele disse "estar uma noite bonita e querer aproveitá-la".

— Por que ele não me ligou em momento algum, *signore* Arthuro?... não consigo entender. Por que não me ligou quando chegou ao Hotel, como sempre faz? Depois saiu, sem falar comigo... — Camille começou a fungar.

— Calma, *figlia*. Talvez ele desejasse telefonar e tranquilizá-la quando já estivesse de volta ao quarto, e não fosse mais sair a não ser para o curso da manhã seguinte.

— Não faz sentido... — resmungou ela baixinho, de si para si. E mais alto: — *Alors*? O restaurante forneceu alguma imagem, já checaram o cartão de crédito? Ele esteve mesmo lá? Que pistas nós temos?

Signore Arthuro pressentia o ar de agonia de Camille e tentou falar o mais brandamente possível.

— Sim, o cartão foi checado. Ele não o usou em momento algum durante a viagem, nem mesmo para um lanche ou gasolina. Da mesma forma, não acusa nenhum débito no *Aquila Nigra*. As investigações mostraram que ele nunca chegou lá.

Camille começava a gaguejar involuntariamente querendo que as palavras acompanhassem o ritmo frenético de seus pensamentos.

— *Mais non*! Ethan pode ter pagado a conta em dinheiro. Quem garante que ele não jantou lá? — ela não podia conceber a ideia de haverem perdido a pista do marido.

— Ninguém o viu lá. Ele não voltou mais ao hotel, deixando toda a bagagem, o *notebook* e parte do dinheiro que trocou no aeroporto. Demos por falta apenas do passaporte e do celular, bem como do cartão, que certamente estavam com ele e ainda não foram encontrados.

Camille afinou a voz pelo menos dois ou três tons, em desespero:

— Mas, *Nonno, mon Dieu*! Que pode ter-lhe acontecido? Quem garante que não jantou no restaurante?

— O interrogatório dos funcionários presentes, desde a recepcionista até os *garçons*, o *maître*... as câmeras... estamos seguros de que ele não esteve lá. Estamos num vácuo. As buscas estão em andamento: os hospitais da região já foram checados e não houve entrada de nenhum paciente sem documentação, algum acidentado grave, alguém com ferimento por arma de fogo ou arma branca que esteja até o momento sem a presença de acompanhantes. Na verdade, não houve qualquer intercorrência realmente grave naquela noite. Pelo menos, segundo os hospitais.

Camille ficou muda. Em choque. *Signore* Arthuro tentou quebrar aquele estado de ânimo fazendo um pequeno comentário paralelo:

— Vai dizer que quer também o número do cartão, agora? — antes que Camille processasse, o

velho senhor se esforçou para engatar uma risadinha que, de tão insossa, não funcionou.

— *Trés bien*! — Camille tentou, por sua vez, dar a mesma risadinha. Desistiu. — *Oui*, a questão é realmente o número. Estou juntando alguns deles para que, quando toda essa confusão passar, possamos fazer um bom jogo e ficar ricos de verdade. Deixe-me colecionar os números de meu marido, meu *Nonno*. *Per favore*.

Signore Arthuro sempre derretia quando a norinha o adoçava usando algum termo em italiano. Mas naquele momento não era preciso. Camille anotou o número no mesmo *post-it* onde estavam os demais números, que sacou do bolso.

— Entendo a questão dos prontos-socorros — ela continuou. — Não há ninguém sem acompanhante. Mas, e se Ethan tivesse algum acompanhante? Encontrou algum amigo, resolveu mudar de direção, sofreu um acidente idiota

qualquer — quebrou a perna, foi operado... por exemplo — e este amigo está com ele desde então?

— Se esse fosse o caso, por que esse tal "amigo" não teria nos avisado? Da mesma forma, se Ethan deu entrada no pronto-socorro, seu nome ficaria nos registros de ocorrências. E nada consta. Por isso a procura por pessoas sem qualquer documentação, o que explicaria não termos sido comunicados. Só que não foi encontrada nenhuma pessoa nessas condições.

Camille estava inconformada e tentava em vão formular uma teoria em que ninguém tivesse ainda pensado. Não conseguiu.

— E o que vão fazer a seguir?

— Uma busca está sendo encabeçada por Reuter e Domenico nas delegacias. Checando ocorrências policiais na noite em que ele desapareceu, qualquer anormalidade: assassinato, assalto, sequestro...

Um soluço alto veio do outro lado do fone. Camille tentou ocultá-lo levando a mão à boca, mas

não foi possível.

— Enfim, *figlia mia*... coisas desse tipo. Não precisamos entrar em detalhes. É outra frente de trabalho, novas possibilidades a serem esmiuçadas e, provavelmente — acrescentou ele, mas sem muita convicção —, descartadas. Apenas se tranquilize sabendo que eles estão trabalhando bem. Contamos também com Yves, que pode acabar por descobrir alguma coisa em paralelo. Estão todos trabalhando muito rápido. Domenico está terminando a investigação policial e Reuter e seus colaboradores já estão checando as companhias de táxi-aéreo, que poderia ser a primeira via de saída da cidade de Mantova.

— Como assim?

— A polícia pensa friamente, Camille. Se Ethan foi sequestrado e pensam em pedir resgate, estão demorando muito para fazer contato com você ou comigo. Esse é um lado da questão: sequestro. A outra possibilidade é que Ethan, de livre e

espontânea vontade, quisesse sair de Mantova anonimamente.

Camille ficou muda de choque outra vez. Não conseguiu captar a ideia.

— Sair anonimamente? Como assim? O que o *signore* quer dizer?

— Camille, já lhe disse: prepare-se porque a polícia é fria. Estão também aventando a hipótese de que ele tivesse, mmm... uma amante... e quisesse sumir, desaparecer, começar sua vida em outro lugar.

Camille teve que sorrir; um sorriso furioso:

— Oh, o *signore* já é o segundo com esse tipo de conversinha. Kilaim, e agora o *signore*? Ethan... com uma amante? Essa é a melhor piada dos últimos tempos.

— Camille, a polícia irá interrogá-la. Não sei ainda por que não o fez. Trâmites internos e protocolos, sem dúvida.

"*Les protocoles*", pensou Camille, dessa vez dando graças a Deus, pois ainda não sabiam que ela saíra da França. Isso podia realmente complicar sua vida. Ou já sabiam, e espreitavam seus passos?

"Oh, grande coisa. Não estou fazendo nada demais."

— A delegada Justine Melià entrará em contato com você, comigo e todos os envolvidos com Ethan nos últimos dias antes da viagem. Esteja preparada porque eles vão querer esmiuçar o seu casamento e sua relação com Ethan. A hipótese de ele simplesmente ter fugido não é tão engraçada assim para a polícia.

— Ah, pois bem! Ele, e uma mulher qualquer, saída não sei de onde, voaram de jatinho para fora da Itália. E esperam que Ethan alugue um jato usando o cartão de crédito da empresa?

— Claro que não. O sigilo bancário dele já foi rompido. Reuter está à procura de contas no

exterior no nome dele, ou contas de “laranjas”, ou mesmo de “empresas fantasmas”.

— *Alors*? — um frio tomou conta do estômago dela.

— A busca está em andamento. Por ora, nada consta. O único voo na sexta-feira à noite foi o de um magnata do petróleo rumo à Arábia Saudita.

— Só que, nesse caso, ele — ou eles! — poderiam ter ficado na cidade mais um dia, ou dois, e só então partir. Para não dar na vista. Ou poderiam simplesmente ir para o *Valerio Catullo*. Usando identidades falsas compradas no mercado negro, que tal? — exclamou Camille extremamente mal-humorada. — Já que estamos vivendo um filme de James Bond, ou coisa que o valha, tudo é possível. Talvez agora Ethan tenha uma nova profissão e esteja já no Canadá cuidando de sua segunda família, da qual eu nunca tive conhecimento! Ou então...

— Camille! Procure se acalmar. Tudo isso está em processo de investigação. Quando Domenico terminar a parte policial, se tudo estiver em ordem, tomará rumo das empresas de embarcações. Ele também poderia sair de Mantova por navio.

— Por que querem *tanto* provar que ele saiu de Mantova?

— A polícia precisa apenas descartar completamente todas as possibilidades para chegar a um resultado conclusivo. É o modo de trabalho da polícia. Eles não estão fazendo juízo de valores; estão apenas tentando solucionar um caso de desaparecimento. Se ele não tiver saído de Mantova, em algum lugar lá ele tem que estar.

Camille estava exausta. A descarga de adrenalina da conversa agora parecia fazer efeito oposto e ela sentia os olhos quase se fechando.

— *Signore* Arthuro... não consigo mais continuar essa conversa. Sei que as pessoas envolvidas são

competentes. Estarei esperando novidades. Boa noite. Preciso dormir.

— Fique com Deus, filha. Procure mesmo dormir. Quem está aí com você hoje?

— Pietro tem ficado várias noites, e me ajuda muito com Anne Sophie. Logo, logo ele já vai estar aqui. Não tenho cabeça para ser mãe agora. Minha vida está de pernas para o ar. Alannah também vem, às vezes, quando pode — mentiu Camille, sem rodeios. Estava ficando boa naquilo.

Pietro tinha combinado de passar as noites cuidando do bebê, mas Camille pedira ao amigo para deixar *madame* Verdoux incumbida dos cuidados diários.

"Em hipótese alguma diga a ela onde estou. Invente que me bateu uma crise de nervos, excesso de trabalho, e fui ficar uns dois ou três dias com uma amiga. Invente qualquer coisa."

Pelo visto Pietro estava se saindo bem porque até agora nenhum telefonema de ninguém.

O velho ficou feliz em saber que Camille estava amparada por amigos e familiares, só que quando desligou o telefone, contra todas as probabilidades, foi ele que enfiou o rosto nas mãos e soluçou fortemente.

4

Serpent Nest

Camille pediu uma sopa e pão caseiro no quarto. Não conseguiria engolir mais nada. Até mesmo sua necessidade por degustar um docinho após a janta lhe tinha desaparecido por completo. Aliás, sua vida inteira tinha desaparecido num piscar de olhos. Seu cotidiano, sua vida como mãe de um novo bebê, seu papel como estilista bem-sucedida e pintora; seus raros momentos de lazer na dança ou durante as saídas com Alannah e suas filhas para irem às compras. Isso sem contar os

jantares sossegados junto a Ethan, com *madame* Verdoux servindo a mesa e conversando sobre o reumatismo do marido; os programas de televisão que o casal gostava de compartilhar, os livros que quase não conseguiam achar tempo para ler, as noites de amor, não tão frequentes agora quanto antes, mas, mesmo assim, plenamente satisfatórias para ambos, pois o amor era mais maduro, mais consistente, mais cheio de *feeling*.

"O que estava errado na nossa vida?", lamentava Camille. "Não havia nada errado. Realizações pessoais, familiares e profissionais. Compatibilidade. Harmonia. Alguns problemas com um filho adolescente talentoso demais, e uma filha fora de época? Ora! Isso é a mais completa felicidade!"

Enquanto esperava pelo jantar, Camille se enfiou no chuveiro, molhando os cabelos de novo, como pela manhã, só para ter a sensação da água escorrendo por todo o corpo.

“Ethan sempre tomava um jato frio...”

Ela diminuiu a temperatura rápido demais e uma cascata de água gelada fez com que ela soltasse um grito de susto. Voltou a esquentar o chuveiro depressa. Melhor assim. Ela precisava era de aconchego, de um lugar quentinho. Quentinho como estar nos braços de Ethan, como sentir as mãos dele deslizarem pelo seu corpo, e sua boca tocar de leve na boca dela. Ela segurou nas mãos o pingente que trazia no pescoço, bem apertado. Ele era especial.

Saiu e colocou uma calça de moletom que não se lembrava de ter trazido, e um suéter fino de *cashmere* que era de Ethan. Sorriu ao encontrar os itens na mochila:

— Acho que Pietro arrumou uma ou outra coisa a mais para mim enquanto eu me descabelava. Nem o vi pôr isso aqui, mas vem bem nessa hora; não tinha nada confortável para ficar no quarto à noite, ou dormir.

Vestiu a suéter verde-água com todo cuidado, direto sobre a pele. Era como se Ethan pudesse tocar nela. Camille aspirou o cheiro de seu perfume que ainda estava impregnado no tecido e se aconchegou ainda mais na veste macia, grande demais para ela. Vestiu o moletom rosa e ficou pensando na conversa com o *Nonno* e no que faria no dia seguinte.

Na mesa de cabeceira ela tinha colocado a rosa branca numa garrafa vazia de água. Estava linda, começando a abrir, era grande e de pétalas suaves. Camille ficou olhando a flor e o motivo porque a colocara ali. Às vezes tinha a impressão de continuar a sentir a presença de Ethan no quarto. Mas devia ser coisa de sua cabeça, pelo fato de saber que ele usara aquela suíte.

"E se ele pudesse vir até aqui... se sua *alma* pudesse vir? Então ele veria o presente que preparei para ele."

Camille se apegava àquela ideia, e imaginava se poderia ter outro tipo de sonho com ele... alguma coisa boa... e ansiava o momento de dormir. Por outro lado, a sensação de terror da última noite a punha amedrontada; sem falar naqueles ventos gelados vindos do nada... fazia muito tempo que ela não os sentia, como vinha acontecendo nos últimos dias. Igualmente o perfume almiscarado, já seu conhecido. Hoje ela sabia, tinha convicção de uma coisa por causa do sonho que tivera, quando vira as luzes coloridas: havia o Bem, e de algum modo Ele podia tocá-los. Mas havia também uma força maligna poderosa, uma força que tinha separado Ethan dela. Essa força, por um motivo desconhecido, não queria que os dois permanecessem juntos. *Porquoi*? Ela não sabia.

Mas talvez ainda houvesse tempo. Se ela pudesse entrar em um contato maior com o Bem, fosse por meio da sagrada relíquia do sangue de Cristo, onde oferecera flores e velas, fosse por meio das orações

feitas ao santo apóstolo, a quem também fizera oferenda, talvez fosse possível reverter o vendaval que se abatera sobre eles, acalmar a tempestade, afugentar a maldição.

Mesmo sem perceber, de sua boca saíam palavras baixinhas, quase como uma conversa. Imaginava que mesmo ali, no quarto, era possível que o Bem a escutasse. Afinal, agora já tinham alguma intimidade, e ela Lhe prometera algo muito importante também. Deus não precisava fazer o Bem de graça: ela pagaria o melhor que pudesse. Por isso, enquanto andava pelo quarto, inquieta demais para sentar-se ou assistir à TV, ela explicava a Deus seus motivos para que Ele deixasse Ethan voltar para ela. E era muito intensa nos argumentos.

Foi até a mochila procurar um bloco de anotações e uma caneta que ela tinha visto num dos bolsos (outra lembrança de Pietro) para escrever todos os itens importantes de suas orações e todos

os seus motivos e argumentos para ter o fim que desejava. Afinal, o Bem sempre vence o Mal. Pelo menos, é como deve ser. O Mal pode vencer algumas batalhas, mas a vitória final é do Bem.

Ao retirar o bloco, viu por baixo um lenço turquesa que embrulhava alguma coisa. Seus olhos se encheram de lágrimas imediatamente.

"Como pude ter me esquecido? Como pude! Esquecer que o tinha trazido comigo" sentenciou ela, recriminando-se profundamente.

Retirou o lenço com cuidado e desembrulhou o conteúdo que ela mesma tinha colocado na bagagem. De dentro do lenço surgiu um pequeno porta-joias, uma réplica de um ovo Fabergé. Sempre fascinado pelas antiguidades, aquele lindíssimo mimo lhe tinha sido oferecido há tão poucos dias como presente de aniversário!

Sabendo que estaria em viagem no dia 31 de outubro, Ethan levou Camille a Paris no final de semana anterior para uma noite no *Moulin Rouge*.

Ethan sabia que aquele era um lugar especial para Camille, por causa de *madame* Lyla. Camille sempre se julgou privilegiada por ter os mesmo genes da *Grand-Mére*, os do talento e do amor pela dança. Já tinham estado ali algumas vezes, mas aquela era diferente: Camille estava fazendo 40 anos. Uma data que não se repete duas vezes. Ethan encarava aquela idade como um segundo começo na vida; um começo através da maturidade. E queria fazer algo especial pela esposa.

Depois do espetáculo, ele lhe ofereceu uma caixa pequena embrulhada primorosamente em papel vermelho e adornado com fita dourada. Fazer embrulhos de presentes bonitos era um *hobby* do casal que, sempre que se presenteava, fazia o pacote. Camille abriu, toda sorridente, depois de receber os beijos do marido e abraçá-lo. Dentro havia uma caixa comum de papelão, do tipo que se acha em qualquer papelaria. Mas aí, a surpresa:

embrulhado no lenço de seda turquesa, o maravilhoso porta-joias.

Na verdade, o porta-joias era uma réplica de um ovo imperial *Fabergé*, criação do joalheiro imperial russo Peter Karl Fabergé. Ethan foi explicando os detalhes a Camille enquanto ela admirava o presente.

"Não o abra ainda, não o abra! Veja com cuidado primeiro. Ele mede cerca de 13 centímetros. A maioria tem esse tamanho e foram criados para a família imperial russa."

Camille olhou a peça, decorada com desenhos cheios de detalhes.

"Os ovos podiam ser feitos de prata, ouro e cobre ou de pedras encontradas na região, como o quartzo, jade e lápis-lazúli. No século XIX, poucas cores eram utilizadas e a esmaltação translúcida era uma técnica muito valorizada. Mas, Fabergé criou mais 140 tonalidades e usou muitas pedras preciosas, inclusive diamantes."

“Já tinha ouvido falar da *Casa Fabergè*, mas nunca tinha visto um exemplar tão lindo; *merci*, Ethan, *merci beaucoup*!”

“Este é somente uma réplica. Os originais estão no Museu do *Kremlin*, no tesouro da Rainha Elizabeth II e nas mãos de colecionadores riquíssimos. E diversos se perderam. Eu pesquisei um pouco a respeito. Sabia que um ovo imperial foi arrematado em um leilão da casa *Christie’s* por 9,6 milhões de dólares? Mas, o mais caro de que se tem notícia, traz a figura da carruagem em que a mulher do czar Nicolau II passeava por Moscou, o qual ultrapassou os 24 milhões de dólares, segunda a casa de leilão *Sotheby’s*. Hoje em dia a *Casa Fabergé* está representada na França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e no Brasil. A joalheria produz séries limitadas de ovos em cristal “*Saint Louis*” vermelho, azul, verde ou translúcido, a lapidação reproduzindo o desenho dos originais do século XIX e início do século XX.”

“E por que o joalheiro começou a produzir os ovos imperiais?”

“A Páscoa é a mais importante festa do calendário da Igreja Ortodoxa Russa, você sabe.”

“Sei. A tradição pede troca de ovos de galinha decorados, como símbolo de esperança e vida renovada, e três beijos na comemoração...”

Ethan segurou o ovo nas mãos.

“A Páscoa era uma data muito especial na Rússia *czarista*: todos se beijavam e diziam ‘Cristo ressuscitou’, recebendo a resposta ‘Verdadeiramente, Cristo ressuscitou’, e um presente. Os ovos representavam a nova vida que surgiria, o renascer das esperanças.”

“Essa história de ovos decorados é bem antiga...”.

“*C’est ça*! Mas não de ouro, ou pedras preciosas”, brincou Ethan. “Entretanto, a família imperial russa era a família imperial russa. E o Fabergé era um gênio! Estudou na Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Em 1870, com 24 anos, herdou o negócio de

joias que seu pai tinha estabelecido em São Petersburgo, ganhando rapidamente reputação internacional por seu trabalho. Aí, foi na Páscoa de 1885 que o *czar* Alexander III resolveu inovar. Ele encomendou a Fabergé, joalheiro oficial da corte imperial russa, um presente para sua esposa, a *czarina* Maria Feodorovna. Com base no luxo e a sofisticação da família imperial e fiel às tradições religiosas da festa da Páscoa, Fabergé criou um pequeno ovo de ouro e pedras preciosas. A partir de então, ele passou a receber a encomenda de um novo presente — um ovo — a cada ano, com a condição de que a peça fosse única e contivesse, no seu interior, uma surpresa inesquecível para a Imperatriz. Ah! Detalhe: alguns poucos deles tinham um mecanismo interno, eram mecânicos. Como não podia deixar de ser, os ovos Fabergé eram cobiçados por toda a corte. Depois da morte do *czar* Alexander III foi seu filho Nicolau II que

passou a presentear a nova *czarina* com novas criações."

"Então ele continuou encomendando ovos?"

"*Oui*. Convicto dos rituais, o novo *czar* decidiu levar adiante o presente anual encomendando um ovo para sua mãe e um segundo, para a esposa. Assim, ao invés de um ovo por ano, Fabergé passou a criar dois. Por exemplo, em 1895 ele ofereceu o '*Twelve Monograms Egg*' para a mãe. Hoje ele está no *The Hillwood Museum*, em Washington, D.C.. O "Ovo Doze Monogramas" têm fileiras de diamantes que o dividem em 12 painéis. Também nesse ano deu à esposa o '*Rosebud Egg*', que continha um botão de rosa amarela, símbolo de amor entre o casal, e que, ao ser girado, revelava duas surpresas: uma miniatura da coroa imperial de diamantes dentro do botão, representando a nova vida de Alexandra como Imperatriz da Rússia, e um ovo de rubi como pingente."

Camille ficou impressionada.

“Talvez ele realmente a amasse. Que lindo simbolismo!”

“Mas as coisas não iam tão bem em outras áreas. Nicolau gostava da pompa e dos rituais da vida militar, mas quando devia mostrar aptidão para seu papel histórico mostrava vacilação. Uma firme oposição se desenvolveu na Rússia. Sem se importar com isso, Fabergé pesquisava os interesses dos Romanov, transformando os feitos importantes de suas vidas em presentes de Páscoa, para agradar e surpreender. A cada ano os ovos da Páscoa Imperial ficavam mais extravagantes, o apogeu do artesanato em joias.”

“Mas... e durante a guerra?”

“Greves e boicotes, com multidões em busca de alimentos começaram a explodir em Moscou e São Petesburgo e até as tropas imperiais se juntaram ao povo descontente.”

“*Mon Dieu*! As tropas do *czar*?”

“Para você ver. Não havia escapatória. E logo veio a Revolução Russa. Isso fez com que Fabergé decidisse pelo fechamento de seu atelier em 1916.”

“Oh!”

“*Oui*. A história dos Romanov é bem conhecida. Sem o apoio da aristocracia, em 1917 Nicolau abdicou. No dia seguinte, um decreto do novo governo ordenou a prisão do *czar* e de sua família, que foram enviados à Sibéria. Menos de um ano e meio depois, em julho de 1918, Nicolau, Alexandra e seus cinco filhos foram executados.”

Camille balançou a cabeça, contrariada.

“Que coisa tenebrosa. Aquele filme infantil conta que uma de suas filhas escapou ao massacre. ‘Anastacia’. Segundo a história eles estavam debaixo de uma maldição. Seria verdade?”

“Ora, é só um filme infantil.”

“Mas teria ela escapado?”

Ethan sorriu.

“*Je ne sais pas*. Vamos deixar a História de lado.”

“Espere! Mas o que aconteceu aos ovos e a Fabergé depois da Revolução e da Grande Guerra?”

“Conta-se que esses ovos foram cuidadosamente guardados junto com o tesouro da família Romanov, apesar da tragédia que se abateu sobre eles com a chegada da Revolução Russa. Quanto ao tesouro, parte dele caiu milagrosamente no esquecimento. Mas logo após a revolução, os bens dos Romanov foram confiscados pelos bolcheviques. A maioria dos Ovos Fabergé foi inventariada, empacotada e enviada ao *Kremlin*. Infelizmente muitos desapareceram durante a pilhagem ocorrida nos palácios.”

“Então o fim do Império marcou também o final dessa lenda!”, murmurou Camille, um tanto contristada.

“É assim que é, *n’est-ce pas, mon amour*? Os homens vêm e vão, e também os seus impérios. Apogeus e quedas, guerras e mais guerras. É assim desde o começo da Humanidade.”

“Mas é muito triste...”

“Entretanto, o fim do império *czarista* e o advento do regime comunista não significou o final da lenda dos ovos Fabergé, como você diz. Agregados a essa aura de tragédia, estes pequenos tesouros passaram a ser disputados por colecionadores do mundo todo, atingindo valores exorbitantes.”

“Mas não é a mesma coisa. Trata-se de leiloar, apenas, expor em museus para contar uma triste história. O simbolismo do amor e da Páscoa se perdeu quando os Romanov deixaram de existir”, e depois de uma pequena pausa: “Você sabe quem são os maiores colecionadores destes ovos?”.

“Atualmente, são cidadãos americanos os 5 maiores colecionadores das joias e ovos Fabergé.”

Camille ficou pensativa por alguns instantes, observando o ovo que tinha nas mãos. Quem iria saber, na antiga Rússia, onde iriam parar seus presentes familiares?

“E este que você me deu é qual, Ethan? Qual você escolheu para mim?”, ela ainda estava sem coragem de abri-lo, imaginando qual o segredo que teria dentro.

Ethan aproximou-se mais dela, e tocou na delicada peça.

“O original deste aqui foi confeccionado em 1894, portanto trata-se de uma encomenda do primeiro *czar*, Nicolau III. Chama-se ‘*Renaissance Egg*’ ou ‘*The Egg of 1894*’”.

Camille tocava no ovo de leve com a ponta dos dedos.

“Este ovo foi o último presente do *czar* antes de sua morte. Será por isso que o nome dele é ‘Ressurreição’? Um renascimento em outra vida? Um bom augúrio?”

“É muito sugestivo, *n’est-ce pas*?.”

“Eu também acho.”

“Será que ele cria?.”

“Em quê?.”

“Na ressurreição.”

“Gosto de acreditar que sim. Por que não? Eles eram devotos à Igreja Ortodoxa Russa.”

Ethan foi mostrando os detalhes à esposa.

“Este e é um dos poucos ovos montados horizontalmente. A grande maioria é vertical. Trouxe-lhe um catálogo com a fotografia da maioria dos ovos, mas você só vai ver depois de apreciar muito o seu e vai concordar que fiz a melhor escolha.”

“D’accord.”

“O *Renaissance* verdadeiro foi esculpido num bloco de ágata leitosa sobre uma base de ouro esmaltado e decorado com esmeraldas. Na “tampa”, por assim dizer, você vê esse padrão linear em estilo renascentista, lindamente composto, quase como se fosse uma renda; um padrão em treliça. A treliça é feita em ouro com diamantes, rubis e esmeraldas. Em cada cruzamento da treliça

há essa pequena formação de quatro diamantes com o centro em rubi."

"Parecem pequenas flores!"

"A data, 1894, bem no centro do medalhão de rubis, é feita em diamantes rosa."

"Que coisa linda!- Aqui do lado são cabeças de leões, olhe!"

"*Oui*. Cabeças de leões de ouro nas duas extremidades para terminar em alças finas que saem da boca dos leões. A abertura do ovo é feita aqui, neste pequeno trinco. Já as bordas são em esmaltação de ouro branco e opaco, formando padrões florais, com ouro, diamante, esmeralda, lápis-lazúli e rubi".

"Será que ele cria, Ethan?", perguntou Camille novamente, ainda refletindo no significado maior da joia. Não porque ela fosse de alguma forma espiritual, mas era um detalhe que deixava a história mais romântica. "Na vida após a morte?"

“E quem vai saber? Esse ovo foi inspirado numa urna funerária, por isso é horizontal. Será que ele sabia que morreria em breve? Se sabia, ou pressentia, o significado do ovo é muito bonito.”

“Por isso o chamou ‘*Renaissance*’...?”, Camille estava achando a história muito linda.

“Esse foi um dos detalhes que me fizeram pender na escolha deste ovo. Além de ser lindo e servir muito bem como porta-joias, ele deu muitas voltas, chegou a cair no esquecimento, mas foi resgatado. Hoje o original está localizado em Dresden, na Alemanha. Mas o mais interessante...”

“O que é?”, ela aproximou-se mais dele, encantada com a história.

“Não se sabe o que havia lá dentro.”

“Como assim? Todos os ovos não tinham uma surpresa dentro?”

“*Oui*. Mas nada se sabe sobre esse. Se a surpresa se perdeu ou ainda está no ovo, seja o que for, não foi divulgado. Aparentemente está perdida, o ovo

não tem a documentação relativa à surpresa. Pesquisei um pouco a respeito e uma hipótese extremamente interessante foi recentemente exposta por Christopher Forbes. Veja aqui, veja no catálogo. Está vendo o "*Ressurrection Egg?*"

"Oui."

"Acredita-se que o '*Ressurrection Egg*' é, de fato, a surpresa contida originalmente no '*Renaissance Egg*'."

"Que '*Ressurection Egg*' é esse?", indagou Camille, surpresa.

"Olhe só que interessante. Ele foi mostrado na exposição de 1900, onde as surpresas foram separadas de seus ovos. É um dos ovos imperiais Fabergé, que datado, mostrou ser o último dos ovos para o *czar* Nicolau III. Ele repousa sobre uma base de ouro esmaltado, com palmeiras, flores e folhas em diamante e translúcidos vermelhos, azuis, verdes, branco opaco e ouro. O estilo e a cor de ambos os ovos são praticamente idênticos e o

tamanho do ovo Ressurreição se encaixa perfeitamente na curvatura do ovo Renascença. Achei essa história magnífica. Mesmo em se tratando de uma hipótese, a verdade é que as ideias também combinam, falando ambas de uma nova vida. Esse foi mais um dos motivos que me fez declinar e escolher esse presente para você. Porque estamos comemorando uma data nova, um novo começo, uma nova vida a partir de agora e, além disso... *eu* poderia colocar qualquer coisa dentro dele."

Camille sentiu as lágrimas se formando na garganta. Depois de tanto tempo e Ethan ainda a surpreendia com seu eterno amor e doçura.

"Sou um romântico incurável, minha *pupa*. Tenho gosto nessas coisas porque você merece. Você fez de mim esse lunático. Aproveite. Sua alegria me faz feliz!."

Ela baixou a cabeça, um pouco encabulada, e segurou uma das mãos dele na dela, tendo na outra,

bem preso, o ovo *Renaissance*.

"E então?", exclamou ele, entusiasmado. "Não quer abrir?"

"Não acredito que você pôs *mesmo* alguma coisa aqui dentro. Bastava-me o porta-joias..."

"De jeito nenhum! O ovo imperial, para ser realmente um presente único, tem que ter a surpresa. E, minha *pupa*, quarenta anos não é uma idade qualquer. Terminou um ciclo de sua vida. Uma nova vida começa agora. Um renascimento...", abraçou-a. "Desejo que sejam muitos os ciclos de sua existência... e que eu possa estar ao seu lado durante todos eles."

Camille inspirou fundo, num misto de felicidade e expectativa. Então com muito cuidado levantou a parte superior do ovo.

***

Relembrando aquela comemoração de seus quarenta anos, a singeleza dos detalhes, desde a

escolha do *Moulin Rouge* até o presente maravilhoso, a ternura nos olhos de Ethan, o modo como fez amor com ela, beijando cada centímetro de seu corpo, sentindo o cheiro suave de óleo indiano em seu sexo... era dor demais para um só coração suportar. A dor daquelas lembranças, que alguns dias antes eram tão viçosas e cheias de vida, pesavam-lhe insuportavelmente.

Camille esqueceu do bloco e das preces, desabou na cama chorando compulsivamente, soluçando, sentindo o corpo todo estremecer. Ao seu lado, embrulhado ainda, estava o porta-joias.

Ao arrumar a mochila para partir, no impulso, ela pegou o presente do criado-mudo e o embrulhou para trazê-lo consigo.

"Renascimento."

Limpando os olhos e o nariz com o lenço turquesa, por falta de outra coisa melhor, ela por fim se ergueu da cama.

"Ressurreição."

Será quem de alguma forma aquele ovo tinha um significado profético? Se o *czar* havia presenteado sua esposa com ele, num símbolo de vida mesmo após a morte, por que ela não poderia acreditar que Ethan — da mesma forma — ressurgiria das cinzas como uma fênix, seria resgatado depois de perdido?

Camille ajeitou o ovo com todo cuidado ao lado da garrafa com a rosa branca. Seu pequeno santuário de amor.

Restava esperar. Como era difícil esperar! O toque na porta do quarto fez Camille dar um salto. Tudo o que ela não queria era ver alguém naquele momento, muito menos alguém trazendo comida. Não desejava alimentar o corpo, já que sua alma jazia em tão grande agonia; não o corpo! Era necessário alimentar a alma e o espírito. Todavia, não sabia como.

Depois de comer, acabou vomitando. O cansaço torporoso que vinha sentindo desde sua chegada tomou conta dela e tudo o que pôde fazer foi

render-se a ele. Foi uma noite sem sonhos em que ela quase não se mexeu, tal sua exaustão.

***

4 de novembro, Mantova, manhã.

No dia seguinte Camille passou pelo *lobby* e pela primeira vez olhou com simpatia para o gerente, Francis, que tinha sido quem dera a Ethan as informações sobre o caminho até o restaurante. Ele não sabia quem ela era, e Camille ia deixar assim. Era muito cedo ainda, nem seis da manhã. Ela aproximou-se dele para perguntar detalhes sobre o caminho que a levaria até a *Piazza Virgiliana*. Faria o mesmo trajeto que Ethan tinha feito na noite do desaparecimento.

— Ah, caminho muito bonito, *signorina*! Há trechos em que se passa pertinho da água. Outros são lindamente arborizados e frescos. *La Piazza* é bela também, no centro histórico de Mantova.

Muito verde, bastante espaço para caminhar, monumentos históricos — como o de Virgilio —, uma bela fonte, *Chiostro Del Museo Diocesano* "Francesco Gonzaga" no antigo *Convento di Sant'Agnese*, o Castelo *di Gonzaga*, muita coisa, *signorina*. Mas é ainda um pouco cedo. A *signorina* deveria primeiro aproveitar *nuostro* café da manhã. Aliás, se me permite a sugestão...

Camille sorriu. Ele ofereceu prospectos e falou bastante sobre como conhecer o centro histórico da cidade, o que ela ouviu apenas por educação. Queria somente poder fazer o mesmo caminho que Ethan tinha feito. Queria poder rezar e pedir direção, durante a caminhada, sobre o ponto exato em que o marido tivera sua rota modificada ou interrompida. Talvez pudesse ser de alguma valia para a investigação, especialmente depois que soubessem que ela estivera na Itália. O que ela não sabia é que numa investigação os instintos *não* devem falar, nunca. Somente fatos e as provas

contam. Mas, naquela manhã, ninguém poderia impedi-la de caminhar, de sentir e de elevar suas preces. Sentia-se um pouco mais amiga do Divino. Tinha falado com Pietro logo cedinho, e lhe contara o objetivo de sua manhã. Ele ouviu e não teceu argumentos. Comentou apenas que tinha ido até seu apartamento buscar roupas e na parte da tarde voltaria para a casa dela.

O *signore* Francis pareceu bastante ansioso em tentar convencer Camille a aproveitar sua estada ao máximo. Como italiano convicto das belezas de sua terra, e como gerente de um importante hotel, ele terminou sugerindo que Camille alugasse uma bicicleta, um dos transportes mais usados em Mantova, desde homens de gravata até moças com tacões, idosos e crianças. Camille agradeceu pela solicitude, mas disse que preferia ir caminhando, e que visitaria o centro histórico aos poucos.

⁂

4 de novembro, Lyon, tarde.

Os relatórios iam e vinham da França para a Itália e da Itália para a França. Na França, a delegada Justine Melià dava andamento aos inquéritos. Na Itália, os chefes de investigação — inspetores Domenico e Reuter —, junto com suas equipes, aos poucos, esgotavam suas frentes de trabalho. Não conseguiram descobrir nenhum indício de que Ethan pudesse ter deixado a Itália, fosse sozinho ou com alguém, fosse com seus próprios documentos ou por meio de identidade falsa. Nada constava nos aeroportos, nenhum indício, e os postos policiais nas rodovias, que tinham sido informados desde o início das investigações, não estavam obtendo sucesso em identificar a pessoa que a polícia italiana e a *Interpol* estavam procurando. O rastreamento das embarcações estava em vias de terminar, e sem acrescentar nenhuma direção. O sigilo bancário quebrado revelou-se uma nulidade,

bem como a pesquisa de contas fora da França. Ethan era íntegro até o último fio de cabelo, pelo que se podia depreender.

Por outro lado, a alternativa de sequestro não se confirmava, já que não havia pedido de resgate. Poderia ser que ainda fossem fazer contato, mas era cada vez mais improvável. Mesmo porque a presença da polícia internacional, vasculhando tudo e todos, tornava as coisas mais difíceis para possíveis sequestradores. Eles tinham procurado evitar a mídia até então, mas não se poderia ocultar algo assim para sempre. A procura por um corpo, o que encerraria parte do trabalho e daria outro rumo à situação, também não se confirmava. O detetive Yves estava igualmente num impasse. A verdade é que Ethan Mastrangello tinha volatilizado, e não se encontrava rastro dele em lugar algum. O trabalho era moroso e não estava levando a nada.

— *Monsieur* Mastrangello — a voz da delegada vinha enregelante pelo telefone do gabinete de

signore Arthuro, na *Logos* — É Melià. Não quero fazer mau juízo da esposa do desaparecido, *madame* Camille Marie Mastrangello, contudo, não a consigo encontrar em nenhum dos números que me foram fornecidos. Um de nossos agentes esteve ontem em sua residência, e foi informado pela caseira que a patroa estava na casa de uma amiga. Amiga que ela não soube precisar qual era. Por esse motivo nosso agente está defronte ao domicílio da "desaparecida" desde ontem à noite, à espera de que a mesma retorne. Quem "retornou" à casa foi um homem intitulado Pietro Lenoir, agora a tarde, e disse "não saber da dona da casa". Quanto a mim, meus esforços são infrutíferos já que o celular de *madame* Camille só acusa caixa postal. *Monsieur* teria alguma ideia de onde *madame* Camille estaria nesse momento? Gostaria de lembrá-lo de que ela é a figura mais importante a ser interrogada nesse caso. Da mesma forma, o filho do desaparecido, o senhor Isaac Kilaim Mastrang...

— Meu bisneto está em viagem, não está a par de nada do que está acontecendo — interrompeu o ancião.

— Hum. Preciso de sua colaboração. *Madame* Camille está sendo muito negligente, *monsieur* não concorda?

Novamente *signore* Arthuro a interrompeu, dessa vez com menos simpatia. O som agudo da voz daquela mulher e sua postura arrogante não lhe parecia apropriada.

— Entrarei em contato logo mais com a *signora*, delegada. Camille fará contato, se possível ainda hoje. Informe seus agentes que não será necessário ficar à espera na frente da casa dela. *Per favore*, entenda que minha neta está muito abalada e precisa do conforto e presença de amigos por perto.

A delegada pigarreou alto. Um som horrível, de quem fuma maços e maços de cigarros por dia.

— *Madame* Camille teria alguma "amiga" na Itália, *monsieur*?

— Itália? — *signore* Arthuro fraziu o cenho. Não gostou do tom da policial, mais uma vez. — Não que eu saiba, delegada.

— Hum... alguma "amiga" de última hora em Mantova, quem sabe?

— Posso saber do que a *signora* está falando?

— *Monsieur* Mastrangello, está me dizendo que não sabe que sua neta está agora, nesse exato momento, na Itália? Em Mantova?

— *Ma che*?! — o coração do Nonno deu um pulo bem dado no peito. — Sem dúvida estamos diante de um engano. Falei com ela ainda ontem.

— *Oui*. Rastreamos sua neta; ela deixou pistas por todo lado, é claro.

— É claro! É claro! Ela não saiu *fugida* para a Itália. Certamente haverá uma boa explicação para isso.

— É bom mesmo, *monsieur* Mastrangello. Porque *madame* Camille está hospedada no hotel *Abacus*, mais precisamente na *double suite* 9, a

mesma onde ficou a bagagem de seu neto. Estamos entendidos, *monsieur*? Quero *madame* Camille de volta à França no primeiro voo. Estarei informando Fragatti imediatamente.

— Cuidarei disso. *Au revoir*.

Signore Arthuro bateu o telefone com força, vociferando impropérios.

"É o que eu digo: tem certos cargos na vida que não são para mulher, essa é a verdade! Deixam a mulher masculina, *sem educação*, achando que todos estão aqui para servi-la. Que delegada intragável!"

***

Com o celular desligado, Camille estava alheia a tudo. A manhã estava bem fresca, e era ainda muito cedo. Ela enfiou uma maçã no bolso e saiu do hotel caminhando devagar, observando. Não muito além estava a *Comune di Mantova*, com sua alta torre. Por incrível que pareça, ela andava com esperança;

esperança de conseguir, esperança de encontrar alguma coisa. O quê, precisamente, ela não sabia. Mas, *alguma* coisa. Contava com a ajuda do Divino. Ela tinha beijado a rosa branca antes de sair do quarto e guardara o porta-joias no cofre, depois de beijá-lo também. Renascimento. Ressurreição. Talvez fosse um sinal profético, afinal.

Atravessou a *Via Verona* com suas casas, restaurantes, lojas pequenas de todo tipo oferecendo vários tipos de produtos, até fogos de artifício para aniversários, casamentos e festas sacras. Camille sorriu. *Singolare*! Quase no cruzamento seus olhos bateram no enorme cartaz anunciando uma rede italiana com ofertas para computadores. Isso a fez lembrar de que Ethan adorava todo tipo de tecnologia.

Havia casas residenciais, mas não eram muitas. A maioria das residências ficava em pequenos prédios, de dois, três, no máximo quatro andares, com várias janelas, a maioria fechada, uma ou outra

com roupas penduradas. Reparou que parte das construções era antiga, com janelões terminando em arco, embora houvesse prédios de arquitetura mais comum.

Camille sabia que a *Via Verona* era bem movimentada, com muita gente para cima e para baixo e um bom tráfego de veículos: automóveis de monte, motocicletas, ônibus e até caminhões. Por isso escolhera aquela hora. O sol mal aparecia no horizonte e mal se via uma alma perdida; ninguém nas ruas, janelas e portas fechadas, um ou dois carros, apenas, passaram por ela observando-a. Cruzou diante das portas cerradas de um pensionato pequeno, cujas letras escritas em vermelho na parede acima da porta diziam: *Pensionato Tradizionale para Ragazzi.*

Uma estreita viela deixava entrever uma vila de casas lá atrás. Avistou uma bicicleta encostada num dos muros da viela, desleixadamente. Mais uma vez ela sorriu: era tudo muito pitoresco, muito

diferente da França. Seu sorriso morreu quando lembrou-se do quanto seria divertido fazer aquela viagem junto com Ethan.

Continuando seu caminho, aconchegou-se na gola do casaco e puxou a *écharpe* vermelha que não combinava com nada. A viagem às pressas estava outra vez fazendo com que ela parecesse a "garota na fila da sopa", e dessa vez teve que rir alto, ainda que com tristeza no riso.

É. Ela tinha sido a garota da sopa, a garota "salva pelo príncipe", por mais piegas que isso pudesse parecer. A pedra bruta lapidada em diamante — como ele gostava dizer.

Camille tentou não pensar naquilo agora, mas enxugou duas ou três lágrimas e lutou para engolir o bolo que já queria engastalhar na garganta. Continuou caminhando e passou diante do *Mesopotamia Kebap-Pizza*, de especialidades curda e turca, e avistou o *ristorante Di Wu Jianfen*, que o gerente Francis não havia recomendado. Comentou

que havia sido um restaurante chinês tradicional e ele "*no sapere la ragione perché Il ristorante ora è serviendo cibo giapponesa*".

Pelo visto eles apelavam por agradar a todos os gostos.

"*No è di tutto velenoso. Péro, para valere la pena, è ezenssiale miglioramento*", explicou o *signore* Francis. Camille sorriu novamente. Era muito simpático o *signore* Francis.

A *Via Verona* atravessava a chamada *Cittadela*. Havia muito comércio por ali, e todo tipo de serviço, desde clínica veterinária até imóveis para venda e agência de publicidade. Mas, por ora, continuavam fechados. Já chegando ao ponto onde a *Via Verona* mudava de nome e se transformava na *Via dei Mulini*, Camille sentiu o sangue acelerar. Ethan tinha passado por ali, ela tinha certeza. Seria improvável um sequestro — ou coisa que o valha — numa via tão movimentada como a *Via Verona*.

Olhou para uma das transversais naquele ponto e, pensando no que fazer, deu de cara com um salão de beleza oferecendo bronzeamento artificial e tratamentos estéticos. Camille se arrepiou e fez uma careta diante da fachada sinistra do salão. Por outro lado, defronte ao salão havia uma amurada que mostrava uma linda vista da baía do lago. Ela se aproximou o quanto pôde, mas não era possível debruçar-se sobre a amurada porque havia muitas plantas ali, obstruindo a passagem. Ela deu a volta, passando por uma pequena construção desconhecida e entrou definitivamente na *Via dei Mulini*.

Do outro lado da construção havia um local muito aprazível, e de onde era possível ver a água bem de pertinho. O dia anunciava-se lindo e o silêncio era acolhedor. A vista da água tranquila trazia bem-estar. Aqueles poucos dias em Mantova tinham feito com que ela se sintonizasse melhor consigo mesma. É claro que havia o desespero e o

medo, as emoções conturbadas. Mas, também, ela parecia sentir melhor as coisas ao seu redor. E se apoiava nisso — e em Deus — para conseguir uma direção. Ela se sentou um pouco ali, perto da água, e ficou a admirar o dia clareando, e a ouvir os primeiros sons. O repicar dos sinos de alguma Igreja embalaram sua alma.

Na *Via dei Mulini*, o tráfego mais tarde ficaria como o da *Via Verona*: cheio de gente, de veículos e de vida. Mas agora ainda estava *tutto in silenzio*. Ela continuou seu passo e reparou que os bolsões verdes já se faziam notar, de ambos os lados do caminho. Camille reparou que havia uma ciclovia do lado esquerdo, o que era bastante conveniente para quem também desejava apenas passear devagar, a pé. Ela sentia-se estranha. Afinal, havia uma ponta de alegria — ínfima — que fazia par com seu estado de excitação.

Desde o início, tivera muito desejo de chegar logo à *Via dei Mulini*. Sua mente consciente a fazia

lembrar-se de que Ethan gostava muito de água. Era bom nadador e se empolgava com tudo que dizia respeito a esportes aquáticos, praias, lagos ou simplesmente o fato de estar perto da água. Camille imaginou que ao passar por ali, tão pertinho do lago, Ethan tivesse se entusiasmado muito, mesmo à noite.

Foi caminhando devagar. A ciclovia não era muito larga, mas, no momento, tinha todo o espaço para si. Ela podia contemplar a névoa de outono ao pé da vegetação e na superfície de algumas partes do lago. Camille sempre gostara do efeito da névoa, fosse sobre a água, fosse em meio às montanhas, ou simplesmente por cima dos telhados da sua casa.

Ela observava cada espaço. Olhava para dentro da vegetação, olhava para o lago, observando cada detalhe. Havia amuradas dos dois lados da via, e ela cruzava a estrada para olhar, ora para uma direção, ora para outra. O lago *Superiori* à direita e o *Mezzo* à esquerda. Num lugar particularmente perto da

água ela viu plantas aquáticas que não conhecia, cheia de flores e botões cor-de-rosa bem vivo.

"Ah, *mince*, *très jolie*."

A neblina começou a se dissipar e ela podia contemplar melhor a água azul-esverdeada. Raios de sol começaram a bater nela, que, iluminada como espelho, refletia em todas as direções. Era belíssimo. Aos poucos pôde contemplar à distância pontos da *cittadela*. Parou, encostada à amurada, para observar as barcas rústicas de madeira ancoradas num pedaço de terra. Era um lugar gostoso.

"Mesmo à noite, Ethan deve ter gostado...", refletiu ela, novamente, sentindo um aperto de tristeza no peito, suspirando pela ausência de Ethan. Estava na Itália, e sozinha.

Em alguns pontos as árvores e a vegetação eram mais densas e espessas, e dali não se podia enxergar a água. Camille olhou e olhou, e de repente

começou a ficar inquieta com a vegetação. Deveria ser muito sombria, à noite... talvez perigosa...?

Avistou duas placas indicando a direção do *Palazzo Ducalle* e do *Palazzo Te*, lugares que ela nunca iria conhecer. Depois de uma curva do caminho, pouco adiante ela divisou uma bela enseada, abaixo de um posto de gasolina *Agip*. Logo depois do posto já havia desvio de rota para o *Vale Del Mincio*, e a *Via dei Mulini* continuava, mas perdendo o clima suave para dar lugar às construções maiores.

Camille ficou petrificada ali, observando a enseada e a vegetação em torno dela, ouvindo as batidas surdas de seu coração. Por algum motivo ela desejava ir até lá, e percebeu que não seria muito difícil se fosse pelo lado do posto de gasolina. Passando por baixo das grades do posto, poderia descer até a enseada. Havia pouca gente ainda, transeuntes esparsos. No posto o movimento era pequeno e as pessoas pareciam estar acordando.

Naquele momento sua razão dizia que não haveria nada demais em se aproximar da água. Mas uma voz muito suave, tão suave que ela quase não percebeu, incitava-a a ir até lá. Instinto? Direção Divina? Sexto sentido? Destino?

Ela não pensou em nada disso, mas acabou por fazer exatamente o que queria. Facilmente atravessou a cerca do posto e, sem muitas dificuldades, desceu à enseada. Percebeu que a vegetação que tinha visto de longe era na verdade uma pequena "floresta" que continuava e passava por detrás do posto de gasolina. Do outro lado ela podia ver mais uma parte do lago, um lugar muito bonito, com salgueiros que deixavam boiar a ponta de suas folhagens na água.

Entretanto, Camille não chegou ao outro lado.

Admirando a enseada, ela percebeu que o tempo todo olhava mais para o chão, à procura de alguma coisa que não sabia o que era. Nem se interessava mais pela água e os primeiros barcos que se podiam

avistar ao longe. Um magnetismo muito estranho e muito forte a prendia àquele solo, àquele lugar.

Rodou para um lado, para o outro. Sempre atenta. Não havia lógica em seu comportamento. Olhou para as árvores à sua frente. Sentia-se atraída pela vegetação densa. Por outro lado, estava também receosa. Mesmo assim, passo a passo foi-se aproximando, foi pisando de leve a terra, aproximando-se da vegetação, tocando de leve a folhagem que estava ao seu alcance. Olhava para frente e no íntimo era guiada por aquela sensação imperativa de procurar alguma coisa. Começou a sentir medo. Primeiro um medo humano, normal, compatível com a situação. Contudo, em dado momento parou de repente, sentindo outra sensação muito perturbadora. Indefinida, mas forte.

Ela balançou a cabeça e novamente se aconchegou ao casaco. Ali dentro, circundada pela vegetação, estava frio. Tentou controlar-se,

afugentar aquela emoção negativa que ameaçava invadi-la, indo além da razão.

"Que *razão*? Que razão poderia haver para eu estar aqui, no meio do mato, tão cedo, procurando uma agulha no palheiro?"

Mesmo com seu esforço para manter a calma, a verdade é que o coração de Camille, sem motivo justificado, entrou a bater em ritmo cada vez mais acelerado, martelando no peito, na garganta, nas têmporas, até nas pontas dos dedos. Vigoroso, frenético, como se fosse literalmente explodir a qualquer instante. Junto, veio o pânico. Um pânico tão puro, tão letal, tão indescritível, que a esmagava.

Em poucos minutos a sensação era de completo pavor e ela já não sabia direito o que estava fazendo. Saiu correndo aos tropeções, queria sair logo dali, mas lhe faltava senso de direção e tudo que conseguiu foi um belo arranhão na cabeça feito por um galho que parecia propositalmente no meio

do caminho. Nem sentiu o sangue escorrendo do corte, tal o nível de adrenalina circulando no sangue. Ela poderia ter levado um tiro e nem ia sentir dor. Corria, andava, totalmente a esmo, tropeçando em raízes e afastando folhagens com mãos muito trêmulas.

"O que está acontecendo, *mon Dieu*? Que ocorre comigo?"

Déjà vù. Como se ela já tivesse experimentado aquilo num outro momento, uma experiência que agora ela não conseguia acessar. Muito no íntimo tinha a sensação de já ter sentido aquilo antes. Mas a compreensão estava guardada muito funda em seu inconsciente, onde não era possível acesso. Pelo menos não naquele momento.

"Eu sei o que é isso... o que é mesmo?... eu sei... isso acontece quando eles... estão perto?"

Sua mente estava disparada pensando coisas sem nexo, exatamente como o bater surdo do coração, como o martelar do ferreiro em sua bigorna.

Cambaleante, escorou o corpo contra o tronco grosso de uma árvore. A respiração se fazia descompassada, curta e veloz. Os instintos lhe diziam que era preciso ir mais adiante. Rápido. Ela desencostou da árvore e caminhou no meio da vegetação. Parecia vislumbrar uma tênue luz dourada em alguns pontos estratégicos, de forma que ela seguia a direção indicada.

Indicada por quem? Aquilo não era real! Não havia lógica em nada daquilo. Então, como que traspassada por uma seta, sua mente entendeu uma verdade, a única lógica possível. Que a dor pela perda de Ethan estava avariando sua mente.

"Estou ficando louca..."

Desatou a chorar alto, borrando mais ainda a vista e entupindo o nariz de vez, o que lhe dificultou ainda mais a respiração. Vislumbrou um último ponto de luz que escorria entre duas árvores, suspenso nos ares.

"Não é a luz do sol, eu sei."

Camille se arrastou um pouco mais; suas pernas agora pareciam prestes a desmoronar, respirava sofregamente pela boca, com muita dificuldade, o corpo todo lhe doía. Sentia-se invadida pela morte.

"Vou morrer... vou morrer... vou *morrer* e nunca mais verei Ethan!"

Pesadelo. Tenebroso.

Chegou perto das duas árvores e se agachou, quase a desmaiar. Sentiu algo quente escorrer num dos cantos da boca. Levou uma das mãos ao local e viu que havia bastante sangue. De onde ele escorria, ela não sabia dizer, mas aquela constatação só serviu para aumentar a sensação aterrorizante. Encolhida contra um dos troncos, os braços ao redor dos joelhos, ela não sabia o que fazer. Soluçava baixinho, gemia e implorava que Deus a salvasse.

"Salva-me!"

Mas de quê? Ela não sabia!

Não com a razão. A razão nada lhe acrescentava, mas os instintos lhe gritavam como almas penadas: havia alguma coisa horrível. Alguma coisa horrível, monstruosa, da mais pura maldade... ela podia sentir.

“Vou morrer!...”

Era uma certeza agora.

Começou a sentir seu corpo amolecer, a vista estava turva, as árvores pareciam borrões. Pontos pretos dançavam na frente de seus olhos e ela sentiu a terra girar, levando seu corpo junto. Deu um grito, tentando-se apoiar em alguma coisa. Ela e o mundo giraram mais algumas vezes sem que ela pudesse impedir. Muita náusea. Ela sentiu o vômito chegando à garganta e queimando-a, mas não veio para fora; ela tossia e produzia ruídos estranhos, misturados com o choro.

De repente começou a escutar um zumbido que foi ficando alto; muito próximo. Ela se encolheu, colocando as mãos sobre a cabeça em atitude

frenética de proteção. Virando-se de um lado para outro, olhando para todos os lados, Camille não conseguia vislumbrar nada além do borrão verde da mata.

"Estou louca? Estou louca! Vou morrer!"

O zumbido lembrava algo sendo jogado em óleo fervente... ou o barulho de uma colmeia gigante.... *non*! Parecia o farfalhar de asas, muito rápido, muitas asas. Como asas de insetos e zumbidos de insetos. Tentou levantar dali e correr, mas o esforço foi em vão. Começou a se arrastar pelo chão, mas só o que conseguia era se debater e gritar, agitando as mãos em desespero, tentando afugentar os insetos. Aterrorizada, ouvia o barulho cada vez mais nítido, muito perto dela, sentia o roçar daquelas coisas em sua pele, seu cabelo, suas costas.

Ouviu o som de tecido sendo rasgado. A pele estava exposta. Ela gritou ainda mais.

Seu coração rugia tão forte dentro do tórax que uma dor aguda começou a queimar na região. Seu

braço esquerdo ficou estranho, como se a dor do coração pudesse correr pelo braço. Era tão forte que ela se sentiu paralisada, o corpo se curvou para frente, a cabeça para baixo, as mãos crispadas de agonia. Com um grito, caiu de lado sobre o ombro esquerdo e seu rosto bateu na terra, justamente onde já estava o talho aberto.

Camille desmaiou. Suor frio lhe empapava as roupas.

***

Era muito, muito difícil se mover. Tinha certeza de que se não saísse dali morreria sozinha naquele lugar ermo. O lugar era um ninho maldito. Como era possível o Mal esconder-se numa paisagem tão bela e convidativa? Com muito esforço, todo o esforço que sua vontade de viver conseguiu lhe ceder, ela engatinhou para tentar voltar por onde viera. Sua razão lhe dizia que, no meio da *Via dei*

Mulini talvez alguém a avistasse e viesse em seu socorro.

Ao contrário, seus instintos, vindos de algum lugar bem no âmago, a faziam sentir que estava no lugar certo. Mas ela já não tinha forças.

"Lugar... certo...", Camille não raciocinava mais.

Tinha que sair dali.

Quando ela conseguiu avançar o braço direito, na tentativa de se arrastar, a palma de sua mão pousou em algo duro. Os olhos se voltaram para baixo instintivamente. Gotas de sangue pingaram na terra quando ela abaixou a cabeça. Havia um objeto ali; estava meio afundado no meio da terra úmida, mas parecia um colar. Sem pensar, ela puxou o colar pelo cordão de couro a que estava preso e o agarrou como se disso dependesse a sua vida.

Subitamente, tudo girou e ficou escuro de novo; ela não viu nem ouviu mais nada.

5

Vertige

4 de novembro, Lyon, noite

— Alô? — fez uma voz doce ao telefone. Conversas e ruído de televisão eram ouvidos ao fundo, bem como risadas de adolescentes.

— Alannah? — a voz de *signore* Arthuro delatava sua intensa preocupação.

— Oi, *Nonno*! *Ça va*?

Alannah era muito sensível e percebeu logo que *signore* Arthuro estava bastante estranho. Sem

devolver o cumprimento ou responder à pergunta, ele indagou ferozmente:

— Alannah, onde está Camille? Você não ia ficar com ela hoje à noite?

— *Moi*? *Non*. Minhas filhas organizaram uma festinha do pijama aqui em casa. E Marc escapuliu para assistir ao jogo com os amigos. *Porquoi, Nonno*?

— Ela me disse que você tem ido ficar com ela algumas noites nos últimos... mmm... dias.

— *Non. Que bizarre.* — Alannah ficou confusa. — Camille disse isso para o *signore*? Mas por que ela faria isso? Não nos vemos e nem nos falamos desde... — ela parou para pensar um pouco. — *Je ne sais pas*, talvez uns dez dias. Ah, *oui*! Foi logo depois que ela voltou de Paris com Ethan, onde foram comemorar o aniversário dela. O *signore* sabe como Ethan gosta de ser extravagante às vezes! — Alannah riu, sem demonstrar inveja, apenas apreciação. — Camille estava alucinada e queria me

mostrar o presente que ganhara o mais depressa possível — Alannah riu de novo. — O *signore* também sabe como Camille consegue convencer até um deus de pedra! Convidou-me para um chá em sua casa e não quis nem saber de meus afazeres. Foi muito divertido, como sempre é quando estamos juntas; mas depois disso não a vi e nem nos falamos.

Signore Arthuro ficou mais assustado ainda. Nada sobre Ethan, nada sobre Camille. O que estaria havendo?

— Mmmm... talvez eu tenha me enganado, então. Sabe como é, *figlia mia*, a idade vai chegando e começamos a ficar gagás.

Alannah, estupefata com o uso do termo "gagá", mas educada demais para fazer comentários, apenas disse:

— *Nonno*, o senhor é mais antenado do que eu — deu uma risadinha.

— Bem, creio que me enganei — e mudou drasticamente de assunto. — Você teria como me fornecer contato com Pietro?

Alannah não entendeu nada, mas dada a urgência na voz do *Nonno* e a quase intimação que veio da parte dele, ela passou o telefone celular do rapaz sem fazer perguntas.

Depois de desligar, ainda desconfiada, deu uma passadinha pela cozinha onde as meninas — cinco adolescentes cheias de energia — faziam massa de *cupcake*, entre risos e dedos sujos que acertavam na ponta do nariz umas das outras. Estavam alegres, ouvindo Justin Bieber num volume aceitável, e nem se deram conta da mãe das "anfitriãs".

Alannah deu meia-volta e discou o número da casa de Camille. Tocou, tocou e nada de alguém atender. Então ela ligou para o celular da cunhada. Caixa postal. Alannah ficou preocupada. Tentou então o celular de Ethan e, para sua surpresa, ouviu a mensagem da telefônica dizendo que aquele

número não existia. Ligou na empresa, apesar de já estar fora do horário de expediente. Mesmo assim, alguém atendeu. Uma mulher, secretária do Diretor Executivo.

— *Monsieur* Ethan viajou e ainda não voltou — era tudo que ela sabia.

"Engraçado", considerou Alannah. "Camille tinha dito que Ethan estaria de volta ontem. E *signore* Arthuro nem mencionou o nome dele... por que será?"

Pensativa, ela ligou a televisão para assistir ao noticiário.

"Ligarei logo mais ao *signore* Arthuro outra vez, para ver se ele conseguiu falar com Camille. Será que ela está com Pietro em algum lugar?"

Diante daquela possibilidade ela se acalmou um pouco, mas não muito. Percebeu que olhava a TV, mas não conseguia prestar atenção nas notícias. Sentia alguma coisa no ar; o *Nonno* parecia bastante

nervoso, coisa que absolutamente não era de seu feitio.

***

—... e a delegada Melià está furiosa! — gritou *signore* Arthuro pelo telefone. — Onde vocês estão com a cabeça? Seu *dever* era ter me informado! Você estava sabendo *di tutto* e *mentiu* para a polícia? Parece *uno bambino*!! Quer se enrolar? E agora, onde está Camille? Desde a tarde estou cansado de tentar falar com ela pelo celular, mas *nada*. Agora há pouco fiquei sabendo por *madame* Verdoux que você — *você*! — contou a ela que Camille estava em casa de uma amiga. E, mais ainda, *madame* Verdoux está cuidando de Anne-Sophie durante o dia e você vem passando todas as noites lá para ficar com a criança. Isso tudo à minha revelia! — *signore* Arthuro estava vermelho como um pimentão e, se estivesse frente a frente com

Pietro, teria que se controlar para não lhe dar uns safanões.

— *Signore* Arthuro... *s'il vous plaît*... — balbuciou Pietro, assustado — deixe-me explicar...

— *Camille mi piace um mondo* — quando nervoso, *signore* Arthuro acabava sem querer misturando muito italiano ao francês. — É a *nina* que eu não tive — ele parou um pouco, a voz embargada. Mas logo voltou à carga - Mas daí a *uscire de scena*, para não sei aonde, que inconsequente!

— *Signo*...

— Ouça-me primeiro! Diga-me agora o que vocês estão aprontando. Comunique-se, é hora *d'incontrare codesta Donna* — e de si para si: — Deixar Anne-Sophie com *você*? O que você sabe sobre *bambini*?

— *Signore* Arthuro, a criança está bem, perfeitamente bem. Ouça-me o senhor, agora, *s'il*

vous plaît! Acalme-se um pouco. O *signore* está nervoso demais. *S'il vous plaît*.

Pietro temia que o velho tivesse um ataque do coração, já que sua voz soava aturdida, entrecortada e ofegante. Pior ainda: e se realmente ele tivesse que correr com o homem para o pronto-socorro?

— Seu motorista, Laurence, está aí? — indagou Pietro, querendo saber se poderiam sair rápido com o ancião, em caso de urgência.

— *Laurence*! *No* Laurence! *Si*, está! — explodiu o velho. — Pelo visto vou ter que embarcar para a Itália atrás de Camille, e arrastá-la de volta para casa. *Qui matezza*! Mas, ela tem a desculpa de estar fora de si por causa do marido, *allora... você!* Qual é sua *scusa*? Hã?

— *Signore* Arthu...

— Mais uma palavra e arrasto você comigo até Mantova!

***

5 de novembro, Lyon, madrugada

Laurence estacionou o carro no aeroporto *Saint Exupèry* depois de deixar o patrão, todo encasacado, no terminal um. Fazia muito frio e ele calçou as luvas de couro antes de sair correndo debaixo da chuva, balançando as chaves na mão e carregando uma pasta, preocupado em saltar as poças, feito um gafanhoto, dadas suas pernas e braços compridos demais.

Chegou de língua de fora ao guichê da *Alitalia*, depois de ficar à deriva na *Air France*. Contatou *signore* Arthuro pelo celular:

— *Questos incapaces* não têm voo! — rugiu *signore* Arthuro pelo telefone. Laurence até desencostou o ouvido do aparelho. — Venha já para cá!

— Mmmm... onde está o *signore*, patrão? — perguntou o *choffeur*.

— Na *Alitalia*! — e bateu o fone sem maiores pudores.

Quando Laurence chegou, *signore* Arthuro já adquiria passagens de primeira classe para *Montichiari*, perto de *Brescia*, a única opção àquela hora.

— Quanta incompetência! — reclamou *signore* Arthuro com o atendente de *check-in*. — Onde vamos parar com este sistema de transporte aéreo? Não se pode ter uma emergência?

— Em caso de emergência — e se não houver voo — temos o serviço de táxi-aéreo. Nesse caso o *signore* teve sorte de...

— Sorte! Sorte! *Questa parola non* existe em meu vocabulário! Competência, *si*! Trabalho, *si*! Sorte é para os idiotas!

— Ahã... alguma bagagem a ser despachada?

— Nenhuma.

E virou de costas sem agradecer. Comentou com Laurence, mais à distância, meio encolhido de frio e

tensão:

— Não pretendo ficar lá mais do que alguns minutos: o suficiente para pegar Camille no *Abacus* e enfiá-la no avião direto para cá. *Dove è la pêra di questa... questa...*?

— *Signore*, a moça está perdida, está muito nervosa com o sumiço do marido. *Per favore*, não se zangue tanto assim. Pelo menos ela havia deixado o amigo informado.

— Mas Pietro disse que ela ia percorrer *tutti i cammini* (?) que Ethan percorreu. *Dio mio*! *Che cosa pericolosa, arrischiata di questa... questa...*

— *Bambina*, *signore*. *C'est une bambina*. Está assustada.

Signore Arthuro inspirou profundamente e não disse mais nada. Laurence tinha razão. Os dois foram para a sala VIP da *Alitalia*, pois, por "sorte", o voo saía dentro de quarenta minutos.

— Este tempo todo que vamos ficar aqui, e já estaríamos quase lá — grasnou *signore* Arthuro.

O voo até *Montichiari* levava cerca de quarenta e cinco a cinquenta minutos, dependendo do tempo. De *Montichiari* até Mantova era mais uma hora de carro.

— Que atraso *di vitta*! — ele cruzou abruptamente uma perna sobre a outra. — Ah! Ligue para Akhila e o avise. Diga-lhe que preciso dele na Itália quanto antes. Temos que saber o que informar à Melià. Agindo assim não é difícil Camille passar de vítima a suspeita nesse caso. Não sei se eles vão engolir essa *história emotiva* de passar pelos locais em que o marido esteve.

Laurence sacou o celular, pronto para discar para Akhila, quando o aparelho de *signore* Arthuro tocou.

Era Alannah. Estava em pânico.

— *Nonno*! Fiquei muito inquieta por não conseguir falar com Camille, ou com Ethan. Meu coração ficou muito apertado... então resolvi ligar para Pietro depois que as meninas se acalmaram

assistindo “Crepúsculo”. Ele tentou se esquivar, mas por fim me contou tudo. Disse que tinha levado uma esparrela do *signore* e não ia mais mentir... *oh, mon Dieu*, pobre Camille! E Ethan, *Nonno*? Oh, estou enlouquecida! Mas não vou alardear essa tragédia, prometo. Posso ajudar em alguma coisa?

— Oh... — *signore* Arthuro encostou a testa na mão. — Alannah, eu queria realmente poupar vocês o quanto pudesse. Sinto muito que tenha ficado sabendo assim. Eu... estou indo para a Itália agora.

— *Oui*. *Nonno*, há algo que eu possa fazer?

— *No, pupila*. Se você tem fé — e eu sei que você tem — reze. Trarei Camille de volta. Ela não atende o celular, mas sei que está no mesmo hotel em que Ethan se hospedou.

— *Nonno*, o *signore* ainda não está sabendo sobre Camille? — a voz de Alannah soou confusa. — Que quer dizer?

— Pietro disse-me que ela estava no Hotel *Abacus*. Como ela não atendesse o celular, liguei imediatamente para lá, e... mmm... o *signore* está bem?

— *Eccellente*, *n'est-ce pas*? Vamos, fale de uma vez, Alannah. Não vou morrer antes de trazer Camille de volta para casa.

— Hoje, no final da tarde, o gerente Francis, do *Abacus*, foi informado de que Camille passou mal na rua e foi levada às pressas ao hospital. Desde então eles procuram fazer contato com alguém da família. Mas... adivinhe de novo... ela se registrou com o nome de solteira, forneceu um endereço fictício. Dificultou para eles localizarem qualquer pessoa da família. Ele ficou extremamente agradecido ao falar comigo e forneceu-me o endereço do hospital. Achei melhor ligar para o *signore* antes...

Signore Arthuro ficou branco como uma folha de papel e teve que se apoiar no braço da cadeira. Suas

mãos fraquejaram e ele derrubou o celular no chão. Laurence correu para socorrê-lo.

— *Signore*!

Ele respirava pesadamente, mas estava inteiro. Uma atendente da sala VIP aproximou-se e sugeriu que o médico de plantão fosse chamado. Laurence dispensou Alannah dizendo-lhe que estava tudo sob controle e fariam contato quando estivessem na Itália. Anotou os dados do hospital onde Camille estava.

— *Monsieur* é forte — comentou o médico, minutos mais tarde. — Temos aqui um aumento não muito severo de sua pressão arterial.

— Nunca tive pressão alta.

— Ele está muito nervoso — esclareceu Laurence.

— Nesse caso vou medicá-lo com um sedativo leve. Dentro de vinte a trinta minutos a pressão deverá ter caído um pouco. Receitarei a droga para que ele faça uso dela durante alguns dias. Sugiro

um *check-up* com seu médico quando retornar de viagem. Voltarei para verificar sua pressão em meia hora.

— E se não tiver baixado? — o ancião deu um pulo. — Preciso embarcar para a Itália de qualquer jeito.

— Não posso mandá-lo viajar com essa pressão. Vamos abaixá-la um pouco primeiro.

— Eu tenho... é imperativo que eu embarque *in questo aeroplano*.

— *Signore*, acalme-se, *s'il vous plaît*! — acudiu Laurence.

— O voo pode ser atrasado um pouco, *monsieur*, até que esteja melhor. Procure apenas relaxar. Providenciarei um chá de ervas — fez a solícita moça, lançando um olhar significativo para o médico.

— *Oui* — concordou o médico. — *Monsieur* ficará bem e poderá embarcar. Basta ser bonzinho

agora e ficar bem quieto e tomar chá. Trarei a medicação em instantes.

***

5 de novembro, Mantova, tarde.

Camille estava internada no *Ospedale Carlo Poma*, na *Viale Pietro Albertoni*. Era um excelente hospital. E o mais próximo de onde Camille foi encontrada, perto do cruzamento da *Via dei Mulini* com a *Viale Mincio*. Assim que desceram do avião, *signore* Arturo e Laurence rumaram para o hospital.

Ela deu entrada no pronto-socorro na manhã do dia anterior, trazida de ambulância. O médico socorrista encarregado do caso de Camille era jovem e de aparência tipicamente italiana: cabelo escuro, rosto anguloso, barba grossa, sapatos de marca. A história era esquisita.

— Segundo os frentistas do posto *Agip* — ele explicou — era muito cedo quando ouviram gritos desesperados de uma mulher pedindo por socorro. Conseguiram encontrá-la no meio da mata atrás do posto com um corte profundo no couro cabeludo e outros tantos pelo corpo, além de muito sangue no que sobrou das roupas. Supuseram logo que ela tinha sido agredida ou estuprada. Estava semiconsciente, mas em franco estado de terror, segundo eles. Não falava coisa com coisa, repetindo algo sobre o Mal, sobre o Mal estar ali, esse tipo de coisa.

O médico da Porta do pronto-socorro não demonstrava muito interesse por essa parte da história.

— Eles chamaram a ambulância sem demora, pois foi impossível acalmar a paciente. Quando *signora* Camilla....

— Camille! — *signore* Arthuro interrompeu; estava à beira de um colapso.

— Quando *signora* Camille chegou e eu a examinei encontrei-a em estado geral regular, um pouco desidratada, com a pressão baixa, taquicárdica e levemente febril. O restante do exame físico foi considerado normal, inclusive a avaliação de corpo delito que descartou a hipótese de estupro. A lesão corto-contusa do couro cabeludo era relativamente profunda, da região parietal esquerda até o supercílio esquerdo, e foi suturada. Nove pontos. Além de pequenas escoriações. O problema maior era seu estado de confusão mental.

— Mas, como está ela agora? Posso vê-la?

— *Si*. Rapidamente. Desde que chegou ela permaneceu em estado delirante. Estava desorientada e apresentava discurso desconexo, não sendo capaz de informar o que lhe teria acontecido. Entende pouco o italiano, pelo que percebemos, portanto foi interrogada em inglês. Às vezes demonstrava entender as perguntas e respondia

também em inglês, mas a maior parte do tempo delirou, se expressando em francês. Os exames de praxe foram colhidos, pois queremos avaliar a possibilidade de algum foco infeccioso, dada a febre, ou uso de drogas. Os testes estão normais. Colhemos também algumas sorologias, mas estes exames não entram pela urgência, de modo que temos de aguardá-las alguns dias. Foi preciso sedá-la para realizarmos uma tomografia computadorizada e a coleta de líquido cefalorraquidiano. Ambos sem alterações.

— Líquido o quê?

— Líquido da espinha, *signore*. Para afastarmos um foco infeccioso no sistema nervoso central. Por ora, ela não apresenta nenhuma alteração laboratorial ou clínica que justifique o quadro em que se encontra.

Signore Arthuro emudeceu por alguns instantes. Laurence estava fielmente em pé ao lado do patrão, com os olhos esbugalhados.

— A paciente tem algum problema de saúde que o *signore* conheça? — continuou o médico. — Alguma vez ela apresentou um quadro de confusão mental desse tipo? Já fez tratamento psiquiátrico? Faz uso de algum medicamento que o *signore* saiba?

— *No. No*. De forma alguma! Camille é una *bambina* perfeitamente saudável!

— Hum. Nós já solicitamos interconsulta com a psiquiatria; deveriam ter vindo ontem cedo, mas tiveram problemas por lá. De qualquer forma, o psiquiatra só poderá vir avaliá-la amanhã.

Signore Arthuro hesitou, pesando se deveria ou não informar o motivo de Camille estar na Itália e não na França. Optou pelo silêncio.

"Psiquiatra!", refletiu ele. "*Voce infondata*! Falarei com Camille e eles vão ver que ela só estava precisando de alguém da *famiglia* por perto; logo terá alta e iremos para casa."

E pediu ao médico, sem mais delongas:

— *Dottore* Francesco, eu gostaria de ver minha neta. Posso ver Camille, *per favore*?

— Por certo, *signore*. Acompanhe-me.

Signore Arthuro fez sinal para Laurence esperar. Seguiu o médico com passos firmes em direção à área interna dos *boxes* e se esforçou para não olhar os demais pacientes, em macas. O ambiente do pronto-socorro não lhe parecia nada salutar.

***

Signore Arthuro não conseguiu conter as lágrimas ao ver Camille na cama de hospital ali no leito 6 do *Box* do pronto-socorro do *Ospedale Carlo Poma*. Ele se lembrava da última vez em que havia chorado: quinze anos antes, por ocasião do falecimento de sua esposa.

Aturdido, olhava sem entender; não esperava encontrá-la tão mal. Mesmo sob efeito de sedação o ancião podia perceber, nas feições pálidas e emagrecidas, que ali estava uma Camille diferente.

Uma Camille extremamente sofrida e desgastada. De repente, *signore* Arthuro ficou com muito medo. E se não encontrassem Ethan, como Camille ficaria...? Ele não queria pensar, não queria ficar imaginando coisas. Mas ela não estava bem, decididamente não estava nada bem. Uma pequena parte de seus cabelos tinha sido raspada para dar espaço à sutura. Ele desviou logo os olhos dos pontos. No braço direito, dentro da veia pingava soro lentamente através de um cateter.

Cada *Box* tinha dois leitos, e no leito ao lado de Camille, com a cabeceira bastante elevada, estava um idoso que respirava com dificuldade e exibia um cateter de oxigênio meio torto nas narinas. A cama dos dois estava separada do *Box* ao lado apenas por um biombo de cor indefinida e cheio de etiquetas de identificação de pacientes. *Signore* Arthuro pôde contemplar, de esguelha, um homem de olhos longínquos e cor cinzenta na face, que tossia horrivelmente, ao lado de uma mulher

adormecida com sonda nasogástrica a lhe fazer lavagem estomacal. Os demais *Boxes* estavam cheios de pessoas nas mais diversas condições. O pessoal da equipe médica e de enfermagem transitava por ali, todos bastante atarefados.

O Doutor Francesco ajeitou o cateter nasal do idoso e disse que aguardava seu exame. Num gesto inesperado de humanidade, deu um tapinha no ombro do *signore* Arthuro, perguntando:

— Necessita de uma cadeira? Vou providenciar uma, não costumamos ter cadeiras nos *Boxes* porque o espaço é pequeno.

— *Non c'è di che...*

O médico respeitou o ancião, vendo-o comovido, e providenciou a cadeira — de plástico vermelho —, acomodando-a próxima à cabeceira de Camille. As perguntas que *signore* Arthuro não tinha feito antes, viu-se obrigado a fazê-las, então. Percebia-se que Camille não estava em condições de alta hospitalar.

— *Per che* minha neta ainda está aqui, neste pronto-socorro, ainda? Chegou ontem cedo, já completa mais de 24 horas! *Per che* não foi devidamente internada na enfermaria da Clínica Médica, num quarto particular, como seu plano de saúde dá direito? — indagou *signore* Arthuro, perscrutando o médico com olhos indignados. — Ela realmente não está bem acomodada *qui*.

— *Signore*, não havia com ela nenhum cartão de plano de saúde, apenas uma carteira de motorista. Mas, mesmo assim, não sabemos se ela irá para a clínica médica. Sua avaliação não terminou. Aguardamos o parecer do psiquiatra.

— *Però allora* minha neta está desacordada e o *signore* me diz que somente *domani* um psiquiatra virá vê-la. *Per che* tanto tempo? 48 horas para uma avaliação psiquiátrica? Ela só vai acordar amanhã de manhã, por isso a demora?

"*No.* Ela será mantida sob sedação leve até amanhã de manhã *perché* as interconsultas

acontecem somente pela manhã. Como eu lhe informei, houve problemas no departamento de psiquiatria, de modo que o médico virá amanhã.

— Isso é um *controsenso*! O *signore* espera que eu concorde com isso?

— Dependendo da avaliação psiquiátrica pode ser que a encaminhemos ao serviço de psiquiatria do *ospedale,* e não à clínica médica.

E foi isso que *signore* Arthuro não conseguiu aceitar.

— Vou esperar até *domani mattina* para essa avaliação e enquanto isso minha neta fica *qui*?

— Ela estava delirando, não podemos descartar um surto psicótico. E somente *domani*...

Signore Arthuro, acomodado na cadeira vermelha, levantou de um salto com o dedo em riste.

— Deixe-me ver se estou entendendo: o *signore dottore* sugere que esperemos mais 24 horas, para

dopo interná-la na Psiquiatria?! Minha neta não é *pazza*! O que é que vocês estão pensando?

— *Signore, per favore*, não se altere. Não estou afirmando nada. Vamos aguardar a avaliação, é o melhor a fazer. Ela não estava nada bem ontem, do ponto de vista psiquiátrico. Pode ter sido um surto passageiro, *tuttavia* também poderá estar apresentando os primeiros sinais de uma doença mental. Aguardemos.

Signore Arthuro resolveu não discutir com o médico antes da chegada de *monsieur* Akhila; fez um esforço supremo para controlar-se, mas estava bastante inquieto e louco para fazer alguma coisa útil.

— *Si* — ele custou a dizer. — Esperarei. *Ma mio advogato* está a caminho.

O médico não levou em conta nada daquilo e disse, por pura condescendência:

— Estarei conversando com *el signore advogato* logo mais, caso se faça necessário. Se precisar de

mim, é só mandar me chamar, estarei ali mesmo, na Porta. Não se demore mais do que quinze minutos *qui* com *signora* Camilla...

— Camill*e*.

— *Signora* Camille. Alguém da enfermagem virá avisá-lo. Eu estarei na Porta.

"Porta" queria dizer o local onde se fazia a triagem dos pacientes e os primeiros atendimentos. Ficava logo ao lado de uma sala não muito ampla, mas muito bem protegida dos olhares incautos por cortinas.

Signore Arthuro sentou-se ao lado de Camille e passou os dedos de leve pelo rosto dela. A pele lisa estava fria, os cabelos sujos, desarrumados; o rosto tinha sido limpo e certamente lhe haviam dado um banho de leito, mas ainda havia pedacinhos de terra no emaranhado dos cabelos, o que incomodava *signore* Arthuro sobremaneira. Ele sentia como se mais uma facada fosse dada direto em seu coração. Primeiro, o sumiço inexplicável de seu neto

predileto. Agora, Camille nesse estado. Ele encostou a cabeça na cama, ao lado da dela, e falou baixinho:

"*Figlia mia*, nós vamos conseguir. Nós o encontraremos. Fique bem, minha *bella*."

Ele chorou amargamente, deixando correr as lágrimas acumuladas de muitos dias, encolhido na cadeira de plástico vermelha. Quando secava os olhos, procurando se recompor, foi interrompido por uma moça que se apresentou como sendo da enfermagem:

— Os pertences dela estão aqui — esclareceu ela, estendendo a mão.

Signore Arthuro recebeu a carteira de motorista, o celular, o relógio de pulso, a aliança, um pingente e o medalhão preso ao cordão de couro que Camille encontrara. O ancião pegou as coisas, mas estranhou o colar. Olhou como quem não entende, virando-o nas mãos. Observou algumas inscrições — "Estou coberto pelas Sombras do Mestre, a sua

Sombra me cobre, me guarda, me esconde, me livra" —; e fez menção de devolver.

— Este *qui* dever ser engano. Não é dela.

— É dela, *signore*. Estava na mão dela quando chegou e demorou a nos dar. Parecia ter muita importância.

Signore Arthuro olhou novamente. Esquisito. Não fazia o perfil de Camille. Entretanto, guardou tudo no bolso do paletó. Por fim, depois que a moça se retirou, ele procurou a mão da neta por baixo da manta e sentiu as amarras. Em choque, ergueu a manta e viu que ela estava com os pulsos amarrados; checou os tornozelos e presenciou as mesmas amarras.

Saiu de lá, enfurecido, rumo à Porta.

***

A chegada de *monsieur* Naresh Akhila no final da manhã trouxe um pouco de alento à alma aflita de

signore Arthuro que, indignado, contou ao amigo tudo que vinha ocorrendo no *ospedale*.

Naturalmente a história do desaparecimento do marido da paciente e a pressão da espera e das investigações mudavam um pouco a configuração das coisas. Mas não descartava a hipótese de um surto psicótico estar em andamento, desencadeado pelo estresse emocional, explicou o doutor Francesco. Era melhor omitir os detalhes e sair de lá o mais rápido possível.

— *Signora* Camilla não estava colaborando com a coleta dos exames e nem com os procedimentos necessários — explicou mais uma vez o doutor Francesco, na frente de *monsieur* Akhila. — Restringi-la e sedá-la foi necessário, para o próprio bem dela; é o procedimento padrão. *Però domani*...

Cheio da conversa daquele médico que não resolvia coisa alguma, e desesperado para fazer alguma coisa ao invés de ficar sentado, *signore*

Arthuro incumbiu Akhila de tentar agilizar a bendita interconsulta.

— Ameace-os, Akhila, ameace-os! Esse psiquiatra tem que estar *qui* quanto antes. Entre também em contato com a Melià e aguente firme. Ela está ligando sem parar no meu celular e não vou aturar *quella donna allora*! Também contate Domenico e Reuter, precisamos informá-los — depois, colocou as mãos na cabeça. — Ah, informe *il povero* Yves também. Mas dê especial atenção ao Reuter, ele é um sujeito e tanto, pesquisei seu *curriculum*. E quero ter a mais absoluta certeza de que ele fará *il possibile e l'impossibile* para encontrar uma pista de Ethan.

A presença daquele agente que coordenava as operações policiais na Itália e na França se traduzia para *signore* Arthuro em segurança. Reuter era o tipo de homem que inspirava segurança. Sério, exigente, muito inteligente, e com instinto de cão de caça. A busca era, para ele, uma realização

pessoal e não somente o cumprimento de seu dever.

O ancião tivera o privilégio de conhecer Reuter pessoalmente, quando ele esteve na França para uma reunião com Melià e sua equipe. *Signore* Arthuro estava particularmente interessado na história da *Interpol*, pois lhe parecia que eles estavam mais capacitados — de todas as formas — a enfrentar os casos mais difíceis. Embora já houvesse sabatinado *monsieur* Akhila a respeito do assunto, nada como ouvir alguma coisa em primeira mão de um dos próprios agentes da *Interpol*.

"A história da Organização Internacional de Polícia Criminal começa em 1923 quando o chefe da polícia de Viena, Johann Schober, inaugurou na Áustria, junto com outros 14 países, a primeira sede da Polícia Internacional. A iniciativa de Schober vinha tentar coibir a facilidade com que os criminosos da Europa, na época, escapavam da lei

ao atravessarem a fronteira em direção a um país vizinho", explicou Reuter, paciente, quando inquirido por *signore* Arthuro.

"Essa foi realmente uma grande estratégia", replicou o ancião.

"Mas não foi uma história retilínea, infelizmente", continuou Reuter. "Quando a Alemanha de Adolf Hitler anexou a Áustria em 1938, junto com os arquivos da *Interpol*, suas atividades foram suspensas. Somente em 1946 a polícia internacional foi recriada, com sede em Paris, onde permaneceu até 1989. Depois foi transferida para a sua atual sede, aqui em Lyon."

"Estou realmente orgulhoso por saber que em minha cidade está sediada essa importante organização. Mas, diga-me, caro Reuter, qual foi o seu caso mais difícil?...".

⋆⋆⋆

Monsieur Naresh Akhila esbarrou em todo tipo de problema ao tentar maximizar o tempo. Queria agilizar tanto a interconsulta psiquiátrica, quanto, na falta dela, a transferência de Camille para a enfermaria da clínica médica. Recebeu várias justificativas que, no entender dele, não se justificavam. Ele começou tentando transferir Camille do pronto-socorro, para deixá-la mais bem acomodada; depois tentaria trazer — nem que fosse pelas orelhas — um psiquiatra para vê-la. O doutor Francesco foi incomodado e deu vários tipos de resposta.

"Estamos sem vagas na Clínica Médica neste momento."

"Sem a avaliação psiquiátrica não podemos transferir a paciente do pronto-socorro."

"Não costumamos fazer internação depois do meio-dia. É necessário esperar até amanhã."

"Não temos certeza quanto ao diagnóstico, é melhor que ela permaneça no pronto-socorro."

Finalmente, Akhila decidiu não aceitar mais argumentos.

— Quero minha cliente sendo atendida nas melhores condições possíveis. A obrigação de vocês era ter um psiquiatra aqui, desde ontem. Não pretendo esperar por ele até amanhã. Se *madame* Camille tem de aguardar que o sistema funcione, vai aguardar num quarto particular, com toda assistência, e não no meio dessa bagunça. *Oui*. Eu sei que o senhor não é responsável por tudo, mas deixe-me falar com quem manda.

Nesse ínterim, Laurence fazia o que podia, carregando a pasta de *signore* Arthuro para lá e para cá e desligando o celular a toda hora depois de checar de onde vinha a chamada. Providenciou café para os três num raro momento de pausa. Quanto mais tarde ficava, mais difícil era conseguir o que queriam. O doutor Francesco foi ignorado e, um a um, os mandachuvas de plantão foram sendo incomodados: o Residente-chefe da Clínica

Médica, que estava de plantão na Porta, acabou tendo que conversar com o Assistente da Clínica Médica, de plantão nos *Boxes*, que passou o problema para um homem de muitos maus modos, que era o Assistente-Geral do Pronto-Socorro, e que naquele dia estava incumbido da semi-intensiva. Normalmente, isso queria dizer que o residente e o assistente da clínica médica suariam bastante a camisa antes de terem licença poética para incomodá-lo. Naquele dia foi diferente...

Enraivecido por ter sido incomodado, o Assistente-Geral não queria ceder assim tão facilmente e cometeu o desatino de ligar no celular do Diretor-Chefe do Pronto-Socorro. Que estava em casa. O diretor, aos berros, mandou que enfiassem a maldita paciente em qualquer uma das diversas clínicas de especialidades médicas que tivesse vaga.

— *Però*, *signore Direttore*, nenhum assistente de nenhuma das nossas clínicas vai aceitar essa

paciente agora, sem diagnóstico fechado e aguardando aval do PQ. Veja bem, ela está restringida e sedada, portanto... *si*, eu entendo o que quer dizer... *ma*... ninguém vai... até mesmo a enfermagem vai reclamar... não podemos ceder e deixar de lado o protocolo... *si*, *signore*, eu...

— Escute-me, Doutor Mario Santini! Faça imediatamente o que eu estou mandando. Ligue para as enfermarias mais prováveis, avise seus adoráveis assistentes e arrume uma vaga! Nós dois sabemos que a vaga existe, não é mesmo? Quero que o senhor mesmo informe que o assistente que tiver vaga e não aceitar essa mulher *agora*, amanhã vai procurar outro emprego. Não precisamos de um processo, correto, Santini? Estamos lidando com um figurão que não vai medir esforços até arrancar nossos olhos! Ela já devia estar na psiquiatria! Se estivesse ao meu alcance, eu mesmo enfiaria a cabeça do primeiro psiquiatra que encontrasse na privada para lhe clarear as ideias!

Quanto a você, enfie essa mulher nem que seja na UTI neonatal! — ele deu uma risadinha irônica. — Estamos entendidos, doutor Santini? Agora me deixe descansar, ninguém me dá sossego nem em dia de folga! A internação está autorizada. Mexa sua bunda e se vire! Não quero problemas com um magnata endinheirado e seu advogado fodido!

O estampido do telefone sendo desligado fez o doutor Mario Santini até estremecer.

"Tudo sobra pra mim. Agora vou ter que pegar o touro pelas bolas! Merda!! Merda!! Merda!! Maldito *ospedale*! Maldito *direttooore*!"

***

6 de novembro, Mantova, madrugada.

Quando *signore* Arthuro finalmente se sentou, passava da meia-noite. Sentia-se exausto e aguardava a volta de Laurence com algo para comer. Akhila tinha ido tomar um banho no Hotel

Abacus, onde, por sorte, haviam conseguido quarto para todos. Os trâmites para a internação de Camille, fora de hora e lugar, tinham levado algum tempo, mas agora ela estava bem, num quarto particular de pálidas paredes azuis, janelas para ventilar o ambiente e roupa de cama melhor que a do pronto-socorro. Apenas uma luminária sobre a cama estava acesa, deixando o ambiente à meia-luz, diferente da eterna claridade e movimentação do pronto-socorro. O soro em que estava a medicação para mantê-la sedada continuava pingando em suas veias, junto com glicose, mas ela estava mais limpa depois dos cuidados minuciosos da enfermagem, sem terra nos cabelos, e isso pôs *signore* Arthuro mais tranquilo. Ele acreditava piamente que, quando a neta acordasse, estaria em pleno domínio de suas faculdades mentais, receberia alta e iriam todos para casa. Tudo aquilo não passaria de um pesadelo.

A enfermaria da Nefrologia estava em silêncio. O plantonista da noite, doutor Pedro Gagliardi, já tinha passado a visita aos leitos e fizera a internação de Camille. Fora seu chefe, doutor Franco di Assumpção, quem cedeu o leito particular no final da tarde.

"Pode mandar subir a paciente, doutor Santini", havia ele dito, depois de inteirado do problema. "Tenho, por sorte, dois quartos à disposição, de pacientes que mandamos para casa hoje."

"Oh, *finalmente*", respondera o doutor Santini com mau modo. "Sua clínica foi minha última opção."

"Ainda bem que estou aqui para limpar a sua barra."

O doutor Gagliardi não gostava de Santini.

"*Bravo*! Sou-lhe eternamente grato, Franco", respondeu o outro com uma ponta de sarcasmo. "Bem, mas vamos ao que interessa, mande logo a sua enfermagem vir buscar essa mulher. Quero me

livrar dela e desse problema. Lamento passá-lo a você."

"Não será problema aqui, doutor. *A più tarde.*"

"*Grazie tante*", resmungou Santini, não querendo dizer exatamente aquilo.

Por outro lado, o doutor di Assupção tinha sido simpático ao extremo com *signore* Arthuro e *monsieur* Akhila, compreendendo plenamente a situação. E explicou, com voz mansa:

"Quem trabalha por muito tempo no pronto-socorro fica imune ao sofrimento humano, *signores*. Não é algo ruim em si, é um instinto de proteção que se desenvolve no coração humano, apenas. Eles não têm tempo de se comover, de ouvir e nem de resolver problemas que vão além de sua alçada. Peço desculpas em nome do *Ospedale Carlo Poma*. Não levem pelo lado pessoal. São todos muito competentes lá embaixo, mas, como eu disse, eles são seres humanos com o coração calejado. Aqui em cima as coisas são mais tranquilas."

Claro que ele omitiu qualquer detalhe sobre a eterna fogueira de vaidades.

"Como em qualquer lugar do mundo", refletiu o doutor di Assumpção. E deixou o assunto quieto.

Signore Arthuro deu uma cochilada mesmo sem perceber, no silêncio noturno da enfermaria. Acordou quando Laurence voltou com café e sanduíches, e os dois comeram. Depois Laurence se acomodou no sofá do corredor e *signore* Arthuro entrou no quarto de Camille, para vê-la. De vez em quando ela abria os olhos e balbuciava alguma coisa, mas quando ele se aproximava e tentava lhe falar, percebia que ainda estava dormindo. Ou delirando, mergulhada no mar da sedação. Ele se acomodou na poltrona ao lado da cama, e cabeceava; de repente acordou ao ouvir os gemidos de Camille, como se chorasse, e ouviu-a pronunciar o nome de Ethan, e depois, alguma coisa relacionada com "o Mal".

Entristecido, *signore* Arthuro ficou olhando para Camille e tomou um susto e tanto quando o celular tocou. Era Akhila:

— Estou revigorado, *mon ami*. Vou até aí e fico o restante da noite junto com Laurence. Venha você para cá e durma um pouco. Tudo o que podia ser feito já foi feito.

Mas *signore* Arthuro recusou.

— Fiquem vocês dois no hotel. Vou dispensar Laurence, que está cochilando aqui no corredor. Eu ficarei com minha neta.

— O *signore* tem certeza? Se vier dormir um pouco agora, estará melhor amanhã.

— Dormirei aqui na poltrona. Ah! E a Melià?

— Não gostou nadinha, só para dizer o mínimo, de a esposa do desaparecido também ter dado sumiço. Achou estranho o comportamento dela e quer o interrogatório quanto antes. A essa altura já deve ter entrado em contato com Reuter. Por sorte eu o avisei antes. A Melià quer que o interrogatório

seja feito aqui mesmo, na Itália, tão logo Camille esteja em condições de falar. Não quer perder tempo esperando a alta hopitalar, ou mesmo a viagem de volta. Por ela, Reuter estaria aqui no *ospedale domani mattina*. Mas ele tem um pouco mais de cérebro. Vai fazer as coisas direito.

Signore Arthuro inspirou fundo, pronto para explodir de raiva devido à petulância da delegada e sua total falta de empatia humana, mas logo em seguida repensou.

— *Va bene*, afinal talvez seja melhor. *Io credo* que Camille será mais respeitada e sua emotividade melhor compreendida por outra pessoa que não *quella gendarme*. Há males que vêm para bem. Entre você mesmo em contato com Reuter, amanhã cedo, e diga-lhe que estamos dispostos a realizar o interrogatório *qui* na Itália. E se ele pudesse acompanhar Domenico na realização dessa tarefa, eu seria *molto grato*. Tente convencê-lo a qualquer custo. Se dependesse de Melià, nesse momento ela

provavelmente estaria decretando a prisão preventiva de Camille assim que recebesse alta no hospital.

***

6 DE NOVEMBRO, LYON, MANHÃ.

Eram quinze para as sete da manhã quando Alannah, na frente da casa de Ethan e Camille, tocou no celular de Pietro. Caiu na caixa postal três vezes.

— Como dorme!

Ligou na casa dos caseiros, então.

O telefone atendeu logo no segundo toque:

— *Bonjour*! *C'est moi* — veio a voz de *madame* Verdoux.

— *Bonjour, madame* Verdoux. É Alannah. Queria falar direto com Pietro para que ele me abrisse a porta. Estou aqui na frente, mas acredito

que ele não escutou o telefone. *Pardon*! Não queria incomodar antes de seu horário de serviço.

— Não há problema, *madame* Alannah. Estou aqui servindo café para meu marido, mas acho que ele pode se virar sozinho por alguns minutos.

— Oh, *pardon*, sei que só entra no serviço às sete e meia.

— Não se preocupe. Só um minuto!

Alannah sentiu um arrepio ao entrar na sala de visita dos cunhados. Parecia vazia demais, triste demais. Ela apoiou a bolsa no espaldar do sofá sentindo-se arrasada.

— Aceita *une thé, madame*?

— *Non, merci*! Estou bem. Volte para cuidar de seu marido.

Alannah subiu as escadas para verificar onde Pietro estava dormindo. Sorriu ao olhar pela porta entreaberta do quarto de Anne-Sophie e ver o moço roncando no sofá que ficava defronte ao berço. Mesmo assim, não estava disposta a esperar. Entrou

com passos leves por causa do bebê e cutucou o ombro de Pietro algumas vezes. Finalmente ele ergueu a cabeça e olhou para os lados, assustado, tentando se situar. Viu Alannah e assumiu ar de quem não entende nada.

— Estou esperando você lá fora — sussurrou ela.

Em vinte segundos Pietro estava fora do quarto, encostando a porta atrás de si. O cabelo estava um caos e ele vestia pijama de flanela. Se não estivesse tão triste, Alannah teria aproveitado para caçoar dele pela escolha do pijama.

— O que foi? — ele indagou, assustadíssimo. — Aconteceu alguma coisa?

— Você nem imagina. Passe no banheiro primeiro. Espero lá embaixo na cozinha.

Quando Pietro voltou, de calça jeans e blusão de moletom, deixando exalar no ar o cheirinho de creme dental, tinha os olhos apavorados.

— *Mon Dieu*, Alannah! *Mon Dieu*! O que está ocorrendo?

— Desculpe vir tão cedo. Conversei há pouco com *signore* Arthuro. Liguei umas vinte vezes para ele ontem, e ele não me atendeu. Não consegui falar com Laurence tampouco. Mas hoje, mais ou menos às seis da manhã, consegui contatá-lo. Camille está na Itália — eu sei que disso você já sabe —, mas ela está internada desde anteontem de manhã. Ainda não sabemos quando terá alta. Vim para ajudar com Sophie, e esperar pela volta de Kilaim. Sei que você está carregando um peso enorme sozinho. Já faz dias que está passando suas noites aqui. Podemos revezar. Tive que contar a Marc o que está acontecendo e ele está indo para a Itália. Vai pedir uma licença de uns poucos dias e embarca logo depois.

Pietro levou uma das mãos à boca, aturdido, e sentou-se numa das cadeiras da bancada.

***

6 DE NOVEMBRO, MANTOVA, FINAL DA

MANHÃ.

A interconsulta psiquiátrica foi feita por um médico muito simpático e jovem que veio da Psiquiatria Mantova, localizada a 850 metros do *ospedale*. A Psiquiatria Mantova fazia parte do serviço privado do *Carlo Poma*. O segmento do *Ospedale Caro Poma* responsável pela saúde mental estava dividido em vários níveis de serviço, em diversificados centros, desde centros residenciais terapêuticos até centros sociais tipo *daycare*, ambulatórios e enfermarias, incluindo o hospital judiciário.

— É um trabalho que visa sinergia, responsabilidade e colaboração para assegurar o objetivo comum: a possibilidade de recuperação — fez questão de dizer o doutor Eldred. — O cuidado de pacientes em estado grave é monitorado por este padrão integrado multiprofissional que auxilia na diminuição do estigma e aumenta a integração dos

pacientes, minimizando os fenômenos de reclusão e regressão.

Após a avaliação, que não foi muito demorada, ele insistiu na necessidade de internação na enfermaria da psiquiatria. *Signore* Arthuro, de semblante carregado, se esforçou para não tratar mal o médico.

— E onde seria isso?

— Na Unidade em Alto Mantovano.

— *No, no*. Se ela vai ficar, ficará no serviço privado de onde o senhor saiu, *dottore* Eldred. Na CPS Mantova. Camille não vai para Alto Mantovano.

— Estamos com dificuldade de vagas lá na República.

Nerush Akhila pigarreou alto.

— Contudo... — continuou o médico — verei o que posso fazer. Toda nossa estrutura psiquiátrica é para fins de prevenção, diagnóstico, tratamento e

reabilitação de pessoas com doença mental, e mesmo em Alto Mantov...

— *Ma comme che Il signore dottore* diz que minha neta tem doença mental? Ela só está passando por um forte estresse. Aliás, sou totalmente contra essa internação! Prefiro que o *signore* dê alta para minha neta!

Signore Arthuro escutava, mas não conseguia compreender, e nem aceitar. Estava um pouco perdido, o que era absolutamente incomum. Laurence ocupava-se em convidar o patrão para as necessidades básicas, como comer e dormir, instigando com o olhar o advogado, para que endossasse suas palavras de apoio. Foi o que ele fez naquele momento:

— *Signore*, vamos deixar que *monsieur* Naresh se incumba disso? — aventurou-se ele, usando de toda a sua coragem. Jamais ousaria interferir assim, não fosse absolutamente necessário.

— *Oui, oui* — falou Akhila calmamente. — Tenho certeza de que o doutor Eldred vai conseguir a melhor vaga para Camille, *n'est-ce pas*, doutor?

Signore Arthuro estava exausto. O médico fez que sim veementemente.

— *Va bene*.

O *choffeur* e amigo do ancião acompanhou-o de volta até a porta do quarto de Camille. Mesmo assim estava muito calado e olhava de forma atônita o rosto do patrão, ajeitando o nó da gravata com mãos nervosas.

⁂

Era de tarde quando Marcel acabou no saguão da enfermaria da nefrologia. Acabou encontrando *monsieur* Akhila, muito sóbrio em seu terno escuro, os cabelos penteados para trás, e com um copo grande de café nas mãos. Akhila não ficou surpreso com o aparecimento de Marcel, e tratou de

informá-lo dos acontecimentos, começando por Ethan.

— *Signore* Arthuro está muito desgastado, mais ainda depois que vimos como está Camille. Peço-lhe muita discrição, Marcel. Não fale nada a ninguém da família, ainda. Ainda temos esperança que a polícia chegue a alguma conclusão — Akhila falava abertamente, como profissional, de homem para homem. — A família sempre guarda as esperanças até o fim, mas não podemos afirmar que encontraremos Ethan vivo.

O irmão de Camille estava completamente perplexo. Depois de estar a par da maior parte dos fatos, ele perguntou:

— E quanto a minha irmã?

— Fomos informados pelo médico dela, doutor Pedro Gagliardi, que quando ela saiu da sedação se encontrava no mesmo estado em que deu entrada no pronto-socorro: muito agitada, agressiva, delirando. O psiquiatra que veio avaliá-la saiu há

pouco. Disse-nos que ela está vivenciando um surto psicótico e, primeiro de tudo, é preciso tirá-la desse estado. Ele a medicou com drogas para esse fim e explicou a necessidade de mantê-la sedada por enquanto, até que as medicações comecem a fazer efeito. O que levará alguns dias, talvez até duas semanas. A sedação é para poupar Camille do estado de sofrimento em que se encontra agora, que é muito intenso. Ela precisa, infelizmente, ser transferida para a psiquiatria. Seu avô é totalmente contra, porque aí não poderemos estar a lhe fazer companhia. Mas o psiquiatra me garantiu que vai conseguir uma vaga adequada, a melhor. No mais tardar amanhã, teremos que interná-la. Para isso, terei que convencer seu *Grand-Père*. Se não internarmos sua irmã, será necessário que *signore* Arthuro assine um termo de responsabilidade, e isso é uma grande bobagem. Se amanhã ou depois acontecer algo pior, ele irá se culpar pelo resto da vida. O melhor a fazer é confiar nos médicos —

monsieur Naresh Akhila deu um profundo suspiro. — Pobre amigo! Vamos dar a ele mais um dia para se acostumar com a ideia.

— Mas o que é isso que *monsieur* está dizendo? Como assim, surto psicótico? O que isso quer dizer? — Marcel estava aflito.

— O médico tentou explicar o melhor possível. De uma maneira leiga, é claro. Disse que algumas pessoas podem ter tendência a desenvolver doenças desse tipo. São doenças como outras quaisquer. Assim como o coração adoece, ou os pulmões, os rins, ou alguém desenvolve câncer, ou pressão alta... o cérebro também é um órgão passível de adoecer.

— *Oui*...

— Se os indivíduos com predisposição para a doença mental passam pela vida sem que nada desencadeie o processo, a doença não se manifesta. Por outro lado, se o indivíduo é colocado numa situação que propicia a doença, ela pode aparecer.

— Mas, assim, sem mais nem menos? Camille nunca teve nada.

— Não é sem mais nem menos. O marido dela está desaparecido. Ela sofreu um trauma emocional indescritível e, infelizmente, se expôs a mais sofrimento, aqui sozinha. Ela passou por um estresse psicológico muito severo, e ainda está passando. Esse é o fator desencadeante. Se nada disso ocorresse, talvez Camille nunca desenvolvesse a psicopatia. Mas, diante de tantas circunstâncias desfavoráveis...

— Mas isso significa que ela... ela está... — Marc não conseguia dizer as palavras. Enfiou a cabeça nas mãos.

— Você está se perguntando se isso é uma manifestação de loucura? — perguntou Akhila com suavidade.

Marcel aquiesceu, mudo.

— O médico disse que o surto vai passar, pode ser controlado. Pelo que pude entender, existe, no

momento, um desbalanço neuroquímico no sistema nervoso dela. Os neurotransmissores dela... entende?... as substâncias responsáveis pelo bom funcionamento do cérebro estão fora de ordem, agora. Por isso ela está assim. Mas as drogas vão acertar isso.

— Ela ficará boa?

— O médico disse que o tratamento dessa fase aguda tem boas chances de resolver o quadro. Mas temos que esperar, porque cada pessoa é uma pessoa, e o organismo de Camille vai responder do jeito dela.

— Mas ela ficará boa? — insistiu Marc.

— *Mon cher*, o psiquiatra disse existir boa chance de remissão da doença, embora não possa afirmar que ela será... a mesma de antes. O surto... causa uma espécie de "avaria", compreende? Não diga isso a seu *Nonno*. O médico me falou à parte. Também não podemos descartar que, depois de

estar melhor, em algum outro momento da vida ela tenha novo surto.

— Mas que coisa é essa de surto? Que psicose é essa?

— Ele acredita que Camille está apresentando sinais de esquizofrenia aguda, mas não fechou o diagnóstico ainda.

— Mas, *monsieur* Akhila, muitas pessoas perdem entes queridos... e superam... por que Camille?

— É o que foi dito sobre a predisposição, Marcel. Uma pessoa que tem escrita em seu DNA a informação para desenvolver câncer de pulmão pode nunca ter a doença *se* não for tabagista. O fumo prolongado é a situação desencadeante de uma condição predisponente. O mesmo aconteceu com Camille. Ela foi colocada numa situação que favoreceu uma predisposição já existente. Pelo menos foi o que o médico disse. Talvez não seja

assim tão simplista, mas para nós acho que basta, *n'est-ce pas*?

Marcel ficou calado e sentou-se no sofá do corredor durante alguns minutos. Estava perplexo e em choque. Não tinha coragem de ligar para Alannah. Não ainda.

— Onde está meu *Nonno*? — indagou Marc, por fim.

— Está no quarto com ela.

— E quanto a fazermos esse tratamento na França, em casa...? Como vamos deixar Camille aqui, sozinha?

— Impossível removê-la daqui agora. Ela está bem acompanhada e, se fosse possível, gostaríamos que o interrogatório de Camille fosse feito aqui mesmo na Itália.

— *Mon Dieu*... — Marc sentou-se na ponta do sofá novamente — *Mon Dieu... mon Dieu*....

***

9 de novembro, Lyon, tarde.

Kilaim chegou em casa perto do horário do almoço. Não tinha ligado durante a semana que passou com Adrien, exceto uma vez, quando falou com Alannah.

"Você está aí, tia? E minha *mamy*?"

"Saiu para fazer mercado, agora mesmo", inventou Alannah, com voz firme. "Quer deixar algum recado para ela?"

"Na verdade... *non*; não é nada importante. Só diga para ela não se preocupar, volto no domingo."

"*Très bien*, Kim, eu direi a ela."

A volta de Kilaim colocou Alannah muito nervosa. Ela queria poder fazer alguma coisa para ajudar, e perguntou a *signore* Arthuro se poderia ela mesma dar a notícia ao sobrinho. Seria sua maneira de prestar auxílio, pois não julgava justo que Pietro assumisse todas as responsabilidades, agora que ela e Marc estavam a par da situação.

Signore Arthuro aceitou a sugestão de Alannah, porque assim ele não precisaria se preocupar com mais uma pessoa sofrendo diante dele.

Dessa forma, Alannah e Marc — que já tinha voltado da Itália — ficaram à espera de Kilaim no domingo. Ouviram quando o carro de Adrien parou diante da casa, e as vozes dos dois rapazes se despedindo. Alannah foi abrir a porta para recebê-lo.

— Olá! Fez boa viagem? Como estava a Espanha? — ela perguntou, forçando um sorriso. A missão de dar as notícias a Kilaim era horrível.

— Oi, tia. A Espanha estava quente, mesmo sendo quase inverno, se é que você me entende... foi demais! As espanholas dão o que falar...

Alannah estranhou o palavreado e o seguiu quando ele entrou em casa. Marc estava de pé ao lado do sofá, na sala de visitas.

— Você por aqui, tio? Cadê os meus pais?

Marc gaguejou na resposta e Alannah veio logo para perto de Kilaim.

— Eles não estão.

— Estão aonde? Foram viajar de novo? — a pergunta não denotava estranheza nenhuma. Ele jogou a mochila enorme ao pé do sofá e se dirigiu à cozinha — Estou morto de sede! Trouxe fotos, vocês querem ver?

Alannah foi atrás dele. Pegou um copo d'água para si, a fim de acalmar-se, e olhou direto para o sobrinho.

— Kim, *mon cher, s'il vous plait*… sente-se um pouco.

— Ah, tia, vou tomar um banho. Vou precisar de *muita* água para me limpar dessa viagem — ele riu.

Alannah achou que era justo.

— Está bem — consentiu ela. — Mas não se demore muito, queria conversar com você.

Kilaim achou a atitude dela estranha.

— Você ganhou. Diga logo o que tem para me dizer.

Alannah se sentou na bancada e olhou nos olhos dele. Aqueles olhos difíceis de decifrar.

— *Mon fils*, não tenho uma boa notícia para dar a você.

Ele não se sentou. Permaneceu em pé, diante dela.

— Alguma coisa aconteceu com o *Nonno*? Ou com *Grand-Mére*? — ele perguntou logo, perscrutando o rosto de Alannah. — *Mon Dieu*, você está mesmo com uma cara péssima, tia... quem morreu?

— Ninguém morreu, Kim. Mas seu pai... não voltou da Itália... ele está desaparecido, Kim, eu sinto muito.

Kilaim ficou em silêncio por alguns minutos. Alannah conhecia o jeito peculiar e indecifrável do rapaz, às vezes, e o deixou processar a informação a seu modo. Seu rosto estava duro, bem como seu

olhar. Por fim, ele se voltou para ela, a água esquecida no copo em sua mão.

— Ele está morto? — indagou com voz inexpressiva.

Alannah se aproximou dele para abraçá-lo, mas ele rejeitou o abraço, afastando-se dela.

— Ele está morto? — indagou outra vez.

— *Je ne sais pas*, Kilaim. Eu... sinto muito. A polícia está atrás dele, mas não temos notícias ainda.

— A polícia não sabe o que aconteceu?

— As investigações estão em andamento. Depois posso lhe dar mais detalhes.

— Depois?

— *Oui* — Alannah baixou a cabeça. — Você há de querer saber como está sua mãe...

— Ela deve estar completamente fora de si — Kilaim falou, com voz soturna. — Acertei?

Alannah ergueu os olhos para ele. Era difícil decodificar suas reações.

— Você está bem, Kim?

Ele fez que sim com a cabeça. Um sim endurecido.

— Onde está *mamy* agora?

— Acho que você pode imaginar, *n'est-ce pas*, *mon fils*?

Alannah julgou ver um brilho de inquietação nos olhos de Kilaim, mas ele se virou rápido de costas.

— Ela está lá — ele murmurou. — Ela não ficaria aqui. Nada a seguraria aqui — ele continuou de costas, murmurando baixinho, e Alannah não tinha certeza de que o sobrinho estava dando uma resposta a sua pergunta.

— Nem mesmo eu a seguraria aqui... — disse ele, outra vez, mais baixo ainda.

Alannah apurou os ouvidos, mas não conseguiu escutar o que Kilaim dizia. Levantou da bancada e se aproximou dele, extremamente alto e extremamente grande perto da sua figura *mignon*.

Fez menção de abraçá-lo de novo, entretanto ele se afastou, novamente de costas.

— Kim, fale comigo. Gostaria de conversar?

Nenhuma resposta.

— Kilaim? Quer conversar comigo? — insistiu Alannah.

Ela deu a volta, ficando de frente para ele. Sua falta de reação deixava Alannah ainda mais preocupada. Ela nunca imaginou Kilaim aos prantos, desmoronando no chão; mas lhe parecia que a implosão dos sentimentos era ainda mais preocupante.

— Kim?...

Os olhos do rapaz estavam marejados. Mas havia algo mais neles, que ela lia mesmo sem perceber: ira... frustração... vergonha...? De quê ele poderia sentir vergonha? Por mostrar fragilidade na frente dela? A falta de uma reação mais à flor da pele, a perplexidade... eram fragilidades que ele não queria mostrar, pelo menos foi assim que Alannah

entendeu. Então achou que era melhor deixá-lo quieto um pouco; sozinho.

— *Mon fils*... quer ir tomar seu banho?

— *Oui* — ele respondeu, enfim.

— Eu e seu tio ficaremos aqui com você. Mais tarde, poderemos conversar melhor.

Kilaim saiu da cozinha com passos rápidos e subiu a escada que dava no *mezzanino*, fugiu para seu quarto. Alannah pôs as mãos no peito, sentindo uma dor muito forte.

"Que tristeza, *mon Dieu*..."

Parado no meio da sala, Marc estava sem saber o que fazer.

— Como será que ele está? — indagou à esposa.

— Ao modo dele, arrasado. Vamos falar o mínimo possível do estado de Camille. Não vai ajudar em nada Kilaim ficar sabendo de detalhes que não vamos poder mudar.

Os dois se abraçaram. Queriam que fosse possível acordar daquele pesadelo. Queriam que

Ethan fosse encontrado com vida, e que Camille voltasse a ser quem ela era. Entretanto, a cada dia essa esperança se turvava um pouco mais.

***

Mais ou menos uma hora depois de Kilaim ter subido, eles escutaram o som do piano. Era uma música triste, melancólica, extremamente melodiosa. Alannah não suportou escutar aquilo e se pôs a chorar. Tratou de cuidar de Anne-Sophie, que tinha acordado de sua soneca, mas a música estranha e linda se fazia ouvir por toda a casa.

Quando ele parou, logo ela ouviu os passos dele vindo pelo corredor em direção à cozinha. Ela estava lá, preparando suco fresco para o bebê, e Kilaim entrou devagar:

— Quero vê-la. Quero ver minha mãe.

— *Non* — Alannah foi firme. — O *Nonno* esperava mesmo que você dissesse isso, mas já avisou que será impossível.

— *Porquoi*? Vocês não podem me impedir.

— É verdade. Mas contamos com sua colaboração nesse momento tão difícil para todos, e mais ainda para Camille.

— Como está *mamy*?

— Não muito bem — amenizou Alannah.

— Quero falar com ela.

— *Mon amour*, sua mãe está numa clínica de repouso — ela achou melhor deixar a verdade de lado o mais tempo possível. — Não podemos falar com ela, por ora.

— Clínica de *repouso*? Acha que eu sou idiota, Alannah? O que aconteceu com *mamy*?

— Ela não está bem, Kim. Não está. Mas estão cuidando dela.

— Por que não pode "repousar" aqui?

— Ela fará isso, quando voltar. Por enquanto, quer ficar na Itália, o mais perto possível... das investigações.

Kilaim não deu continuidade à conversa. Sabia que era mentira.

6

Vides

30 de novembro, Lyon, noite.

O inspetor da ICPO-Interpol designado para o caso Ethan Mastrangello, Marcus Edward Reuter, alemão de origem naturalizado sueco, girava a caneta *Mont Blanc* ponta de linha entre os dedos grossos. Ele estava sentado sozinho na sala onde tinha ocorrido a reunião com os demais investigadores. Reflexivo,

Reuter queria poder interromper logo as buscas, encontrar alguma pista digna de nota, trazer mais aquele trunfo para sua carreira, que, aliás, deslanchava. Tinha sido aceito para integrar o Serviço de Inteligência, na sede em Lyon, e aquele era seu último trabalho de campo.

Por sinal não o teria aceitado não fosse pelo pedido enfático de seu chefe — quase uma ameaça —, o qual, por azar da sorte, devia favores a um dos figurões da *Interpol* na França. Reuter sabia — afinal as más línguas correm — que o dedo do tal Naresh Akhila tinha estado naquela história, pressionando para conseguir um dos melhores investigadores da *Interpol*. Tudo bem. Akhila tinha cacife. E ele, Reuter, também.

Por isso aquele desejo de fechar logo o caso lhe batia a cada noite, depois de encerrado o trabalho. Mais que tudo ele queria resolvê-lo. Fecharia com chave de ouro aquele momento de sua carreira e chegaria na Inteligência com mais prestígio. Reuter

suspirou, invadido pela sensação daquele algo maior que o aguardava.

"Nada mais de correr atrás de provas locais, pessoas a interrogar, andar para cima e para baixo em carros ruins, passar madrugadas em reuniões sem café e aguentar a arrogância de chefes de polícia."

Chefes de polícia local arrogantes. Como Melià.

"Aquela mulher é da pior espécie. A espécie que 'se acha', sem ser grande coisa."

Tinham todos se encontrado no final daquela tarde em Lyon, para uma segunda reunião, os responsáveis pelo caso e suas equipes. Estavam presentes as "francesas" (e isso não era um elogio), Meliá e sua "*pet*", a policial Ariana Beaumont, ambas incumbidas da maior parte dos inquéritos, e que vinham da delegacia.

Domenico Fragatti, comissário-chefe da *Polizia di Stato* em Mantova, com sede na *Piazza Sordello*, bonachão e bem-humorado (talvez um pouco

demais), contava com sua equipe de apoio, os policiais Maximiliano Strada e Oliver Scarlata. Embora Reuter entendesse a necessidade que alguns policiais tinham de minimizar o peso do trabalho fazendo uso de uma atitude "positiva", no caso de Fragatti ela era decididamente infantil. Ainda assim, o inspetor da *Interpol* reconhecia que a equipe italiana era boa. Diferente das "francesas", com excesso de maquiagem e palavrões.

Naresh Akhila também participou da reunião, como advogado da família, bem como *monsieur* Antoine Yves, depois de muita insistência por parte de *signore* Arthuro. Trabalhando com Reuter estava a policial Roxana Dashwood, de ascendência inglesa, designada para o caso como condição *sinequa non*.

"Não aceitarei o caso sem ela. Mande-me Dashwood e pensarei a respeito", ele dissera ao chefe logo no começo, quando se sentiu pressionado.

Sendo assim, Roxana fora-lhe entregue e ali estivera ela, vestida impecavelmente em seu conjunto de saia e *pullover*. Além de ser sua amante, era excelente no trabalho: sagaz, detalhista, incansável. Ela gostava de brincar com ele — *in off* —, dizendo que estava longe de ser como uma frágil personagem de Jane Austen.

"De Jane Austen, só o meu sobrenome. Dashwood. "*Sense and sensibility*". De resto, comigo a barra é pesada."

E mostrava como uma mulher realmente forte e selvagem deve se comportar. Essa demonstração geralmente acontecia na cama. Mas não só. Ela era selvagem — especialmente selvagem — na caça às bruxas.

Reuter ergueu-se para pegar mais uma caneca de café, mas o líquido já estava intragável. Café morno era-lhe totalmente insuportável. Voltou para a mesa onde estivera sentado desde que o pessoal da reunião dispersou. "Austen" deixara um torpedo no

seu celular, convidando-o para relaxar antes do horário do trem. Ele não tinha respondido. Por mais que Reuter desejasse encerrar o "Caso Mastrangello", por outro lado seu espírito investigativo estava inquieto.

"Que fim terá tido este homem?"

Ele mordia o lábio superior de vez em quando, o que significava reflexão profunda e inconformismo. Estavam esgotando as frentes investigativas sem conseguir encontrar nada que pudesse guiá-los.

Melià apresentara o relatório dos inquéritos. O interrogatório de *signore* Arthuro já tinha ocorrido, bem como o de Laurence, porque foram os primeiros.

Posteriormente, a polícia francesa foi intimando todos os que cercavam a vida do desaparecido: os familiares próximos, amigos mais chegados, colegas de trabalho, os empregados da casa, o taxista com quem ele trabalhava costumeiramente.

Signore Anatole alegou não ter qualquer tipo de convivência com o filho; as irmãs também não eram próximas, mas isso a polícia só ficou sabendo durante o interrogatório. *Signore* Anatole ficou sob investigação porque foi o único que transpirou mágoa e rancor evidentes em relação ao filho. *Signora* Giulia já era falecida. A família de Camille foi igualmente investigada, desde *madame* Lyla — que mantinha plenas as suas faculdades mentais e ainda achava tempo para os sábados da terceira idade — até os pais de Camille, Monique, Marcel e Alannah. Foi incluído no inquérito o artista plástico Alexino, cujo nome de nascença era Pietro Moreno Rogato, amigo do casal, e seu companheiro Adrien René. Todas as possibilidades estavam sendo investigadas. Somando as peças, talvez conseguissem montar o quebra-cabeças. Estavam todos empenhados nisso!

Nisso, a questão de encobrir à família os fatos foi gradativamente despencando por água abaixo. O

celular de *signore* Arthuro começou a tocar sem parar e ele já estava esgotado. Quem se colocou à disposição no papel de consolador e informante acabou sendo o leal e incansável Akhila.

De qualquer forma, nada de importante se agregou ao caso, o que deixava Melià muito irritada e Beaumont pisando em ovos por tentar acalmar a chefe, sem sucesso.

— Ninguém notou absolutamente nada de diferente em *monsieur* Ethan nos dias ou semanas anteriores — tinha dito Melià. — Nenhuma mudança de comportamento, de humor, de rotinas. Nada que pudesse remeter à vítima algo de anormal. Dormia bem, continuava a prática de atividade física sem alterações e frequentava os lugares de sempre. Seu ritmo de trabalho e seu rendimento na *Logos* não mudou, sua relação com as pessoas também não. Todos foram unânimes em descrevê-lo como um homem muito trabalhador, dedicado à família, de bons costumes, tranquilo,

com excelente humor. Como empresário, ele era bastante exigente em relação ao serviço, mas mantinha bom relacionamento com todos os colegas de trabalho. Todos os interrogados não puderam afirmar nada sobre se o desaparecido apresentava preocupação ou mudanças de atitude e humor, mesmo que pequenas. Para todos ele parecia estar em seu estado costumeiro. Nada que demonstrasse indiretamente que ele pudesse estar passando por algum momento infeliz, ou que recebesse ameaças. Ele poderia ter inimigos? Exceto o pai... — uma pequena risadinha — nada digno de nota. E mesmo a rixa familiar não parece ter nada a ver com o ocorrido. Poderia ter ele sido ameaçado de morte? Ele deixaria transparecer isso — em inquietação, insônia, medo, alheamento —, e os mais próximos acabariam por perceber alguma coisa? Isso não aconteceu. Ele poderia também ter confidenciado essas possíveis ameaças a alguém? Não aconteceu. Enfim... tudo o que temos é nada.

— E você, Fragatti? — Reuter virou-se para ele.

— Eu diria que estamos num mato sem cachorro.

— Ou, mais perdidos que cachorro que caiu de mudança — gracejou o policial Maximiliano.

Os dois deram risada, levemente acompanhados por Scarlata, que sorriu com simpatia e espichou a coluna, ajeitando-se melhor na cadeira dura. Os demais se limitaram a esperar passar o acesso de riso.

— Hum... hum... — pigarreou Domenico por fim, ajeitando a barriga por cima do cós da calça, sem se importar de fazer Reuter e os demais esperarem. — Mmmmm... nosso inquérito na Itália foi bem menos extenso do que o da delegada, já que poucos tiveram contato com o *signore* Ethan em Verona e em Mantova. Interrogamos o pessoal do Hotel *Dante Residence*, que afirmou ter ele ficado muito irritado com o cancelamento da reserva, mas aguardou que encontrassem outro local para

abrigá-lo, recusando ser levado pelo motorista do hotel ao novo lugar. Segundo as informações colhidas, o gerente do *Abacus* alegou certo "sexto sentido" para com as pessoas e sentiu que o *signore* Ethan era uma "pessoa do bem". Pareceu-lhe um homem simpático e inteligente, e estava em excelente estado quando saiu rumo ao *ristorante Aquila Nigra*. Não houve nenhuma chamada telefônica feita pela vítima no hotel. A camareira não encontrou nada de estranho na suíte dele, a qual, é claro, foi profundamente investigada por nossa equipe. Nada foi encontrado, exceto seus pertences. Menos o celular e os documentos. O computador foi minuciosamente investigado e nada consta.

— Bem, então é absolutamente certo que o ponto cego na nossa investigação começa no *Abacus*? Foi o último local em que foi visto.

— *Si*, ele esteve de fato no *Abacus* porque a análise de DNA e as digitais foram todas

confirmadas. Mesmo que as imagens simples de câmera pudessem ter sido forjadas, o restante se confirmou. O veículo que ele usava, alugado da *Europcar*, foi periciado e nada de anormal se encontrou. Ele foi devolvido em seguida, em Mantova, e, pelo que me consta, ia seguir de volta para Verona. O problema é que depois desse ponto cego, ficamos todos nós cegos pra valer. Não foi possível encontrar nenhuma evidência de que ele deixou Mantova, quanto mais a Itália. Todos os possíveis meios de transporte e rotas foram investigados exaustivamente. Uma foto recente do *signore* Ethan foi divulgada nos principais meios de comunicação, agora que a imprensa já está dando cobertura do caso. A conta bancária dele continua sem movimentação, bem como o cartão de crédito.

Monsieur Yves tomava nota de vez em quando. A maioria naquela sala julgava a presença de Antoine Yves totalmente desnecessária, mas algumas boas almas entendiam o desejo dos

familiares de não ter que esperar as 48 horas que a polícia exigia para abrir a investigação.

Não houve nenhum acesso à Rede partindo do computador dele, nem qualquer chamada telefônica.

Procurei outras contas no nome dele, mas... — foi falando Yves, no que foi interrompido por Domenico, pois, em se tratando do detetive, sentia sua jurisdição sendo invadida.

— Reuter, você esteve à procura disso, exato?

— Não encontramos outras contas no nome de Ethan Mastrangello. Se o desaparecido saiu da Itália usando falsa documentação, também certamente teria conta no exterior. Claro que no nome de um laranja. Não temos como provar, ou encontrar isso, sem que alguém o denuncie.

— Por outro lado — admitiu Roxana —, se ele não saiu de Mantova, bem pode estar lá mesmo. A questão é: vivo ou morto? Temos procurado por um corpo, mas em vão. Amanhã, de volta a

Mantova, continuaremos passando a peneira fina nos locais ao longo do trajeto que ele provavelmente percorreu naquela noite, por sugestão do gerente do Hotel *Abacus*, *signore* Francis Dorneles.

— Certo — conclui Reuter, passando a mão pelos cabelos de forma displicente, mas sem perder a seriedade. — Até agora, na Itália, contamos com uma equipe de cinco policiais para realizar a busca. Eu, Roxana, Domenico, Max e Oliver. Recrutei mais dois policiais da *Interpol* para ajudar na varredura em conjunto. Eles chegam à Mantova amanhã.

— E a tal Marie, que cancelou a reserva? — perguntou Scarlata à Melià.

Foi Ariana que respondeu.

— A perícia e análise da voz foram positivas. É a voz dela ao telefone. Mas...

— Sim — concordou Reuter. — É uma evidência, mas não uma prova. A perícia não é

infalível. O que ela disse em defesa própria? Vocês insistiram na confissão? — ele se voltou para Melià.

— Ela acabou dizendo que foi *monsieur* Ethan quem mandou cancelar. Que foi uma ordem verbal dele. Mas sabemos que é besteira. Só se estivesse avariado mentalmente para mandar a secretária cancelar a reserva para depois dar as caras no hotel. Ela alegou não ter dito isso antes por medo. Em suma: não confessou.

— E ela alega o quê diante do fato de ele ter ficado tão transtornado com o cancelamento?

— Ela disse não saber. Aventou a hipótese de ele estar querendo forjar alguma coisa. Sair sem ser notado da rota que tinha estabelecido.

— Que merda é essa? — indignou-se Roxana. — Um sujeito inteligente como *monsieur* Ethan saberia que deixaria provas agindo assim, especialmente esperando que o próprio *Dante* lhe arrumasse outro local. E você aceitou essa explicação?

— Não foi uma "explicação" — rosnou Melià, no que Ariana concordou veementemente com a cabeça. — Foi a explicação *dela*. Simplesmente Marie disse ter acatado as ordens de seu patrão. O mais é especulação. Só que, seja lá o que for que ela diga, a verdade é que a promissora carreira dela na *Logos* está acabada. Informação "*in off*": o presidente da Empresa, Arthuro Mastrangello, faz sérias restrições à presença dela naquele lugar, e irá dispensá-la assim que voltar à França. Claro que sob outras alegações. Mas a carreira dela está fadada a atolar na bosta. Por enquanto os indícios contra ela são, no mínimo, estranhos, e merecem serem investigados.

— E quanto ao depoimento da esposa? — Melià perguntou. — A data continua prevalecendo?

— *Si* — começou Scarlata. — O médico dela, o assistente-chefe da psiquiatria do CPS Mantova, doutor Cesar Justus...

— Cesar Justus — riu Fragatti gostosamente. — Vocês acreditam nesse nome?

Novo silêncio por parte de todos, exceto pela risadinha do policial Max.

— *Perdona me*. Hum... hum... — continuou Fragatti, pigarreando exageradamente. — O doutor Justus... julga... depois de conversar com o psiquiatra que ficou responsável pelo caso dela, que *signora* Camille Mastrangello está agora suficientemente compensada para absorver o impacto do inquérito. Encontra-se consciente e sabe que a polícia virá conversar com ela.

— Estarei presente, com a agente Roxana — aparteou Reuter. — Vou realizar o inquérito.

— Boa sorte! Pelo que sabemos, a mulher enlouqueceu — falou Ariana.

Reuter não se deu ao trabalho de responder.

A razão dizia que o melhor era Camille ser interrogada por uma mulher; naturalmente mais serena, mais intuitiva, com maior facilidade de se

conectar ao coração de outra mulher, de entender o incompreensível que era inerente ao mundo feminino. Especialmente as aparentes incoerências de uma mulher em profundo sofrimento, que fora sozinha até a Itália, fazer... ninguém tinha conseguido ainda compreender seus verdadeiros motivos. Isso podia ser ruim para a investigação.

Porém, o fato é que as mulheres disponíveis não eram verdadeiros exemplos da essência feminina: *nada* de doçura; ou compreensão, paciência, bondade. Um retrato do que a esposa de Ethan precisava naquele momento de fragilidade. Especialmente Melià e Ariana — as "doces" — tinham Camille mais como suspeita de alguma coisa do que vítima. Melhor mesmo que ela não fosse interrogada na França. Isso demoraria muito mais, já que Camille prestaria depoimento antes de ter alta e poder voltar para casa.

Reuter estava ansioso — ansioso não era a palavra certa... — ele estava na expectativa de

conhecer Camille Mastrangello. De conversar com ela, ouvir o que tinha a dizer. Quem sabe ela lançaria uma luz no fundo do túnel? Diria algo, ou se lembraria de algo relevante?

Depois que a garrafa térmica passou de mão em mão, Ariana continuou falando e ele se forçou a acompanhar.

— Voltando a essa mulher, por que essa viagem à Itália desse jeito, escondida, às pressas? — Questionou ela. — As explicações que aquele amigo dela deu, o tal artista... como era mesmo o nome dele? Alex... alguma coisa?

— Alexino — retrucou Melià.

— Ora, ele falou coisas meio vagas, uma busca espiritual, uma necessidade de percorrer os mesmos lugares... *très bizarre*! Ela bem poderia viajar para apagar pistas que sabia que havia deixado, antes que a polícia chegasse. E agora pretende dar uma de "louca".

Ariana era a mais "doce".

— Talvez não seja fingimento. Os médicos teriam descoberto, não acha? Mais provável ela ter encomendado o assassinato do marido e ter-se arrependido amargamente depois. Acabou enlouquecendo — Domenico não levava nada a sério. Mas era um bom policial.

— Pelo visto... — interviu Naresh Akhila pela primeira vez, em voz grave — nenhuma de vocês acredita na inocência dessa mulher. Contudo, neste momento não peço que ajam como mulheres, simplesmente, mas como mulheres sábias.

Todos ficaram ouvindo e até cessaram as piadinhas e comentários paralelos.

— Se estes conselhos não forem de muita valia, sugiro que se lembrem do juramento que fizeram ao tornarem-se policiais, e tirem com sabedoria do esquecimento que, até prova em contrário, Camille é inocente. Ela é vítima, e não vilã.

E voltando-se para Reuter:

— A conversa — e *monsieur* Akhila propositadamente usou o termo "conversa" — vai acontecer numa das saletas de visita dos internos. *Madame* Camille está numa ala onde tem esse direito. O doutor Justus é o chefe do departamento, mas o responsável por *madame* Camille é o psiquiatra Egbert Irving Eldred, que estará presente apenas para monitorar o comportamento da paciente e talvez ajudá-la em momentos difíceis. Além dele, o inspetor Reuter nos dará a honra — como ele mesmo já disse —, a agente Roxana — como assistente —, e eu. É justo que *madame* Camille tenha um acompanhante que ela conheça, e em quem confie, durante o processo, que pode durar uma hora, ou dias. Vai depender do ritmo psíquico dela. E temos que respeitar isso.

O advogado Naresh Akhila era de uma polidez inabalável e recendia integridade. Depois de alguns instantes de silêncio, o que queria dizer

aquiescência, Meliá mudou o rumo da conversa, voltando a Ethan.

— Não temos um corpo ainda. Não podemos provar que *monsieur* Ethan está morto, mas, se estivesse vivo, onde estaria? — ela perguntou. — Quer dizer, por que ele fugiria de Mantova? Não podemos provar, mas e se aconteceu?

— Começar uma nova vida longe da esposa, da família... com uma nova mulher, quem sabe? — disse Beaumont. — Mas *monsieur* Ethan teria o perfil de um homem que se deixaria levar por uma doida paixão, ainda mais quando todos afirmavam que ele era especialmente ligado à mulher?

— Se não fosse uma amante, por que fugiria? Teria cometido algum crime? — ponderou Scarlata.

— Sua ficha é impecável. Todo o passado pessoal e profissional dele foi levantado e investigado, não há nenhum negócio escuso, relações pouco ortodoxas, nada fora do lugar — esclareceu Reuter novamente. — Eu mesmo fiz questão de

acompanhar de perto o trabalho da Melià nesse sentido.

— E se soubesse de alguma coisa que não podia revelar? — volveu Scarlata.

— Já conjecturamos a hipótese de um golpe, um grande desfalque. Entretanto, ele já era um homem rico, conhecido e reconhecido por seu trabalho e carisma. O herdeiro natural da *Logos*. Seria mais inteligente providenciar a morte do avô — e herdar a empresa — do que dar um desfalque — falou Melià.

— De fato nunca apostamos nisso — Reuter cruzou as mãos sobre a mesa. — Mesmo assim temos revirado a *Logos* de cabeça pra baixo, olhado todas as suas contas. Mas não aposto nisso.

— Hum... conjecturas.

— Vamos continuar investigando enquanto houver o que investigar — reiterou Reuter. — A hipótese mais plausível, até o momento, é que tenha sido assassinado. A polícia e os hospitais não

registraram nenhum tipo de ocorrência naquela noite, nem nas que se seguiram, mas isso não invalida o fato de que pode ter havido um crime seguido de ocultação de cadáver. Talvez a vítima possa ter sido atraída para outro Hotel, noutro canto da cidade, para facilitar o crime. O fato é que vamos revirar Mantova até ter uma resposta para isso, mas ainda há de se desvendar o motivo do crime, se este realmente ocorreu — bateu com a caneta na mesa. — Eu creio que por hoje é só, senhores.

Todas as informações foram reunidas num relatório naquele dia. Era o segundo relatório coletivo feito em Lyon.

Depois da saída de todos, apenas Reuter ficou no departamento, rabiscando no bloco de anotações que tinha diante de si. Ele desenhava formas em espiral, ou em perspectiva, ou cubos uns sobre os outros, estrelas uma dentro da outra, ou a forma dos olhos de Roxana. Parecia distraído e cansado,

entretanto sua mente ainda se fazia perguntas. Podia ver as luzes da cidade envolta em névoa que corria rápida varrida pelo vento. Ficou observando, ouvindo os ruídos do que transcorria normalmente lá fora.

"Normal! Que é *normal*, afinal? Para mim, o normal é dia após dia percorrer o caminho do crime e tentar coibi-lo. Como se isso fosse possível, e mesmo assim eu continuo aqui. O meu mundo normal é muito perigoso. Em cada esquina pode estar oculto o perigo, as articulações do 'Mal'".

Reuter abriu diante de si o relatório médico da esposa da vítima, que já tinha lido, e embora não fosse de seu feitio, compadeceu-se dela.

"Para ela, a descoberta do 'Mal' foi algo muito inesperado. Porque ela levava uma vida normal. Ser esposa, filha, irmã, mãe, neta. Ter um trabalho normal. Um marido normal. Amigos normais, que se divertem e não discutem crimes obcecadamente

o tempo todo; e uma família normal, que se odeia e se ama ao mesmo tempo."

Ele olhou a hora no relógio de pulso. Logo teria que estar na estação. Chamaria um táxi.

"Se eu fosse normal, agora estaria fazendo sexo com minha parceira de trabalho, antes de tomarmos o trem para a Itália."

Ele balançou a cabeça como quem se condena e acha graça ao mesmo tempo. Discou na portaria da *Interpol* a fim de pedir que alguém lhe providenciasse um táxi. Sabia que seria rápido, por isso foi tratando de vestir o sobretudo marrom e embrulhar o pescoço num cachecol cinzento.

"Se foi assassinado, qual o motivo? Especialmente se o crime foi premeditado. Mas por que matá-lo? Poderiam ter pedido resgate. Vingança? Porém não parecia que tivesse inimigos. Era um homem bom, inclinado a ajudar as pessoas com generosidade. Crime passional? Teria uma

amante? Deixou-a, e foi morto? Ou o antigo parceiro da amante o matou?”

O toque do telefone esparramou momentaneamente uma nebulosa sobre sua linha de pensamentos.

— Estou descendo.

Ele pegou o bloco de anotações e jogou dentro da pasta. Enfiou o celular no bolso e se foi. No caminho rumo à estação, sua mente racional continuou esbarrando na mulher: Camille. Seria ele o responsável pelo seu interrogatório, dali a dois dias. Claro que Reuter sentia-se lisonjeado com a confiança depositada nele. O avô da vítima fazia questão absoluta que ele presidisse o inquérito de sua neta. Tratava-se de um empresário de porte, presidente da *Logos Propaganda e Marketing*, um homem que se fez do nada, um empreendedor nato, inteligentíssimo, e que construíra um verdadeiro império.

Era realmente muito lisonjeiro.

***

2 de dezembro, Mantova

O médico jovem e simpático, de óculos e camisa branca impecável, foi o primeiro a falar. Tinha um *laptop* diante de si e algumas anotações à parte.

— A paciente de 40 anos, branca, de naturalidade francesa, iniciou o quadro agudo da doença há cerca de quatro semanas e chegou ao serviço de pronto-socorro do *Ospedale Carlo Poma* apresentando agitação intensa, agressividade, sinais negativos e discurso desconexo com presença de delírios — disse o doutor Eldred, com as mãos cruzadas sobre a mesa. — Assim que foi internada aqui na Psiquiatria, optamos pela medicação antipsicótica menos incisiva e mais sedativa, dados os sintomas mais exuberantes não serem o delírio e as alucinações, mas o quadro de agitação e insônia significativa, associada a intensas crises de choro e negativismo.

O agente Reuter ouvia atentamente ao lado de *monsieur* Akhila.

— Ela evoluiu lentamente com melhora da insônia e irritabilidade, mas dando lugar à apatia associada ao isolamento. Permanece muito tempo em seu leito. Mantém-se inapetente. Durante o acompanhamento psicológico, fala frequentemente no marido, como os senhores comprovarão. Os delírios envolvendo uma espécie de "Mal Maior" na morte mesmo persistem, mas agora ela geralmente toca no assunto apenas se é inquirida a respeito.

— Ela admite que ele esteja morto? — indagou Reuter.

— Sim.

— Mas não chegamos ainda a essa conclusão. Embora seja provável.

— Ela assume a morte. Mas a envolve em delírios, o que nos leva a crer que a crise está controlada, mas ainda não em remissão. É necessário esperarmos pelo menos seis a oito

semanas antes de acreditarmos que ela está resistente ao tratamento farmacológico.

— E caso esteja? — volveu o agente da *Interpol*.

— Haverá mudança na medicação e esperaremos mais seis a oito semanas. Contudo, ela poderá ser transferida para a França, eu creio, se não houver nenhuma intercorrência na evolução e ela reagir bem a esse primeiro tratamento medicamentoso. Não temos dúvida agora quanto ao diagnóstico de esquizofrenia aguda. Se evoluir como esperamos, seria muito boa a volta para a França. Manter a paciente em contato com a família, para lhe prestar apoio, seria muito salutar.

O policial ficou em silêncio algum tempo, girando a caneta entre os dedos.

— Muito bem. Podemos chamá-la, então — afirmou ele em seguida.

— Perfeitamente.

Reuter, Monsieur Akhila e Roxana ficaram em silêncio enquanto esperavam. A saleta era

relativamente apertada para tanta gente. Momentos mais tarde o doutor Eldred adentrou novamente o recinto, desta vez acompanhado por uma mulher alta e ruiva, muito bonita apesar da vestimenta hospitalar, do olhar perdido e da falha no couro cabeludo onde o cabelo tinha sido raspado. Reuter olhou-a enquanto ela se acomodava na cadeira diante da mesa onde ele estava sentado. Se dependesse de uma decisão dele — se isso fosse possível —, não a interrogaria mais. Diante deles estava uma mulher que apresentava muito visíveis os sinais do sofrimento; ela sem dúvida não tinha a menor participação no desaparecimento de seu marido. A um sinal de aquiescência discreto do médico, Reuter estendeu a mão para Camille.

— *Bonjour*, *madame* Camille. Sou o encarregado do caso de seu marido, agente Reuter — ele lhe deu um sorriso breve. — Está confortável?

Ela apertou a mão dele de volta, olhando-o com curiosidade.

— Eu estou bem.

— Importa-se que o senhor Akhila permaneça conosco? Ele é seu advogado. Creio que seu médico já tenha lhe informado.

O advogado sorriu, sentado numa cadeira um pouco mais distante da mesa. Reconhecendo-o, Camille sorriu de volta, sem vigor.

— Seu médico também ficará aqui, apenas para tomar conta de você, *d'accord*? Ele poderá intervir caso você precise de ajuda. E aquela — indicou Roxana — é minha assistente. Estamos todos aqui para ajudá-la da melhor maneira possível. Se precisar parar por qualquer motivo, basta me sinalizar.

Camille ficou quieta e baixou os olhos para as mãos. Não lhe importava quem ia ficar ali, ou não. Não fazia diferença. Ela não ligava. Certamente que não ligava. O assunto imediatamente deixou sua mente e ela continuou olhando o contorno dos dedos. Ainda sentia falta da aliança de casamento e

passou a ponta dos dedos devagar no lugar onde ela costumava ficar. Ouviu uma voz meio de longe:

— Podemos começar, *madame* Camille?

Era terceira vez que Reuter fazia a pergunta.

— *Oui*.

— Vamos apenas conversar. Não se trata de um interrogatório. Encare como uma conversa. No momento, sua saúde é prioridade. Entende?

Ela assentiu com a cabeça. O corpo pesava, a cabeça parecia flutuar e sentia muito sono. Desde que estava internada aquele sono a perturbava; era como se nunca estivesse realmente desperta. Por outro lado, era bom simplesmente dormir, dormir e dormir. Era o seu escape.

— Poderia falar-me sobre Ethan? — Reuter não direcionou a pergunta, deixando-a livre para começar do modo como quisesse. Ele queria ver qual seria sua abordagem.

— Sei que as investigações não acabaram — Camille disse.

— Exato.

— Mas vocês não vão encontrá-lo — ela falou de forma suave, sem erguer os olhos.

Naresh Akhila sentiu um leve sobressalto em seu interior. Por mais que não desejasse envolver-se emocionalmente, era difícil não fazê-lo. Lembrava-se de Ethan, jovem e cheio de energia, começando a trabalhar com o *Nonno*. Lembrava da moça ainda mais jovem que ele, não mais que uma menina, cujo casamento presenciara.

— Por que não o encontraremos?

— Ele já foi levado. Já não existe.

— Não existe.

— *Oui*. Ele morreu. O mataram. E eu sei que não é possível encontrar o corpo. Já não existe.

— Por que não encontraremos o corpo?

— Não existe mais.

— Por que você diz isso?

— Não há modos de fazer alguém sumir totalmente? — ela demonstrou leve irritação.

— *Oui*, é possível. Mas por que acha que alguém o matou?

— Não queriam que permanecêssemos juntos.

— Por quê?

— *Je ne sais pas*. Talvez porque o amor incomode os maus.

— Quem são os maus?

— *Je ne sais pas*.

— Seu marido recebeu algum tipo de ameaça? Você saberia dizer?

— *Non*.

— Não recebeu, ou você não sabe?

— Ethan estava igual. Seu sorriso. Seu cheiro. Seus olhos. Ele teria me contado.

— Ele tinha inimigos?

— O normal — ela deu de ombros. — Ninguém agrada todo mundo.

— Então ele tinha?

— *Non*.

Reuter fez uma pausa, esperando. Mudou de direção.

— Como era seu relacionamento com ele?

Camille sorriu devagar, e ergueu a cabeça. Os olhos dela eram profundamente verdes e Reuter julgou ver um vislumbre de emoção naquela figura pálida e anuviada.

— O melhor.

— Poderia ser mais específica?

Camille sentiu uma onda de indignação perfurando seu cérebro. Isso era específico.

— Eles não me devolvem o meu ovo — ela se virou para trás, onde sabia estar o doutor Eldred. — Eu já lhe disse isso, *n'est-ce pas*? Não podem ficar com ele!

— Não ficaremos com ele, Camille. Foi entregue a *signore* Arthuro, como eu lhe expliquei. Eu lhe expliquei, não foi?

— Eu não vi meu *Nonno* aqui nenhuma vez. Como pode estar com ele?

— Ele esteve *qui*. Você não se lembra mais. Nessas primeiras semanas não podemos deixar que ninguém a visite. Seu ovo já está em sua casa, na França.

Ainda indignada, ela se voltou devagar para frente. Olhou o policial nos olhos.

— O senhor é casado, detetive?

— *Non*. Mas eu já fui casado.

— Como pode julgar então o relacionamento dos outros?

— Não julgo. Quero só saber o que você acha.

— Era o melhor. Comemoramos meu aniversário... — ela baixou a vista rapidamente; sua respiração acelerou e um leve tremido saiu em sua voz — meu aniversário... e nosso aniversário de casamento poucos dias antes dele... viajar para cá. A escolha dele foi tão especial. Tudo foi especial. Refizemos nossos votos. Ele me deu o ovo, e a surpresa.

— Surpresa?

— Um pingente de coração. Ele disse que toda "garota" precisa ganhar um coração do "namorado"; e eu nunca tive um coração. Então ele me deu. Significava que estava dando para mim o seu próprio coração por mais vinte anos de casamento, como ele disse — Camille sorriu de si para si, num lampejo, mas logo seu semblante descaiu novamente. — Mas eles estão com o meu ovo, e com o meu coração. Fazem com que Ethan se torne ainda mais distante... e depois querem que eu fique melhor.

— Você está melhor?

Ela deu de ombros.

— Haveria alguma possibilidade de seu marido ter uma amante? — indagou Reuter, de chofre.

Camille ergueu os olhos lentamente, seus punhos se cerraram. O doutor Eldred ficou apreensivo e Naresh Akhila retesou-se em sua cadeira. Roxana somente olhava Camille atentamente; ela mirou Reuter dentro dos olhos,

como se quisesse arrancá-los. O policial sustentou o olhar sem mexer um músculo.

— *Non* — ela respondeu.

— Como sabe, Camille?

— Uma mulher sempre sabe.

Afora o aspecto sofrido e os olhos estranhamente distantes, ela parecia lúcida. Seria mesmo um caso psiquiátrico?

— Nunca teve dúvidas?

— *Non*.

— Por que ele veio à Itália?

— Para o curso. Sempre viajava.

— Sozinho?

— Às vezes, sim, outras vezes, não — ela se calou. A cabeça baixou ainda mais e a figura dela era a própria expressão da tristeza. — Eu nem me despedi direito... apenas tomamos café juntos de manhã... depois eu fui para a minha loja. Foi o último dia feliz da minha vida, e eu nem me dei conta.

Ela começou a descrever como tinha passado o último dia de felicidade de sua vida nos mínimos detalhes, de súbito parecendo uma pessoa bem diferente. Mais frágil, mais assustada, de repente. Aquelas emoções não estavam presentes segundos antes. Reuter inclinou-se para frente a fim de ouvir. Ela falava de Ethan com incrível sensibilidade, externando seu amor por ele. Por fim, ficou apenas balbuciando palavras para si mesma.

— Eu te amo tanto, Ethan... por que você não me ligou? — por alguns instantes ela parecia alheia à presença dos outros. Puxou as pernas para cima da cabeça e as envolveu com os braços. — Por que foi embora? Eu sei que você não queria ir embora! Como viverei agora? Eu sei que não houve tempo... não deu tempo de você e eu nos amarmos o suficiente...

Um choro gutural, lamentoso, saía de seu peito.

— Eu vi você. Vi a luz. Por que ela não nos protegeu?... o Mal venceu... por quê?

Balbuciava cada vez mais baixo, e se encolhia na cadeira. Reuter ergueu os olhos para o médico, que se aproximou e colocou a mão num dos ombros dela.

— Camille...

Ela continuava na mesma posição, gemendo.

— Camille. Olha pra mim.

Aos poucos ela obedeceu. As lágrimas escorriam.

— Estamos aqui para ajudá-la. Você acredita nisso?

Ela ficou olhando para ele, ainda deixando extravasar sons de profunda e estranha tristeza. Naresh Akhila esforçou-se para não pensar no quanto aquilo parecia clichê.

— Lembra-se do que estamos fazendo? — continuou Eldred.

Camille passou o olhar do médico para Reuter, devagar. Seu olhar endureceu outra vez. Não gostava daquele homem. Ela ergueu o tronco e o

policial tentou sorrir, mas a tristeza dela não lhe permitiu tal gesto; ele apenas continuou:

— Por que você veio para Mantova?

Ela inspirou fundo.

— Eu precisava. Se não viesse ver com meus olhos... não conseguiria acreditar.

— O que você queria ver?

— O lugar onde ele esteve. O carro que usou. O caminho onde caminhou pela última vez.

— Você sabia por onde ele caminhou?

— O gerente Francis me disse o melhor caminho até a *Piazza Virgiliana*. Imaginei que teria indicado o mesmo para Ethan.

— E por que você queria fazer isso?

— Queria um último sinal dele. Imaginei que aqui eu poderia encontrar.

Reuter passou a perguntar em detalhes sobre a viagem e Camille respondeu a todos os seus questionamentos. A polícia já havia investigado o trajeto de Camille na Itália e checado todas as

informações sobre o que ela havia feito. Do mesmo modo, checaram os últimos dias dela na França, onde estivera e com quem. O quarto de Camille no *Abacus* tinha sido verificado e todos os pertences de Camille passaram pelas mãos da polícia. Não havia nada que ela houvesse acrescentado até agora em termos de informação. Contudo, Reuter tinha certeza de uma coisa: ela amava seu marido.

O único item que não fazia sentido era o medalhão no cordão de couro.

— Você se julga religiosa?

— *Non*.

Camille parecia cansada e exposta demais. Seus ombros estavam encurvados e seu rosto estava mais pálido. Os cabelos sem vida e maltratados pendiam num rabo-de-cavalo nas costas que Nerush Akhila olhava toda hora. Ela estava destruída. Olhou para Eldred como quem diz:

"Já não foi suficiente?"

Ele assentiu levemente com a cabeça e olhou para Reuter. O policial tirou de dentro de uma caixa o cordão arrebentado com a medalha na ponta.

— Camille, você chegou no pronto-socorro com isto nas mãos — ele colocou sobre a mesa o objeto que Camille não via há dias.

Ela ergueu os olhos e ele viu o terror tomar conta dela rapidamente:

— Onde *monsieur* encontrou isso?... Esse é o sinal do que eu disse! Por isso ele não existe mais! É um sinal do Mal, o Mal Maior que Deus... o Mal Maior que Deus... o Mal Maior que Deus... o Mal Maior que Deus...

Ela empurrou a cadeira para trás com violência, visivelmente em pânico. O médico foi rápido e segurou-a com firmeza, ajudado pelo advogado.

— Calma, Camille! O que isso significa? É seu?

— Não é meu! Não é! Mas é o sinal do que eu disse, não vê? Não vê? Não se pode fazer mais

nada... nada... nada!

Ela deu um impulso violento para frente, para escapar, mas não conseguiu.

— Não quero ver isso, não me faça ver isso. S'il vous plaît...

— Ela não está bem — disse *monsieur* Akhila.

Inabalável, o médico convenceu Camille a se sentar no pequeno sofá no canto da sala, onde ela permaneceu chorando, com as pernas encolhidas e o rosto entre os joelhos.

— Ela não está bem — repetiu o advogado.

— Mas não está fora de controle — rebateu o médico. — Não preciso apagá-la.

Reuter estava impassível, olhando ora para Camille, encolhida no sofá, ora para o objeto estranho. Por sua vez, Eldred fez uso do interfone e pediu medicação na enfermaria para a paciente. Quando ouviu a campainha da porta trancada a chave, abriu-a cuidadosamente, com um olho no enfermeiro troncudo e outro em Camille.

A medicação foi aplicada sem que Camille oferecesse resistência. Apenas uma leve contração do músculo quando a agulha penetrou.

— Você vai ficar melhor logo — disse Eldred pousando a mão sobre sua cabeça escondida.

O enfermeiro saiu sem dizer uma palavra. Parecia não se importar. Na realidade não se importava mesmo.

Logo todos perceberam que a paciente relaxava. Ela tirou a cabeça de entre os joelhos e deixou-a pender para trás, sobre o encosto do sofá. O rosto ainda molhado, os olhos fechados, a expressão de dor ainda presente. Mas sua respiração acalmava. Naresh Akhila estava incomodado que a sessão não fosse interrompida.

— Creio que podemos continuar depois — ele disse.

— Uma última tentativa — Reuter levantou e arrastou uma das cadeiras para perto de Camille, no sofá.

Eldred não se mexeu.

— Camille? — Reuter tocou num de seus joelhos numa leve batidinha.

Ela continuou com a cabeça caída para trás.

— Esse colar não é seu... era de seu marido?

Os três ficaram esperando pela resposta. Quando parecia que ela não viria, ouviu-se um fio de voz.

— *Non*.

— Onde o conseguiu?

Nova pausa. Mais curta.

— Eu encontrei.

— Onde?

Camille tentou engolir. Sentia a boca muito seca, mas o desespero e o terror tinham quase desaparecido. Será que falar naquilo faria alguma diferença? Ela sabia que não. Mas também sabia que eles só iriam embora quando estivessem satisfeitos. Aos poucos disse como o colar viera parar em seu poder. Dali em diante, seguiu-se

novamente a questão do “Mal”. Reuter desligou o gravador e interrompeu o interrogatório.

***

9 de dezembro, Mantova.

Do lado de fora estava chovendo muito, mas Camille não se dava conta. Um buraco negro, que sugava tudo feito um ralo de pia gigantesco, tinha sido chamado à existência e engolido o que ainda restava dela. Na verdade, mesmo a imagem de um buraco negro em suspenso no espaço estava aquém de descrever seu estado. Dentro dele, prisioneira e sem chance de saída, ela tinha sensação de que seu corpo fora distendido, repuxado em todas as direções por uma estranha energia e agora se achava envolvido numa espessa escuridão, e água. Era um buraco negro; ela sabia. Pressão. Trevas. E também muita água.

Sem encontrar palavras há vários dias, nada com que exprimir a dor, apenas podia senti-la em toda sua intensidade brutal. Ela sabia por que as palavras estavam vazias e lhe escapavam, rápidas como cometas, sem que fosse possível retê-las ou compreender seu significado. Tinham sido distendidas pelo buraco junto com sua mente, e se foram, afogadas pelo mar. Por isso ela já não podia falar.

As cores. Elas também haviam desaparecido. Não conseguia enxergá-las. Não havia nada para ver, o mundo ao seu redor já não existia, exceto pelas vigas de madeira escura que mergulhavam na escuridão e o relógio muito, muito pequeno flutuando na água. Como ela. Ela também flutuava, desagregada, e percebia aquele som áspero e excruciante que lembrava vagamente o que um dia fora sua respiração. Nada de serenidade naquele som, nenhuma paz, antes um sentimento medonho de estar presa no mais extremo abismo, carregado

de desespero. Ela sabia, intuía que os espinhos cravados na carne do coração não seriam jamais arrancados.

Mas, estaria mesmo respirando? Não conseguia discernir a realidade do pesadelo: seu tórax comprimido por bilhões de litros de água negra. A água entrando nos pulmões, fazendo-os explodir. Respirar — ou se afogar? — doía.

Por algum motivo bizarro ainda estava viva.

Realmente estava viva? Não parecia provável que ainda vivesse, não sabia a resposta, contudo, se vivia, por que tardava tanto o aguilhão da morte? Por que estava ali presa se não estava morta?...

Sem palavras, sem cores, sem formas, seus olhos às vezes tentavam encontrar o fim das vigas sem nenhum sucesso. Cega, muda e acuada como um cavalo selvagem laçado para nunca mais ser solto, consumia-se, perdida, alheia ao tempo.

Que tempo?...

Não havia mais horas, ou dias. Não compreendia o sentido do tempo, entretanto algo a perturbava especialmente. Toda vez que num fugaz relance de olhar enxergava o relógio, cada vez menor, percebia que os ponteiros sempre marcavam três horas. Ela sabia que eram três da madrugada, não havia mais sol para brilhar, a noite agora era eterna e seria para sempre três horas.

Três horas da madrugada para sempre.

Não conseguia se mexer.

Antes — algum momento do "antes" — ela reagia numa explosão ensandecida de gritos, cólera, vômitos, ferimentos e muitas dores pelo corpo, dores infindáveis. Agora não. Agora não podia mover-se porque a força da energia do buraco negro era muito forte, tinha sugado a força do seu corpo. Sua mente esvaiu-se do cérebro em bolhas como de óleo, pensamentos vazando dentro da água. Iam para longe rapidamente e ela não podia pegá-los de volta. Não *queria* pegá-los de volta.

Assim, talvez conseguisse ficar livre da ideia grudada no interior da cabeça como um crustáceo aderido à rocha. A mesma ideia indelével e obsessiva o tempo todo, sem descanso, sem pausa, num processo lancinante e pavoroso: a certeza absoluta de que não havia nada para ela além da mais pura solidão. Uma solidão tão pétrea que ia esmagá-la por completo.

Talvez, *somente* talvez, a morte pudesse apagar aquela coisa indo e voltando, indo e voltando, voltando para destruí-la.

Mas... já não estava morta...?

***

12 DE DEZEMBRO, MANTOVA.

Um cadáver boiava num profundo oceano, seu cérebro se espalhando, sendo sugado. Os olhos se desfaziam, carcomidos e podres, não havia mais cores nem luz, tudo eram trevas.

As vigas estavam no alto, invulneráveis. Ainda doía! Respirar doía. Por que doía se estava morta? A morte não pode expugnar a dor, não pode poupá-la, então?

"Não há alívio na morte."

É que não era o momento ainda, ela somente precisava se permitir desintegrar por completo.

Por que demorava tanto?

Não, não demorava, já tinha acontecido. Estava morta. Aquela prisão era a morte. A escuridão, a solidão e a dor eram a morte.

***

22 DE DEZEMBRO, MANTOVA.

Estranhamente seu coração ainda batia dentro do peito. De vez em quando ela podia escutá-lo, só que não sabia que era o seu coração. Fazia um ruído surdo e longínquo, não vinha de dentro dela. Estava em algum lugar do abismo, batendo fora do seu

corpo. Não era dela. Também tinha sido sugado e, espremido como numa camisa de força, agonizava fora do ritmo. Um martelo cansado querendo parar.

Ela já não chorava. O poço secara, rachara como a terra árida, não havia mais lágrimas; somente um gemido silencioso e insone que queria estremecer o corpo. Por baixo da fina crosta que restava dela a angústia queimava e agitava-se como o Etna. Não havia mais o que explodir. A cratera no seu interior fervilharia para sempre como as mais densas profundezas da terra.

“Sozinha para sempre”.

O pavor mais avassalador. Ela não sobreviveria! Não daquele jeito!

Seus olhos estavam fixos no teto há... quanto tempo?... horas? Dias? Por um motivo inexplicável ela contava o número de vigas, indo e vindo, na mesma maré dos pensamentos. Não entendia porque elas estavam lá.

“Dezessete... dezoito...”

Fazia muito frio. O frio vinha de dentro das suas entranhas porque não havia luz para aquecer. Seus pés tinham sumido. A dor na nuca repuxava, irradiava por toda a cabeça em infinitos pontos dolorosos. Se dormisse, era possível que morresse; se desfaria em fiapos, finalmente. Mas não dormia. Nunca dormia, as ideias não deixavam. Apenas desmaiava.

As sombras lhe causavam medo. As pesadas vigas que pairavam assustadoramente sobre ela estavam pretas.

“Oh, sim...”

Era um caixão.

Estava num sepulcro?

No inferno?

“Non...”

Sua cabeça pesava tanto, afundava como uma bigorna no oceano.

“Trinta... trinta e um... trinta e dois...”

Não havia mais volta. Escondida num lugarzinho qualquer da sua memória, a presença da mão de alguém ao redor dos seus ombros era tão indistinta como borrões de tinta numa tela sem contornos, sem dimensões, infinita.

Então ela apenas ficava ali como um objeto grotesco. Fruto de um decreto funesto feito com a empáfia do destino.

“Você está sozinha para sempre...”

No meio das sombras havia olhos que observavam. Às vezes havia vozes também, cada vez mais frequentes, e elas falavam dentro de sua cabeça sem cérebro, outras vezes ao pé do ouvido, e repetiam sem parar que agora ela estaria sozinha para sempre.

Sozinha. Para. Sempre.

***

Uma mão forte e pegajosa segurou sua garganta e ela não conseguia respirar, nem mesmo se afogar, o

que fosse. Um peso opressivo surgiu na cabeça e no coração quando o abismo girou vertiginosamente e as vigas ficaram de cabeça para baixo. Um barulho chiava como água fervente e um terror pavoroso, a mais pura sensação de destruição, a inundou. Era hora, era a hora do beijo da morte! Só havia o martelar surdo do coração e a respiração rápida e entrecortada.

Então, por algum motivo desconhecido ela enxergou algo além. Uma porta abrindo. Um rosto familiar. Não se lembrava de quem era; alguma coisa estava diferente em suas feições deformadas como argila, grande demais, escura demais, com olhos de petróleo profundos e gelados. Era só um pesadelo, não era real.

Queria gritar, mas sua garganta estava cheia da água do mar. Em profunda angústia, seu olhar girou e bateu no relógio.

“Três hor...”

Gosto do medo na boca, no meio do peito, em cada horrível neurônio daquele cérebro despedaçado. Suas pupilas dilatavam na escuridão. Ela queria poder enterrar os dedos na própria carne até fazê-la sangrar em jorros, até arrancar pedaços. Como se, sangrando, pudesse apressar alguma coisa.

Sua garganta emitiu algo como um ganido, de repente.

***

23 de dezembro, Mantova, madrugada.

— Eu a vi — disse o homem de cabelos loiros permeados por mechas brancas. — Nossos guardiões me acompanharam. Já perdeu o brilho. Está acabada. De fato, alguma coisa ela sabia, e não sei como descobriu. Mas, não importa.

Seus olhos profundos, azuis-piscina, refletiam a luz do fogo. Ele continuou:

— Ela encontrou o medalhão, mas nosso amigo Eldred já se encarregou de dispersar a polícia e mantê-la um pouco mais de tempo fora de circulação. “É apenas um objeto de delírio”. Espero que no futuro você não cometa mais erros tolos — e a voz soou áspera.

— Não cometerei — a outra voz defendeu-se, também áspera. — Quanto a ela: já não chega? Não quero que a matem.

— Não pretendemos matá-la. Se fosse menos curiosa estaria a esta hora em casa. Vamos mantê-la afastada da França um pouco mais de tempo. Se desfaça dos objetos. Já chega de cultuá-los. Pensa que pode dar as ordens, agora?

— Disseram que eram meus. Não me desfarei deles! É meu trunfo.

— Seu trunfo... seu arrogante... já foi entregue.

— Mas os objetos me foram dados. Preocupe-se com outra coisa.

— Não há nada com que nos preocuparmos. Tudo já foi feito. Minha única preocupação é sua arrogância fora de lugar. Há tempo e modo para tudo, não se esqueça. Deixar pistas é um grande erro. Errar é um luxo que não temos.

Parte III

1

La Terreur

Era novamente outubro. Quase um ano sem a presença de Ethan. Aproximava-se a data do aniversário de Camille e, junto com ela, o primeiro aniversário de casamento vazio. O ano que se passara tinha sido igualmente vazio. Depois de uma internação de quase quatro meses na Itália, Camille regressara a um lar vazio e uma vida vazia. Agora era somente ela em sua solidão. Kilaim mostrava-se sempre muito carinhoso, e havia Anne-Sophie... entretanto... para Camille isso tudo era vazio,

mesmo que desejasse o contrário. Sempre lhe diziam que ela ainda tinha dois filhos, tinha família. Mas, era em vão. O brilho da vida tinha desaparecido. O brilho dela tinha desaparecido. Parecia até que o tom de verde claro dos seus olhos escurecera; seu amplo sorriso nunca mais se abriu, e a risada gostosa, contagiante, tornara-se curta e sofrível.

Na França, passou por mais duas internações, de modo que quase dois terços do ano foi vivido em enfermarias. Depois da última alta, consideravam-na apta para a vida, fosse lá o que isso quisesse dizer. O surto psicótico tinha sido controlado, mas restara a depressão, e isso era quase tão ruim quanto uma camisa de força, porque roubava a esperança da vida. Uma vida sem esperança... que resta, então? Pelo menos, agora ela estava mais ajustada às medicações. Camille sabia que continuaria sendo medicada por longo tempo,

talvez para sempre. Mas ela evitava pensar nisso. Na verdade não lhe importava.

"O importante é você ficar bem", diziam todos, em coro.

Alannah e Pietro continuaram muito presentes, preocupados com a saúde frágil dela, que começava a dar os primeiros sinais de melhora visível, ainda que fossem sutis. Evitavam deixá-la sozinha muito tempo, especialmente à noite. Alannah já se acostumara à rotina de passar três noites por semana na casa da cunhada, deixando as filhas a encargo do pai delas, ou de sua mãe. Pietro revezava com Alannah, já que seu companheiro René era flexível e sensato, sabia que uma amiga tão antiga e especial quanto Camille merecia os cuidados que ele lhe dedicava. Vez por outra *madame* Lyla vinha também ficar com a neta.

Signore Arthuro visitava Camille com a frequência que a idade lhe permitia, bem como os negócios, para dividirem *une thé* e profundas

conversas. Geralmente Camille acabava ficando muito sensível com as visitas do *Nonno*, e chorava lágrimas profundas e dolorosas ao recordar de seu marido. O jeito dele, as manias, as graças, o sorriso maravilhoso, seu amor quente como raios de sol. Foi com *signore* Arthuro que ela conseguiu, pela primeira vez, abrir álbuns de fotos e olhar vídeos antigos. Por algum motivo ela sentia junto ao ancião, agora já de cabelos totalmente brancos e ombros mais encurvados, uma firme confiança que se expressava através da premente necessidade de falar sobre Ethan. Falar e recordar. Talvez porque ele fosse o único que tinha amado Ethan quase tanto quanto ela.

Os demais, ainda que perplexos e confusos com a história daquele casal, ainda aturdidos com o desparecimento inexplicável de Ethan, tinham uma espécie de acordo tácito que os levava a não discutir o assunto e tentar afastar Camille do passado, aos poucos, incentivando-a a seguir em frente. Falavam

de outras coisas, tentando mantê-la ligada ao que acontecia no mundo externo. Convidavam-na para sair — o que ela geralmente recusava. Convidavam-na para viajar — impensável. Convidavam-na para ir às compras — mas ela não tinha vontade. Convidavam-na para o cabeleireiro e a manicure — mas Camille continuava a colorir ela mesma as raízes ruivas em tom preto, o cabelo estava bem curto, e roía sem parar as unhas. Convidavam-na para visitá-los em suas próprias casas — e Camille foi, uma ou duas vezes, para não ser tão antipática, mas não via a hora de voltar para casa.

Não havia espaço no seu coração para conversas infindáveis, confraternizações, jantares, passeios ou divertimentos. Seu luto, espesso como um manto de veludo negro, e a presença de Ethan em sua mente e seu coração, em seus sonhos diários, eram mais fortes do que todo o resto. Quase mais fortes que a própria vida.

O máximo que conseguia aceitar, e suportar, eram as visitas esporádicas de *madame* Lyla, do *Nonno,* e a presença tranquila de Pietro e Alannah pela casa, ajudando nisso ou naquilo, sentando-se com ela para um jantar simples ao som de uma música suave, seguido de um período de leitura ou conversas amenas, ou simplesmente um filme na TV de plasma, que Camille quase nunca conseguia assistir até o fim, pois ainda sentia-se letárgica e com muito sono. Ela ia para a cama sempre antes dos seus acompanhantes, os quais, somente depois de vê-la adormecida é que suspiravam de alívio e iam cuidar de seus afazeres, acessando a Internet, dando telefonemas ou trabalhando em algum projeto, no caso de Pietro, ou adiantando tarefas atrasadas, o modo contínuo da vida de Alannah.

Camille não desejava ver a mãe ou outros familiares. Apenas estabeleciam uma ou outra conversa curta pelo telefone.

O doutor Alphonse Odilon, psiquiatra de Camille, o qual vinha acompanhando sua terapia, sabia que o trabalho seria longo e difícil, mas tinham conseguido estabilizar as crises terríveis que perduraram, com altos e baixos, por meses a fio. Parecia surgir agora uma pequena réstia de luz, uma frágil centelha descortinando-se na cela escura e fria em que ela esteve reclusa desde a perda do marido. Podia-se dizer que o pior tinha passado. Mesmo que Camille tivesse abandonado sua arte, sua dança e até mesmo a loja, que estava sendo administrada por uma gerente que se limitava a mandar refazer modelos que Camille tinha criado antes de toda a tragédia acontecer. Alannah e Marcel tinham selecionado a moça, que entendia de moda, para um período temporário na loja, prometendo-lhe uma promoção se fizesse um bom trabalho, quando a dona da *grife* retornasse. A loja mantinha-se em pé, mas Camille não se importava mais. Talvez um dia o ânimo e a energia criativa

retornassem; ela não conseguia agora, não podia, mesmo se quisesse. Tudo aquilo era vazio. Como uma fonte que um dia tinha jorrado vida abundante, mas que agora exibia apenas o fundo lamacento, com pedras roliças cobertas de limbo e folhas esmagadas, sem sinal de vida.

Depois de quase um ano do sumiço de Ethan a investigação fora encerrada e arquivada. *Signore* Arthuro deu a notícia a Camille com cuidado, o que ela escutou com relutância e apenas deu de ombros. Ethan não voltaria. Que lhe importava o processo? Interrompeu o *Nonno*, sem querer saber detalhes.

Ela já sabia que não receberia o seguro de vida porque o corpo do marido não tinha sido encontrado. Ainda pairava a hipótese dele ter sumido por conta própria.

Não ligava para isso. Na verdade, nem queria aquilo. Era mórbido. Não precisava de dinheiro. O valor da venda de seus quadros, ao longo dos anos,

fora investido em ações diversas e em ouro, o que lhe conferia uma considerável soma. A loja rendia-lhe o bastante para as despesas mensais, mesmo funcionando no "piloto automático". O patrimônio não terminava por aí, ela possuía a casa em Lyon, o antigo apartamento de Ethan e um pequeno bangalô na praia, no sul da França, uma região nobre. Não poderia vendê-los, uma vez que estava em nome de ambos. No entanto, poderia usufruir de tudo.

Signore Arthuro — sempre disposto a ajudar com generosidade — continuava depositando na conta de Camille o salário de Ethan, com bônus extras, além de custear seu tratamento médico.

***

Embora continuasse mostrando-se amoroso para com a mãe, de uma forma nunca antes demonstrada, Kilaim parecia ter perdido o pouco que lhe restava de uma adolescência normal.

Prestes a completar catorze anos, tinha aparência de dezoito e uma péssima tendência em associar-se a pessoas rebeldes, questionadoras do sistema e com tendências a exagerar nos “divertimentos”: baladas, álcool, adrenalina, mulheradas. As pessoas “normais”, mais ajustadas, pareciam extremamente entendiantes, na visão de Kilaim. Ele queria superação, queria desafios, queria aventuras, queria transformar as impossibilidades de uma sociedade decadente e cheia de demagogias em possibilidades pessoais. Esse lado voluntarioso mostrou-se mais presente depois da tragédia que se abateu sobre a família.

Entretanto, seu perfil solitário, característico de sua infância, continuava existindo. Ele ainda passava horas ao piano, quase em transe, tocando nostálgicas melodias que davam lugar bruscamente às músicas pesadas e densas. Ele perdia-se em seus acordes enérgicos como um navegante em alto-mar, cheio de paixão e virtuosismo. A música

penetrava-lhe a alma, perfurava seu cérebro como se as notas fossem agulhas, atingia seu coração fazendo-o vibrar descompassado, lhe rasgava o espírito.

Nessas horas ele não queria pensar, só sentir. Despencava de cabeça, as visões iam e vinham diante de seus olhos, era difícil distinguir o real do imaginário. Ele próprio misturava-se à música. Às vezes tocava aquilo que lhe vinha à noite, em sonhos, em pesadelos... e que apenas reproduzia, incansável. A música era-lhe como um anestésico, e ele sempre precisou de anestésicos.

Outras horas afundava-se em suas pinturas, freneticamente retratando em cores sombrias os profundos pesadelos, cobrindo cadernos e mais cadernos de desenho, vez após vez. As paredes do quarto ainda eram pintadas e repintadas, mas Kilaim reservava para elas os sonhos mais amenos. Aquilo que não chocaria demais as pessoas. Já os cadernos de desenho, alguns cobertos de esboços

feitos a lápis, outros pintados com cores vibrantes e estranhas, formavam pilhas na parte de baixo da estante, fechada com cadeado. Quando o frenesi lhe batia, enlaçando-o com grilhões invulneráveis, ele se trancava no quarto e rabiscava o caderno por horas, ouvindo música altíssima nos fones de ouvido, muitas vezes sem perceber o que desenhava até que tivesse terminado: paisagens estranhas, desoladoras, figuras espectrais de rosto deformado como máscaras venezianas, animais ferozes que não existiam no mundo dos homens.

Não lhe agradava que vissem esses desenhos, criados no submundo do seu inconsciente, como se retirados das profundezas do mar, de um lugar onde a luz não penetrava. Por isso a estante com cadeado. Não queria compartilhar com ninguém aquela faceta de seu ser. Para mostrar o talento que herdara da mãe, deixava o seu lado menos febril elaborar pinturas criativas, coloridas e expressivas para as paredes do quarto.

Havia também as brochuras — guardadas com o mesmo cuidado, ao lado dos cadernos de desenho — onde ele escrevia. Gostava de poesias e escrevia muitas, geralmente sombrias, as quais efervesciam dentro dele e jorravam de tempos em tempos como gêiseres; mas também uma infinidade de traduções de textos em latim, sânscrito, grego e aramaico sobre alquimia, religiões antigas, mitos, lendas e cultura de antigos impérios como a Babilônia, a Assíria, o Egito, os Persas e os Celtas, dada sua facilidade e interesse pelas línguas antigas e História.

Estudara e copiara minuciosamente os manuscritos do Mar Morto, escritos raros de Salomão, informações antigas sobre ocultismo e suas práticas; avançara profundamente no conhecimento sobre as guerras da Humanidade e seu derramamento de sangue. Contudo, da mesma forma que os desenhos, ninguém sabia das poesias e dos textos. Eram coisas suas.

Haviam tentado — os pais e os médicos — acompanhar o desenvolvimento mental e psíquico de Kilaim, para não dizer o desenvolvimento intelectual e físico. Eram esforços perdidos, porque não era possível acompanhá-lo, e muito menos decifrá-lo. Quem o conhecia um pouco ficava com a impressão de que só eram visíveis umas poucas camadas externas de sua personalidade, as áreas mais superficiais. Entendiam que mais era impossível; e Kilaim também fazia questão que assim fosse. Ele pertencia a ele mesmo. Assim, por conta da anomalia que nunca tinha sido diagnosticada ou devidamente explicada, todos consentiam que ele levasse sua vida sem grandes questionamentos.

Acostumaram a vê-lo discutir pelo telefone em russo com um amigo que eles nem sabiam que existia, naquela língua que eles não tinham a menor ideia de como Kilaim tinha aprendido. Acostumaram-se que ele podia ler um livro de

matemática avançada em dois dias e fazer uma prova sobre o assunto sem cometer um erro. Acostumaram-se à sua indescritível habilidade com computadores e todo tipo de eletrônicos — sem saber que ele era um exímio *hacker* também. Acostumaram-se com seu crescimento impressionante, sua altura e força, o corpo de um jovem quase adulto que se desenvolveu no início da adolescência. Acostumaram-se às suas mudanças repentinas e abruptas de humor, passando de uma faceta quase dócil e sociável ao mais profundo ostracismo ou às crises de raiva por motivos tolos, como se o seu lado de criança ainda existisse em algum lugar escondido do seu corpo e mente.

***

Naquela noite, quando Kilaim chegou em casa pouco antes da hora do jantar acompanhado por seu amigo Adrien Bourgundy, que às vezes aparecia por lá, Camille estava muito cansada. Mais do que

de costume. As saudades de Ethan tinham-na consumido particularmente naquele dia, e ela aventurara-se a abrir o ovo Fabergé para pegar o pingente de coração. Ela o tinha guardado ali para sempre; não podia usar o pequeno diamante rosa, do tamanho de uma avelã pequena, no pescoço. O lugar dele era dentro do ovo.

Porém, ao abrir o porta-joias, viu que o diamante tinha enegrecido. Horrorizada e histérica, jogou longe o pingente e passou a tarde chorando, em companhia de Alannah, que aventava as mais diferentes hipóteses para aquilo ter acontecido. Mas havia medo em seus olhos, que Camille percebia. Por fim, Camille apenas pediu-lhe que jogasse fora o diamante e tentou deitar-se e dormir, mas não conseguiu. Ela ainda não se acostumara ao quarto do casal outra vez. Não raro no meio da noite se levantava, meio dormindo, meio acordada, e subia para o sótão, para seu *atelier*, afundando no *futon* fúcsia desbotado. Ali, conseguia desmoronar num

sono profundo, enfiada nas dobras macias do edredon, e quase se esquecia do seu terror.

Mas, naquela tarde, nem mesmo o *futon* conseguiu trazer-lhe descanso, de modo que Camille tinha levantado e, com a cabeça pesada, estava sentada na bancada da cozinha ao lado do cadeirão vermelho e amarelo de Anne-Sophie, dando-lhe a janta. A garotinha estava com pouco mais de um ano e parecia um anjo, com cabelos dourados e os olhos do pai. Ela ria enquanto batia sobre o tampo do cadeirão e mexia incansavelmente nas bolinhas que iam e vinham no brinquedo fixado à sua frente. Camille se esforçava para falar com ela de forma alegre, sem transmitir-lhe nenhum sinal de tristeza ou desânimo, mas não conseguia. Era evidente que o vínculo mãe-filha tinha que ser resgatado, depois de tantas ausências e em face da seriedade da doença de Camille. Anne-Sophie interagia bem melhor com Alannah e *madame* Verdoux, que tinham cuidado dela a

maior parte do tempo desde os quatro meses de idade.

Mesmo assim, naquele momento a boca da menina se abria, bem grande, a cada colherada. Era um pequeno triunfo naquele dia infeliz, pois em geral Camille sentia-se irritada e derrotada pela filha preferir o colo e a companhia das outras duas mulheres. Sentia-se infeliz quando Anne-Sophie gritava e se contorcia para descer do seu colo e subir no de Alannah, sem aceitar seus carinhos, encarando-a de longe de forma triunfante, ou como se tivesse medo dela. Até mesmo Pietro tinha preferência na ordem de prioridades da menina.

— Camille... — dizia Alannah com sua eterna meiguice, procurando consolá-la — isso vai passar. É só uma questão de paciência e de conviver com ela. Quando você brincar com Anne-Sophie, contar histórias e conversar com ela, tudo vai se ajeitar. Tenha paciência e não se cobre demais. Não é nada irreversível.

Camille derramava lágrimas sentidas e soluçava por alguns momentos, mas depois guardava a raiva e a frustração em algum lugar bem escondido do seu coração. A fatalidade tinha atingido a todos.

Camille ouviu a porta da frente batendo quando Kilaim entrou. Ele veio direto para a cozinha, vestido com seus *jeans* puídos e blusão de moletom da faculdade que havia acabado de começar, no início do outono. Os cabelos escuros batiam na altura dos ombros, desalinhados. Ele sorriu abertamente para a mãe, aproximou-se dela abraçando-a pelos ombros e beijando seu rosto carinhosamente várias vezes. Alannah observou a cena discretamente, sorrindo de si para si. Desde a morte do pai, Kilaim demonstrava essa afetividade especial por Camille, um cuidado com seu bem-estar, e procurava estar mais presente mesmo que não conversasse muito. Conversar muito nunca foi seu forte, mas ele pegava um livro e ficava perto da

mãe, ou a chamava para escutá-lo tocar piano, o que nunca tinha feito antes.

Camille percebia essas demonstrações suaves de amor e as aceitava silenciosamente. Sabia que ele também sentia falta do pai, mesmo que os dois não tivessem sido tão próximos enquanto Ethan ainda era vivo. De forma consciente, ou não — Camille não sabia — Kilaim procurava suprir a carência de ambos nessas pequenas formas de aproximação.

Depois de abraçar a beijar Camille, Kilaim passou a mão nos cabelos da irmã:

— Monstrinha! — falou afetuosamente.

Alannah, mesmo de costas, na pia, percebia intuitivamente que o rapaz tinha certo ciúme da irmãzinha. Ela virou-se para ele, sorrindo. Kilaim apenas fez um aceno de longe.

— *Ça va*?

— *Bonne nuit*, Kilaim. Seu amigo vai jantar conosco? Está quase pronto.

O jovem que acompanhava Kilaim tinha ficado parado na porta da cozinha e cumprimentado de longe as duas mulheres antes de se retirar para a sala novamente.

— *Non*. Adrien veio pegar uns *blu-rays* e já vai embora. Fica pra próxima.

Assim dizendo Kilaim saiu da cozinha, não sem antes sorrir novamente para a mãe. Fora da vista da família, ele lançou um olhar penetrante para Adrien, que o seguiu escada acima sem fazer perguntas. Entraram no quarto de Kilaim, com suas paredes extremamente decoradas. Ele fechou a porta, cerrou as cortinas da janela e ligou o som bem alto.

— Não entendo por que você quer me entregar isso. Já não está bem guardado? — resmungou Adrien, relutante e incomodado com o fechamento de todas as saídas, como se estivesse sendo encurralado.

— Não discuta comigo — vociferou Kilaim em tom baixo, severo, que não admitia discussão. — Querem que eu entregue isso na próxima festa, mas não o farei. E você, faça o que estou mandando.

Os olhos azulados do outro faiscaram.

— Eu sempre soube o que você era. Sempre soube qual seria seu destino. Mas, acontece que *eu também* tenho meu valor! Não sei por que deveria obedecer a você.

— Justamente porque você sabe é que deve me obedecer.

— Você está começando a pensar que é o dono do mundo e todos estão aqui para suportar suas idiossincrasias. Não vejo a menor necessidade... — Adrien tentou argumentar novamente, mas seus olhos estavam baixos. — Que tipo de proteção eu tenho? — reclamou. — Vou ficar vulnerável. Com você é diferente. Ninguém consegue enxergar.

Os olhos de petróleo de Kilaim brilharam furiosamente. Sua voz soou ainda mais grave.

— Então... está me dizendo que não vai fazer?

O outro não ergueu os olhos do chão porque, pelo tom de voz de Kilaim, Adrien podia facilmente depreender como estavam seus olhos. E ele não queria olhar dentro daqueles olhos. Não quando ele falava daquele jeito. Suspirou, dando de ombros.

— Isso vai soar como traição.

— Não há nenhuma traição. Vou resolver isso de uma vez por todas, mas enquanto isso, guarde com você. Eles virão procurar aqui e, se vierem, não acharão. Nisso eu ganho um pouco de tempo.

Adrien sabia que teria que concordar.

— Como você pode ter tanta certeza de que eles não vão ficar sabendo?

— Não estão aqui agora. Você sabe que estão ocupados com a organização da festa. Não suspeitariam de você.

— Claro, porque isso que você está propondo é uma loucura. Vão ficar muito... irritados.

— Não vão desconfiar. E, de qualquer forma, eu o obriguei.

— *D'accord* — lamuriou-se Adrien, por fim.

Kilaim, em resposta, abriu uma das portas do guarda-roupa. Há alguns meses tinha mandado instalar um cofre não muito grande embutido na parede dos fundos do armário. Um fundo falso encobria o cofre de segurança máxima, *top* de linha, com senha digital de oito dígitos e luz interna. O display tinha letras, números e palavras que Kilaim tinha ajustado de acordo com sua necessidade.

Camille sequer suspeitava da existência do cofre, ou qualquer outro dos frequentadores da casa. Ele tinha mandado fazer o trabalho na época em que a mãe estivera internada, num momento muito propício em que Anne-Sophie tinha sido levada para a casa dos tios. Kilaim dispensou os caseiros para uma folga, alegando necessidade de ficar só.

Ele recebeu a empresa de segurança que instalou o cofre e ninguém suspeitou de nada.

Adrien, inquieto e temeroso, andava pelo quarto roendo as unhas enquanto, de costas para ele, Kilaim abria o cofre. Enfiou a mão dentro e tirou uma caixa de couro marrom. À simples visão da caixa, Adrien estremeceu. Estava começando a ficar apavorado. Estavam fazendo algo errado, muito errado, e seriam punidos. Kilaim talvez não, mas ele...

Sem ligar para aquela demonstração patética de fraqueza, Kilaim colocou a caixa sobre a escrivaninha e Adrien viu que era outro cofre. Desviou a vista instintivamente quando Kilaim girou os números do segredo e abriu a tampa.

— Está tudo aqui — ele disse. — Mas acho melhor você colocar na mochila e esconder as coisas em lugares separados. O cofre chamaria muita atenção.

— Isso pode me complicar! — choramingou o outro, começando a se descontrolar. — Você está protegido, mas eu acabei de ser aceito.

— E quem desconfiaria de você, seu idiota? Não passa de um soldado raso, enquanto eu... você bem sabe!

— Todos sabem que nossa amizade foi programada.

Kilaim estendeu o braço num movimento rápido e preciso, segurando a garganta de Adrien com força. Olhou dentro dos olhos dele, profundamente, e o outro ficou paralisado. A voz de Kilaim estava calma.

— Ninguém imaginaria que eu lhe confiaria isso. Quero ganhar tempo. Se fizer o que estou mandando, terá sua recompensa. Não sabe disso? Se me obedecer, um dia poderá ter o que eu tenho. Não sei do que você tem medo.

Sabia que tinha tocado no ponto certo.

Adrien passou a língua pelos lábios, sem tentar se desvencilhar. Ele queria muito o que Kilaim tinha. Mais que tudo. Faria qualquer coisa para isso. Entraram em acordo, sem mais palavras. Kilaim lentamente foi soltando a garganta do outro, dedo a dedo.

Adrien passou as mãos pelo pescoço. Tudo tem seu preço. Adrien sabia disso muito bem. Kilaim não fazia nada de graça porque ele também não recebera de graça.

— Tome. Não vai precisar ser por muito tempo. É só até eu me fazer entendido, de uma vez por todas.

— Quanto tempo?

— *Je ne sais pas*.

— Eu não entendo você! Por que simplesmente não se desfez disso? Ou guardou num banco?

Kilaim fechou a cara.

— Porque isso não é permitido, idiota. Existem regras!

— E você está quebrando as regras agora mesmo.

Adrien abriu o cofre de couro e olhou rapidamente dentro. Sentia o suor escorrendo pelas costas. Kilaim caminhou até sua estante e abriu o cadeado.

— Tenho aqui dois cadernos que também precisam ir — ele falava sem se preocupar se o outro estava ouvindo ou concordando. — Acho que vai ser mais seguro — abaixou-se para pegar os cadernos, um de desenho e uma brochura, mas não teve tempo de fazê-lo.

Um estrondo, seguido de um grito de Adrien. A cabeça de Kilaim girou abruptamente e ele se ergueu de um salto.

— O quê você fez? — alardeou Kilaim, perdendo o controle e gritando também.

A mão esquerda de Adrien pingava sangue no carpete e o conteúdo da caixa estava espalhado pelo chão. Kilaim, fora de si, gritava palavrões e tentava

recolher os objetos sem se importar com a mão que exibia um talho.

— Não tive culpa! Eu... eu... — Adrien gaguejava — fui ajeitar melhor o punhal para poder fechar a caixa, mas ele escorregou! *Je ne sais pas*! Merde!

— Seu maldito! Morra, Adrien, morra! Para quê você serve, estúpido imbecil?! — sem perceber, continuava gritando, fora de si, completamente esquecido da presença das mulheres no andar de baixo.

De fato a gritaria estava sendo ouvida na cozinha. Alannah e Camille se entreolharam, atônitas.

— *Mon Dieu*... o que está acontecendo?

— Os dois estão brigando?

Alannah subiu as escadas correndo e Camille pousou o prato de Anne-Sophie na bancada. Ela tinha acabado de comer e continuava remexendo nas bolinhas. Camille hesitou um momento, mas logo viu que podia deixar a criança sozinha alguns

instantes. Sentindo o coração apertado, já que fazia muito tempo que Kilaim não tinha uma crise de raiva daquele porte, ela subiu atrás de Alannah. A cunhada batia na porta trancada chamando pelos dois:

— Kilaim? Adrien?!

— Está tudo bem? — gritou Camille, por cima dos gritos e desaforos que ainda se faziam ouvir por detrás da porta.

A presença delas causou um súbito silêncio no quarto. Kilaim caiu em si e ficou quieto, mas Adrien gemia baixinho e apertava a mão na camiseta, assustado, tentando estancar o sangramento.

— Cala a boca! — sussurrou Kilaim entredentes, com os olhos mais negros que Adrien já tinha visto. E alto: — Está tudo bem, *mamy*. Já vamos descer.

No corredor do lado de fora Camille e Alannah se entreolharam inquietas, sem saber o que fazer.

Nesse instante, Anne-Sophie começou a chorar na cozinha, fazendo muito barulho.

— Eu desço — falou Alannah tocando no braço de Camille.

Camille fez que sim com a cabeça e ficou em silêncio. Assim que a cunhada sumiu de vista, ela encostou o ouvido bem perto da porta do quarto. Coisa que jamais tinha feito. Seu coração batia forte nas têmporas, e a adrenalina decorrente da situação a deixava muito alerta de repente. Parecia que estava espionando, e isso a incomodava, mas sua intuição — ou talvez algo mais que ela não conseguisse discernir nem nomear — soava alta como um sino martelando em sua cabeça.

Algo estava absurdamente errado. Ela tinha tanta certeza disso! Como sabia que o ar estava à sua volta, e por isso ela respirava, mesmo sem poder ver o ar. Camille percebia uma atmosfera sinistra vinda do quarto, tão poderosa que atravessava as paredes e alcançava o corredor, como uma névoa,

descia pelas escadas e tomava conta da casa tão depressa que até mesmo a garotinha no andar de baixo já tinha pressentido. Ela escutava Anne-Sophie aos berros, como se estivesse muito assustada.

Assustada com o quê?

Camille não sabia. Ela também estava assustada; na verdade sentia-se invadida pouco a pouco pelo pânico. Respirou longamente, sem fazer barulho. De dentro do quarto os gritos de Kilaim e Adrien tinham cessado, mas ela podia ainda escutar a voz de seu filho sussurrando imprecações, xingamentos e ameaças de uma forma terrível. Porém, agora ele falava tão baixo que não era tudo que ela conseguia ouvir. Além disso, eles andavam rapidamente pelo quarto e havia barulhos de coisas que ela não distinguia em meio às vozes baixas. Depois percebeu barulho de água correndo no banheiro, e os gemidos de Adrien. Ouviu Kilaim dizer

nitidamente, com uma voz tão assustadora que nem parecia ele mesmo:

— Cale-se, seu inútil, ou será pior para você. Muito pior. Você nem imagina quanto.

Camille sentiu o coração bater mais forte e a garganta ficar apertada. Percebeu logo que não deveria ser vista ali, no corredor, em hipótese nenhuma. Estava pela primeira vez vislumbrando uma faceta da personalidade do filho totalmente nova. Uma faceta que a deixou bastante temerosa. Como se ele fosse capaz de fazer qualquer coisa naquele estado. Era muito mais do que uma das crises de ira.

Ouviu a porta do guarda-roupa sendo fechada, ou pelo menos pensou ter ouvido. Ficou alerta para escapulir para a escada do sótão, na escuridão. Dentro do quarto a mão de Adrien tinha sido enrolada com força numa camiseta de Kilaim, pois a do colega já estava empapada de sangue.

— Vista meu moletom por cima da sua camiseta. E não me cometa erros — avisou Kilaim pela última vez.

Ele bateu com tanta força a porta da estante, raivoso, que o cadeado voou longe, indo caprichosamente cair atrás da escrivaninha. Um local de difícil acesso.

— *Merde*!

Entre perder mais tempo pegando o cadeado ou sair logo dali para despachar Adrien, Kilaim resolveu escolher a segunda opção. Pálido de ira, suas mãos fecharam cuidadosamente a porta da estante.

— Te entrego os cadernos depois. Talvez eles desconheçam o conteúdo. *Allez*, suma daqui!

Adrien estava muito assustado com a reação descontrolada de Kilaim, e apenas segurava com força a camiseta enrolada na mão. Kilaim se aproximou da porta para destrancá-la. Ao escutar o barulho, Camille correu silenciosamente e

esgueirou-se pelos primeiros degraus da escada do sótão, saindo de vista. Sua sensação de pânico transformou-se em pavor. Ouviu a chave girando ruidosamente na fechadura e os dois rapazes saíram muito apressados do quarto, descendo a escada rumo ao primeiro andar. A pavorosa sensação da presença de algo maligno naquela atitude ficou vigorosamente maior. Era uma sensação pútrida. Eles estavam escondendo alguma coisa.

— Estou acompanhando Adrien até o carro, *mamy*! — Kilaim gritou da sala, julgando que ela estivesse com Alannah na cozinha.

Mais que depressa, sabendo que tinha os minutos contados, Camille reuniu toda sua coragem e abriu a porta do quarto. Ele tinha apagado a luz e ela sentiu um arrepio percorrendo sua espinha. Era uma sensação de maldade tão lúcida, tão vívida, que seu corpo cambaleou. Era como um tapa na cara. De repente Camille se lembrou de onde tinha sentido aquilo antes. O

lugar onde ela tinha sentido tanto terror, e onde tivera certeza de estar perto de algo abominável, perto de...

"O medalhão".

Tinha sido ali, naquele matagal, em Mantova. Mas, por que aquela sensação medonha ali, em sua própria casa? Qual o motivo para isso?

Olhou freneticamente em derredor, procurando o que devia encontrar.

"Tenho que encontrar. O... o quê? É preciso encontrar."

Urgência. Absoluta.

"Depressa, depressa."

O chão ao lado da cama estava molhado e o carpete aparentava ter sido vigorosamente esfregado. Mesmo assim ela vislumbrou — teria mesmo visto? — o sangue que estivera ali minutos antes. Sangue de Adrien. Por quê? Ela não sabia de onde vinham essas percepções. Seriam delírios, fruto de sua doença?

Olhou de um lado para o outro sem saber o que fazer, estatelada no meio do quarto. Mas aí seus olhos bateram na parte inferior da estante e ela imediatamente foi atraída. O cadeado!

"Está aberto!"

Camille nunca tivera curiosidade em saber o que Kilaim guardava ali. Eram tantas as suas excentricidades! Não lhe admiraria encontrar revistas "*Playboy*" ou livros raros. Pelo menos era o que ela sempre tinha pensado. Mas agora...

Seu sangue gelou nas veias e ela se pôs a tremer. Estava ali, ela sabia. O que deveria ser encontrado. Avançou correndo, ajoelhou-se e abriu a porta da estante. Uma onda de fedor indescritível pairou ao redor dela, como se quisesse afastá-la dali imediatamente. Camille sentiu o estômago revirar; não tinha certeza se aquilo era real ou imaginário. Ela estendeu as mãos para vasculhar as prateleiras, só que não havia nada de mais ali. Pilhas e pilhas de cadernos e brochuras meticulosamente arrumados.

Ou melhor... nem tão meticulosamente assim: o caderno de desenho do alto da pilha estava fora de posição, assim como a primeira brochura, duas pilhas para o lado.

Um conteúdo aparentemente inocente, mas algo a compelia a continuar.

“É isso. Rápido.”

Pegou a brochura e, na pressa, derrubou o caderno de desenho no chão. Ele se abriu na primeira página. Suas pupilas se dilataram. Sua respiração ficou interrompida, presa na garganta. O coração disparou batidas fora de compasso, trazendo um desconforto no peito. As pernas pareciam não existir. Ela levou a mão à boca para não gritar de terror.

⁂

Na rua em frente a casa, Kilaim tinha colocado a mochila com o conteúdo que Adrien deveria levar acomodada embaixo do banco do carona. Ajeitou

os objetos o melhor possível para que a mochila pudesse ser amassada sem danificar nada. Ficou satisfeito quando tudo ficou totalmente invisível.

Voltou-se para Adrien.

— Guarde isso com muito cuidado e não abra o bico para ninguém, nem mesmo para seu pai. É sua última etapa como coparticipante. Depois disso, seu valor será reconhecido, eu lhe garanto. Faça a sua parte — olhou fundo nos olhos de Adrien com seus olhos negros como um poço sem fundo.

Adrien limitou-se a entrar no carro e dar a partida, esforçando-se para manter a mão embrulhada na camiseta.

— Imbecil inútil — Kilaim vociferou ao vê-lo fazer a curva da rua e desaparecer.

Então ele ficou ali por alguns instantes, respirando fundo para fazer passar a ira insana que sentira momentos antes. Deu meia-volta em direção à porta principal da casa e ia rumando para dentro quando o vento soprou forte, de repente. O

ar, antes quieto e moroso, ergueu-se numa lufada que fez balançar a copa das árvores vigorosamente, como quando uma tempestade se aproxima. Contudo, o céu estava limpo, quase sem nuvens, e não havia nenhum indício de chuva. Kilaim olhou para cima. Ele sabia o que estava acontecendo. Puxou o casaco de moletom mais para perto do corpo, protegendo-se da segunda lufada de ar, mais forte do que a primeira.

"Que quererá ele?" indagou-se, meio desconfiado. "Chegou muito rápido... será que viu o que eu fiz?".

A ventania aumentou diante da hesitação de Kilaim, sacudindo ainda mais as árvores e levantando as folhas do chão. Kilaim olhou em derredor por pura precaução. Não havia ninguém. Atravessou a rua e adentrou a área verde preservada que havia defronte a casa. Ele conhecia aquele lugar como a palma da mão: muitos pinheiros, faias de troncos grossos com a folhagem

já avermelhada pelo outono, plátanos robustos, castanheiras, aveleiras e muitos arbustos de bordos e bétulas. O local ideal para ver e não ser visto, especialmente à noite, especialmente bem no meio do terreno, onde o chão era coberto de pedras e musgo pela escassez de sol.

Kilaim já tinha encontrado o visitante ali diversas vezes, desde quando o tinham chamado pela primeira vez, no dia de seu nono aniversário. Foi ali que o garoto estranho começou a aprender as coisas. As coisas que realmente importavam.

Os dois não falaram face a face de início. Kilaim apenas escutava-o, sentia seu cheiro, sua presença. Nove meses depois, começou a vê-lo em sonhos, mas a visão ainda era turva e embaçada. Aos onze anos viu-o pela primeira vez, ou pensou tê-lo visto. Foi como a visão dos sonhos, só que então era real. Não que o sonho não fosse real. Mas entendia que as conquistas vinham aos poucos, e por merecimento. Depois disso, o visitante começou a

aparecer no quarto de Kilaim. Foi possível divisar, pouco a pouco, o contorno de seu rosto, e perceber o brilho dos terríveis olhos. Olhos negros como petróleo. Negros e profundos como os dele.

Kilaim nunca teve medo. Na verdade, parecia que sempre estivera esperando-o. Aprendeu mesmo a gostar dele, de seus ensinamentos, de suas respostas para a vida, de suas propostas. Podia-se dizer que lhe tinha amor; amor àquele ser que mais ninguém via e que lhe falava sempre de forma serena, apesar da gravidade impressionante da voz. Um ser que, quando Kilaim se aventurou a fazer perguntas, geralmente lhe dava as respostas e, quando não, informava-o de que chegaria o tempo oportuno.

Foi assim que Kilaim conheceu parte de sua história, descobriu a verdade a respeito de sua paternidade e o destino que lhe cabia. Recebeu incumbências. Responsabilidades. E privilégios concedidos a poucos. Haveria muitos outros

privilégios, mas no devido tempo. Foi-lhe prometido que um dia seria apresentado a pessoas que dividiam as mesmas incumbências e responsabilidades, e também tinham seus privilégios. Um grupo de pessoas especiais, pessoas escolhidas e treinadas para serem integrantes de uma poderosa Organização Mundial. Foi plantada em Kilaim a expectativa de ser muito bem-vindo e muito respeitado nessa Organização, não somente por suas capacidades, mas por causa de sua paternidade, que não era humana. O visitante — seu pai verdadeiro — contara-lhe que havia apenas nove homens como ele. Nove homens gerados pelo Diabo. Homens especiais, cada qual com seu destino especial, que viriam a deter um grande poder sobre a Terra.

Kilaim guardou as promessas com grande alegria. Estava acostumado a receber elogios e palavras de incentivo, e mesmo pequenas regalias, portanto estranhou o modo como o vento se

movimentou forte, como se quisesse envolvê-lo e tragá-lo. Sem esperar mais, percorreu o caminho de pedras e cascalho como quem percorre o caminho para casa. Conhecia cada árvore, cada arbusto e cada detalhe do percurso. Chegou num ponto onde se formava estrategicamente uma minúscula clareira, quase um santuário. Kilaim olhou para a esquerda, o lado sul, o ponto escolhido por ele para se revelar aos seus olhos, e direcionou o corpo.

Ele estava lá. Nos últimos tempos, enquanto Kilaim estava sendo preparado para sua iniciação na Organização, o visitante nem sempre vinha sozinho. Trouxe-lhe outros para conhecê-lo e para andarem com ele. Mas naquele momento não havia outros. Assim que o jovem olhou, percebeu primeiro o familiar vulto do gigante negro, ainda indistinto, poderoso, uma massa informe de extremas proporções. Sua negritude absoluta parecia espalhar-se à volta, escurecendo a vegetação perto dele, diminuindo o brilho muito pálido do

luar que conseguia filtrar-se por entre as árvores. Um odor almiscarado sutil elevava-se no ar, mas logo cedeu lugar a outros cheiros não agradáveis ao olfato humano, mas aos quais Kilaim estava acostumado.

— *Le Kyquale Quaw*! — disse Kilaim em voz baixa.

Entrelaçou rapidamente uma mão na outra e posicionou os indicadores como uma espada, tocando-os na testa e depois os elevando ao alto, conforme lhe tinha sido ensinado anos antes. Essa saudação foi uma das primeiras coisas que aprendeu. Uma saudação ao rei, uma reverência para sinalizar que as Trevas eram bem-vindas ali, e que ele estava disposto a recebê-las.

Em resposta, o gigante respondeu:

— *Hashababy* — que queria dizer "Eu vejo você".

Não era simplesmente um "ver por fora"; ia além. Significava ver o coração, a mente, as

intenções. Revelava um conhecimento mais profundo de quem ele, Kilaim, era.

Depois disso a visão tornou-se incrivelmente nítida, em segundos. Tinha sido assim desde a iniciação de Kilaim, quase um ano antes. Ele viu os chifres enormes e retorcidos que aparentavam força indescritível e eram capazes de despedaçar o aço. O pescoço era largo e musculoso, exatamente como o restante de seu corpo envolvido em pele grossa, reptiliana. O cabelo, claro e comprido, estava trançado como o dos *vikings*; os olhos eram difíceis de encarar; as mãos exibiam dedos com garras retráteis. No peito trazia uma armadura, mas em nada parecida com as armaduras feitas pelos seres humanos. Era forte, poderosa, indestrutível. Ao longo dos braços e no peito havia muitas tatuagens. Certa ocasião, o gigante as havia mostrado em sua maior parte, para satisfazer a curiosidade de seu filho. Hoje não era possível vê-las porque em quase toda a extensão dos antebraços o demônio tinha

enormes braceletes de ouro cravejados de pedras preciosas e inscrições.

Seu rosto estava sério. Sério demais. Kilaim baixou os olhos, contrariado:

— Meu pai, tudo está sob controle — apressou-se em explicar. — Adrien levou os instrumentos, as drogas e o resto. Não esconderei isso de você, *my Lord*, porque sei que está sozinho e não me fará mal. Você confiou em mim e me deu essas coisas, mas o pai de Adrien abusa de seu poder desde minha iniciação. Não as entregarei! Pensei em pedir a Adrien que levasse os cadernos, já que fui eu que fiz os desenhos, mas...

— Ela já sabe — o demônio rugiu.

Kilaim ficou um momento sem ação.

— *Quoi*?... — verbalizou ele, sem entender. O demônio não parecia estar falando do material.

— Ela já sabe! Como você pôde ser tão descuidado?

Kilaim se encolheu sentindo a força que emanava dele.

— Você não fechou a estante. Cometeu o maior erro de sua vida. Nesse instante Camille está vendo os desenhos do sacrifício de seu marido, e está lendo o que você escreveu a respeito.

Kilaim sentiu suas pernas bambearem por um segundo, sua cabeça girou. Não tanto pela descoberta da mãe a respeito de Ethan, mas por causa das consequências. Ficou parado, em silêncio, sem esboçar nenhum tipo de reação exceto uma respiração entrecortada. Não adiantaria se desculpar porque não haveria perdão. Esperou. Aprendera a se calar quando cometia erros, apenas esperava pela punição. Contudo, sentiu medo dessa vez, como nunca antes.

Encarando-o, o demônio esboçou algo que poderia se assemelhar a um sorriso de deboche. Ele podia ver e sentir o medo do jovem como um lobo é capaz de farejar o pavor da presa acuada,

encurralada. Contudo, o esgar se transformou numa carranca medonha, o rosto dele perdeu os traços de beleza e serenidade que costumava apresentar quando vinha até Kilaim, e uma face monstruosa tomou seu lugar. Os músculos, em espasmos que duraram poucos segundos, ficaram diferentes, conferindo novo contorno ao rosto. A mandíbula ficou mais proeminente e os olhos mais fundos, as narinas abriam e fechavam num resfolegar furioso. Os dentes saíram da boca escancarada, afiados como punhais, os caninos incrivelmente salientes e ele se agachou como um animal prestes a dar um bote mortal. Suas garras estavam à mostra e um rugido saiu de sua garganta.

A transformação foi tão rápida que Kilaim quase não conseguiu perceber como aconteceu. Ele fechou os olhos e se encolheu, petrificado. *Flashes* de outras ocasiões em que vira o demônio se apresentando em sua forma animalesca atingiram-

no em cheio, como uma onda gigante. Só que em nenhuma das outras situações ele estava tão furioso.

Diante do monstro — diante de seu pai — ele se encolheu um pouco mais, mas mesmo assim não saiu do lugar. Não tinha para onde correr ou fugir. E sabia que não seria morto... não aconteceria. Não era possível. Talvez o demônio lhe deixasse uma cicatriz na carne como recordação de sua incompetência?

— Mate-a.

Uma única palavra que não admitia discussão ou recusa. A ordem tinha sido dada.

Mesmo sabendo que o melhor era não refutar, Kilaim sentiu o corpo começar a tremer, involuntariamente. Estava muito frio ali! Enregelante. Cruzou os braços no peito e aquele gesto não significava proteção contra o frio, mas veemente negativa. Tentou balbuciar um questionamento:

— Nada teria acontecido se o idiota do Adrien não tivesse feito a besteira de cortar a mão dele!

— Eu cortei a mão dele. Você não estava impondo o respeito necessário. Ele precisa saber quem manda e quem obedece. Aliás, acho que você sabe algumas coisas sobre obediência, não sabe? Ou porventura não terei lhe ensinado direito? — novo rugido, mais poderoso que o primeiro. A besta pateou grosseiramente. — Quando *eu* falo, *você* obedece!

— Meu pai... meu grande mestre... *s'il vous plaît*...

— Mate-a — mais ênfase. Era uma ordem final.

— Eu não posso!... não posso matá-la. Você bem sabe o por quê. — Kilaim continuou, sendo tomado pelo pânico. — Peça outra coisa, poderoso rei, qualquer outra coisa.

— Mate-a. Ou você sofrerá danos que nunca imaginou, nem em seus piores pesadelos.

De repente a clareira ficou vazia. Não havia odores, nem ventos furiosos e muito menos sinal da criatura. Kilaim estava sozinho. Ficou parado, em pé, respirando rápida e profundamente, pensando no que fazer. Estava aturdido.

2

Rituel

Era necessário criar coragem e voltar até em casa, ver o que estava acontecendo, e decidir como cumpriria a ordem. Ou, ainda melhor, se havia um modo de ganhar tempo e não fazer aquilo. Além de tudo, havia na casa a presença de Alannah e da criança, que precisavam ser despistadas.

Ele ficou alguns minutos recompondo-se. Era imperativo que se acalmasse. Precisava esfriar o sangue que percorria seu sistema circulatório em

velocidade, bombeado por um coração grande e forte. Os músculos, de tão retesados, causavam-lhe câimbras nas costelas e na parte posterior do pescoço, mas ele quase não as percebia. Suas mãos estavam fechadas, cada dedo profundamente apertado na palma, suas pernas estavam duras e geladas. Mas o pior era o efeito da adrenalina em sua mente, que estava muito estranha. Acelerada demais, ativada demais, os pensamentos fluindo como numa imensa cascata, velozes e difíceis de decodificar, ideias misturando-se umas nas outras, imagens desconexas de situações que ele tinha vivido, sonhos, desenhos, escritos...

À medida que mantinha o corpo imóvel e tentava controlar a respiração, ele experimentava cada vez mais fortemente aquele dissabor: "mate-a".

Era quase um aforismo. Uma regra moral. "Tudo tem seu preço". O erro causa advertência, produz

reação. Era assim que era. E ele tinha cometido um sério erro.

Finalmente, quase num salto, moveu o corpo rapidamente e se pôs a caminho de casa, atropelando arbustos e chegando a rasgar seu moletom da faculdade. Não sentia medo, apenas forte indignação e muita ira.

"*Merde, merde, merde*!"

Entrou em casa simulando um controle emocional que não existia. Passando pela porta da cozinha, Alannah chamou:

— O jantar está pronto, Kilaim. Você pode chamar sua mãe? Acho que está lá em cima ainda.

— Já vamos descer — ele respondeu com a voz seca.

Subiu os degraus da escada de dois em dois e voou na direção do seu quarto. A luz estava acesa e ele a tinha deixado apagada. A estante estava exatamente do mesmo jeito que deixara. Mas, Camille não estava lá. Bem como os seus cadernos.

Ele saiu para o corredor, e uma espécie de voz falou dentro da sua cabeça, como muitas vezes acontecia:

"No *atelier*".

Kilaim subiu as escadas do *atelier* um degrau por vez, devagar. Na verdade, não desejava chegar lá em cima. A única vantagem de estar no ambiente de trabalho da mãe é que Alannah não escutaria nada da cozinha.

Abriu a porta com cuidado, esperando encontrar a mãe jogada no *futon* fúcsia, semiconsciente, já pronta para nova internação, o que facilitaria muito seu trabalho. Para sua imensa surpresa, tão logo a porta se abriu, devagarinho, o olhar de ambos se cruzou, como se ela estivesse esperando por ele. Não havia lágrimas em seus olhos, antes uma expressão indefinível de espanto, tristeza, incredulidade, tudo junto, e outras coisas que ele não conseguia definir de pronto. Entretanto, uma coisa ele viu claramente: um completo desprezo. E

foi esse desprezo que o feriu mais, aumentando sua ira.

Foi ela quem falou primeiro, apontando para o caderno de desenho em cima de sua bancada.

— Diga-me que isso é somente mais um de seus pesadelos. Que não aconteceu — ela murmurou. — Sou sua mãe. Se me disser que isso tudo é... é um engano... eu acreditarei em você.

Ele não demorou a responder.

— *Non*. Não se trata de nenhum pesadelo — a voz estava inteiramente controlada, a expressão do rosto vazia, nenhuma emoção. — Você sabe agora da verdade.

— Você... — os lábios de Camille tremeram. Ela engoliu em seco. — Foi você, então?

— *Oui*.

— Você não sente *nada* sobre isso? — perguntou Camille, olhando de volta para o caderno. — Fica apenas aí, parado na minha frente?

— Não sinto nada parecido com o que você sente.

Ela folheou o caderno. A primeira imagem ela conhecia bem. Ethan estava adormecido, no rosto dele pairava a mesma expressão que ela tinha visto em seu sonho, quando estava em Mantova. Ela tinha mesmo estado lá — de que jeito, não sabia — e tinha realmente visto Ethan; ele não acordava. Havia aquela luz que brilhava nos dois, que tinha ficado pairando ao redor deles, como uma... proteção?

Que proteção?

Na brochura, logo no alto da página, estavam os dizeres que, agora, ela compreendia de onde tinham vindo:

— "Ele me cobrirá com suas penas, e debaixo de suas asas estou seguro. Não temo a escuridão, nem o terror da cegueira. Nem a seta que é lançada ao meio-dia. Na hora da Cruz. Não temo a peste que assola nas sombras. Pois estou coberto pelas

Sombras do Mestre, a Sua Sombra me cobre, me guarda, me esconde, me livra!" — leu Camille. — Era seu. O medalhão. Aquela coisa... pavorosa.

Kilaim não respondeu. Camille fechou a brochura devagar.

— O que quer dizer isso?

— É uma paródia de um salmo bíblico.

Ela inspirou fundo.

— *Porquoi*? Por que fez isso com seu pai?

— Ele não era meu pai.

Camille inspirou fundo de novo, tentando não explodir e se jogar em cima dele.

— Não era seu *pai*?! Ethan cuidou de você, pagou seus estudos, comprou suas...

— Isso não faz dele meu progenitor — interrompeu Kilaim. — Quer dizer que você não sabe? Quer me convencer que você nunca desconfiou?

— Desconfiei de quê?

Ele deu uma risadinha de escárnio.

— Você nunca quis admitir, essa é a verdade. Ou nunca sentiu a presença dele? Ou o seu cheiro? Nunca sentiu o ar gelado à sua volta, a sensação de olhares no meio da escuridão, coisas estranhas acontecendo... acha que sua gravidez foi normal? Ou que eu sou normal? Existe alguma semelhança entre mim e Ethan? Não se faça de desentendida! Ou acredita mesmo naquela história patética de milagre no Caminho de Santiago? Não foi um anjo que visitou seu tio, mas um dos nossos.

— O que quer dizer? — ela perguntou assustada, com medo, porque as coisas começavam a ganhar luz diante de seus olhos. Ela nunca tinha mencionado nada daquilo ao filho.

— Quero dizer exatamente o que estou dizendo. Sua cria, esse que você pariu, é um dos gigantes que nascem do coito entre mulheres humanas e demônios. Nunca ouviu falar? A Bíblia menciona a existência desses seres híbridos: “E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e

as tomaram para si, de todas as que lhes agradaram”.[3]

Fui concebido por um demônio, um demônio de alta patente — o maior deles — para um propósito específico que será cumprido. Meu destino está selado e nada pode mudá-lo.

— Você está louco — murmurou Camille num fio de voz.

— *Non*. Não sou eu o louco aqui. Você viu as manchas roxas pelo seu corpo, nas suas coxas, na barriga, nos seios. E sentia dor dentro de seu sexo, não sentia? — ele riu. — Só meu pai te deu esse tipo de prazer! Ethan não era tão poderoso assim. E você preferiu ficar quieta, encontrar desculpas fajutas, sua mente “não se deu conta” porque o fato é que você queria mais. Queria que ele te possuísse ainda mais. Você sempre quis mais.

Ela pôs as mãos nos ouvidos, trêmula, e fechou os olhos apertados. A voz de Kilaim silenciou. Camille respirou fundo. Precisava aguentar. Tinha

que saber tudo, tinha que extrair tudo dele. Não poria tudo a perder.

Ela abriu os olhos e encarou aquele monstro à sua frente. Ele continuou:

— Eles me mostraram tudo, em sonhos e visões. Mostraram tudo desde minha concepção. As Trevas também têm poder de restauração: seu útero tornou-se viável, mas não pelas mãos de Deus. *Deus*! Ele te atendeu, por acaso? Ouviu suas preces, levou em conta sua dor, trouxe proteção para Ethan? Livrou-a do hospício? Deus é uma grande paródia do "Bem", uma farsa, um Ser cruel que se diverte brincando com a Sua Criação como um garoto brinca com seus soldadinhos de chumbo, fazendo com eles o que lhe apraz. A diferença é que os humanos não são de chumbo...

Camille, quieta, enojada por tanta frieza, esperava pelo resto.

— Eles te vigiaram o tempo todo. Três horas da manhã não te dizem nada? Esse é um horário muito

especial. Muita coisa acontece no Reino das Trevas nesse horário. É o horário de meu verdadeiro pai. Não se recorda do homem louro que a seguia, do homem que esteve no hospital? Era o pai de Adrien.

— *Adrien*? O que ele tem a ver com isso? — murmurou Camille, perplexa.

— Sossegue. Com isso, nada. Ele não participou disso. É apenas um dos nossos, mas não tem a mesma expressão que eu tenho.

Ela apertou uma mão na outra, cerrou os dentes. Uma bola tampava sua garganta e ela quase não podia respirar. Lágrimas começaram a descer pelo seu rosto. As peças se encaixavam.

— Sou diferente porque sou um mutante. A energia canalizada pelo demônio, durante a concepção, atua como uma espécie de radiação. Transformou meu DNA. Por isso eu sou o que sou, por isso nunca souberam explicar o que eu tinha. Não os médicos "comuns". Mas os médicos que

servem Lucipher me fizeram entender, mostraram-me por meio de exames específicos todas as mutações que foram criadas.

— Não acredito em nada do que você está dizendo. Você é um esquizofrênico completo, delirando, alucinando... você... é um doente! É um...

— Calma, *mamy*... vamos deixar as ofensas pra depois. Justo agora quando estou disposto a lhe contar tudo?

Camille enxugou furiosamente as lágrimas. Evitava gritar porque não queria envolver Alannah naquilo. Sabia, agora, o quanto Kilaim era perigoso.

— Você diz "eles". Quem são "eles"? Não pode estar realmente falando de demônios. Isso não existe.

— Eles existem, sim. São anjos caídos. A terça parte do Céu, que se rebelou contra Deus e foi transformada, lançada na Terra. Justamente porque Deus é "amoroso" ao extremo. Se as coisas não

acontecem do jeito Dele, as punições são terríveis. Esses anjos caídos vieram para cá, para a Terra, e a corromperam. Contudo, há outros "eles". São muitos servidores, muitos aliançados com as Trevas, verdadeiros adoradores do Diabo. São milhões agora. Agruparam-se numa entidade secreta internacional e têm como objetivo preparar o mundo para a vinda do anticristo.

— Anticristo? — balbuciou Camille como quem despenca de um precipício. Não conseguia acreditar.

— Deus existe, minha mãe, e Seu Filho, o Cristo, também. Embora os valores que Eles apregoam não sejam tão verdadeiros assim. Amor... Justiça... Misericórdia...! Você encontrou esses valores em Deus? Cristo veio ao mundo, mas Ele foi rejeitado. Foi torturado, crucificado; traído pelos seus, até pelos mais próximos. Se Deus pretendia encontrar verdadeiros seguidores... aonde é que eles *estão*? Olhe o mundo à sua volta! Quem realmente serve a

Deus? O Apocalipse vai acontecer, assim como a Batalha final entre o Bem e o Mal. O que você esperaria dessa Batalha? Quantos servem a Cristo, efetivamente? — ele repetiu. — Quantos dariam a vida por Ele? — Kilaim fez um gesto de escárnio. Seus olhos estavam negros. — O trabalho de Deus foi em vão. Este mundo jaz no maligno. O Reino do Diabo tornou-se maior que o de Deus! O que predomina neste mundo de corrupção, ganância, homicídios, mentiras, abominações de todos os tipos, idolatria, desamor? O que predomina? O Bem ou o Mal, *mamy*? A Luz ou as Trevas? *Maktub*. Está escrito. Olhe à sua volta: Quem serve a Deus? Quem realmente atinge os Seus elevados padrões? Quem será salvo? Deus quis fazer do homem Seu aliado, alguém com quem compartilhar Sua vida. Mas quem é que O quis? Ou melhor... quem consegue ficar ao lado Dele?! Deus é *mau* — Kilaim mostrava ódio destilando de dentro dele. — Ele desdenha dos filhos que criou,

lança-os à boca dos leões, mata-os lentamente atirando em sua face regras e mais regras, impossíveis de serem cumpridas. São mortos pela espada, pela fome, pela guerra, cortados ao meio, queimados em fogueiras. A Bíblia é clara: "Aquele que perseverar *até o fim*, será salvo"! Está vendo? Até o fim? Faça 99 coisas certas e a última errada! Maldições em sua cabeça. E o que é o fim? Deus se alegra em ver até que ponto o ser humano poder suportar: uma doença degenerativa, incurável, que te leve pouco a pouco à demência, à incapacidade de respirar? Nascer cego, sem as pernas... ou ficar sem elas pisando numa mina? Perder a família num campo de concentração? Escolha! Escolha o flagelo! Deus é *expert* em trazer sofrimento ao homem.

Kilaim riu alto e de uma forma tão medonha que Camille não o reconhecia.

— O Mal venceu, *mamy*! Você comprovou isso em sua própria vida. A aliança entre os verdadeiros

adoradores de Lucipher e os anjos caídos é forte demais para sucumbir.

Ela engoliu em seco e se esforçou para falar.

— E todos esses "milhões", como você diz... quer que eu acredite que todos foram gerados por "demônios"? Quer mesmo que eu acredite que você não é filho de Ethan?

— Você não precisa acreditar. O fato de você não acreditar não muda a verdade. Só que alguns fatos são incontestáveis, e eu sei que você sabe disso. Mas, respondendo à sua pergunta: *non*. É claro que os todos adoradores não foram gerados por demônios. Eles foram *escolhidos* pelos demônios para fazerem o pacto de sangue, para estabelecerem aliança com as Trevas, para trabalhar para elas e para delas receber poder. No meu caso é diferente. Existem nove ao todo, como eu. Todos gerados diretamente por demônios. São pessoas especiais, capazes de exercer poderes especiais. Você não

precisa acreditar no Diabo. Ele acredita em você! E te usa!

Camille estava com muito medo. Kilaim olhou para ela. O semblante da mãe estava duro e seus olhos o encaravam firme. Mas o medo podia ser farejado no ar. Kilaim podia senti-lo claramente apesar de ela procurar não dar mostras. Estava incrivelmente controlada, para surpresa dele. Mas o medo estava ali; palpável. Que mais ela queria? Que mais ela queria ouvir?

— Você nunca ouviu falar de *succubus* e *incubus*? — ele indagou suavemente desta vez. — Pois bem. Aqui está o filho de um deles, de um *incubus* — seu filho. Sou filho do demônio mais poderoso, do próprio líder da rebelião.

Vendo que Camille não respondia, ele continuou:

— O *incubu* é uma figura demoníaca masculina, e dentro de certos períodos do ano, como parte de certos rituais, costumam invadir o quarto de

mulheres escolhidas para fazer sexo com elas. Nem sempre elas estão conscientes, mas o inconsciente preserva o acontecimento. Claro que essas experiências podem variar do prazer intenso ao puro terror. — Kilaim a olhou nos olhos longamente.

Camille tinha vaga lembrança de sentir medo, jamais prazer, como o rapaz insinuava abertamente, e se defendeu com veemência:

— Posso não saber muita coisa sobre isso, mas de uma coisa eu sei: que o Diabo é mentiroso! Pouco me importa o que disseram a você, o que inventaram. É mentira!

— Já te disse: você acreditar ou desacreditar não muda a verdade. Histórias de *incubus* e *succubus* é coisa antiga. A Bíblia fala desta prática, como eu já disse, mas nos antigos templos babilônicos, egípcios, persas, dentre outros, a prática de inseminação por meio de demônios era praticada em rituais pagãos. A palavra *incubus* vem do latim

e significa “aquele que está acima”. A palavra *succubus* também é latina e significa “aquele que está embaixo”. Os *incubi* são demônios que infestavam as mulheres, enquanto que os *succubi* corrompiam os homens. A crença na possibilidade da relação sexual entre um ser espiritual e um homem ou mulher mortais é muito antiga e conhecida no mundo todo. No caso de um *incubu*, no decurso da noite, durante os rituais de fertilidade, a pessoa escolhida — geralmente uma mulher jovem, bonita e virgem — era escolhida para fazer contato sexual com a “divindade”. A relação podia parecer um sonho ou, em outros casos, ser muito vívida. O demônio pode se materializar e tomar sua vítima ele mesmo, na forma de *incubu*. Ou então, esse contato envolvia relações sexuais com representantes da “divindade”, canalizados pelo demônio.

Camille franziu a testa quase imperceptivelmente, mas Kilaim percebia muito

facilmente, e acrescentou:

— Numa linguagem bem popular, os humanos ficavam "possuídos" pelos demônios e faziam a coisa com mais vigor, mais força, mais dor, mais prazer e injetavam uma poderosa energia no futuro feto, é isso. Esses humanos seriam diferentes. Na maioria eram sacrificados depois, como forma de adoração. Os que eram escolhidos para viver estavam predestinados a grandes feitos. Eram treinados diretamente pelos Mestres, ensinados na arte da magia e recebiam poderes das entidades demoníacas. Isso estava na raiz de diversas práticas religiosas.

— Não me interessa sua "aula"! — ela gritou, enojada.

Mas ele não lhe deu atenção.

— Na mitologia grega, o resultado de tais amores estranhos geralmente eram chamados de semideuses. A ideia de semideuses não está totalmente errada porque essas crianças são de fato

diferentes das demais, com diferentes graus de alterações comportamentais, de inteligência, chegando mesmo às mudanças genéticas. Como eu. Pois, no seu caso, tratou-se de um demônio macho, agindo como macho. Essa ideia — de que demônios poderiam gerar filhos com as mortais —, sempre fascinou a Humanidade, inclusive, é claro, a Igreja. Por detrás de suas pieguices e dogmas, não conseguia esquecer-se do diabo. O Diabo é um dos melhores "amigos" da Igreja porque permitiu que ela usasse do seu nome para fazer seus negócios sujos: a Inquisição... as Cruzadas... durante a Inquisição muitas "bruxas" foram acusadas de terem tido relações com demônios, e eram obrigadas a confessar. Mais tarde, a ideia da "amante do demônio" chamou a atenção de muitos escritores, alguns dos quais escreveram baseados em fatos reais, começando a revelar pequenas histórias do satanismo.

— Quer dizer que essa tal Organização da qual você fala, secreta, internacional, é composta por satanistas? É isso que você é? Um *satanista*?

— Também. Mas sou mais do que isso. Não fui apenas escolhido para aliançar-me com eles. Fui gerado diretamente por um demônio.

— Se isso algum dia existiu de fato, é coisa do passado! De um passado bem distante! — e ela gritou de ódio. Porém, à medida que o filho falava, Camille ia pouco a pouco perdendo seus argumentos.

— Isso faz de mim outra "Rosemary"? Não acredito em você! Você é um lunático *assassino*, não usou magia nenhuma, poder nenhum! Mas drogas, correntes e instrumentos afiados! — ela atirou o caderno de desenhos na direção dele com tanta força que páginas voaram. — Seu maldito *assassino*! — ela correu até ele, queria massacrá-lo. Estava perdendo o controle.

Foi contida sem esforço pelo rapaz.

— Você tem coragem de me falar em magia? — ela continuava gritando. — Isso é *magia*?! Seu *louco*! Maldito o dia em que você nasceu!

Camille perdeu a compostura. Gritava e se debatia como uma leoa ferida.

Em resposta, sem sair do lugar, segurando Camille de encontro ao seu corpo com uma das mãos, com a outra Kilaim fez um gesto estranho e muito rápido — e as janelas do *atelier* se fecharam com um estrondo, todas ao mesmo tempo.

Camille deu um solavanco involuntário de encontro ao peito dele, apavorada, e os olhos de Kilaim brilharam furiosos. Ela parou de gritar e com um empurrão se afastou dele. Tropeçou numa pilha de livros e caiu. Não teve forças para se levantar.

No andar de baixo, Alannah estava apavorada. Chegou até o pé da escada do sótão para tentar saber o que acontecia. Ouvia Camille gritar "assassino", "louco" e imaginou que fosse um novo

surto deflagrando. Correu escada acima e escancarou a porta do *atelier*. Olhou para Camille, agachada no chão, e Kilaim falou, fingindo-se perplexo:

— Chame a ambulância, Alannah. Ela não está nada bem.

Na pressa, Alannah percebeu papéis espalhados no chão, mas não viu nada que pudesse registrar na mente. Correu o mais rápido que pôde a fim de chamar o socorro médico.

Anne-Sophie de novo gritava no andar de baixo. Irritado, Kilaim deu ordem para que a fizessem calar a boca:

— *Zodocaré!!!!*

No andar de baixo, a criança estranhamente adormeceu. No atelier pairou silêncio por alguns instantes. Kilaim quebrou o silêncio;

— Você não acredita porque não deseja acreditar. Quer mais um exemplo? O Evangelho apócrifo de *Enoch* cita com detalhes, nos capítulos

7 e 8, sobre como os demônios copularam com as mulheres mortais, e como desta união resultaram gigantes, literalmente falando. Isso foi mais bem preparado pelos demônios, com o tempo, e os gigantes atuais são seres mutantes que chamam menos atenção fisicamente. São gigantes por dentro, em sua inteligência, capacitações especiais, dons, talentos.

— Você mesmo diz que o livro é um apócrifo. Que me interessa um apócrifo? — a voz dela era fria como a neve, escura como a noite.

— Apócrifo. Sei. Não se esqueça de quem selecionou — ou não — os livros que comporiam a "verdadeira" Bíblia. Os relatos que não condiziam com o resto, ou não eram "convenientes", poderiam muito bem terem sido removidos da expressão da "Verdade", *n'est-ce pas*? Os apócrifos expressam muitas verdades. E, já que lhe contei sobre eles, deixe-me enfatizar que *succubus* e *incubus* são citados em praticamente todas as

culturas: *Qarînah* na cultura islâmica, *Bakhtak* no Paquistão, *mare* ou *maere* no inglês arcaico, o que gerou mais tarde a expressão *nightmare*. De uma forma ou de outra, praticamente cada cultura possui uma figura demoníaca que se senta por cima de quem dorme e força-as a ter relações, suga a alma, rouba energia. A figura associada aos pesadelos e ao terror da paralisia corporal durante o sono ou ao acordar, era a única forma de estas culturas explicarem estas experiências sobrenaturais — ele fez uma pequena pausa e olhou mais fundo nos olhos de Camille. Sorriu. — Então? O que você pensa disso, minha mãe? Que tipo de punição você mereceria por ter gostado de fazer sexo com um demônio e, mais ainda, ter gerado um filho dele? Segundo o "*Maleus Maleficarum*", guia oficial de caça às bruxas, publicado pela primeira vez em 1486...

— Não quero saber! Cale a boca! — berrou Camille.

— Ainda bem que você vive no século XXI — ele não se preocupava com os gritos dela. — Não precisamos pensar em nenhuma punição para você.

— Nenhuma punição? *Nenhuma*? Ethan se foi, e pelas suas mãos!

Camille não conseguia levantar o corpo do chão. Suas reservas emocionais e físicas estavam no limite, esgarçadas como o tapete do quarto de Kilaim, esfregadas, repuxadas e feridas. A cabeça rodava e ela teve medo de desmaiar. Faltava saber uma última coisa. Tinha que suportar um pouco mais.

— *Porquoi*, Kilaim? Por que ele, o que ele te fez?

— Tinha 13 anos cronológicos quando fiz isso, quando o entreguei. Foi dia 13 de novembro do ano passado, portanto.

— Entregou...? — ela se esforçava para conseguir compreender. Estava apagando.

— *Oui*. Eu ia ser apresentado oficialmente à Organização; era meu rito de iniciação. Precisava

de uma entrega especial. Uma oferta de adoração — ele fechou o semblante. — Deus também não pedia sangue? Não pedia sacrifícios?

— Mas não sacrifícios *humanos*!

Uma onda de horror passou pela espinha de Camille e seu sangue começou a pulsar nas têmporas. A realidade de tudo aquilo a atingia como uma bigorna.

— Que diferença faz? — respondeu Kilaim com empáfia e uma nota de ira. — Era sangue, não era? O justo pelo pecador. Milhares e milhares de animais, constantemente sacrificados, para que Deus suportasse ver a cara de Seu povo. Não entende que *sangue* é a moeda espiritual, mesmo para Deus? E o patético sacrifício de Cristo? Mais sangue! Deus nunca aceitou ninguém perante Ele sem primeiro derramar o sangue dos inocentes. Sabendo, então, que sangue é moeda espiritual, para minha iniciação bastava o sangue de *uma* vítima somente. Mas não poderia ser qualquer

vítima. Aos 13 anos os demônios consideraram minha maturidade física, emocional e mental compatível com 18. Essa idade é muito importante. Eu podia escolher a vítima, desde que fosse inocente e tivesse forte ligação comigo.

— Iniciação? De que você está falando?

— Eu aprendi muitas coisas, direto com meu pai — ao ver o olhar dela, acrescentou: — Não Ethan, mas meu verdadeiro pai. Ele me ensinou História, ritos de invocação de demônios, hierarquias demoníacas, prática de magia, aramaico e latim, estratégias para o final dos tempos, estratégias para o preparo e a vinda do anticristo, astrologia, astronomia, armas de guerra nucleares e biológicas, venenos, uso e preparação de unguentos, rituais de celebração, encantamentos... tudo! Tudo que o homem denomina como Ocultismo. Esse aprendizado — que apenas começou — é uma forma de "somar poder à minha força". E, como eu tenho aprendido... "Poder à força, morte aos

fracos". Ethan era um fraco. Era inocente. E era meu "pai". A perfeita oferenda. A oferenda de um mutante; um gigante, um bruxo, e satanista — ele se irritou novamente. — Não entendo por que tanto espanto da sua parte: quantos não morrem por aí atropelados, vítimas de assaltos, espancados em prisões, de fome, de doenças monstruosas que existem nesse mundo? As pessoas morrem, *mamy*! Elas morrem.

— Não era hora de Ethan partir, não era hora de ele morrer! Muito menos desse jeito. O que você ganhou com isso?!

Ele sorriu um sorriso indecifrável. E disse, com orgulho, em tom baixo, quase não parecia sua voz:

— Poder. Muito mais Poder.

"Ele é um psicopata", refletiu Camille com o que lhe restava de raciocínio.

Kilaim virou-se de costas para ela e passou a pegar os desenhos espalhados pelo chão, um a um, calmamente.

— Como disse o poeta inglês William Blake, “Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”. Sua mente é pequena demais, *mamy*. Há muito, muito, muito mais entre céu e terra do que sonha nossa vã filosofia — ele olhou para os desenhos sem demonstrar nenhuma emoção. Mas por dentro rememorava o prazer de ter feito aquilo. — Pensei a princípio em entregar aquela sua criazinha de merda, esse trocinho insignificante que você chama de filha. Essa é mesmo produto de Ethan. Mas depois repensei... ela é insignificante demais. Ethan seria uma presa bem mais interessante.

— Que mal ele te fez...? — os olhos de Camille começaram a derrubar suas sofridas lágrimas.

— Você não entende mesmo, *n’est-ce pas*? Escute, o que vou lhe dizer pode salvar sua vida. Não tem lembrança dos momentos que passamos juntos?

— Como assim? “Passamos juntos”?

— Você me acariciava e me dava seu peito para sugar. Eu tocava neles. Quantas vezes fiquei em seus braços, e você acariciava meus cabelos, me beijava e abraçava... quantas vezes fiquei deitado com a cabeça em seu colo, e te senti, senti o seu amor... vi você nua, quando você ainda pensava que eu não podia entender, não podia desejar.

Ela viu quanto o discurso dele estava equivocado e lutou um pouco mais. Camille sentia ainda mais pavor agora, lutando para que estivesse entendendo errado.

— Você está falando do meu amor de mãe por você. Eu desejei muito um filho de Eth.... — ela se interrompeu. — Bem, ali estava você, meu filho. E eu te amei muito.

— Mas ele sempre tinha que aparecer! Meu maior oponente! Sempre ele chegava, e lá ia você para os braços dele, me deixava.

— Isso não é verdade, eu...

— *Oui*, é verdade! — ele berrou, batendo o punho contra uma das venezianas, rachando a madeira. — Eu nasci de você, e nós dois éramos um só, muito mais do que você poderia ser uma só com ele. Você diz que ele cuidou de mim, que me deu as coisas... ele não me deu *nada*, apenas tirou o que eu mais queria. Você. Vi você e Ethan fazendo sexo... *muitas* vezes. Tem ideia de como eu me senti? — o tom suave da voz dele contraiu-se como uma pedra de gelo. — Ouvi você gemer debaixo dele. Você sempre me deixava de lado quando ele estava por perto. Você nunca me amou como amou Ethan. E, no entanto, você sempre foi a minha vida... eu te amei como ninguém, te desejei como ninguém... no entanto, eu não era suficiente para você!

— Ethan era meu marido! Eu o amei como marido, e amei você como filho.

— Já ouviu falar em complexo de Édipo?! Por que eu não poderia amá-la como mulher, querê-la para mim?

— O complexo de Édipo é um simbolismo — rebateu Camille, trêmula.

— Entenda como quiser. O fato é que Ethan era um obstáculo — ele repetiu. Seu olhar era de amargura profunda. — Mas, talvez, agora que não existe mais Ethan em sua vida... se você me aceitasse... — ele caminhou devagar na direção dela — talvez eu não precisasse matá-la. Agora que você sabe de tudo, e sabe o quanto a amo... fique comigo! Vamos embora deste lugar. A Organização é internacional, podemos nos fixar em qualquer ponto do planeta. Vamos para onde ninguém nos conheça, e então seremos apenas um rapaz com uma mulher mais velha, um casal como tantos outros. Tenho certeza que meu pai aceitará essa solução! Então, não precisarei... matá-la.

Camille sentia o terror mais medonho que já experimentara na vida. Quando Kilaim, enorme e alto, terrivelmente forte, tocou seu rosto com os dedos, ela ficou petrificada. Sua língua estava

grudada no céu da boca e seu corpo tremia em espasmos. Ficou quieta, a mente rodopiando, tentando encontrar um jeito de escapar dali. Não temia a morte, mas não deixaria Kilaim escapar impune de seu ato inominável. Precisava escapar. Precisava denunciá-lo. Entretanto, sua mente ainda conseguia perceber que uma palavra fora do lugar e ele a esmagaria. Talvez não ali, de imediato, acusando-se. Mas... depois...

— Como você... — ela não conseguia encontrar a palavra certa — como vocês... — não tinha como amenizar aquilo — como vocês o pegaram?

Estava tudo escrito na brochura, que ela também tinha folheado. Havia muitos detalhes sobre a morte de Ethan. Já sabia que Kilaim fora atrás de Ethan em Mantova, que a viagem com Adrien e sua família era uma farsa, já que o pai dele era um satanista de alta patente. Os três voaram para Mantova no jatinho particular de um dos representantes da Organização. Claro que o pouso

deste jato em solo italiano nunca foi registrado: eles tinham poderes sobre todas as camadas da sociedade e contatos em todos os lugares. Aquilo estava escrito na primeira página da brochura. Só que não havia nada sobre a captura, como se aquilo não tivesse tanta importância no contexto geral. Entretanto, Camille queria saber. Repetiu a pergunta, quase implorando:

— Como foi que você fez? Diga-me...

Kilaim parecia impaciente. Queria logo uma resposta dela, e não ficar divagando em detalhes. Era a única maneira de mantê-la perto dele.

— Isso não é importante — respondeu, abrupto.

— Para mim é! Tudo isso para mim é importante! Você tirou Ethan de mim, e quero saber exatamente o que aconteceu.

— Temos pouco tempo. Se eu lhe disser, você virá comigo? — era uma petição insistente. —Não suporto a ideia de não tê-la comigo...

Ela não precisou pensar para responder.

— *Oui*.

Kilaim não precisou pensar para saber que ela estava mentindo.

***

Mantova, 31 de outubro, início da noite.

Ano anterior

O carro preto com três ocupantes, filmado, não era muito grande para não chamar atenção. O trecho escolhido para a abordagem era ermo. Mesmo que algum desavisado passasse por ali, não haveria *nenhum* motivo para despertar suspeitas.

Kilaim desceu um pouco antes. Não era necessário que ele estivesse presente naquela etapa do processo, entretanto ele queria fazer parte de tudo. Sentia-se numa grande aventura. O carro parou por alguns segundos, o suficiente para que ele saltasse do banco de trás e atravessasse a *Via dei*

Mulini. Já tinham mapeado muito bem o lugar todo, e decidiram que Kilaim ficaria de prontidão, escondido no matagal atrás do posto de gasolina. Era escuro o suficiente, resguardado o suficiente. Do meio das árvores e plantas, ele segurou nas mãos um binóculo, que usou mais por curiosidade que necessidade. Era melhor que Ethan não o visse; não podiam prever sua reação.

A mulher — alta patente dentro da Organização — era muito bonita e beirava uns 30 e poucos anos. Estava bem vestida e exibia um ar preocupado ao abrir o capô do carro. Era impossível perceber a presença do homem, oculto atrás do banco do motorista.

Pouquíssimo tempo depois da parada do carro Ethan vinha caminhando tranquilamente, com as mãos nos bolsos, bem disposto depois de saber-se instalado e pronto para o curso do dia seguinte. Sua mente vagava, pulando de assunto em assunto; ele apenas aproveitava a caminhada. Aproximou-se do

carro parado na beira da estrada, mas só se deu conta da presença da mulher quando ela ergueu a cabeça, mostrando um ar aflito.

— *Signore*! — chamou ela. — *Per favore*!

Ethan viu que havia problemas com o carro, que não era muito novo. Ele atravessou a rua e perguntou em inglês, já que seu italiano não era bom.

— *Is there something wrong*?

— Ah, que bom que fala inglês. Estou atrasada para um compromisso e meu carro apagou. Ele sempre faz isso, mas nunca quando estou em movimento; o problema é sempre na hora de dar a partida.

Logo após a curva havia um posto de gasolina onde, supostamente, a mulher poderia encontrar ajuda qualificada, mas Ethan não sabia disso. E nunca ficaria sabendo. Ela não perdeu tempo.

— *Please*, você poderia tentar dar a partida para mim? Acelerei um pouco o motor, talvez pegue.

Quem não tem um carro bom precisa saber fazer essas coisas... é melhor saber se virar.

Ethan não fez comentários sobre o fato de a mulher entender um pouco de mecânica. Enquanto ela se abaixava de novo, ele se sentou no banco do motorista, apenas com a perna que ia pisar no acelerador para dentro do carro. Imediatamente sentiu sua cabeça sendo puxada violentamente para trás por um cabo fino de aço. Sua traqueia foi comprimida com uma força brutal. A voz não saía. Ergueu as mãos na direção do pescoço e agitou o corpo de forma frenética tentando libertar-se. A dor era insuportável. Gemeu impotente, quando uma espécie de pano grosso cobriu sua boca e suas narinas. Lutando para respirar, só o que pôde sentir foi um cheiro forte e muito concentrado de éter, ou algo do gênero. Tudo desapareceu.

Vendo o corpo dele sem reação, a mulher entrou no carro sem pressa e jogou o pano dentro de uma caixa de plástico que foi vedada com uma tampa.

Deu um sinal de luz e Kilaim se apressou a sair de seu esconderijo para juntar-se a eles. Toda a manobra não tinha durado nem cinco minutos, ninguém tinha passado por lá. Na pressa, passou correndo por entre as árvores e enganchou a corrente do medalhão que estava usando no pescoço naquela noite especial. A corrente arrebentou e pulou fora junto com o medalhão; rolou e sumiu.

"*Merdee*!!"

Agachou-se, tateando no escuro. Buscou minuciosamente fazendo um círculo ao redor do ponto onde ele julgava que o objeto houvesse caído. Ficou em pânico, coisa que raramente lhe acontecia. Viu novo sinal de luz vindo do carro. Levantou-se e saiu correndo, afastando galhos e se arranhando um pouco. Seria um erro deixar o medalhão lá. Alguém teria que vir procurá-lo, pois a polícia poderia encontrá-lo e verificar as digitais. Por algum estranho motivo, nunca o encontraram.

Mais tarde, os demônios acabaram sinalizando que o medalhão fora encontrado por Camille, entretanto, como o doutor Eldred dispersou o interesse da polícia em relação a ele, não se preocuparam mais. Kilaim foi repreendido, e só.

***

Ethan não saberia dizer quanto tempo ficou desacordado. Ao abrir os olhos não conseguia enxergar nada. Levou as mãos ao pescoço, que doía e estava levemente cortado. Aos poucos, foi se lembrando do ocorrido: a mulher parada com o carro em pane, a sensação medonha do ataque, o fio em seu pescoço, a asfixia... e a escuridão que se seguiu.

Sabia que tinha sido sedado. Ainda se sentia um pouco torporoso. Olhou em derredor, invadido pelo medo. Agora que seus olhos tinham se acostumado à penumbra do ambiente, percebeu que estava no que parecia ser um pequeno quarto

sem janelas. Mas o quê estava fazendo ali? Que tinha acontecido? Ele só conseguia pensar na possibilidade de um sequestro. Vislumbrou os contornos da única porta e ergueu-se, tateando no escuro, um pouco cambaleante. Naturalmente a porta estava trancada, mas parecia haver luz do outro lado. Ele devia esperar. Alguém apareceria. Não gritou e nem chamou por ninguém. Tudo estava muito silencioso. Voltou para a cama onde estava deitado, único móvel no quarto, além de uma cadeira onde havia uma garrafa d'água. Bebeu devagar, sentindo dor ao engolir. Deitou-se e esperou.

***

Tinha a sensação de dormir e acordar. Certo momento viu um homem perto dele, e pensou ter visto também a mulher do carro. Percebeu que estava zonzo e fraco. Certamente havia algum sedativo na água que ele tinha bebido. Fez esforço

para perguntar alguma coisa, se comunicar, mas seus olhos se fechavam e a língua parecia enrolar-se dentro da boca.

Enquanto dormia, sem saber se era dia ou noite, muito menos que dia era, sentiu Camille perto dele. Ela o chamava, mas ele não conseguia responder. Entretanto, sentiu o calor da presença de sua amada, um calor forte, poderoso. Podia quase palpar no ar o seu amor, a sua aflição. Por entre as pálpebras fechadas ele conseguia divisar uma luminosidade, e era como se parte do calor que sentia viesse dessa luz que ele não sabia o que era.

Em seu coração, disse o quanto a amava. Despediu-se dela. Sabia que não era um sequestro. Dentro dele se formava a certeza de que iria partir para sempre.

***

Sentiu-se mais desperto de repente. Viu a porta entreaberta, aquela que estava antes trancada à

chave. Sentado na cadeira ao seu lado, para sua grande surpresa, estava seu filho Kilaim. A iluminação do aposento era fraca, feita apenas pela luz indireta que vinha do corredor do lado de fora do quarto.

— Meu filho? — murmurou Ethan. Fez menção de se levantar, mas sentiu as amarras nas mãos e nos pés, nada muito elaborado, apenas para restringi-lo um pouco.

Sem obter resposta, Ethan deixou a cabeça pender para trás, cansada, pesada. Ainda sentia o efeito das drogas que lhe haviam dado durante quase duas semanas. Ele não sabia, mas era noite de 12 para 13 de novembro, data do 13º aniversário de Kilaim.

Kilaim apenas o observava. Um olhar profundo, penetrante, como se com ele pudesse invadir a mente de Ethan.

— Por que estou aqui? — indagou Ethan. Seus olhos também pesavam, mas desta vez conseguia

mantê-los um pouco abertos.

Kilaim inclinou o corpo para frente na direção de Ethan. Apoiou os cotovelos calmamente sobre os joelhos. Era uma calma tão impressionante que Ethan sentiu sua nuca se arrepiando. Era uma tranquilidade maquiavélica, algo que prenunciava o caos.

— Já ouviu falar em Complexo de Édipo... "pai"?

Ethan não respondeu. Repetiu sua pergunta:

— Por que estou aqui e o que você está fazendo?

— Estou tentando explicar — Kilaim foi rude. — Se não colaborar comigo, farei o que é preciso, e você que procure as causas de tudo no inferno!

Ethan tentou se mexer, mas era impossível. Suas mãos e seus pés estavam dormentes. O rapaz voltou à calmaria inicial e novamente perguntou:

— O Complexo de Édipo te diz alguma coisa sobre essa situação?

Ethan procurou na mente cansada uma resposta.

— Está querendo mencionar o mito grego de Édipo Rei, ou Freud?

Kilaim deu de ombros.

— Tanto faz, na verdade. É por causa disso que você está aqui.

Ethan piscou os olhos várias vezes, franzindo os sobrolhos. Sua mente ainda estava lenta, contudo, ele sabia que estava ouvindo bem. Estava ouvindo bem?

— Então você, meu filho, pretende... me matar?

— Exato. Como Édipo matou seu pai, o rei Lion, para tomar sua mãe, Jocasta.

— Mas no fim, Édipo...

— Sim, eu sei — Kilaim fez um gesto de desdém com a mão. — É claro que não pretendo furar meus próprios olhos e nem banir-me da sociedade. Mas estou cansado de me negar esse prazer, por sua causa.

Ethan remexeu-se mais. Lentamente parecia despertar do sonho... ou estaria despencando num

pesadelo?

— O que quer dizer com “se negar esse prazer”?

— Você me entendeu. Não quero mais dividir Camille com você. Não me importam as regras da sociedade, não me importam os limites do prazer, não me importam se certos prazeres são proibidos, ou não. Eu vivo de acordo com outras regras. Eu sou livre! Meu verdadeiro pai me ensinou muitas coisas, especialmente que as leis impostas são para serem quebradas. Não quero mais você entre mim e minha mãe.

— Você... você não pretende realmente fazer algo assim...? Se ama tanto sua mãe, pretende tirar dela algo tão precioso? A vida de seu marido? Eu não estou disputando Camille com você! Que história é essa?

— Você não está disputando, mas eu estou. É você que a tem nos braços como mulher, é você que beija sua boca e toca em seu corpo inteiro, abre suas pernas e enfia seu maldito pênis dentro dela!

Goza dentro dela. E produz outro bebê. Outro *maldito* bebê!

— Kilaim, pelo amor de Deus... você não está raciocinando. Você também terá sua mulher, fará amor com ela...

— Já tive tantas mulheres quantas eu quis. Não me servem. Não me bastam. Não me acompanham, ou têm medo de mim. Lembra-se... — ele sorriu diante da lembrança — daquela sua secretariazinha de *merde*?! Ah! Ela nunca vai conseguir provar que não era a voz dela naquele telefonema — ele sorriu de novo, achando muita graça de si mesmo. — Sempre detestei o ar de pavor que ela assumia quando dava de cara comigo.

Ele ergueu o corpo de uma vez, os olhos explodindo.

— Voltando ao que interessa: há somente *uma* que eu quero.

Ethan novamente fez esforço para libertar-se, desta vez com mais força. Sentia suas pernas como

líquido, dissolvendo-se.

— Solte-me — implorou ele. — Vamos conversar sobre isso. Vamos procurar um tratamento, você sabe que isso não é normal. Esse sentimento não é normal.

Kilaim riu de deboche. Ethan achava que nunca tinha visto o filho tão bem humorado.

— *O quê* é normal? *Quem* é normal, pai? Além do mais, o seu sangue já está prometido a meu *verdadeiro* pai.

Ethan ficou calado. Sentia o suor porejando pelo corpo inteiro.

— Não fui gerado por você, seu corno imbecil. Sou o filho de um demônio. Agora vou entregar sua vida a ele, seu sangue, e obterei com isso muito poder! Além de ter sua mulher somente para mim.

Uma voz masculina falou da porta:

— Não temos muito mais tempo. Apresse-se.

Kilaim se ergueu. Os olhos de Ethan reviraram nas órbitas e um pânico violento cresceu dentro

dele. Percebia que aquilo não era um pesadelo, e estava somente começando.

— Kilaim! Espere! Não faça isso a sua mãe... — ele gritou. Queria tentar ganhar tempo. — Diga-me apenas que lugar é este, em que dia estamos.

— Estamos na mansão de um dos integrantes da Organização Satânica da qual faço parte. Vulgo: adoradores do Diabo. Ele tem aqui vários locais secretos, preparados segundo instruções dos nossos aliados, os demônios, para rituais de magia negra. Aqui, este quarto, é uma espécie de cela. E hoje é dia 12 de novembro, 23 horas e trinta minutos. Esclarecido?

Kilaim lhe virou as costas em total atitude de desprezo. Dois homens entraram no quarto minúsculo e um deles puxou a manga da camisa de Ethan, que conseguiu ver que traziam material para aplicar nele alguma coisa. Pensou que fosse uma injeção letal, e que morreria em seguida.

— O que é isso? — sua voz mal saía pela garganta.

Nenhuma resposta. O garrote foi preso em seu braço por um dos homens e a veia saltou. O outro estendeu uma seringa ao primeiro, e Kilaim apenas observava tudo, o interesse crescente. Mais um momento em que ele não precisaria estar presente. Entretanto, queria ver tudo. O ódio que sentia de Ethan espalhou-se por sua boca.

— O que é isso? — gritou Ethan, mais alto. E, sabendo que não tinha nada a perder, berrou para Kilaim. — Édipo pelo menos fez o trabalho com as próprias mãos. Seu covarde!

— E quem disse que eu não vou fazer com minhas mãos? — e riu. Riu alto, uma gargalhada histérica. — Esperei muito por isso!

O líquido da seringa foi injetado em sua veia e Ethan lentamente começou a sentir uma sensação de torpor outra vez. Porém, diferente agora, não

adormeceu. Era um torpor muscular, uma espécie de ligeira fraqueza no corpo.

— Então, mais alguns minutos e será meu aniversário... — continou Kilaim — meu aniversário de treze anos! Você foi recolhido no dia 31 de outubro, dia do *Sabbath*, a mais importante festa do Satanismo mundial, uma festa ao próprio Lucipher, o príncipe deste mundo. E, hoje, ainda por cima eu completo treze anos... treze é um número maldito. Jesus andou com 12 homens... ele era o 13º... e morreu a mais terrível morte. O que você pensa disso?

Ethan começou a escutar a voz dele como que vinda de longe, como os últimos ventos de inverno, mas a escutava e a entendia perfeitamente. Achou que fosse somente impressão, fruto do seu terror crescente.

— Era importante capturá-lo no dia 31. Aniversário de Camille. Ela ainda não sabe, mas morreu para a vida velha e hoje está nascendo para

uma nova vida. Assim como eu. Quanto a você... — Kilaim olhou Ethan com profundo desprezo — "Até tu, Brutus, meu filho?". Isso lhe soa familiar? — ele riu abertamente. Parecia incrivelmente excitado agora. — "Nada de novo debaixo dos céus"! Não sou o primeiro a fazer isso, e nem serei o último. Nada de novo está acontecendo aqui.

Ethan fechou os olhos. Lágrimas escorreram por suas faces. Não chorava por ele, mas por Camille. Ele sabia, ele a conhecia. Como ela sobreviveria?

— Por que ela? Por que a escolheram para viver tal monstruosidade? — ele indagou, referindo-se à gravidez, e sentindo-se cada vez mais letárgico fisicamente.

— Porque ela era pura, inocente, e seu amor, verdadeiro. Além de mais um ou dois detalhes cabalísticos. Nada que eu tenha tempo de explicar a você agora.

⁂

Deixaram Ethan sozinho. Ele estremecia e sentia um imenso pavor pela expectativa do que viria. Chorou por Camille, a amada da sua alma, que nunca mais veria. Já fazia treze dias... como ela estaria? Fechou os olhos e se concentrou na imagem dela, em seus olhos cor de esmeralda e seus cabelos ruivos, seu corpo curvilíneo, sua risada vivaz. Lembrou-se do último passeio deles, da ida a Paris, do ovo *Fabergé* com seu mimo de coração dentro. Viu Camille dançar diante de seu rosto, com olhos atrevidos, e sentiu na boca o gosto de seus beijos.

Lágrimas continuavam rolando por seu rosto. Como era possível que tudo fosse terminar daquele jeito? *Porquoi*?? *Porquoi, mon Dieu*?

O tempo continuou passando. Quanto tempo?

Ao longe, começou a ouvir cânticos. Estavam mesmo longínquos ou era sua audição que estava diferente? Apurou os ouvidos. Eram cânticos estranhos, uma melodia estranha, numa língua que

ele não conhecia, entoado por muitas vozes. Havia sons de instrumentos que ele não conseguia identificar.

Mais tempo se passou. Ethan agora sentia a língua e os lábios formigando, além de uma leve sensação de diminuição da sensibilidade no lado esquerdo do rosto. As extremidades estavam dormentes e ele sentia como se seu corpo estivesse flutuando.

"Que estará acontecendo?", ele se perguntava.

Começou a gritar:

— Kil... aim!

Foi aí que percebeu sua dificuldade em articular as sílabas. Desistiu. Ninguém lhe deu atenção, e o tempo passou por talvez mais uma hora, ou mais. Embora não soubesse ao certo o que acontecia, Ethan já tinha intuído que estavam realizando alguma espécie de Ritual, como Kilaim havia dito. Ele mencionara adoradores do Diabo. Tinha dito ser filho do Diabo. E que iria oferecer seu sangue...

“Impossível... isso é coisa da Idade Média”.

Ethan tentou mais uma vez forçar as amarras, mas experimentava mais dificuldade para se mover. Parecia estar semiparalisado e seu terror atingiu um limite indescritível. Então, pela visão periférica, percebeu a presença de três homens no quarto. Eram outros, diferentes dos primeiros, e Kilaim não estava com eles. Usavam uma túnica preta com capuz sobre a cabeça.

— O que... f...oi que... vocês me der...am? — tentou Ethan articular, com voz pastosa.

Ele mal conseguia mover a cabeça. Surpreendentemente, houve resposta. Um dos homens, que parecia mais velho, falou com voz grave em francês. Tinha um ligeiro sotaque.

— Foi-lhe administrada uma droga que era utilizada nos antigos rituais vodus, principalmente no Haiti, e que é extraída do veneno de certos peixes, polvos e rãs, alguns tipos de estrelas-do-mar, certas salamandras aquáticas, mas que foi

melhorada, por assim dizer, pelos satanistas da nossa irmandade. É a tetrodoxina. Essa neurotoxina bloqueia o potencial de ação principalmente das células da musculatura esquelética, e consequentemente os movimentos. Mas não se preocupe. Demos a você uma dose ínfima desse veneno. Não queremos que perca o espetáculo morrendo antes da hora. Em doses mais altas você ficaria totalmente paralisado, num estado chamado de catalepsia, e seria considerado morto. Seria enterrado... mas ainda estaria vivo. Sua consciência será preservada, bem como toda a sensibilidade. Mas, não poderá expressá-la. Seus músculos estarão paralisados.

O homem observou o pavor espelhado nos olhos de Ethan, e continuou impassível.

— Kilaim é jovem. Está vendo certas coisas pela primeira vez. Ficou seduzido pela ideia de enterrá-lo vivo, e até mesmo eu pensei se não o deixaria fazer isso. Entretanto, existem regras. Embaixo da

terra seu “filho” não poderia ver você. Não poderia olhar dentro de seus olhos. Não veria seu sangue verter.

— Qu... em é... vo...cê? Sol... te-me... *s’il... vous... plaît*... solte-me.

— Sou da Organização. E vou prepará-lo para ser entregue a Kilaim. Que o entregará a Lucipher durante o ritual.

— *Sil vous... plaît*...

Não houve mais resposta. Ethan sentia o coração batendo acelerado no peito. Sua respiração estava um pouco mais difícil. A consciência, completamente preservada. Era um verdadeiro terror! Não estava acontecendo! Sua cabeça parecia prestes a explodir de dor.

Seus braços e pernas foram desamarrados. Como já apresentasse grande dificuldade de movimentação, foi necessário que os dois outros homens, mais jovens, erguessem Ethan de modo a despi-lo totalmente. Ele continuava completamente

lúcido. Seu único terror maior do que ser morto naquele ritual satânico, era imaginar o que seria de sua esposa. Sua visão estava turva, e lágrimas escorriam dos seus olhos. Eram lágrimas por Camille. Lágrimas porque não a veria mais, porque estava sendo separado dela; e por deixá-la sozinha. Por causa de tanta dor não sobrava espaço em seu coração para sentir ódio de Kilaim. Havia apenas perplexidade; surpresa; medo; pavor; pavor pelo que teria que passar e por ter que deixar Camille à mercê daqueles monstros.

— Kil... aim...

Novamente, ninguém lhe deu atenção. Posto de pé, ele conseguia manter-se se fosse escorado por baixo das axilas.

— Nã...o faça... nada a Cami... — foi a última coisa que conseguiu dizer.

O sacerdote velho riu.

— Quanta abnegação! Preocupado com a esposa. Kilaim cuidará bem dela.

Ethan tinha muita dor no estômago agora, se contorcia devagar, gemendo, e a respiração estava ligeiramente mais curta do que antes. Isso o deixou muito aflito. Será que sufocaria aos poucos até a morte? Teria uma parada cardíaca? Ou, por um milagre, o veneno causaria morte cerebral antes destes outros eventos? Eles ficariam parados, cantando, vendo-o morrer?

Como que lendo os pensamentos de Ethan, o velho cobriu a cabeça com o capuz e olhou direto nos olhos dele. Saliva escorria pelo canto de sua boca rígida, pois a paralisia da língua, dos lábios e dos músculos faciais o impedia de engoli-la. Seu rosto exibia um ar estarrecido, olhos muito abertos. Seus olhos se moviam em todas as direções, mas as pupilas começavam a ficar levemente dilatadas.

— Você ficará consciente até bem perto do momento de sua morte. Aquele que você criou como filho hoje te entregará nos braços de Satã. Logo você o verá de novo, e ele estará muito

diferente. Um filhote de leão não é mal porque brinca com a presa antes de matá-la, não acha? É apenas instinto. O mal está dentro de todos nós, apenas é preciso saber como despertá-lo, e como usá-lo.

A mente de Ethan revirava de um lado para outro, subia e descia, espremida como um pássaro recém-aprisionado numa gaiola muito pequena. Ondas vertiginosas de terror e confusão se derramavam sobre ele, rápidas como torrentes de água, inundando-o, preenchendo-o, afogando-o de tal maneira que pensou que desmaiaria. Mas não aconteceu.

— *Mon... Dieu*... ajude... me...

— Deus! Nessa hora todos se lembram Dele. Jesus também. Ele suou gotas de sangue, sentiu o pavor da morte. Pediu a Deus que afastasse Dele o cálice. E que resposta recebeu? "Não!". É assim que Deus faz: "Matem o Meu Filho!". Por que Ele ouviria você, infeliz?

Sem saber direito como, Ethan foi transportado rapidamente por um corredor largo, chão de pedra, paredes iluminadas por tochas. Gemendo de dor, foi arrastado por uma escadaria de pedra que fazia uma curva acentuada para a esquerda. Eles pararam diante de uma porta de madeira de cedro, sem detalhes, cuja maçaneta era uma cabeça de bode. Quando adentraram o novo recinto, Ethan vomitou, sentindo uma dor insuportável no estômago e também no ato de vomitar, por causa da rigidez dos músculos. Parecia que martelavam sua cabeça com chapas de ferro e que seu crânio estava prestes a rachar, seu cérebro prestes a se esparramar pelo chão em pedaços.

De fato, mantinha-se consciente, mas era um estado estranho de consciência, onde o medo, a dor e o ódio se misturavam junto com a paralisia corporal.

"*Mon Dieu, mon Dieu...*"

Era tudo que ele conseguia dizer em sua mente acelerada, onde os pensamentos se misturavam uns aos outros, se batendo, se amassando como massa na batedeira. O lugar onde estavam parecia tão somente uma antessala. O sacerdote, que ia à frente, atravessou uma cortina pesada e espessa e, mesmo com a visão meio embaçada, Ethan conseguiu vislumbrar muito fogo em algo como uma pira. Um cântico diferente foi entoado desta vez, as batidas de atabaques muito ritmadas, fortes, como que prenunciando algo, criando uma atmosfera densa. Ethan sentia agora seu pescoço muito rígido, não podia mover seus pés ou suas mãos, e a sensação de falta de ar aumentava pouco a pouco. Era a neurotoxina atuando sobre a musculatura respiratória. Embora não lhe tivessem dito, ele pressentia que essa devia ser a causa da morte, uma grave insuficiência respiratória. E não estava errado. Fazia força, totalmente em pânico, mas o ar entrava devagar, em quantidade que ele

começou a sentir como pouca.

"Um veneno. Foi um veneno que eles me deram, que paralisa os músculos, mas mantém a consciência."

Não era real. Tinha que ser um pesadelo. Como num filme, a polícia apareceria no último minuto para salvá-lo. Nessa altura já deviam estar à sua procura.

"Meu Deus, ajude-me!"

A polícia estava escondida em algum lugar, observando, todos prontos para darem o flagrante. Kilaim, a mulher do carro, o homem que o tinha enforcado, o sacerdote, os ajudantes... todos os responsáveis seriam presos, ou mortos. Camille estaria à sua espera, com lágrimas abundantes nos olhos, e envolveria seu pescoço num abraço muito forte. Ele seria colocado na ambulância e lhe dariam um antídoto. Mesmo que ficasse na UTI, seria salvo. Tudo terminaria bem.

“Oh, Camille, *amore mio*! *Mon Dieu*... não permita que eu a deixe, não agora, não assim.”

A dor no estômago se espalhava, lancinante, e a cabeça estourava. Sentia vertigens e náuseas, e quando foi erguido por quatro homens percebeu que a ponta de seus dedos estava azul. Cianóticos, todos eles.

Embora ele não pudesse vê-los, seus lábios também estavam cianóticos, e as pupilas, muito dilatadas. Ele agora só conseguia distinguir vultos. Foi facilmente carregado, apoiado nos ombros dos quatro homens vestidos com túnicas pretas e de capuzes nas cabeças.

***

Ao voltar a si, depois de uma convulsão não muito forte, percebeu-se sobre o que deveria ser uma mesa de mármore, nu, com pés e braços amarrados, bem afastados um do outro. Seus olhos giravam aterrorizados. De sua boca azul escorria

saliva e sangue até o pescoço. Todos os músculos do corpo doíam e a falta de ar era grande.

Percebeu que não haveria policiais. Camille não viria para abraçá-lo. Não havia salvação possível. Estava morrendo. Tentava em vão engolir, em vão sugar mais ar. Então alguém se aproximou dele, igualmente encapuzado. A mesa de sacrifícios, com canaletas em toda a volta para facilitar a drenagem do sangue, estava posicionada sobre um enorme pentagrama. Havia muito fogo e o ar estava embaçado, mas não eram os olhos de Ethan. Era resultado da queima de incensos, ervas, poções, e fumaça de velas feitas com gordura humana.

O homem que se aproximou de Ethan era muito alto. Ele chegou o rosto bem perto do de Ethan, lentamente, porque queria ser reconhecido. Os olhos de Ethan lhe mostraram que sabia exatamente quem estava à sua frente. Kilaim não falou nada. Seu rosto estava estranho, modificado,

os músculos repuxados; seus olhos eram um poço mais negro e profundo do que a morte.

Ethan não compreendia. Sua mente estava perdida. Com olhar fito no rosto de Kilaim, ele esperou. Mais que o terror, agora uma tristeza infinita o invadia. Iria morrer dentro em breve, não sabia como. Só desejou que acabasse logo.

***

Estavam num importante momento do ritual. As pessoas de alta patente da Organização olhavam e esperavam. Observavam a figura agonizante. O gigante Kilaim ao lado de uma mesa com vários instrumentos. Os sacerdotes enfileirados, dentre eles o homem louro, pai de Adrien.

Ele tomou nas mãos um punhal e as principais veias do corpo de Ethan foram seccionadas com movimentos bruscos e incrivelmente precisos. Kilaim estava semicanalizado pelo demônio que o tinha gerado. Iriam enfraquecer a vítima um pouco

mais, drenando parte de seu sangue diretamente para a poção que estava sendo preparada, e que todos os presentes tomariam depois, em atitude de celebração. Não eram muitos, e se organizavam ao redor do pentagrama.

O sangue de Ethan escorria, saindo de seu corpo pouco a pouco, correndo como água de uma torneira semiaberta, Ethan sentia-se prestes a desfalecer. Mas não sentia dor à medida que três litros de sangue fluíam para dentro do caldeirão. Apenas desconforto respiratório. Até as dores pelo corpo pareciam mais surdas.

Kilaim esperava o momento final, o momento que tanto tinha aguardado. Ele realizava gestos rituais e danças minuciosamente coreografadas, colocando na poção outros ingredientes.

Ethan não ouvia mais música, embora os instrumentos e vozes ainda soassem. Olhou para cima, para o teto muito alto, entretanto pouco enxergava. Sentia seu coração batendo

descompassadamente, dando mostras de falhar. Apesar de ter sido retirado cerca de 50% do sangue de seu corpo, o coração não conseguia bater mais rápido. Mais um efeito da tetrodoxina sobre o músculo cardíaco.

Sua consciência estava preservada por um fio, ele percebia ainda a movimentação à sua volta, entretanto agora não se importava com o que aconteceria. Fechou os olhos e na sua mente só ficou a imagem de Camille.

Kilaim aproximou-se dele com o punhal ritualístico nas mãos. Ethan seria morto da mesma forma que nos antigos rituais astecas. Assim tinha sido estabelecido.

Então, forte como um touro, ele levantou as mãos acima da cabeça.

***

A mesma precisão brusca de antes, a mesma rapidez inumana, a força de muitos homens em um

só. Homem e demônio unidos para o mesmo fim.

O abdome de Ethan foi rasgado profundamente, de lado a lado, logo abaixo do diafragma.

Com uma das mãos em garra Kilaim dilacerou músculos em segundos, entrando no peito de Ethan pela parte de baixo. Um som alto e quebradiço pode ser ouvido e depois as entranhas foram esmagadas e se romperam como tomates podres. Um aperto no coração. A sensação de sufocamento. Um manto espesso descendo sobre a mente. Kilaim ergueu o coração para o alto e sabia que o tinha arrancado enquanto Ethan ainda estava vivo, exatamente como preconizava o ritual asteca. Kilaim o manteve no alto, vitorioso.

Logo já não havia dor. A asfixia durou mais alguns segundos. Seus olhos já não enxergavam, a visão foi-se fechando como as cortinas de um teatro. O teatro da sua vida chegava ao fim. A figura de Camille dissolveu-se como neblina, diante de seus olhos.

3 Gênesis 6:2

3

Pass

Embora o Sabbath fosse a festa mais importante do Satanismo, ocorrendo nos quatro cantos do globo e envolvendo milhares e milhares de adoradores do diabo, aquele ritual era só para a alta hierarquia da Organização. Tanto humana quanto demoníaca.

Kilaim não queria dar detalhes do sacrifício a Camille. Não naquela hora. Ela teria ódio dele, não o acompanharia. E ele teria de matá-la. Não queria contar os detalhes sobre a antiga civilização

mesoamericana, e suas várias formas de sacrificar uma vítima. Dependendo do deus a quem se fazia a oferenda, as vítimas eram adultos ou crianças, prisioneiros de guerra ou voluntários. Porém, era tal a brutalidade — e a quantidade — que os rituais chocaram os espanhóis. Não se sacrificava menos de 25000 pessoas por ano, e conta a História que num determinado período, em quatro dias foram oferecidas 20000 vidas humanas: a maior carnificina ritual de todos os tempos.

Camille sentia seu coração bater tão alto que ela juraria que Kilaim era capaz de ouvi-lo. Tinha que se *acalmar*! Sua mente parecia derreter como a neve no início da primavera, porém estava fixa numa única coisa: delatá-lo. Kilaim tinha que ser punido, tinha que ser preso, tinha que pagar pelo assassinato de seu pai.

Ela precisava sair dali o mais depressa possível. Uma sensação de urgência invadiu seu coração, dominando-a, a adrenalina jorrava inundando seu

sangue. Só que não tinha escapatória. Se ficasse, ele a mataria. Se tentasse escapar, ele a mataria do mesmo jeito. Como escapar dele? E pior, se demorasse muito a ambulância podia chegar e nunca lhe dariam crédito, seria levada outra vez para o hospital psiquiátrico.

Só havia um modo: fazê-lo pensar que ela concordava com sua proposta e, assim, talvez conseguisse ludibriá-lo o suficiente para conseguir sair do sótão e chegar até o carro.

— Você disse... ir embora daqui? — Camille olhou dentro dos olhos dele e pensou ter visto uma luz relampejar. Mas logo ela sumiu.

— *Oui.* Outro lugar, outro país. Onde você quiser, o quê você quiser. Basta me dizer. Você... poderia cogitar algo assim?

Camille não se jogou de cabeça, ou se trairia. Falou com voz firme, apesar de seu coração parecer que queria explodir dentro do peito:

— *Je ne sais pas*. Teria que pensar a respeito alguns dias.

Breve momento de silêncio.

— Você só tem que abrir sua mente para essa possibilidade. Quando fizer isso, contemplará coisas que nunca viu, poderá experimentar o que nunca experimentou. E eu poderia apresentá-la à Organização; eles têm interesse por você. Você cresceria muito rápido lá dentro e receberia muito poder. Não tem ideia do que é isso. Poder! É como uma droga. Você experimenta e quer mais, apenas quer mais.

"À custa de matar o próprio pai?". O pensamento voou como um relâmpago dentro dela.

— O verdadeiro ocultismo só pode ser revelado por meio dos demônios e por meio dos aliançados, dos verdadeiros feiticeiros. — Kilaim tinha pressa e muito desejo de compartilhar com Camille aqueles segredos de sua vida. Já não a via como mãe, mas como parceira.

“Se ela concordar com minha proposta, talvez me concedam o desejo de não matá-la”, ele refletia.

Camille tentou demonstrar algum interesse. Embora não quisesse ouvir a resposta, indagou:

— *Alors*... com qual demônio você tem aliança? Aquele que você chama de pai? Aquele que... gerou você?

— Ele. O próprio. O príncipe das Trevas, Lucipher — Kilaim disse aquilo com o semblante cheio de orgulho. — Somos apenas nove. Nove gigantes que ele gerou, para um destino muito especial aqui na Terra, no preparo para a vinda do anticristo.

Camille tinha ânsias de vômito. Sem conseguir conter-se, balançou a cabeça com uma careta.

— Kilaim... — ela deu alguns passos em direção a ele. Com o máximo de esforço, e temerosa, conseguiu pousar uma das mãos em seu ombro — meu filho... deixe-me pensar por alguns dias.

Kilaim queria poder acreditar no que ela lhe dizia. Segurou com força a mão de Camille, trazendo-a para junto do peito.

— Deus permitiu que Ethan fosse tirado de você, *n'est-ce pas*? — ele sentiu a mão dela fechar os dedos sobre seu peito. — Você lhe pediu misericórdia, mas Ele não lhe trouxe misericórdia. Ele não é *Deus*? Não poderia ter-me impedido? Não poderia ter impedido Lucipher? Não é, supostamente, o mais poderoso?

Kilaim abaixou a cabeça de modo a poder olhar a mãe dentro dos olhos. Ela devolveu o olhar da forma mais vazia que podia, aterrorizada que ele percebesse seus sentimentos.

— Você não deseja vingança? Diga-me que não deseja! Diga-me que não gostaria de se aliar ao inimigo de Deus, que construiu na Terra um reino mais poderoso do que o Dele, que tem milhões de seguidores, homens e mulheres que firmaram pacto de sangue diante das hierarquias infernais?

Camille tinha a boca numa linha reta para impedir seus lábios de tremerem.

— A ligação que existe entre eu e você, Camille, é maior do que qualquer outra que você já teve. Sei que está triste por causa de Ethan, mas deixe o tempo passar, deixe-me ajudá-la a se curar. Além de eu ter nascido de você... você conheceu meu verdadeiro pai, ele esteve perto de você durante todo esse tempo. Ethan era apenas uma pedra de tropeço.

Camille esboçou o que pensava ser um pequeno sorriso. Não lhe importava em absoluto Deus ou o Diabo, quem tinha o maior reino ou mais adeptos. A única coisa que lhe importava era que Ethan tinha sido assassinado friamente num ritual de magia negra, por lunáticos supostamente compactuados com entidades espirituais, e seu filho tinha sido protagonista disso.

— Deixe-me pensar — ela repetiu. — É tudo muito novo pra mim e, como você mesmo diz,

estou me recuperando do luto. Começando a redirecionar minha vida. Preciso de um tempo.

Ela fez força para libertar a mão que ele mantinha pousada sobre seu coração. Ela podia sentir o pulsar dele. Em momento algum duvidou da veracidade de suas palavras acerca dos demônios. Ela sabia que algo muito ruim a rondava com frequência. Camille libertou a mão com um puxão mais forte; viu a brochura na ponta da bancada. Ficou alerta. Precisava manter uma das provas, pelo menos, em seu poder. Para sua surpresa, Kilaim a tomou nos braços, segurando sua cabeça com uma das mãos, encostando a testa sobre o ombro dela.

Camille ficou petrificada. Suas pernas pareciam querer desmoronar. Apenas uma hora antes, quando ele havia chegado em casa, ela tinha retribuído a esse abraço carinhoso. Mas ali, naquele momento, naquelas circunstâncias, era mais do que podia suportar. Não era carinho que ela sentia nele;

era um desejo carnal. Camille sentiu Kilaim ajoelhar-se e debruçar-se sobre seus seios, para ali pousar a cabeça; completamente sufocada, ela o empurrou com força.

— Espere! Dê-me tempo para pensar — sua voz estava ofegante e tremia, mesmo contra sua vontade. Mas ela foi firme.

Os olhos dele perscrutaram-na, como os de um animal selvagem. Estavam profundos novamente, um abismo negro. Percebia agora com toda a clareza o cheiro do seu medo, as pupilas dilatadas, as mãos suando frio, e escutara o galopar de seu coração. Um galopar de puro pavor, de repulsa. Ela estava mentindo. Jamais ficaria com ele. Jamais faria um pacto de sangue com os demônios.

"Mate-a", escutou Kilaim de forma cristalina, como se mais alguém estivesse no quarto com eles.

Percebeu que o haviam deixado tentar, e a tentativa falhara. A dor de perceber que nunca teria Camille para si foi aguda demais e ele deu dois

passos para trás, cambaleante, numa súbita impotência. Não existira impotência em seu mundo até então, apenas poder. Aquilo era absolutamente novo. Então, pela primeira vez em sua curta existência, ele desobedeceu. Ao invés de acabar com ela ali mesmo, deu vazão à sua fraqueza. Não a impediu de correr, rápida como uma lebre, em direção à brochura.

Sabendo que não haveria outra chance, Camille arrebanhou consigo o caderno e voou escada abaixo pulando de três em três degraus, quase acabando num tombo. Segurou na ponta do corrimão para se escorar e seu corpo girou, escorregando pelo piso de madeira. Ela se pôs de pé, continuou correndo pelo corredor, desceu as escadas principais. Com o coração martelando como se fosse desintegrar, as lágrimas até então presas na garganta vindo inexoravelmente para fora, ela deixou cair vários molhos de chaves antes de conseguir pegar a chave do carro. Olhou por cima do ombro,

completamente em pânico, pois era quase certo Kilaim já estar ali mesmo, na sala, ao lado dela.

Por um motivo desconhecido ele ainda não estava lá, de forma que ela escancarou a porta da rua e correu o mais depressa possível para a garagem, escorregando no cascalho molhado de chuva do caminho. Alannah não percebeu a passagem afobada de Camille porque estava na extensão de telefone da cozinha, autorizando a entrada da ambulância. Quanto a Kilaim, não tinha saído do lugar. Ele sentia uma profunda tristeza e uma raiva maior ainda. Não havia nada, nem no mundo e nem em qualquer outro lugar, que pudesse poupá-la. A ordem já tinha sido dada. Não seria revogada.

"Mas não serei eu a fazê-lo", ele sibilou para Lucipher.

Em átimos de segundo, a presença demoníaca não estava mais no *atelier*.

***

Com mãos trêmulas, chorando, Camille abriu a porta do veículo e sentou-se no banco sem colocar o cinto de segurança. Lutou para conseguir enfiar a chave na ignição. Gemia, gritava, enxugava as lágrimas como podia e finalmente deu a partida.

Foi nesse exato momento que a ambulância, com suas luzes azuis e vermelhas piscando, estacionava atrás da garagem. Quase toda a passagem ficou obstruída.

— Malditos, malditos sejam! — Camille gritou tão alto e bateu as mãos com tanta força na direção que sentiu o mundo rodar por um instante.

Então respirou fundo, engatou a marcha furiosamente e deu ré por cima do gramado, passando a um fio de distância da ambulância. Alannah, da janela da sala, presenciou a cena petrificada. Saiu correndo para o jardim, mas Camille já saía rua abaixo cantando os pneus.

— Tenho que ser rápida, tenho que conseguir! — Camille falava alto. — Alannah vai sinalizar a portaria para que não me deixem sair! Tenho que chegar lá antes! Preciso passar!

Realmente Alannah voltou correndo para dentro de casa e pegou o telefone da sala. Tinha que impedir a saída de Camille do condomínio. Daria tempo, se o aparelho não estivesse mudo. Ela bateu nas teclas apressadamente. Nada.

“Mas que diabo...”.

Correu para a cozinha, onde Anne-Sophie continuava estranhamente adormecida. Alannah pegou o celular de dentro da bolsa, discou o número da portaria.

“Depressa, depressa...”

Para sua surpresa, veio uma resposta eletrônica completamente inusitada:

“Esse número de telefone não existe. Tente novamente.”

— *Mon Dieu*, o que está acontecendo? Terei discado errado?

Novamente. Alannah obteve outra resposta absurda:

"Esse número de telefone não está disponível para esse tipo de chamada."

Alannah, sem saber o que fazer, ia sair correndo de novo porta afora e pedir que a ambulância fosse atrás de Camille, quando Kilaim apareceu na sua frente, com o semblante muito pálido.

— Não adianta, tia. Nessa altura ela já saiu.

— *Mon Dieu, mon Dieu*... para onde terá ido? Eu era responsável por ela, Camille estava sob meus cuidados, *mon Dieu*! Vá atrás dela, Kilaim, corra!

Kilaim segurou Alannah pelos ombros:

— Vou para onde?... Para onde ela foi?

***

No céu noturno, nuvens esfiapadas eram varridas por uma estranha e súbita ventania. Junto com elas

um chiado percorria o ar de um lado para o outro, como um líquido escorrendo para dentro de uma frigideira.

De súbito, Camille ouviu. Virou a cabeça para os lados, assustada, procurando de onde poderia vir o barulho. Não lhe era totalmente estranho, ao contrário; já tinha ouvido aquilo antes, e ficou ainda mais apavorada. Eram como abelhas zunindo atrás da presa. Mas, de repente, parou. Ela teria ouvido mesmo?

Continuou dirigindo em alta velocidade. Por azar não tinha celular com ela, entretanto, se fosse rápida chegaria a casa de *signore* Arthuro dentro em breve, ele ligaria para a polícia, comunicaria *monsieur* Akhila. Em pouco tempo as saídas de Lyon estariam fechadas. Se ela fosse rápida, ele não escaparia. Kilaim não teria para onde fugir, a não ser que fosse desmaterializado pelo Diabo.

— Maldito seja! — ela berrou, arrancando mais velocidade do carro.

Continuou aos gritos enquanto dirigia porque não conseguia parar de gritar. Ódio. Repúdio. Pavor.

A lua ficou turva, escondida atrás da nuvem de demônios que soltava risos de escárnio, de zombaria. De triunfo. Queriam apenas observar.

Observar o fim.

***

Bastava o menor deles para encerrar-lhe a trajetória, tanto na estrada quanto na vida. Contudo, foi o maior, o príncipe, que fez as honras da casa. Ofendido com a recusa indecente de seu filho Kilaim, envergonhando-o sobremaneira como se nada tivesse aprendido, daria uma punição apropriada quando fosse hora, mas agora, a hora era outra. Suas asas negras se abriram e ele se posicionou bem acima do carro, pequeno demais quando comparado à magnitude e tamanho daquelas asas.

Camille deu um novo grito, desta vez de susto quando o limpador de para-brisas começou a rodar em velocidade máxima. Tateando, descontrolada, ela desligou o limpador, e então a buzina soou tão alta que quase a ensurdeceu, fazendo-a dar uma violenta guinada com o volante. Voltou a ouvir o chiado, dessa vez mais alto e mais próximo, e gritava sem parar, lutando para manter-se na pista.

"Rápido...."

Com toda aquela conversa sobre demônios e o descobrimento repentino do assassinato do marido, ela tinha absoluta certeza de que aqueles seres estavam atrás dela. E sentia um pânico incontrolável.

Outro grito apavorado. Ao tentar parar o carro no primeiro cruzamento depois de sair da estrada, Camille sentiu o freio falhar e depois brecar num violento solavanco. Sua cabeça voou em direção ao painel, seu peito foi arremessado de encontro ao

volante. Nem por isso o *air bag* abriu. O sangue começou a escorrer do supercílio esquerdo.

Não tinha nada a perder. Estava perto da casa do *Nonno*. Sem sentir dor acelerou de novo, pisando até o fundo do pedal, o carro saindo como um touro de dentro do cercado.

Risos, risos, risos.

Gritos compulsivos de Camille. Limpador. Buzina. Outro cruzamento, o mais movimentado e perigoso do caminho.

"Não vou brecar dessa vez", decidiu Camille num último minuto de lucidez. "Dá tempo de atravessar."

***

Kilaim deixara Alannah em casa com a criança. Ela simplesmente o impelira porta afora, mandando-o atrás de Camille, em súplicas profundas. Não havia muitos caminhos para a cidade, afinal. Ele foi para ver-se livre dela e para manter intacta sua imagem

de bom filho. Saiu veloz como o vento, usando o carro de Alannah. Sabia aonde Camille iria. Os demônios estavam alvoroçados, Kilaim quase podia seguir a trilha que deixavam, sentir o cheiro característico deles, ouvir seu vozerio.

Avistou o carro de Camille porque perto do cruzamento era bem iluminado. Viu que ela estava em alta velocidade. Lucipher estava pairando logo acima, e Kilaim atinou que aquele era o momento.

O farol piscou para o amarelo, mas ela não diminuiu a velocidade. Vermelho. Camille invadiu a pista perpendicular à dela e Kilaim viu o carro ser violentamente abalroado por uma *van* que já vinha em velocidade. A *van* avançou sobre o carro de Camille e bateu com a frente direto na porta do motorista, afundando-a. Kilaim viu quando Lucipher empurrou o corpo de sua mãe com um golpe certeiro de seu braço incrivelmente forte, arrastando-a e esmagando-a e potencializando muitas vezes o impacto da batida.

Um silvo de júbilo encheu o ar, tão alto que Kilaim quase tampou os ouvidos.

⁂

Kilaim chegou ao local do acidente em segundos, e enquanto juntava gente em volta dos dois veículos, ele correu para o que restava do carro na tentativa de ver Camille.

— *Mamy*? — ele chamou. — *Mamy*?

Incrivelmente, ela abriu os olhos. Seu rosto estava completamente ensanguentado e os ossos do lado esquerdo da face pareciam esmagados, conferindo ao seu rosto feições medonhas. Parte da pele tinha sido arrancada, expondo a musculatura facial numa mistura de músculos esmagados, rompidos, e um mar de sangue.

— *Mamy*!

Ela fechou os olhos. Pessoas já se aproximavam, demonstrando preocupação.

— O passageiro está vivo? Quantos são? — perguntou um homem de barba grisalha.

Ele se agachou ao lado de Kilaim:

— *Mon Dieu*, é uma mulher. Parece muito mal.

Kilaim saiu de lado, sem responder. Experimentava sensações desconhecidas. Olhou para o alto e viu as asas negras de Lucipher, gigantes, por trás do carro, seu rosto demonstrando orgulho e satisfação. E Kilaim o odiou naquele momento.

— Bastava uma parada cardíaca — ele vociferou entredentes, baixo. — Para quê esse circo todo?

— Para você assistir — respondeu o príncipe. — Para nós nos divertirmos. O tigre é mau por comer sua presa viva, sem se dar ao trabalho de matá-la primeiro, para que não sofra?

Alheios a Kilaim, mais duas pessoas aproximaram-se de Camille. Dois jovens.

— Moça! Os médicos estão a caminho. Aguente firme!

Pareciam horrorizados com o estado dela. Tentavam vê-la melhor enquanto a encorajavam, mas somente podiam vislumbrar que o corpo estava preso e retorcido, e havia muito sangue.

— Ela estava sem cinto? — cochichou um dos jovens.

O outro apenas meneou a cabeça, em silêncio.

De vez em quando Camille abria os olhos, mas tinha pouca consciência do que realmente acontecia. Tinha visto o rosto e ouvido a voz de Kilaim, mas ele já não estava lá. Outras vozes se misturavam, falando com ela, mas era impossível responder. Tudo que sabia é que iria morrer. Havia uma indistinta sensação de pavor e impotência que vagava devagar: Kilaim estava ileso. Ninguém o puniria pelo que tinha feito.

Ouviu uma voz grave, diferente das outras e começou a sentir muito frio. Aquele ar gelado que ela já conhecia, o cheiro...

— Você vai para o Inferno, como ele. Como Ethan. Seu coração também será tirado do seu corpo. Você não será enterrada com ele.

Risos. Vaias.

Ela apenas fechou os olhos. Já não sentia mais nada.

***

A ambulância do resgate estava com as portas escancaradas e a polícia rodoviária tinha estabelecido uma proteção ao local do acidente desviando o trânsito para as duas últimas pistas da via expressa.

O motorista da *van* tinha sofrido escoriações leves uma vez que fora somente a frente do seu veículo que afundou, ele estava usando cinto de segurança e o *air bag* funcionou perfeitamente. Já o carro de Camille estava bem mais avariado, como se tivesse sido abalroado por uma locomotiva e não uma *van*: a porta do lado dela foi profundamente

afundada dentro do carro, levando Camille de encontro à porta do passageiro, que ficou abaulada para o lado de fora. O carro foi arrastado muitos metros e terminou batendo num dos postes de concreto da via.

O trabalho para serrar as ferragens e retirar Camille de dentro do carro, imobilizar seu pescoço e coluna, e transportá-la para dentro da ambulância foi muito rápido. Kilaim observava de longe, sem estar diretamente na cena principal, como outras pessoas também o faziam. Viu que os três homens ficaram ao lado do carro de Camille, falando com ela todo o tempo. Sinal de que ainda estava viva, Kilaim pensou.

Após a retirada do carro, com a maior rapidez possível e com cuidado, Camille teve imediatamente o pescoço envolvido por colar cervical e foi posta sobre uma tábua rígida, sendo levada com agilidade à ambulância. Portas

fechadas, luzes e sirenes ligadas, a ambulância esperou o comando do médico para partir.

— Precisamos estabilizá-la, caso contrário não chegará com vida ao hospital — disse o médico assim que a porta da ambulância foi fechada e eles estavam livres dos olhares curiosos.

A equipe do resgate, acostumada ao "*front*", era fria o bastante e muito ágil nos procedimentos, dada a complexidade e a multiplicidade das lesões somadas à necessidade de iniciar rapidamente o atendimento. As roupas de Camille foram cortadas em segundos pela enfermeira, auxiliada pelo paramédico.

— Ela está respirando? — perguntou o paramédico.

— *Oui* — respondeu o médico de plantão naquela noite.

Camille tentava respirar sozinha, mas com muita dificuldade.

— Veja: o lado direito do tórax está expandindo até que bem, mas o esquerdo está péssimo.

Ele levou o estetoscópio rapidamente ao peito da paciente, agora desnudo. Com sua habilidade em trabalhar dentro da ambulância, ele auscultou por alguns segundos e percutiu os pulmões para definir onde estava o acúmulo de ar, de sangue, ou ambos, que impedia a paciente de respirar.

— Temos um provável sangramento no tórax — ele avisou. — Certamente várias costelas estão quebradas, portanto temos que drenar esse sangue antes que ela pare de respirar.

— Doutor — anunciou a enfermeira, com o aparelho de pressão instalado no braço da paciente e o estetoscópio nos ouvidos — temos arritmia.

— É por causa do hemotórax. *Allez*!

A anestesia local foi feita em segundos, ele calçou as luvas que lhe foram estendidas e tomou o dreno nas mãos. O pulmão direito estava claramente insuflando menos. Quanto mais a

membrana que reveste o órgão se enchesse de sangue, mais ela esmagaria o pulmão, levando ao colapso da respiração. Era uma complicação gravíssima exigindo intervenção imediata.

Um pequeno orifício de cerca de três centímetros foi aberto no tórax de Camille, produzindo gemidos intensos por parte dela. O procedimento era doloroso. O médico, sem se importar, dissecou logo a região; introduziu o dedo para verificar se não havia possibilidade de lesar outros órgãos e afastou ainda mais os tecidos. Mais gemidos agoniados. Mais alguns segundos e o dreno foi colocado com a ajuda da pinça hemostática.

Todos olharam o dreno, que logo ficou embaçado mostrando fluxo de ar e líquido bastante sanguinolento. Logo havia acumulado 550 ml. A respiração de Camille melhorou sensivelmente.

— Aspire o sangue acumulado na boca e na cavidade nasal — ordenou o médico à enfermeira.

— Com muito cuidado. O rosto dela está destruído.

A sucção foi instantânea.

— Está sangrando. Vá aspirando. Coloque nela a máscara com oxigênio 100 %, e oxímetro de pulso — ordenou o médico para a enfermeira novamente, enquanto o paramédico fixava o dreno.

O médico novamente auscultou rapidamente o pulmão danificado, dando-se por satisfeito, no momento. Entretanto, assumiu um ar sério ao avaliar os prós e contra da entubação para colocar Camille em ventilação mecânica. A cada respiração Camille expelia sangue pela boca e pelo que restava do nariz, seriamente lesionado. Aquele sangue muito provavelmente vinha dos múltiplos ferimentos na face e na mandíbula, mas também poderia ser resultado da lesão pulmonar.

— Na pior das hipóteses terei que fazer uma traqueostomia, o que me garante o acesso às vias respiratórias embora não as proteja em caso de aspiração de vômito ou sangue. Espero não ter que

fazer isso aqui. É muito melhor se conseguirmos levá-la assim. No pronto-socorro eles podem obter um acesso cirúrgico à traqueia.

Camille tinha deixado de gemer e respirava. O sangue era aspirado de tempos em tempos.

— Frequência cardíaca? — indagou o médico, ainda de costas para o monitor cardíaco, auscultando o coração dela.

— Taquicárdica: 160 batidas por minuto. Sem arritmia. Pressão muito baixa, 6X4.

— Ainda está sangrando em algum lugar, o que não é surpresa. *Allez, allez*, material para punção venosa. Vamos correr o soro — e ao paramédico: — Vê algum lugar por onde ela possa estar sangrando externamente?

Rapidamente veio a resposta:

— Não. As fraturas são múltiplas, creio que inclusive da bacia. A pelve está instável, vamos colocar a calça pneumática. Precisamos ver as costas.

Enquanto a enfermeira montava dois equipos de soro com agilidade, o médico e o paramédico realizaram as punções da veia braquial em ambos os braços, com *scalpes* calibrosos. Não houve muita reação à dor desta vez. Camille jazia quieta na maca. Com as veias puncionadas, os cateteres dos dois frascos de soro fisiológico foram abertos totalmente; o líquido corria solto, veloz, como que de uma torneira aberta.

— Isso vai manter a pressão dela por algum tempo e evitar o choque — declarou o médico. — Vamos instalar logo a calça pneumática e estabilizar essa pelve para irmos.

Com cuidado para não mover o pescoço da paciente e movimentar o mínimo possível sua coluna, eles realizaram o procedimento. Os três aproveitaram para mover o corpo de Camille em bloco e o médico inspecionou rapidamente as costas:

— Hum. Há um hematoma à esquerda, na porção inferior. O rim dela pode estar bem machucado — e dando uma pancada na parte dianteira da ambulância: — Rápido!

O motorista simplesmente acelerou e voou. Todo o atendimento inicial não tinha levado nem dez minutos. Agora Camille tinha chance de chegar viva ao pronto-socorro e ir direto para a mesa cirúrgica, quando uma cirurgia exploratória do abdome e da pelve verificaria de onde vinham os sangramentos, e os estancaria.

Já em movimento, observaram a cabeça de Camille.

— Está muito feio. Essa extensa lesão no couro cabeludo está sangrando bastante, mas não é o sangramento principal. Não parece haver fratura de crânio. Está com hemorragia interna, muito provavelmente no abdome — e para a enfermeira: — Coloque uma bandagem compressiva aí na cabeça.

— Pressão 8X5, doutor, batimentos em 145. Sem arritmias.

O médico, por sua vez, avaliava o abdome, palpando-o.

— Não me admira o baço dela ter estourado. Ou um dos rins. Pelo menos não tenho sinais de rompimento de aorta — falou ele, de si para si. E alto para o paramédico: — Arrume compressas estéreis embebidas em soro para cobrirmos essa fratura exposta da clavícula. Coloque outra nessa lesão facial.

Era um mero paliativo. Enquanto a enfermeira preparava o material para o curativo compressivo do couro cabeludo e o paramédico cuidava da fratura exposta, o médico foi palpando minuciosamente a cabeça da paciente. Não parecia haver fratura do crânio, no entanto isso não descartava lesão cerebral importante. O rosto era algo à parte. Os olhos estavam tão inchados que já não poderiam abrir; parte da pele e dos músculos

da face tinha sido arrancada, mas não havia lesão importante de nenhum feixe vascular. A mandíbula estava claramente em posição errada, denunciando séria fratura.

O médico, lutando contra o balanço do veículo, ajoelhado no chão com suas roupas brancas sujas do sangue de Camille, levantou as pálpebras da paciente e jogou a luz de um oftalmoscópio nas pupilas dela.

— Oh.

Os outros dois olharam para ele.

— As pupilas estão de tamanho diferente uma da outra. O traumatismo cranioencefálico foi bem severo. Significa lesão cerebral. O reflexo fotomotor está presente, mas é lento.

Mesmo sabendo que ela não responderia, o médico chamou-a. Tinha tempo para uma pequena avaliação neurológica, mas não havia procedimento emergencial a ser feito. Só depois de estancados os sangramentos através de cirurgia seria possível

realizar uma ressonância nuclear magnética e uma avaliação neurológica completa para estadiar os danos no sistema nervoso central, e se havia ou não lesão na coluna.

— *Madame*? Pode me ouvir? — gritou o médico, bem alto, segurando as mãos de Camille. — Aperte minha mão se estiver ouvindo!

Nada. Nenhuma resposta verbal a nenhuma pergunta. A abertura ocular não podia ser avaliada por causa do edema e dos hematomas, mas mesmo assim o médico continuou chamando. Nada. A resposta motora também era inexistente. Não respondia a comandos simples e apenas reagia com gemidos leves em resposta à dor.

— Talvez ela não se mova porque não está conseguindo, mas tem uma pequena resposta à dor. O *score* dela está bem ruim, já temos indicação de entubá-la. Mas como estamos chegando, não faremos mais nada. Pressão? Batimentos?

— Pressão 9x4,5, doutor, frequência cardíaca em 145.

— Por ora ela está se aguentando.

Ele sacou o celular do bolso e contatou o pronto-socorro para informar a chegada e manter a equipe de plantão de sobreaviso.

— Estou com uma paciente politraumatizada de mais ou menos 40 anos, instável hemodinamicamente, com pressão de 9x5, taquicárdica, finalizando a infusão de dois litros de soro. As vias aéreas estão pérvias, ela respira espontaneamente com máscara de oxigênio a 100% após drenagem de hemotórax... — ele olhou o volume da drenagem —... até agora temos 650 ml. Tem fraturas múltiplas, até agora confirmadas arcos costais, clavícula exposta, mandíbula e provavelmente bacia; traumatismo cranioencefálico grave, escala de Glasgow entre 5 e 6. Está anisocórica à direita. É muito provável uma hemorragia intracraniana; o rosto dela está

destruído, se o cérebro estiver nas mesmas condições... — pausa — vai solicitar o neurocirurgião? OK.

O médico fez uma pausa outra vez, escutando.

— *Non*. Não a entubamos, é impossível. Além de não podermos manipular o pescoço, não dá para manipular a mandíbula e há muitas lacerações de face, como eu disse. Uma entubação muito difícil e arriscada — pausa. — *Oui*. Chegamos em três minutos.

Quando a ambulância estacionou, a equipe do pronto-socorro — uma médica e um assistente de enfermagem — já estava à espera do lado de fora com a maca. Quando todos ergueram Camille em bloco para transferi-la para a maca, as luzes do pronto-socorro piscaram algumas vezes como se fossem apagar. Todos olharam para cima e suspiraram de alívio quando tudo se estabilizou. Ninguém notou que a luminosidade do pronto-

socorro e de boa parte do hospital tinha ficado ligeiramente diminuída.

Aglomerados à volta, os demônios espalhavam sua negritude enquanto festejavam, aproveitando o espetáculo. O príncipe, monstruosamente gigantesco, estava no meio da turba, as asas negras completamente abertas, os cabelos claros caindo sobre as costas fortes, os braceletes poderosos nos antebraços. Seus olhos acompanharam a maca que levou Camille para dentro com um brilho sinistro, apenas aproveitando o desfecho.

⁂

Mais tarde, uma parte da família estava reunida na antessala do centro cirúrgico. Kilaim voltara para casa, procurando demonstrar-se extremamente desolado e compungido. Alannah, ao saber do ocorrido, não parava mais de chorar e de se culpar. *Madame* Verdoux foi chamada para ficar com Anne-Sophie, enquanto tia e sobrinho rumaram

para o hospital. No caminho, comunicaram alguns familiares, e logo a notícia se espalhou.

Era já madrugada. *Signore* Arthuro e seu inseparável *choffeur* estavam acomodados num dos sofás da antessala, embora o ancião se levantasse e sentasse todo momento. Os pais de Camille, junto com Marcel, estavam espalhados pelas cadeiras e poltronas. Pietro, ao lado de Alannah, estava intensamente triste, enxugando lágrimas vez por outra, apoiado em seu companheiro René. *Madame* Layla ainda não tinha sido avisada porque estava adoentada e tinha pressão alta. Resolveram poupá-la da angustiante espera do lado de fora do centro cirúrgico. As irmãs de Ethan também estavam presentes, sentadas muito juntas e anormalmente caladas. Tibério tinha sido avisado e estava vindo de Annecy.

As conversas, muito escassas, quando aconteciam eram feitas em voz baixa. Quando o silêncio se instalava era possível ouvir com mais

clareza o assoar de nariz de Pietro, e suas frases de inconformismo.

— Mas ela estava tão melhorzinha... como pôde descompensar dessa maneira?

Quando não era Pietro assoando, era Alannah soluçando. Os dois estavam particularmente inconformados, pois estiveram à frente dos cuidados com Camille. Sentiam-se mais responsáveis do que os demais.

Quando interrogado sobre o ocorrido, Kilaim inventou uma história sobre Camille de repente ter se zangado com ele, acusando-o da morte de Ethan. Dado o histórico psiquiátrico, ninguém questionou nada.

⁂

A cirurgia durou a madrugada toda. A laparotomia exploradora evidenciou os locais de sangramento: ruptura do baço, que foi retirado; ruptura do duodeno, felizmente passível de restauração, e lesão

renal à esquerda, muito importante, com ruptura dos vasos renais. Não era possível salvar aquele rim, de modo que foi retirado. A entubação foi feita através da traqueia. Depois de controlada as hemorragias internas, foi feita tomografia de tórax na própria sala cirúrgica. Afora o hemotórax já drenado, cujo sangramento pararia naturalmente, não se fazia necessária nenhuma outra intervenção. A tomografia de crânio feita também no intra-operatório foi mais alarmante, o que justificou a entrada da equipe de neurocirurgia.

— Bom trabalho! — desejaram os dois cirurgiões gástricos para o neurocirurgião. — E boa sorte.

Toda a equipe foi trocada rapidamente; apenas o anestesista ficou, pois eram duas horas da manhã e seu plantão terminava às sete. Nessa altura, caso a cirurgia ainda estivesse em andamento, novo anestesista subiria para o centro cirúrgico.

Os demônios aguardavam pacientemente. Regozijavam-se com a situação e queriam

prolongá-la o máximo possível. Isso incomodava Kilaim, que tinha que ficar com a família e lutar com a incerteza: ela seria poupada... ou não? O príncipe propositalmente não respondia às suas perguntas, de forma que ele se via no escuro. Apesar disso, sua intuição dizia que aquela demora infindável era parte de seu castigo por não ter feito logo — e com menos sofrimento para Camille — o que devia ter feito.

Os cirurgiões gástricos deram uma satisfação à família, garantindo que tudo tinha corrido bem: a paciente estava compensada do ponto de vista cardiorrespiratório, recebia transfusão de sangue e naquele momento iniciava-se a intervenção neurocirúrgica. Se fossem bem-sucedidos, a próxima etapa seria ortopédica, a fim de estabilizar a fratura da clavícula e da pelve, além de avaliar possíveis danos na medula espinhal. A última etapa — muito delicada — ficava a encargo do cirurgião de cabeça e pescoço. Ele estabilizaria a fratura

mandibular, repararia o nariz, avaliaria as órbitas, seios da face e outros ossos através de tomografia, determinando se algo deveria ser feito de imediato no rosto: sutura de músculos; nervos e vasos, se possível; além de uma limpeza maciça de toda a face, a fim de minimizar os riscos de infecção. Por fim, seria preciso também uma cirurgia reconstrutora. Parte do rosto necessitava de enxerto provisório, o qual poderia ser feito com a própria pele de Camille, por ora.

⁂

O dano cerebral era grave. Primeiro por causa do impacto, e agora por causa dos sangramentos intracranianos: havia um grande hematoma intracraniano à esquerda de 5,5 cm medidos pela tomografia, já empurrando e comprimindo estruturas adjacentes. Estavam diante do início de uma herniação transtentorial. A herniação do tecido cerebral era decorrente da ação expansora do

hematoma e do aumento de pressão intracraniana. Uma situação muito grave, de prognóstico reservado.

A cabeça de Camille foi raspada e o crânio foi aberto. Lucipher tornou a cirurgia neurológica infernal, literalmente falando, com pequenos toques de seus dedos com garras.

O sangramento não parava, espalhando-se pelo tecido cerebral e dissecando os planos de fibras nervosas. Havia múltiplas lacerações e o edema era bem significativo, reagindo pouco às medidas mais drásticas, o que não resolvia a herniação. Se a hérnia comprimisse a importante estrutura do tronco cerebral, a morte seria o passo seguinte.

Quando finalmente a peleja terminou, parte da calota craniana não foi reposta por causa do excessivo inchaço do cérebro. Era um procedimento chamado hemicraniectomia descompressiva. O prognóstico, de reservado, passou a sombrio, mesmo estando o tronco cerebral

preservado. Depois que a paciente estivesse na UTI, sem efeito de anestésico, poderiam avaliar seu estado neurológico com mais precisão.

Calados e sorumbáticos, os familiares se alternavam em perplexidade e lágrimas. Era muita catástrofe para menos de um ano. Primeiro Ethan... agora Camille. Eles se preparavam para o pior. Era já quase manhãzinha, então admitiram a necessidade de alguém ir até a casa de *madame* Lyla para informá-la com todo o cuidado.

Kilaim, louco para sair do hospital, ofereceu-se para ir. Marcel disse que o acompanharia e Laurence tratou de levá-los.

***

Na parte da manhã, tão logo terminou a cirurgia, o cirurgião de cabeça e pescoço checou os últimos exames de sangue que tinham sido colhidos pela urgência durante o ato cirúrgico, mandou colher novos exames para comparação e por fim contatou

a UTI do trauma, para onde Camille seria encaminhada. O anestesista esperou na sala da recuperação pós-anestésica até que um médico da UTI viesse buscar a paciente.

Camille passou o resto do dia e da noite na UTI, sem recobrar a consciência. Aquilo se traduzia num imenso mal-estar para a família. Quanto a Kilaim, queria ter suas respostas, mas ninguém lhe falava nada. Lucipher não dava sinais e os da Organização não podiam intervir. Kilaim estava muito mal-humorado e ressentido.

Durante a madrugada, a UTI estava muito silenciosa. O médico de plantão tinha conseguido finalmente se retirar e ninguém estava presente quando aconteceu. Exatamente às três da manhã, o príncipe das Trevas aproximou-se do leito de Camille. Olhou para ela durante um tempo, com seus olhos que brilhavam num mundo paralelo. Então, com um toque rápido e agudo do dedo, ele tocou no cérebro de Camille. Imediatamente o

edema cerebral malcontrolado voltou a aumentar. Como se brincasse com um jogo de peças, ele movimentou o *uncus* com a ponta da garra, empurrando-o. O *uncus* deslizou formando uma hérnia e comprimiu lateralmente o tronco cerebral. O demônio aumentou a pressão suavemente na ponta da garra e seu sorriso aumentou gradativamente, conforme os pequenos vasos iam se rompendo um a um e causando nova hemorragia no cérebro de Camille. Lucipher foi caprichoso. A hemorragia era específica, chamada hemorragia de *Duret*. Fatal, por lesar centros vitais do tronco cerebral.

À medida que o sangue inundava aquelas áreas e as células nervosas entravam em falência, ele apenas observava.

O príncipe também a tinha amado.

⁂

Ninguém notou nada. A ventilação assistida continuava, as drogas estavam sendo infundidas; a UTI finalmente estava à meia-luz. O médico tinha acabado de se virar para o lado em sua cama no quartinho conjugado à UTI e, no posto de enfermagem, no cubículo envidraçado por trás dos leitos, a enfermeira e sua auxiliar riam descontraídas ao se servirem de café.

***

Pela manhã, o médico levantou-se antes do horário para dar uma última verificada nos pacientes e preparar-se para passar o plantão. Se Camille não estivesse sob ventilação mecânica, ela teria deixado de respirar por causa da lesão em seu tronco cerebral. No entanto, ela continuava "viva". Seu coração batia e todas as funções do corpo estavam mantidas.

Só que ela não estava viva, estava morta, porque seu cérebro já estava em processo de autólise *in*

vivo. Ela tinha sofrido morte cerebral.

⁂

A primeira avaliação que constatou a condição clínica de Camille deu-se ainda naquela manhã. Apenas Alannah e Kilaim estavam presentes logo cedo, e foram informados da condição clínica que se estabelecera, para desespero da cunhada da paciente. Para finalizar o diagnóstico de morte cerebral era necessária ainda uma segunda avaliação seis horas mais tarde. No meio da tarde a maioria dos familiares procurava saber notícias. Esperavam a segunda avaliação antes de pensar em qualquer trâmite para a realização do velório e do funeral.

O horário de visitas na UTI do trauma era na parte da tarde, às 14:00 horas, e apenas duas pessoas podiam entrar, uma de cada vez, por apenas 10 minutos cada. Alannah não queria ver Camille naquele estado, então *signore* Arthuro dividiu o

horário com *monsieur* Claude. Por ordem de Lucipher, que falara ao ouvido de Kilaim apenas para isso, ele estava proibido de deixar o hospital até que tudo terminasse.

Foi somente depois das quatro da tarde que finalmente receberam a notícia conclusiva. O médico de plantão saiu da UTI e foi cercado pelos parentes de Camille.

— Eu sinto muito — ele falou, com voz firme. — Madame Camille não resistiu. O diagnóstico está confirmado.

Signore Arthuro foi o primeiro a falar, agradecendo o cuidado com a neta e abraçando os familiares. Kilaim adiantou-se, chegando perto do médico. Ele ainda não vira sua mãe desde o acidente, pela janela do carro.

— Doutor... sei que as visitas já entraram, mas... eu poderia ver minha mãe por alguns minutos?

O médico aquiesceu e Kilaim recebeu avental, touca e máscara para entrar na UTI do trauma.

Assim que se aproximou do leito, onde o peito de Camille continuava subindo e descendo por meio do ventilador e os batimentos cardíacos podiam ser vislumbrados no monitor cardíaco, ele sentiu um leve tremor nas pernas. Aquele não era o fim que desejava. Devagar, pegou a mão de Camille nas suas. A mão dela continuava quente, como se estivesse viva. Estava assustadoramente machucada. Um misto de raiva e frustração inundou seu coração. Um aperto no peito. Que seria aquilo? Estaria comovido? Nos últimos dias experimentara sensações novas, e aquela era uma delas.

Ele engoliu em seco; sua língua grudava. Ele não conseguia saber como se sentia a respeito.

— Gostaria de se sentar? — ofereceu alguém da enfermagem.

— *Non*, não quero sentar.

Ele não tinha percebido a aproximação da moça e não gostou de ser incomodado. Lançou-lhe um

olhar gelado e gostaria de matá-la por causa daquela interrupção.

— *Pardon, monsieur*.

Do lado de fora da UTI, quando Kilaim saiu, pegou parte da conversa do médico com *monsieur* Claude e *signore* Arthuro.

— Ela se torna, nessas condições, uma doadora em potencial — explicava o médico.

— Doadora? — interrompeu Kilaim.

— De órgãos.

Kilaim não respondeu. Virou de costas e caminhou em direção ao sofá da sala de espera, onde estivera sentado a manhã inteira. Seus olhos estavam vazios, sem expressão nenhuma. Volta e meia um dos familiares voltava-se em sua direção, mas ninguém conseguiu arrancar uma palavra dele, nem presenciar uma lágrima. Entretanto, nunca o tinham visto tão soturno.

O médico continuou explicando os pormenores da doação, apesar de que a anuência da família não

fazia parte do processo, uma vez que Camille já era doadora. Isso facilitava os trâmites, e todos sentiram um leve alento ao saber que outras vidas poderiam ser abençoadas com os órgãos dela. Uma vez comunicada a família do falecimento e da doação, o médico finalizou:

— Entraremos em contato imediato com a Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos daqui do hospital. Os pacientes da lista de espera para cada transplante serão informados e, em breve, alguns ainda hoje, terão suas vidas salvas por Camille. Quanto a vocês — o médico fez uma pausa, pousando de leve a mão no ombro de *signore* Arthuro, o que estava mais perto dele. — Eu lamento muito por sua perda. Porém, se Camille sobrevivesse, era muito provável que ficasse com sérias sequelas. Às vezes, precisamos simplesmente deixar nossos entes queridos partirem.

De longe, Kilaim assentiu quase imperceptivelmente com a cabeça.

Epilogue

As paredes muito brancas recebiam luz do sol naquele horário da tarde. Do lado de fora fazia frio, mas o tempo estava luminoso e bonito, fazendo com que a folhagem dos pinheiros adquirisse brilhantes tons de verde.

Um médico paramentado ajeitava o equipo de transfusão de sangue e conferia os sinais vitais de sua jovem paciente, sem perceber o lindo dia de outono. Seu ar cansado denotava excesso de trabalho, mas ele estava satisfeito. Durante toda a noite estivera no centro cirúrgico junto com a equipe de transplante e tinham realizado um

excelente trabalho! Restava agora ver como reagiria a paciente. Ela estava meio acordada, voltando da anestesia, e abria os olhos de vez em quando.

Ele se aproximou da cabeceira elevada do leito, olhando nos olhos da moça.

— Como você está?

A paciente não tinha falado nada ainda, mas parecia estar se situando rapidamente. Ao som da voz conhecida do médico, ela abriu os olhos e os manteve abertos. Um leve sorriso estampou-se em seu rosto.

— Doutor... eu estou aqui.

Imediatamente ela ergueu uma das mãos e devagar a levou de encontro ao peito. Seus olhos adquiriram expressão de espanto e felicidade ao mesmo tempo. Lágrimas brotaram de seus olhos enquanto ela palpava o curativo imenso sobre o esterno.

— Ele está *aqui*.

O médico sorriu também.

— *Oui*. Você se comportou muito bem. Logo sua tia estará aqui. Como se sente?

Ela permaneceu com a mão sobre o peito, sentindo as batidas surdas do seu novo coração; parecia perplexa ao ouvir seu ritmo calmo e confiante, sem nenhuma das notas angustiantes da doença. Mais lágrimas correram pela sua face. E, esquecida dos comentários do médico, ela murmurou:

— A quem devo agradecer?

O médico entendeu perfeitamente o que ela queira dizer.

— O filho dela andou fazendo perguntas a seu respeito... querendo saber quem era o receptor. Não lhe disse muita coisa, é claro. O consentimento tem que ser seu.

O olhar dela se iluminou.

— Mas eu faço a maior questão de conhecê-lo, e de agradecer pessoalmente! Oh, doutor, eu realmente ficaria muito feliz!

— *Oui*, faremos sua vontade e a dele. Mas não será hoje, *chérie*. Hoje você verá sua tia e ficará em observação aqui na UTI. Quando for para o quarto, mandaremos avisar o rapaz.

A moça de vinte anos estava feliz. Feliz era uma palavra que não explicava a totalidade de seus sentimentos. Tinha chegado perto da morte, e ressuscitara. Ela tinha certeza de que tudo iria correr bem no pós-operatório, não haveria rejeição e nem infecções e nem problema algum porque ela queria *muito* aquele coração. Já o amava, recebia-o como uma parte dela e jamais seu organismo faria qualquer coisa contra ele. Porque amava a vida e desejava, mais que tudo, vivê-la plenamente.

O médico deu uma última checada na enorme prescrição, olhando volta e meia de soslaio para a paciente, que parecia incrivelmente entretida em ouvir as batidas do coração, sem reclamar de dor, envolta num mundo só dela. Ele sorriu para si

mesmo e esticou as costas doloridas. Era nessas horas que ele via quanto valia a pena sua profissão.

— Claire, sua tia está aguardando aí fora. Ela poderá ficar com você quinze minutos.

— *D'accord*, doutor — respondeu ela, voltando à realidade do mundo à sua volta.

Antes que ele saísse, Claire sentiu-se novamente emocionada e sorriu para o médico.

— *Merci beaucoup*, doutor. A você e sua equipe. *Merci*...

— Você foi escolhida... nós só fizemos a nossa parte. O gerenciador maior de tudo isso é quem sabe de tudo. Sabe por que uns morrem, e outros são salvos. Porque a vida é tirada ou dada de volta. Nós somos apenas instrumentos.

Claire assentiu. Ela estava grata, profundamente grata por ter sido escolhida. Por Deus lhe dar uma nova vida!

***

Dois dias depois Kilaim preparava-se para ir ao hospital onde sua mãe morrera. O funeral havia sido muito triste. Absurdamente triste. Ele desejara não ter comparecido, mas não lhe permitiram. Lucipher não lhe poupou um momento sequer de toda aquela dor, e ele não estava em condições de desobedecer mais uma vez. Monstruosamente calado, ruminando sua perda, Kilaim não aceitou nenhum consolo e se esquivava das pessoas. Há dias não conseguia ficar só, como precisava, e a presença das pessoas, as conversas, as lamúrias — ou a falta delas — o incomodavam mais do que pudera supor. Dormira pouco e nenhuma lágrima descera de seus olhos. Dentro do peito, seu coração estava frio como mármore e os sentimentos conflitavam.

Foi com espanto e um misto de curiosidade e satisfação que ele recebeu o contato do hospital, avisando-o de que a receptora de sua mãe queria recebê-lo. Não lhe importavam os outros

transplantes. Kilaim queria saber aonde fora parar o coração de Camille. Aquele que Lucipher tinha dito que seria destruído, que não iria servir de benefício para ninguém. Com certo desdém ele havia inquirido o demônio acerca do órgão.

"Como o coração foi transplantado? Você não disse que seria destruído?"

Para sua grande surpresa, ouviu uma resposta que não esperava.

"Nem tudo está a meu alcance", respondeu o príncipe com sua voz gutural. "Os sacerdotes do antigo Egito reconheceram, a partir de um determinado momento, que Deus estava com Moisés, e eles nada podiam fazer a respeito. Assim foi também com sua mãe. Nisso esteve o dedo de Deus, e eu não pude fazer nada sobre o coração."

Kilaim ficou surpreso com aquela afirmação e querendo perguntar o porquê de não ter sido possível levar a termo a intenção do inferno. Mas Lucipher continuou:

“É honroso reconhecer que perdemos essa batalha. Uma guerra é feita de muitas batalhas, e isso não é o mais importante, uma vez que o fim foi atingido.”

Kilaim sentiu seu coração se enchendo de ódio por causa daquele comentário.

“O fim foi atingido? Camille está morta!”

“Fique feliz de não ter que oferecer o coração dela a mim, num ritual.”

Assim dizendo, ele desaparecera, e Kilaim continuava banido até segunda ordem. Ninguém da Organização tinha o direito de se aproximar dele, ou lhe falar, sob pena de pagar com a vida. Os demônios que ele conhecera também não podiam se aproximar, e essa era uma situação realmente ímpar. Entretanto, ele não estava infeliz com sua segregação. Ficava até satisfeito, já que não queria compartilhar com ninguém suas fraquezas e suas motivações.

Por isso, naquela tarde, ele saiu e rumou para o hospital sem comunicar para onde iria. No caminho, ia pensando em perguntas sem resposta. Ele tinha esperado um triunfo completo, e isso não acontecera. Por outro lado, seu pai admitira ter perdido a posse do coração de sua mãe. Por que isso tinha acontecido? Que poder invalidara o direito de Lucipher? E, se isso tinha acontecido, quem era a pessoa que recebera o coração? Kilaim sabia apenas que era uma moça jovem. Mas, por que ela? Seria acaso ou destino? Ele queria obter essas respostas.

Quando entrou na enfermaria de doenças cardíacas, ele sentia um leve suor frio nas mãos. Olhou o relógio de pulso, nervoso. Eram quatro horas. A visita tinha sido marcada para as quatro horas. Ele se aproximou do posto de enfermagem e as duas enfermeiras olharam com espanto, medindo sua altura e sua beleza. Ele não se importou, apesar de uma delas ser bem atraente.

Foi levado até a porta do quarto da paciente. Ele esperou do lado de fora enquanto a enfermeira entrava para avisar de sua chegada. Kilaim sentia-se levemente trêmulo. Uma sensação esquisita foi invadindo-o devagar. Ele não sabia traduzir o que sentia, mas era como se, ao tocar na maçaneta da porta, uma energia forte e tranquila o invadisse. A energia parecia envolver o quarto, e uma sensação de ter cruzado o deserto e ter enfim avistado água se apoderou dele. Não fazia o menor sentido. Era-lhe totalmente inexplicável e desconhecido. Por alguns instantes ele parecia perder a referência de seu mundo, suas experiências, seu conhecimento. Tudo aquilo que tinha aprendido por meio de uma inteligência incomum não podia explicar aquela sensação.

Ouviu a voz da moça que recebera o transplante, mais baixa que a da enfermeira, e um arrepio percorreu suas costas. Mas não era um arrepio gelado, daqueles que prenuncia o mal, o medo e a

morte. Era apenas a sensação daquela energia que vinha de dentro do quarto.

Quando a enfermeira saiu e afastou a porta para ele, Kilaim adentrou o quarto como quem pisa a fronteira do desconhecido. E aquilo, novamente, não fazia sentido algum.

Ela estava com a cabeceira da cama totalmente elevada e a cabeça voltada na direção da porta, ansiosa. Kilaim olhou e viu uma moça de cabelos castanho-claros que sorria um sorriso iluminado. *Oui*. Iluminado era a palavra. Incapaz de dizer qualquer coisa, ele se sentiu mergulhar nos olhos azuis dela, afundar como num lago em que não dava pé. Os olhos sorriam para ele, tão claros que eram quase transparentes, e ela igualmente não disse palavra. A mesma sensação de afundar aconteceu com Claire quando ela olhou nos olhos do jovem à sua frente. Olhos tão escuros... tão tristes... tão incríveis...

O momento durou alguns segundos. Então Claire se ajeitou na cama e estendeu a mão.

— Que bom que você veio. Meu nome é Claire Cécille.

— Kilaim Mastrangello.

Ele estava meio tonto, mas se aproximou e apertou a mão dela. Sentiu a delicadeza da pele, a mão pequenina. Foi tão surreal que lhe parecia nunca ter sentido a pele de uma mulher. Olhou de novo em seus olhos, incapaz de se desviar deles. Mais uma vez ela retribuiu, olhando-o também. Kilaim puxou a mão de volta. Aquela energia estranha era mais forte perto dela.

— Quer se sentar? — ela convidou.

Ele olhou à volta, puxou uma cadeira e, sem entender o que fazia, a colocou bem perto da cama. Estava curioso, rendido, e desejava olhar mais aqueles olhos, prestar atenção neles, entender o que estava por trás. Tinha que haver uma explicação.

Percebendo que Kilaim estava quieto demais, olhando para ela sem parar, perscrutando seu rosto e como que absorvendo um impacto, Claire começou a conversa.

— Sinto muito por sua mãe. Deve ter sido muito difícil para você... sua família...

Como ele nada respondeu, ela continuou:

— Como está sua família?

— Eles vão aceitar, uma hora.

— E você? Meu médico contou que você queria saber do receptor.

Kilaim demorou um pouco na resposta.

— Estou... melhor agora.

Claire sentiu os olhos marejando e ele não entendeu.

— O que foi? Por que está chorando? — perguntou, alarmado.

— *Merci beaucoup*, Kilaim. Sei que um mero agradecimento é muito pouco diante do presente que recebi. Sua mãe pôde me devolver a vida. Deus

me deu a vida, mas sua mãe foi a escolhida para trazê-la de volta. Sou-lhe muito grata, muito grata...

Ele não sabia bem o significado daquelas palavras. Não o que elas significavam para Claire. Ele olhou ainda mais profundamente nos olhos azuis-piscina. Havia algo que ele não havia notado de imediato. Havia tanta pureza, tanta inocência. Aos poucos ele decifrava. Tanta alegria. Alegria não; era uma espécie de felicidade que ele não reconhecia e não tinha registro.

— Fale-me sobre isso, *s'il vous plaît*. Fale-me sobre a sua vida.

***

Durante a meia hora seguinte eles conversaram. A enfermeira tratou de entrar no quarto para interromper e mandar Kilaim embora, pois a paciente deveria descansar. Encontrou o rapaz compenetrado ao lado da cama, ouvindo Claire falar, e se perguntou o que aquela menina tanto

falava. Os dois se sobressaltaram levemente à sua entrada, como que emergindo de um sonho.

— Mais cinco minutos, *monsieur*.

Kilaim decididamente não queria ir embora. Volveu-se para Claire com ar incomodado. Ela deu mais um mergulho nos olhos negros de Kilaim, e sorriu. Um sorriso de despedida. Durante aquele curto período ela tinha notado a inteligência e a força dele, e alguma coisa mais que não podia decifrar. Não ainda. Com voz suave, pediu:

— Você viria visitar-me outra vez? Gostaria muito que me visitasse.

— *Oui*. Eu virei.

— Quando?

— Amanhã.

Claire se remexeu, feliz.

— Está bem.

Ele ia se erguendo para sair, quando ela estendeu a mão. Kilaim segurou mais uma vez a mãozinha

delicada e, sem saber porque, chorou as lágrimas guardadas para Camille.

***

CONTINUA EM “Nephilim - Águas escuras”

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®